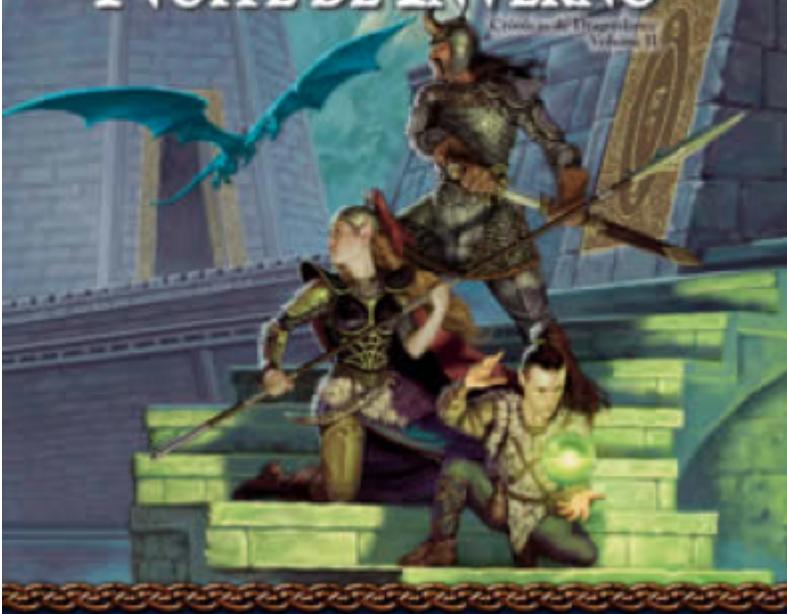


Best seller do *The New York Times*!



DRAGÕES DA NOITE DE INVERNO



WEIS HICKMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

NA HOSPEDARIA DRAGÃO VERMELHO

— Não tema, cavaleiro. As vidas daqueles que você deixa sob nossos cuidados estão seguras... se é que alguma coisa está segura... Adeus, meus amigos — Raistlin disse com a voz sibilante e os estranhos olhos em forma de ampulheta cintilando — E este será um longo adeus. Alguns de nós não estão destinados a se encontrarem novamente neste mundo! — assim que terminou de dizer isso, ele se curvou recolhendo as vestes vermelhas ao redor de seu corpo e começou a subir as escadas.

Você sempre pode ter certeza de que Raistlin vai usar uma linguagem floreada na hora de partir, Tanis pensou irritado, mas não havia mais tempo para conversa. O som de botas caminhando aproximava-se da porta.

— Vá! — ele ordenou a Caramon — Se Raistlin estiver certo não há mais nada que se possa fazer sobre isso.

O mundo está ficando cada vez mais perigoso e os heróis estão se separando. Esta previsão sombria e sonhos ainda mais obscuros os assombram enquanto eles buscam os misteriosos Orbes dos Dragões e a Legendária Dragonlance.

Dedico aos meus pais, Dr. Harold R. Hickman e sua esposa, que me ensinaram o que a verdadeira honra significa.

— Tracy Raye Hickman

Dedico aos meus pais, Frances e George Weis, que me deram um presente mais precioso que a própria vida — o amor pelos livros.

— Margaret Weis

Agradecimentos

Nós, agradecidos, reconhecemos a ajuda dos autores dos módulos de jogos de aventura de RPG da Advanced Dungeons & Dragons® Dragonlance®: Douglas Niles, Dragons of Ice; Jeff Grubb, Dragons of Light; e Laura Hickman, co-autora, de Dragons of War, e finalmente, a Michael: Est Sularus oth Mithas.

Os ventos de inverno bramiam do lado de fora, mas a fúria da tempestade não era sentida dentro das cavernas dos anões da montanha, sob os Montes Kharolis. Enquanto o Comandante pedia silêncio aos anões e humanos reunidos em assembléia, um bardo anão adiantou-se para fazer uma homenagem aos companheiros.

CANÇÃO DOS NOVE HERÓIS

Vinha do Norte o perigo veio, como sabíamos que viria:

No início do inverno, uma dança de dragões

Revelou-se sobre a terra, até que, vindos das florestas

E das planícies, eles surgiram, da mãe terra,

o céu desconhecido diante deles.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

Um surgiu de um jardim de pedras,

De salões de anões, da experiência e da sabedoria,

Onde o coração e a mente caminham sem serem questionados

Na veia intacta da mão.

Em seus braços de pai, o espírito se recolheu.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

Um surgiu de um refúgio de brisas que desciam

Leves no ar laborioso,

Para os prados ondulantes, o país dos kenders,

Onde o grão da pequenez cresce por si só

Para depois se tornar verde e dourado e depois verde de novo.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo do outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

O próximo veio das planícies, onde mantinham grandes tratos de

Horizontes vazios alimentados à distância.

De posse de um cajado e um fardo, ela veio

De compaixão e luz convergia em sua mão:

Ela veio carregando as feridas do mundo.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

O próximo das planícies, na sombra da lua,

Através de costumes, através de rituais, seguia a lua

Onde suas fases, o crescer e o minguar, controlavam

As marés de seu sangue, e sua mão de guerreiro

Ascendia pelas hierarquias do espaço até a luz.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

Uma, com suas ausências, conhecida por suas partidas,

A espadachim sombrio no coração de fogo:

Suas glórias eram o espaço entre as palavras,

Uma canção de ninar lembrada anos mais tarde,

Relembrada no limiar entre o despertar e o lúcido.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

Um, no âmago da honra, forjada pela espada,

Pelo vôo centenário do martim-pescador sobre a terra,

Por Solamnia, arruinado e por ela erguendo-se novamente

Quando o coração se eleva com o seu dever.

Enquanto dançar a espada será uma herança eterna.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

O outro, numa luz simples, um irmão das trevas,

Deixando que a mão da espada tentasse todas as sutilezas,

*Até mesmo os intrincados emaranhados do coração. Seus
pensamentos*

Eram como poças agitadas pelo vento que muda constantemente —

E ele não é capaz de ver o fundo.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

O seguinte, o líder, meio elfo, traído

Como o sangue irmão separa as terras,

As florestas, e também os mundos de elfos e homens.

Chamado à bravura, mas, temendo pelo amor,

E, temendo que, se for chamado pelos dois,

ele não seja capaz de fazer nada.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

O último, das trevas, respirando a noite

Onde as estrelas subtraídas escondem uma porção de palavras,

Onde o corpo suporta os ferimentos dos números,

Rendido ao conhecimento, até que, incapaz de abençoar,

Suas bênçãos iluminam os incultos.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

acompanhados por outros, eles fizeram história:

Uma garota sem graça, agraciada com todas as graças;

Uma princesa de sementes e brotos, foi chamada à floresta;

Uma antiga tecelã de acidentes;

E, não podemos dizer quem a história reunirá.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

Vinha do norte, o perigo como sabíamos os que viria:

No início do inverno, o sono do dragão

Permitiu que as terras se acomodassem, mas, das florestas,

e planícies eles vêm, da mãe terra

Demarcando o céu diante deles.

Eles eram nove, sob as três luas,

Sob o crepúsculo de outono:

Enquanto o mundo declinava, eles se ergueram

No coração da história.

O MARTELO

O Martelo de Kharas!

O anúncio triunfante ecoou no grande Salão de Audiências do Rei dos Anões da Montanha. Seguiu-se uma grande aclamação e o barulho estrondoso das vozes graves dos anões misturado com o tom ligeiramente mais agudo das vozes dos humanos quando se abriram as enormes portas do fundo do Salão e Elistan, o clérigo de Paladine, entrou.

Embora o Salão no formato de concha fosse grande até mesmo para os padrões dos anões, ele estava completamente lotado. Quase todos os oitocentos refugiados de Pax Tharkas alinhavam-se contra as paredes, enquanto os anões se acomodavam nos assentos esculpidos na rocha que havia no fundo da concha.

Elistan apareceu na ponta de um longo corredor central, carregando reverentemente o gigantesco martelo de guerra. Os gritos aumentaram quando o clérigo de Paladine surgiu com suas vestes brancas e o som retumbava contra o grande teto abobadado e reverberava pela sala, até parecer que o chão estava tremendo com as vibrações.

Tanis se assustou, pois, o ruído fez sua cabeça latejar. Ele sentia-se asfixiado em meio à multidão. De qualquer maneira, ele não gostava da idéia de estar debaixo da terra e, embora o teto fosse bem alto, a ponto de elevar-se acima do fogo das tochas ardentes e desaparecer nas sombras, o meio elfo sentia-se enclausurado, preso.

— Ficarei feliz quando tudo isto terminar — ele resmungou para Sturm que se encontrava em pé ao lado dele.

Sturm, sempre melancólico, pareceu ainda mais sombrio e pensativo que o normal.

— Eu não concordo com isto, Tanis — ele murmurou e cruzou os braços sobre o metal brilhante do antigo peitoral de aço.

— Eu sei — Tanis disse irritado. — Você já disse isso, não uma, mas várias vezes. Só que agora é tarde demais. Não há nada que possamos, fazer a não ser fazermos o melhor possível.

O final da sentença foi encoberto por uma outra aclamação retumbante, quando Elistan ergueu o Martelo no ar, mostrando-o para a multidão, antes de começar a caminhar pelo corredor. Tanis

colocou a mão na testa. Ele estava ficando tonto à medida que a caverna subterrânea normalmente fresca aquecia-se devido à grande quantidade de pessoas.

Elistan começou, então, a caminhar pelo corredor. Hornfel, o Comandante dos anões de Hylar, levantou-se para saudá-lo de cima de um estrado no centro do Salão. Alinhados atrás do anão, havia sete tronos esculpidos em pedra, todos eles ainda vazios. Hornfel estava em pé diante do sétimo trono, o mais magnífico, o trono do Rei de Thorbardin. Desocupado por muito tempo, o trono seria agora ocupado mais uma vez, já que Hornfel tinha aceitado o Martelo de Kharas. O retorno dessa antiga relíquia era um triunfo único para Hornfel. Agora que a região que ele comandava estava de posse do cobiçado Martelo, ele conseguiria unir os comandantes anões rivais sob sua liderança.

Nós lutamos para recuperar esse Martelo — Sturm disse calmamente, olhando a arma reluzente. — O legendário Martelo de Kharas. Usado para forjar as dragonlances. Perdido durante centenas de anos, redescoberto e perdido uma vez mais. E agora, dado aos anões! — ele disse contrariado.

O Martelo já havia sido dado aos anões uma vez — Tanis relembrou-o aborrecido enquanto sentia o suor escorrer em sua testa. — Peça a Flint para lhe contar a história se você já a esqueceu. De qualquer maneira, ele agora realmente lhes pertence. Elistan tinha chegado ao pé da plataforma de pedra onde o Comandante o esperava, vestindo pesadas vestes e usando as enormes correntes de ouro, que os anões adoravam. Elistan ajoelhou-se ao pé da plataforma, um gesto político, caso contrário, o clérigo, alto e musculoso, ficaria cara a cara com o anão, apesar de a plataforma ter sido construída a uns bons noventa centímetros do chão. Os anões vibraram com isso. Tanis notou que os humanos eram mais controlados, mas alguns deles murmuravam entre si por não terem gostado de ver seu líder se humilhar dessa forma.

Aceite este Martelo como presente de nosso povo — as palavras de Elistan foram abafadas mais uma vez pelas aclamações dos anões.

— Presente! — Sturm bufou. — Resgate, seria a palavra mais apropriada.

— Nós agradecemos aos anões por sua generosidade permitindo que nós vivêssemos dentro de seu reino, pelo fato de

termos lhes devolvido o Martelo

— Elistan continuou ao perceber que ele poderia ser ouvido novamente.

— Pelo direito de estar fechado dentro de uma tumba... — Sturm resmungou.

— E nós prometemos nosso apoio aos anões caso a guerra venha abater-se sobre nós! — Elistan gritou.

Os gritos ressoaram em toda a câmara e ficaram mais altos quando o Comandante Hornfel se curvou para receber o Martelo. Os anões batiam os pés e assobiavam, a maioria deles subindo nos bancos de pedra.

Tanis começou a se sentir nauseado. Ele deu uma olhada em volta. Nunca sentiria saudade deles. Hornfel ia falar, assim como cada um dos outros seis Comandantes, sem falar nos membros do Conselho de Altos Seguidores. O meio elfo tocou o braço de Sturm e fez um gesto ao cavaleiro para que ele o seguisse. Os dois saíram silenciosamente do Salão abaixando-se para poder atravessar uma passagem em forma de arco. Embora, ainda estivessem no subsolo da enorme cidade anã, pelo menos eles estariam longe do barulho e poderiam respirar o ar frio da noite.

— Você está bem? — Sturm perguntou notando o rosto pálido de Tanis debaixo da barba ruiva. O meio elfo respirava fundo.

— Agora estou — Tanis disse ficando vermelho de vergonha por sua fraqueza — Foi o calor... e o barulho.

— Bem, logo nós sairemos daqui — Sturm disse — Depende, é claro, se o Conselho dos Altos Seguidores vai decidir deixar-nos ir para Tarsis ou não.

— Ah, não há dúvida de qual será a decisão deles — Tanis disse encolhendo os ombros — Elistan está visivelmente no controle agora que ele guiou o povo para um lugar seguro. Nenhum dos Altos Seguidores ousaria se opor a ele, pelo menos não na frente dele. Não, meu amigo, dentro de um mês, talvez, nós estaremos partindo em um dos navios de velas brancas de Tarsis, a Bela.

— Sem o Martelo de Kharas — Sturm completou com melancolia. Com suavidade, ele começou a repetir uma citação. — E assim dizia-se, que os Cavaleiros tomaram o Martelo de ouro, o Martelo abençoado pelo grande deus Paladine é dado Aquele que tem o Braço de Prata para que ele forjasse a dragonlance de Huma, o Destruidor de Dragões, e deram-no ao anão a quem eles chamavam de Kharas, ou Cavaleiro, devido ao seu extraordinário valor e honra em combate. E ele manteve Kharas como seu nome. E o Martelo de Kharas passou para o reino anão com a promessa dos anões de que ele voltaria novamente, caso fosse necessário... —

— E ele voltou — disse Tanis lutando para conter sua ira crescente. Ele já tinha ouvido aquela citação centenas de vezes!

— Ele voltou e será deixado para trás! — Sturm mastigou as palavras — Nós poderíamos tê-lo levado para Solamnia e usado para forjar nossas próprias dragonlances.

— E você seria um novo Huma, cavalgando para a glória, com a lança do dragão em suas mãos! — Tanis perdeu o controle — Nesse meio tempo você deixaria oitocentas pessoas morrerem...

— Não, eu não as teria deixado morrer! — Sturm gritou com uma fúria crescente — A primeira pista que conseguimos que poderia nos levar até as dragonlances e você a vende por...

Os dois homens pararam abruptamente de discutir quando perceberam um vulto que se aproximava emergindo das sombras escuras que os envolviam.

— Shirak — sussurrou a voz e uma luz clara acendeu-se fazendo brilhar uma bola de cristal presa a uma garra de dragão dourado incrustada no topo de um cajado de madeira. Essa luz iluminou as vestes vermelhas de um usuário de mágica. O jovem mago caminhou na direção dos dois homens apoiando-se no cajado e tossindo levemente. A luz do cajado brilhou sobre seu rosto esquelético e revelou a pele esticada de cor dourada metálica que cintilava e encobria os ossos delgados. Os olhos dele faiscavam com lampejos dourados.

— Raistlin — disse Tanis com a voz tensa — Você quer alguma coisa?

Raistlin não pareceu estar nem um pouco incomodado com os olhares irritados que os dois homens lhe lançaram, ele parecia estar bem acostumado com o fato de que poucas pessoas o queriam por perto ou se sentiam à vontade em sua presença.

Ele parou em frente aos dois. Levantando sua débil mão, o mago disse:

— Akulcir-alan suh Tagolann Jistrathar, — e a imagem pálida de uma arma cintilante materializou-se enquanto Tanis e Sturm olhavam-no assombrados.

Era uma lança de infantaria com cerca de três metros e meio de comprimento. A cabeça dela era feita de prata pura, com farpas laterais brilhantes, a haste era feita de madeira polida. A ponta dela era de aço e tinha sido projetada para ser fincada no chão.

— Ela é linda! — Tanis arfou — O que é isso?

— É uma lança do dragão — Raistlin respondeu.

Segurando a lança na mão, o mago colocou-se entre os dois homens que se afastaram para deixá-lo passar como se não quisessem ser tocados por ele. Os olhos deles estavam fixos na lança. Raistlin, então, virou-se e ofereceu-a a Sturm.

— Aí esta sua lança do dragão, cavaleiro — Raistlin disse com a voz sibilante — sem a ajuda do Martelo ou do Braço de Prata. Você cavalgará com ela para a glória lembrando-se que para Huma com a glória veio a morte?

Os olhos de Sturm brilharam. Maravilhado, ele respirou fundo e levantou as mãos para pegar a lança do dragão. Para seu espanto, sua mão atravessou-a! A lança do dragão desapareceu assim que ele a tocou.

— Mais um de seus truques! — ele rosnou. Girando sobre os calcanhares, ele se afastou engasgando de raiva.

— Se isso era uma piada, Raistlin — Tanis disse calmamente — ela não teve graça.

— Uma piada? — o mago sussurrou. Os estranhos olhos dourados acompanharam Sturm enquanto ele caminhava para dentro da densa escuridão da cidade anã debaixo da montanha. Você deveria me conhecer melhor, Tanis.

O mago deu uma gargalhada estranha que Tanis só tinha escutado uma vez antes. Depois, fez uma mesura cínica para o meio elfo e seguindo o cava-valeiro, desapareceu em meio às sombras.

LIVRO 1

1

NAVIOS DE VELAS BRANCAS.

**A ESPERANÇA ESTÁ DO OUTRO LADO DAS
PLANÍCIES DE POEIRA.**

Tanis Meio-Elfo sentou-se para assistir à reunião do Conselho dos Seguidores e franzia a testa enquanto ouvia. Embora a falsa religião dos seguidores estivesse agora oficialmente morta, o grupo que tinha construído a liderança política dos oitocentos refugiados de Pax Tharkas ainda chamava-se assim.

— Não é que nós não estejamos gratos aos anões por permitirem que nós moremos aqui — afirmou Hederick efusivo gesticulando com a mão cicatrizada — Tenho certeza que todos nós estamos agradecidos. Assim como estamos gratos também pelo heroísmo daqueles que com a recuperação do elo de Kharas tornaram possível nossa vinda para cá — Hederick fez uma mesura para Tanis, que acenou levemente com a cabeça em retribuição — Mas. nós não somos anões! Essa afirmação enfática provocou murmúrios de aprovação o que fez com que Hederick tomasse gosto pela platéia.

— Nós, humanos, não fomos feitos para viver debaixo da terra! — Ouviram-se várias aprovações em voz alta e algumas palmas.

— Nós somos fazendeiros. Nós não podemos plantar nossos alimentos na encosta de uma montanha! Nós queremos terras iguais

àquelas que fomos forçados a deixar para trás. E, eu digo que aqueles que nos forçaram a sair de nossa velha pátria deveriam nos fornecer novas terras!

— Ele está falando dos Senhores dos Dragões? — Sturm sussurrou sarcasticamente para Tanis — Tenho certeza de que eles terão o maior prazer em atender a esse pedido.

— Esses idiotas deveriam agradecer por estarem vivos! — Tanis murmurou — Olhe para eles, dando ouvidos a Elistan... como se a proeza fosse dele!

O clérigo de Paladine, e líder dos refugiados, levantou-se para responder a Hederick.

— É pelo fato de precisarmos de casas novas — Elistan falou com sua voz alta de barítono que ressoou pela caverna — que eu

proponho que enviemos uma delegação ao sul, para a cidade de Tarsis, a Bela.

Tanis já tinha ouvido o plano de Elistan antes. Sua mente havia se preocupado com aquele assunto desde que ele e seus companheiros haviam retornado da Tumba de Derkin com o martelo sagrado.

Os Comandantes anões, que haviam se reunido sob a liderança de Hornfel, estavam se preparando para lutar contra o mal que vinha do norte. Os anões não tinham muito medo desse mal. O reino deles sob a montanha parecia inexpugnável. Eles tinham mantido a promessa feita a Tanis em troca da devolução do Martelo: os refugiados de Pax Tharkas poderiam fixar residência em Portassul, o extremo sul do reino de Thorbardin.

Elistan trouxe os refugiados para Thorbardin. Eles tentaram recomeçar suas vidas mas o acordo não era totalmente satisfatório para eles.

Era certo que eles se sentiam seguros, mas a maioria dos refugiados, que era composta de fazendeiros, não estava feliz por ter que morar nas enormes cavernas subterrâneas dos anões. Durante a primavera eles podiam fazer suas plantações na encosta da montanha, mas o solo rochoso produzia o suficiente apenas para uma sobrevivência precária. O povo queria viver sob a luz do sol e estar ao ar livre e fresco. Eles não queriam depender dos anões.

Foi Elistan quem lembrou as antigas lendas de Tarsis, a Bela, e seus navios com asas de gaivota. Mas tudo isso não passava de lendas como Tanis salientou quando Elistan mencionou sua idéia pela primeira vez. Ninguém nesta parte de Ansalon tinha ouvido falar qualquer coisa sobre a cidade de Tarsis desde o Cataclismo, trezentos anos antes. Naquela época, os anões tinham isolado o reino da montanha de Thorbardin cortando efetivamente qualquer tipo de comunicação entre o sul e o norte, já que a única forma de atravessar os Montes Kharolis era através de Thorbardin.

Tanis ouviu com tristeza quando o Conselho dos Altos Seguidores aprovou por unanimidade a sugestão de Elistan. Eles sugeriram o envio de um pequeno grupo de pessoas a Tarsis com instruções para descobrir que tipos de navios entravam no porto, onde eles estavam ancorados e quanto custaria para comprar uma passagem, ou até mesmo comprar um navio.

— E quem vai liderar este grupo? — Tanis perguntou a si mesmo em silêncio, embora já soubesse qual seria a resposta.

Todos os olhos agora estavam voltados para ele. Antes que Tanis pudesse falar qualquer coisa, Raistlin, que ouvia tudo que era dito sem fazer qualquer comentário, adiantou-se e ficou em pé diante do Conselho. Ele os encarou com seus olhos estranhos que brilhavam com uma cor dourada.

— Vocês são tolos — Raistlin disse, com sua voz sussurrante suavizada pelo escárnio — e vocês estão vivendo os sonhos de um tolo. Quantas vezes eu vou ter que repetir a mesma coisa? Com que frequência eu tenho que lembrá-los do presságio das estrelas? O que vocês dizem a vocês mesmos quando olham para o céu noturno e vêem os espaços escuros deixados pelas duas constelações que sumiram?

Os membros do conselho mexiam-se inquietos em seus assentos e vários deles trocavam olhares longos e sofridos que indicavam tédio.

Raistlin percebeu isso e continuou, sua voz tornando-se cada vez mais desdenhosa.

— Sim, eu ouvi alguns de vocês dizerem que isso não passa de um fenômeno natural algo que acontece, assim como o cair das folhas das árvores.

Vários membros do Conselho murmuraram entre si, acenando com a cabeça. Raistlin observou em silêncio por um momento com um riso de escárnio nos lábios. Depois, ele continuou.

— Eu repito, vocês são uns tolos. A constelação conhecida como Rainha das Trevas desapareceu do céu porque a Rainha está presente aqui em Krynn.

A constelação do Guerreiro Valente, que representa o antigo Deus Paladine, como nos dizem os Discos de Mishakal, também retornou a Krynn para lutar contra ela.

Raistlin fez uma pausa. Elistan, que estava entre eles, era um profeta de Paladine e muitos aqui tinham sido convertidos a sua nova religião. Ele era capaz de sentir a ira crescendo diante daquilo que alguns consideravam blasfêmia. A idéia de que os deuses se envolveriam pessoalmente nos assuntos dos homens! Era um escândalo! Mas a idéia de ser considerado um blasfemador nunca tinha incomodado Raistlin.

A voz dele elevou-se a um tom agudo:

— Guardem bem minhas palavras! Com a Rainha das Trevas, vieram também os “convidados barulhentos” dela, como é dito no Cântico. E, os convida

dos barulhentos são os dragões! — Raistlin fez com que sua última palavra sibilasse da forma que, como Flint dizia, “faz a pele tremer”.

— Nós sabemos de tudo isso — Hederick retrucou com impaciência. Já havia passado o horário do copo diário de vinho quente do Alto Teocrata e a sede deu-lhe coragem para falar. Mas, ele se arrependeu disso imediatamente, quando os olhos em forma de ampulheta de Raistlin pareceram perfurar o Teocrata como se fossem flechas negras — O... onde você quer chegar?

— Aquela paz não existe mais em Krynn — o mago sussurrou. Ele agitou a mão frágil. — Encontrem navios, viagem para onde quiserem. Onde quer que vocês vão, onde quer que vocês olhem para o céu noturno, aqueles espaços negros estarão lá. Onde quer que vocês forem, haverá dragões!

Raistlin começou a tossir. O corpo do mago contorceu-se com o ataque de tosse e pareceu que ele ia cair, mas o irmão gêmeo, Caramon, correu na sua direção e o amparou em seus braços fortes.

Depois que Caramon conduziu o mago para fora da reunião do Conselho, pareceu que uma nuvem negra havia se dissipado. Os membros do Conselho mexiam-se e riam, um pouco trêmulos, e falavam sobre as histórias infantis. Pensar que a guerra tinha se espalhado por toda Krynn era cômico. Por quê? A guerra já estava próxima do fim aqui em Ansalon. O Senhor dos Dragões, Verminaard, tinha sido derrotado e os exércitos dragonianos tinham sido repelidos.

Os membros do Conselho levantaram-se, espreguiçaram-se e saíram da câmara dirigindo-se para suas casas ou para a cervejaria.

Eles esqueceram de perguntar a Tanis se ele lideraria o grupo até Tarsis. Eles simplesmente assumiram que ele o faria.

Tanis saiu da caverna trocando olhares soturnos com Sturm. Esta noite era a vez dele de montar guarda. Apesar dos anões se considerarem seguros na fortaleza da montanha, Tanis e Sturm insistiram em que uma guarda fosse montada sobre os muros que levavam a Portassul. Eles tinham aprendido a respeitar os Senhores dos Dragões demais para conseguirem dormir em paz sem uma guarda, mesmo estando debaixo da terra.

Tanis encostou-se à parede externa de Portassul, com o rosto pensativo e sério. Diante dele se estendia uma campina coberta por uma neve de flocos macios. A noite estava calma e silenciosa. Atrás dele estavam os volumosos Montes Kharolis. O portão de Portassul parecia, na verdade, uma rolha gigantesca na encosta das montanhas. Ele fazia parte das defesas anãs que tinham mantido o mundo do lado de fora durante os trezentos anos que se seguiram ao Cataclismo e às destrutivas Guerras dos Anões.

Com dezoito metros de largura na base e quase nove metros de altura, o portão era movimentado por um enorme mecanismo que o forçava para dentro e para fora da montanha. Com pelo menos doze metros de espessura no centro, o portão era tão indestrutível quanto qualquer outro em Krynn, a não ser por um outro portão parecido com este ao norte. Depois de fechados era impossível distingui-los da montanha, tal havia sido a habilidade dos construtores anões.

Desde a chegada dos humanos a Portassul, colocou-se tochas próximos às aberturas dos portões para permitir que os homens, mulheres e crianças tivessem acesso ao ar fresco lá de fora, o que era uma necessidade para os humanos, mas parecia uma fraqueza inexplicável aos olhos dos anões subterrâneos.

Enquanto Tanis estava ali parado olhando as matas para além do prado, incapaz de encontrar a paz em sua beleza serena; Sturm, Elistan, e Laurana se aproximaram dele. Obviamente os três estavam conversando sobre Tanis, e todos se calaram criando um silêncio constrangedor.

— Você está muito sério — Laurana disse a Tanis com uma voz suave, enquanto se aproximava e colocava a mão no braço dele — Você acredita que

Raistlin tem razão, não é, Tanthal... Tanis? — Laurana enrubesceu. O nome humano dele ainda soava estranho em seus

lábios, mas, agora ela o conhecia bem o suficiente para saber que seu nome élfico só lhe causava sofrimento.

Tanis olhou para aquela mão pequena e delicada em seu braço e gentilmente colocou a sua sobre ela. Poucos meses atrás o toque daquela mão o teria irritado causando-lhe confusão e sentimento de culpa pois dentro dele lutavam, o amor que ele sentia por uma mulher humana, contra aquilo que ele dizia a si mesmo ser uma paixão de criança pela jovem elfa. Mas agora, o toque da mão de Laurana encheu-o de paz e calor ao mesmo tempo, o que fez o sangue correr mais rápido em suas veias. Ele ponderou sobre estas sensações novas e perturbadoras, enquanto respondia à pergunta dela.

— Já faz muito tempo que eu considero válidos os conselhos de Raistlin — ele disse, mas sabia o quanto isso ia incomodá-los. O rosto de Sturm ficou sério imediatamente. Elistan franziu a testa — Eu acho que desta vez ele está certo. Nós vencemos uma batalha mas estamos longe de ganhar a guerra. Nós sabemos que a guerra está acontecendo lá no norte, em Solamnia. Eu acho que nós podemos concluir com uma boa margem de segurança que as forças da escuridão não estão lutando apenas pela conquista da Abanasínia.

— Mas você só está especulando! — Elistan afirmou — Não deixe que a escuridão que paira sobre o jovem mago confunda seu raciocínio. Pode ser que ele esteja certo, mas, isso não é motivo para desistir de ter esperança ou desistir de tentar! Tarsis é uma grande cidade portuária, pelo menos, de acordo com tudo que sabemos a respeito dela. Lá, nós encontraremos pessoas que poderão nos dizer se a guerra envolve todo o mundo. Se assim for, certamente deve haver refúgios onde poderemos encontrar a paz.

— Ouça o que Elistan diz, Tanis — Laurana disse gentilmente — Ele é sábio. Quando saiu de Qualinesti, nosso povo não fugiu às cegas. Eles foram para um refúgio tranquilo. Meu pai tinha um plano, embora ele não ousasse revelá-lo...

Laurana parou assustada ao ver o efeito de seu discurso. Tanis afastou abruptamente o braço do toque da mão dela e olhou para Elistan com os olhos cheios de ódio.

— Raistlin disse que esperança é a negação da realidade — Tanis afirmou com frieza. Mas ao perceber o ar de preocupação de Elistan a observá-lo aflito, o meio elfo deu um sorriso de cansaço —

Desculpe-me, Elistan. Eu só estou cansado. Perdoe-me. Sua sugestão é boa. Nós viajaremos para Tarsis levando ao menos a esperança em nossos corações.

Elistan concordou com a cabeça e virou-se para sair.

— Você vem comigo, Laurana? Sei que você está cansada, minha querida, mas temos muita coisa que fazer antes de eu poder transferir a liderança para o Conselho na minha ausência.

— Eu estarei com você em um minuto, Elistan — Laurana disse e ficou vermelha — E... eu quero falar com Tanis um pouquinho.

Elistan olhou para eles compreensivo, depois caminhou ao lado de Sturm pela passagem escura do portão. Tanis começou a apagar as tochas, antes de fechar o portão. Laurana ficou perto da entrada esperando por ele e sua expressão ficou séria quando ficou evidente que Tanis a ignorava.

— O que está acontecendo com você? — ela disse finalmente — Está começando a parecer que você está tomando o partido desse mago de alma sinistra contra Elistan, um dos melhores e mais sábios homens que eu já conheci!

— Não julgue Raistlin, Laurana — Tanis disse com aspereza enquanto enfiava uma tocha em um balde de água. A luz apagou-se produzindo um ruído sibilante — As coisas nem sempre são preto e branco como vocês elfos estão inclinados a acreditar. O mago já salvou nossas vidas mais de uma vez. Eu aprendi a confiar no raciocínio dele, o que, eu admito, é mais fácil de confiar do que na fé cega!

— Vocês elfos! — Laurana gritou — Isso soa tipicamente humano! Tem mais sangue elfo em você do que você gostaria de admitir, Tanthalas! Você costumava dizer que não usava barba para esconder sua etnia e eu acreditei em você. Mas agora eu não já estou tão certa. Eu já vivi o suficiente entre os humanos para saber o que eles pensam sobre os elfos! Mas eu tenho orgulho da minha origem. Você não! Você tem vergonha. Por quê? Por causa daquela mulher humana pela qual você está apaixonado! Qual é o nome dela mesmo, Kitiara?

— Pare com isso Laurana! — Tanis gritou. Ele jogou uma tocha no chão e caminhou a passos largos na direção da jovem elfa que estava em pé junto à porta — Se você quer discutir relacionamentos, que tal falar sobre você e Elistan? Ele pode ser um clérigo de Paladine, mas é também um homem, um fato que você sem dúvidas pode testemunhar! Tudo que ouço você dizer é — ele imitou a voz dela — “Elistan é tão sábio”, “Pergunte a Elistan, ele saberá o que fazer”, “Ouça Elistan, Tanis...”

— Como você ousa me acusar de suas próprias fraquezas? — Laurana retrucou — Eu amo Elistan. Eu o reverencio. Ele é o homem mais sábio que eu já conheci e o mais gentil. Ele se sacrifica, a vida inteira dele tem sido dedicada a servir os outros. Mas só existe um homem que eu amo, só um homem que sempre amei, apesar de agora eu estar começando a me perguntar se não é possível que eu tenha me enganado! Você me disse naquele lugar horrível, o Sla-Mori, que eu estava me comportando como uma garotinha e que seria melhor eu crescer. Bem, eu cresci, Tanis Meio-Elfo. Nestes últimos e amargos meses eu vi muito sofrimento e morte. Tenho sentido um medo que eu nunca suspeitara que pudesse existir! Eu aprendi a lutar e já causei a morte de meus inimigos. Tudo isso me magoa por dentro até eu ficar tão anestesiada que eu não sinto mais a dor. Mas o que mais me dói é ver como você realmente é.

— Eu nunca disse que eu era perfeito, Laurana — Tanis disse calmamente.

As luas prateada e vermelha já haviam nascido e nenhuma delas estava cheia, mesmo assim o brilho delas era claro o suficiente para que Tanis pudesse ver lágrimas nos olhos luminosos de Laurana. Ele ergueu as mãos para tomá-la nos braços mas ela deu um passo atrás.

— Talvez você nunca tenha dito — ela disse com escárnio — mas com certeza você gosta de fazer com que a gente pense isso!

Laurana ignorou as mãos estendidas na direção dela e, depois de agarrar uma tocha da parede, saiu caminhando em direção à escuridão que havia além do portão de Thorbardin. Tanis observou-a partir, observou a luz refletir no cabelo cor de mel, observou-a caminhar tão graciosa quanto os delgados álamos de sua élfica terra natal de Qualinesti.

Tanis ficou parado por um momento, seguindo-a com o olhar e cocando a barba ruiva e espessa que nenhum elfo em Krynn conseguiria ter. Ponderando sobre o último comentário de Laurana, ele pensou de forma incoerente em Kitiara. Ele trazia em sua mente as imagens dos cabelos negros e cacheados de Kit cortados rente, o sorriso torto dela, o temperamento iras-cível e impetuoso e o corpo forte e sensual, o corpo de um espadachim treinado, mas ele descobriu para seu assombro que agora a imagem se dissolvia, desfeita pelo olhar claro e calmo dos olhos élficos, luminosos e levemente amendoados.

O trovão ressoou na montanha. O eixo de metal que movia o enorme portão de pedra começou a virar arrastando a porta até ela se fechar. Ao vê-la se fechar, Tanis decidiu que não entraria. "Fechados dentro de uma tumba." Ele sorriu ao lembrar as palavras de Sturm mas sentiu também um arrepio na alma. Ele ficou observando a porta durante um bom tempo, sentindo o peso dela acomodar-se entre ele e Laurana. A porta fechou-se com um estrondo abafado. A encosta da montanha era baldia, fria e ameaçadora.

Com um suspiro Tanis ajeitou o manto sobre si e começou a caminhar em direção à mata. Dormir na neve ainda era melhor do que dormir debaixo da terra. Era melhor ele se acostumar com isso. As Planícies de Poeira pelas quais eles viajariam até chegarem a Tarsis estariam provavelmente cobertas de neve, apesar deles estarem no início do inverno.

Pensando nessa jornada enquanto caminhava, Tanis levantou os olhos para o céu noturno. O céu estava lindo com as estrelas brilhando. Mas dois buracos negros desfiguravam essa beleza. As constelações desaparecidas de Raistlin.

Buracos no céu. Buracos nele também.

Depois de sua briga com Laurana, Tanis estava quase feliz em começar a jornada. Todos os companheiros tinham concordado em ir. Tanis sabia que nenhum deles estava totalmente à vontade com os refugiados.

Os preparativos para a jornada foram suficientes para manter sua cabeça ocupada. Ele foi capaz de dizer a si mesmo que não se importava com o fato de Laurana tê-lo evitado. E no começo a viagem em si foi agradável. Até parecia que eles estavam de volta aos primeiros dias do outono e não no começo do inverno. O sol brilhava aquecendo o ar. Raistlin era o único a usar um manto mais grosso.

Enquanto os companheiros caminhavam pela parte norte das Planícies, a conversa era descontraída e alegre, cheia de brincadeiras e bom humor, lembrando a todos os momentos divertidos que eles tinham passado juntos nos velhos tempos em Solace. Ninguém falou das coisas sombrias e malignas que tinham acontecido no passado recente. Era como se, contemplando um futuro melhor, eles desejassem que estas coisas nunca tivessem acontecido.

À noite, Elistan explicou-lhes o que ele estava aprendendo sobre os deuses antigos com os Discos de Mishakal, os quais ele sempre carregava consigo. As histórias que ele contava enchiam suas almas de paz e reforçavam a fé de cada um. Até mesmo Tanis, que tinha passado sua vida inteira à procura de alguma coisa em que pudesse acreditar, e agora que eles a tinham encontrado, ele ainda a olhava com ceticismo, sentiu no fundo de sua alma que ele conseguiria acreditar nisso, se é que ele acreditava em alguma coisa. Ele queria acreditar, mas alguma coisa não o deixava e, toda vez que olhava para Laurana, ele sabia o que era. Ele descobriu que enquanto não conseguisse resolver seu próprio conflito interior, da

tempestuosa divisão entre seu lado élfico e seu lado humano, ele não conheceria a paz.

Raistlin foi a única pessoa que não participou dessas conversas, da alegria, das brincadeiras, das piadas e dos bate-papos em volta das fogueiras nos acampamentos. O mago passava os dias estudando seu grimório. Se alguém o interrompia, ele respondia com um ranger de dentes. Depois do jantar, do qual comeu pouco, ele se sentou sozinho com os olhos fixos no céu noturno a observar os dois buracos negros que eram refletidos nas pupilas negras em forma de ampulheta do mago.

Só foi depois de vários dias que os ânimos começaram a esmorecer. As nuvens encobriam o sol e o vento soprava frio, vindo do norte. Nevava tanto, que teve um dia que eles foram forçados a procurar abrigo em uma caverna até a tempestade passar. Eles montaram guarda dupla à noite, embora nenhum deles fosse capaz de dizer exatamente por que, a não ser pela crescente sensação de ameaça e perigo que eles sentiam. Vendaval olhou preocupado para as pegadas que eles estavam deixando na neve. Como Flint havia dito, até mesmo um anão da ravina cego seria capaz de segui-las. Além da sensação de ameaça aumentar, eles também tiveram a sensação de que havia olhos a observá-los e ouvidos a ouvi-los.

E quem poderia ser nestas Planícies de Poeira, onde ninguém ou nada viveu nos últimos trezentos anos?

2

ENTRE MESTRE E DRAGÃO.

TRISTE JORNADA.

O dragão suspirou, flexionou suas asas enormes e levantou o corpo volumoso das águas mornas e tranquilizantes das termas. Emergindo de uma nuvem de vapor, ele abraçou a si mesmo antes de sair no ar frio. O ar límpido de inverno afligia suas narinas delicadas e doía em sua garganta. Ele conseguiu resistir à tentação de retornar para as poças quentes e, engolindo em seco, começou a subida até a plataforma rochosa acima dele.

O dragão irritado batia os pés sobre as rochas lisas devido ao gelo criado pelo vapor das águas quentes que esfriavam quase que instantaneamente no ar gélido. As pedras rachavam e quebravam debaixo de seus pés, rolando e ricocheteando até chegarem ao vale abaixo dele.

Levou um escorregão, o que fez com que ele perdesse momentaneamente o equilíbrio. Ele abriu as grades asas e se recuperou facilmente mas o incidente só serviu para aumentar ainda mais sua irritação.

— Não? — Chéu levantou a cabeça, surpreso — Quem é, então?

— Tem três deles nos quais eu estou particularmente interessado. Mas, eu lhe darei a descrição de todos eles... — o Senhor dos Dragões chegou mais perto de Chéu — porque, é para capturá-los que nós participaremos da destruição de Tarsis amanhã. Aqui estão eles, aqueles que nós procuramos...

As botas de Tanis faziam barulho sobre a crosta da neve varrida pelo vento enquanto ele caminhava a passos largos pelas planícies geladas. O sol nasceu por detrás dele trazendo bastante luz, mas pouco calor. Ele apertou o manto contra si e deu uma olhada em volta para ter certeza de que ninguém estava se atrasando. Os companheiros andavam em fila indiana. Eles caminhavam uns pisando nas pegadas dos outros com as pessoas mais pesadas e fortes na frente abrindo o caminho para os mais fracos que vinham atrás.

Tanis os guiava. Sturm caminhava a seu lado firme e fiel como sempre embora ainda estivesse chateado por ter deixado para trás o Martelo de Kharas, que parecia ter adquirido uma qualidade quase mística para o cavaleiro. Ele parecia mais preocupado e cansado do que o normal, embora ele tivesse deixado de manter o passo com Tanis. O que não era uma tarefa fácil, pois o cavaleiro insistia em

viajar com sua antiga armadura de guerra completa, cujo peso fazia com que os pés de Sturm afundassem na neve endurecida.

Atrás de Sturm e Tanis vinha Caramon que caminhava com dificuldade na neve como se fosse um grande urso, carregando seu arsenal de armas que tinha à sua volta, sua armadura e a porção de suprimentos que lhe cabia, assim como a porção de suprimentos de seu irmão gêmeo, Raistlin. Tanis se sentia cansado só de olhar Caramon, pois, o grande guerreiro não só caminhava pela neve espessa com facilidade como conseguia também alargar o caminho para os outros que vinham atrás dele.

Dentre todos os companheiros, aquele de quem Tanis poderia se sentir mais próximo, já que eles tinham sido criados juntos, como irmãos. Era Gilthanas que vinha em seguida. Mas, Gilthanas era um lorde élfico, o filho mais jovem do Orador dos Sóis, governante dos elfos de Qualinesti, enquanto Tanis era um filho bastardo e apenas meio elfo, produto de um estupro brutal cometido por um guerreiro humano. Pior ainda, Tanis ousou sentir-se atraído, mesmo que de uma forma infantil e imatura, por Laurana, irmã de Gilthanas. E por isso, longe de serem amigos, Tanis sempre teve a desconfortável impressão de que Gilthanas ficaria contente em vê-lo morto.

Vendaval e Lua Dourada caminhavam juntos atrás do lorde élfico. Vestidos com capas de pele de animal, o frio era um incômodo pequeno para os dois humanos das planícies. Com certeza, o frio não era nada comparado à chama em seus corações. Eles estavam casados há pouco mais de um mês e a compaixão e o amor profundo que um sentia pelo outro, um amor de auto-sacrifício, que tinha levado o mundo à descoberta dos deuses antigos, agora atingia uma nova dimensão pelo fato deles terem descoberto novas maneiras de expressá-lo.

Depois, vinham Elistan e Laurana. Elistan e Laurana. Tanis achou estranho que ao pensar com inveja na felicidade de Vendaval e Lua Dourada seus olhos se deparassem com aqueles dois. Elistan e Laurana. Sempre juntos. Sempre envolvidos em conversas muito sérias. Elistan, o clérigo de Paladine, resplandecente em suas vestes brancas que brilhavam mesmo contra a neve. Apesar da barba branca e o cabelo que raleava, ele ainda era uma figura majestosa. O tipo de homem que poderia muito bem atrair uma jovem. Poucos homens e mulheres seriam capazes de olhar dentro dos olhos azuis claros de Elistan e não se sentirem movidos pela admiração na presença de alguém que andou pelos reinos da morte e encontrou uma nova fé.

Junto a ele caminhava sua fiel "assistente", Laurana. A jovem elfa tinha fugido de casa em Qualinesti para seguir Tanis por causa de uma paixão infantil. Ela foi forçada a crescer rapidamente com os olhos abertos pela dor e o sofrimento do mundo. Por saber que

muitos membros do grupo, Tanis inclusive, a consideravam um incômodo, Laurana se esforçava para provar o seu valor. Ela encontrou essa oportunidade junto a Elistan. Filha do Orador dos Sóis de Qualinesti, ela nasceu e foi criada para a política. Quando Elistan estava caindo de cansaço entre os rochedos por tentar alimentar, vestir e controlar oitocentos homens, mulheres e crianças, foi Laurana quem se apresentou para aliviar sua carga. Ela tornou-se indispensável para ele e esse era um fato que Tanis achava difícil aceitar. O meio elfo rangeu os dentes e deixou que seu olhar passasse de Laurana para Tika.

Caramon tinha solicitado à garçonne que se transformou numa aventureira, que caminhasse perto de Raistlin pois ele era necessário lá na frente. Nem Tika, nem Raistlin pareciam muito contentes com esse arranjo. O mago de vestes vermelhas caminhava solene com a cabeça curvada contra o vento. Ele era forçado a parar com frequência para tossir até quase cair. Nessas horas, ao ver a preocupação de Caramon, Tika tentava colocar o braço de forma hesitante em torno do mago. Mas, Raistlin sempre se afastava dela resmungando.

O velho anão era o próximo, as únicas coisas visíveis acima da neve enquanto ele caminhava eram a ponta de seu elmo e a mecha "de crina de grifo". Tanis tentou lhe dizer que grifos não tinham crina e que, portanto, a mecha era de cavalo. Mas Flint, que teimava em admitir que sua raiva de cavalos advinha do fato de que eles o faziam espirrar violentamente, não acreditava no que ele dizia. Tanis

sorriu e balançou a cabeça. Flint tinha insistido em ficar na dianteira. Foi só depois que Caramon o puxou para fora de três buracos encobertos pela neve acumulada pelo vento, que Flint concordou, resmungando, em ficar na retaguarda.

Caminhando aos pulos ao lado de Flint vinha Tasslehoff Pés Ligeiros, com sua voz estridente como flauta que Tanis conseguia ouvir lá no início da fila. Tas distraia o anão com uma história maravilhosa sobre a vez em que ele encontrou um mamute peludo, ou o que quer que fosse aquilo, que estava sendo mantido prisioneiro por dois feiticeiros malucos. Tanis suspirou. Tas estava lhe dando nos nervos.

Ele já tinha repreendido o kender duramente por ter acertado a cabeça de Sturm com uma bola de neve. Mas ele sabia que era inútil. Um kender vive para aventuras e novas experiências. Tas estava se deliciando com cada minuto desta triste jornada.

Sim, eles estavam todos lá. Todos eles ainda o seguiam.

Tanis virou-se abruptamente olhando para o sul.

Por que seguir a mim? Ele perguntou com ressentimento. Eu mal sei para onde minha vida está indo e ainda assim esperam que eu lidere os outros. Eu não tenho a determinação de Sturm para livrar essa terra dos dragões, assim como seu herói, Huma, teve. Eu não sinto o chamado sagrado de Elistan para trazer o conhecimento dos verdadeiros deuses para as pessoas. Eu não tenho nem mesmo o desejo ardente pelo poder como Raistlin.

Sturm o cutucou e apontou para frente. Uma fileira de pequenas colinas despontava no horizonte.

Se o mapa do kender estava correto, a cidade de Tarsis ficava logo além delas. Tarsis e navios de velas brancas e espirais de um branco reluzente.

3

TARSIS, A BELA.

Tanis abriu o mapa do kender.

Eles tinham chegado ao pé das colinas estéreis e sem árvores que de acordo com o mapa deveriam oferecer uma vista panorâmica da cidade de Tarsis.

— Seria loucura subir estas colinas durante o dia — disse Sturm tirando o cachecol de cima de sua boca — Nós seríamos

totalmente visíveis a centenas de quilômetros.

— Tem razão — Tanis concordou — Acamparemos aqui no sopé das colinas. Mas, eu subirei para dar uma olhada na cidade.

— Eu não estou gostando nem um pouco disso! — Sturm resmungou abatido — Alguma coisa está errada. Você quer que eu vá com você?

Tanis balançou a cabeça ao ver o cansaço no rosto do cavaleiro

— É melhor você organizar o resto do pessoal — vestindo um manto branco de inverno, ele preparou-se para escalar as colinas encobertas de neve na qual havia rochas espalhadas pelo chão. Ele sentiu uma mão fria em seu braço quando estava pronto para começar a escalada. Ele virou-se e deu de cara com os olhos do mago.

— Eu vou com você — Raistlin sussurrou.

Tanis o encarou perplexo e depois olhou para as colinas. A escalada não seria fácil e ele sabia que o mago não gostava de esforços físicos intensos. Raistlin entendeu seu olhar.

— Meu irmão me ajudará — ele disse e acenou a Caramon, que se mostrou surpreso, mas levantou-se imediatamente e pôs-se ao lado do irmão — Eu quero ver a cidade de Tarsis, a Bela.

Tanis olhava para o mago um tanto nervoso, mas o rosto de Raistlin continuava impassível e frio como o metal com o qual ele parecia.

— Muito bem — disse o meio elfo enquanto estudava Raistlin
— Mas você será tão visível naquela montanha quanto uma mancha de sangue.

— Cubra-se com uma capa branca — o sorriso sardônico do meio elfo era quase uma imitação perfeita do próprio sorriso de Raistlin — Pegue um emprestado com Elistan.

Em pé no topo da colina de onde se avistava o legendário porto da cidade de Tarsis, a Bela, Tanis começou a praguejar baixinho, o que criava pequenas nuvens de fumaça, quando seu hálito quente se condensava no ar frio. Puxando o capuz do grosso manto sobre a cabeça ele fitou a cidade que se estendia abaixo com uma triste desilusão.

Caramon cutucou seu irmão gêmeo.

— Raist — ele disse — Qual é o problema? Não estou entendendo.

Raistlin tossiu.

— É que seu cérebro está localizado no braço com que você empunha a espada, meu irmão — o mago murmurou sarcasticamente — Olhe para Tarsis, a legendária cidade portuária. O que você vê?

— Bem... — Caramon olhou com os olhos semicerrados — É uma das maiores cidades que eu já vi. E tem navios... como ouvimos dizer...

“Os navios de velas brancas de Tarsis, a Bela”— Raistlin citou as palavras, irritado. — Olhe os navios, meu irmão. Você nota alguma coisa peculiar a respeito deles?

— Eles não estão em bom estado. As velas estão rasgadas e...
— Caramon piscou. Depois, ele arquejou — Não tem água!

— Muito observador.

— Mas o mapa do kender...

— É de antes do Cataclismo — Tanis interrompeu — Droga, eu deveria ter imaginado! Eu deveria ter considerado esta possibilidade! Tarsis, a Bela, o porto legendário agora não tem nenhuma saída para o mar!

— E sem dúvida nenhuma ela está assim há trezentos anos — Raistlin sussurrou — Quando caiu do céu, a montanha flamejante

criou alguns mares, como nós vimos em Xak Tsaroth, mas ela também destruiu outros. Agora o que vamos fazer com os refugiados, Meio Elfo?

— Não sei — Tanis retrucou irritado. Ele olhou para a cidade abaixo e depois virou-se na direção deles — Não é bom ficarmos aqui. O mar não vai voltar só porque a gente quer — ele começou a descer lentamente a encosta.

— O que vamos fazer? — Caramon perguntou a seu irmão — Nós não podemos voltar para Portassul. Eu percebi que alguém ou alguma coisa está nos perseguindo — ele espiou em volta preocupado — Eu sinto olhos nos observando... mesmo agora.

Raistlin colocou a mão no braço de seu irmão. Durante um raro momento os dois pareceram extraordinariamente iguais. A luz e a escuridão não eram mais diferentes do que os dois gêmeos.

— Você é sábio por confiar em seus próprios sentimentos, meu irmão — Raistlin disse suavemente — Um grande perigo e um grande mal nos cercam.

Essa sensação vem crescendo em mim desde que o povo chegou a Portassul.

— Eu tentei avisá-los... — ele parou de falar devido a um acesso de tosse.

— Como você sabe? — Caramon perguntou.

Raistlin balançou a cabeça e durante um bom tempo foi incapaz de responder. Depois, quando a tosse passou, ele respirou tremendo e olhou irritado para seu irmão.

— Você ainda não aprendeu? — ele disse com melancolia — Eu sei! Vamos dizer assim. Eu paguei pelo meu conhecimento nas Torres da Alta Magia. Eu paguei por isso com meu corpo e quase tive de pagar com minha própria sanidade. Eu paguei por isso... — Raistlin parou e encarou seu irmão gêmeo.

Caramon ficou pálido e calado como ele sempre fica toda vez que o Teste é mencionado. Ele começou a dizer alguma coisa meio que engasgado e depois pigarreou.

— É que eu não consigo entender...

Raistlin suspirou e balançou a cabeça enquanto retirava o braço que descansava no do irmão. Depois ele se apoiou no cajado e começou a descer a colina.

— E você não vai entender — ele murmurou — Nunca.

Trezentos anos atrás, Tarsis, a Bela, era a Capital de todas as terras da Abanasínia. Daqui lançavam-se ao mar os navios de velas brancas em direção a todas as terras conhecidas de Krynn. Para cá também eles retornavam, trazendo todos os tipos de objetos preciosos e curiosos, hediondos e delicados. O mercado tarsiano era uma verdadeira maravilha. Marinheiros fanfarronavam pelas ruas usando brincos de ouro que luziam tanto quanto as facas que eles carregavam. Os navios traziam pessoas exóticas de terras distantes para vender suas mercadorias. Algumas vestiam roupas de seda esvoaçantes de cores berrantes adornadas com jóias. Eles vendiam chás e especiarias, laranjas e pérolas e aves de cores vivas em gaiolas. Outras, vestidas com roupas toscas de couro vendiam peles exuberantes de animais estranhos que eram tão grotescos quanto aqueles que os caçavam.

É claro que também havia compradores no mercado tarsiano quase tão estranhos, exóticos e perigosos quanto os vendedores. Feiticeiros vestindo roupas brancas, vermelhas ou negras andavam pelos bazares à procura de ingredientes raros para suas mágicas.

Desacreditados já nessa época, eles caminhavam no meio da multidão, isolados e sozinhos. Poucas pessoas falavam até mesmo com aqueles que usavam vestes brancas e ninguém jamais os enganava.

Clérigos também buscavam ingredientes para suas poções de cura. Pois, havia clérigos em Krynn antes do Cataclismo. Alguns adoravam os deuses do bem, outros os deuses da neutralidade e alguns os deuses do mal. Todos tinham grande poder. Suas preces eram atendidas, tanto para o bem quanto para o mal.

E sempre andando em meio a todas essas pessoas estranhas e exóticas reunidas no bazar de Tarsis, a Bela, estavam os Cavaleiros de Solamnia: que mantinham a ordem, guardavam as terras e viviam suas vidas disciplinadas em estrita observância do Código e da Medida. Os cavaleiros eram seguidores de Paladine e eram famosos por sua obediência respeitosa aos deuses.

A cidade fortificada de Tarsis tinha seu próprio exército e (por isso, se dizia) nunca tinha caído diante de uma força invasora. A cidade era governada (sob os olhos vigilantes dos cavaleiros) por uma família de Lordes e teve a sorte de estar sob os cuidados de uma família que possuía bom senso, sensibilidade, e justiça. Tarsis

tornou-se um centro de cultura; sábios das terras vizinhas visitavam-na para compartilhar sua sabedoria. Escolas e uma grande biblioteca foram criadas e templos foram construídos para os deuses. Jovens com sede de conhecimento, tanto homens quanto mulheres, iam a Tarsis para estudar.

As primeiras guerras dos dragões não tinham afetado Tarsis. A enorme cidade fortificada e seu formidável exército, suas frotas de navios de velas brancas e os vigilantes Cavaleiros de Solamnia intimidavam até mesmo a Rainha das Trevas. Antes dela ser capaz de consolidar seu poder e atacar a Capital, Huma afastou os dragões dela dos céus. Por isso, Tarsis prosperou e tornou-se durante a Era do Poder uma das cidades mais ricas e altivas de Krynn.

E como havia acontecido com muitas outras cidades de Krynn, com o orgulho cresceu também sua vaidade. Tarsis começou a querer cada vez mais dos deuses: riqueza, poder e glória. O povo adorava o rei-sacerdote de Istar e ele vendo sofrimento em suas terras passou a exigir dos deuses com arrogância, aquilo que eles tinham concedido a Huma com humildade. Até mesmo os Cavaleiros de Solamnia (confinados pelas rígidas leis da Medida e presos a uma religião que tinha um excesso de ritual mas pouca profundidade) foram dominados pelo poderoso rei-sacerdote.

Aí veio o Cataclismo. Foi uma noite de terror na qual choveu fogo. O chão ergueu-se e se abriu enquanto os deuses em sua justa ira arremessaram uma montanha de pedra sobre Krynn, punindo o rei-sacerdote de Istar e o povo por seu orgulho.

O povo pediu ajuda aos Cavaleiros de Solamnia

— Vocês que são justos e honrados, ajudem-nos! — eles gritavam — Aplaquem a ira dos deuses!

Mas os cavaleiros não podiam fazer nada. O fogo caiu dos céus e a terra partiu-se debaixo de seus pés. As águas do mar desapareceram e os navios soçobraram e tombaram, o muro da cidade desmoronou.

Quando a noite de terror terminou Tarsis não tinha mais saída para o mar. Os navios de velas brancas estavam deitados na areia como pássaros feridos. Confusos e feridos os sobreviventes tentaram reconstruir a cidade na esperança de ver a qualquer momento os Cavaleiros de Solamnia virem de suas grandes fortalezas ao norte, de Palanthas, Solanthus, do Forte de Vingaard, Thelgaard, marchando em direção a Tarsis, para ajudá-los e protegê-los mais uma vez.

Mas, os cavaleiros não vieram. Eles tinham seus próprios problemas e não podiam sair de Solamnia. Mesmo que eles fossem capazes de vir, um novo mar havia dividido as terras da Abanasínia. Os anões do reino nas montanhas de Thorbardin fecharam os portões e se recusaram a deixar quem quer que fosse entrar e, dessa forma, bloquearam as passagens nas montanhas. Os elfos recolheram-se em Qualinesti cuidando de suas feridas e culpando os humanos pela catástrofe. Em pouco tempo, Tarsis perdeu todo contato com o mundo ao norte.

E então, depois do Cataclismo, quando a cidade parecia ter sido abandonada pelos cavaleiros, veio o Dia do Desterro. O lorde da cidade foi colocado numa posição delicada. Ele não acreditava realmente que os cavaleiros fossem corruptos, mas sabia que o povo precisava de alguém ou alguma coisa em quem colocar a culpa. Se apoiasse os cavaleiros, ele perderia o controle da cidade, então ele foi obrigado a fechar os olhos às multidões enfurecidas que

atacaram os poucos cavaleiros que restavam em Tarsis. Eles foram expulsos da cidade... ou assassinados.

Depois de algum tempo, a ordem foi restaurada em Tarsis. O lorde e sua família criaram um novo exército. Mas muita coisa tinha mudado. O povo começou a acreditar que os antigos deuses que eles haviam adorado durante tanto tempo tinham se afastado deles. Eles encontraram novos deuses para adorar, apesar destes novos deuses raramente atenderem suas preces. Todos os poderes clericais que haviam estado presentes nas terras antes do Cataclismo se perderam. Proliferaram os clérigos com falsas promessas e esperanças injustificadas. Curandeiros charlatões viviam naquelas terras vendendo falsos remédios que prometiam curar todos os males.

Com o passar do tempo, muitas pessoas se afastaram de Tarsis. Os marinheiros não andavam mais pelo mercado; elfos, anões e outras raças também não retornaram. As pessoas que permaneceram em Tarsis gostavam dessa mudança. Elas começaram a ter medo e a desconfiar do mundo lá fora. Os estranhos não eram mais bem-vindos.

Mas Tarsis tinha sido um centro de comércio durante tanto tempo que as pessoas que viviam na área rural em torno da cidade que ainda eram capazes de ir a Tarsis, continuaram a fazê-lo. A parte externa do centro da cidade foi reconstruída. A parte interna (como os templos, as escolas e a grande biblioteca) foi deixada em ruínas. O bazar foi reaberto só que agora era um mercado para fazendeiros e um fórum para falsos clérigos pregarem novas religiões. A paz se estabeleceu sobre a cidade como um cobertor. Os antigos dias de glória pareciam um sonho e talvez ninguém acreditasse neles, não fossem as evidências no centro da cidade.

Tarsis ouviu boatos de guerra, é claro, mas esses boatos normalmente não eram levados em conta embora o lorde tenha enviado seu exército para guardar as planícies ao sul. Se alguém perguntasse por quê, ele dizia apenas que era um exercício e nada mais. Afinal de contas, esses rumores vieram do norte e todos sabiam que os Cavaleiros de Solamnia estavam tentando desesperadamente restabelecer seu poder e era impressionante ver a que ponto chegavam os traiçoeiros cavaleiros... espalhar rumores sobre o retorno dos dragões!

Esta era Tarsis, a Bela, a cidade em que os companheiros entraram naquela manhã logo depois do nascer do sol.

4

PRESOS!

OS HERÓIS SÃO SEPARADOS.

UMA DESPEDIDA AMEAÇADORA.

Naquela manhã, os poucos guardas sonolentos que guardavam os muros da cidade acordaram com a visão de um grupo armado e cansado pela viagem, que queria entrar na cidade. Eles não se negaram. Eles nem mesmo os questionaram... muito. Um meio elfo de barba ruiva e fala suave, como não se via em Tarsis há décadas, disse que eles tinham vindo de longe e buscavam abrigo. Os companheiros ficaram quietos atrás dele sem fazer nenhum gesto ameaçador. Ainda bocejando, os guardas lhes indicaram a Hospedaria Dragão Vermelho.

Isto poderia ter encerrado o assunto. Afinal de contas, Tarsis estava começando a ver cada vez mais pessoas estranhas chegarem à medida que os boatos da guerra se espalhavam. Mas o manto de um dos humanos abriu-se com o vento enquanto ele passava pelo portão e um guarda viu o brilho de uma armadura que refletia sol da manhã. O guarda viu o ultrajante e odiado símbolo dos Cavaleiros de Solamnia no antigo peitoral de aço. Carrancudo, o guarda seguiu furtivamente o grupo escondendo-se nas sombras da cidade que despertava enquanto eles andavam pelas ruas.

O guarda observou-os enquanto entravam no Dragão Vermelho. Ele ficou lá fora esperando no frio até ter certeza de que

eles já deveriam estar nos quartos. Então, ele entrou silenciosamente na hospedaria e trocou algumas palavras com o estalajadeiro. O guarda espiou dentro do saguão e vendo que o grupo estava sentado e aparentemente acomodado, correu para fazer seu relatório.

— É isso que dá confiar no mapa de um kender! — disse o anão irritado, enquanto empurrava para longe seu prato de comida vazio e limpava a boca com a mão — Ele nos leva a uma cidade portuária sem mar.

— Não é minha culpa — Tas protestou — Quando dei o mapa a Tanis eu disse que ele era de antes do Cataclismo. “Tas,” Tanis disse antes de partirmos, “você tem um mapa que mostra como chegar a Tarsis?” Eu disse que sim e lhe dei este aqui. O mapa mostra Thorbardin, o reino sob a montanha dos anões, e Portassul e aqui ele mostra Tarsis, e todo o resto estava exatamente onde o mapa disse que deveria estar. Eu não posso fazer nada se alguma coisa aconteceu com o oceano! Eu...

— Já chega, Tas — Tanis suspirou — Ninguém está te culpando. Não é culpa de ninguém. Nós simplesmente deixamos nossas esperanças crescerem demais.

Mais tranqüilo, o kender recolheu o mapa, enrolou-o e o guardou em sua caixa de mapas junto com todos os outros preciosos mapas de Krynn. Depois ele apoiou o queixo pequeno nas mãos e sentou-se olhando para seus desanimados companheiros à volta da mesa. Eles começaram a discutir o que fazer em seguida e falavam sem entusiasmo.

Tas ficou entediado. Ele queria explorar a cidade. Havia todos os tipos de sons e visões incomuns; Flint tinha sido obrigado a praticamente arrastar o kender com ele quando eles entraram em Tarsis. Havia um mercado fabuloso com coisas maravilhosas espalhadas por todos os lados esperando para serem admiradas. Ele tinha até mesmo visto outros kenders e queria falar com eles. Ele estava preocupado com sua terra natal. Flint chutou-o por debaixo da mesa. Suspirando, Tas voltou sua atenção para Tanis.

— Vamos passar a noite aqui, descansar e descobrir tudo que pudermos, depois mandaremos uma mensagem para Portassul — Tanis dizia — Talvez haja outra cidade portuária mais ao sul. Alguns de nós poderiam ir investigar. O que você acha, Elistan?

O clérigo afastou de si o prato com a refeição inacabada

— Suponho que essa seja nossa única saída — ele disse com tristeza — Mas eu voltarei a Portassul. Não posso ficar muito tempo longe do povo. Você deveria vir comigo também querida — Ele colocou a mão sobre a mão de Laurana — Eu não posso abrir mão de sua ajuda.

Laurana sorriu para Elistan. O sorriso desapareceu quando ela voltou os olhos para Tanis e viu o cenho franzido do meio elfo.

— Vendaval e eu já discutimos o assunto. Nós voltaremos com Elistan — Lua Dourada disse. Seu cabelo dourado prateado cintilava na luz do sol que entrava pela janela — O povo precisa de minhas habilidades de cura.

— Além do mais, o casal recém casado sente falta da privacidade de sua tenda — Caramon disse em voz alta. Lua Dourada ficou com o rosto rosado enquanto seu esposo sorria.

Sturm relanceou os olhos na direção de Caramon com um olhar de desaprovação, depois virou-se para Tanis.

— Eu irei com você meu amigo — ele se ofereceu.

— Nós, também, é claro — disse Caramon prontamente.

Sturm franziu as sobrancelhas e olhou para Raistlin que estava sentado enrolado no robe vermelho perto do fogo e bebia a estranha mistura de ervas que acalmava sua tosse

Eu não acho que seu irmão vai agüentar essa viagem Caramon... — Sturm começou a falar.

De repente você passou a se preocupar com minha saúde, cavaleiro — Raistlin sussurrou com sarcasmo — Mas na verdade não é a minha saúde que te preocupa, é, Sturm Montante Luzente? E o meu poder que fica cada vez maior. Você tem medo de mim...

— Já chega! — disse Tanis enquanto o rosto de Sturm ficava sério.

— Ou o mago volta, ou volto eu — Sturm disse com frieza.

— Sturm... — Tanis começou a dizer.

Tasslehoff aproveitou a oportunidade para sair de mansinho. Todos estavam absorvidos na discussão entre o cavaleiro, o meio elfo e o usuário de magia. Tasslehoff escapuliu pela porta da frente do Dragão Vermelho, um nome que ele achou particularmente engraçado. Mas Tanis não riu.

Tas pensou nisso enquanto caminhava e olhava o novo cenário encantado. Tanis não ria mais de nada. Parecia que o meio elfo carregava o peso do mundo nos ombros. Tasslehoff achava que sabia o que estava errado com Tanis. O kender tirou um anel de uma de suas bolsas e o estudou. O anel de ouro era de fabricação élfica e tinha sido esculpido com o formato de folhas de hera. Ele o tinha apanhado em Qualinesti. Desta vez o anel não era uma coisa que o kender tinha 'adquirido'. Ele tinha sido jogado aos seus pés por uma Laurana magoada depois que Tanis tinha lhe devolvido o anel.

O kender levou tudo isso em consideração e chegou à conclusão que o que todos precisavam era sair daquela cidade em busca de uma nova aventura. Ele iria com Tanis e Flint, é claro (o kender acreditava realmente que nenhum deles conseguiria

sobreviver se ele não estivesse por perto. Mas primeiro ele daria uma espiada nesta cidade interessante).

Tasslehoff chegou no fim da rua. Olhando para trás ele viu que era capaz de enxergar a Hospedaria Dragão Vermelho. Que bom. Ninguém estava procurando por ele ainda. Ele estava prestes a perguntar a um vendedor ambulante como se chegava ao mercado quando viu uma coisa que prometia tornar esta cidade interessante muito mais interessante....

Tanis conseguiu acalmar a discussão entre Sturm e Raistlin, pelo menos por um tempo. O mago resolveu ficar em Tarsis para procurar o que havia restado da velha biblioteca. Caramon e Tika se ofereceram para ficar com ele, enquanto Tanis, Sturm e Flint (e Tas) seguiriam para o sul e se reencontrariam com os irmãos no caminho de volta. O resto do grupo levaria as tristes notícias para Portassul.

Com isso resolvido, Tanis foi até o estalajadeiro para pagar por aquela noite. Ele estava contando moedas de prata quando sentiu uma mão tocar seu braço.

— Eu queria que você pedisse para me mudarem para um quarto mais próximo do de Elistan — Laurana disse. Tanis olhou para ela de forma brusca

— E por que? — ele perguntou tentando evitar o rancor em sua voz.

Laurana suspirou — Nós não vamos ter que discutir isso outra vez, vamos?

— Eu não faço a menor idéia do que você está falando — Tanis disse com frieza afastando-se do estalajadeiro que sorria constrangido.

— Pela primeira vez na minha vida eu estou fazendo alguma coisa útil e significativa — Laurana disse enquanto segurava o braço dele — E você quer que eu pare só por causa de um ciúme infantil de mim e Elistan...

— Eu não estou com ciúmes — Tanis retrucou e ficou vermelho — Quando estávamos em Qualinesti eu lhe disse que aquilo que houve entre nós quando éramos crianças se acabou. Eu... — ele fez uma pausa para pensar se isso era realmente verdade. No exato momento em que ele falava, sua alma tremia diante da beleza dela. Sim, aquela paixão boba de criança tinha passado mas será que ela estava sendo substituída por alguma outra coisa, alguma coisa mais forte e mais duradoura? E será que ele estava perdendo Laurana? Ou será que ele já a teria perdido devido a sua própria indecisão e teimosia? O meio elfo chegou à conclusão que ele estava agindo tipicamente como um humano. Recusando aquilo que está ao seu alcance para mais tarde lamentar depois de tê-lo perdido. Ele balançou a cabeça, confuso.

— Se você não está com ciúmes então por que você não me deixa viver minha vida e permite que eu continue trabalhando para Elistan em paz? — Laurana perguntou com frieza — Você...

— Fique quieta! — Tanis ergueu a mão. Laurana, ainda incomodada, começou a falar, mas Tanis olhou para ela com tal intensidade que ela se calou.

Tanis ouviu. Sim, ele estava certo. Agora ele conseguia ouvir claramente um guincho estridente como o grito de lamento da tira de couro no topo do cajado hoopak de Tas. Era um som peculiar que o kender produzia quando girava a tira de couro em círculos acima de sua cabeça e isso fez arrepiar os pelos de seu pescoço. Era também um sinal de perigo dos kenders.

— Problemas — Tanis disse calmamente — Chame os outros — Laurana obedeceu sem hesitar ao ver a cara soturna do meio elfo. Tanis virou-se abruptamente para o estalajadeiro que estava dando a volta no balcão — Aonde você vai? — ele perguntou imediatamente.

— Só estou indo verificar os quartos, senhor — o estalajadeiro disse com calma e desapareceu apressadamente na direção da cozinha. Tasslehoff entrou bruscamente pela porta da hospedaria.

— Guardas, Tanis! Guardas! E eles estão vindo para cá!

— Com certeza eles não devem estar aqui por nossa causa — Tanis disse. Ele parou e se pôs a observar o kender dos dedos leves quando um certo pensamento lhe passou pela cabeça — Tas...

— Não fui eu, juro! — Tas disse em protesto — Eu nem tinha chegado no mercado! Eu ainda estava no final da rua quando vi uma tropa completa de guardas vindo nesta direção.

— Que história é essa de guardas? — Sturm perguntou assim que chegou vindo do saguão principal — Esta é mais uma das histórias do kender?

— Não. Ouça — Tanis disse. Todos ficaram quietos. Eles podiam ouvir o som de botas caminhando na direção deles e se entreolharam apreensivos e preocupados — O estalajadeiro desapareceu. Eu achei que tínhamos entrado na cidade muito fácil. Eu deveria ter desconfiado que tínhamos problemas — Tanis coçou a barba bem consciente de que todos estavam olhando para ele e esperando ordens.

— Laurana, você e Elistan vão para o andar de cima. Sturm, você e Gilthanas fiquem aqui comigo. Os outros vão para seus quartos. Vendaal, você está no comando. Você, Caramon e Raistlin protejam-nos. Raistlin, use sua mágica se for necessário. Flint...

— Eu vou ficar com você — o anão disse com firmeza. Tanis sorriu e colocou a mão no ombro de Flint.

— É claro, meu velho amigo. Achei que não precisava nem lhe dizer.

Com um sorriso amarelo, Flint tirou o machado de guerra do coldre, nas costas.

— Leve isto — ele disse a Caramon — É melhor você ficar com ele do que algum guarda desprezível e piolhento desta cidade.

— É uma boa idéia — Tanis disse. Soltando o cinto da espada ele entregou para Caramon a Exterminadora de Dragões, a espada mágica que o esqueleto de Kith-Kanan, o Rei Élfico, havia lhe dado.

Gilthanas entregou silenciosamente a espada e o arco élfico.

— A sua arma também, cavaleiro — Caramon disse ao estender a mão.

Sturm franziu a testa. A antiga espada de duas mãos junto com sua bainha eram o único legado de seu pai que fora um dos grandes Cavaleiros de Solamnia e tinha desaparecido depois de enviar a esposa e o filho pequeno para o exílio. Lentamente Sturm soltou o cinto de sua espada e o entregou a Caramon. O jovial guerreiro ao ver a óbvia preocupação do cavaleiro ficou sério.

— Eu a guardarei com cuidado e você sabe disso Sturm.

— Eu sei — Sturm disse sorrindo com tristeza. Ele olhou para Raistlin que estava em pé na escada — Além disso, sempre têm o grande verme Catyrbelius para protegê-la, não é, mago?

Raistlin ficou surpreso com esta inesperada lembrança da vez que eles estavam na cidade queimada de Solace e Raistlin teve que enganar alguns hobgoblins e os fazer acreditarem que a espada de Sturm era amaldiçoada. Esse comentário foi a coisa mais próxima a uma expressão de gratidão que o cavaleiro já tinha feito ao mago. Raistlin deu um leve sorriso.

— Sim — ele sussurrou — Sempre tem o Verme. Não se preocupe, cavaleiro. Sua arma está tão segura quanto as vidas daqueles que você está deixando sob nossos cuidados... se é que alguém está seguro... Adeus, meus amigos — Raistlin disse com a voz sibilante e os estranhos olhos em forma de ampulheta cintilando — E este será um longo adeus. Alguns de nós não estão destinados a se encontrarem novamente neste mundo! — assim que terminou de dizer isso ele curvou-se e recolhendo as vestes vermelhas ao redor de seu corpo começou a subir as escadas.

Você sempre pode ter certeza de que Raistlin vai usar uma linguagem floreada na hora de partir, Tanis pensou irritado mas não havia mais tempo para conversa. O som de botas aproximava-se da porta.

— Vá! — ele ordenou a Caramon — Se Raistlin estiver certo não há mais nada que se possa fazer.

Depois de olharem com hesitação para Tanis os outros fizeram o que lhes tinha sido ordenado e subiram as escadas rapidamente. Somente Laurana olhou assustada para Tanis enquanto Elistan a pegava pelo braço. Caramon que empunhava a espada ficou para trás até o último deles passar.

— Não se preocupe — o grande guerreiro disse inquieto — Tudo vai dar certo. Se vocês não voltarem até o escurecer...

— Não voltem para nos procurar! — Tanis disse adivinhando a intenção de Caramon. A afirmação agourenta de Raistlin deixou o meio elfo mais perturbado do que ele gostaria de admitir. Ele já conhecia o mago há muitos anos e tinha visto o poder dele crescer embora as sombras também parecessem estar mais densas em torno dele — Se nós não voltarmos, leve Elistan, Lua Dourada e os outros de volta a Portassul.

Caramon acenou com a cabeça de forma positiva embora relutante e depois subiu a escada desajeitadamente com as armas tinindo ao seu redor.

— Provavelmente é só uma inspeção de rotina — Sturm disse rapidamente em tom baixo, mas já podia avistar os guardas pela janela — Eles nos farão algumas perguntas e depois nos soltarão. Mas, com certeza eles têm a descrição de todos nós!

— Eu tenho um pressentimento de que isso não é rotina. Não da forma que todo mundo desapareceu. E eles vão ter que se contentar com alguns de nós — Tanis disse calmamente enquanto os guardas entravam pela porta guiados pelo condestável e acompanhados pelo guarda que eles tinham visto no muro quando entraram na cidade.

— São eles! — o guarda disse e apontou — Ali está o cavaleiro como eu falei. E o elfo barbado, o anão, o kender e lorde élfico.

— Certo — o condestável disse rapidamente — Mas, onde estão os outros? — A um gesto dele os guardas ergueram suas alabardas, apontando-as para os companheiros.

— Eu não entendo a razão de tudo isto — Tanis disse calmamente — Nós somos estranhos em Tarsis e estamos simplesmente cruzando a cidade em direção ao sul. É assim que vocês acolhem os estranhos na cidade?

— Nós não acolhemos estranhos em nossa cidade — o condestável respondeu. Seu olhar se dirigiu a Sturm e foi um olhar de desprezo — Especialmente um Cavaleiro de Solamnia. Se vocês são inocentes como você diz que são, você não se importaria em responder algumas perguntas do Lorde e seu conselho. Onde está o resto de seu grupo?

— Meus amigos estavam cansados e foram para os quartos para descansar. Nossa jornada foi longa e cansativa. Mas nós não

queremos criar problemas. Nós quatro iremos com vocês e responderemos suas perguntas — (“Cinco,” disse Tasslehoff indignado mas todos o ignoraram) — Não há necessidade de perturbar nossos companheiros.

— Vão chamar os outros — o condestável ordenou a seus homens.

Dois guardas se dirigiram para as escadas que, de repente, explodiram em chamas! A fumaça rolou para dentro da sala fazendo com que os guardas se afastassem. Todos correram em direção à porta. Tanis agarrou Tasslehoff que assistia a tudo com os olhos arregalados de interesse e o arrastou para fora.

O condestável assoprava seu apito freneticamente enquanto vários de seus homens preparavam-se para correr pelas ruas soando o alarme. Mas as chamas morreram com a mesma rapidez com que tinham começado.

— Pííí... — o condestável interrompeu o apito. Com o rosto pálido ele voltou a entrar cuidadosamente na hospedaria. Tanis olhou por cima dos ombros e balançou a cabeça espantado. Não havia nem sinal de fumaça e nem um pedacinho do verniz tinha sido chamuscado. Ele conseguia ouvir muito fraca a voz de Raistlin vindo lá do alto das escadas. Quando o condestável olhou apreensivo para o topo da escada o cântico parou.

Tanis engoliu em seco e depois respirou fundo. Ele sabia que devia estar tão pálido quanto o condestável e olhou para Sturm e Flint. O poder de Raistlin estava crescendo...

— O mago deve estar lá em cima — o condestável murmurou.

— Genial! E, quanto tempo foi que o Rouxinol Esganiçado levou pra chegar a essa conclusão? — Tas disse num tom de voz que Tanis sabia que significava confusão. Ele pisou no pé do kender e Tas se calou com um olhar de reprovação.

Felizmente parece que o condestável não tinha escutado. Ele olhou para Sturm.

— Você virá conosco pacificamente?

— Sim — respondeu Sturm — Você tem minha palavra de honra — o cavaleiro acrescentou — e, independente de sua opinião sobre os Cavaleiros, você sabe que minha honra é minha vida.

Os olhos do condestável dirigiram-se para a escada escura.

— Muito bem — ele disse finalmente — Dois de vocês fiquem aqui na escada. O resto cobre as outras saídas. Verifique todos que entrarem e saírem. Todos vocês têm a descrição dos estranhos?

Os guardas acenaram com a cabeça e trocaram olhares preocupados. Os dois guardas que haviam permanecido dentro da hospedaria olharam assustados para as escadas e ficaram o mais longe possível delas. Tanis riu ferozmente consigo mesmo.

Os cinco companheiros, o kender sorrindo de excitação, acompanharam o condestável para fora do prédio. Quando eles chegaram à rua, Tanis viu algo se mexer na janela do andar superior. Erguendo os olhos ele viu o medo estampado no rosto de Laurana enquanto ela os observava. Ela levantou a mão e ele conseguiu ler os lábios dela formarem as palavras "Me desculpe." em élfico. As palavras de Raistlin voltaram a sua cabeça e ele sentiu um calafrio, seu coração doeu. O mundo de repente pareceu frio, vazio e desolado, só de pensar que existia a possibilidade dele não vê-la novamente. Foi nestes últimos e sombrios meses que Tanis percebeu o quanto Laurana significava para ele, quando até mesmo a esperança o havia abandonado ao ver os demoníacos exércitos do Senhor dos Dragões destruir as terras. A fé inabalável dela, sua coragem e sua esperança infinita e inesgotável! Quão diferente de Kitiara!

O guarda cutucou as costas de Tanis

— Olhe para frente! Para de fazer sinal para seus amigos! — ele resmungou. O meio elfo voltou a pensar em Kitiara. Não, a guerreira nunca teria agido de forma tão abnegada. Ela jamais conseguiria ajudar as pessoas como Laurana os havia ajudado. Kit teria ficado impaciente e com raiva e os teria deixado viver, ou morrer o que eles preferissem. Ela detestava e desprezava aqueles que eram mais fracos do que ela mesma.

Tanis pensou em Laurana e também em Kitiara, mas ele achou interessante notar que o velho e doloroso entusiasmo não provocou mais aquele nó em sua alma quando ele disse o nome de Kitiara para si mesmo. Não, agora era Laurana (a tola menininha que apenas alguns meses atrás não passava de uma criança mimada e irritante) que fazia seu sangue ferver e suas mãos procurarem desculpas para tocá-la. E agora, talvez, fosse tarde demais.

Quando chegou ao fim da rua, ele olhou para trás novamente na esperança de fazer algum tipo de sinal para ela. Dizer a ela que agora ele entendia tudo. Dizer a ela que ele tinha sido um idiota. Dizer a ela...

Mas a cortina estava fechada.

5

A REBELIÃO.

TAS DESAPARECE.

ALHANA AURESTELAR.

— Cavaleiro fétido...

Uma pedra atingiu o ombro de Sturm. O cavaleiro encolheu-se de dor embora a pedra fosse capaz de lhe causar pouco dano devido à armadura. Tanis, olhando para o rosto pálido e o bigode que tremia do cavaleiro, sabia que a dor que ele sentia era mais profunda do que a dor que uma arma poderia infligir.

A multidão aumentava à medida que os companheiros eram conduzidos pelas ruas da cidade e a notícia de sua chegada se espalhava. Sturm ignorava as provocações e os insultos e caminhava com dignidade e a cabeça erguida com orgulho. Embora empurrassem a multidão para trás o tempo todo, os guardas o faziam sem muito entusiasmo e a multidão sabia disso. Novas pedras foram atiradas assim como outros objetos menos agradáveis. Pouco tempo depois, todos os companheiros estavam cortados, sangrando e cobertos de lixo e sujeira.

Tanis sabia que Sturm não ia se deixar levar à retaliação, não neste tumulto, mas no caso de Flint o meio elfo tinha que manter as rédeas curtas. Mesmo assim, ele estava o tempo todo com medo de que o anão irritado passasse pelos guardas e começasse a dar pancada em todo mundo. Mas enquanto observava Flint, Tanis esqueceu-se de Tasslehoff.

Além de mostrarem pouca preocupação com respeito à propriedade alheia, os kendens têm uma outra característica desagradável conhecida como “provocação”. Todos os kendens possuem esse talento em maior ou menor escala. É assim que sua diminuta raça conseguiu crescer e sobreviver em um mundo de cavaleiros e guerreiros, trolls e hobgoblins. A provocação é a habilidade de insultar um inimigo e aumentar a ira desse inimigo a ponto dele perder a cabeça e começar lutar de forma desesperada e desordenada. Tas era um mestre na provocação embora ele raramente tivesse necessidade de usá-la quando viajava com seus amigos guerreiros. Mas Tas decidiu tirar proveito desta oportunidade.

Ele começou a gritar insultos para o povo.

Quando Tanis percebeu o que estava acontecendo, era tarde demais. Ele tentou fazê-lo calar, mas foi em vão. Tas estava no começo da fila enquanto o meio elfo estava no fim e ele não tinha como fazer o kender se calar.

Tas achava que insultos como “cavaleiro fétido” e “escória élfica” eram uma falta de imaginação. Ele decidiu mostrar a este povo quanto espaço havia para intensidade e variedade na Língua Comum. Os insultos de Tasslehoff eram obras de arte, tanto em termos de criatividade quanto de engenhosidade. Infelizmente eles também tinham uma tendência a serem extremamente pessoais e ocasionalmente um tanto rudes mas ditos com um certo ar de inocência encantador.

— Esse é o seu nariz mesmo ou isso é uma doença? Essas pulgas rastejando no seu corpo também fazem acrobacias? Sua mãe era uma anã da ravina? — isso era só o começo. Em pouco tempo as coisas ficaram bem pior do que isso.

Os guardas começaram a olhar assustados para a multidão irritada enquanto o condestável dava ordens para eles acelerarem a

marcha dos prisioneiros. O que ele havia visualizado como uma procissão de vitória para exibir os troféus conquistados, parecia estar se transformando em uma grande rebelião.

— Faça esse kender calar a boca! — ele gritou furioso.

Tanis tentou desesperadamente chegar até Tasslehoff, mas os guardas que se debatiam contra a multidão que se agitava tornaram essa tarefa impossível. Gilthanas foi derrubado. Sturm curvou-se sobre o elfo tentando protegê-lo. Flint chutava e golpeava furiosamente com os braços sem direção. Tanis tinha acabado de se aproximar de Tasslehoff quando foi atingido no rosto por um tomate e ficou momentaneamente cego.

— Ei, condestável, sabe o que você podia fazer com esse apito? Você podia...

Tasslehoff não teve chance de dizer ao condestável o que ele poderia fazer com o apito porque naquele instante uma mão imensa arrancou-o do meio daquela confusão. Uma mão tapou a boca de Tas enquanto dois outros pares de mãos o agarravam pelos pés que chutavam descontroladamente. Enfiaram um saco na cabeça de Tas e a única coisa que ele foi capaz de ver ou sentir a partir de então, foi o cheiro de aniagem enquanto o carregavam.

Tanis ouviu o barulho de botas e mais gritos e berros enquanto limpava o tomate que lhe ardia nos olhos. A multidão vaiou e zombou e então se separou e saiu correndo. Quando finalmente conseguiu enxergar, o meio elfo deu uma espiada à sua volta para ter certeza de que todos estavam bem. Sturm estava ajudando Gilthanas se levantar enquanto limpava o sangue de um corte na testa do elfo. Flint blasfemava a torto e a direito enquanto tirava pedaços de repolho da barba.

— Cadê aquele maldito kender? — o anão rugiu — Eu vou... — ele parou e virou-se olhando de um lado para outro — Cadê o maldito kender? Tas? Alguém me ajude...

— Quietos! — Tanis ordenou percebendo que Tas tinha conseguido escapar.

Flint ficou roxo de raiva

— Por que logo aquele minúsculo bastardo! — ele praguejou
— Foi ele quem nos colocou nesta situação e agora ele nos deixa a...

— Psiu! — Tanis disse olhando fixamente para o anão. Flint engasgou e ficou quieto.

O condestável apressou os prisioneiros para dentro do Palácio da Justiça. Foi só quando eles estavam seguros dentro do feio prédio de tijolos que ele percebeu que estava faltando um deles.

— Devemos ir atrás dele, senhor? — perguntou o guarda.

O condestável pensou um momento e depois balançou a cabeça morrendo de ódio

— Não perca tempo — ele disse com amargura — Você sabe o que é tentar achar um kender que não quer ser encontrado? Não, deixe-o ir. Nós ainda temos os mais importantes. Faça-os esperar aqui enquanto eu informo o Conselho.

O condestável entrou por uma porta simples de madeira e deixou os companheiros juntamente com os guardas postados em um corredor escuro e mal cheiroso. Deitado num canto do corredor havia um funileiro roncando alto, obviamente por ter bebido muito vinho. Os guardas aborrecidos tiravam casca de abóbora de seus uniformes e, folhas de cenoura e outros tipos de lixo que tinham grudado neles. Gilthanas limpava o sangue de seu rosto. Sturm tentava limpar seu manto da melhor maneira possível.

O condestável voltou e gesticulou da porta.

— Tragam-nos.

Quando os guardas empurraram os prisioneiros para frente, Tanis conseguiu se aproximar de Sturm:

— Quem é que manda aqui? — ele sussurrou.

— Se nós tivermos sorte o Lorde ainda mantém o controle da cidade — o cavaleiro respondeu calmamente — Os lordes tarsianos sempre tiveram a reputação de serem nobres e honrados — ele deu de ombros — Além do mais, que acusação eles têm contra nós? Nós

não fizemos nada. Na pior das hipóteses, eles podem mandar uma escolta armada nos fazer sair da cidade.

Tanis balançou a cabeça em dúvida enquanto entrava na sala da corte. Levou algum tempo para seus olhos se acostumarem à fraca luz das câmaras sujas que fediam ainda mais que o corredor. Dois membros do conselho tarsiano seguravam laranjas cravejadas com cravos da Índia próximas aos seus narizes.

Havia seis membros do conselho sentados em um banco sobre uma plataforma alta, três deles de cada lado de seu Lorde, que, por sua vez, estava sentado em uma cadeira alta no centro deles. O Lorde olhou-os enquanto eles entravam. Suas sobrancelhas levantaram-se ligeiramente ao ver Sturm, mas Tanis percebeu que depois o rosto dele relaxou. O Lorde até mesmo acenou com a cabeça para o cavaleiro num sinal de educação. As esperanças de Tanis aumentaram. Os companheiros caminharam para frente e postaram-se diante do banco. Não havia cadeiras. Os suplicantes ou prisioneiros ficavam em pé diante do conselho para apresentarem seus casos.

— Qual é a acusação contra estes homens? — o Lorde perguntou. O condestável lançou um olhar ameaçador para os

companheiros.

— Incitar uma rebelião, meu senhor — ele disse.

— Rebelião! — Flint explodiu — Nós não tivemos coisa alguma a ver com uma rebelião! Foi aquele desmiolado...

Uma figura de vestes longas surgiu das sombras e sussurrou no ouvido do Lorde. Nenhum dos companheiros tinha notado a figura quando eles entraram. Só agora eles a tinham visto.

Flint tossiu e ficou calado olhando de cara feia para Tanis por baixo das sobrancelhas espessas e brancas. O anão balançou a cabeça e deixou cair os ombros. Tanis suspirou cansado. Gilthanas limpou o sangue de seu corte com as mãos trêmulas e suas feições élficas estavam brancas de ódio. Somente Sturm estava visivelmente calmo e imóvel quando ele notou o rosto retorcido (meio homem, meio réptil) de um dragoniano.

Os companheiros que haviam ficado na Hospedaria sentaram-se juntos no quarto de Elistan durante pelo menos uma hora depois que os outros foram levados pelos guardas. Caramon ficou de guarda perto da porta com a espada em punho. Vendaval manteve a guarda olhando pela janela. Eles entreolhavam-se com os rostos tensos e exaustos enquanto ouviam o barulho da multidão furiosa à distância. Depois o barulho parou. Ninguém os incomodou. A Hospedaria caiu num silêncio mortal.

A manhã passou sem incidentes. O sol pálido e frio subiu ao céu e fez muito pouco para aquecer aquele dia de inverno. Caramon guardou a espada na bainha e bocejou. Tika arrastou uma cadeira e sentou-se ao lado dele. Vendaval ficou vigilante próximo a Lua Dourada que fazia planos para os refugiados enquanto conversava calmamente com Elistan.

Laurana foi a única a permanecer em pé perto da janela, embora não tivesse nada para se ver. Os guardas que aparentemente estavam cansados por terem marchado rua acima e rua abaixo, aconchegaram-se junto às portas na tentativa de se manterem aquecidos. Laurana podia ouvir Tika e Caramon rindo calmamente atrás dela. Laurana deu uma olhada neles. Caramon

falava baixo demais para ser ouvido mas parecia descrever uma batalha. Tika ouvia atentamente com os olhos luzindo de admiração.

A jovem garçoneite tinha recebido um bom treinamento de combate durante a jornada deles para o sul em busca do Martelo de Kharas e, embora estivesse claro que ela nunca seria uma perita com a espada, Tika tinha desenvolvido o manuseio do escudo até transformá-lo em uma arte. Ela usava a armadura de vez em quando. As peças da armadura dela ainda não combinavam entre si, mas ela continuava a adicionar itens que coletava dos campos de batalha. A luz do sol cintilava no colete de cota de malha e fazia brilhar seu cabelo ruivo. O rosto de Caramon estava animado e descontraído enquanto falava com a jovem. Eles não se tocavam (não com os olhos dourados do irmão gêmeo de Caramon sobre eles) mas inclinavam-se chegando bem perto um do outro.

Laurana suspirou e virou-se, sentindo-se muito sozinha e muito assustada enquanto pensava nas palavras de Raistlin.

Ela ouviu o eco de seu próprio suspiro, mas não era um suspiro de arrependimento. Era um suspiro de irritação. Virando-se ligeiramente ela olhou para Raistlin. O mago tinha fechado o grimório que ele estava tentando ler e se mudado para um lugar

iluminado pela luz do sol que entrava pelo vidro da janela. Ele tinha que estudar o grimório diariamente. Ter que estudar constantemente e decorar as magias o tempo todo é a maldição dos magi, pois as palavras da mágica incendeiam-se na mente, depois piscam e apagam-se como faíscas. Cada magia esgota um pouco da energia física e mental do mago, deixando-o fisicamente debilitado até o ponto de exaustão, tornando-o incapaz de fazer qualquer outra mágica enquanto não descansar.

A força de Raistlin vinha crescendo, e seu poder também, desde que os companheiros se encontraram em Solace. Ele tinha dominado várias outras mágicas que lhe foram ensinadas por Fizban, o mágico velho e esquecido que tinha morrido em PaxTharkas. À medida que o poder dele crescia, o mesmo acontecia com a desconfiança dos companheiros. Ninguém tinha um motivo claro para desconfiar dele (sua mágica na verdade já tinha salvado a vida deles várias vezes). Mas, havia algo desconcertante a respeito do mago... ele era reservado, taciturno, auto-suficiente, e solitário como uma ostra.

Enquanto acariciava com ar ausente a capa azul escuro do estranho grimório que ele tinha adquirido em Xak Tsaroth, Raistlin fitava a rua distraído. Os olhos dourados com pupilas escuras em formato de ampulhetas brilhavam com frieza.

Apesar de não gostar de falar com o mago, Laurana tinha que descobrir! O que ele quisera dizer com... um longo adeus?

— O que você vê quando você fica olhando para longe, como agora? — ela perguntou num sussurro enquanto se sentava perto dele, ao mesmo tempo em que sentia uma repentina fraqueza tomar conta dela devido ao medo.

— O que eu vejo? — ele repetiu calmamente. Havia muita dor e tristeza na voz dele, não a amargura que ela estava acostumada ouvir — Eu vejo o tempo e a forma como ele afeta todas as coisas. A carne humana degenera-se e morre diante de meus olhos. As flores desabrocham e depois murcham. As árvores deixam cair as folhas verdes para nunca mais tê-las de volta. Na minha visão é sempre inverno, é sempre noite.

— E... fizeram isso com você nas Torres da Alta Magia? — Laurana perguntou completamente chocada — Por quê? Com que finalidade?

Raistlin sorriu aquele seu sorriso raro e torto.

— Para lembrar-me da minha própria mortalidade. Para ensinar-me com paixão — seu tom de voz baixou — Eu era vaidoso e arrogante quando era jovem. Eu fui o mago mais jovem a fazer o Teste e eu ia mostrar para eles! — Ele cerrou o punho frágil — Ah, eu mostrei para eles. Eles destruíram meu corpo e devoraram minha mente até que no fim eu era capaz de... — ele parou abruptamente e seus olhos voltaram-se para Caramon.

— De que? — Laurana perguntou fascinada, mas com medo de saber.

— Nada — Raistlin sussurrou abaixando os olhos — Eu estou proibido de falar disso.

Laurana viu as mãos dele tremerem. Gotas de suor surgiram na testa do mago. A respiração dele chiava e ele começou tossir. Sentindo-se culpada por ter inadvertidamente causado tanta angústia, ela ficou vermelha de vergonha e balançou a cabeça enquanto mordida o lábio — E...eu lamento ter-lhe causado dor. Eu não tinha intenção — confusa, ela abaixou os olhos e deixou o cabelo cair sobre o rosto, escondendo-o... era um hábito que ela tinha desde menina.

Raistlin inclinou-se para frente num gesto quase inconsciente e ergueu as mãos trêmulas para tocar no impressionante cabelo de Laurana, o qual parecia possuir vida própria de tão vibrante e volumoso que ele era. Mas ao ver sua própria carne se degenerando diante de seus olhos, o mago rapidamente puxou a mão de volta e se ajeitou na cadeira com um sorriso triste nos lábios. O que Laurana não sabia, e não podia saber, era que ao olhar para ela Raistlin viu a única beleza que ele veria em toda sua vida. Considerada jovem pelos padrões élficos, ela estava intocada pela morte ou pela degeneração, mesmo para a visão amaldiçoada do mago.

Laurana não percebeu nada disso. Ela só estava ciente de que ele havia se movido muito levemente. Ela quase se levantou e saiu, mas agora ela se sentia atraída por ele e ele ainda não tinha respondido a pergunta

— E... eu quero dizer... você consegue ver o futuro? Tanis me disse que sua mãe era... como é que se chama mesmo... precognitiva? Eu sei que Tanis costuma lhe pedir conselhos...

Raistlin olhava para Laurana pensativo

— O meio elfo costuma me pedir conselhos não porque eu consigo ver o futuro. Na verdade eu não consigo. Eu não sou vidente. Ele me procura porque eu sou capaz de pensar, o que é uma coisa que parece que a maioria desses idiotas não consegue fazer.

— Mas... aquilo que você disse. Que alguns de nós podem não se encontrar novamente — Laurana olhou para ele com atenção — Você deve ter tido alguma precognição! O que foi... eu preciso saber! Foi... Tanis?

Raistlin ponderou por um momento. Quando falou, foi mais para si mesmo do que para Laurana.

— Eu não sei — ele murmurou — Eu nem mesmo sei porque eu disse aquilo. É que... por um momento... eu sabia... — ele parecia estar fazendo um esforço para se lembrar então de repente ele deu de ombros.

— Sabia o que? — Laurana persistiu.

— Nada. Como o cavaleiro teria dito se ele estivesse lá, era só minha imaginação excessivamente fértil. Então, Tanis lhe contou sobre minha mãe — ele disse, mudando abruptamente de assunto.

Laurana ficou desapontada, mas acenou com a cabeça positivamente, na esperanças de descobrir mais alguma coisa se continuasse conversando com ele.

— Ele disse que ela tinha o dom da presciência. Ela era capaz de olhar para o futuro e ver as imagens do que ia acontecer.

— Isso é verdade — Raistlin sussurrou e depois deu um sorriso sardônico — E no que foi que isso a ajudou? O primeiro homem com o qual ela se casou era um guerreiro bonito das terras do norte. A paixão deles acabou de pois de alguns meses e depois disso cada um deles transformou a vida do outro num inferno. A saúde de minha mãe era frágil e ela costumava ter transes estranhos, dos quais ela só acordava horas mais tarde. Eles eram pobres e viviam daquilo que o marido conseguia ganhar com a espada. Ele nunca falava da própria família embora tivesse claramente sangue nobre. Eu não acredito nem que ele tenha dito seu nome verdadeiro a ela. Os olhos de Raistlin se estreitaram

Mas ele contou para Kitiara. Disso eu tenho certeza. Foi por isso que ela viajou para o norte para encontrar a família dele.

— Kitiara... — Laurana disse com a voz tensa. Ela pronunciou aquele nome como alguém toca num dente que dói, ansiosa por entender mais sobre esta mulher humana que Tanis amava — Então, aquele homem, o nobre guerreiro, era o pai de Kitiara? — ela disse com a voz rouca.

Raistlin considerou-a com um olhar penetrante

— Sim — ele sussurrou — Ela é minha meia-irmã mais velha. Mais ou menos oito anos mais velha que eu e Caramon. Eu a acho bem parecida com o pai dela. Tão bonita quanto ele era elegante. Resoluta e impetuosa, guerreira, forte e destemida. O pai ensinou a ela a única coisa que ele sabia que era a arte da guerra. Ele começou a partir em viagens cada vez mais longas até que um dia desapareceu completamente. Minha mãe convenceu os Altos Seguidores a declará-lo legalmente morto. Então, ela se casou com o homem que se tornou nosso pai. Ele era um homem simples, um lenhador. Mais uma vez, sua precognição não lhe serviu de muita coisa.

— Por que? — Laurana, perguntou gentilmente, bastante interessada na história. Ela estava impressionada pelo fato do mago, que normalmente era taciturno, estar tão falador, mas ela não percebia que só de observar seu rosto expressivo, Raistlin extraia mais dela do que dava em troca.

— O nascimento de meu irmão e eu, por exemplo — Raistlin disse. Depois, acometido por uma crise de tosse, ele parou de falar e gesticulou para seu irmão — Caramon! Está na hora da minha bebida — ele disse naquele tom sibilante que se sobressaía em meio às conversas mais barulhentas — Ou você se esqueceu de mim, no prazer de outra companhia?

Caramon parou sua risada no meio.

— Não, Raist — ele falou com sentimento de culpa e levantou-se apressadamente de seu assento para colocar uma chaleira de

água no fogo. Tika não estava disposta a cruzar seu olhar com o do mago, por isso, abaixou a cabeça, calada.

Depois de encará-la por um momento, Raistlin voltou sua atenção para Laurana que observava toda a cena com uma sensação de frio na boca do estômago. Ele começou a falar novamente como se não tivesse havido nenhuma interrupção.

— Minha mãe nunca se recuperou realmente do parto. A parteira já tinha me dado como morto e, se não fosse por Kitiara eu teria morrido mesmo. Ela costumava dizer que sua primeira batalha havia sido contra a morte e que ela havia recebido a mim como prêmio. Ela nos criou. Minha mãe era incapaz de cuidar de crianças e meu pai era forçado a trabalhar dia e noite, só para nos manter alimentados. Ele morreu em um acidente quando Caramon e eu éramos adolescentes. Naquele dia minha mãe tinha entrado num daqueles transes — o tom de voz de Raistlin baixou — e não saiu nunca mais. Ela morreu de inanição.

— Que horrível! — Laurana murmurou estremeando.

Raistlin ficou calado durante um bom tempo com os olhos estranhos fixados lá fora no céu cinza e frio de inverno. Então, sua boca se torceu.

— Isso me ensinou uma lição valiosa... aprenda a controlar o poder.

Nunca deixe que ele o controle!

Laurana pareceu não tê-lo escutado. As mãos dela se torciam nervosamente sobre o colo. Esta era a perfeita oportunidade de fazer-lhe as perguntas que ela queria fazer, mas isso significaria revelar parte de seu íntimo para este homem, que ela temia e não confiava. Mas sua curiosidade e seu amor eram grandes demais. Ela nunca percebeu que estava caindo numa armadilha astutamente preparada. Pois Raistlin adorava descobrir os segredos das almas das pessoas, sabendo que um dia eles poderiam ser úteis.

— O que você fez então? — ela perguntou engolindo em seco
— Kit...

Kitiara... — tentando parecer natural, ela teve dificuldade de pronunciar o nome e ficou vermelha de vergonha.

Raistlin observava atentamente a batalha interior de Laurana.

— A essa altura Kitiara já tinha partido — ele respondeu — Ela saiu de casa quando tinha quinze anos para ganhar a vida com a espada. Ela é uma especialista, é o que me diz Caramon, e não teve nenhuma dificuldade em encontrar trabalho mercenário. Ah, ela voltava de vez em quando para ver como a gente estava se virando. Quando ficamos mais velhos e mais treinados, passamos a acompanhá-la. Foi então que Caramon e eu aprendemos a lutar juntos. Eu usava a magia e meu irmão a espada. Depois que conheceu Tanis — os olhos de Raistlin reluziram ante o embaraço de Laurana — ela passou a viajar conosco com mais freqüência.

— Viajavam com quem? Aonde vocês iam?

Tinha o Sturm Montante Luzente, que já sonhava com a cavalaria, o kender, Tanis, Caramon e eu. Nós viajamos com Flint antes dele parar de trabalhar como ferreiro. As estradas ficaram tão perigosas que Flint desistiu de viajar. E nessa época nós já tínhamos aprendido tudo o que podíamos com nossos amigos. Nós estávamos ficando cada vez mais inquietos. Tanis falou que estava na hora da gente se separar.

— E vocês fizeram o que ele falou? Ele já era o líder de vocês naquela época? — Ela lembrou-se de Tanis, mas do jeito que ela o tinha conhecido antes dele partir de Qualinost; sem barba e ainda sem as marcas de ansiedade e da preocupação que ela via agora no rosto dele. Mas, mesmo naquela época ele era retraído e pensativo, atormentado pelos sentimentos de pertencer às duas raças e nenhuma ao mesmo tempo. Ela não o compreendia naquela época. Só agora, depois de viver no mundo dos humanos é que ela começava compreendê-lo.

— Ele tem as qualidades que nos dizem serem essenciais à liderança. Ele pensa rápido e é inteligente e criativo. Mas, a maioria de nós possui essas qualidades, em maior ou menor escala. Por que os outros seguem Tanis? Sturm tem sangue nobre, membro de uma ordem cujas raízes se perdem no tempo.

Por que ele obedece a um meio elfo bastardo? E Vendaval? Ele desconfia de todos aqueles que não são humanos e da metade daqueles que são. Mesmo assim, ele e Lua Dourada seriam capazes de ir até o Abismo e voltar seguindo

Tanis. Por que?

— Eu já me perguntei isso — Laurana começou a falar — e eu acho...

Mas Raistlin ignorou-a e respondeu a sua própria pergunta

— Tanis ouve seus próprios sentimentos. Ele não os reprime como o faz o cavaleiro, ou os esconde como faz o homem das planícies. Tanis percebe que de vez em quando o líder tem que pensar com o coração e não com a cabeça

— Raistlin olhou para ela — Lembre-se disso.

Laurana piscou confusa por um momento, depois, irritada por ter percebido um tom de superioridade na voz do mago ela disse com um tom arrogante

— Eu percebi que você excluiu a si mesmo. Se é tão inteligente e poderoso como diz ser, por que você segue Tanis?

Os olhos em forma de ampulheta de Raistlin estavam escuros cobertos pelo capuz. Ela parou de falar quando Caramon trouxe uma xícara para seu irmão gêmeo e cuidadosamente despejou a água da chaleira. O guerreiro olhou para Laurana com o rosto sério, embaraçado e desconfortável como sempre acontecia quando seu irmão falava assim.

Raistlin pareceu não notar. Tirando uma bolsa de sua mochila, ele jogou algumas folhas verdes dentro da água quente. Um cheiro acre e pungente se espalhou pelo quarto

— Eu não o sigo — o jovem mago olhou para Laurana — Por enquanto, Tanis e eu estamos simplesmente viajando na mesma direção.

— Os Cavaleiros de Solamnia não são bem-vindos em nossa cidade — o Lorde tinha o rosto sério e falava com firmeza. Seu olhar sombrio passeou sobre os outros companheiros — Nem elfos, kendens e anões, nem aqueles que viajam em sua companhia. Eu sei também que vocês têm um usuário de magia entre vocês, um que usa vestes vermelhas. Vocês usam armaduras. Suas armas estão

manchadas de sangue e num piscar de olhos elas estão em suas mãos. Está óbvio que vocês são guerreiros treinados.

— Não há dúvida de que eles são mercenários, meu senhor — o condestável disse.

— Nós não somos mercenários — Sturm disse enquanto caminhava na direção do banco com sua postura nobre e orgulhosa — Nós viemos das planícies do norte da Abanasínia. Nós libertamos oitocentos homens, mulheres e crianças das garras do Senhor dos Dragões, Verminaard, em Pax Tharkas. Nós deixamos o povo escondido em um vale nas montanhas para se proteger da ira dos exércitos dragonianos e viajamos para o sul na esperança de encontrar navios na legendária cidade de Tarsis. Nós não sabíamos que ela tinha ficado sem saída para o mar, senão nós não teríamos nos dado ao trabalho de fazer essa viagem.

O Lorde franziu a testa

— Você diz que vocês vieram do norte? Isso é impossível. Ninguém jamais passou em segurança pelo reino dos anões em Thorbardin.

— Se você sabe alguma coisa sobre os Cavaleiros de Solamnia, deveria saber que nós morreríamos antes de dizermos uma mentira... mesmo para nossos inimigos — Sturm disse — Nós encontramos o Martelo de Kharas que estava perdido e o devolvemos aos anões, em troca, eles permitiram que entrássemos em seu reino e o atravessássemos em segurança.

O Lorde se mexia inquieto enquanto olhava para o dragoniano que estava sentado atrás dele

— Eu sei um pouco sobre os cavaleiros — ele disse com relutância —

Portanto, eu devo acreditar em sua história, embora ela pareça mais uma história para fazer criança dormir do que...

De repente as portas se abriram violentamente e dois guardas entraram arrastando brutalmente um prisioneiro. Eles empurraram os companheiros para o lado enquanto jogavam o prisioneiro no chão. O prisioneiro era uma mulher. Ela vestia saias longas e uma capa grossa que a escondia completamente. Ela ficou deitada no chão por um momento como se estivesse muito cansada ou sem forças para se levantar. Depois, dando a impressão de estar fazendo um esforço tremendo ela começou a se colocar de pé. Estava óbvio que ninguém ia ajudá-la. O Lorde olhou para ela com uma expressão feroz e carrancuda. O dragoniano atrás dele tinha se levantado e a olhava com interesse. A mulher cambaleou enroscada em sua capa e suas saias longas e esvoaçantes.

Então, Sturm colocou-se ao lado dela.

O cavaleiro, que assistira a cena horrorizado, ficou estarrecido com o tratamento insensível dado a uma mulher. Ele olhou para Tanis e viu o sempre cuidadoso meio elfo balançar a cabeça, mas ver a mulher fazendo um esforço corajoso para se levantar foi

demais para o cavaleiro. Ele deu um passo à frente e deu de cara com uma alabarda que lhe bloqueava o caminho.

— Mate-me se quiser — o cavaleiro disse ao guarda — mas eu vou ajudar a dama.

O guarda piscou os olhos surpreso e deu um passo para trás, mantendo os olhos no Lorde à espera de ordens. O Lorde acenou levemente com a cabeça. Tanis segurava a respiração e observava atentamente. Depois, ele achou que tinha visto um sorriso no rosto do Lorde que imediatamente o cobriu com a mão.

— Minha dama, permita-me que a ajude — Sturm disse com uma educação cortês e fora de moda, há muito esquecida neste mundo. Suas mãos fortes colocaram-na gentilmente de pé.

— É melhor me deixar, senhor cavaleiro — a mulher disse com uma voz quase inaudível por causa dos véus que lhe cobriam o

rosto. Mas ao ouvirem a voz dela, Tanis e Gilthanas arquejaram levemente e trocaram olhares entre si — Você não sabe o que está fazendo — ela disse — Você está arriscando sua vida...

— É meu privilégio fazê-lo — Sturm disse fazendo uma mesura. Ele colocou-se ao lado dela de maneira protetora e manteve os olhos nos guardas.

— Ela é uma elfa de Silvanesti! — Gilthanas sussurrou para Tanis — Sturm sabe disso?

— É claro que não — Tanis disse calmamente — E como poderia saber? Eu mesmo quase não reconheci o sotaque dela.

— O que será que ela está fazendo aqui? Silvanesti é muito longe...

— Eu... — Tanis começou a falar, mas um dos guardas cutucou-o nas costas. Ele calou-se e o Lorde começou a falar.

— Lady Alhana — ele disse com uma voz fria — a senhora foi avisada para deixar a cidade. Eu fui misericordioso da última vez que estive diante de mim pelo fato da senhora se encontrar em uma missão diplomática de seu povo e o protocolo ainda ser respeitado aqui em Tarsis. Mas eu lhe disse naquela ocasião que a senhora não deveria esperar nenhuma ajuda de nossa parte e dei-lhe vinte e quatro horas para deixar a cidade. Agora eu descobro que a senhora ainda está aqui — ele voltou-se para os guardas — Qual é a acusação?

— Tentativa de contratar mercenários, meu senhor — o condestável respondeu — Ela foi apanhada em uma hospedaria na Velha Zona Portuária, meu senhor — o condestável olhou de modo reprovador para Sturm — Foi até bom ela não ter encontrado este grupo. Ninguém em Tarsis ajudaria um elfo, é claro.

— Alhana — Tanis murmurou consigo mesmo. Ele aproximou-se de Gilthanas. — Por que esse nome me parece familiar?

— Faz tanto tempo assim que você deixou seu povo que você não reconhece o nome? — o elfo respondeu calmamente em élfico — Dentre nossas primas de Silvanesti só havia uma chamada Alhana. Alhana Arestelar, filha do Orador das Estrelas, princesa de seu povo que passará a governar quando seu pai morrer pelo fato de não ter irmãos.

— Alhana! — Tanis disse e as lembranças vieram a sua mente. O povo élfico foi dividido centenas de anos atrás, quando Kith-Kanan liderou muitos dos elfos para as terras de Qualinesti depois das encarniçadas Guerras

Fatricidas. Mas os líderes élficos ainda se mantiveram em contato usando as formas misteriosas dos lordes elfos, os quais, se diz, são capazes de ouvir mensagens nos ventos e falar a língua da lua prateada. Agora ele se lembrava de Alhana...de todas as elfas jovens, ela tinha a reputação de ser a mais bela, e tão distante quanto a lua prateada que brilhava na noite de seu nascimento.

O dragoniano inclinou-se para conferenciar com o Lorde. Tanis viu o rosto do homem ficar sério e por um momento pareceu que ele ia discordar, depois ele mordeu o lábio, suspirou e concordou com a cabeça. O dragoniano desapareceu mais uma vez entre as sombras.

— Você está presa, Lady Alhana — o Lorde disse com firmeza. Sturm cercou-se mais um pouco da mulher enquanto os guardas aproximavam-se dela. Sturm jogou a cabeça para trás e deu um olhar de aviso a todos eles. Ele pareceu tão nobre e confiante, apesar de desarmado, que os guardas hesitaram. Mas, o Lorde tinha lhes dado uma ordem.

— É melhor você fazer alguma coisa — Flint grunhiu — Eu também sou a favor do cavalheirismo, mas tudo tem hora e lugar, e este não é nenhum dos dois!

— Você tem alguma sugestão? — Tanis retrucou.

Flint não respondeu. Não havia nada que qualquer um deles pudesse fazer e eles sabiam disso. Sturm preferiria morrer a deixar que um daqueles guardas encostasse novamente a mão na mulher mesmo não tendo a menor idéia de quem ela era. Isso não importava. Sentindo-se dividido tanto pela frustração quanto pela admiração pelo amigo, Tanis avaliou a distância que existia entre ele próprio e o guarda mais próximo e chegou à conclusão de que poderia colocar pelo menos um deles fora de ação. Ele viu Gilthanas fechar os olhos e mexer os lábios. O elfo era um usuário da magia embora ele não levasse isso muito a sério. Vendo o olhar no rosto de Tanis, Flint soltou um suspiro e virou-se na direção de outro guarda, abaixando a cabeça protegida pelo elmo como um aríete.

Então, repentinamente o Lorde falou com a voz áspera:

— Pare, cavaleiro! — ele falou com uma autoridade que lhe tinha sido ensinada por gerações. Sturm, reconhecendo isso, relaxou, e Tanis respirou aliviado — Eu não quero ver sangue derramado nesta câmara do Conselho. A dama desobedeceu a uma lei desta terra, leis que o senhor cavaleiro jurou de fender no passado. Mas eu concordo, não há razão para tratá-la de forma desrespeitosa. Guardas, escoltem a dama para a prisão, mas, com a mesma cortesia que dispensariam a mim. E o senhor cavaleiro a acompanhará, já que está tão interessado em seu bem estar.

Tanis cutucou Gilthanas que saiu de seu transe num sobressalto

— Este Lorde vem realmente de uma linhagem nobre e honrada como Sturm disse — Tanis sussurrou.

— Eu não vejo porque você está tão satisfeito, Meio Elfo — Flint grunhiu, escutando a conversa dele — Primeiro o kender consegue que nos acusem de incitar uma rebelião e depois desaparece. Agora o cavaleiro nos coloca na prisão. Da próxima vez, lembre-me de ficar perto do mago. Ele eu sei que é louco!

No momento em que os guardas começaram a levar os prisioneiros para fora do tribunal, Alhana deu a impressão de estar procurando alguma coisa dentre as dobras da saia longa.

— Eu lhe peço um favor, senhor cavaleiro — ela disse a Sturm — Acho que eu deixei cair uma coisa. É uma coisa insignificante, porém preciosa. Você poderia procurar...

Sturm ajoelhou-se rapidamente e imediatamente viu o objeto cintilando no lugar onde havia caído, encoberto pelas dobras da saia de Alhana. Era um broche no formato de uma estrela cravejado com diamantes, que reluziam. Ele prendeu a respiração. Uma coisa insignificante! Seu valor deve ser incalculável. Não é a toa que ela não quis que um desses guardas inúteis o encontrasse. Rapidamente ele cobriu o broche com os dedos e fingiu que ainda o procurava. Por fim, ele olhou para a mulher ainda ajoelhado.

Sturm arfou quando a mulher removeu o capuz da cabeça e tirou o véu do rosto. Essa foi a primeira vez que olhos humanos viram o rosto de Alhana Aurestelar.

Os elfos a chamavam de Muralasa, Princesa da Noite em élfico. O cabelo dela, que era preto e macio como a brisa da noite, estava preso por uma rede tão fina quanto uma teia de aranha que piscava como as estrelas devido à presença de pequenas jóias. A pele dela era alva como a lua prateada, os olhos eram como o púrpura escuro do céu noturno e os lábios da cor das sombras da lua vermelha.

O primeiro pensamento do cavaleiro foi de dar graças a Paladine por já estar ajoelhado. O segundo foi de que a morte seria um preço pequeno a pagar para servi-la e o terceiro pensamento era de que ele deveria dizer alguma coisa, mas ele parecia ter esquecido as palavras em todos idiomas conhecidos.

— Obrigado por procurar, nobre cavaleiro — Alhana disse calmamente olhando fixamente para os olhos de Sturm — Como eu disse, era uma coisa insignificante. Por favor, levante-se. Eu estou muito cansada e como parece que nós vamos para o mesmo lugar, você poderia me fazer o grande favor de dar-me sua ajuda.

— Estou a seu serviço — Sturm disse com veemência e pôs-se rapidamente em pé, enquanto colocava a jóia dentro de seu cinto. Ele estendeu o braço e Alhana pousou a mão branca e delgada no braço dele. O braço de Sturm tremeu ao toque dela.

Para o cavaleiro foi como se uma nuvem tivesse ocultado a luz das estrelas quando ela colocou o véu novamente. Sturm viu Tanis entrar na fila atrás dele mas o cavaleiro estava tão extasiado com aquele rosto lindo ardendo em sua memória que ele olhou diretamente para o meio elfo sem reconhecê-lo.

Tanis tinha visto o rosto de Alhana e sentiu seu próprio coração bater mais forte com a beleza dela. Mas ele tinha visto também a cara de Sturm. Ele tinha visto aquela beleza entrar no coração do cavaleiro causando mais estrago do que a ponta envenenada de uma flecha dos goblins. Pois ele sabia que esse amor se transformaria em veneno. Os Silvanesti eram uma raça orgulhosa e arrogante. Por temerem a contaminação e o desaparecimento de seu modo de vida eles se recusavam a ter o menor contato com os humanos. Foi por causa disto que as Guerras Fratricidas foram travadas.

Não, Tanis pensou com tristeza, a lua prateada não se encontrava tão alta ou distante a ponto de estar fora do alcance de Sturm. O meio elfo suspirou preocupado. Só faltava essa!

6

CAVALEIROS DE SOLAMNIA.

**OS ÓCULOS DA "VISÃO DA VERDADE" DE
TASSLEHOFF.**

Enquanto conduziam os prisioneiros para fora da Palácio da Justiça, os guardas passaram por duas figuras que se encontravam em pé nas sombras do lado de fora. As duas estavam tão cobertas de roupas que era difícil dizer qual a raça a que elas pertenciam. As cabeças estavam cobertas por capuzes e os rostos estavam enfaixados com pano. Robes longos cobriam os corpos. Até mesmo as mãos estavam enfaixadas com tiras de pano branco como se fossem bandagens. Eles falavam entre si em voz baixa.

— Viu! — um deles disse muito animado — Aí estão eles. Eles conferem com as descrições.

— Nem todos eles — o outro disse, incerto.

— Mas, olhe o meio elfo, o anão, o cavaleiro! Tenho certeza de que são eles! E eu sei onde estão os outros — a figura completou presunçosa — Eu perguntei a um dos guardas.

O outro, o mais alto, fazia considerações enquanto observava o grupo ser conduzido pela rua.

— Você tem razão. Nós deveríamos relatar isto ao Senhor dos Dragões imediatamente — a figura amortalhada virou-se para partir mas parou quando viu o outro hesitar — O que você está esperando?

— Você não acha que um de nós deveria segui-los? Olhe para esses guardas franzinos. Você sabe que os prisioneiros vão tentar escapar.

O outro riu de forma desagradável

— É claro que eles vão escapar. E nós sabemos aonde eles vão... reencontrar seus amigos — a figura amortalhada semicerrou os olhos devido ao sol da tarde — Além do mais, dentro de algumas horas isso não fará a menor diferença — a figura mais alta se afastou, enquanto o outro corria atrás.

Estava nevando quando os companheiros saíram do Palácio da Justiça. Desta vez o condestável já tinha aprendido que não devia conduzir os prisioneiros pelas ruas principais da cidade. Ele os levou para uma viela escura e desolada que passava por trás da Palácio da Justiça.

Tanis e Sturm estavam trocando olhares e Gilthanas e Flint estavam se preparando para atacar, quando o meio elfo viu sombras no beco começarem a se mexer. Três figuras vestidas com mantos e capuzes pularam na frente dos guardas com suas lâminas de aço reluzindo sob a luz do sol.

O condestável colocou o apito na boca mas não chegou a soprá-lo. Uma das figuras golpeou-o com o cabo da espada e ele caiu inconsciente no chão, enquanto as outras duas figuras espantavam os guardas que fugiram imediatamente. As figuras de capuz olharam para os companheiros.

— Quem são vocês? — Tanis perguntou ainda surpreso com a liberdade inesperada. As figuras de capuz e manto lembravam-no dos dragonianos encapuzados que eles haviam enfrentado nos arredores de Solace. Sturm puxou Alhana para trás dele.

— Será que nós escapamos de um perigo só para encontrar um perigo ainda maior? Descubram seus rostos! — Tanis ordenou.

Mas um dos homens de capuz virou-se para Sturm com as mãos erguidas

— Oth Tsarthon e Paran — ele disse.

Sturm arfou

— Est Tsarhai en Paranaith — ele respondeu e virou-se para Tanis —

Cavaleiros de Solamnia — ele disse fazendo um gesto na direção dos três homens.

— Cavaleiros? — Tanis perguntou atônito — Por que...

— Não há tempo para explicações, Sturm Montante Luzente — um dos cavaleiros disse na linguagem comum com um forte sotaque

— Os guardas voltarão dentro de pouco tempo. Venham conosco.

— Calma aí! — Flint grunhiu com os pés firmemente plantados na rua enquanto suas mãos partiam um pedaço da cota de malha para que ela se ajustasse à sua baixa estatura — Ou vocês acham tempo para explicações, ou eu não vou com vocês! Como vocês sabiam o nome do cavaleiro e porque vocês estavam esperando por nós...

— Ah, trespassem-no com uma espada! — disse uma voz estridente vinda das sombras — E deixem seu corpo para servir de alimento aos corvos. Não que eles vão dar muita importância; tem pouca coisa neste mundo com estômago para digerir um anão...

— Satisfeito? — Tanis virou-se na direção de Flint que estava com o rosto vermelho de raiva.

— Algum dia — o anão prometeu — eu ainda mato esse kender.

Ouviram-se apitos vindos da rua detrás deles. Sem hesitação, os companheiros seguiram os cavaleiros por becos tortuosos e infestados de ratos. Tas disse que tinha negócios a tratar e desapareceu antes que Tanis conseguisse agarrá-lo. O meio elfo notou que os cavaleiros não pareciam ter ficado surpresos com esse fato, nem tentaram impedir que Tas partisse. Entretanto, recusaram-se a responder quaisquer perguntas, preocupados apenas em apressar o grupo até que eles entrassem nas ruínas... a velha cidade de Tarsis, a Bela.

Então, os cavaleiros pararam. Eles tinham trazido os companheiros para uma parte da cidade aonde ninguém mais vinha. As ruas desta parte lembraram Tanis da antiga cidade de Xak Tsaroth pois estavam destroçadas e vazias. Os cavaleiros pegaram Sturm pelo braço e o afastaram de seus amigos, depois começaram a conversar em solômnico enquanto os outros descansavam.

Recostado num edifício Tanis olhava em volta com interesse. O que restou em pé dos edifícios desta rua era impressionante, muito mais bonito do que a cidade moderna. Ele viu que Tarsis, a Bela,

devia ter merecido seu nome antes do Cataclismo. Agora, enormes blocos de granitos jaziam espalhados no chão. Pátios imensos encobertos e sufocados pelo mato que estava seco devido aos implacáveis ventos de inverno.

Ele foi sentar-se no mesmo banco onde Gilthanas conversava com Alhana. O lorde élfico apresentou-o a ela.

— Alhana Arestelar, este é Tanis Meio Elfo — Gilthanas disse — Tanis viveu entre os Qualinesti durante muitos anos. Ele é filho da esposa de meu tio.

Alhana tirou o véu de seu rosto e olhou para Tanis com frieza. Filho da esposa de meu tio era uma forma educada de dizer que Tanis era ilegítimo, caso contrário Gilthanas o teria apresentado como “filho de meu tio”. O meio elfo enrubesceu ao perceber que a velha dor tinha voltado e doía agora tanto quanto doera cinquenta anos antes. Ele se perguntava se algum dia se livraria dela.

Cocando a barba, Tanis disse com aspereza.

— Minha mãe foi estuprada por guerreiros humanos durante os anos de trevas que se seguiram ao Cataclismo. O Orador gentilmente me acolheu de pois da morte dela e me criou como seu próprio filho.

Os olhos escuros de Alhana ficaram ainda mais escuros até se transformarem em dois poços escuros como a noite. Ela levantou as sobrancelhas

— Você vê necessidade de se desculpar por sua hereditariedade? — ela perguntou com frieza na voz.

— N...não... — Tanis gaguejou e seu rosto ardia de vergonha
— Eu...

— Então, não se desculpe — ela disse e deixando de dar atenção a Tanis, virou seu corpo na direção de Gilthanas — Você perguntou por que eu vim a Tarsis! Eu vim buscar ajuda. Eu tenho de retornar a Silvanesti para procurar meu pai.

— Retornar a Silvanesti? — Gilthanas repetiu — Nós... meu povo não sabia que os elfos de Silvanesti tinham deixado sua antiga terra natal. Não é de se espantar que nós tenhamos perdido contato...

— Sim — a voz de Alhana tornou-se triste — O mal que forçou vocês, nossos primos, a deixarem Qualinesti também se abateu sobre nós — ela curvou a cabeça, depois levantou os olhos com a voz suave e baixa — Faz tempo que lutamos contra esse mal. Mas, no final, nós fomos forçados a fugir para não morreremos. Meu pai mandou o povo para Ergoth do Sul sob minha liderança. Ele ficou em Silvanesti para enfrentar o mal sozinho. Eu me opus a essa decisão dele, mas ele disse que tinha o poder necessário para evitar que o mal destruísse nossa terra natal. Com o coração partido eu conduzi meu povo para um lugar seguro e ele está lá até hoje. Mas eu voltei para procurar meu pai, pois o tempo está passando e nós não tivemos notícias dele.

— Mas, a senhora não tem guerreiros, para acompanhá-la em uma jornada tão perigosa? — Tanis perguntou.

Alhana, virou-se e olhou para Tanis como se estivesse admirada dele ter se intrometido na conversa deles. No princípio, ela deu a impressão de que se recusaria a lhe responder, mas depois olhando para o rosto dele mais tempo, ela mudou de idéia

— Vários guerreiros se ofereceram para me escoltar — ela disse orgulhosa — Mas, quando disse que tinha conduzido meu povo para um lugar seguro, eu estava sendo precipitada. Não existe mais segurança neste mundo. Os guerreiros ficaram para trás para proteger o povo. Eu vim para Tarsis na esperança de encontrar guerreiros para viajarem comigo para Silvanesti. Eu me apresentei ao Lorde e ao Conselho como manda o protocolo...

Tanis balançou a cabeça e franziu a sobrancelha carrancudo

— Isso foi uma estupidez — ele disse com aspereza — Primeiro você deveria saber o que eles pensam a respeito dos elfos... até mesmo antes dos dragonianos surgirem! Você teve muita sorte de eles só terem te expulsado da cidade.

O rosto branco de Alhana tornou-se ainda mais cândido, se é que isso era possível. Os olhos escuros dela reluziram

— Eu fiz o que manda o protocolo — ela respondeu; a educação dela não lhe permitia demonstrar mais raiva do que ela havia deixado transparecer no tom frio de sua voz — Se agisse de outra forma eu estaria me comportando como um bárbaro. Quando o Lorde se recusou a me ajudar, eu disse que pretendia buscar ajuda por conta própria. Fazer menos que isso não teria sido honroso.

Flint, que tinha sido capaz de entender somente pedaços da conversa em élfico, cutucou Tanis.

— Ela e o cavaleiro vão se dar muito bem — Ele arquejou — A não ser que a honra deles os mate primeiro — Antes que Tanis pudesse responder Sturm se juntou novamente ao grupo.

— Tanis — Sturm disse animado — os cavaleiros encontraram a antiga biblioteca! E por isso que eles estão aqui. Eles encontraram registros em Palanthas dizendo que o conhecimento sobre os dragões dos tempos antigos estava guardado na biblioteca aqui em Tarsis. O Conselho dos Cavaleiros os enviou para ver se a biblioteca tinha sobrevivido ao Cataclismo.

Sturm fez um gesto para que os cavaleiros se aproximassem

— Este é Brian Donner, Cavaleiro da Espada — ele disse — Aran Arcolongo, Cavaleiro da Coroa e Teodorico Guardiãorreal, Cavaleiro da Rosa — os cavaleiros fizeram uma mesura.

— E este é Tanis Meio Elfo, nosso líder — Sturm disse. O meio elfo viu Alhana olhar para ele espantada e depois olhar de novo para Sturm para ver se ela tinha ouvido direito.

Sturm apresentou Gilthanas e Flint, depois virou-se para Alhana

— Lady Alhana — ele começou a dizer, depois parou embaraçado ao perceber que não sabia mais nada a respeito dela.

— Alhana Arestelar — Gilthanas terminou — Filha do Orador das Estrelas. Princesa dos elfos de Silvanesti.

Os cavaleiros fizeram outra mesura, curvando-se mais baixo desta vez.

— Aceitem minha sincera gratidão por terem me salvado — Alhana disse com a voz serena. O olhar dela percorreu o grupo todo, mas demorou-se um pouco mais em Sturm. Depois, ela virou-se para Teodorico, que ela sabia ser o líder pelo fato de pertencer à Ordem da Rosa — Você encontrou os registros que o Conselho o enviou para procurar?

Enquanto ela falava, Tanis examinava com interesse os cavaleiros que agora estavam sem capuz. Ele tinha conhecimento suficiente para saber que o Conselho dos Cavaleiros (a sociedade que governava os cavaleiros solâmnicos) tinha enviado os melhores. Ele estudou Teodorico em particular, o mais velho e de posto mais elevado. Poucos cavaleiros chegavam à Ordem da Rosa. Os testes eram difíceis e perigosos e somente cavaleiros de linhagem pura a ela podiam pertencer.

— Nós encontramos um livro, minha dama — Teodorico disse — escrito em uma língua antiga que nós não conseguimos entender. Mas tinha desenhos de dragões, por isso nós íamos copiá-lo e voltar para Sancrist, onde tínhamos esperança de que os catedráticos

fossem capazes de traduzi-lo. No entanto, nós encontramos alguém capaz de lê-lo. O kender...

— Tasslehoff! — Flint explodiu.

— Tanis ficou de boca aberta — Tasslehoff? — ele repetiu incrédulo — Ele mal consegue ler comum. Ele não conhece nenhuma língua antiga. O único dentre nós que poderia talvez ser capaz de traduzir uma língua antiga seria Raistlin.

Teodorico encolheu os ombros

O kender tem uns óculos que ele diz serem os “óculos mágicos da visão da verdade.” Ele colocou os óculos e conseguiu ler o livro. O livro diz...

— Eu sou capaz de imaginar o que ele diz! — Tanis interrompeu — Histórias sobre autômatos, anéis mágicos de teletransporte e plantas que se alimentam de ar. Onde está ele? Eu vou ter uma conversinha com Tasslehoff Pés Ligeiros.

— Óculos mágicos da visão da verdade — Flint resmungou — E eu sou um anão da ravina.

Os companheiros entraram num prédio destruído. Eles seguiram Teodorico através de uma pequena arcada, pisando por cima do entulho. Havia um cheiro forte de mofo e bolor. A escuridão era intensa e por causa da claridade do sol da tarde lá fora, seus olhos tiveram que se acostumar com a escuridão e durante um momento todos eles ficaram cegos. Teodorico então acendeu uma tocha, e eles viram uma escada longa e curva que descia para um lugar ainda mais escuro.

— A biblioteca foi construída no subsolo — Teodorico explicou — Essa é provavelmente a única razão pela qual ela sobreviveu tão bem ao Cataclismo.

Os companheiros desceram as escadas rapidamente e alguns momentos depois se encontravam dentro de uma enorme sala. Tanis respirou fundo e até mesmo os olhos de Alhana arregalaram-se ao ver o que revelava a luz bruxuleante da tocha. A sala gigantesca estava cheia de prateleiras de madeira que iam até o teto e se estendiam até onde a vista conseguia enxergar. Nas prateleiras havia livros. Livros de todos os tipos. Livros com capa de couro, livros encapados com madeira, livros encapados com alguma coisa que parecia ser folhas de alguma árvore exótica. Muitos deles nem estavam encadernados, eram simplesmente um feixe de pergaminhos presos uns aos outros com fitas negras. Várias prateleiras tinham tombado e esparramado seus livros no chão, que tinha uma camada de livros que batia no tornozelo.

— Deve haver milhares de livros! — Tanis disse maravilhado — Como foi que vocês conseguiram encontrar um livro em particular no meio de tantos?

Teodorico balançou a cabeça

— Não foi fácil — ele disse — Nós passamos vários dias aqui embaixo procurando. Quando finalmente o descobrimos, sentimos mais desespero do que triunfo, pois era óbvio que o livro não podia ser removido. Quando tocávamos as páginas, elas se esfarelavam e viravam pó. Nós ficamos assustados com medo de que teríamos de gastar longas e cansativas horas copiando o livro. Mas o kender...

— Certo, o kender — Tanis disse com ironia — Cadê ele?

— Aqui! — disse uma voz estridente.

Tanis espiou a sala mal iluminada e viu uma vela queimando em cima de uma mesa. Tasslehoff estava sentado em uma cadeira alta de madeira inclinado sobre um livro grosso. Quando se aproximaram dele, os companheiros viram uns pequenos óculos sobre o nariz dele.

— Muito bem, Tas — Tanis disse — Onde você os conseguiu?

— Consegui o que? — o kender perguntou inocentemente. Ele viu os olhos de Tanis se estreitarem e colocou a mão nos pequenos óculos de aros de arame — Ah, uh, os óculos? Eu os tinha em uma bolsa... e, bem, já que você quer saber, eu os encontrei no reino dos anões...

Flint grunhiu e cobriu o rosto com a mão.

— Eles estavam largados em cima de uma mesa! — Tas protestou ao ver a cara feia de Tanis — Juro! Não tinha ninguém por perto. Eu achei que alguém o tivesse colocado no lugar errado. Eu só os peguei para guardá-los. Ainda bem. Algum ladrão poderia tê-los roubado e eles são muito valiosos! Eu ia devolvê-los, mas depois nós ficamos tão ocupados combatendo os anões negros e os dragonianos, a descoberta do Martelo e eu... meio que... esqueci que estava com eles. Quando me lembrei deles nós já estávamos a quilômetros de distância dos anões, indo na direção Tarsis, e não achei que você fosse querer que eu voltasse só para devolvê-los, então...

— O que é que eles fazem? — Tanis interrompeu o kender senão ele continuaria contando aquela história até a manhã do dia seguinte.

— Eles são magníficos — Tas disse apressadamente, aliviado por que Tanis não ia gritar com ele — Eu os deixei em cima de um mapa um certo dia

Tas deu um tapinha em sua caixa de mapas — Eu olhei para baixo e adivinha o que aconteceu? Eu era capaz de ler o que estava escrito no mapa através dos óculos! Isso pode não parecer nada de mais — Tas disse apressado ao ver

Tanis começou a franzir as sobrancelhas — mas esse mapa estava escrito numa língua que eu nunca tinha conseguido compreender antes. Então, eu experimentei os óculos com todos meus mapas e eu conseguia lê-los, Tanis! Todos eles! Mesmo aqueles muito, muito velhos!

— E você nunca disse nada para nós? — Sturm disse olhando de um modo feroz para Tas.

— Bem, é que o assunto nunca veio à baila — Tas disse se desculpando — Agora, se você tivesse me perguntado diretamente "Tasslehoff, você tem um par de óculos mágicos da visão da verdade?"... aí eu teria lhe contado a verdade. Mas, você nunca perguntou, Sturm Montante Luzente, por isso não me olhe desse jeito. De qualquer forma, eu sou capaz de ler esse livro velho. Deixe-me lhe dizer o que eu...

— Como você sabe que eles são mágicos e não apenas um aparelho mecânico dos anões? — Tanis perguntou achando que Tas estava escondendo alguma coisa.

Tas engoliu em seco. Ele tinha esperança que Tanis não lhe perguntasse isso.

— Uh — Tas gaguejou — E... eu acho que eu, mais ou menos, uh, falei deles para Raistlin uma noite quando vocês todos estavam ocupados fazendo alguma outra coisa. Ele me disse que eles poderiam ser mágicos. Para ter certeza, ele falou aquelas palavras estranhas de mágica dele e os óculos... uh... começaram a brilhar. Isso significava que eles eram encantados. Ele me perguntou o que eles faziam e eu fiz uma demonstração, então ele disse que eles eram "óculos da visão da verdade". Os anões usuários de mágica de antiga mente os fizeram para ler livros escritos em outras línguas e... — Tas parou.

— E? — Tanis insistiu.

— E... uh... grimórios mágicos — Tas disse com a voz reduzida a um sussurro.

— E o que mais Raistlin disse?

— Que se eu tocasse em seus livros de magia ou olhasse para eles mesmo que de lado, ele me transformaria em um grilo e m...me e...engoliria i...inteiro

— Tasslehoff gaguejava. Ele ergueu os olhos arregalados para Tanis — E eu acreditei nele.

Tanis balançou a cabeça. Raistlin sempre inventa uma ameaça terrível o suficiente para inibir a curiosidade de um kender.

— Mais alguma coisa? — ele perguntou.

— Não, Tanis — Tas disse inocentemente. Na verdade Raistlin tinha mencionado mais alguma coisa sobre os óculos, mas, Tas não

tinha sido capaz de compreendê-la muito bem. Algo sobre os óculos enxergarem verdade demais nas coisas, o que não fez muito sentido, então ele achou que não valia a pena mencionar isso. Além do que, Tanis já estava irritado o suficiente.

— Bem, e o que você descobriu? — Tanis perguntou com relutância.

— Ah, Tanis, é tão interessante! — Tas disse agradecido pelo fato do ordálio ter terminado. Ele virou uma página cuidadosamente, mas mesmo assim ela se separou do livro e se despedaçou entre seus dedos pequenos. Ele balançou a cabeça, com tristeza — Isso acontece quase sempre. Mas, você pode ver aqui — os outros se inclinaram para ver o que havia embaixo do dedo do kender — gravuras de dragões. Dragões azuis, dragões vermelhos, dragões negros, dragões verdes. Eu não sabia que existiam tantos tipos assim. Agora, vocês estão vendo isto? — ele virou outra página — Ops! Bem, vocês não conseguem ver agora, mas tratava-se de uma enorme bola de vidro. E... pelo menos é o que diz o livro... se tiver uma destas bolas de vidro, você consegue controlar os dragões e eles farão o que você mandar!

— Bola de vidro! — Flint torceu o nariz e depois espirrou — Não acredite nele, Tanis. Acho que a única coisa que esses óculos fizeram, foi aumentar suas histórias.

— Eu estou dizendo a verdade! — Tas disse indignado — Elas são chamadas de orbes dos dragões e você pode perguntar a Raistlin sobre elas! Ele deve saber, porque de acordo com o livro, elas eram feitas pelos grandes feiticeiros há muito tempo atrás.

— Eu acredito em você — Tanis disse sério ao ver que Tasslehoff estava realmente chateado — Mas, eu temo que isso não vá nos ajudar muito. É provável que os orbes tenham sido todos destruídos no Cataclismo e de qualquer forma nós não saberíamos onde procurar por eles...

— Ah, nós, sabemos — Tas disse empolgado — Aqui tem uma lista de lugares onde eles eram guardados. Veja... — ele parou e levantou a cabeça. — Psiii —, ele disse enquanto ouvia. Os outros ficaram quietos. Durante um momento eles não ouviram nada, depois, eles ouviram o que a audição aguda do kender já tinha detectado.

As mãos de Tanis ficaram frias; ele sentiu o sabor amargo e seco do medo espalhar-se em sua boca. Agora ele conseguia ouvir o barulho de centenas de cometas tocando à distância. Clarins que todos eles já tinham escutado antes. O rugido dos clarins de metal que anunciava a aproximação dos exércitos dragonianos... e a aproximação dos dragões.

Os clarins da morte.

7

**DESTINADOS A NÃO NOS ENCONTRARMOS
NOVAMENTE NESTE MUNDO!**

Os companheiros tinham acabado de chegar no mercado quando o primeiro bando de dragões chegou em Tarsis.

O grupo tinha se separado dos cavaleiros e não tinha sido uma separação agradável. Os cavaleiros tentaram convencê-los a fugir com eles para as colinas. Quando eles se recusaram, Teodorico ordenou que Tasslehoff os acompanhasse, pois só o kender sabia a localização dos orbes dos dragões. Tanis sabia que Tas ia fugir dos cavaleiros e foi obrigado a recusar novamente.

— Venha conosco e traga o kender, Sturm — Teodorico ordenou, ignorando Tanis.

— Eu não posso, senhor — Sturm respondeu e colocou a mão no braço de Tanis — Ele é meu líder e minha primeira lealdade é para com meus amigos.

A voz de Teodorico estava fria de raiva

— Se essa é sua decisão — ele respondeu — eu não posso lhe impedir.

Mas, isto é uma marca negra contra você, Sturm Montante Luzente. Lembre-se que você não é um cavaleiro. Não, ainda. Reze para eu não estar lá, quando a pergunta sobre seu cavalheirismo for feita diante do Conselho!

Sturm ficou tão pálido quanto a morte. Ele olhou de soslaio para Tanis, que tentou esconder sua surpresa diante desta revelação surpreendente. Mas, não havia tempo para pensar sobre isso. O som dos clarins ecoando dissonantes no ar frio chegava mais perto a cada segundo que passava. Os cavaleiros e os companheiros separaram-se; os cavaleiros foram na direção de seu acampamento nas colinas e os companheiros voltaram para a cidade.

Eles encontraram o povo da cidade fora de suas casas especulando sobre o estranho chamado dos clarins, o qual eles nunca tinham escutado antes e portanto não sabiam o que significava. Um único tarsiano ouviu os clarins e compreendeu. O Lorde na câmara do conselho levantou-se. Virando-se, ele deu de cara com o dragoniano que se encontrava sentado nas sombras atrás dele com um ar de satisfação estampado no rosto.

— Você disse que nós seríamos poupados! — o Lorde disse por entre os dentes cerrados — Nós ainda estávamos negociando...

— O Senhor dos Dragões cansou-se da negociação — o dragoniano disse reprimindo um bocejo — E a cidade será poupada... depois que os cidadãos aprenderem uma lição, é claro.

O lorde apoiou a cabeça nas mãos. Os outros membros do conselho que não entendiam totalmente o que estava acontecendo, entreolharam-se aterrorizados ao compreenderem o significado das lágrimas que escorriam por entre os dedos do Lorde.

Lá fora, já era possível ver centenas de dragões vermelhos no céu. Eles voavam em grupos com três a cinco membros e suas asas cintilavam como chamas vermelhas sob o sol poente. O povo de Tarsis só sabia de uma coisa: a morte voava acima deles.

Enquanto os dragões voavam baixo, dando suas primeiras passadas sobre a cidade, a dragofobia fluiu e espalhou um pânico que era mais mortal que o próprio fogo. O povo tinha apenas uma coisa em mente quando as sombras das asas encobriram a luz do sol que se punha... fugir.

Mas, não havia como fugir.

Depois da primeira passagem, sabendo que não encontrariam nenhuma resistência os dragões atacaram. Um atrás do outro, eles traçaram um círculo no céu, depois mergulharam como um projétil vermelho em brasa e com o hálito flamejante envolvendo os edifícios um após o outro. À medida que se espalhava, o fogo criava sua própria corrente de vento. A fumaça que fazia o povo sufocar tomou conta das ruas e transformou o crepúsculo em noite. Cinzas caíam dos céus como uma chuva negra. Gritos de terror transformaram-se em gritos de agonia do povo que morria naquele abismo de chamas em que Tarsis havia se transformado.

E, enquanto os dragões atacavam, um mar de pessoas enlouquecidas pelo medo agitava-se nas ruas iluminadas pelas chamas. Poucos tinham alguma noção de onde estavam indo. Alguns gritavam dizendo que estariam em segurança nas colinas, outros corriam para o velho litoral, outros ainda tentavam chegar aos portões da cidade. Acima deles os dragões voavam e queimavam o que bem entendiam e matavam a seu bel prazer.

O mar humano atingiu Tanis e os companheiros, esmagando-os nas ruas, separando-os e espremendo-os contra os edifícios. A fumaça fazia-os engasgar e ardia nos olhos, as lágrimas cegavam-

nos enquanto eles lutavam para controlar a dragofobia que ameaçava destruir o poder de raciocínio deles.

O calor era tão intenso que prédios inteiros se partiam. Tanis apanhou Gilthanas quando o elfo foi jogado contra a parede de um edifício. Segurando-o, o meio elfo podia apenas assistir impotente enquanto o restante de seus amigos era varrido para longe pela multidão.

— Voltem para a Hospedaria! — Tanis gritou — Nos encontramos na

Hospedaria — mas não dava para saber se eles tinham ouvido ou não. A única coisa que ele podia fazer era esperar que todos eles tentassem ir naquela direção.

Sturm segurou Alhana nos braços, meio carregando e meio arrastando a moça pelas ruas repletas de dor e morte. Ele tentou

enxergar os outros através das cinzas, mas era inútil. Aí então, começou a mais desesperada batalha que eleja tinha enfrentado; ele se esforçava para manter-se em pé e dar apoio a Alhana contra o vai e vem das pavorosas ondas da multidão que se jogavam sobre eles.

Então, Alhana foi-lhe arrancada dos braços pela multidão que gritava e pisava em tudo que estivesse vivo no caminho. Sturm jogou-se no meio da multidão, empurrando e batendo com o corpo e os braços protegidos pela armadura e conseguiu agarrar o punho de Alhana. Ela tremia de medo e estava mortalmente pálida. Ela agarrou-se às mãos dele com toda a força até que finalmente ele conseguiu puxá-la para perto de si. Uma sombra os cobriu. Um dragão que gritava cruelmente lançou-se sobre a rua onde homens, mulheres e crianças se agitavam como gado. Sturm agachou-se no vão de uma porta e arrastou Alhana consigo, protegendo-a com o corpo quando o dragão passou voando pouco acima da cabeça deles. As ruas encheram-se de chamas e os gritos daqueles que morriam eram de cortar o coração.

— Não olhe! — Sturm sussurrou para Alhana apertando-a contra si, enquanto lágrimas escorriam em seu rosto. O dragão passou e de repente as ruas se tornaram horrível e insuportavelmente quietas. Nada se movia.

— Vamos sair daqui, enquanto podemos — Sturm disse com a voz trêmula. Agarrando-se um ao outro, os dois cambalearam para fora da porta com os sentidos ainda dormentes, movendo-se completamente por instinto. Por fim, enjoados e tontos por causa do cheiro de carne humana queimada e pela fumaça, eles foram obrigados a buscar abrigo em outra porta.

Durante um momento, eles não conseguiam fazer nada a não ser se abraçarem agradecidos pela breve trégua, mas ainda assombrados por saber que em segundos eles teriam de retornar para o perigo das ruas.

Alhana descansou a cabeça contra o peito de Sturm. Ela sentiu o frio da armadura antiga e fora de moda contra sua pele. A superfície dura do metal dava-lhe segurança e Alhana podia ouvir o coração dele bater rápido, firme e de forma tranquilizadora sob o metal. Os braços que a seguravam eram fortes, rígidos e bem definidos. A mão dele alisava seus cabelos negros.

Alhana, uma casta donzela de um povo rígido e austero, já sabia há muito tempo, quando, onde e com quem ela iria se casar.

Ele era um lorde élfico e havia um entendimento mútuo entre eles de que eles nunca se tocariam durante todos esses anos desde que o casamento tinha sido arranjado. Ele ficara com o povo, enquanto Alhana voltaria para procurar o pai. Ela tinha perambulado por esse mundo de humanos e seus sentidos ficaram atordoados com o choque. Ela os detestava, mas estava fascinada por eles. Eles eram tão poderosos, suas emoções eram rudes e indomadas. E, justamente quando ela pensou que fosse odiá-los e desprezá-los para sempre, um deles destacava-se entre todos os outros.

Alhana olhou para o rosto sofrido de Sturm e viu entalhado nele o orgulho, a nobreza, a disciplina rígida e inflexível e uma busca constante da perfeição... uma perfeição inatingível. E por isso havia essa profunda tristeza em seus olhos. Alhana sentiu-se atraída por esse homem... esse humano. Rendendo-se à sua força e confortada por sua presença, ela sentiu um calor doce e abrasador tomar conta dela e, de repente, ela percebeu que ela corria mais perigo com esse tipo de fogo do que com o fogo de mil dragões.

— É melhor irmos andando — Sturm sussurrou gentilmente, mas para sua surpresa, Alhana afastou-se dele.

— Nós nos separamos aqui — ela disse com a voz fria como o vento da noite — Eu tenho de voltar para meu alojamento. Obrigado por escoltar-me.

— O que? — Sturm disse — Ir sozinha? Isso é loucura — ele estendeu a mão e segurou o braço dela — Eu não posso permitir... — ele se deu conta de que havia agido de maneira errada, quando percebeu que ela havia ficado rígida. Ela não se moveu, fitou-o simplesmente de forma imperiosa até ele a soltar.

— Eu tenho meus próprios amigos — ela disse — assim como você. Sua lealdade é para com os seus. Minha lealdade é para com os meus. Cada um de nós deve tomar seu rumo — a voz dela falhou quando ela percebeu uma dor intensa no rosto de Sturm ainda molhado de lágrimas. Por um momento Alhana achou que não conseguiria resistir e se perguntou se teria forças para continuar. Depois, ela pensou no seu povo que dependia dela. Então encontrou a força necessária — Eu lhe agradeço por sua gentileza e sua ajuda, mas eu preciso ir agora enquanto as ruas estão vazias.

Sturm olhou para ela, magoado e confuso. Então, seu rosto ficou sério — Eu fico contente por ter sido útil, Lady Alhana. Mas, a

senhora ainda corre perigo. Permita-me acompanhá-la até o alojamento, depois eu não a incomodarei mais.

— Isso é impossível — Alhana disse rangendo os dentes para manter a mandíbula firme no lugar — Meu alojamento não é longe e meus amigos esperam por mim. Nós temos uma maneira de sair da cidade. Perdoe-me por não levá-lo comigo, mas eu nunca tenho certeza se posso confiar nos humanos.

Os olhos castanhos de Sturm brilharam. Alhana, que estava próxima a ele, conseguia sentir o corpo dele tremer. Mais uma vez ela quase voltou atrás em sua decisão.

— Eu sei onde você está hospedado — ela disse engolindo em seco — Na Hospedaria Dragão Vermelho. Talvez... se eu encontrar meus amigos... nós poderíamos lhe oferecer ajuda...

— Não se preocupe — a voz de Sturm refletiu a frieza dela — E não me agradeça. Eu não fiz nada além daquilo que o Código exige de mim. Adeus — ele disse e começou a se afastar.

Depois, lembrando-se de alguma coisa, ele retornou. Tirou de seu cinto o reluzente broche de diamantes e colocou-o na mão de Alhana.

— Tome — ele disse. Ele viu a dor que ela tentava esconder quando olhou nos olhos escuros dela. A voz dele ficou mais suave, embora ele não conseguisse entender — Estou feliz por você ter confiado esta gema aos meus cuidados — ele disse gentilmente — mesmo que tenha sido por pouco tempo.

A jovem elfa fitou a jóia por um instante e depois começou a tremer. Ela ergueu os olhos para Sturm e viu neles, não o escárnio como ela esperava, e sim compaixão. Mais uma vez, ela ficou maravilhada com os humanos. Alhana abaixou a cabeça, incapaz de manter o olhar e pegou a mão dele. Depois, ela colocou a jóia na palma de Sturm e dobrou os dedos dele sobre a jóia.

— Guarde isto — ela disse calmamente — Quando olhar para ela, pense em Alhana Arestelar e saiba que em algum lugar, ela também está pensando em você.

De repente, os olhos do cavaleiro se encheram de lágrimas. Ele curvou a cabeça, incapaz de falar. Depois beijou a gema e colocou-a cuidadosamente de volta no cinto, mas quando estendeu as mãos para Alhana, ela já havia retornado para o vão da porta e tinha o rosto pálido virado de lado.

— Por favor, vá — ela disse. Sturm ficou parado durante um segundo, indeciso, mas por causa de sua honra, ele não conseguiria se recusar a atender ao pedido dela. O cavaleiro virou-se e voltou para a rua aterrorizante.

Alhana observou-o por um instante ali da porta, uma concha protetora formando-se em volta dela.

— Perdoe-me Sturm — ela sussurrou consigo mesma. Ela fez uma pausa — Não, não me perdoe — ela disse com aspereza — Agradeça-me.

Ela fechou os olhos e conjurou uma imagem na mente, enviando uma rápida mensagem para os arredores da cidade, onde alguns amigos esperavam para levá-la para longe deste mundo de humanos. Ao receber uma resposta telepática deles, Alhana suspirou e começou a vasculhar ansiosamente os céus cheios de fumaça enquanto esperava.

— Ah! — disse Raistlin calmamente quando o primeiro chamado do clarim quebrou a calma da tarde — Eu não disse?

Vendaval olhou irritado para o mago enquanto pensava no que fazer. Que Tanis pedisse para proteger o grupo dos guardas da cidade era uma coisa, mas protegê-lo de exércitos de dragonianos, de dragões! Os olhos escuros de Vendaval examinaram

cuidadosamente o grupo. Tika levantou-se e colocou a mão na espada. A jovem era bravia e calma, mas ainda uma amadora. O homem da planície ainda conseguia ver na mão dela, as cicatrizes dos ferimentos que ela própria tinha se infligido.

— O que é isso? — Elistan perguntou com um ar desconcertado.

— E o Senhor dos Dragões atacando a cidade — Vendaval respondeu com rispidez enquanto tentava pensar.

Ele ouviu um tinido metálico. Caramon estava se levantando, o grande guerreiro parecia estar calmo e impassível. Ainda bem. Apesar de detestar Raistlin, Vendaval tinha que admitir que o mago e o irmão guerreiro combinavam aço e magia de forma eficiente. Ele viu também Laurana, que parecia tranqüila e resoluta, mas por outro lado, ela era uma elfa e Vendaval ainda não tinha aprendido a confiar nos elfos.

— Saíam da cidade se não retornarmos — Tanis tinha dito. Mas, Tanis não tinha previsto isto! Se saíssem da cidade, eles dariam de cara com os exércitos do Senhor dos Dragões nas planícies. Vendaval agora tinha uma boa idéia de quem os estava observando enquanto eles viajavam para este lugar condenado. Ele praguejou consigo mesmo em sua língua natal, depois (quando os primeiros dragões voavam sobre a cidade) ele sentiu o braço de Lua Dourada em torno de si. Ele a viu sorrir quando olhou para baixo (era o sorriso da Filha do Líder) e viu a fé nos olhos dela. Fé nos deuses e fé nele. Ele relaxou, seu breve momento de pânico tinha passado.

Uma onda de choque atingiu o prédio. Eles conseguiam ouvir os gritos nas ruas e o rugir do hálito de fogo.

— Nós temos que sair deste andar e voltar para o térreo — Vendaval disse

Caramon, traga a espada do cavaleiro e as outras armas. Se Tanis e os outros estão... — e parou. Ele ia dizer "vivos ainda," mas viu o rosto de Laurana

Se escaparem, Tanis e os outros voltarão para cá. Nós esperaremos por eles.

— Excelente decisão! — sibilou o mágico com sarcasmo —

Especialmente por que nós não temos nenhum lugar para ir!

Vendaval o ignorou

Elistan, leve os outros para baixo. Caramon e Raistlin, fiquem comigo um pouco — depois que os outros haviam saído, ele disse rapidamente. — Na minha maneira de ver, teremos melhores chances se ficarmos aqui e nos entrincheirarmos dentro da Hospedaria. As ruas serão fatais.

— Quanto tempo vocês acham que conseguiremos resistir? —
Caramon perguntou.

Vendaval balançou a cabeça.

— Horas, talvez — ele disse.

Os irmãos olharam para ele, os dois pensavam nos corpos torturados que eles haviam visto no vilarejo dos Que-shu, e o que eles tinham ouvido falar sobre a destruição de Solace.

— Nós não podemos ser pegos vivos — Raistlin sussurrou.

Vendaval respirou fundo.

— Vamos resistir o mais que pudermos — ele disse com a voz um pouco trêmula — mas, quando percebermos que não conseguiremos resistir mais...

Ele parou e, incapaz de continuar, colocou a mão na faca, pensando naquilo que ele teria de fazer.

— Isso não será necessário — Raistlin disse calmamente — Eu tenho ervas. Basta colocar um pouquinho em um copo de vinho. É bem rápido e sem dor.

— Você tem certeza? — Vendaval perguntou.

— Confie em mim — Raistlin respondeu — Eu sou um perito na arte. Eu sou um ervanário — ele corrigiu rapidamente, ao ver o homem das planícies estremecer.

— Se estiver vivo — Vendaval disse calmamente — Eu mesmo darei a ela... depois... eu mesmo bebo. Se não...

— Eu entendo. Você pode confiar em mim — o mago repetiu.

— E Laurana? — Caramon perguntou — Você conhece os elfos.

Ela não irá...

— Deixe isso comigo — Raistlin repetiu calmamente.

O homem das planícies olhou para o mago e sentiu o horror tomar conta de si. Raistlin estava em pé diante dele, tranqüilo, com os braços cruzados dentro das mangas das vestes e com o capuz sobre a cabeça. Vendaval olhou para sua adaga e ponderou sobre a alternativa. Não, ele não conseguiria fazê-lo. Não desse jeito.

— Muito bem — ele disse, engolindo em seco. Ele fez uma pausa com medo de descer as escadas e enfrentar os outros. Mas, o barulho das mortes na rua estava ficando cada vez mais alto. Vendaval virou-se abruptamente na direção da porta e deixou os irmãos gêmeos sozinhos.

— Eu morrerei lutando — Caramon disse a Raistlin, tentando falar num tom casual. No entanto, depois das primeiras poucas palavras, a voz do grande guerreiro falhou — Raist, me prometa que você pegará estas coisas, se eu... não estiver aqui...

— Não haverá necessidade — Raistlin disse simplesmente — Eu não tenho força para sobreviver a uma batalha desta magnitude. Eu morreria enquanto estivesse conjurando alguma mágica.

Tanis e Gilthanas tiveram dificuldades para atravessar a multidão, o meio elfo, que era mais forte, segurava o elfo enquanto eles empurravam, unhavam e abriam caminho no meio da massa em pânico. O tempo todo, eles se abaixavam para se abrigarem dos dragões. Gilthanas torceu o joelho, caiu no vão de uma porta e viu-se obrigado a mancar de dor, apoiando-se no ombro de Tanis.

O meio elfo fez uma prece de gratidão quando avistou a Hospedaria Dragão Vermelho, uma prece que se transformou numa imprecação quando ele viu as formas negras reptilianas aproximando-se da porta da frente. Tanis arrastou Gilthanas, que cambaleava cegamente exaurido pela dor, para o vão de uma porta.

— Gilthanas! — Tanis gritou — A Hospedaria! Está sendo atacada!

Gilthanas levantou os olhos vidrados e olhou sem entender nada. Depois, aparentemente compreendendo o que acontecia, ele suspirou e chacoalhou a cabeça — Laurana — ele arfou e lançou-se para frente, tentando sair da porta

— Nós temos que alcançá-los — e caiu nos braços de Tanis.

— Fique aqui — o meio elfo disse ajudando-o a sentar-se — Você não pode andar. Eu tentarei atravessar a multidão. Eu vou dar a volta no quarteirão e entrar pelos fundos.

Tanis correu em frente entrando e saindo de portas, escondendo-se nos destroços. Ele estava a um quarteirão da Hospedaria quando ouviu um grito rouco. Virando-se para ver o que

se passava, ele viu Flint gesticulando freneticamente. Tanis atravessou a rua correndo.

— O que foi? — ele perguntou — Por que você não está com os outros... — o meio elfo parou — Oh, não — ele sussurrou.

O anão, que tinha o rosto sujo de cinzas e marcado pelas lágrimas, estava ajoelhado ao lado de Tasslehoff. O kender estava preso debaixo de uma viga que tinha caído na rua. O rosto de Tas, que parecia o rosto de uma criança esperta, estava pálido e a pele estava fria e úmida.

— Droga de kender desmiolado — Flint grunhiu — Ele tinha que deixar a casa cair em cima dele — as mãos do anão estavam machucadas e sangrando, por ter tentado levantar uma viga que exigiria três homens ou um Caramon para tirá-la de cima do kender. Tanis colocou a mão no pescoço de Tas. A pulsação estava muito fraca.

— Fique com ele! — Tanis disse, desnecessariamente — Eu vou até a Hospedaria. Eu trarei Caramon!

Flint olhou para Tanis com tristeza, depois olhou para a Hospedaria. Os dois podiam ouvir os gritos dos dragonianos e ver as armas dele brilhando sob a luz do fogo. De vez em quando uma luz antinatural flamejava na Hospedaria... era a magia de Raistlin. O anão balançou a cabeça. Ele sabia que Tanis seria capaz de voltar com Caramon tanto quanto ele era capaz de voar.

Mas, Flint conseguiu sorrir

— Claro que eu ficarei com ele, rapaz. Adeus, Tanis

Tanis engoliu em seco e tentou responder, mas depois desistiu e saiu correndo.

Raistlin, que tossia tanto que mal conseguia ficar em pé, limpou o sangue dos lábios e tirou uma pequena bolsa de couro de um dos bolsos mais escondidos de suas vestes. Só tinha lhe restado uma magia e ele mal tinha energia para conjurá-la. Agora, com as mãos tremendo de fadiga, ele tentou jogar o conteúdo da pequena bolsa dentro de uma jarra de vinho que ele tinha pedido para Caramon trazer antes da batalha começar. Mas, suas mãos tremiam violentamente e os acessos de tosse faziam seu corpo se curvar.

Então, ele sentiu uma outra mão segurar a sua. Olhando de lado ele viu Laurana. Ela pegou a bolsa dos dedos frágeis do mago. A mão dela também estava manchada com o sangue verde escuro dos dragonianos.

— O que é isto? — ela perguntou.

— Ingredientes para uma magia — o mago engasgou —
Despeje-o no vinho.

Laurana acenou com a cabeça e despejou a mistura como ele instruía. A substância desapareceu instantaneamente.

— Não a beba — o mago avisou-a quando o acesso de tosse passou. Laurana olhou para ele.

— O que é isso?

— Uma poção para dormir — Raistlin sussurrou com os olhos brilhando. Laurana deu um sorriso irônico

— Você acha que teremos dificuldades para dormir hoje à noite?

— Não é esse tipo de poção — Raistlin respondeu, fitando-a intensamente

— Esta poção imita a morte. As batidas do coração diminuem a quase nada, a respiração quase pára, a pele fica fria e pálida, as pernas e os braços ficam duros.

Os olhos de Laurana se arregalaram

— Por que... — ela começou a perguntar.

— Para ser usada como um último recurso. O inimigo pensa que você está morto e deixa você no campo de batalha... se você tiver sorte. Se não...

— Se não? — ela insistiu, o rosto pálido.

— Bem, sabe-se que algumas pessoas já acordaram em suas piras durante o funeral — Raistlin disse tranquilamente — Mas, eu não acredito que exista muita chance de isso acontecer conosco.

Respirando com mais facilidade, ele sentou-se, abaixando-se involuntariamente no exato momento em que uma flecha perdida passou voando acima de sua cabeça e caiu no chão atrás dele. Ele viu a mão de Laurana tremer e percebeu que ela não estava tão calma quanto queria demonstrar.

— Você está querendo que nós tomemos isso? — ela perguntou.

— Nos poupará de sermos torturados pelos dragonianos.

— Como você sabe disso?

— Confie em mim — o mago disse com um sorriso rápido.

Laurana olhou para ele e estremeceu. Absorta, ela limpou os dedos manchados de sangue na armadura de couro. O sangue não saiu, mas ela não percebeu. Uma flecha atingiu a parede perto dela produzindo um ruído surdo. Ela nem se mexeu, só deu uma olhada desanimada para a flecha.

Caramon surgiu cambaleando do meio da fumaça do saguão que estava pegando fogo. Ele sangrava de um ferimento de flecha no ombro; o sangue vermelho dele misturado com o sangue verde do inimigo.

— Eles estão derrubando a porta da frente — ele disse, arquejando — Vendaval disse pra gente voltar pra cá.

— Preste atenção! — Raistlin avisou — A porta da frente não é o único lugar por onde eles estão entrando! — Ouviu-se o barulho da porta que saía da cozinha e dava para a viela dos fundos se estilhaçando.

Prontos para se defenderem, Caramon e Laurana viraram-se assim que a porta foi despedaçada. Uma figura alta e escura entrou.

— Tanis! — Laurana gritou. Ela correu na direção dele guardando a arma.

— Laurana! — ele respirou. Pegando-a nos braços, ele a segurou perto de si, quase soluçando de alívio. Depois, Caramon colocou os braços em volta dos dois, abraçando-os.

— Como estão todos? — Tanis perguntou, assim que conseguiu falar.

— Até agora, tudo bem — Caramon disse, espiando atrás de Tanis. Seu rosto ficou sério quando ele viu que o meio elfo estava só — Onde está...

— Sturm se perdeu — Tanis disse exausto — Flint e Tas estão do outro lado da rua. O kender está preso debaixo de uma viga. Gilthanas está a cerca de dois blocos daqui. Ele está machucado — Tanis disse a Laurana — Não é nada grave mas ele não conseguia mais caminhar.

— Bem-vindo, Tanis — Raistlin sussurrou e tossiu — Você chegou exatamente na hora de morrer conosco.

Tanis olhou para a jarra e depois, vendo a bolsa negra perto dela no chão, ele olhou para Raistlin, chocado.

— Não — ele disse com firmeza — Nós não vamos morrer. Pelo menos, não como o... — ele parou de repente — Reúna todo mundo.

Caramon movia-se lentamente, gritando como um louco. Vendaval correu, vindo do saguão comum de onde ele atirava as flechas dos inimigos de volta contra eles, pois suas próprias flechas tinham se acabado há muito tempo. Os outros o seguiram, sorrindo para Tanis esperançosos.

Ao ver a fé que eles tinham em si, o meio elfo ficou furioso. Algum dia eu ainda vou decepcioná-los, ele pensou. Talvez, eu já os

tenha decepcionado. Ele balançou a cabeça com raiva.

— Ouçam! — ele gritou, tentando se fazer ouvir apesar de todo o barulho que os dragonianos estavam fazendo lá fora — Nós podemos tentar escapar pelos fundos! Só tem uma pequena força atacando a hospedaria. A parte mais importante do exército ainda não chegou à cidade.

— Alguém está atrás de nós — Raistlin murmurou. Tanis concordou com a cabeça

— Parece que sim. Não temos muito tempo. Se conseguirmos chegar às colinas...

De repente ele ficou calado e levantou a cabeça. Todos eles ficaram quietos, ouvindo, reconhecendo o grito estridente e o estalar de enormes asas de couro aproximando-se cada vez mais.

— Abriguem-se! — Vendaval gritou. Mas, era tarde demais.

Ouviu-se um gemido e um estrondo. A hospedaria de três andares de altura feita de pedra e madeira balançou como se fosse de areia e gravetos. O ar encheu-se de poeira e destroços. Chamas irromperam lá fora. Acima deles podia-se ouvir o barulho de madeira estalando e rachando e o som abafado de madeira caindo. O prédio começou a desmoronar.

Os companheiros assistiam tomados de um fascínio estupificador, paralisados pela visão das gigantescas vigas do teto estremecendo sob a pressão do telhado que já tinha desmoronado sobre os andares superiores.

— Saiam todos! — Tanis gritou — O lugar todo está...

A viga acima do meio elfo, soltou um rangido, depois trincou e partiu. Tanis agarrou Laurana pela cintura, arremessou-a o mais longe possível dele e viu Elistan em pé junto à entrada da hospedaria, pegá-la nos braços.

Quando a enorme viga sobre Tanis estremeceu e cedeu soltando um estalo, ele ouviu o mago gritar algumas palavras estranhas. Depois ele começou a cair na escuridão... e parecia que o mundo tinha caído em cima dele.

Sturm virou a esquina e viu a Hospedaria Dragão Vermelho desmoronar levantando uma nuvem de chamas e fumaça, enquanto um dragão subia em direção ao céu acima dele. O coração do cavaleiro bateu desordenadamente de dor e medo.

Ele abaixou-se rapidamente em uma porta, escondendo-se nas sombras no momento em que alguns dragonianos passavam por ele, rindo e conversando em sua estranha língua gutural. Aparentemente eles estavam assumindo que este trabalho tinha terminado e estavam procurando alguma outra diversão. Ele percebeu que outros três dragonianos vestidos com uniformes azuis e não vermelhos, pareciam estar extremamente irritados com a destruição da hospedaria e agitavam os punhos para o dragão vermelho que voava acima deles.

Sturm sentiu a fraqueza do desespero tomar conta dele. Ele se encostou contra a porta e assistia entediado aos dragonianos, pensando no que fazer a seguir. Será que todos eles ainda estavam lá? Talvez eles tenham escapado. Então, seu coração deu um salto. Ele viu um clarão branco.

— Elistan! — ele gritou ao ver o clérigo emergir dos escombros arrastando alguém com ele. Os dragonianos de espadas na mão corriam na direção do clérigo gritando em comum para ele se entregar. Sturm soltou o grito de desafio de um cavaleiro solâmnico para um inimigo e se afastou da porta que o abrigava. Os

dragonianos Viraram-se na direção dele, bastante desconcerta dos por verem o cavaleiro.

Sturm teve a impressão de haver uma outra figura correndo com ele. Dando uma olhada de lado, ele viu a luz do fogo refletida em um elmo de metal e ouviu o anão rugir. Em seguida, ele ouviu palavras mágicas vindas de uma porta.

Gilthanas, incapaz de levantar-se sem ajuda, tinha se arrastado e estava apontando para os dragonianos enquanto recitava uma magia. Dardos flame-jantes saltaram de suas mãos. Uma das criaturas caiu com a mão no peito, que estava em chamas. Flint pulou sobre um outro, batendo na cabeça dele com uma pedra enquanto Sturm derrubou o terceiro dragoniano com os punhos. Sturm pegou Elistan nos braços quando viu o clérigo cambalear para frente. Ele carregava uma mulher.

— Laurana! — Gilthanas gritou da porta.

A jovem elfa, que se sentia tonta e enjoada por causa da fumaça, ergueu os olhos vidrados.

— Gilthanas? — ela murmurou. Depois olhou para cima e viu o cavaleiro.

— Sturm — ela dizia confusa enquanto apontava de forma titubeante para trás dela — Sua espada, está aqui. Eu a vi...

Realmente, Sturm tinha visto um brilho prateado quase invisível sob os escombros. Era a espada dele e perto dela estava a espada de Tanis, a lâmina élfica de Kith-Kanan. Movendo um monte de pedras para o lado, Sturm recuperou reverentemente as espadas que estavam jogadas como se fossem artefatos debaixo de um monte de pedras que formavam um gigantesco e abominável monumento funerário. O cavaleiro prestou atenção para ver se ouvia ruído de alguém se mexendo, chamados ou gritos. O silêncio era mortal.

— Nós temos que sair daqui — ele disse calmamente e sem se mexer. Ele olhou para Elistan que contemplava os escombros com o rosto mortalmente pálido — E os outros?

— Eles estavam todos lá dentro — Elistan disse com a voz tremendo — E o meio elfo...

— Tanis?

— Sim. Ele entrou pela porta dos fundos, momentos antes do dragão atingir a hospedaria. Eles estavam todos juntos, bem no meio. Eu estava em pé bem embaixo do batente de uma porta. Tanis viu a viga quebrar. Ele jogou Laurana na minha direção. Eu a peguei e o teto desabou em cima deles. É impossível eles terem...

— Eu não acredito nisso! — Flint disse furioso e pulou sobre os escombros. Sturm o agarrou e o puxou de volta.

— Onde está Tas? — o cavaleiro perguntou ao anão com firmeza.

O rosto do anão entristeceu.

— Preso debaixo de uma viga — ele disse com o rosto pálido de dor e angústia. Ele agarrou o próprio cabelo com violência, derrubando o elmo — Eu tenho que voltar para o Tas. Mas, eu não consigo deixá-los, Caramon... O anão começou chorar e as lágrimas rolavam em sua barba — Aquele grande touro estúpido! Eu preciso dele. Ele não pode fazer isso comigo! E Tanis, também! — o anão praguejou — Droga, eu preciso deles!

Sturm colocou a mão no ombro de Flint

— Vá cuidar de Tas. Ele precisa de você agora. Os dragonianos estão perambulando pelas ruas. Nós todos vamos...

Laurana deu um grito tão doloroso e aterrorizador que o som atingiu Sturm como uma lança. Virando-se na direção dela, ele a segurou no momento em que ela começava a correr na direção dos escombros.

— Laurana! — ele gritou — Olhe para aquilo! Olhe só aquilo! — ele a chacoalhava, desesperado — Nada poderia estar vivo ali dentro!

— Como é que você sabe disso? — ela gritou com ele, furiosa, e livrou-se da mão dele. Colocando-se de joelhos, ela tentou erguer uma das pedras enegrecidas — Tanis! — ela gritou. A pedra era tão pesada que ela só conseguiu deslocá-la alguns centímetros.

Sturm, deprimido, observava sem saber o que fazer. De repente ele obteve sua resposta. Clarins! Cada vez mais próximos. Centenas, milhares de clarins. Os exércitos estavam invadindo. Ele olhou para Elistan que acenou com a cabeça numa triste compreensão. Os dois homens se apressaram na direção de Laurana.

— Minha querida — Elistan começou a dizer gentilmente — não há nada que você possa fazer por eles. Os vivos precisam de você. Seu irmão está ferido e o kender também. Os dragonianos estão invadindo. Ou nós fugimos agora e continuamos enfrentando esses monstros horríveis, ou perdemos nossas vidas numa dor inútil. Tanis deu a vida por você, Laurana. Não permita que esse sacrifício tenha sido em vão.

Laurana olhou para ele com o rosto sujo de fuligem e sujeira, marcado por lágrimas e sangue. Ela ouviu os clarins, ela ouviu Gilthanas chamando, ela ouviu Flint gritando alguma coisa sobre Tasslehoff morrendo, ela ouviu as palavras de Elistan. E, então, a chuva começou a cair dos céus, pois, o calor do fogo do dragão derretia a neve, transformando-a em água.

A chuva escorria no rosto dela, refrescando-lhe a pele febril.

— Ajude-me, Sturm — ela sussurrou com os lábios quase dormentes demais para formar palavras. Ele colocou o braço em volta dela. Ela levantou-se, tonta e nauseada por causa do choque.

— Laurana! — seu irmão a chamou. Elistan tinha razão. Os vivos precisavam dela. Ela tinha de ir com ele. Embora preferisse deitar nesse amontoado de pedras e morrer, ela tinha de ir. Era isso que Tanis faria. Eles precisavam dela. Ela tinha de partir.

— Adeus, Tanthalas — ela suspirou.

A chuva aumentou e caía gentilmente como se os próprios deuses chorassem por Tarsis, a Bela.

A água pingava na cabeça dele. Era fria e irritante. Raistlin tentou se virar e sair de baixo dela. Mas ele não conseguia se mover. Tinha alguma coisa pesada atrapalhando seus movimentos. Apavorado, ele tentou escapar de um modo desesperado. A medida que o medo percorria seu corpo, ele foi ficando totalmente consciente. Percebendo-se disso, o medo desapareceu. Raistlin estava no controle novamente e como havia sido ensinado, ele se esforçou para relaxar e estudar a situação.

Ele não conseguia ver nada. Estava totalmente escuro, então ele se viu forçado a confiar em seus outros sentidos. Primeiro, ele tinha que se livrar desse peso. Ele estava sendo esmagado e sufocado. Ele moveu os braços cuidadosamente. Ele não sentia dor e nada parecia estar quebrado. Esticando o braço, ele tocou em um corpo. Pela armadura e o cheiro só podia ser... Caramon. Ele deu um suspiro. Ele devia ter adivinhado. Usando toda sua força, Raistlin empurrou seu irmão para o lado e arrastou-se saindo debaixo dele.

O mago respirou com mais facilidade e enxugou a água que havia em seu rosto. Ele procurou o pescoço de Caramon na escuridão para sentir a pulsação. Ela estava forte, o corpo dele estava quente e a respiração era regular. Raistlin deitou-se no chão aliviado. Pelo menos, onde quer que estivesse, ele não estava sozinho.

E onde é que ele estava? Raistlin reconstruiu aqueles últimos momentos apavorantes. Ele se lembrava da viga partindo e Tanis tirando Laurana da direção da viga que caía. Ele se lembrava de ter conjurado uma magia, a última que ele teve forças para conjurar. A mágica percorreu-lhe o corpo, criando em volta dele e daqueles que estavam perto uma força capaz de protegê-los de objetos físicos. Ele se lembrava de Caramon jogando-se em cima dele, o prédio desmoronando em volta deles e uma sensação de estar caindo.

Caindo...

Ah. Raistlin entendeu tudo. Nós devemos ter atravessado o piso da hospedaria e caído na adega no subsolo. Tateando o chão de pedra em torno de si, o mago de repente percebeu que estava encharcado. Por fim, ele encontrou o que estava procurando... o Cajado de Magius. Seu cristal estava intacto; somente fogo de dragão seria capaz de danificar o Cajado que tinha sido dado a ele por Par-Salian nas Torres da Alta Magia.

— Shirak — sussurrou Raistlin e o Cajado iluminou-se. Sentando-se, ele olhou à sua volta. Sim, ele estava certo. Eles

estavam na adega da hospedaria.

Garrafas de vinho quebradas espalhavam seu conteúdo no chão. Barris de cerveja tinham se partido em dois. Não era só na água que ele estivera deitado.

O mago iluminou o chão com a luz do cajado. Lá estavam Tanis, Vendaval, Lua Dourada e Tika, todos agrupados perto de Caramon. Ele deu uma rápida inspeccionada em todos e achou que eles estavam bem. Havia destroços espalhados em volta deles. A viga estava inclinada e metade dela tinha atravessado os destroços indo apoiar-se no chão de pedra. Raistlin sorriu. Aquela magia tinha sido um belo trabalho. Mais uma vez eles estavam em débito com ele.

Isso, é claro, se não morrermos de frio, ele disse para si mesmo com amargura. Seu corpo tremia tanto que ele mal conseguia segurar o cajado. Ele começou a tossir. Isso seria a morte. Eles tinham que sair dali.

— Tanis — ele chamou, estendendo a mão para sacudir o meio elfo.

Tanis tinha sido jogado próximo à borda do círculo protetor de Raistlin.

Ele murmurou e mexeu-se. Raistlin sacudiu-o novamente. O meio elfo gritou cobrindo instintivamente a cabeça com os braços.

— Tanis, você está seguro — Raistlin sussurrou tossindo — Acorde.

— O que? — Tanis conseguiu sentar-se e olhou em volta — Onde... — então, ele se lembrou — Laurana?

— Ela não está aqui — Raistlin encolheu os ombros — Você conseguiu empurrá-la para fora do perigo...

— Sim... — Tanis disse, deitando-se novamente — E eu ouvi você dizendo umas palavras, mágica...

— É por isso que não fomos esmagados — Raistlin puxou as vestes ensopadas para junto de si, e tremendo, chegou-se mais perto de Tanis que olhava em volta, atordoado, como se tivesse aterrissado em uma das duas luas.

— Em nome do Abismo, onde é que...

— Nós estamos na adega da hospedaria — o mago disse — O piso cedeu e viemos parar aqui embaixo.

Tanis olhou para cima.

— Por todos os deuses — ele sussurrou admirado.

— Sim — Raistlin disse, enquanto seu olhar acompanhava o olhar de

Tanis — Nós estamos enterrados vivos.

Os companheiros avaliaram a situação em que se encontravam sob as ruínas da Hospedaria Dragão Vermelho. Não parecia haver

muita esperança. Lua Dourada cuidou dos ferimentos deles, que não eram mais graves graças à mágica de Raistlin. Mas, eles não tinham a menor idéia de quanto tempo tinham ficado inconscientes, ou do que se passava acima deles. Pior ainda, eles não tinham a mínima idéia de como eles poderiam escapar.

Caramon tentou mover cuidadosamente algumas das pedras que estavam acima de suas cabeças, mas toda estrutura rangeu e vergou. Raistlin, lembrou-o de imediato que ele não teria forças para conjurar nenhuma magia e Tanis, exausto, disse ao grandalhão que deixasse para lá. Eles sentaram-se na água, que subia gradualmente.

Como Vendaval havia dito, parecia ser uma questão do que os mataria primeiro: falta de ar, frio, a hospedaria cair sobre eles, ou afogamento.

— Nós poderíamos gritar por socorro — sugeriu Tika, tentando manter a voz firme.

— Neste caso, devemos acrescentar também os dragonianos à lista — Raistlin retrucou — Eles são as únicas criaturas lá em cima capazes de nos ouvir.

O rosto de Tika ficou vermelho e ela limpou os olhos rapidamente com a mão. Caramon lançou um olhar de reprovação para o irmão, depois, colocou os braços em volta de Tika e puxou-a para perto de si. Raistlin lançou um olhar de desprezo para os dois.

— Eu ainda não ouvi barulho nenhum lá em cima — Tanis disse intrigado — Você imaginaria que os dragões e os exércitos... — ele parou e seu olhar cruzou com o de Caramon. Os dois soldados acenaram lentamente com a cabeça em um sinal de repentina e triste compreensão.

— O que? — perguntou Lua Dourada olhando para eles.

— Nós estamos atrás da linha do inimigo — Caramon disse — Os exércitos dragonianos estão ocupando a cidade e muito provavelmente, quilômetros e mais quilômetros das terras. Não dá para fugir, mas mesmo que desse, não haveria nenhum lugar para onde ir.

Como se confirmando as palavras de Caramon, os companheiros ouviram ruídos acima deles. Eles conseguiram ouvir as vozes guturais dos dragonianos, que eles já conheciam muito bem.

— Eu acho que isto é perda de tempo — choramingou uma voz em comum que pelo sotaque devia pertencer a um goblin — Não tem ninguém vivo debaixo desses destroços.

— Diga isso ao Senhor dos Dragões, seus comedores de cachorro miseráveis — ralhou o dragoniano rangendo os dentes — Tenho certeza que Vossa Senhoria estará interessada na sua opinião. Ou melhor, o dragão dele estará interessado. Já receberam as ordens. Agora, cavem, todos vocês.

Ouvia-se o ruído de alguma coisa raspando e o barulho de pedras sendo removidas. A terra e o pó começaram infiltrar-se pelas rachaduras. A grande viga estremeceu levemente, mas manteve-se estável.

Os companheiros entreolharam-se quase sem fôlego, lembrando-se dos estranhos dragonianos que os tinham atacado na hospedaria.

— Alguém está atrás de nós — Raistlin tinha dito.

— O que é que estamos procurando nestes destroços? — disse um goblin em seu idioma — Prata? Jóias?

Tanis e Caramon, que falavam um pouco da língua dos goblins, esforçaram-se para ouvir.

— Não — disse o primeiro goblin que tinha reclamado das ordens —

Espiões ou algo assim que o Senhor dos Dragões deseja interrogar pessoalmente?

— Aqui? — perguntou o goblin atônito.

— Foi o que eu disse — o outro falou com rispidez — Você ouviu o que eu disse. Os homens lagartos disseram que eles estavam presos na hospedaria quando o dragão a destruiu. Disseram ainda que nenhum deles escapou, por isso o Senhor dos Dragões imagina que eles ainda devam estar aqui. Na minha opinião, os dragões fizeram a besteira e agora nós temos que pagar pelos erros deles.

Os ruídos da escavação e da movimentação de pedras foi ficando cada vez mais alto, assim como as vozes dos goblins que eram pontuadas ocasionalmente por uma ordem brusca na voz gutural dos dragonianos. Deve ter mais ou menos cinquenta deles lá em cima! Tanis pensou, atordoado.

Vendaval retirou calmamente a espada para fora da água e começou a enxugá-la. Caramon que sempre tinha o semblante sempre alegre ficou sombrio, soltou Tika e pegou a própria espada. Tanis não tinha uma espada, por isso Vendaval jogou-lhe sua adaga. Tika começou a sacar a espada, mas Tanis balançou a cabeça. Eles teriam pouca distância para lutar e Tika precisava de muito espaço. O meio elfo olhou inquisitivamente para Raistlin. O mago fez um sinal positivo com a cabeça

— Eu tentarei, Tanis — ele sussurrou — Mas, estou muito cansado. Muito cansado. Não consigo pensar, não consigo me concentrar — ele curvou a cabeça, tremendo violentamente por causa das vestes molhadas. Ele fez um tremendo esforço para não tossir e entregar a localização deles aos dragonianos, abafando a tosse na manga do robe.

Tanis percebeu que uma magia acabaria com ele, se ele a conseguisse conjurar. Mesmo assim, ele teria mais sorte do que o resto deles. Pelo menos, não seria pego vivo.

O ruído acima deles ficava cada vez mais alto. Os goblins são trabalhadores fortes e incansáveis. Eles queriam acabar logo com aquele trabalho para poderem voltar a saquear Tarsis. Lá embaixo os companheiros esperavam num silêncio sinistro. Um fluxo quase contínuo de terra e pedras esmagadas caía sobre eles juntamente com a água fresca da chuva. Eles empunhavam as armas. Em questão de minutos eles seriam descobertos.

Então, de repente ouviu-se um barulho diferente. Eles ouviram os goblins gritarem de medo e os dragonianos gritarem com eles ordenando-lhes que voltassem ao trabalho. Eles ouviram o barulho de pás e picaretas sendo largadas sobre as pedras acima deles, depois ouviram os dragonianos amaldiçoá-los tentando evitar o que parecia ser uma revolta geral dos goblins.

De repente ouviu-se acima do ruído estridente produzido pelos goblins um chamado claro e agudo que foi respondido por um outro

chamado ainda mais distante. Era como o chamado de uma águia voando sobre as planícies ao pôr do sol. Mas o primeiro chamado havia sido exatamente em cima deles.

Ouviu-se um grito — Um dragoniano. Ouviu-se então o som de alguma coisa rasgando... como se o corpo da criatura estivesse sendo dilacerado. Ouviram-se mais gritos e depois o barulho de aço sendo sacado das bainhas, mais um chamado e uma nova resposta... bem mais próxima agora.

— O que é isso? — Caramon perguntou de olhos arregalados
— Não é um dragão. Tem o som de... uma gigantesca ave de rapina!

— O que quer que seja, está fazendo os dragonianos em pedaços! Lua Dourada disse espantada enquanto eles ouviam. Os gritos pararam abruptamente, deixando um silêncio no ar que parecia ser ainda pior. Que novo mal teria substituído o antigo?

Depois começou o barulho de rochas e pedras, argamassa e madeira sendo erguidos e jogados na rua. O que quer que estivesse lá em cima tinha a intenção de alcançá-los!

— Seja lá o que for que comeu os dragonianos — sussurrou Caramon mal humorado — está agora atrás de nós!

Tika agarrou-se ao braço de Caramon mortalmente pálida. Lua Dourada arfou suavemente e até mesmo Vendaval pareceu perder um pouco de sua compostura estóica, olhando atentamente para cima.

— Caramon — Raistlin disse tremendo — cale a boca!

Tanis sentiu-se inclinado a concordar com o mago

— Estamos todos nos assustando a troco de na... — ele começou a dizer.

De repente algo se despedaçou com um estalo. Pedra e cascalho, argamassa e madeira caíram em volta deles com um estrondo. Eles procuraram se abrigar, quando uma enorme pata precipitou-se através dos escombros, com as garras brilhando sob a luz do cajado de Raistlin.

Procurando em vão abrigo sob as vigas quebradas ou debaixo de barris de cerveja os companheiros olharam assombrados quando a gigantesca garra desvencilhou-se dos destroços e partiu deixando atrás de si um grande buraco.

Tudo estava quieto. Durante um momento, nenhum dos companheiros ousou se mexer. Mas o silêncio permaneceu inalterado.

— Esta é nossa chance — Tanis sussurrou alto — Caramon, veja o que tem lá em cima.

Mas o grande guerreiro já se arrastava para fora do esconderijo, movendo-se pelo chão coberto de entulho da melhor forma possível. Vendaval seguiu-o com a espada na mão.

— Nada — disse Caramon intrigado enquanto olhava para fora.

Tanis, que se sentia nu sem a espada, aproximou-se e ficou em pé debaixo do buraco, olhando para cima. Para sua surpresa, uma figura escura apareceu sobre eles, formando uma silhueta contra o céu flamejante. Atrás da figura levantava-se uma enorme besta. Eles só conseguiram distinguir a cabeça da águia gigantesca, cujos olhos piscavam na luz do fogo da cidade, e o bico curvado de uma forma perversa brilhava sob a luz das chamas.

Os companheiros recuaram de medo, mas, era tarde demais. Obviamente a figura já os tinha visto. Ela chegou mais perto. Vendaval pensou, um pouco tarde, em pegar o arco. Caramon puxou Tika para mais perto de si com uma das mãos, enquanto segurava a espada com a outra.

A figura, porém, simplesmente se ajoelhou perto do buraco tomando cuidado ao pisar nas pedras soltas, e removeu o capuz que lhe cobria a cabeça.

— Nós nos encontramos outra vez, Tanis Meio Elfo — disse a voz fria, pura, e distante como as estrelas.

8

FUGA DE TARSIS.

A HISTÓRIA DOS ORBES DO DRAGÃO

Dragões voavam sobre a cidade destruída de Tarsis com suas asas coriáceas enquanto os exércitos dragonianos apinhavam-se como formigas para tomar posse. A tarefa dos dragões tinha sido completada. Em pouco tempo o Senhor dos Dragões os chamaria de volta e os manteria prontos para o próximo ataque. Mas, por ora, eles podiam descansar e eram carregados pelas correntes de ar superaquecidas que subiam da cidade em chamas, abatendo ocasionalmente os humanos que fossem tolos o suficiente para sair de seus abrigos. Os dragões vermelhos pairavam no céu em bandos bem organizados, planando e mergulhando em uma espécie de dança de morte circular.

Não existia nenhum poder em Krynn agora capaz de detê-los. Eles sabiam disso e jubilavam-se com essa vitória. Mas, de vez em quando, alguma coisa acontecia que interrompia suas danças. O líder de um dos bandos, por exemplo, recebeu um relatório de um confronto perto dos destroços de uma hospedaria. Um jovem dragão, macho, liderou seu bando até o local, murmurando consigo mesmo sobre a ineficiência dos comandantes das tropas. Também, o que é que se poderia esperar quando o Senhor dos Dragões é um hobgoblin balofo, que nem teve a coragem de acompanhar a tomada de uma cidade tão tranqüila quanto Tarsis?

O dragão vermelho suspirou, lembrando os dias de glória quando Verminaard os tinha liderado pessoalmente, sentado nas costas de Pyros. Ele sim tinha sido um Senhor dos Dragões! O dragão vermelho balançou a cabeça, desconsolado. Ah, ali estava o confronto. Ele podia ver claramente. Depois de mandar seu bando manter-se no ar, ele deu um vôo rasante para poder ver melhor.

— Pare! Eu lhe ordeno!

O dragão vermelho parou no ar e olhou para cima, espantado. A voz era forte e clara e veio da figura de um Senhor dos Dragões. Mas, o Senhor dos Dragões, certamente não era Toede! A julgar pela voz este Senhor dos Dragões, apesar de vestir um manto grosso e usar a máscara e a armadura reluzente de escamas de dragão dos Senhores, era humano e não hobgoblin. Mas de onde tinha vindo este Senhor dos Dragões? E por que? Pois, para espanto do dragão vermelho, ele viu que o Senhor dos Dragões cavalgava um enorme dragão azul e era ajudado por vários bandos de azuis.

— Qual é sua ordem, Senhor dos Dragões? — o dragão vermelho perguntou com severidade — E com que direito você nos faz parar, pois não há nada que lhe diga respeito nesta parte de Krynn?

— O destino da humanidade me diz respeito, quer seja nesta parte de Krynn ou noutra qualquer — o Alto Senhor dos Dragões retrucou — E o poder da minha espada me dá todo direito que preciso para comandá-lo, majestoso vermelho. Com respeito à minha ordem, eu lhe peço que capture esses desprezíveis humanos, mas, não os mate. Eles serão interrogados. Tragam-nos a mim. Você será bem recompensado.

— Olhe! — avisou uma jovem fêmea vermelha — Grifos!

O Senhor dos Dragões soltou uma exclamação de surpresa e desagrado. Os dragões olharam para baixo e viram três grifos surgirem de dentro da fumaça. Um pouco menor que a metade de um dragão vermelho, os grifos são notórios por sua ferocidade. As tropas de dragonianos espalharam-se como cinzas ao vento antes que as criaturas, de garras afiadas e bicos dilacerantes, arrancassem as cabeças dos homens répteis que tinham a infelicidade de serem pegos em seus caminhos.

O dragão vermelho resmungou de ódio e preparou-se para mergulhar juntamente com seu bando, mas o Senhor dos Dragões arremeteu-se na frente dele, fazendo com que ele recuasse.

— Eu lhe disse, eles não devem ser mortos! — o Senhor dos Dragões falou com severidade.

— Mas, eles estão escapando! — o dragão vermelho sibilou furioso.

— Deixe-os — o Senhor dos Dragões disse com frieza — Eles não vão longe. Eu o dispensei de seu dever neste caso. Retorne para o grupo principal. E se aquele idiota do Toede mencionar alguma coisa a respeito deste assunto, diga-lhe que o segredo de como ele perdeu o cajado de cristal azul não morreu com Lorde Verminaard. A memória de cotiliquê Toede está viva... em minha mente... e será conhecida pelos outros se ele ousar me desafiar!

O Senhor dos Dragões saudou-o, depois manobrou o dragão azul no ar e disparou atrás dos grifos, cuja tremenda velocidade permitia que eles escapassem carregando seus cavaleiros para bem além dos portões da cidade. O dragão vermelho observou os azuis desaparecerem no céu noturno em perseguição.

— Não deveríamos persegui-los, também? — perguntou a fêmea vermelha.

— Não — o macho vermelho respondeu pensativo, com os olhos flamejantes fixos na figura do Senhor dos Dragões que diminuía na distância — Com esse eu não me meto!

— Seus agradecimentos não são necessários, nem mesmo desejados — Alhana Arestelar cortou Tanis no meio da sentença porque ele gaguejava ao falar, de tão exausto que estava. Os companheiros cavalgaram sob a chuva impiedosa nas costas de três grifos, agarrando-se nas penas com as mãos nuas e olhando apreensivos para a cidade moribunda lá em baixo, que se distanciava rapidamente abaixo deles.

— E você não vai querer me agradecer depois que ouvir o que tenho a dizer — Alhana afirmou com frieza e olhou para Tanis que cavalgava atrás dela — Eu os salvei em meu próprio benefício. Eu preciso de guerreiros que me ajudem a encontrar meu pai. Nós estamos indo para Silvanesti.

— Mas, isso é impossível! — Tanis arfou — Nós temos que nos reunir com nossos amigos! Voe para as colinas. Nós não podemos ir para Silvanesti, Alhana. Existe muita coisa em jogo! Se conseguirmos

encontrar esses orbes do dragão, teremos uma possibilidade de destruir essas criaturas fétidas e acabar com essa guerra. Aí sim, poderemos ir para Silvanesti.

— Nós vamos para Silvanesti agora — Alhana retrucou — Você não tem escolha, Meio Elfo. Meus grifos obedecem meus comandos e somente meus comandos. Eles o rasgariam em pedaços, da mesma forma que fizeram com aqueles homens-dragão, se eu assim o ordenasse.

— Algum dia os elfos acordarão e descobrirão que são membros de uma vasta família — Tanis disse com a voz tremendo de raiva — Eles não podem mais ser tratados como a filha mais velha e mimada, à qual tudo foi dado, enquanto o resto de nós espera pelas migalhas.

— Dons que recebemos dos deuses que arranjamos. Vocês humanos e meio humanos — o escárnio em sua voz feria como um punhal — tiveram os mesmos dois e os jogaram fora em sua ganância. Nós somos capazes de lutar pela nossa própria sobrevivência sem sua ajuda. Quanto à sua sobrevivência, ela pouca nos importa.

— Você parece bastante disposta a aceitar nossa ajuda neste momento!

— Pela qual vocês serão bem recompensados — Alhana respondeu.

— Não existe aço ou jóias suficientes em Silvanesti para nos pagar...

— Você busca os orbes do dragão — Alhana interrompeu — Eu sei onde um deles está. Está em Silvanesti.

Tanis piscou. Por um momento ele não conseguiu dizer nada, mas a referência aos orbes do dragão trouxe-lhe de volta a

lembrança dos amigos.

— Onde está Sturm? — ele perguntou a Alhana — A última vez que o vi, ele estava com você.

— Eu não sei — ela respondeu — Nós nos separamos. Ele estava indo em direção à hospedaria para te encontrar. Eu chamei meus grifos.

— Por que você não o deixou levá-la para Silvanesti se precisava de guerreiros?

— Isso não é da sua conta — Alhana deu as costas para Tanis que ficou sentado sem dizer nada, cansado demais para pensar com clareza. Então, ele ouviu uma voz gritando por ele, quase indistinguível devido ao rufar das penas das poderosas asas do grifo.

Era Caramon. O guerreiro gritava e apontava atrás deles. O que seria agora? Tanis pensou, cansado.

Depois de terem deixado para trás a fumaça e as nuvens de tempestade que cobriam Tarsis eles voavam no límpido céu da noite. As estrelas piscavam acima deles, as luzes cintilantes brilhavam frias como diamantes, enfatizando o buraco negro no céu da noite, onde as duas constelações tinham deslizado em suas trajetórias sobre o mundo. Tanto a lua prateada quanto a vermelha tinham se posto, mas Tanis não precisava da luz delas para reconhecer as formas escuras que encobriam os brilho das estrelas.

— Dragões — ele disse para Alhana — Estão nos seguindo.

Depois do fato, Tanis nunca conseguiu se lembrar com clareza o pesadelo que tinha sido esse vôo de Tarsis. Foram horas de ventos gélidos e cortantes, que fizeram com que ser morto pelo hálito flamejante de um dragão parecesse uma coisa atraente. Foram

horas de pânico, olhando para trás e vendo as formas escuras aproximando-se deles, olhando até os olhos lacrimejarem e as lágrimas congelarem em suas bochechas, e ainda assim ser incapaz de dar-lhes as costas. Foi ter que parar ao entardecer, extenuados pelo medo e a fadiga, para dormir em cavernas em rochedos bem altos. Foi ter que despertar ao alvorecer e ver as formas aladas escuras ainda atrás deles enquanto eles subiam novamente em direção ao céu.

Poucas criaturas neste mundo conseguem voar mais rápido que o grifo com suas asas de águia. Mas, os dragões... os dragões azuis, os primeiros que eles viam, estavam sempre no horizonte, sempre perseguindo, não permitindo nenhum descanso durante o dia, obrigando os companheiros a se esconderem durante a noite, quando os grifos exaustos precisavam dormir. A comida era pouca, só havia quith-pa (uma provisão saudável feita com uma espécie de fruta seca, que sustenta o corpo, mas faz muito pouco para aplacar a fome) que Alhana havia trazido e distribuía. Mas até mesmo Caramon estava exausto e desanimado demais para comer muito.

A única coisa que Tanis se lembrava vividamente, ocorreu na segunda noite da jornada deles. Ele estava contando ao pequeno grupo reunido em volta do fogo em uma caverna úmida e triste, sobre a descoberta do kender na biblioteca de Tarsis. Ao mencionar os orbes do dragão, os olhos de Raistlin cintilaram e o rosto magro dele acendeu por dentro com um brilho ávido e intenso.

— Orbes do dragão? — ele repetiu suavemente.

— Achei que você poderia saber alguma coisa sobre eles —
Tanis disse — O que eles são?

Raistlin não respondeu imediatamente. Enrolado em dois mantos, o seu próprio e o do irmão, ele estava deitado o mais próximo possível do fogo e ainda assim seu corpo frágil tremia de frio. Os olhos dourados do mago fitavam Alhana, que estava sentada relativamente longe do grupo, dignando-se a compartilhar a caverna, mas não a conversa. Agora, porém, parecia que ela tinha virado a cabeça de lado para escutar.

— Você disse que existe um orbe do dragão em Silvanesti — o mago sussurrou olhando para Tanis — Com certeza, não sou a melhor pessoa para responder sua pergunta.

— Eu sei pouco sobre esse assunto — Alhana disse e virou o rosto pálido para a luz do fogo — Nós o guardamos como uma relíquia do passado, mais como uma curiosidade do que qualquer outra coisa. Quem acreditaria que os humanos mais uma vez despertariam esse mal e trariam os dragões de volta a Krynn?

Antes que Raistlin pudesse responder, Vendaval disse com raiva.

— Você não tem provas de que foram os humanos!

Alhana olhou com arrogância para o homem das planícies. Ela não respondeu, ela não iria se rebaixar a discutir com um bárbaro.

Tanis suspirou. Para o homem das planícies, os elfos tinham pouca utilidade. Demorou muito tempo até ele ser capaz de confiar em Tanis, demorou ainda mais para Gilthanas e Laurana. Bem agora que Vendaval parecia ter sido capaz de superar os preconceitos que ele havia herdado, Alhana com seus preconceitos, tinha aberto novas feridas.

— Muito bem, Raistlin — Tanis disse de forma silenciosa — conte-nos o que você sabe dos orbes do dragão.

— Traga minha bebida, Caramon — o mago ordenou. Trazendo a xícara de água quente como havia sido pedido, Caramon colocou-a na frente do irmão. Raistlin levantou-se, apoiando-se em um cotovelo e misturou as ervas na água. Aquele odor estranho e acre permeou o ar. Raistlin, fazendo uma careta, sorvia da mistura amarga enquanto falava.

Durante a Era dos Sonhos, quando os membros da minha ordem eram respeitados e reverenciados em Krynn, havia cinco Torres da Alta Magia — a voz do mago diminuiu como se ele estivesse lembrando coisas dolorosas. Seu irmão estava sentado com os olhos fixos no chão de pedra da caverna e o rosto sério. Ao ver a tristeza se abater sobre os dois irmãos, Tanis se perguntou

mais uma vez o que poderia ter acontecido dentro das Torres da Alta Magia para mudar suas vidas tão drasticamente. Ele sabia que era inútil perguntar. Os dois tinham sido proibidos de discutir esse assunto.

Raistlin fez uma pequena pausa antes de continuar, depois respirou fundo.

— Na época das Segundas Guerras dos Dragões, os elementos de posto mais elevado da minha ordem encontraram-se na maior das Torres... a Torre de Palanthas, e criaram os orbes do dragão.

Os olhos de Raistlin ficaram dispersos, sua voz sussurrante parou durante um momento. Quando voltou a falar, era como se ele estivesse contando um fato que ele revivia em sua mente. Até mesmo sua voz mudou, ficando mais forte, mais grave e mais clara. Ele não tossia mais. Caramon olhou para ele assombrado.

— Aqueles que usavam as vestes brancas entraram primeiro na câmara do alto da Torre, enquanto a lua prateada, Solinari, subia ao céu. Depois, Lunitari apareceu no céu, pingando sangue e aqueles que usavam vestes vermelhas entraram. Por fim, o disco negro, Nuitari, um buraco escuro entre as estrelas, pode ser visto por aqueles que o procuravam e os membros que usavam vestes negras entraram na câmara.

— Foi um momento estranho na história, quando toda a animosidade entre as Vestes foi suprimida. Isso só voltaria a acontecer mais uma vez no mundo, quando os feiticeiros se reuniram nas Batalhas Perdidas, mas essa vez não poderia ser prevista. Era suficiente saber que, naquele momento, o grande mal deveria ser destruído. Pois, finalmente nós tínhamos visto que o mal tinha a intenção de destruir toda a magia do mundo, para que somente sua magia sobrevivesse! Havia alguns, entre os magos de vestes negras que poderiam ter tentado se aliar a esse grande poder (Tanis viu os olhos de Raistlin flamejarem) mas eles logo perceberam que não seriam mestres dele, e sim seus escravos. E assim, os orbes do dragão nasceram, em uma noite em que todas as três luas estavam cheias no céu.

— Três luas? — Tanis perguntou calmamente, mas Raistlin não o escutou e continuou a falar com aquela voz que não era a dele.

— Uma mágica grande e poderosa foi feita naquela noite; tão poderosa que poucos foram capazes de suportá-la e eles caíram, com sua força física e mental drenadas. Mas na manhã seguinte havia cinco orbes do dragão sustentados por pedestais, eles reluziam com a luz e escureciam com as sombras. Com exceção de um deles, todos foram tirados de Palanthas e, correndo um grande risco, foram levados para cada uma das outras quatro Torres. Lá eles ajudaram a livrar o mundo da Rainha das Trevas.

O brilho febril desapareceu dos olhos de Raistlin. Seus ombros caíram, a voz abaixou e ele começou a tossir violentamente. Os outros o encararam num silêncio tão intenso que nem o respirar deles se ouvia.

Por fim, Tanis pigarreou.

— O que você quis dizer com três luas?

Raistlin olhou com um olhar sem brilho.

— Três luas? — ele sussurrou — Eu não sei nada sobre três luas. O que nós estávamos discutindo?

— Orbes do dragão. Você nos contou como eles foram criados. Como você... — Tanis parou ao ver Raistlin deitar-se em sua cama.

— Eu não disse nada — Raistlin disse irritado — Do que é que você está falando?

Tanis olhou para os outros. Vendaval balançou a cabeça. Caramon controlou-se e desviou os olhos, o rosto sério de preocupação.

— Nós estávamos falando dos orbes do dragão — Lua Dourada disse — Você ia dizer o que você sabia sobre eles.

Raistlin limpou o sangue da boca

— Eu não sei muita coisa — ele disse cansado, encolhendo os ombros — Os orbes do dragão foram criados pelos altos magos. Somente os membros mais poderosos da minha ordem seriam capazes de usá-los. Dizia-se que um grande mal cairia sobre aqueles que não eram fortes em mágica e tentassem comandar os orbes. Isso é tudo que eu sei. Todo conhecimento dos orbes do dragão pereceu durante as Batalhas Perdidas. Dois deles, assim se diz, foram destruídos na Queda das Torres da Alta Magia, preferiram destruí-los a permitir que a turba se apoderasse deles. O conhecimento dos outros três orbes morreu com os feiticeiros — ele se calou. Deitou-se na cama exausto e adormeceu.

— As Batalhas Perdidas, três luas, Raistlin falando com uma voz estranha. Nada disso faz sentido — Tanis murmurou.

— Eu não acredito em nada disso! — Vendaval disse com frieza. Ele alisou as peles, preparando-se para dormir.

Tanis começava a seguir o exemplo de Vendaval quando viu Alhana sair lentamente das sombras da caverna e parar em pé ao lado de Raistlin. As mãos dela se contorciam enquanto ela olhava para baixo, para o mago dormindo.

— Forte em mágica! — ela sussurrava com a voz cheia de medo — Meu pai!

Tanis olhou para ela e entendeu tudo.

— Você acha que seu pai tentou usar o orbe?

— Eu temo que sim — Alhana sussurrou impaciente, contorcendo as mãos — Ele disse que conseguiria enfrentar o mal sozinho e afastá-lo de nossas terras. Acho que ele quis dizer... — rapidamente, ela ajoelhou-se ao lado de Raistlin — Acorde-o! — ela ordenou com os olhos negros faiscando — Eu preciso saber! Acorde-o e faça com que ele me diga qual é o perigo!

Caramon afastou-a, de forma gentil, mas com firmeza. Alhana encarou-o com o lindo rosto deformado pelo medo e a fúria e, por um momento, pareceu que ela ia dar-lhe um soco, mas Tanis aproximou-se dela e segurou-lhe a mão.

— Lady Alhana — ele disse com calma — de nada adiantaria acordá-lo. Ele nos contou tudo que sabe. Com relação àquela outra voz, obviamente ele não lembra nada do que ela disse.

— Eu já vi isso acontecer ao Raist antes — Caramon disse com a voz baixa — como se ele se transformasse numa outra pessoa. Mas, isso sempre o deixa exausto e ele nunca lembra de nada.

Alhana arrancou a mão das mãos de Tanis, e seu rosto retomou a aparência de mármore, frio, puro e calmo. Ela virou-se e dirigiu-se para a entrada da caverna. Agarrando o cobertor que Vendaval tinha pendurado para bloquear a luz do fogo, ela quase o rasgou quando o jogou de lado e saiu da caverna pisando duro.

— Eu farei a primeira guarda — Tanis disse a Caramon — Vá descansar.

— Eu ticarei acordado um pouco com Raist — o grandalhão disse, abrindo a esteira perto de seu frágil irmão gêmeo. Tanis seguiu Alhana para fora da caverna.

Os grifos dormiam profundamente, com as cabeças enfiadas nas penas macias de seus pescoços e as garras das patas dianteiras firmemente agarradas à beirada do rochedo. Durante um momento ele não conseguiu ver Alhana na escuridão, mas depois avistou-a encostada contra uma grande rocha, chorando copiosamente com a cabeça apoiada nos braços.

Essa mulher orgulhosa de Silvanesti nunca o perdoaria se ele a visse fraca e vulnerável. Tanis agachou-se atrás do cobertor na entrada da caverna.

— Eu farei a guarda! — ele gritou bem alto antes de sair caminhando novamente. Tanis levantou o cobertor e viu Alhana disfarçadamente passar bem rápido as mãos no rosto. Ela virou as costas para ele e ele caminhou lentamente na direção dela, dando-lhe tempo de se recompor.

— A caverna estava sufocante — ela disse em voz baixa — Eu não conseguia suportar. Eu tive que sair para respirar.

— Eu faço a primeira guarda — Tanis disse. Ele fez uma pausa e depois continuou — Você parece estar com medo de que seu pai tenha tentado usar o orbe do dragão. Com certeza ele saberia a história do orbe. Se eu me lembro o que sei de seu povo, ele era um usuário de mágica.

— Ele sabia de onde o orbe veio — Alhana disse, a voz dela tremia até que ela conseguiu se controlar novamente — O jovem mago estava certo quando falou das Batalhas Perdidas e da destruição das Torres. Mas, ele estava errado quando disse que os outros três orbes estavam perdidos. Um foi trazido para Silvanesti por meu pai por motivo de segurança.

— O que foram as Batalhas Perdidas? — Tanis perguntou, encostando-se às rochas perto de Alhana.

— Não se mantêm as tradições em Qualinost? — ela retrucou, olhando para Tanis com escárnio — Em que tipo de bárbaros vocês se transformaram desde que começaram a se envolver com os humanos?

— Digamos que a culpa é minha — Tanis disse — Que eu não prestei a devida atenção ao Mestre do Conhecimento.

Alhana olhou de soslaio para ele, achando que ele estava sendo sarcástico. Vendo seu rosto sério e não querendo que ele a deixasse sozinha, ela decidiu responder sua pergunta.

— Enquanto Istar ascendia para glórias cada vez maiores durante a Era do Poder, o rei-sacerdote de Istar e seus clérigos foram ficando cada vez mais ciumentos do poder dos usuários de mágica. Os clérigos não viam mais a necessidade de magia no mundo; é claro que eles temiam a magia por ser uma coisa que eles não podiam controlar. Embora fossem respeitados, os próprios usuários de magia nunca gozaram de uma ampla credibilidade, nem mesmo aqueles que usavam as vestes brancas. Era simplesmente uma questão dos sacerdotes voltarem o povo contra os feiticeiros. À medida que os tempos foram se tornando cada vez mais malignos, os sacerdotes colocaram a culpa nos usuários de magia. As Torres da Alta Magia, onde os magos deviam passar seus duros testes finais, eram o lugar onde os poderes dos magos descansavam. As Torres se tornaram alvos naturais. Multidões as atacaram, e como seu jovem amigo disse, foi somente pela segunda vez na historia

delas que as Vestes se reuniram para defender seus últimos baluartes de força.

— Mas, como é que eles puderam ser derrotados? — Tanis perguntou, incrédulo.

— Como é que você pode perguntar isso, sabendo o que vocês conseguem com seu amigo mago? Ele é poderoso, mas ele precisa descansar. Até mesmo os mais fortes precisam de tempo para renovar suas magias, colocá-las novamente em suas memórias. Até mesmo os membros mais antigos da ordem (feiticeiros tão poderosos, que desde então nunca mais foram vistos poderes semelhantes aos seus em Krynn) tinham que dormir e passar horas lendo os livros de magia. E naquela época, como agora, o número de usuários de magia era pequeno. São poucos aqueles que ousam fazer o teste nas Torres da Alta Magia, sabendo que um fracasso significa a morte.

— Fracassar significa morrer? — Tanis disse calmamente.

— Sim — Alhana respondeu — Seu amigo tem de ser muito corajoso para ter feito o Teste tão jovem. Muito corajoso... ou muito ambicioso. Ele nunca te contou?

— Não — Tanis murmurou — Ele nunca fala disso. Mas continue. — Alhana deu de ombros

— Quando ficou claro que a batalha era inevitável, os próprios feiticeiros destruíram duas das Torres. As explosões devastaram toda a área a quilômetros de distância. Só restaram três: a Torre de Istar, a Torre de Palanthas, e a Torre de Wayreth. Mas a destruição das outras duas Torres assustou o rei-sacerdote. Ele concedeu aos feiticeiros das Torres da Istar e Palanthas um salvo-conduto nessas cidades se eles deixassem as Torres intactas, pois, os feiticeiros poderiam ter destruído as duas cidades, como o rei-sacerdote sabia muito bem.

“E, assim, os magos viajaram para a Torre que nunca tinha sido ameaçada: a Torre de Wayreth nos Montes Kharolis. Eles foram para Wayreth para cuidar de seus ferimentos e para alimentar a pequena fagulha de mágica que ainda restava no mundo. Os grimórios que eles não conseguiram levar (pois o número de livros era imenso e muitos deles estavam protegidos por magias) foram dados para a grande biblioteca em Palanthas e, de acordo com as tradições de meu povo, eles ainda estão lá.

A lua prateada nasceu e sua luz agraciou a filha de Silvanesti com uma beleza que fez Tanis perder o fôlego, apesar de sua frieza perfurar-lhe o coração.

— O que você sabe sobre uma terceira lua? — ele perguntou, fixando os olhos no céu noturno, trêmulo — Uma lua negra...

— Pouco — Alhana respondeu — O usuário de magia extrai seu poder das luas: os de vestes brancas de Solinari, os de vestes

vermelhas de Lunitari. De acordo com a tradição, existe uma lua que dá poder aos feiticeiros de vestes negras, mas somente eles sabem seu nome ou como encontrá-la no céu.

Raistlin sabia o nome dela, Tanis pensou, ou pelo menos aquela outra voz sabia. Mas, ele não disse isso em voz alta.

— Como seu pai conseguiu o orbe do dragão?

— Meu pai, Lorac, era um aprendiz — Alhana respondeu calmamente virando o rosto para a lua prateada — Ele viajou para a Torre da Alta Magia em Istar para fazer os Testes, aos quais ele sobreviveu. Foi lá que ele viu pela primeira vez o orbe do dragão — ela se calou por um instante — Eu vou lhe contar o que eu nunca contei a ninguém e o que ele nunca contou... exceto para mim. Eu te conto, somente porque você tem o direito de saber o que... o que esperar.

“Durante os Testes, o orbe do dragão... — Alhana hesitou, dando a impressão de estar buscando as palavras certas — falou com ele, em sua mente. O orbe temia que alguma calamidade terrível estivesse se aproximando. “Você não deve me deixar aqui em Istar” o orbe lhe disse. “Se você me deixar, eu morrerei e o mundo estará perdido.” Embora eu acredite que se possa dizer que meu pai roubou o orbe do dragão, ele via a si mesmo como um salvador do orbe.

“A Torre de Istar foi abandonada. O rei-sacerdote mudou-se para lá e a usou para fins pessoais. Por fim, os magos partiram da Torre de Palanthas — Alhana estremeceu — Essa é uma história terrível. O Regente de Palanthas, um discípulo do rei-sacerdote, chegou à Torre para selar os portões... assim disse ele. Mas, todos podiam ver seus olhos admirando gananciosamente a linda Torre, pois as lendas sobre as maravilhas que ela encerrava, tanto benignas quanto malignas, tinham se espalhado por toda as terras.

“O Feiticeiro de Vestes Brancas fechou os portões de ouro da torre e os trancou com uma chave de prata. O Regente estendeu as mãos, ávido pela chave, quando um dos magos de vestes negras apareceu numa janela em um dos andares superiores.

“Os portões permanecerão fechados e os salões vazios até o dia em que o mestre do passado e do presente retornar com poder” — ele gritou. Então o mago do mal pulou da janela, arremessando-se contra os portões. Quando as farpas furaram suas vestes negras, ele conjurou uma maldição sobre a Torre. Seu sangue escorreu no chão, os portões dourado e prateado, retorceram-se e murcharam como uma flor, tornando-se negros. A torre que cintilava com uma cor vermelha e branca, desbotou até adquirir um tom gelo-acinzentado de pedra e os minaretes negros se esfarelaram e se transformaram em pó.

“O Regente e o povo fugiram aterrorizados. Até hoje, ninguém ousou entrar na Torre de Palanthas... nem mesmo chegar perto dos portões. Foi depois da maldição da Torre que meu pai trouxe o orbe do dragão para Silvanesti.

— Mas seu pai com certeza sabia alguma coisa sobre o orbe antes de pegá-lo — Tanis insistiu — Como usá-lo...

— Se ele sabia, não disse nada sobre isso — Alhana disse cansada — pois, isso é tudo que eu sei. Preciso descansar agora. Boa noite — ela disse a Tanis sem olhar para ele.

— Boa noite, Lady Alhana — Tanis disse gentilmente — Descanse bem esta noite. E não se preocupe. Seu pai é sábio e já passou por muita coisa. Tenho certeza de que tudo está bem.

Alhana ia passando por Tanis sem dizer uma palavra, mas ao ouvir a solidariedade na voz dele, ela hesitou.

— Embora tenha passado no Teste — ela falou de maneira tão suave que Tanis teve que chegar mais perto para ouvir — ele não era tão poderoso em sua mágica quanto seu jovem amigo é agora. E se ele pensou que o orbe do dragão era nossa única esperança, eu tenho medo que... — a voz dela engasgou.

— Os anões têm um ditado — ao sentir naquele momento que as barreiras entre os dois haviam sido baixadas, Tanis colocou o braço em volta dos delicados ombros de Alhana e trouxe-a para perto de si — “Problemas emprestados serão devolvidos com juros compostos de tristeza”. Não se preocupe. Nós a ajudaremos.

Alhana não respondeu. Ela se deixou ser confortada só por um instante, depois, afastando-se do toque de Tanis, caminhou na direção da entrada da caverna. Ali ela parou e olhou para trás.

— Você está preocupado com seus amigos — ela disse — Não precisa ficar. Eles fugiram da cidade e estão a salvo. Apesar de, por um momento, ter estado perto da morte, o kender sobreviveu e agora eles estão viajando em direção à Muralha de Gelo em busca de um orbe do dragão.

— Como você sabe disso? — Tanis arfou.

— Eu já lhe disse tudo que eu posso lhe dizer — Alhana balançou a cabeça.

— Alhana! Como você sabe? — Tanis perguntou carrancudo.

As bochechas dela tingiram-se de cor-de-rosa, Alhana murmurou.

— E... eu dei ao cavaleiro uma Jóia das Estrelas. Ele não sabe o poder que ela tem, é claro, nem como usá-la. Não sei porque eu a dei a ele, a não ser...

— A não ser o que? — Tanis perguntou estupefato.

— Ele foi tão galante, tão valente. Ele arriscou a vida para me salvar e ele nem mesmo sabia quem eu era. Ele me ajudou porque eu estava em dificuldades. E... — os olhos dela cintilaram — E ele chorou quando os dragões mataram as pessoas. Eu nunca tinha visto um adulto chorar antes. Mesmo quando os dragões vieram e

nos expulsaram de nossas casas, nós não choramos. Eu acho que talvez nós tenhamos esquecido como fazê-lo.

Então, como se achasse que tinha falado demais, ela apressadamente empurrou o cobertor de lado e entrou na caverna.

— Em nome dos deuses! — Tanis murmurou. Uma Jóia das Estrelas! Que presente raro e precioso! Um presente trocado por amantes élficos quando são forçados a se separar, a jóia cria um laço entre as almas. Conectados dessa forma, eles compartilham as emoções mais íntimas da pessoa amada, podendo assim dar forças um ao outro nas horas difíceis. Mas, durante a longa vida de Tanis, o meio elfo nunca tinha ouvido falar de uma Jóia das Estrelas ter sido dada a um humano. O que isso poderia fazer ao humano? Que tipo de consequência ela traria? E Alhana... ela jamais poderia amar um humano, nunca poderia lhe retribuir o amor. Isto deve ser algum tipo de paixão cega. Ela tem andado amedrontada e sozinha. Não, isto só poderia acabar em tristeza, a menos que algo tenha mudado drasticamente entre os elfos ou no íntimo da própria Alhana.

Apesar de Tanis se sentir aliviado por saber que Laurana e os outros estavam seguros, o coração dele também se apertava de medo e aflição por Sturm.

9

SILVANESTI. ENTRANDO NO SONHO

No terceiro dia, eles continuaram sua jornada, voando na direção do sol nascente. Aparentemente eles tinham deixado os dragões para trás embora Tika, que vigiava a retaguarda, achasse que era capaz de ver pontos negros na linha do horizonte. E naquela tarde, enquanto o sol baixava atrás deles, eles se aproximaram do rio conhecido como ThanThalas, o Rio do Senhor, que separava Silvanesti do mundo exterior.

A vida toda, Tanis tinha ouvido falar das maravilhas e da beleza do antigo Lar Élfico, embora os elfos de Qualinesti falassem disso sem arrependimento. Eles não sentiam falta das maravilhas perdidas de Silvanesti, pois as próprias maravilhas se tornaram um símbolo das diferenças que tinham se desenvolvido entre os parentes élficos.

Os elfos de Qualinesti viviam em harmonia com a natureza, desenvolvendo e realçando a beleza dela. Eles construíaam as casas entre os álamos, adornando os troncos de forma mágica com ouro e prata. Eles construíaam suas moradias com quartzo rosa cintilante e convidavam a natureza para vir morar com eles.

Os de Silvanesti, por outro lado, amavam a unicidade e a diversidade de todos os objetos. Se esse aspecto único não existisse naturalmente, eles moldavam a natureza para atender aos seus ideais. Eles tinham paciência e eles tinham tempo, pois, o que significavam séculos para os elfos, cuja expectativa de vida era medida em centenas de anos? Por isso, eles reformavam florestas inteiras, revolvendo a terra aqui, aparando ali, transformando a sua maneira, árvores e flores em jardins fantásticos de uma beleza incrível.

Eles não “construíam” moradias, eles esculpiam e moldavam as rochas de mármore que existiam naturalmente naquelas terras com formatos tão exóticos e magníficos, que antes das raças terem se tornado hostis, artesões anões viajavam milhares de quilômetros para vê-las e eles não conseguiam evitar chorar, diante de beleza tão rara. E, dizia-se que se um humano entrasse nos jardins de Silvanesti por acaso, ele não conseguiria partir, pois ficaria arrebatado para sempre, cativado por um lindo sonho.

Tanis conhecia tudo isso através das lendas, é claro, pois, ninguém de Qualinesti tinha colocado os pés no antigo lar desde as Guerras Fratricidas. Acreditava-se que nos cem anos que antecederam às guerras, nenhum humano tinha recebido permissão para entrar em Silvanesti.

— E as histórias... — Tanis perguntou para Alhana no momento que eles sobrevoavam os álamos, nas costas dos grifos — as histórias de humanos cativos da beleza de Silvanesti, incapazes de partir? Será que meus amigos teriam coragem de entrar nessas terras?

Alhana olhou para ele de soslaio.

— Eu sabia que os humanos eram fracos — ela disse com frieza — mas, eu não achava que eles fossem tão fracos. É verdade que os humanos não vão para Silvanesti, mas não é porque nós não deixamos que eles entrem. Certamente, nós não gostaríamos que nenhum deles ficasse lá. Se achasse que esse perigo existe, eu não deixaria vocês entrarem em minha terra natal.

— Nem mesmo Sturm? — irritado pelo tom cáustico da voz dela, ele não conseguiu evitar perguntar de forma irônica.

Mas ele não estava preparado para a resposta. Alhana torceu o corpo para poder olhá-lo de frente e virou-se tão rapidamente que seu cabelo longo e negro chicoteou a pele dele. O rosto dela estava tão pálido de raiva que parecia transparente e ele conseguia ver as veias pulsando debaixo da pele dela. Os olhos escuros pareciam sugá-lo para dentro de um abismo escuro.

— Nunca fale disso comigo! — ela disse por entre os dentes cerrados e com os lábios brancos — Nunca fale dele!

— Mas, a noite passada... — Tanis gaguejou atônito, colocando a mão no rosto que queimava.

— A noite passada nunca existiu — Alhana disse — Eu estava fraca, cansada e assustada. Como estava quando... quando conheci Stur... o cavaleiro. Estou arrependida de ter falado dele para você. Estou arrependida de ter-lhe contado sobre a Jóia das Estrelas.

— Você se arrepende de tê-la dado a ele? — Tanis perguntou.

— Eu me arrependo do dia em que coloquei meus pés em Tarsis — Alhana disse com a voz baixa e emocionada — Eu gostaria de nunca ter ido lá! Nunca! — ela virou-se de lado abruptamente, deixando Tanis com seus pensamentos sombrios.

Os companheiros tinham acabado de chegar ao rio e já conseguiam avistar a alta Torre das Estrelas que brilhava sob a luz do sol como um colar de pérolas, quando os grifos fizeram uma parada em seu vôo. Tanis, olhou para frente e não viu nenhum sinal de perigo. Mas os grifos continuavam a descer rapidamente.

Sem dúvida, parecia difícil acreditar que Silvanesti tinha sido atacada. Não havia nenhuma coluna de fumaça subindo ao céu que indicasse uma fogueira de acampamento, como haveria se os dragonianos tivessem ocupado o país. As terras não estavam enegrecidas e arruinadas. Ele conseguia ver, abaixo de si, o verde dos álamos fulgindo na luz do sol. Aqui e ali, os prédios de mármore pontilhavam a floresta com seu alvo esplendor.

— Não! — Alhana falou com os grifos em élfico — Estou mandando!

Continuem voando! Eu tenho que chegar à Torre!

Mas, os grifos continuaram a descer em círculos, ignorando-a.

— O que está acontecendo? — Tanis perguntou — Por que estamos parando? Já dá para ver a Torre. Qual é o problema? — ele olhou em volta — Eu não vejo nada com que precisemos nos preocupar.

— Eles se recusam a continuar — Alhana disse, com a testa franzida de preocupação — Os grifos não querem me dizer porquê,

mas daqui em diante teremos de viajar por conta própria. Não sei o que está acontecendo.

Tanis não gostou nada daquilo. Os Grifos eram conhecidos como criaturas ferozes e independentes, mais depois que a lealdade deles havia sido conquistada, eles serviam a seus mestres com uma devoção sem fim. A realeza élfica de Silvanesti sempre amestrou grifos para seu uso. Apesar de serem menores que os dragões, a velocidade dos grifos, as garras afiadas, os bicos dilacerantes e as patas traseiras com garras de leão, transformavam-nos em inimigos respeitados. Eles temiam muito pouca coisa em Krynn, ao menos era o que Tanis tinha ouvido dizer. Ele lembrou-se também que estes grifos tinham voado para Tarsis em meio a bandos de dragões sem ter demonstrado medo.

Mas agora, os grifos estavam obviamente com medo. Eles pousaram no leito do rio, recusando-se a obedecer às ordens imperiosas e furiosas de Alhana para seguirem adiante. Ao invés de fazerem isso, eles começaram a limpar as penas com os bicos e negavam-se resolutamente a obedecer.

Por fim, não havia mais nada que os companheiros podiam fazer a não ser descer das costas dos grifos e descarregar os

suprimentos. Então, as criaturas meio leão e meio ave abriram suas asas com uma dignidade feroz e apologética e levantaram vôo.

— Bem, é isso — disse Alhana categoricamente e, percebendo os olhares raivosos que eram dirigidos a ela, ignorou-os — Nós simplesmente teremos que andar, só isso. O caminho não é longe daqui.

Os companheiros ficaram desamparados no leito do rio e olhavam para a floresta que se encontrava do outro lado da água cintilante. Nenhum deles disse nada. Todos estavam tensos e alertas, à procura de possíveis problemas. Mas, tudo que eles viram foram os álamos brilhando sob os últimos raios do pôr do sol. O rio murmurava quando batia na praia. Embora os álamos ainda estivessem verdes, o silêncio do inverno cobria a terra.

— Eu achei que você tinha dito que seu povo havia fugido porque estava sendo sitiado? — Tanis disse para Alhana.

— Se esta terra está sob o controle de dragões, eu sou um anão da ravina! — Caramon bufou.

— Nós estávamos! — Alhana respondeu, perscrutando com os olhos a floresta iluminada pelo sol — Os dragões enchiam os céus, da mesma maneira que vimos em Tarsis! Os homens dragão entraram em nossas amadas florestas queimando e destruindo... — a voz faltou-lhe.

Caramon inclinou-se na direção de Vendaval e murmurou.

— Foi uma perseguição inútil.

O homem das planícies fez uma cara feia.

— Se for só isso, nós temos sorte — ele disse com os olhos na jovem elfa

— Por que ela nos trouxe aqui? Talvez seja uma armadilha.

Caramon pensou nisso por um instante, depois olhou inquieto para o irmão que não tinha se mexido, falado ou tirado os estranhos olhos da floresta desde que os grifos tinham partido. O grande guerreiro soltou a espada da bainha e deu um passo na direção de Tika. Quase que acidentalmente suas mãos se juntaram. Tika olhou assustada para Raistlin, mas segurou a mão de Caramon, apertado-a.

O mago manteve o olhar fixo na natureza.

— Tanis! — Alhana disse de repente, perdendo a cabeça em sua alegria e colocando a mão no braço dele — Talvez tenha dado certo! Talvez meu pai os tenha derrotado e nós podemos voltar para

casa! Ó, Tanis... — ela tremia de entusiasmo — Nós temos que atravessar o rio e descobrir! Venha! O ancoradouro da balsa é logo ali depois daquela curva...

— Alhana, espere! — Tanis chamou-a, mas ela já estava correndo sobre a grama macia ao longo da margem com suas longas saias flutuando em volta dos tornozelos — Alhana! Droga! Caramon e Vendaval, vão atrás dela. Lua Dourada, tente colocar juízo na cabeça dela.

Vendaval e Caramon trocaram olhares apreensivos, mas eles fizeram o que Tanis tinha ordenado e saíram correndo atrás de Alhana ao longo da margem do rio. Lua Dourada e Tika seguiram mais devagar.

— Quem sabe o que há nestas matas? — Tanis murmurou — Raistlin... O mago pareceu não ouvir. Tanis chegou mais perto

— Raistlin? — ele repetiu, vendo o olhar abstraído do mago.

Raistlin olhou estupidamente para Tanis como se estivesse acordando de um sonho. O mago então, percebeu que alguém estava falando com ele. Ele abaixou os olhos.

— O que foi Raistlin? — Tanis perguntou — O que você sente?

— Nada, Tanis — o mago respondeu. Tanis piscou

— Nada? — ele repetiu.

— É como um nevoeiro impenetrável, uma muralha branca — Raistlin sussurrou — Eu não vejo nada, eu não sinto nada.

Tanis olhou atentamente para o mago e percebeu que Raistlin estava mentindo. Mas, por que? O mago retribuiu o olhar do meio elfo com tranquilidade, até mesmo um sorriso pequeno e torto nos lábios finos, como se soubesse que Tanis não acreditava nele, mas não se importasse.

— Raistlin — Tanis disse calmamente — Suponhamos que Lorac, o rei elfo, tentasse usar o orbe do dragão; o que aconteceria?

O mago levantou os olhos e os fixou na floresta.

— Você acha que isso é possível? — ele perguntou.

— Sim — Tanis disse — pelo pouco que Alhana me contou, um orbe do dragão falou com Lorac durante os Testes na Torre da Alta Magia em Istar e lhe pediu que o salvasse do desastre iminente.

— E ele o obedeceu? — Raistlin perguntou, a voz macia como a água murmurante do antigo rio.

— Sim. Ele o trouxe para Silvanesti.

— Então, esse é o orbe do dragão de Istar — Raistlin sussurrou. Seus olhos ficaram entreabertos e depois ele suspirou, um suspiro de saudade — Eu não sei nada sobre os orbes do dragão — ele comentou friamente — exceto aquilo que eu já lhe disse. Mas, eu sei de uma coisa, Meio Elfo... nenhum de nós sairá de Silvanesti ileso, se é que sairemos.

— O que você quer dizer? Que perigo existe lá?

— De que importa o perigo que eu vejo? — Raistlin perguntou, enrolando as mãos nas mangas das vestes vermelhas — Nós temos de entrar em Silvanesti. Você sabe disso tão bem quanto eu. Ou você desistirá da oportunidade de encontrar um orbe do dragão?

— Mas, se você vê perigo, diga-nos! Pelo menos poderíamos entrar preparados... — Tanis começou a falar irritado.

— Então se prepare — Raistlin sussurrou calmamente, virando-se de lado ele começou a caminhar lentamente ao longo da praia de areia, atrás de seu irmão.

Os companheiros cruzaram o rio no momento em que os últimos raios de sol piscavam entre as folhas dos álamos na margem oposta. A lendária floresta de Silvanesti foi então gradualmente absorvida pela escuridão. As sombras da noite derramavam-se por entre os pés das árvores como a água escura fluindo debaixo da balsa.

A jornada foi lenta. A balsa (um barco de fundo chato, esculpido com ornamentos e ligado às duas praias pôr um elaborado sistema de cordas e roldanas), pareceu, à primeira vista, estar em boas condições. Mas depois que colocaram os pés a bordo e começaram a cruzar o antigo rio, eles descobriram que as cordas estavam apodrecendo. O barco começou a se deteriorar diante de seus olhos. O próprio rio pareceu mudar. Uma água vermelho-amarronzada penetrava pelo casco, contaminada com um leve cheiro de sangue.

Eles tinham acabado de sair do barco na margem oposta e estavam descarregando os suprimentos, quando as cordas desgastadas cederam e se partiram. Em poucos minutos o rio arrastou a balsa corrente abaixo. O crepúsculo desapareceu no mesmo instante e a noite os engoliu. Embora o céu estivesse claro, sem nenhuma nuvem para esconder sua superfície escura, não havia estrelas visíveis. Nem a lua vermelha nem a prateada tinham nascido. A única luz vinha do rio, que parecia luzir com um brilho doentio, como um carniçal.

— Raistlin, seu cajado — Tanis disse. A voz dele soou excessivamente alta em contraste com o silêncio da floresta. Até

mesmo Caramon encolheu-se de medo.

— Shirak — Raistlin disse a palavra de comando e o globo de cristal incrustado na garra do dragão tremeluziu e acendeu-se. Mas era uma luz fria e pálida. A única coisa que ela parecia iluminar, eram os estranhos olhos de ampulheta do mago.

— Nós temos que entrar na floresta — Raistlin disse com a voz trêmula. Virando-se ele deu de cara com a imensidão escura.

Ninguém mais disse nada, nem se mexeu. Eles ficaram parados na margem enquanto o medo tomava conta deles. Não havia nenhuma razão para isso acontecer e por esse motivo é que ele era ainda mais assustador, por ser ilógico. O medo os envolveu vindo do chão. Subiu pelos membros, transformou suas entranhas em líquido, sugou a força do coração e dos músculos e finalmente consumiu o cérebro.

Medo de que? Não havia coisa alguma ali, nada! Nada para se temer, e ainda assim, todos estavam mais aterrorizados com esse nada, do que eles jamais haviam estado em toda suas vidas.

— Raistlin tem razão. Nós... temos que... entrar na floresta... encontrar abrigo... — Tanis disse com um grande esforço e batendo os dentes — S... sigam Raistlin

Tremendo, ele cambaleou para a frente, sem saber se alguém o seguia e sem se importar se ninguém o fizesse. Atrás de si, ele podia ouvir Tika gemendo e Lua Dourada tentando fazer uma prece com lábios que não formariam uma palavra sequer. Ele ouviu Caramon gritar para o irmão parar e Vendaval gritar de terror, mas não importava. Ele tinha que correr e sair dali! A única coisa que o guiava era a luz do cajado de Raistlin.

Ele cambaleava desesperado atrás do mago para dentro da floresta. Mas, quando chegou às árvores, Tanis descobriu que estava sem forças. Estava assustado demais para se mover. Tremendo, ele caiu de joelhos, depois se lançou adiante, de gatinhas.

— Raistlin! — Sua garganta emitiu um grito escabroso.

Mas o mago não conseguiria ajudar. A última coisa que Tanis viu, foi a luz do cajado de Raistlin caindo lentamente ao chão, lentamente, e mais lentamente ainda, largado pelas mãos aparentemente sem vida do mago.

As árvores. As lindas árvores de Silvanesti. Árvores moldadas e transformadas ao longo dos séculos em bosques de prodígio e encantamento. As árvores estavam em toda parte em volta de Tanis. Mas, estas árvores agora tinham se virado contra seus mestres, transformando-se em bosques vivos de horror. As folhas trêmulas filtravam uma luz verde e doentia.

Tanis olhava em torno de si horrorizado. Ele já tinha visto muitos lugares estranhos e terríveis em sua vida, mas nenhum como este. Este, ele pensou, poderia deixá-lo louco. Ele virou-se freneticamente de um lado para o outro, mas não havia como

escapar. As árvores estavam em toda parte... as árvores de Silvanesti. Transformadas de forma hedionda.

A alma de cada árvore à volta dele parecia estar presa em tormento, aprisionada dentro do tronco. Os galhos torcidos da árvore eram os membros de seu espírito, contorcido em agonia. As raízes apegavam-se ao solo como garras numa tentativa desesperada de fugir. A seiva das árvores vivas escorria de enormes cortes no tronco. O farfalhar das folhas eram gritos de dor e terror. As árvores de Silvanesti lacrimejavam sangue.

Tanis não tinha a menor idéia de onde ele estava ou há quanto tempo estava ali. Ele lembrava-se de ter começado a caminhar na direção da Torre das Estrelas, a qual ele podia ver elevando-se acima da copa dos álamos. Ele tinha caminhado e caminhado e nada o tinha parado. Então, ele ouviu o kender gritar de terror, como o grito de um animal pequeno sendo torturado. Virando-se na direção do grito, ele viu Tasslehoff apontar para as árvores. Tanis, que olhava as árvores, aterrorizado, só depois de algum tempo compreendeu que não era para Tasslehoff estar aqui. E, lá estava Sturm, branco de medo, e Laurana, que chorava em desespero, e Flint, que olhava, com os olhos arregalados.

Tanis abraçou Laurana e seus braços envolveram carne e osso, mas ele sabia que ela não estava ali... e era aterrorizante saber disso.

E enquanto ele permanecia ali no bosque, que era como uma prisão dos condenados, o horror aumentava. Animais pulavam do meio das árvores atormentadas e caíam sobre os companheiros.

Tanis sacou a espada para defender-se, mas a arma chacoalhava em suas mãos trêmulas e ele foi forçado a desviar os olhos, pois os animais vivos também tinham sido deformados e transformados em aspectos medonhos da morte eterna.

Legiões de guerreiros élficos com traços craniais horríveis de se olhar, caminhavam entre essas bestas deformadas. Não havia olhos brilhando nas cavidades ocas dos rostos dos guerreiros e nem carne cobrindo os delicados ossos de suas mãos. Eles caminhavam por entre os companheiros com espadas brilhantes que queimavam e extraíam o sangue vivo. Mas, quando alguma arma os atingia, eles desapareciam no ar.

Entretanto, os ferimentos que eles infligiam eram reais. Caramon, que lutava contra um lobo com cobras saindo de seu corpo, olhou para cima e viu um dos guerreiros élficos com uma lança brilhante em sua mão descarnada que se abatia sobre ele. Caramon gritou para seu irmão pedindo ajuda.

Raistlin disse

— Ast kiranann kair Soth-aran/Suh hall Jalaran —, e uma bola de fogo brilhou nas mãos do mago e depois explodiu diretamente sobre o elfo... e nada aconteceu. A lança do elfo, impelida por uma força descomunal, perfurou a armadura de Caramon e entrou em seu corpo, pregando-o na árvore que estava atrás dele.

O guerreiro élfico arrancou a arma do ombro do grandalhão. Caramon caiu no chão e seu sangue misturou-se com o sangue da árvore. Raistlin tirou um punhal da tira de couro escondida em seu braço e o arremessou contra o elfo com uma fúria que surpreendeu

Caramon. A lâmina atravessou o morto-vivo e o guerreiro élfico desapareceu no ar com cavalo e tudo. Caramon, caído no chão, tinha o braço ligado ao corpo apenas por uma tira de carne.

Lua Dourada ajoelhou-se para curá-lo, mas ela confundiu suas preces e sua fé lhe abandonou em meio ao horror.

— Ajude-me, Mishakal — Lua Dourada suplicou — Ajude-me, para que eu possa ajudar meu amigo.

O ferimento mortal fechou-se. Embora, o sangue ainda escorresse dele e deslizesse pelo braço de Caramon, a morte libertou o guerreiro. Raistlin ajoelhou-se ao lado do irmão e começou a falar com ele. De repente, o mago calou-se. Ele olhou atrás de Caramon, por entre as árvores, e seus estranhos olhos se arregalaram, não acreditando no que viam.

— Você! — Raistlin sussurrou.

— Quem é? — Caramon perguntou fracamente e percebeu uma sensação de medo e terror na voz de Raistlin. O grandalhão olhou dentro da luz verde, mas não conseguia ver nada — De quem você está falando?

Mas, Raistlin, absorto em uma nova conversa, não respondeu.

— Eu preciso de sua ajuda — o mago disse num tom grave — Da mesma maneira que precisei antes.

Caramon viu seu irmão estender a mão, como se cruzasse um grande espaço vazio e foi consumido pelo medo, sem mesmo saber por quê.

— Não, Raist! — ele gritou e em pânico agarrou-se ao irmão. A mão de Raistlin caiu.

— Nosso acordo continua válido. O quê? Você quer mais? — Raistlin calou-se por um momento e depois suspirou — Diga o que você quer!

Durante um longo tempo, o mago ouviu, prestando atenção. Caramon, que o observava com uma ansiedade carinhosa, viu o rosto delgado e metálico do irmão ficar mortalmente pálido. Raistlin fechou os olhos e engoliu em seco, como se bebesse a infusão amarga de ervas. Por fim, ele curvou a cabeça.

— Eu aceito.

Caramon gritou aterrorizado ao ver as vestes de Raistlin, as vestes vermelhas que marcavam sua neutralidade no mundo, começarem a escurecer-se até adquirirem um tom carmesim, depois

escurecerem até ficarem vermelho sangue e escureceram mais ainda... até atingirem o negro.

— Eu aceito isso — Raistlin repetiu mais calmamente — com o consenso de que o futuro pode ser mudado. O que temos de fazer?

Ele ouviu. Caramon agarrava-se a seu braço, gemendo de agonia.

— Como conseguiremos chegar vivos à Torre? — Raistlin perguntou ao instrutor invisível. Ele ouviu cuidadosamente mais uma vez, depois concordou com a cabeça — E aquilo de que preciso, me será dado? Muito bem. Adeus, então, se isso lhe é possível em sua misteriosa jornada.

Raistlin pôs-se de pé e as vestes negras faziam ruído ao arrastarem-se no chão. O mago saiu à procura de Tanis ignorando os soluços de Caramon e o arfar aterrorizado de Lua Dourada quando

ela o viu. Ele encontrou o meio elfo de costas contra uma árvore, enfrentando uma hoste de guerreiros élficos.

Raistlin enfiou calmamente uma mão em sua bolsa e tirou um pouco de pelo de coelho e um pequeno bastão de âmbar-gris. Esfregando estes dois componentes na palma esquerda de sua mão, ele estendeu a mão direita para frente e falou:

— Ast kiranann kair Gadurm Soth-arn/Suh kali Jalaran.

Relâmpagos saíram das pontas de seus dedos, cruzaram o ar tingido de verde e atingiram os guerreiros élficos. Eles desapareceram como antes, Tanis cambaleou para trás exausto.

Raistlin postou-se no centro de uma clareira em meio às árvores deformadas e atormentadas.

— Fiquem em volta de mim! — o mago ordenou aos companheiros. Tanis hesitou. Guerreiros élficos estavam a postos na orla da clareira. Eles deram um passo a frente para atacar, mas Raistlin levantou a mão e eles pararam como se trombassem contra uma parede invisível.

— Fiquem perto de mim — os companheiros ficaram assustados ao verem Raistlin falar com sua voz normal pela primeira vez desde os Testes — Rápido — ele disse — eles não atacarão agora. Eles estão com medo de mim. Mas eu não conseguirei impedi-los por muito tempo.

Tanis deu um passo adiante, seu rosto estava pálido sob a barba ruiva, o sangue pingava de um ferimento na cabeça. Lua Dourada ajudou Caramon que cambaleava com dificuldade. Ele segurava o braço que estava sangrando e seu rosto estava contorcido de dor. Um por um, calmamente, os outros companheiros adiantaram-se. Por fim, somente Sturm ficou fora do círculo.

— Eu sempre soube que um dia chegaríamos a este ponto — o cavaleiro disse calmamente — Eu prefiro morrer a me colocar sob sua proteção, Raistlin.

E assim dizendo, o cavaleiro virou-se e entrou na floresta. Tanis viu o líder dos elfos mortos-vivos fazer um gesto ordenando a alguns membros de seu bando fantasmagórico que o seguissem. O meio elfo começou a mover-se, mas parou ao sentir uma mão surpreendentemente forte segurar-lhe o braço.

— Deixe-o ir — o mago disse com um tom grave — senão todos nós estaremos perdidos. Eu tenho uma informação para compartilhar e meu tempo é limitado. Nós temos que atravessar esta floresta e chegar à Torre das Estrelas. Nós temos de trilhar o caminho da morte, pois cada criatura hedionda que já foi concebida nos sonhos agoniados e atormentados dos mortais surgirá para nos impedir. Mas, saibam disto: nós fazemos parte de um sonho, o pesadelo de Lorac. E de nossos próprios pesadelos também. Visões do futuro podem surgir para nos ajudar... ou atrapalhar. Lembrem-se de que apesar de nossos corpos estarem acordados, nossas mentes dormem. A morte existe apenas em nossas mentes... a menos que não acreditemos nisso.

— Então, por que não conseguimos acordar? — Tanis perguntou, com raiva.

— Porque a crença de Lorac no sonho dele é muito forte e a sua crença é fraca. Quando estiver realmente convicto, sem qualquer sombra de dúvida de que é tudo um sonho, você retornará à realidade.

— Se isso é verdade — Tanis disse — e você está convicto de que é um sonho, por que você não acorda?

— Talvez — Raistlin disse sorrindo — eu prefira não acordar.

— Eu não compreendo! — Tanis gritou tomado de uma amarga frustração.

— Você compreenderá — Raistlin fez uma previsão ameaçadora — ou então morrerá. E neste caso não fará diferença.

10

SONHOS DESPERTOS.

VISÕES FUTURAS.

Ignorando os terríveis olhares dos companheiros, Raistlin dirigiu-se até seu irmão, que segurava o braço que estava sangrando. — Eu cuidarei dele — Raistlin disse a Lua Dourada, colocando o braço com o robe negro em volta do irmão gêmeo.

— Não — Caramon arfou — você não é forte o sufi... — ele calou-se quando sentiu os braços do irmão sustentando-o.

— Eu sou forte o suficiente agora, Caramon — Raistlin disse de forma gentil, e a própria gentileza fez o corpo do guerreiro arrepiar-se — Apóie-se em mim, irmão.

Fraco devido à dor e ao medo, Caramon apoiou-se em Raistlin pela primeira vez na vida. O mago sustentou-o e juntos eles começaram a caminhar através da floresta hedionda.

— O que está acontecendo, Raist? — Caramon perguntou, engasgando — Por que você está usando as Vestes Negras? E sua VOZ...

— Poupe o fôlego, meu irmão — Raistlin o aconselhou com suavidade.

Os dois adentraram ainda mais na floresta e os guerreiros élficos mortos-vivos olharam para eles de modo ameaçador de cima das árvores. Eles conseguiam ver o ódio que os mortos sentiam pelos vivos, viam esse ódio cintilar nas órbitas vazias dos guerreiros mortos-vivos. Mas nenhum deles ousou atacar o mago de robe negro. Caramon sentiu seu sangue verter, grosso e quente, por entre os dedos. Enquanto via o sangue pingar sobre as folhas mortas e cobertas de limo sob seus pés, ele foi ficando cada vez mais fraco. Ele teve a impressão febril de que sua sombra ganhava força enquanto ele a perdia.

Tanis correu pela floresta à procura de Sturm. Ele o encontrou lutando contra um grupo de guerreiros élficos bruxuleantes.

— É um sonho — Tanis gritou para Sturm, que estocava e cortava os guerreiros mortos-vivos. Cada vez que ele acertava um deles, ele desaparecia, para reaparecer logo em seguida. O meio elfo sacou a espada e correu para lutar ao lado de Sturm.

— Baboseira! — o cavaleiro grunhiu, depois arfou de dor quando uma flecha acertou-lhe o braço. O ferimento não era fundo porque a cota de malha o havia protegido, mas o sangue escorria abundante — Isto é estar sonhando? — Sturm disse enquanto arrancava a flecha suja de sangue.

Tanis pulou na frente do cavaleiro e manteve os inimigos afastados, até Sturm ser capaz de estancar o fluxo de sangue.

— Raistlin nos contou... — Tanis começou a dizer.

— Raistlin! Ah! Olhe para as vestes dele, Tanis!

— Mas, você está aqui! Em Silvanesti! — Tanis argumentou confuso. Ele teve a estranha sensação de que estava discutindo consigo mesmo — Alhana disse que você estava na Muralha de Gelo!

— O cavaleiro deu de ombros — Talvez eu tenha sido enviado para ajudá-lo

Tudo bem. É um sonho, Tanis disse a si mesmo. Eu vou acordar.

Mas, não houve nenhuma mudança. Os elfos ainda estavam ali e ainda lutavam. Sturm pode estar certo. Raistlin tinha mentido. Da mesma forma que ele tinha mentido quando eles entraram na floresta. Mas, por que? Com que finalidade?

Então, Tanis descobriu. O orbe do dragão!

— Nós temos que chegar à Torre antes de Raistlin! — Tanis gritou para Sturm — Eu sei do que o mago está atrás!

O cavaleiro não conseguia fazer nada além de concordar com a cabeça. Para Tanis, pareceu que daquele momento em diante eles não fizeram nada além de lutar por cada centímetro de terreno que eles ganhavam. Inúmeras vezes, os dois guerreiros forçaram os elfos mortos-vivos para trás, para serem sarados por um número ainda maior deles. O tempo passava, eles sabiam, mas eles não tinham nenhuma idéia de sua passagem. Em um determinado momento, o sol brilhou por entre a sufocante névoa verde. Depois, as sombras da noite pairaram sobre as terras como asas de dragões.

Assim que escuridão tornou-se mais intensa, Sturm e Tanis avistaram a Torre. Construída de mármore, a alta Torre resplandecia com uma luz branca. Ela estava sozinha no meio de uma clareira,

elevando-se aos céus como um dedo esquelético levantando-se do túmulo.

Ao avistar a Torre, os dois homens começaram a correr. Apesar de fracos e exaustos, nenhum deles queria estar nesta floresta letal depois do anoitecer. Ao verem suas presas escaparem, os guerreiros élficos gritaram furiosos e correram atrás delas.

Tanis correu até parecer que seus pulmões iam estourar de dor. Sturm correu na frente dele, golpeando com a espada os mortos-vivos que apareciam na sua frente e tentavam bloquear seu caminho. Quando se aproximava da Torre, Tanis sentiu a raiz de uma árvore enrolar-se em sua bota. Ele caiu de cabeça.

Tanis debateu-se freneticamente para se libertar mas a raiz mantinha-o imobilizado. Tanis contorcia-se inutilmente, quando um elfo morto-vivo com o rosto grotescamente desfigurado levantou a lança para arremessá-la contra o corpo de Tanis. Mas, de repente, os olhos do elfo se arregalaram; a lança caiu de seus dedos sem forças, quando uma espada perfurou seu corpo transparente. O elfo desapareceu com um grito estridente.

Tanis olhou para ver quem tinha salvado sua vida. Era um guerreiro estranho; estranho... porém familiar. O guerreiro removeu o elmo e Tanis olhou dentro de seus olhos castanhos claros!

— Kitiara! — ele arfou chocado — Você está aqui! Como? Por que?

— Eu ouvi dizer que você precisava de ajuda — Kit disse, seu sorriso torto charmoso como nunca — Parece que eu tinha razão — ela lhe estendeu a mão. Ele a segurou, duvidando, enquanto ela o punha de pé. Mas, ela era de carne e osso — Quem é aquele ali na frente? Sturm? Maravilhoso! Como nos velhos tempos! Vamos para a Torre? — ela perguntou a Tanis, rindo da cara de surpresa dele.

Vendaval lutava sozinho contra legiões de guerreiros élficos mortos-vivos. Ele sabia que não agüentaria muito tempo mais. De repente, ele ouviu um chamado. Levantando os olhos, ele viu

homens da tribo Que-shu! Ele gritou de alegria. Mas para seu horror, ele os viu apontando suas flechas contra ele.

— Não! — ele gritou em Que-shu — Vocês não me reconhecem? Eu... Os guerreiros Que-shu responderam apenas com as cordas de seus arcos.

Vendaval sentiu uma flecha atrás da outra perfurando-lhe o corpo.

— Você trouxe o cajado de cristal azul para nosso meio! — eles gritaram

— A culpa é sua! A destruição de nosso vilarejo foi culpa sua!

— Eu não queria que isso acontecesse — ele sussurrou enquanto caía ao chão — Eu não sabia. Perdoem-me.

Tika abriu caminho entre os guerreiros élficos cortando e golpeando e, de repente, ela os viu se transformarem em dragonianos! Os olhos reptilianos deles brilhavam avermelhados e eles lambiam as espadas com a língua. O medo gelou a garçõete. Tropeçando, ela trombou com Sturm. Irritado, o cavaleiro virou na direção dela, ordenando-lhe que saísse do caminho. Ela cambaleou para trás e colidiu com Flint. O anão impaciente empurrou-a de lado.

Cega pelas lágrimas e tomada pelo pânico ao ver que os dragonianos mortos retornavam para a batalha com os corpos intactos, Tika perdeu o controle. O medo fez com que ela atingisse com sua espada qualquer coisa que se movesse.

Somente quando levantou os olhos e viu Raistlin diante de si com as vestes negras, foi que ela retomou os sentidos. O mago não disse nada, simplesmente apontou para baixo. Flint estava morto a seus pés perfurado pela espada dela.

Eu os trouxe aqui, Flint pensou. A responsabilidade é minha. Eu sou o mais velho. Eu os tirarei daqui.

O anão levantou o machado de guerra e deu um grito desafiando os guerreiros élficos que se encontravam diante dele. Mas, eles apenas riram.

Irritado. Flint avançou, e viu-se caminhando com dificuldade. As rótulas de seus joelhos estavam inchadas e doíam abominavelmente. Seus dedos deformados tremiam com uma paralisia que não o deixava segurar o machado de guerra. Sua respiração ficou curta. Então Flint descobriu porque os elfos não o atacavam: eles estavam deixando que a própria idade avançada acabasse com ele.

No instante que percebeu isso, Flint sentiu sua mente divagar. A visão dele ficou embaçada. Apalpando o bolso do colete, ele se perguntava onde tinha colocado aqueles malditos óculos. Um vulto

surgiu diante dele, um vulto familiar. Era Tika? Sem os óculos ele não conseguia ver...

Lua Dourada correu por entre as árvores retorcidas e atormentadas. Perdida e só, ela procurou desesperadamente pelos amigos. Bem longe, ela ouviu Vendaal chamar por ela, a voz dele era mais alta que o tinir das espadas se digladiando. Então, ela ouviu o chamado dele sendo cortado por um gorgolejo de agonia. Fora de si, ela correu adiante abrindo caminho por entre os arbustos espinheiros, até suas mãos e o rosto começarem a sangrar. Pelo menos, ela encontrou Vendaal. O guerreiro estava caído no chão, perfurado por muitas flechas... flechas que ela reconhecia!

Correndo na direção dele, ela ajoelhou-se a seu lado.

— Cure-o, Mishakal — ela rezou do modo como ela tinha feito com tanta frequência.

Mas, nada aconteceu. A cor não retornou ao rosto pálido de Vendaval. Seus olhos continuaram vidrados, fixos, fitando o céu tingido de verde.

— Por que você não responde? Cure-o! — Lua Dourada gritou aos deuses. Então, ela se deu conta — Não! — ela gritou — Puna-me! Era eu quem duvidava. Era eu quem questionava! Eu vi Tarsis destruída, crianças morrendo em agonia! Como você pode permitir uma coisa dessas? Eu tento ter fé, mas não consigo deixar de duvidar quando vejo esses horrores! Não o puna — chorando, ela dobrou-se sobre o corpo sem vida de seu esposo. Ela não percebeu os guerreiros élficos fechando um círculo em volta dela.

Tasslehoff, fascinado pelas maravilhas horríveis à sua volta, saiu do caminho que eles seguiam e descobriu que de alguma forma os amigos tinham conseguido se perder dele. Os mortos-vivos não o incomodavam pois, eles que se alimentavam do medo, não viam medo no pequeno corpo de Tas.

Finalmente, depois de vagar por um lado e outro quase o dia todo, o kender chegou às portas da Torre das Estrelas. Ali, a tranqüila viagem chegou repentinamente a um fim, pois ele tinha encontrado seus amigos... pelo menos um deles.

Tika, de costas contra as portas fechadas, lutava desesperadamente contra uma hoste de inimigos deformados, gerados pelos pesadelos. Tas percebeu que se ela conseguisse entrar na Torre, estaria salva. Correndo para frente, o pequeno corpo passou facilmente pela confusão, ele chegou à porta e começou a examinar a fechadura enquanto Tika mantinha os elfos à distância, agitando sua espada freneticamente.

— Depressa, Tas! — ela gritou sem fôlego.

Era uma fechadura fácil de abrir; com uma armadilha tão simples para protegê-la que Tas ficou surpreso de ver que os elfos tinham se dado ao trabalho de colocá-la.

— Eu sou capaz de abrir esta fechadura em segundos — ele afirmou. Porém, assim que ele começou a trabalhar, alguma coisa trombou contra ele por trás, fazendo com que ele se atrapalhasse.

— Ei! — ele gritou irritado com Tika, virando-se para ela — Tenha um pouco mais de cuidado... — ele parou antes de terminar a frase, aterrorizado. Tika estava caída aos seus pés, o sangue escorrendo nos cachos ruivos dela.

— Não, não a Tika! — Tas sussurrou. Talvez ela estivesse somente machucada! Talvez, alguém pudesse ajudá-la se ele entrasse na Torre. As lágrimas diminuía-lhe a visão, e as mãos tremiam.

Tenho que me apressar, Tas pensou desesperado. Por que essa fechadura não abre? É tão simples! Furioso, ele deu um tranco violento na fechadura.

Ele sentiu uma picada no dedo quando a fechadura fez um clique. A porta da Torre começou a abrir-se. Mas, Tasslehoff só conseguia olhar para o dedo, onde brilhava uma minúscula gota de sangue. Ele olhou de volta para a fechadura, onde uma pequena agulha de ouro luzia. Uma fechadura simples, e uma armadilha simples. Ele destrancou uma e acionou a outra. E, quando os primeiros efeitos do veneno começaram a se fazer sentir na forma de um terrível calor que se espalhava pelo corpo, ele olhou para o chão e viu que tinha demorado muito. Tika estava morta.

Raistlin e seu irmão atravessaram a floresta sem ferimentos. Caramon observava, cada vez mais assombrado, como Raistlin rechaçava as criaturas más que os atacavam; algumas vezes, com prodígios de grande magia, outras vezes pela pura força de sua vontade.

Raistlin era amável, gentil e solícito. Caramon era forçado a parar freqüentemente à medida que o dia chegava ao fim. Perto do crepúsculo, a única coisa que Caramon conseguia fazer era arrastar um pé na frente do outro, mesmo apoiando-se no irmão. E enquanto Caramon ficava cada vez mais fraco, Raistlin ficava mais forte.

Finalmente, quando as sombras da noite caíram, trazendo um fim misericordioso para o atormentado dia verde, os gêmeos alcançaram a Torre. Lá eles pararam. Caramon estava febril e sentindo muita dor.

— Eu tenho que descansar, Raist — ele arfou — Coloque-me no chão.

— Claro, meu irmão — Raistlin disse gentilmente. Ele ajudou Caramon a encostar-se contra o muro de pérola da Torre, depois observou o irmão com

os olhos cintilantes, tranqüilos.

— Adeus, Caramon — ele disse.

Caramon olhou para seu irmão gêmeo incrédulo. No meio das sombras das árvores, o guerreiro conseguia ver que os elfos mortos-vivos que os tinham seguido a uma distância considerável estavam se aproximando, pois haviam percebido que o mago, que os tinha repellido, estava partindo.

— Raist — Caramon disse lentamente — você não pode me deixar aqui! Eu não sou capaz de enfrentá-los. Eu não tenho força suficiente! Eu preciso de você!

— Talvez, mas veja meu irmão, eu não preciso mais de você. Eu ganhei a sua força. Agora, finalmente eu sou quem eu deveria ser... uma pessoa completa... o que não tinha acontecido antes por um truque da natureza.

Enquanto Caramon o olhava sem compreender, Raistlin virou-se para partir.

— Raist!

O grito agonizante de Caramon fez Raistlin parar. Ele virou-se e olhou para trás, para seu irmão; os olhos dele eram tudo o que se podia ver nas profundezas do capuz negro.

— Qual é a sensação de ser fraco e ter medo, meu irmão? — ele perguntou com a voz suave. Raistlin virou-se e dirigiu-se para a entrada da Torre onde Tika e Tas estavam mortos. Raistlin passou por cima do corpo do kender e desapareceu na escuridão.

Ao chegarem à Torre Sturm, Tanis e Kitiara, viram um corpo caído na grama na base da Torre. Os elfos mortos-vivos com formas fantasmagóricas estavam começando a cercá-los, guinchando e gritando, golpeando-os com suas espadas frias.

— Caramon! — Tanis gritou profundamente deprimido.

— E, onde está o irmão dele? — Sturm perguntou olhando de soslaio para Kitiara — Sem dúvida o deixou a morrer.

Tanis balançou a cabeça enquanto eles corriam para ajudar o guerreiro. Empunhando as espadas, Sturm e Kitiara mantiveram os elfos à distância enquanto Tanis ajoelhava-se ao lado do guerreiro mortalmente ferido.

Caramon levantou o olhar vidrado e encontrou o olhar de Tanis, mal o reconhecendo pela bruma ensangüentada que lhe diminuía a visão. Ele tentou desesperadamente falar.

— Proteja Raistlin, Tanis... — Caramon engasgou-se com o próprio sangue — pois eu não vou estar mais lá. Cuide dele.

— Cuidar de Raistlin? — Tanis repetiu furioso — Ele o deixou aqui, para morrer! — Tanis pegou Caramon nos braços.

Caramon fechou os olhos esgotado.

— Não, Tanis, você está enganado. Eu o mandei partir... — a cabeça do guerreiro caiu para frente.

As sombras da noite abateram-se sobre eles. Os elfos desapareceram. Sturm e Kit vieram se postar ao lado do guerreiro morto.

— O que eu lhe disse? — Sturm perguntou com aspereza.

— Pobre Caramon — Kitiara sussurrou, ajoelhando-se perto dele — De alguma forma, eu sempre achei que fosse terminar assim — ela ficou em silêncio durante um instante, depois falou com a voz suave. — Então, meu pequeno Raistlin tornou-se realmente poderoso — ela refletiu, quase que para si mesma.

— Às custas da vida de seu irmão!

Kitiara olhou para Tanis como se estivesse perplexa com o que ele havia dito. Depois, dando de ombros, ela baixou os olhos para Caramon que estava deitado em uma poça de seu próprio sangue

— Pobre rapaz — ela disse com suavidade.

Sturm cobriu o corpo de Caramon com seu manto, depois procuraram a entrada da Torre.

— Tanis... — Sturm disse, apontando.

— Oh, não. Não Tas — Tanis murmurou — E, Tika.

O corpo do kender estava caído bem do lado de dentro da porta, seus pequenos membros torcidos pelas convulsões provocadas pelo veneno. Perto dele estava a garçonete, com os cachos ruivos molhados de sangue. Tanis ajoelhou-se ao lado deles. Uma das bolsas do kender havia se aberto em seus espasmos de morte e seu conteúdo tinha se esparramado. Tanis viu um brilho dourado. Estendendo a mão, ele pegou o anel de fabricação élfica, talhado no formato de folhas de hera. Sua visão embaçou-se, lágrimas encheram seus olhos enquanto ele cobria o rosto com as mãos.

— Não há nada que possamos fazer, Tanis — Sturm colocou a mão no ombro do amigo — Nós temos que seguir em frente e por um fim em tudo isto. Mesmo que não faça mais nada na vida, eu viverei só para matar Raistlin.

A morte estava na mente dele. Isto é um sonho, Tanis repetiu. Mas, eram as palavras de Raistlin que ele recordava e ele tinha visto no que o mago tinha se transformado.

Eu acordarei, ele pensou, subjugando a força de sua própria vontade para acreditar que isso era um sonho. Mas, quando ele abriu os olhos, o corpo do kender ainda estava no chão.

Apertando o anel na mão, Tanis seguiu Kit e Sturm para dentro de um corredor de mármore úmido e coberto de limo. Havia quadros pendurados com molduras douradas em paredes de mármore. Vitrais, altos, deixavam entrar uma luz pálida e fantasmagórica. O corredor já deve ter sido lindo, mas, agora até mesmo os quadros nas paredes pareciam distorcidos, retratando visões horríveis da morte. Gradualmente, à medida que caminhavam, os três notaram uma luz verde brilhante emanando de uma sala no fim do corredor.

Eles conseguiam sentir a malevolência irradiando daquela luz verde, batendo nos rostos deles como o calor de um sol perverso.

— O centro do mal — Tanis falou. A raiva encheu seu coração... raiva, dor, e um desejo ardente de vingança. Ele começou a correr para frente, mas o ar tingido de verde parecia oprimi-lo, segurando-o para trás até cada passo dele ser um esforço imenso.

Kitiara cambaleava ao seu lado. Tanis colocou seu braço em volta dela, embora ele mal conseguisse encontrar forças para mover a si mesmo. O rosto de Kit estava encharcado de suor, o cabelo escuro cacheado em volta da testa molhada. Os olhos dela estavam arregalados de medo; a primeira vez que Tanis a viu com medo. Sturm respirava ofegante enquanto avançava com dificuldade, afligido pelo peso de sua armadura.

No princípio, eles pareciam não estar fazendo nenhum progresso. Depois, lentamente, eles perceberam que se moviam para frente centímetro por centímetro chegando cada vez mais perto da sala da luz verde. A luz clara, agora doía nos olhos deles e o movimento exigia um esforço terrível. A exaustão tomava conta deles, os músculos doíam-lhes, os pulmões queimavam.

No momento em que percebeu que não conseguiria dar mais nenhum passo, Tanis ouviu uma voz chamar por ele. Levantando a cabeça dolorida, ele viu Laurana em pé diante dele, com a espada élfica dela na mão. A opressão causada pela luz verde parecia não ter efeito nenhum sobre ela, pois ela correu na direção dele chorando de alegria.

— Tanthalas! Você está bem! Eu estava esperando...

Ela parou, os olhos dela fitavam a mulher agarrada aos braços de Tanis.

— Quem... — Laurana começou a perguntar, e de repente de alguma forma, ela ficou sabendo. Esta era a mulher humana, Kitiara. A mulher que Tanis amava. O rosto de Laurana ficou branco, depois vermelho.

— Laurana... — Tanis começou a falar, sentindo a confusão e a culpa tomarem conta dele e odiando a si mesmo por magoá-la.

— Tanis! Sturm! — Kitiara gritava, apontando.

Chocados pelo medo na voz dela, todos se viraram e olharam para o final do corredor de mármore iluminado pela luz verde.

— Drakus Tsaro, deghnyah! — Sturm recitou em solêmnico.

No final do corredor surgiu um gigantesco dragão verde. Seu nome era Cyan Sanguevil e ele era um dos maiores dragões de Krynn. Somente a Grande Dragoa Vermelha era maior. Serpeando a cabeça através de uma porta, ele encobriu a ofuscante luz verde com o corpo maciço. Ele deu uma olhada no grupo com seus olhos flamejantes.

Eles não conseguiam se mexer. Tomados pela dragofobia, eles só conseguiam ficar lá parados olhando, enquanto o dragão passava arrebatando a porta e despedaçando a parede de mármore tão facilmente como se ela fosse de barro cozido. Com sua bocarra aberta, Cyan caminhou pelo corredor.

Não havia nada que eles pudessem fazer. As armas balançavam penduradas nas mãos, que tinham ficado fracas. Os pensamentos eram sobre a morte. Mas, enquanto o dragão se aproximava, uma figura escura e indistinta saiu sorrateiramente das sombras mais escuras de uma porta invisível e colocou-se em pé diante deles, encarando-os.

— Raistlin! — Sturm disse calmamente — Por todos os deuses, você pagará pela vida de seu irmão!

Esquecendo-se do dragão e lembrando-se apenas do corpo inerte de Caramon, o cavaleiro lançou-se na direção do mago, com a espada erguida. Raistlin simplesmente olhou para ele, com frieza.

— Mate-me cavaleiro e você estará condenando os outros e a si mesmo à morte, pois através da minha mágica... e somente através dela, você será capaz de derrotar Cyan Sanguevil!

— Sturm, Espere! — Tanis sabia que o mago tinha razão, embora sua própria alma estivesse indignada. Ele era capaz de sentir o poder de Raistlin irradiando-se através das vestes negras — Nós precisamos da ajuda dele.

— Não — Sturm disse, balançando a cabeça e afastando-se enquanto Raistlin se aproximava do grupo — Eu disse antes que não dependeria da proteção dele. Muito menos agora. Adeus, Tanis.

Antes que qualquer um deles pudesse pará-lo, Sturm passou por Raistlin na direção de Cyan Sanguevil. A grande cabeça do dragão balançava de um lado para o outro antevendo este primeiro desafio ao seu poder, desde que ele tinha conquistado Silvanesti.

Tanis segurou Raistlin

— Faça algo!

— O cavaleiro está na minha frente. Qualquer magia que eu conjurar o destruirá também — Raistlin respondeu.

— Sturm! — Tanis gritou, sua voz ecoou pesarosa.

O cavaleiro hesitou. Ele ouvia, mas não a voz de Tanis. O que ele ouvia era o chamado alto e claro de um clarim, com sua música fria como o ar das montanhas cobertas de neve de sua terra natal. Puro e cristalino, o chamado do clarim fez-se audível, de forma magnífica, acima da escuridão, da morte e do desespero que o envolvia, e tocou-lhe o coração.

Sturm respondeu ao chamado do clarim com um alegre grito de batalha. Ele levantou a espada... a espada de seu pai, a lâmina antiga desenhada com o martim-pescador e a rosa. O luar prateado, ao penetrar por uma janela quebrada, atingiu a espada com um brilho branco e puro que desfez o pernicioso ar verde.

O clarim soou mais uma vez, e novamente Sturm respondeu, mas, desta vez sua voz vacilou, pois, o chamado do clarim que ele ouviu tinha mudado de tom. Não era mais doce e puro, era um zurro dissonante e estridente.

Não! Pensou Sturm horrorizado à medida que se aproximava do dragão. Aqueles eram os clarins do inimigo! Ele tinha sido atraído para uma armadilha! Agora, ele conseguia ver os soldados dragonianos que tinham saído detrás do dragão e estavam em volta dele, rindo de forma cruel da sua ingenuidade.

Sturm parou e apertou a espada na mão, que suava dentro da luva. O dragão assomou diante dele, uma criatura imbatível que babava e lambia as mandíbulas com a língua enrolada, e cercada por uma enorme massa de suas tropas.

O medo embrulhou o estômago de Sturm; sua pele ficou fria e úmida. O chamado do clarim soou uma terceira vez, terrível e maligno. Tudo estava acabado. Tudo tinha sido em vão. A morte, uma desonrosa derrota, o esperava. Com o desespero dominando-o, ele olhou em volta temeroso. Onde estava Tanis? Ele precisava de Tanis, mas não conseguia encontrá-lo. Ele repetia o código dos cavaleiros desesperado,

Minha Honra é Minha Vida, mas, as palavras soavam vazias e sem sentido aos seus ouvidos. Ele não era um cavaleiro. O que o Código significava para ele? Ele tinha vivido uma mentira! O braço de empunhar a espada de Sturm vacilou, depois abaixou; a espada caiu de sua mão e ele dobrou-se sobre os joelhos, tremendo e chorando como uma criança, escondendo a cabeça do terror que estava diante dele.

Com um movimento de suas garras brilhantes, Cyan Sanguevil pôs um fim à vida de Sturm, empalando o corpo do cavaleiro sobre uma garra manchada de sangue. Desdenhosamente, Cyan sacudiu sua pata e jogou o infeliz cavaleiro no chão, enquanto os dragonianos com seus gritos estridentes adiantavam-se na direção do corpo ainda vivo do cavaleiro, com a intenção de parti-lo em pedaços.

Mas o caminho estava bloqueado. Uma figura clara e que brilhava sob o luar com uma luz prateada, correu até o corpo do cavaleiro. Agachando-se rapidamente, Laurana ergueu a espada de Sturm. Depois, endireitando-se, encarou os dragonianos.

— Toque-o e vocês morrerão — ela disse dentre suas lágrimas.

— Laurana! — Tanis gritou e tentou correr para ajudá-la. Mas, os dragonianos correram na direção dele. Ele os golpeava desesperadamente, tentando alcançar a jovem elfa. Quando tinha passado pelos dragonianos, ele ouviu Kitiara chamar seu nome. Virando-se, ele a viu sendo agredida por quatro dragonianos. O meio elfo parou, agonizado, hesitante, e naquele momento Laurana caiu sobre o corpo de Sturm, seu corpo também tinha sido perfurado pelas espadas dragonianas.

— Não! Laurana! — Tanis gritou. Correndo na direção dela, ele ouviu Kitiara gritar outra vez. Ele parou, virando-se. Ele ficou parado com as mãos na cabeça, irresoluto e impotente, obrigado a assistir enquanto Kitiara caía sob a força do inimigo.

O meio elfo soluçava freneticamente, sentindo-se ser tomado pela loucura e esperando que a morte lhe aliviasse a dor. Ele pegou a espada mágica de Kith-Kanan, e com um único pensamento correu na direção do dragão: matar e ser morto.

Mas, Raistlin bloqueou-lhe o caminho, postando-se na frente do dragão como um obelisco negro.

Tanis caiu no chão, sabendo que sua morte tinha sido uma armação. Apertando com firmeza o pequeno anel dourado em sua mão, ele esperou a morte chegar.

Nesse momento ele ouviu o mago recitando palavras estranhas e poderosas. Ele ouviu o dragão rugir furioso. Os dois estavam lutando, mas Tanis não se importava. De olhos fechados ele bloqueou os sons à sua volta, eliminou todo sinal de vida. Só uma coisa continuou real. O anel dourado que ele segurava firme na mão.

De repente, Tanis tornou-se totalmente consciente do anel a lhe pressionar a palma da mão: o metal era frio e as bordas eram ásperas. Ele conseguia sentir as folhas douradas e retorcidas da hera penetrando sua carne.

Tanis fechou a mão, apertando o anel. O ouro penetrou-lhe a carne, penetrou fundo. Dor... dor de verdade...

Eu estou sonhando!

Tanis abriu os olhos. O luar prateado de Solinari inundava a Torre, misturando-se com os raios vermelhos de Lunitari. Ele estava deitado no chão frio de mármore. A mão dele estava bem fechada, tão apertada que a dor o tinha acordado. Dor! O anel. O sonho! Lembrando-se do sonho, Tanis sentou-se aterrorizado e olhou em volta. Mas, o corredor estava vazio, exceto por uma outra pessoa. Raistlin estava encostado contra uma parede, tossindo.

O meio elfo levantou-se com dificuldade e caminhou tremendo na direção de Raistlin. Quando chegou mais perto, ele conseguiu ver sangue nos lábios do mago. O vermelho do sangue brilhou sob a luz de Lunitari... tão vermelho quanto as vestes que cobriam o frágil e trêmulo corpo de Raistlin.

O sonho.

Tanis abriu a mão. Ela estava vazia.

11

O SONHO TERMINA

O PESADELO COMEÇA

O meio elfo olhou o corredor. Ele estava tão vazio quanto sua mão. Os corpos dos amigos tinham desaparecido. O dragão tinha desaparecido. O vento soprava através de uma parede quebrada, fazendo as vestes de Raistlin esvoaçarem à sua volta e esparramando folhas mortas de álamo pelo chão. O meio elfo foi até onde Raistlin estava e pegou o jovem mago nos braços, no momento em que ele desmaiou.

— Onde estão eles? — Tanis perguntou, sacudindo Raistlin — Laurana? Sturm? E os outros, seu irmão? Eles estão mortos? — ele deu uma olhada em volta — E o dragão...

— O dragão se foi. O orbe mandou o dragão embora, quando percebeu que o dragão não conseguiria me vencer — Soltando-se dos braços de Tanis, Raistlin firmou-se sozinho, aconchegando-se contra a parede de mármore — Forte como eu estava, ele não conseguiria me derrotar. Agora, qualquer criança me derrotaria — ele disse amargurado — Quanto aos outros... — ele encolheu os ombros — Eu não sei — ele virou os estranhos olhos e olhou para

Tanis — Você sobreviveu, meio elfo, porque seu amor foi forte. Eu sobrevivi por causa de minha ambição. Nós nos agarramos à realidade em meio a um pesadelo. Quem saberia dizer alguma coisa sobre os outros?

— Então Caramon está vivo — Tanis disse — Por causa do amor dele. No último suspiro que deu, ele implorou que eu poupasse sua vida. Diga-me, mago, esse futuro que você diz que nós vimos, é irreversível?

— Por que a pergunta? — disse Raistlin extenuado — Você me mataria, Tanis? Agora?

— Eu não sei — Tanis disse calmamente, pensando nas palavras que Caramon disse ao morrer — Talvez.

Raistlin sorriu com amargura

— Poupe sua energia — ele disse — O futuro muda enquanto estamos aqui, nós somos as peças do jogo dos deuses, não seus herdeiros, como nos tinha sido prometido. Mas... — o mago afastou-se da parede — isto está longe de ter chegado ao fim. Nós temos que encontrar Lorac... e o orbe do dragão.

Raistlin arrastava os pés enquanto caminhava pelo corredor, apoiando seu peso com dificuldade sobre o Cajado de Magius, o cristal iluminava a escuridão agora que a luz verde tinha se apagado.

Luz verde. Tanis, em pé no corredor, estava confuso, tentando acordar, tentando separar o sonho da realidade, pois o sonho parecia muito mais real do que tudo aquilo estava parecendo naquele momento. Ele olhou para a parede quebrada. Será que realmente existiu um dragão? E, a luz verde ofuscante no fim do corredor? Mas, o corredor estava escuro. Já era noite. Era de manhã quando eles começaram. As luas não tinham nascido ainda, mas agora elas estavam cheias. Quantas noites tinham se passado? Quantos dias?

Nesse momento, Tanis ouviu o ribombar de uma voz no final do corredor, próximo à porta.

— Raist?

O mago parou, seu ombro afundou. Então, virou-se calmamente

— Meu irmão — ele sussurrou.

Caramon estava em pé no vão da porta, vivo e aparentemente sem ferimentos, seu corpo delineava sua silhueta contra a noite estrelada. Ele olhou para o irmão gêmeo.

Então, Tanis ouviu Raistlin suspirar suavemente.

— Estou cansado, Caramon — o mago tossiu e depois respirou fundo com dificuldade — E ainda há muito a ser feito antes deste pesadelo terminar, antes que as três luas se ponham — Raistlin estendeu o braço delgado — Eu preciso de sua ajuda, meu irmão.

Tanis ouviu Caramon dar um soluço tão forte que o fez estremecer. O homenzarrão correu para a sala onde o mago estava com a espada tinindo contra a coxa. Quando se aproximou de seu irmão, colocou o braço em torno dele.

Raistlin apoiou-se no braço forte de Caramon. Os gêmeos caminharam juntos ao longo do corredor frio, atravessando a parede destruída, e seguindo na direção da sala onde Tanis tinha visto a luz verde e o dragão. Tanis seguiu-os com o coração pesado, pois tinha um mau pressentimento.

Os três entraram na sala de audiência da Torre das Estrelas. Tanis olhou com curiosidade. Durante toda sua vida, o meio elfo tinha ouvido falar de sua beleza. A Torre do Sol de Qualinost tinha sido construída em memória a esta Torre: a Torre das Estrelas. As duas eram parecidas, mas não iguais. Uma delas era cheia de luz, a outra cheia de escuridão. Ele olhou em torno. A Torre elevava-se acima dele em espirais de mármore que tremeluziam com o resplendor de uma pérola. Ela tinha sido construída de modo a coletar a luz da lua, assim como a Torre do Sol coletava a luz solar. As janelas esculpidas na Torre eram facetadas com gemas que recolhiam e ampliavam a luz das duas luas, Solinari e Lunitari, fazendo os raios de luz vermelha e prateada dançarem na câmara. Mas, agora, as gemas estavam quebradas. A luz do luar que se infiltrava para dentro era distorcida, a luz prateada tornava-se branca como um cadáver e o luar vermelho transformava-se em sangue.

Tanis, tremendo, olhou direto para cima. Em Qualinost, havia murais nos tetos, que retratavam o sol, as constelações e as duas luas. Mas, aqui, não havia nada além de um buraco esculpido no topo da Torre. Ele só conseguia ver uma escuridão vazia através desse buraco. As estrelas não brilhavam. Era como se uma esfera negra, perfeitamente redonda tivesse aparecido na escuridão estrelada. Antes que ele pudesse refletir sobre o que isto poderia prenunciar, ele ouviu Raistlin falando calmamente, e virou-se para olhar o mago.

Em meio às sombras, na frente da câmara de audiência, estava o pai de Alhana, Lorac, o rei elfo. Seu corpo, encolhido e cadavérico, quase desaparecia em um enorme trono de pedra, caprichosamente esculpido com pássaros e animais. Ele já deve ter sido muito bonito, mas agora, as cabeças dos animais haviam se transformado em crânios.

Lorac sentava-se inerte, com a cabeça jogada para trás e a boca aberta em um grito silencioso. A mão dele repousava em um globo de cristal.

— Ele está vivo? — Tanis perguntou horrorizado.

— Sim — Raistlin respondeu — Para tristeza dele mesmo, sem dúvida.

— O que há de errado com ele?

— Ele está vivendo um pesadelo — Raistlin respondeu, apontando para a mão de Lorac — Ali está o orbe do dragão. Aparentemente ele tentou controlá-lo. Ele não era forte o suficiente, por isso o orbe o dominou. O orbe chamou Cyan Sanguevil para guardar Silvanesti mas o dragão decidiu destruir o orbe sussurrando pesadelos nos ouvidos de Lorac. A crença de Lorac no pesadelo era tão forte, e a empatia que ele tinha com sua pátria tão grande, que o pesadelo se tornou realidade. Portanto, era o sonho dele que nós estávamos vivendo quando entramos. O sonho dele... e os nossos também. Pois, nós também ficamos sob o controle do dragão quando pisamos em Silvanesti.

— Você sabia que enfrentaríamos isto! — Tanis acusou-o, depois agarrando Raistlin pelo ombro, fê-lo girar em círculos — Você sabia no que nós estaríamos nos metendo desde as praias do rio...

— Tanis — Caramon avisou-o, tirando a mão do meio elfo de cima do mago — Deixe-o em paz.

— Talvez sim — disse Raistlin esfregando o ombro, seus olhos ficaram entreabertos — Talvez não. Eu não sou obrigado a lhe revelar meus conhecimentos nem suas fontes!

Antes que pudesse responder, Tanis ouviu um gemido. Parecia que tinha vindo da base do trono. Olhando com raiva para Raistlin, Tanis virou-se rapidamente e olhou para as sombras. Ele aproximou-se cautelosamente, com a espada em punho.

— Alhana! — a jovem elfa estava agachada aos pés de seu pai, chorando com a cabeça no colo dele. Ela parecia não ter ouvido Tanis. Ele chegou perto dela — Alhana — ele disse gentilmente.

Ela olhou para ele mas não o reconheceu.

— Alhana — ele disse novamente.

Ela piscou os olhos, depois estremeceu e agarrou-se na mão do meio elfo como se estivesse se agarrando à realidade.

— Meio Elfo! — ela sussurrou.

— Como você chegou até aqui? O que aconteceu? — Tanis perguntou.

— Eu ouvi o mago dizer que isso era um sonho — Alhana respondeu, estremeecendo só de lembrar — E e... eu me recusei a acreditar no sonho. Eu acordei, mas acabei descobrindo que o pesadelo era real! Minha linda terra tinha se tornado repleta de horrores! — ela escondeu o rosto nas mãos.

Tanis ajoelhou-se ao lado dela e a abraçou.

— Eu consegui chegar até aqui. Levou... dias. O pesadelo — ela apertou Tanis — Quando eu entrei na Torre, o dragão me pegou. Ele me trouxe até meu pai, pensando em fazer Lorac me assassinar. Mas, nem mesmo em seu pesadelo meu pai foi capaz de ferir sua única filha. Então, Cyan o torturou com visões... daquilo que ele faria comigo.

— E, você? Você as viu, também? — Tanis sussurrou, acariciando os cabelos longos e negros dela, com uma mão tranqüilizadora.

Depois de algum tempo, Alhana falou.

— Não foi tão ruim, assim. Eu sabia que tudo não passava de um sonho. Mas, para meu pobre pai, aquilo tudo era realidade... — ela começou a soluçar.

O meio elfo fez um gesto para Caramon.

— Leve Alhana para um quarto onde ela possa deitar. Nós faremos o que pudermos pelo pai dela.

— Eu estou bem, meu irmão — Raistlin disse em resposta ao olhar preocupado de Caramon — Faça o que Tanis lhe pediu.

— Venha, Alhana — Tanis a encorajou, ajudando-a a levantar-se. Ela cambaleou devido ao cansaço — Tem algum lugar onde você possa repousar? Você precisará de suas energias.

No princípio, ela começou a discutir, mas depois percebeu quão fraca estava.

— Leve-me para o quarto de meu pai — ela disse — Eu lhe mostrarei o caminho — Caramon colocou o braço em volta dela, e lentamente eles começaram a sair da câmara.

Tanis voltou-se para Lorac. Raistlin estava em pé diante do rei elfo. Tanis ouviu o mago falar suavemente consigo mesmo.

— O que foi? — o meio elfo disse baixinho — Ele está morto?

— Quem? — Raistlin sobressaltou-se, piscando. Ele viu Tanis olhando para Lorac — Ah, Lorac? Não, eu acredito que não. Ainda

não.

Tanis percebeu que o mago estava olhando o orbe do dragão.

— O orbe ainda está no controle? — Tanis perguntou nervoso, com os olhos no objeto, que eles tinham sofrido tanto para encontrar.

O orbe do dragão era um enorme globo de cristal, com pelo menos sessenta centímetros de diâmetro. Ele repousava em um pedestal de ouro que tinha sido esculpido com desenhos horríveis e deformados que espelhavam a vida deformada e atormentada de Silvanesti. Embora o orbe tivesse sido obrigatoriamente a fonte da luz verde brilhante, agora só havia um pequeno brilho pulsante, iridescente, bem no seu centro.

As mãos de Raistlin pairavam sobre o globo, mas Tanis notou que ele tinha o cuidado de não tocá-lo enquanto recitava as palavras

aranhosas da magia. Uma leve aura de cor vermelha começou a circundar o globo. Tanis se afastou.

— Não tema — Raistlin sussurrou, observando enquanto a aura se desvanecia — É o meu feitiço. O globo está encantado... ainda. Sua mágica ainda não morreu, mesmo com a partida do dragão, como eu achei que poderia acontecer. Mas o orbe ainda está no controle.

— Controle de Lorac?

— Controle de si mesmo. Ele já libertou Lorac.

— Você fez isso? — Tanis murmurou — Você derrotou o orbe?

— O orbe não está derrotado! — Raistlin disse prontamente — Com ajuda, eu fui capaz de derrotar o dragão. Quando percebeu que Cyan Sanguevil estava perdendo, o orbe mandou-o embora. O orbe libertou Lorac porque ele não tinha mais utilidade. Mas, o orbe ainda é muito poderoso.

— Raistlin, diga-me...

— Eu não tenho mais o que dizer, Tanis — o jovem mago tossiu — Eu tenho que preservar minha energia.

Ajuda de quem, Raistlin teria recebido? O que mais ele sabia deste orbe? Tanis ia abrindo sua boca para continuar o assunto, mas viu os olhos dourados de Raistlin cintilarem. O meio elfo ficou calado.

— Nós podemos libertar Lorac agora — Raistlin acrescentou. Ele chegou perto do rei elfo e gentilmente removeu a mão de Lorac

do orbe do dragão.

Em seguida colocou seus dedos delgados no pescoço de Lorac.

— Ele está vivo. Pelo menos por enquanto. Sua pulsação é fraca. Você pode se aproximar.

Mas Tanis, que olhava fixamente para o orbe do dragão, não se mexeu. Raistlin olhou entretido para o meio elfo, depois acenou.

Tanis se aproximou com relutância.

— Diga-me mais uma coisa... o orbe ainda pode nos ser útil?

Raistlin manteve-se em silêncio por um longo tempo. Depois respondeu de forma quase inaudível.

— Sim, se nos atrevermos usá-lo.

Lorac estremeceu ao respirar, depois gritou; um grito agudo meio gemido e horrível de se escutar. Suas mãos... pouco mais do que garras esqueléticas vivas, retorcidas e deformadas. Os olhos fechados bem apertados. Tanis tentou acalmá-lo em vão. Lorac gritou até ficar sem fôlego, depois gritou silenciosamente.

— Pai! — Tanis ouviu Alhana gritar. Ela apareceu novamente na porta da câmara da audiência e empurrou Caramon de lado. Correndo até seu pai, ela agarrou as mãos magras dele, nas dela. Beijando-as, ela chorou, suplicando que ele ficasse em silêncio.

— Descanse, Pai — ela repetia continuamente — O pesadelo já acabou. O dragão se foi. Você pode dormir agora, pai!

Mas os gritos do homem continuaram.

— Em nome dos deuses! — Caramon disse com o rosto pálido enquanto se aproximava deles — Eu não vou agüentar isto por muito tempo.

— Pai! — Alhana implorava, chamando-o constantemente. Lentamente sua voz amada penetrou nos sonhos torturados que ainda povoavam a mente atormentada de Lorac. Lentamente seus gritos diminuíram até se tornarem pouco mais do que uma lamúria horripilante. Depois, como se tivesse medo do que iria ver, ele abriu os olhos.

— Alhana, minha criança. Você está viva! — Ele ergueu a mão trêmula para tocá-la no rosto — Não pode ser! Eu vi você morrer, Alhana. Eu vi você morrer uma centena de vezes, cada uma mais horripilante do que a outra. Ele a matou, Alhana. Ele queria que eu a matasse. Mas, eu não conseguiria. Embora eu não soubesse o porquê, pois já matei muita gente — de repente, ele viu Tanis. Os olhos dele se arregalaram e brilharam de ódio.

— Você! — Lorac rangeu os dentes, levantando-se da cadeira, suas mãos deformadas agarrando-se dos lados do trono — Você, meio elfo! Eu matei você... ou tentei. Eu tenho que proteger Silvanesti! Eu matei você! Eu matei aqueles que estavam com você — Os olhos dele então, voltaram-se para Raistlin. O olhar de ódio foi substituído por um olhar de medo. Tremendo, ele retrocedeu diante do mago — Mas você, você eu não consegui matar!

O olhar de Lorac, que era um olhar de terror, passou a ser o olhar de alguém confuso.

— Não — ele gritou — Você não é ele! Suas vestes não são negras! Quem é você? — seu olhar voltou para Tanis — E você? Você não é uma ameaça? O que foi que eu fiz? — ele gemeu.

— Não, pai — Alhana implorava enquanto o confortava, tocando seu rosto febril — Agora, você deve descansar. O pesadelo já acabou. Silvanesti está salva.

Caramon ergueu Lorac em seus braços fortes e levou-o para seus aposentos. Alhana caminhava a seu lado, com a mão de seu pai presa na sua.

Agora estamos a salvo, Tanis pensou, ao olhar para fora da janela, para as árvores atormentadas. Apesar dos guerreiros élficos mortos-vivos não mais espreitarem nas matas, as formas tortuosas que Lorac tinha criado em seu pesadelo, ainda viviam. As árvores, contorcidas em agonia ainda choravam sangue. Quem viverá aqui, agora? Tanis pensava, com tristeza. Os elfos não retornarão. Coisas malignas tomarão conta desta mata sombria e o pesadelo de Lorac se tornará realidade.

Pensando na floresta aterrorizante, Tanis de repente se perguntou onde estariam os outros amigos. Será que eles estavam bem? E se eles tivessem acreditado no pesadelo... como Raistlin tinha dito? Teriam eles realmente morrido? Com o coração em pedaços ele sabia que teria que retornar àquela floresta enlouquecida e procurar por eles.

Quando o meio elfo começou a forçar seu corpo cansado a partir para a ação, seus amigos entraram na sala da Torre.

— Eu o matei! — Tika gritou, assim que viu Tanis. Os olhos dela estavam arregalados de dor e terror — Não! Não me toque, Tanis. Você não sabe o que eu fiz. Eu matei Flint! Foi um acidente, eu juro!

Quando Caramon entrou na sala, Tika virou-se para ele soluçando.

— Eu matei Flint, Caramon. Não se aproxime de mim!

— Não diga isso — Caramon disse, tomando-a gentilmente nos braços — Foi só um sonho, Tika. É o que Raist diz. O anão nunca esteve aqui. Pziu — alisando os cachos ruivos de Tika, ele a beijou. Tika agarrou-se nele, Caramon agarrou-se nela, cada um deles encontrando conforto no outro. Os soluços de Tika foram aos poucos diminuindo.

— Meu amigo — Lua Dourada disse, estendendo os braços para abraçar Tanis.

Vendo a expressão séria e grave no rosto dela, o meio elfo deu-lhe um abraço apertado e olhou interrogativamente para Vendaval. O que será que cada um deles sonhou? Mas o homem das planícies apenas balançou a cabeça, também com o semblante pálido e angustiado.

Ocorreu então a Tanis, que cada um deles devia ter vivido seus próprios sonhos e ele repentinamente lembrou-se de Kitiara! De como ela tinha sido real! E Laurana morrendo. Fechando os olhos, Tanis encostou sua cabeça na cabeça de Lua Dourada. Ele sentiu os braços fortes de Vendaal envolvê-los. O amor do casal da planície o abençoou naquele momento. O horror do sonho começou a desaparecer.

Tanis ainda teve um pensamento terrível. O sonho de Lorac tinha se tornado realidade! Será que os sonhos deles também se tornariam?

Atrás dele, Tanis ouviu Raistlin começar a tossir. Agarrando o peito, o mago caiu nos degraus que levavam ao trono de Lorac. Tanis viu Caramon ainda abraçado a Tika olhando preocupado para o irmão. Mas Raistlin ignorou o irmão. Segurando as vestes ao seu redor, o mago deitou-se no chão frio e fechou os olhos, exausto.

Caramon suspirou e abraçou Tika um pouco mais forte. Tanis observou a pequena sombra de Tika tornar-se parte da sombra de Caramon enquanto eles se abraçavam e os corpos eram delineados pelos raios distorcidos vermelho e prateado do luar dividido.

Todos nós temos que dormir, Tanis pensou ao sentir seus olhos arderem. Por outro lado, como poderemos? Como seremos capazes de dormir novamente?

12

VISÕES COMPARTILHADAS.

A MORTE DE LORAC.

E por fim, eles adormeceram. Eles ficaram amontoados o mais próximo possível uns dos outros no chão de pedra da Torre das Estrelas. Enquanto eles dormiam, outras pessoas em terras frias e hostis, terras distantes de Silvanesti, despertavam.

Laurana despertou primeiro. Ela deu um grito ao acordar de um sono profundo, pois no início ela não tinha a menor idéia de onde estava. Ela só disse uma palavra: — Silvanesti!

Flint, acordou tremendo e percebeu que seus dedos ainda se mexiam e as dores nas pernas não estavam piores do que o de costume.

Sturm acordou em pânico. Tremendo de medo, durante um longo tempo ele só conseguiu ficar encolhido e trêmulo debaixo dos cobertores. Depois, ele ouviu um barulho fora da tenda. Com a mão na espada, caminhou na ponta dos pés e empurrou a aba da tenda, abrindo-a.

— Oh! — Laurana arfou ao ver o rosto dele cansado.

— Desculpe-me — Sturm disse — Eu não quis... — depois percebeu que ela estava tremendo tanto que mal conseguia segurar a vela — O que foi? — ele perguntou alarmado, guiando-a para dentro da tenda para sair do frio.

— E... eu sei que parece tolice — Laurana disse enrubescendo — Mas eu tive o sonho mais assustador da minha vida e não consigo dormir.

Tremendo, ela permitiu que Sturm a levasse para dentro da tenda. A chama da sua vela gerava sombras que pareciam pular em volta da tenda. Sturm ficou com medo que ela a deixasse cair e tomou-a para si.

— Não queria te acordar, mas eu ouvi a sua voz. E meu sonho foi tão real! Você estava nele... eu vi você...

— Como é Silvanesti? — Sturm interrompeu abruptamente. Laurana olhou para ele — Mas, é lá que eu sonhei que estávamos! Por que você perguntou? A menos que... você sonhou com Silvanesti, também! — Sturm enrolou o manto em torno de si e acenou com a cabeça

— Eu... — ele começou a falar, depois ouviu um outro ruído fora da tenda. Desta vez, ele abriu direto a aba da tenda — Entre, Flint — ele disse abatido.

O anão entrou pisando duro e o rosto enrubescido. Ele dava a impressão de ter ficado envergonhado por ter encontrado Laurana ali, mas ele gaguejou e bateu os pés no chão até Laurana sorrir para ele.

— Nós sabemos — ela disse — Você teve um sonho. Silvanesti? Flint tossiu, pigarreou e passou a mão no rosto.

— Aparentemente não fui o único? — ele perguntou, olhando para os outros dois meio de soslaio por debaixo das grossas sobrancelhas — Eu acho que vocês... vocês querem que eu lhes conte o que sonhei?

— Não! — Sturm disse depressa com o rosto pálido — Não, não quero falar sobre isso... nunca!

— Nem eu — Laurana disse suavemente. Hesitante, Flint deu uns tampinhas no ombro dela.

— Ainda bem — ele disse com a voz rouca — Eu também não conseguiria falar sobre o meu. Eu só queria saber se Unha sido um sonho. Pareceu tão real que eu esperava encontrar vocês dois...

O anão parou. Ouviu-se um farfalhar do lado de fora, depois Tasslehoff entrou excitado na tenda.

— Eu ouvi vocês falando de um sonho? Eu nunca sonho... pelo menos, não que eu me lembre. Kenders não sonham, muito. Ah, eu acho que sonhamos. Até mesmo animais sonham, mas... — ele viu o olhar furioso de Flint e voltou depressa para o assunto original — Bem! Eu tive o sonho mais fascinante! Árvores chorando sangue. Elfos mortos horríveis andando por aí matando gente! Raistlin usando vestes negras! Foi a coisa mais incrível! E vocês estavam lá, Sturm. Laurana e Flint. E todo mundo morreu! Bem, quase todo mundo. Raistlin não morreu. E tinha um dragão verde...

Tasslehoff parou. O que havia de errado com seus amigos? Seus rostos estavam mortalmente pálidos e os olhos arregalados.

— D... dragão verde — ele gaguejou — Raistlin, vestido de negro. Eu já mencionei isso? B... bem apropriado, na verdade. O vermelho sempre fez ele dar a impressão de estar com amarelão, se é que vocês me entendem. Vocês não me entendem. Bem, eu a... acho que vou voltar para a cama. Se vocês não quiserem ouvir mais? — ele olhou em volta ainda esperançoso. Ninguém respondeu.

— Bem, b... boa noite — ele murmurou. Saindo da tenda precipitadamente, ele voltou para a cama intrigado, balançando a cabeça. Qual era o problema de todo mundo? Tinha sido só um sonho...

Durante um longo tempo, ninguém falou nada. Então, Flint suspirou.

— Eu não me importo de ter tido um pesadelo — o anão disse mal humorado — Mas me recuso a compartilhar isso com um kender. Por que vocês acham que todos nós tivemos o mesmo sonho? E o que isso significa?

— Silvanesti... é uma terra estranha — Laurana disse. Pegando a vela, ela começou a sair. Depois, olhou para trás — Vocês... vocês acham que era real? Eles realmente morreram, como nós vimos? — Tanis estava com aquela mulher humana? ela pensou, mas não perguntou em voz alta.

— Nós estamos aqui — Sturm disse — Nós não morremos. Nós só podemos acreditar que os outros também não morreram. E... — ele fez uma pausa — Isso pode parecer engraçado, mas de alguma forma eu sei que eles estão bem.

Laurana olhou atentamente para o cavaleiro por um instante, viu seu rosto sério se acalmar depois que o choque e o horror inicial tinham se dissipado. Ela sentiu-se relaxar também. Estendendo a mão, segurou a mão forte de Sturm na sua e apertou-a silenciosamente. Depois, virou-se e partiu, saindo novamente para a noite iluminada pelas estrelas.

O anão colocou-se em pé

— Bem, lá se foi minha noite de sono. Eu farei a guarda, agora.

— Eu ficarei com você — Sturm disse, levantando-se e afivelando o cinto da espada.

— Eu acho que nós nunca saberemos por quê, ou como foi que todos nós tivemos o mesmo sonho — Flint disse.

— Eu imagino que não — Sturm concordou.

O anão saiu da tenda. Sturm começou a segui-lo, mas parou quando viu um lampejo. Pensando que talvez um pedaço do pavio da vela de Laurana tivesse caído, ele agachou-se para apagá-lo, mas descobriu que a jóia que Alhana lhe dera, tinha escapado do cinto e caído no chão. Pegando-a, ele percebeu que o broche brilhava com uma luz própria, uma coisa que ele ainda não tinha visto acontecer.

— Eu imagino que não — Sturm repetiu pensativo, enquanto virava a jóia em sua mão sem parar.

O dia amanheceu em Silvanesti pela primeira vez, depois de vários e aterrorizantes meses. Mas só uma pessoa viu isso acontecer. Lorac, observando da janela da câmara, viu o sol se levantar sobre os álamos reluzentes. Os outros exaustos, dormiam profundamente.

Alhana não tinha saído do lado de seu pai a noite inteira. Mas a exaustão tomou conta dela e ela adormeceu sentada em uma cadeira. Lorac viu a luz pálida do sol iluminar seu rosto. Os cabelos

negros e longos caíam sobre o rosto de sua filha como rachaduras no mármore branco. Sua pele estava cortada por espinhos e coberta de sangue seco. Ele viu beleza nela, mas aquela beleza que era desfigurada pela arrogância. Ela era o epítome de seu povo. Virando-se para trás, ele olhou para fora da câmara, para Silvanesti, mas não havia nada ali que o confortasse. Uma névoa verde e nociva ainda pairava sobre Silvanesti, como se o próprio solo estivesse em putrefação.

— Eu causei tudo isto — ele disse para si mesmo, enquanto seus olhos repousavam mais demoradamente sobre as árvores retorcidas e torturadas, as lamentáveis e deformadas bestas que vagavam pelas terras e buscavam um fim para seu tormento.

Durante mais de quatrocentos anos, Lorac tinha vivido nestas terras. Ele as tinha visto tomar forma e florescer através de suas mãos e as mãos de seu povo.

Houve tempos difíceis, também. Lorac era um dos poucos que viviam em Krynn que ainda se lembravam do Cataclismo. Mas os elfos de Silvanesti tinham sobrevivido ao Cataclismo bem melhor do que os outros povos do mundo, por estarem apartados das outras raças. Eles sabiam porque os deuses antigos haviam deixado Krynn;

eles tinham visto o mal na humanidade, embora não soubessem explicar porque os clérigos élficos tinham desaparecido também.

É claro, que os elfos de Silvanesti tinham ouvido falar através dos ventos, dos pássaros e de outras formas misteriosas, do sofrimento de seus primos, os Qualinesti, logo após o Cataclismo. E apesar de terem sofrido com as histórias de saques e assassinatos, os Silvanesti se perguntavam o que se poderia esperar de alguém que vivia entre os humanos? Eles se embrenharam nas florestas, repudiando o mundo exterior, e pouco se importando se o mundo exterior os repudiasse.

Por isso, Lorac não tinha conseguido compreender esse novo mal que descia varrendo lá do norte e ameaçava sua terra natal. Por que eles deveriam incomodar os Silvanesti? Ele se encontrou com os Senhores dos Dragões e lhes explicou que os Silvanesti não iriam lhes causar problemas. Os elfos acreditavam que todos tinham o direito de viver em Krynn, cada um à sua maneira, tanto o bom quanto o mau. Ele falou e eles ouviram e, no princípio, tudo parecia estar bem. Aí então, chegou o dia em que Lorac percebeu que eles tinham sido enganados; o dia em que os dragões irromperam nos céus.

Mesmo assim, os elfos não foram pegos de surpresa. Lorac tinha vivido o suficiente para ser tão ingênuo. Navios já estavam preparados para levar o povo para um lugar seguro. Lorac ordenou que partissem sob o comando de sua filha. Então, quando ficou sozinho, ele desceu para as câmaras abaixo da Torre das Estrelas onde havia escondido o orbe do dragão.

Somente sua filha e os clérigos élficos que já tinham desaparecido há muito tempo sabiam da existência do orbe. O resto do mundo acreditava que eles haviam sido destruídos no Cataclismo. Lorac sentou-se ao lado do orbe com os olhos fixos nele durante vários dias. Ele se lembrava das recomendações dos Altos Magos e procurava relembrar tudo que conseguia sobre o orbe. Por fim, mas totalmente ciente de que não tinha a menor idéia de como ele funcionava, Lorac decidiu que iria tentar usá-lo para salvar sua pátria.

Ele se lembrava vividamente do globo, lembrava dele iluminado por uma luz verde fascinante que girava, pulsava e se fortalecia enquanto ele a olhava. E, ele se lembrava também de que soube que tinha cometido um erro terrível no instante em que colocou os dedos no globo. Ele não tinha nem a força, nem o controle necessários para comandar a mágica. Mas já era tarde demais. O orbe o tinha capturado e o tinha enfeitado, e essa tinha sido a parte mais horrível de seu pesadelo, ser lembrado constantemente que ele estava sonhando, mas, mesmo assim, ser incapaz de se libertar.

E agora, que ele tinha se libertado, o pesadelo tinha se tornado uma realidade. Lorac curvou a cabeça, e sentiu o gosto amargo das lágrimas na boca. Depois, ele sentiu mãos gentis sobre seus ombros.

— Pai, eu não consigo suportar a dor de vê-lo chorando. Saia de perto da janela. Venha para a cama. As terras ficarão lindas novamente, no seu devido tempo. Você ajudará a moldá-las...

Mas, Alhana não conseguia olhar para fora da janela sem estremecer. Lorac sentiu-a trêmula e sorriu com tristeza.

— Nosso povo retornará, Alhana? — ele olhou para o verde, lá fora, que não era o verde vibrante da vida e sim o verde da morte e da deterioração.

— É claro — Alhana disse rapidamente. Lorac deu um tapinha na mão dela

— Uma mentira, minha filha? Desde quando os elfos mentem uns para os outros?

— Eu acho que talvez nós tenhamos sempre mentido para nós mesmos

— Alhana murmurou, lembrando-se do que ela tinha aprendido dos ensinamentos de Lua Dourada — Os deuses antigos não abandonaram Krynn, pai.

Uma clériga de Mishakal, a Curandeira, viajou conosco e nos contou o que ela tinha aprendido. E... eu não quis acreditar, pai. Eu fiquei com ciúmes.

Afinal, ela é humana, e por que os deuses viriam trazer essa esperança para os humanos? Mas agora eu vejo que os deuses são sábios. Eles se dirigiram aos humanos porque nós elfos não os aceitaríamos. Pelo nosso sofrimento, vivendo neste lugar desolado, nós aprenderemos... como você e eu aprendemos, que nós não podemos mais viver dentro do mundo e viver isolados do mundo. Os elfos trabalharão para reconstruir não apenas estas terras, mas todas as terras devastadas pelo mal.

Lorac ouviu. Seus olhos se voltaram da natureza torturada para o rosto da filha, alvo e radiante como a lua prateada, e ele levantou a mão para tocá-la.

— Você os trará de volta? Nosso povo?

— Sim, pai — ela prometeu e pegou a mão fria e descarnada dele na sua, segurando-a firme — Nós trabalharemos arduamente. Nós pediremos o perdão dos deuses. Nós visitaremos os povos de

Krynn e... — lágrimas inundaram os olhos dela e fizeram sua voz engasgar de emoção, pois ela viu que Lorac não podia mais ouvi-la. Os olhos dele se turvaram e ele começou a cair sentado na cadeira.

— Eu quero me doar para as terras — ele sussurrou — Enterre meu corpo no chão, filha. Da mesma forma que minha vida trouxe a maldição para o chão, então, talvez, minha morte trará sua bênção.

A mão de Lorac soltou-se do aperto da filha. Os olhos sem vida olhavam para as terras atormentadas de Silvanesti. Mas o olhar de terror que havia em seu rosto tinha desaparecido, enchendo-o de paz.

E Alhana não conseguiu chorar por isso.

Naquela noite, os companheiros prepararam-se para partir de Silvanesti. Eles viajarão sob o manto da escuridão durante uma boa parte da jornada para o norte, pois agora eles sabiam que os

exércitos dragonianos controlavam as terras que eles teriam de atravessar. Eles não tinham mapas para orientá-los. Na verdade, eles tinham medo de confiar nos mapas antigos depois da experiência que tinham tido com Tarsis, a cidade portuária sem saída para o mar. Mas os únicos mapas que podiam ser encontrados em Silvanesti, datavam de milhares de anos atrás. Os companheiros decidiram viajar para o norte às cegas, com alguma esperança de descobrir algum porto onde eles pudessem encontrar uma passagem para Sancrist.

Eles carregavam pouca coisa, pois assim poderiam viajar mais rápido. Além disso, havia pouca coisa para levar, pois os elfos tinham carregado toda comida e suprimentos do país quando partiram.

O mago tomou posse do orbe do dragão: uma incumbência que ninguém discutiu com ele. Tanis desesperou-se no início ao pensar em como eles conseguiriam carregar o enorme cristal: o orbe tinha quase sessenta centímetros de diâmetro e era extraordinariamente pesado. Mas, na noite do dia anterior à partida deles, Alhana aproximou-se de Raistlin com uma pequena sacola na mão.

— Meu pai carregava o orbe nesta sacola. Eu sempre a achei estranha, considerando-se o tamanho do orbe, mas ele disse que a sacola lhe havia sido dada na Torre da Alta Magia. Talvez, isso o ajude.

O mago estendeu a mão delgada e a agarrou com ansiedade.

— Jistrah tagopar. Ast moirparann Kini — ele murmurou e observou com satisfação, quando aquela sacola de aparência comum começou a brilhar com uma luz cor-de-rosa pálida.

— Sim, ela é encantada — ele sussurrou. Depois, ergueu os olhos para Caramon — Vá e traga-me o orbe.

Os olhos de Caramon arregalaram-se horrorizados

— Não o pegaria por tesouro nenhum desse mundo! — disse o homenzarrão num juramento.

— Traga-me o orbe! — Raistlin ordenou, olhando com raiva para o irmão, que ainda balançava a cabeça.

— Ah, não seja tolo, Caramon! — Raistlin retrucou, exasperado — O orbe não consegue fazer mal àqueles que não tentam usá-lo. Acredite-me, querido irmão, você não tem poder para controlar uma barata, quanto mais um orbe do dragão!

— Mas ele pode me pegar — Caramon protestou.

— Não! Ele só quer aqueles que têm... — Raistlin parou repentinamente.

— Sim? — Tanis disse calmo — Continue. A quem ele busca?

— Pessoas que tenham inteligência — Raistlin disse com rispidez — Portanto, eu acredito que os membros deste grupo estão seguros. Traga-me o orbe Caramon, ou talvez você queira carregá-lo você mesmo? Ou você, Meio Elfo? Ou você, clériga de Mishakal?

Caramon olhou constrangido para Tanis e o meio elfo percebeu que o grandalhão estava pedindo sua aprovação. Foi um comportamento estranho para Caramon, pois ele sempre tinha feito tudo que Raistlin mandava sem questionar.

Tanis viu que ele não foi o único a perceber o apelo silencioso de Caramon. Os olhos de Raistlin reluziram de ódio.

Agora, mais do que nunca, Tanis foi prudente com o mago, desconfiando do estranho e sempre crescente poder de Raistlin. É ilógico, ele discutia consigo mesmo. Não deve ser nada mais que uma reação ao pesadelo. Mas, aquilo não resolvia o problema. O que ele deveria fazer com relação ao orbe do dragão? Na verdade, ele percebeu com pesar que tinha pouca escolha.

— Raistlin é o único que tem conhecimento e perícia e... vamos admitir, coragem para lidar com aquela coisa — Tanis disse com relutância — Eu diria que ele deve levá-lo, a menos que um de vocês queira a responsabilidade?

Ninguém disse nada, embora Vendaval balançasse a cabeça e franzisse a testa emburrado. Tanis sabia e Raistlin também, que se a decisão dependesse dele o homem das planícies deixaria o orbe... aqui em Silvanesti.

— Vá em frente, Caramon — Tanis disse — Você é o único aqui com força suficiente para levantá-lo.

Relutante, Caramon foi buscar o orbe de seu pedestal de ouro. Suas mãos tremiam quando ele as levantou para pegá-lo, mas quando segurou o orbe, nada aconteceu. O globo não mudou de aparência. Suspirando aliviado, mas reclamando do peso, Caramon levantou o orbe e levou-o até seu irmão que estava com a sacola aberta.

— Coloque-o dentro da sacola — Raistlin ordenou.

— O que? — o queixo de Caramon caiu enquanto ele olhava do orbe gigante para a pequena sacola nas mãos frágeis do mago — Não posso fazer isso, Raist! Não vai caber aí! Ele vai quebrar!

O homenzarrão ficou calado enquanto os olhos de Raistlin flamejavam com um brilho dourado sob a luz do dia, que já se extinguia.

— Não! Caramon, espere! — Tanis saltou na direção dele, mas desta vez Caramon fez o que Raistlin tinha mandado. Calmamente, com os olhos imobilizados pelo olhar intenso do irmão, Caramon largou o orbe do dragão.

O orbe desapareceu!

— O que? Onde... — Tanis fitou Raistlin desconfiado.

— Dentro da sacola — o mago respondeu calmamente, exibindo a pequena sacola — Veja você mesmo, se não confia em mim.

Tanis espiou dentro da sacola. O orbe estava dentro dela, e era realmente o orbe do dragão. Ele não tinha dúvida. Ele conseguia ver a bruma verde girando, como se houvesse uma débil vida se mexendo lá dentro. Deve ter encolhido, ele pensou admirado, mas o orbe parecia ser do mesmo tamanho de sempre, dando a Tanis a assustadora impressão de que ele é quem tinha crescido.

Tanis deu um passo para trás, estremeando. Raistlin deu um puxão rápido no cordão, na boca da sacola, fechando-a. Então, olhando para eles com desconfiança, ele enfiou a sacola debaixo das vestes, acomodando-a em um dos numerosos bolsos escondidos e começou a virar-se. Mas Tanis o deteve.

— As coisas nunca mais poderão ser do jeito que eram entre nós dois, poderão? — o meio elfo perguntou baixinho.

Raistlin olhou para ele durante um momento e Tanis viu uma breve centelha de arrependimento nos olhos do jovem mago, uma saudade da confiança e da amizade e um retorno aos dias da juventude.

— Não — Raistlin sussurrou — Mas, esse foi o preço que eu paguei — ele começou a tossir.

— Preço? Para quem? Pelo que?

— Não questione, Meio Elfo — os ombros delgados do mago dobravam-se com a tosse. Caramon colocou o braço forte em torno do irmão e Raistlin recostou-se, com fraqueza, contra o irmão gêmeo. Quando se recobrou do acesso de tosse, ele levantou os olhos dourados — Eu não posso lhe responder, Tanis, porque eu mesmo não sei.

Depois, curvando a cabeça, ele deixou Caramon guiá-lo para descansar o mais que ele podia antes da jornada.

— Eu queria que você reconsiderasse e nos permitisse ajudá-la nos ritos funerários de seu pai — Tanis disse a Alhana enquanto ela estava em pé à porta da Torre das Estrelas, para dar-lhes adeus — Um dia a mais, um dia a menos, não fará diferença.

— Sim, permita que nós a ajudemos — Lua Dourada fez uma solicitação sincera — Eu conheço um bocado desse assunto, pois nossos costumes de sepultamento são similares aos seus, se o que Tanis me disse está correto. Eu era uma sacerdotisa em minha tribo e orientava o processo de enrolar os corpos nas bandagens preparadas com especiarias que os preservariam...

— Não, meus amigos — Alhana disse com firmeza e o rosto pálido — Era desejo de meu pai que eu... eu fizesse isso sozinha.

Isso não era bem verdade, mas Alhana sabia o choque que essas pessoas levariam ao ver o corpo de seu pai entregue ao solo; um costume praticado apenas por goblins e outras criaturas malignas. Essa idéia também a assustava. Involuntariamente, o olhar dela foi atraído por uma árvore retorcida e torturada que

marcava o túmulo de seu pai, pairando acima dele como um abutre. Rapidamente ela afastou os olhos dali, sua voz titubeou.

— A tumba dele já estava... estava preparada há muito tempo e eu mesma tenho um pouco de experiência nisso. Não se preocupem comigo, por favor.

Tanis viu a agonia no rosto dela, mas não podia se recusar a atender seu pedido.

— Nós compreendemos — Lua Dourada disse. Então, agindo num impulso, a mulher Que-shu colocou os braços em volta da princesa élfica e a abraçou como se estivesse abraçando uma criança perdida e assustada. Alhana ficou tensa a princípio, depois, relaxou no abraço compassivo de Lua Dourada.

— Fique em paz — Lua Dourada sussurrou enquanto ajeitava alguns fios dos cabelos negros de Alhana que lhe caíam no rosto.

Depois de fazer isso, a mulher das planícies afastou-se.

— O que você vai fazer depois que enterrar seu pai? — Tanis perguntou quando ele e Alhana se encontraram a sós nos degraus da Torre.

— Eu voltarei para meu povo — Alhana respondeu de maneira sombria — Agora que o mal se foi destas terras, os grifos virão me buscar e me levarão para Ergoth. Nós faremos o que pudermos para ajudar a derrotar esse mal, depois nós voltaremos para casa.

Tanis deu uma olhada em torno de si. Silvanesti era horrível durante o dia, mas seus terrores durante a noite eram indescritíveis.

— Eu sei — Alhana disse em resposta aos pensamentos que Tanis não verbalizou — Essa será nossa penitência.

A princípio, Tanis ergueu as sobrancelhas de forma cética, sabendo da luta que ela teria diante de si para fazer com que seu povo retornasse. Depois, ele viu a convicção no rosto de Alhana e achou que as chances dela consegui-lo eram de 50%.

Ele sorriu e mudou de assunto.

— E, você arranjará tempo para ir a Sancrist? — ele perguntou — Os cavaleiros ficariam honrados com sua presença. Especialmente, um deles.

O rosto pálido de Alhana enrubesceu.

— Talvez — ela disse, falando tão baixo quanto um sussurro — Eu não posso dizer, ainda. Eu aprendi muitas coisas sobre eu mesma. Mas, levará muito tempo até eu fazer essas coisas serem parte de mim — ela balançou a cabeça, suspirando — Pode até ser que eu nunca me sinta realmente à vontade com elas.

— Como aprender a amar um humano, por exemplo?

Alhana levantou a cabeça e seus olhos claros olharam dentro dos olhos de Tanis.

— Você acha que ele seria feliz, Tanis? Longe de sua pátria, pois, eu tenho que voltar a Silvanesti? E eu, conseguiria ser feliz sabendo que terei de vê-lo envelhecer e morrer enquanto eu ainda estarei em plena juventude?

— Eu fiz essas perguntas a mim mesmo, Alhana — Tanis disse ao pensar com dor na decisão que teve que tomar em relação a Kitiara — Se nós rejeitarmos o amor que nos é dado, e se nos recusarmos a dar amor com medo da dor de uma possível perda, então, nossas vidas serão vazias, e nossas perdas, ainda maiores.

— Quando nós nos conhecemos, eu me perguntei por que essas pessoas o seguiam, Tanis Meio Elfo — Alhana disse suavemente — Agora, eu compreendo. Eu levarei suas palavras em consideração. Adeus, até o fim da jornada de sua vida.

— Adeus, Alhana — Tanis respondeu, pegando a mão que ela lhe estendeu. Ele não conseguia pensar em mais nada para dizer, por isso virou-se e partiu.

Mas, ele não conseguia parar de se perguntar, como sempre fazia, que se ele era tão sábio, por que é que sua vida estava tão enrolada?

Tanis reuniu-se com os companheiros à margem da floresta. Eles ficaram ali por um momento, relutantes em entrar nas matas de Silvanesti. Apesar de saberem que o mal havia desaparecido, a perspectiva de viajar durante vários dias dentro de uma floresta retorcida e torturada era um tanto sombria. Mas eles não tinham outra escolha. Eles já notavam o sentido de urgência que os tinha trazido até aqui. A areia do tempo escoava-se pela ampulheta, e eles sabiam que não poderiam deixar toda areia cair, embora eles não tivessem a menor idéia do por quê.

— Venha, meu irmão — disse Raistlin finalmente. O mago tomou a dianteira e entrou na floresta com o Cajado de Magius emitindo sua luz pálida enquanto ele caminhava. Caramon seguiu-o, soltando um suspiro. Um a um os outros seguiam atrás. Tanis foi o único a olhar para trás.

Eles não iam ver as luas esta noite. As terras estavam cobertas por uma densa escuridão, como se elas também lamentassem a morte de Lorac. Alhana colocou-se à porta da Torre das Estrelas, e seu corpo cintilava sob a luz de um luar capturado em épocas passadas. Somente o rosto de Alhana era visível nas sombras, como o fantasma da lua de prata. Tanis viu um lampejo de movimento.

Alhana ergueu a mão, e houve um breve clarão gerado por uma luz pura e branca... a Jóia das Estrelas. Em seguida, ela desapareceu.

LIVRO DOIS

A história da jornada dos companheiros até o Castelo da Muralha de Gelo e a vitória deles sobre o malévolo Senhor dos Dragões, Feal-thas, tornou-se uma lenda entre os Bárbaros do Gelo que habitam aquela terra desolada. Essa história é contada ainda hoje pelos clérigos do vilarejo durante as longas noites de inverno, quando os feitos heróicos são lembrados e canções são entoadas.

CANÇÃO DO SALTEADOR DO GELO

Fui eu quem os trouxe de volta.

Eu sou Raggart, e lhes conto isto.

Neve sobre a neve, apaga os sinais de gelo

Sobre a neve, o sol irradia brancura

uma luz fria, sempre insuportável.

E se eu não lhes contar isto

A neve vai encobrir os feitos dos heróis

E a força deles na minha canção

*Repousa em uma camada de cristais de gelo que não se erguerá
mais*

Nunca mais, enquanto o sopro perdido se esvai.

Eles eram sete, vindos das terras quentes

(Fui eu quem os trouxe de volta)

Quatro espadachins jurados no norte

A mulher elfa Laurana

O anão das montanhas de pedra

O kender pequeno como um falcão.

Cavalgando três lâminas eles chegaram ao túnel

À entrada do único castelo.

Entre os Thanoi, os antigos guardiões

Onde seus espadachins esculpiram o ar quente

Encontrando tendões, encontrando ossos

Enquanto os túneis se derretiam, vermelhos.

Sobre o minotauro, sobre o urso do gelo

As espadas assobiavam de novo

Brilhantes, beirando a loucura

O túnel, até o joelho com armas

garras, e coisas indescritíveis

Enquanto os espadachins desciam

O vapor claro congelava atrás deles.

Feal-thas esperava lordes do dragão e lobos

De armadura branca, pois, não há nada

Que o camufle no gelo quando o sol irradia brancura.

E, ele invocou os lobos os ladrões de bebês

Que se alimentavam de morte nas tocas ancestrais.

Em volta dos heróis, um círculo de facas de desejo

Enquanto os lobos espreitavam aos olhos de seu mestre.

E, Aran, o primeiro a quebrar o círculo

Vento quente na garganta de Feal-thas

Derrubou e esclareceu

Com sua caça perfeita.

Brian, o próximo, quando a espada do lorde lobo

Mandou-o procurar as terras quentes.

Todos ficaram congelados na roda de lâminas

Todos ficaram congelados, exceto Laurana.

Cegada por uma luz quente que iluminava sua cabeça

Onde a morte derrete em um sol poente

Agarra o Salteador do Gelo

E por sobre a agitação dos lobos, por sobre a matança

Carregando uma lâmina de gelo, suportando a escuridão

Abriu a garganta do lorde dos lobos

E os lobos se calaram quando a cabeça rolou.

O resto conta-se depressa.

Destruindo os ovos da violenta prole dos dragões

Um túnel de escamas e imundice

Seguiu-se até a terrível câmara

Seguia mais adiante, seguia até o tesouro.

Lá, o orbe azul dançava branco

Expandiu como um coração no seu incessante pulsar

(Eles permitiram que eu o segurasse eu os trouxe de volta).

Saindo do túnel, sangue sobre e sob o gelo

Carregando seu incrível fardo

Os jovens cavaleiros silenciosos e esfarrapados

Eles eram somente cinco agora

O kender por último, os pequenos bolsos cheios.

Eu sou Raggart, e eu estou lhe dizendo isto.

fui eu quem os trouxe de volta.

O VÔO DE VOLTA DA MURALHA DE GELO

O velho anão jazia moribundo. Seus membros não eram mais capazes de suportá-lo. Seus intestinos e o estômago trançavam-se como cobras. Ele ficou enjoado com o balanço do mar. Não conseguia nem levantar a cabeça da cama. Olhou para cima e fitou a lâmpada a óleo que balançava acima de sua cabeça. A luz dessa lâmpada parecia estar ficando cada vez mais fraca. E isso, pensou o anão. É o fim. A escuridão está tomando conta dos meus olhos...

Ele ouviu um ruído perto dele, como se o assoalho estivesse estalando; parecia que alguém o espiava silenciosamente. Debilmente, Flint conseguiu virar sua cabeça.

— Quem é? — ele falou com a voz rouca.

— Tasslehoff— sussurrou uma voz preocupada. Flint suspirou e estendeu-lhe a mão deformada. Tas colocou sua mão sobre a dele.

— Ah, rapaz. Fico contente que você tenha vindo bem na hora de me dizer adeus — disse o anão, com fraqueza — Eu estou morrendo, rapaz. Estou indo para Reorx...

— O que? — perguntou Tas, chegando mais perto.

— Reorx — repetiu o anão, irritado — Estou indo para os braços de Reorx.

— Não estamos, não — disse Tas — Nós estamos indo para Sancrist. A menos que você esteja se referindo a uma hospedaria. Eu perguntarei para Sturm. Os Braços de Reorx. Hummm...

— Reorx, o Deus dos Anões, seu cabeça de vento! — Flint rugiu.

— Ah, aquele Reorx — disse Tas depois de um segundo.

— Ouça, rapaz — Flint disse mais calmo, determinado a não deixar ninguém magoado depois que ele morresse — Eu quero que você fique com meu elmo. Aquele que você me deu em Xak Tsaroth, com a crina de grifo.

— Quer mesmo? — Tas perguntou, impressionado — Isso é muito legal da sua parte, Flint, mas, como você conseguirá outro elmo?

— Ah, rapaz, não vou precisar de um elmo no lugar para onde estou indo.

— Você vai precisar de um em Sancrist — Tas disse, hesitante — Teodorico acha que os Senhores dos Dragões estão se preparando para lançar um ataque em larga escala e eu acho que um elmo poderia ser útil...

— Eu não estou falando de Sancrist! — Flint grunhiu enquanto sentava-se com dificuldade — Não precisarei de um elmo porque eu estou morrendo!

— Eu quase morri uma vez — Tas disse, solene. Colocando uma tigela quente sobre a mesa, acomodou-se confortavelmente em uma cadeira para contar sua história — Foi naquela vez, em Tarsis, quando o dragão derrubou um edifício sobre mim. Elistan disse que eu quase morri. Na verdade, aquelas não foram suas palavras exatas, mas ele disse que foi só pela inter... interces... bem, inter-alguma-coisa dos deuses que estou aqui hoje.

Flint deu um grunhido poderoso e caiu de costas na cama, sem forças.

— Será que seria pedir demais eu poder morrer em paz? — ele falou para a lâmpada que balançava acima de sua cabeça — Sem kendens à minha volta! — esta última frase foi praticamente um guincho.

— Ah, pára com isso. Você não está morrendo, você sabe disso — Tas disse — Você só está mareado.

— Eu estou morrendo — o anão disse com teimosia — Eu fui infeccionado por uma doença muito grave e agora estou morrendo. E que isso fique na consciência de vocês. Foram vocês que me arrastaram para este maldito barco...

— Navio - Tas interrompeu.

— Barco! — Flint repetiu furioso — Vocês me arrastaram para este maldito barco, depois me deixaram perecer de uma doença terrível num quarto infestado de ratos...

— Nós poderíamos tê-lo deixado lá trás na Muralha de Gelo, com os homens-morsa e... — Tasslehoff parou.

Flint tentou mais uma vez se sentar com dificuldade, mas desta vez seu olhar era de quem estava fora de si. O kender levantou-se e começou a dirigir-se para a porta.

— Ah, eu acho que é melhor eu ir embora. Só vim aqui em baixo para — ah — ver se você queria alguma coisa para comer. O cozinheiro do navio fez o que ele chama de sopa de ervilhas...

Laurana, que se aconchegava, escondendo-se do vento na proa, teve um sobressalto assim que ouviu o rugido mais assustador vir de debaixo da proa, e acompanhado pelo barulho de louças de barro quebrando. Ela olhou para Sturm que estava próximo a ela. O cavaleiro sorriu.

— Flint — ele disse.

— Sim — Laurana disse preocupada — Talvez eu devesse...

Ela foi interrompida pela aparição de Tasslehoff pingando sopa de ervilhas.

— Acho que o Flint já está se sentindo melhor — Tasslehoff disse solenemente — Mas ele ainda não está em condições de comer nada.

A jornada a partir da Muralha de Gelo tinha sido rápida. O pequeno navio em que eles viajavam praticamente voou sobre as águas do mar, impelido para o norte pelas correntes e ventos frios reinantes.

Os companheiros tinham viajado para a Muralha de Gelo onde, de acordo com Tasslehoff, havia um orbe do dragão guardado no Castelo da Muralha de Gelo. Eles encontraram o orbe e derrotaram seu guardião malévolo, Feal-thas, um poderoso Lorde dos Dragões. Depois de terem escapado da destruição do castelo com a ajuda dos Bárbaros do Gelo, eles estavam agora em um navio com destino a

Sancrist. Apesar do precioso orbe do dragão estar armazenado em segurança em um baú embaixo do convés, os horrores da jornada deles à Muralha de Gelo, ainda atormentavam seus sonhos à noite.

Mas, os pesadelos da Muralha de Gelo não eram nada comparados com aquele estranho e vivido sonho que eles tinham experimentado bem mais de um mês antes. Nenhum deles tocava nesse assunto, mas de vez em quando Laurana via um olhar de medo e solidão (incomuns em Sturm) que a fazia pensar que ele também podia estar se lembrando do sonho.

Fora isso, o grupo estava bem animado; com exceção do anão que teve de ser arrastado para o navio e ficou imediatamente mareado. A viagem para a Muralha de Gelo tinha sido, sem dúvida nenhuma, uma vitória. Juntamente com o orbe do dragão, eles levavam consigo a haste de uma arma antiga que se acreditava ser a dragonlance. E eles levavam consigo uma coisa ainda mais importante, embora não tivessem percebido isso quando a encontraram...

Os companheiros, acompanhados por Teodorico Guardiãorreal e outros dois jovens cavaleiros que haviam se reunido a eles em Tarsis, tinham revistado o Castelo da Muralha de Gelo em busca do

orbe do dragão. A busca não tinha dado bom resultado. Várias vezes, eles tiveram que enfrentar os malignos homens-morsa, lobos de inverno e ursos. Os companheiros começaram a achar que eles tinham ido até lá a troco de nada, mas Tas jurou que o livro que ele tinha lido em Tarsis dizia haver um orbe guardado ali. Por isso, eles continuaram procurando.

Foi durante essa busca que eles se depararam com uma visão surpreendente; um enorme dragão, com mais de doze metros de comprimento, a pele cor prata cintilante e completamente enclausurado em uma muralha de gelo. As asas do dragão estavam abertas, prontas para voar. A expressão do dragão era feroz, mas sua cabeça era nobre e ele não inspirava o medo e a repugnância que eles lembravam ter experimentado, quando estavam próximos dos dragões vermelhos. Pelo contrário, eles sentiram uma grande e irresistível tristeza por esta criatura magnífica.

Mas o mais estranho para eles era o fato deste dragão ter um cavaleiro! Eles tinham visto os Senhores dos Dragões cavalgarem seus dragões, mas a julgar pela armadura antiga este homem parecia ter sido um Cavaleiro de Solamnia! Ele segurava firme em uma das mãos protegidas por luvas, a haste quebrada do que parecia ter sido uma grande lança.

— Por que um Cavaleiro de Solamnia estaria cavalgando um dragão? — Laurana perguntou, pensando nos Senhores dos Dragões.

— Houve cavaleiros que se voltaram para o mal — Lorde Teodorico Guardiãorreal disse com aspereza — Embora eu me envergonhe por ter que admiti-lo.

— Eu não sinto mal algum aqui — Elistan disse — Só uma grande tristeza. Eu gostaria de saber como eles morreram. Eu não vejo nenhum ferimento...

— Isto me parece familiar — Tasslehoff interrompeu, franzindo a testa — Como um quadro. Um cavaleiro cavalgando um dragão prateado. Eu vi...

— Bobagem! — Flint bufou — Você já viu elefantes peludos...

— Eu estou falando sério — Tas protestou.

— Onde foi isso, Tas? — Laurana perguntou gentilmente ao ver uma expressão de mágoa no rosto do kender — Você consegue se lembrar?

— Eu acho... — os olhos de Tasslehoff perderam o foco — Isso me faz lembrar de PaxTharkas e Fizban...

— Fizban! — Flint explodiu — Aquele velho mago era mais louco que Raistlin, se é que isso é possível.

— Eu não sei do que Tas está falando — Sturm disse, olhando pensativo para o dragão e seu cavaleiro — Mas, lembro de minha mãe dizer que Huma cavalgava um dragão prateado e carregava uma lança de dragão em sua batalha final.

— E eu me lembro minha mãe dizendo para guardar alguns bolinhos doces para aquele velhinho vestido de branco que visitava nosso castelo na época de natal — zombou Teodorico — Sem dúvida alguma, esse é um cavaleiro renegado subjugado pelo mal.

Teodorico e os dois cavaleiros jovens Viraram-se para partir, mas o resto do grupo continuou olhando para a figura no dragão.

— Você tem razão, Sturm. Aquela é uma lança de dragão — Tas disse pensativo — Eu não sei dizer como é que eu sei disso, mas eu tenho certeza.

— Você viu isso no livro em Tarsis? — Sturm perguntou, trocando olhares com Laurana, pois os dois achavam que a seriedade do kender não era comum, chegando até mesmo a ser assustadora.

Tas encolheu os ombros.

— Eu não sei — ele disse em voz baixa — Desculpem-me.

— Talvez devêssemos levá-la conosco — Laurana sugeriu inquieta — Não acho que faria mal.

— Vamos indo, Montante Luzente! — A voz de Teodorico chegou até eles, ecoando com severidade — Os thanoi podem ter perdido nosso rastro por ora, mas não vai demorar muito para descobrirem nossas pegadas de novo.

— Como conseguiríamos pegá-la? — Sturm perguntou, ignorando a ordem de Teodorico — Ela está envolta em uma camada de gelo que tem pelo menos noventa centímetros de espessura!

— Eu consigo — Gilthanas disse.

Pulando sobre a enorme montanha de gelo que tinha se formado em volta do dragão e seu cavaleiro, o elfo encontrou um lugar para apoiar a mão e começou a escalar o monumento centímetro por centímetro. Usando as mãos e os joelhos, ele conseguiu se arrastar desde a asa congelada do dragão até a lança que estava presa na mão do cavaleiro. Gilthanas pressionou a mão contra a parede de gelo que cobria a lança e falou na estranha e aranhosa linguagem da mágica.

Um brilho vermelho irradiou-se da mão do elfo em direção ao gelo, derretendo-o rapidamente. Em segundos, ele foi capaz de

enfiar a mão pelo buraco e pegar a lança. Mas ela estava bem segura pela mão do cavaleiro morto.

Gilthanas deu um puxão e chegou até mesmo a tentar abrir os dedos congelados da mão do cavaleiro. Até que por fim ele não conseguiu mais suportar o frio do gelo e desceu de volta ao chão, tremendo.

— Não tem jeito — ele disse — Ele está com a mão bem apertada.

— Quebre os dedos... — sugeriu Tas, tentando ajudar.

Sturm silenciou o kender com um olhar furioso.

— Eu não permitirei que o corpo dele seja profanado — ele retrucou — Talvez nós possamos fazer a lança escorregar até sair da mão dele. Eu tentarei...

— Não vai dar certo — Gilthanas disse à irmã enquanto eles observavam Sturm escalar uma das faces do gelo — E como se a lança tivesse se tornado parte da mão. Eu... — O elfo parou.

Quando Sturm passou a mão pelo buraco no gelo e segurou a lança, o cavaleiro preso no gelo deu a impressão de mover-se de repente, muito levemente. Sua mão dura e congelada soltou um pouco o aperto da lança partida. Sturm quase caiu de assombro e, largando a arma, afastou-se rapidamente ao longo da asa do dragão coberta de gelo.

— Ele está dando a lança para você — Laurana gritou — Continue Sturm! Pegue-a! Você não está vendo... ele está entregando a lança a outro cavaleiro.

— O que eu não sou — Sturm disse com amargura — Mas talvez isso seja uma indicação, talvez ela seja do mal... — Hesitando, ele escorregou de volta até o buraco e pegou a lança mais uma vez. A mão congelada do cavaleiro morto afrouxou o aperto. Segurando a arma quebrada, Sturm tirou-a cuidadosamente do gelo. Depois saltou de volta ao chão e ficou olhando para a antiga haste.

— Uau isso foi maravilhoso! — disse Tas admirado — Flint, você viu aquele cadáver se mexer?

— Não! — disse o anão irritado — E você também não. Vamos sair daqui — ele completou estremecendo.

Então, Teodorico apareceu:

— Eu lhe dei uma ordem, Sturm Montante Luzente! Por que essa demora? — o rosto de Teodorico anuviou-se de raiva quando ele viu a lança.

— Eu lhe pedi que a pegasse para mim — Laurana disse, a voz fria como a muralha de gelo que existia atrás dela. Pegando a lança, ela começou a embrulhá-la rapidamente em um manto de pele que tinha na mochila.

Teodorico, observou-a por um momento irritado, depois fez uma mesura com pouca flexibilidade e girou sobre o calcanhar.

— Cavaleiros mortos, cavaleiros vivos, eu não sei quem é pior — Flint resmungou, agarrando Tas e arrastando-o consigo atrás de Teodorico.

— E se for uma arma do mal? — Sturm perguntou para Laurana em voz baixa enquanto percorriam os corredores de gelo do castelo.

Laurana olhou uma última vez para o cavaleiro morto montado no dragão. O sol frio e pálido das terras do sul estava se pondo, sua luz projetava uma sombra pálida sobre os corpos, o que lhes dava um aspecto sinistro. Enquanto olhava, ela teve a impressão de ter visto o corpo tombar sem vida.

— Você acredita na história de Huma? — Laurana perguntou suavemente.

— Eu não sei mais no que acreditar — disse Sturm, a amargura tornando sua voz mais áspera — Tudo costumava ser preto e branco para mim, tudo estava bem claro e bem definido. Eu acredito na história de Huma. Minha mãe contou-a para mim como sendo verdade. Aí, eu fui para Solamnia — ele fez uma pausa como se não estivesse disposto a continuar. Depois, vendo o rosto de Laurana cheio de interesse e compaixão, ele engoliu em seco e continuou:

— Eu nunca disse isto a ninguém, nem mesmo a Tanis. Quando voltei para minha terra natal, eu descobri que a Cavalaria não era a ordem da honra, dos homens altruístas que minha mãe

tinha descrito. Ela era dominada por intrigas políticas. Os melhores homens eram como Teodorico, honrados, porém rígidos e inflexíveis e de pouco uso para aqueles que eles consideravam abaixo de si mesmos. E pior... — ele balançou a cabeça — Quando falei com eles sobre Huma, eles riram. Um cavaleiro itinerante, eles o chamaram. De acordo com a história deles, Huma foi expulso da ordem por desobedecer a suas leis. Eles dizem que Huma perambulou pelo interior fazendo-se admirar pelos plebeus que então começaram a criar lendas sobre ele.

— Mas ele realmente existiu? — Laurana persistiu, entristecida pelo sofrimento estampado no rosto de Sturm.

— Ah, sim. Disso não há dúvida. Os registros que sobreviveram ao Cataclismo registram seu nome dentre as ordens mais baixas dos cavaleiros. Mas a história do Dragão Prateado, a Batalha Final e até mesmo a própria Dragonlance... ninguém mais acredita. Como Teodorico diz, não existem provas. De acordo com a lenda, o Túmulo de Huma era uma construção muito alta... uma das maravilhas do mundo. Mas você não consegue encontrar ninguém que a tenha visto. Tudo que temos são histórias de crianças como Raistlin diria — Sturm colocou a mão no rosto e cobrindo os olhos deu um profundo e trêmulo suspiro.

— Sabe de uma coisa — ele disse suavemente — Nunca pensei que um dia eu seria capaz de dizer isto, mas tenho saudade de Raistlin. Tenho saudade de todos eles. Sinto como se uma parte de mim tivesse sido arrancada e é assim que me senti quando estive em Solamnia. É por isso que voltei, ao invés de esperar e completar os testes para minha sagração como cavaleiro. Essas pessoas... meus amigos... estavam fazendo mais para combater o mal no mundo do que todos os Cavaleiros juntos. Até mesmo Raistlin, de alguma forma que eu não consigo compreender. Ele poderia nos dizer o que tudo isto significa — ele apontou com o polegar para trás, para o cavaleiro enclausurado no gelo — Pelo menos ele acreditaria nisso. Se ele estivesse aqui. Se Tanis estivesse aqui... — Sturm não conseguiu continuar.

— Sim — Laurana disse em voz baixa — Se Tanis estivesse aqui...

Lembrando-se do grande sofrimento dela, muito maior que seu próprio sofrimento, Sturm colocou os braços em volta de Laurana e a atraiu para perto de si. Os dois ficaram assim durante algum tempo, um confortando o outro por suas perdas. Então, a voz de Teodorico veio repreendê-los pelo fato deles estarem ficando para trás.

A lança partida foi embrulhada no manto de pele de Laurana e repousa no baú junto com o orbe do dragão e a Exterminadora de Dragões, a espada de Tanis que Laurana e Sturm traziam consigo desde Tarsis. Ao lado do baú estavam os corpos dos dois cavaleiros jovens que tinham dado suas vidas defendendo o grupo e que estavam sendo levados de volta para serem sepultados em suas pátrias.

O vento do sul vindo das geleiras soprava forte e frio e impelia o navio através do Mar de Sirion. O capitão disse que se os ventos continuassem assim eles chegariam a Sancrist depois de dois dias.

— Ergoth do Sul fica naquela direção — o capitão disse a Elistan apontando para estibordo — Nós estaremos chegando pelo lado sul da cidade. Ao anoitecer, você avistará a Ilha de Cristyna. Depois, com um bom vento, nós chegaremos a Sancrist. Tem uma coisa estranha sobre Ergoth do Sul — o capitão acrescentou olhando para Laurana — Dizem que ela está cheia de elfos, embora eu ainda não tenha estado lá para saber se é verdade.

— Elfos! — disse Laurana ansiosa, dando um passo à frente para chegar mais perto do capitão, a brisa da manhã açoitava-lhe o manto.

— Ouvi dizer que fugiram de sua terra natal — o capitão continuou — Expulsos pelos exércitos dragonianos.

— Talvez seja nosso povo! — Laurana disse, agarrando-se a Gilthanas que estava perto dela. Ela olhava atentamente sobre a proa do navio, como se ela pudesse fazer a terra surgir diante de seus olhos só com a força de sua vontade.

— É mais provável que sejam os Silvanesti — Gilthanas disse — Na verdade, eu acho que é possível que Lady Alhana tenha mencionado alguma coisa sobre Ergoth. Você se lembra, Sturm?

— Não — o cavaleiro respondeu abruptamente. Virando-se e dirigindo-se para bombordo, Sturm reclinou-se sobre a grade e olhou para o outro lado do mar, que tinha uma coloração cor-de-rosa. Laurana viu-o tirar alguma coisa do cinto e passar os dedos carinhosamente sobre o objeto. Houve um brilho intenso quando os raios do sol incidiram sobre o objeto, depois ele o colocou de volta no cinto e curvou a cabeça. Laurana começou a caminhar na direção dele, mas de repente ela parou ao ver um movimento de relance.

— Que tipo de nuvem estranha é aquela indo para o sul?

O capitão virou-se imediatamente, tirou sua luneta do bolso da parca e colocou-a sobre os olhos.

— Mandem um homem para o topo dos mastros — ele estalou os dedos para o seu imediato.

Depois de minutos, um marinheiro subia apressado pelo cordame. Com um único braço, ele agarrou-se no mastro que tinha uma altura vertiginosa e olhou para o sul com a luneta.

— Você consegue ver o que é? — o capitão gritou para cima, na direção dele.

— Não, capitão — o homem urrou lá do alto — Se for uma nuvem, é de um tipo que eu nunca vi antes.

— Eu vou dar uma olhada! — Tasslehoff ofereceu-se avidamente como voluntário. O kender começou escalar as cordas tão habilmente quanto o marinheiro. Depois de chegar ao mastro, ele agarrou-se no cordame próximo ao homem e olhou para o sul.

Certamente parecia ser uma nuvem. Era branca e enorme, e parecia estar flutuando sobre as águas. Mas, estava se movendo muito mais rápido que qualquer outra nuvem no céu e...

Tasslehoff arfou.

— Me empreste isso — ele pediu e estendeu a mão na direção da luneta do marujo. O homem deu-a ao kender com relutância. Tas colocou-a no olho, depois soltou um leve gemido — Ó céus — ele murmurou. Abaixando a luneta, que deu um estalo quando Tas a fechou, ele distraidamente colocou-a em sua túnica. O marinheiro agarrou-o pelo colarinho, quando o kender já estava pronto para descer.

— O que foi? — Tas disse assustado — Ah! É sua? Desculpe — Dando um tapinha tristonho na luneta, ele a devolveu ao marinheiro. Tas escorregou com perícia pelas cordas e aterrissou suavemente no convés, depois foi correndo até Sturm.

— É um dragão — ele disse quase sem fôlego.

2

O DRAGÃO BRANCO.

CAPTURADOS!

O nome do dragão era Escarcha. Era uma dragoa branca, uma espécie de dragão menor do que outros dragões que habitam Krynn. Nascidos e criados nas regiões árticas, esses dragões eram capazes de suportar frios extremos e controlavam as regiões geladas ao sul de Ansalon.

Por causa de seu tamanho menor, os dragões brancos eram os dragões que voavam mais rápido dentre todas as raças de dragões. Os Senhores dos Dragões freqüentemente os utilizavam em missões de exploração. Por isso, Escarcha estava longe de seu covil na Muralha de Gelo quando os companheiros entraram lá em busca do orbe do dragão. A Rainha das Trevas tinha recebido uma informação de que Silvanesti tinha sido invadida por um grupo de aventureiros. De alguma forma eles tinham conseguido derrotar Cyan Sanguevil e, segundo o que se dizia, estavam de posse de um orbe do dragão.

A Rainha das Trevas achou que eles poderiam estar atravessando as Planícies de Poeira ao longo da Estrada dos Reis, que era a rota mais direta para Sancrist por terra, onde se sabia que os Cavaleiros de Solamnia estavam tentando se reagrupar. A Rainha das Trevas mandou Escarcha e seu bando de dragões brancos voarem rapidamente para o norte, para as Planícies de Poeira que agora se encontravam sob uma espessa camada de neve compactada, a fim de encontrar o orbe.

Vendo a neve brilhar debaixo de si, Escarcha duvidou que os humanos fossem imprudentes o suficiente para tentar cruzar essa vastidão desolada. Mas ela tinha recebido ordens e as obedecia. Depois de espalhar seu bando, Escarcha perscrutou cada centímetro das terras desde a fronteira de Silvanesti no lado leste, até os Montes Kharolis a oeste. Alguns de seus dragões chegaram até mesmo a voar até Costa Nova, ao norte, que era controlada pelos dragões azuis.

Os dragões encontraram-se para relatar que não tinham visto nenhum sinal de qualquer ser vivo nas Planícies, quando Escarcha recebeu informações de que o perigo tinha entrado pela porta dos fundos enquanto ela vigiava a porta da frente.

Furiosa, Escarcha voou de volta, mas chegou tarde demais. Feal-thas estava morto e o orbe do dragão tinha desaparecido. Mas os homens-morsa, os Thanoi, que eram seus aliados, foram capazes de descrever o grupo que tinha cometido esse ato abominável. Eles até apontaram em que direção o navio tinha seguido, embora só houvesse uma direção na qual qualquer navio saindo da Muralha de Gelo poderia seguir... para o norte.

Escarcha relatou a perda do orbe do dragão à Rainha das Trevas, que ficou extremamente zangada e amedrontada. Agora, já tinham desaparecido dois orbes! Embora se sentisse segura sabendo que sua força do mal era a maior de Krynn, a Rainha das Trevas tinha conhecimento (e esse conhecimento a irritava) de que as forças do bem ainda perambulavam por aquelas terras. Uma dessas forças poderia se mostrar grande e inteligente o suficiente para descobrir o segredo do orbe.

Portanto, Escarcha recebeu ordens para encontrar o orbe e levá-lo, não para a Muralha de Gelo, e sim para a própria Rainha. Em nenhuma circunstância a dragoa deveria perdê-lo ou permitir que ele de alguma forma se perdesse. Os orbes eram inteligentes e estavam impregnados com um forte instinto de sobrevivência. Por isso eles tinham sobrevivido todo esse tempo, até uma época em que até mesmo aqueles que os haviam criado estavam mortos.

Escarcha apressou-se em direção ao Mar de Serrion e em pouco tempo suas fortes asas brancas tinham-na levado até o lugar onde estava o navio. Mas Escarcha estava diante de um problema intelectual muito interessante e ela não estava preparada para lidar com ele.

Talvez por causa da procriação consangüínea necessária para se criar um réptil capaz de tolerar climas frios, os dragões brancos são aqueles que têm o menor nível de inteligência dentre os de sua espécie. Escarcha nunca tinha precisado pensar muito por ela mesma. Feal-thas sempre lhe dizia o que fazer. Conseqüentemente, ela estava bastante perplexa diante do problema que tinha no momento em que circulava sobre o navio: como ela conseguiria pegar o orbe?

No princípio, ela tinha planejado congelar o navio com seu hálito congelante. Depois, ela percebeu que isso simplesmente iria enclausurar o orbe em um bloco de madeira congelada, o que faria com que ele se tornasse extremamente difícil de ser removido. Havia também a possibilidade de o navio afundar antes que ela pudesse destruí-lo. E, se ela conseguisse destruí-lo, o orbe poderia afundar. O navio era pesado demais para ser erguido em suas garras e levado para terra firme. Escarcha sobrevoava o navio e ponderava, enquanto via os coitados dos homens lá embaixo correndo de um lado para outro como camundongos assustados.

A dragoa branca pensou em enviar uma outra mensagem telepática para sua Rainha pedindo ajuda, mas achou melhor não chamar a atenção da rainha vingativa para sua presença, nem para sua ignorância. A dragoa acompanhou o navio o dia inteiro, pairando não muito acima dele, enquanto pensava. Flutuando com facilidade

nas correntes de vento, ela deixou a dragofobia agitar os humanos até eles entrarem em um frenesi de pânico. Depois, na hora que o sol estava se pondo, Escarcha teve uma idéia. Sem parar para pensar, ela entrou imediatamente em ação.

A notícia que Tasslehoff tinha dado sobre o dragão branco seguindo a embarcação provocou ondas de terror em toda a tripulação. Eles armaram-se com cutelos e se prepararam ferozmente para enfrentar a besta da melhor maneira possível, embora todos soubessem como tal contenda poderia terminar. Gilthanas e Laurana, que eram arqueiros habilidosos, colocaram flechas nos arcos. Sturm e Teodorico pegaram o escudo e a espada. Tasslehoff agarrou seu hoopak. Flint tentou levantar-se da cama, mas não conseguia nem ficar em pé. Elistan estava calmo, fazia uma prece para Paladine.

— Eu tenho mais fé na minha espada do que aquele velho e seu deus — Teodorico disse a Sturm.

— Os Cavaleiros sempre reverenciaram Paladine — Sturm disse em tom de reprovação.

— Eu reverencio... a memória dele — Teodorico disse — Eu acho essa conversa sobre a 'Volta' de Paladine um tanto perturbadora, Montante Luzente. E tenho certeza de que o Conselho também achará quando eles a ouvirem. Seria bom que você considerasse isso quando a questão sobre sua sagração surgir.

Sturm mordeu o lábio e engoliu sua resposta irada como se fosse um remédio amargo.

Muito tempo se passou. Os olhos de todos acompanhavam a criatura de asas brancas que voava sobre eles. Mas eles não podiam fazer nada a não ser esperar.

E eles esperaram. Esperaram. E o dragão não atacou.

Ela voava em círculos sobre eles sem parar, e sua sombra cortava e cruzava o convés do navio com uma regularidade monótona e aterrorizante. Os marinheiros, que tinham sido preparados para lutar sem fazer perguntas, logo começaram a murmurar entre si quando a espera começou a se tornar insuportável. Para tornar as coisas ainda piores, a dragoa parecia estar sugando o vento pois as velas adejavam e pendiam sem vida. O navio perdeu seu gracioso impulso para frente e começou a mover-se desajeitadamente sobre a água. Nuvens de tempestade aglomeravam-se no horizonte ao norte e moviam-se lentamente sobre a água, lançando uma cortina escura sobre o oceano claro.

Por fim Laurana baixou o arco e esfregou as costas e os músculos dos ombros que doíam. Seus olhos, que estavam ofuscados pelo fato dela estar olhando para o sol, ficaram embaçados e lacrimosos.

— Coloque-os num bote salva-vidas e joguem-nos ao mar — ela ouviu um velho marinheiro de cabelos grisalhos sugerir a um companheiro em voz alta para que todos ouvissem — Talvez a grande besta nos deixe seguir em paz. Ela está atrás deles, não de nós.

Não é nem atrás de nós que ela está, Laurana pensou inquieta. Provavelmente ela está atrás do orbe do dragão. E por isso que ela ainda não atacou. Mas, Laurana não podia dizer isso, nem mesmo ao capitão. O orbe do dragão tinha que ser mantido em segredo.

A tarde passou lentamente e a dragoa ainda sobrevoava o navio como uma terrível ave marinha. O capitão estava ficando cada vez mais irritado. Além de ter que combater um dragão, existia também a possibilidade de um motim. Perto da hora do jantar, ele ordenou que os companheiros fossem para baixo do convés.

Teodorico e Sturm recusaram-se e parecia que as coisas iam sair do controle quando se ouviu

— Terra à vista, a estibordo!

— Ergoth do Sul — disse o capitão carrancudo — A corrente está nos levando em direção às rochas — ele olhou para o dragão que voava em círculos lá em cima — Se não vier uma brisa logo, nós nos arrebentaremos nelas.

Naquele momento, a dragoa parou de voar em círculos. Ela pairou por um momento, depois começou a ganhar altitude. Os marinheiros deram vivas, pensando que ela estivesse indo embora. Mas lembrando-se de Tarsis, Laurana sabia o que estava por acontecer.

— Ela vai mergulhar! — ela gritou — Ela vai atacar!

— Vão para baixo! — Sturm gritou e os marinheiros, depois de um olhar hesitante para o céu, começaram a correr em direção às escotilhas. O capitão correu em direção ao timão.

— Vá para baixo — ele ordenou ao timoneiro e assumiu o controle.

— Você não pode ficar aqui em cima! — Sturm gritou. Largando a portinhola da escotilha, ele correu na direção do capitão — Ela matará você!

— Nós afundaremos se eu não ficar aqui — o capitão gritou com raiva.

— Nós afundaremos se você morrer! — Sturm disse. Fechando o punho, ele deu um soco no queixo do capitão e o arrastou para baixo.

Laurana cambaleou escada abaixo com Gilthanas atrás dela. O lorde élfico esperou até que Sturm trouxesse o capitão desacordado para baixo, depois fechou a escotilha.

No mesmo instante, a dragoa atingiu o navio com uma rajada que quase afundou a embarcação. O navio adernou precariamente. Todos, até mesmo os marinheiros mais experimentados, perderam o equilíbrio e deslizaram uns contra os outros nos aposentos abarrotados abaixo do convés. Flint caiu no chão e rogou uma praga.

— Agora é hora de rezar para seu deus — Teodorico disse a Elistan.

— Eu já estou rezando — Elistan respondeu calmamente enquanto ajudava o anão a levantar-se.

Agarrada a uma pilastra, Laurana esperou amedrontada pela luz alaranjada flamejante, o calor, as chamas. Ao invés disso, ela sentiu um frio repentino intenso e cortante que gelou seu sangue e a fez perder o fôlego. Ela podia ouvir, o cordame estalar e rebentar lá em cima e o esvoaçar das velas cessar. Depois, quando olhou para

cima, ela viu cristais de gelo caindo pelas frestas do convés de madeira.

— Os dragões brancos não sopram chamas! — Laurana disse admirada — Eles sopram gelo! Elistan! Suas preces foram atendidas!

— Bobagem! Tanto faz gelo ou chamas — disse o capitão balançando a cabeça e esfregando o queixo — O gelo vai nos congelar.

— Um dragão soprando gelo! — disse Tas pensativo — Eu gostaria de poder ver!

— O que vai acontecer? — perguntou Laurana, enquanto o navio se endireitava lentamente, rangendo e estalando.

— Nós estamos indefesos — o capitão resmungou — O cordame rebentará sob o peso do gelo e arrastará as velas para baixo. O mastro quebrará como uma árvore castigada por uma tempestade de gelo. Sem leme, a embarcação será jogada contra as rochas pela correnteza e esse será o fim dela. Não há nada que possamos fazer!

— Nós poderíamos tentar abatê-la quando ela voar baixo — Gilthanas disse. Mas Sturm balançou a cabeça enquanto abria a escotilha no navio.

— Deve ter uns trinta centímetros de gelo aqui — o cavaleiro disse — Nós estamos presos.

E assim que o dragão conseguirá o orbe, pensou Laurana com tristeza. Ela fará o navio encalhar, nos matará, depois recuperará o orbe quando não houver mais risco dele afundar no oceano.

— Outro ataque desses nos fará afundar — conjeturou o capitão, mas não houve outro ataque como o primeiro. O ataque seguinte foi mais gentil e todos perceberam que a dragoa estava usando seu hálito para empurrá-los até a praia.

Era um plano excelente, e Escarcha estava muito orgulhosa dele. Ela voava tranqüila atrás do navio, deixando que a corrente e a maré o carregassem para a praia, dando uma pequena ajuda de vez em quando com um sopro. Só quando viu as rochas pontiagudas iluminadas pelo luar, foi que ela percebeu a falha em seus planos. Nesse momento o luar desapareceu coberto pelas nuvens de tempestade e a dragoa não conseguia ver nada. Estava mais escuro que a alma da Rainha dela.

A dragoa amaldiçoava as nuvens de tempestade que eram bem apropriadas para os planos dos Senhores dos Dragões, ao norte. Mas as nuvens agiram contra ela quando encobriram as duas luas. Escarcha podia ouvir o barulho do rachar e do despedaçar da madeira fragmentando-se quando o navio bateu nas rochas. Ela conseguia até mesmo ouvir os gritos e berros dos marinheiros, mas não conseguia ver! Ela mergulhou para chegar mais perto da água na esperança de enclausurar as miseráveis criaturas no gelo até o nascer do dia. Mas então, ela ouviu um outro barulho na escuridão que era mais assustador que o primeiro... o vibrar das cordas de um arco.

Uma flecha silvou ao passar perto de sua cabeça. Uma outra rasgou-lhe a frágil membrana da asa. Guinchando de dor, Escarcha manobrou e abortou o mergulho. Deve haver elfos lá embaixo, ela constatou enfurecida! Outras flechas silvavam ao passar por ela. Malditos elfos com visão noturna! Com a visão élfica deles, ela seria um alvo fácil especialmente com uma asa machucada.

Sentindo sua força diminuir, a dragoa decidiu voltar para Muralha de Gelo. Ela estava cansada de voar o dia inteiro e o ferimento da flecha doía abominavelmente. E verdade que ela teria de relatar outro fracasso para a Rainha das Trevas, mas (como ela mesma pensou) não era um fracasso tão grande. Ela evitou que o orbe do dragão chegasse a Sancrist e destruiu o navio. Sabia a localização do orbe também. A Rainha conseguiria facilmente recuperá-lo usando sua vasta rede de espiões em Ergoth.

Tranqüila, a dragoa branca voou lentamente para o sul. Pela manhã ela havia chegado a sua vasta residência glacial. Depois do relatório, que foi moderadamente bem recebido, Escarcha conseguiu entrar em sua caverna de gelo e cuidar da asa machucada até ela sarar.

— Ela foi embora! — disse Gilthanas perplexo.

— É claro — disse Teodorico fatigado enquanto ajudava a salvar tudo que conseguiam do navio destruído — A visão dela não poderia se igualar à sua visão élfica. Além disso, você a acertou uma vez.

— Foi o disparo de Laurana, não o meu — disse Gilthanas sorrindo para a irmã que estava na praia com o arco na mão.

Teodorico torceu o nariz duvidando. Colocando cuidadosamente no chão a caixa que carregava, o cavaleiro começava a voltar para dentro da água. Uma figura surgiu na escuridão e o impediu.

— Não adianta, Teodorico — Sturm disse — O navio afundou.

Sturm carregava Flint nas costas. Vendo Sturm cambaleando de cansaço, Laurana correu de volta para dentro da água a fim de ajudá-lo. Os dois carregaram o anão para a praia e o esticaram na areia. O barulho de madeira se partindo no mar tinha parado, sendo substituído pelo incessante quebrar das ondas.

Então, ouviu-se alguém patinhando. Tasslehoff vadeava para a praia atrás deles batendo os dentes, mas seu sorriso era largo como sempre. Ele era seguido pelo capitão que estava sendo ajudado por Elistan.

— E os corpos de meus homens? — Teodorico interpelou assim que viu o capitão — Onde estão eles?

— Nós tínhamos coisas mais importantes para carregar — Elistan disse com firmeza — Coisas necessárias para os sobreviventes como mantimentos e armas.

— Muitos “homens de bem” já encontraram seu lugar de descanso sob as águas do mar. Os seus não serão os primeiros... nem os últimos... eu suponho, mas eu lamento — o capitão completou.

Teodorico deu a impressão de que ia dizer alguma coisa, mas o capitão com o sofrimento e o cansaço estampados nos olhos disse:

— Senhor esta noite eu deixei seis dos meus homens aqui. Ao contrário dos seus homens, eles estavam vivos quando começamos esta viagem. Sem falar do fato de que meu navio e meu ganha pão estão lá embaixo também. Eu não gostaria de adicionar mais nada a essa lista, se o Senhor entende o que eu quero dizer.

— Sinto muito pela sua perda, capitão — Teodorico respondeu formalmente — E eu louvo o senhor e sua tripulação por tudo que tentaram fazer.

O capitão murmurou alguma coisa e se pôs a olhar a esmo pela praia como se estivesse perdido.

— Nós mandamos seus homens para o norte, ao longo da praia, capitão Laurana disse, apontando — Tem abrigo ali, no meio daquelas árvores.

Como que para confirmar o que ela dizia, uma luz intensa flamejou a luz de uma enorme fogueira.

— Idiotas! — Teodorico amaldiçoou irritado — Eles vão atrair o dragão de volta.

— Ou o dragão volta, ou morreremos de frio — o capitão disse num tom áspero, por sobre o ombro — Faça sua escolha, senhor cavaleiro? Ela pouco me importa — e desapareceu na escuridão.

Sturm alongava-se e gemia, tentando aliviar a dor dos músculos gelados e com câibras. Flint, que estava deitado e todo encolhido, tremia de tal forma que as fivelas de sua armadura tiniam. Laurana, agachando-se para colocar um manto em volta dele, de repente percebeu o frio que ela também estava sentindo.

Na agitação de tentar escapar do navio e enfrentar o dragão, ela tinha esquecido o frio. Na verdade, ela nem conseguia se lembrar dos detalhes de sua fuga. Ela se lembrava de ter chegado à praia e visto o dragão mergulhar sobre eles. Ela se lembrava de ter que procurar o arco com os dedos trêmulos e adormecidos. Ela se perguntava como é que algum deles teve a presença de espírito de salvar alguma coisa...

— O orbe do dragão! — ela disse com medo.

— Aqui, neste baú — Teodorico respondeu — Juntamente com a lança e aquela espada élfica que vocês chamam de Exterminadora de Dragões. Eu acho que agora nós deveríamos aproveitar a fogueira...

— Eu acho que não — uma voz estranha veio da escuridão enquanto a luz das tochas brilhava em volta deles, cegando-os.

Os companheiros sobressaltaram-se e imediatamente sacaram suas armas formando um círculo em torno do anão indefeso. Mas depois de passado o medo inicial, Laurana deu uma olhada nos rostos iluminados pelas tochas.

— Esperem! — ela gritou — Eles são do nosso povo! Eles são elfos!

— Silvanesti! — disse Gilthanas entusiasticamente. Largando o arco no chão, ele caminhou na direção do elfo que tinha falado — Nós viajamos muito tempo na escuridão — ele disse em élfico com as mãos estendidas — Prazer em encontrá-los, meus irmã...

Ele nem conseguiu terminar a antiga saudação. O líder do grupo élfico deu um passo à frente e atingiu o rosto de Gilthanas com o cabo de seu cajado derrubando-o inconsciente na areia.

Sturm e Teodorico imediatamente ergueram as espadas e se prepararam encostando-se um nas costas do outro. O aço das lâminas também brilhou entre os elfos.

— Parem! — Laurana gritou em élfico. Ajoelhando-se ao lado do irmão, ela puxou para trás o capuz de seu manto permitindo que a luz lhe iluminasse o rosto — Nós somos seus primos. Qualinesti! Estes humanos são Cavaleiros de Solamnia!

— Nós sabemos muito bem quem vocês são! — O líder dos elfos cuspiu as palavras — Espiões de Qualinesti! E nós não achamos estranho vocês viajarem na companhia de humanos. Seu sangue já está poluído há muito tempo. Pegue-os — ele disse gesticulando para seus homens — Se eles não nos acompanharem pacificamente, façam o que for necessário. E descubra o que eles querem dizer com esse tal orbe do dragão que eles mencionaram.

Os elfos deram um passo adiante.

— Não! — Teodorico gritou e deu um salto, posicionando-se na frente do baú — Sturm, eles não podem pegar o orbe!

Sturm já havia feito a saudação dos Cavaleiros para o inimigo e avançava com a espada em punho.

— Parece que eles querem lutar. Que assim seja — o líder dos elfos disse levantando a arma.

— Isso é uma loucura! — Laurana gritou com raiva. Ela jogou-se entre as lâminas brilhantes das espadas. Os elfos pararam hesitantes. Sturm agarrou-a para puxá-la para trás, mas ela conseguiu se livrar da mão dele.

— Apesar de todo mal que fazem, os goblins e os dragonianos não se rebaixam a ponto de lutar contra si mesmos — a voz dela tremia de ódio — Enquanto isso, os elfos que são a antiga encarnação do bem tentam matar a si próprios! Olhem! — ela levantou a tampa do baú com uma mão — Aqui dentro, nós carregamos a esperança do mundo! Um orbe do dragão tirado com muito risco da Muralha de Gelo. Nosso navio naufragou naquelas águas ali. Nós afugentamos o dragão que queria recuperar este orbe. Depois de tudo isso nossa maior ameaça vem de nosso próprio povo! Se for verdade que nossa raça se rebaixou tanto assim, então nos mate agora e eu juro que nenhuma pessoa deste grupo tentará impedi-los.

Sturm, que não entendia élfico, observou durante um momento depois viu os elfos abaixarem as armas

— Bem, seja lá o que for que ela disse parece ter funcionado — ele embainhou sua arma relutante. Depois de um segundo de hesitação Teodorico abaixou a espada, mas não a colocou de volta na bainha.

— Nós levaremos sua história em consideração — o líder élfico disse num comum muito ruim. Ele foi interrompido pelos gritos e berros vindos da praia. Os companheiros viram sombras escuras caminhando na direção das fogueiras. O elfo olhou naquela direção e esperou um momento até tudo se acalmar depois se voltou novamente para o grupo. Ele olhou particularmente para Laurana que estava inclinada sobre seu irmão — Pode ser que nós tenhamos agido precipitadamente, mas depois que tiver vivido aqui tempo suficiente, você entenderá.

— Eu jamais entenderei isto! — Laurana disse com a voz sufocada pelas lágrimas.

Um elfo surgiu do meio da escuridão

— Humanos, senhor — Laurana ouviu-o relatar em élfico — A julgar pela aparência, eles são marinheiros. Dizem que seu navio foi atacado por um dragão e naufragou nas rochas.

— Vocês verificaram?

— Nós encontramos destroços boiando na praia. Nós podemos averiguar pela manhã. Os humanos estão molhados, em condições lastimáveis e meio afogados. Eles não ofereceram resistência. Não parecem estar mentindo.

O líder dos elfos virou-se para Laurana

— Sua história parece ser verdadeira — ele disse, falando mais uma vez em comum — Meus homens dizem que os homens que eles capturaram são marinheiros. Não se preocupe com eles. Nós os faremos prisioneiros, é claro. Não podemos ter humanos perambulando por esta ilha com todos os problemas que estamos tendo. Mas cuidaremos bem deles. Nós não somos goblins — e completou com aspereza — Lamento ter golpeado seu amigo...

— Irmão — Laurana respondeu — É o filho mais jovem do Orador dos Sóis. Eu sou Lauranthalasa e este é Gilthanas. Nós somos da casa real de Qualinesti.

Ela teve a impressão de que o elfo ficou pálido ao ouvir essas informações, mas ele se recompôs imediatamente.

— Seu irmão será bem cuidado. Eu mandarei buscar um curandeiro...

— Nós não precisamos de seu curandeiro! — Laurana disse — Este homem é um clérigo de Paladine. Ele ajudará meu irmão — e apontou na direção de Elistan.

— Um humano? — o elfo perguntou asperamente.

— Sim, humano! — Laurana gritou impaciente — Elfos agrediram meu irmão! Eu recorro aos humanos para curá-lo. Elistan...

O clérigo deu um passo na direção dela, mas a um sinal do líder vários elfos o agarraram rapidamente e colocaram seus braços para trás. Sturm fez menção de ajudá-lo, mas Elistan o impediu com um olhar, depois olhou para Laurana de forma expressiva. Sturm recuou, entendendo o aviso silencioso de Elistan. Suas vidas dependiam da jovem elfa.

— Soltem-no! — Laurana ordenou — Deixem-no cuidar de meu irmão!

— Eu acho essa história de um clérigo de Paladine impossível de acreditar, Lady Laurana — disse o líder dos elfos — Todos sabem que os clérigos desapareceram de Krynn quando os deuses se afastaram de nós. Eu não sei quem este charlatão é, ou que truque ele usou para levá-la a acreditar nele, mas nós não permitiremos que ele coloque sua mão humana em um elfo!

— Mesmo um elfo que é um inimigo? — ela gritou furiosa.

— Mesmo que o elfo tivesse matado meu próprio pai — o elfo disse de forma feroz — E, agora, Lady Laurana, eu precisaria conversar com a senhora em particular e tentar lhe explicar o que está acontecendo em Ergoth do Sul.

Vendo Laurana hesitar, Elistan disse:

— Vá em frente, minha querida. Você é a única pessoa que pode nos salvar, agora. Eu ficarei com Gilthanas.

— Muito bem — Laurana disse, levantando-se. Com o rosto pálido, ela se separou do grupo juntamente com o líder élfico.

— Eu não gosto disso — Teodorico disse, franzindo a testa — Ela contou a ele sobre o orbe do dragão, coisa que ela não deveria ter feito.

— Eles tinham nos ouvido falar sobre ele — Sturm disse cansado.

— Sim, mas ela lhes disse onde ele estava! Eu não confio nela... nem no seu povo. Quem sabe que tipo de acordos eles estão fazendo? — Teodorico acrescentou.

— Essa foi demais! — ralhou uma voz.

Os dois homens viraram-se espantados ao ver Flint levantando com dificuldade. Seus dentes ainda batiam de frio, mas uma luz fria cintilava em seus olhos enquanto ele olhava para Teodorico — E... eu já me cansei de você, S... Senhor Todo P... Poderoso — o anão rangeu os dentes para parar de tremer tempo suficiente para poder falar.

Sturm ia intervir, mas o anão o empurrou de lado e confrontou Teodorico. Era uma visão ridícula que Sturm com freqüência se lembraria com um sorriso e que ele guardaria na memória para compartilhar com Tanis. O anão, com a longa barba branca molhada e desarrumada, com água pingando de suas roupas e formando

poças aos seus pés e a cabeça batendo na altura da fivela do cinturão de Teodorico repreendia o alto e orgulhoso cavaleiro de Solamnia da mesma forma que ele teria repreendido Tasslehoff.

— Vocês cavaleiros viveram enclausurados em metal por tanto tempo que seus cérebros foram reduzidos a mingau! — o anão bufou — Se é que vocês já tiveram algum cérebro, coisa que eu duvido. Eu vi aquela garota crescer desde que ela era um tiquinho de gente até se transformar na mulher que é agora. E eu lhe digo que não existe uma pessoa mais corajosa e mais nobre em toda Krynn. O que o incomoda é o fato de ela ter acabado de salvar sua pele. E você não consegue aceitar isso!

As tochas iluminavam o rosto sério de Teodorico.

— Eu não preciso nem de anões nem de elfos para me defender... — Teodorico começou a dizer irritado quando Laurana voltou correndo com os olhos reluzindo.

— Como se já não existisse mal suficiente — ela murmurou entre os lábios apertados — Eu ainda descubro mal sendo fomentado entre meus próprios parentes!

— O que está acontecendo? — perguntou Sturm.

— A situação é a seguinte. Existem agora três raças de elfos vivendo em Ergoth do Sul...

— Três raças? — interrompeu Tasslehoff, olhando para Laurana com atenção — Qual é a terceira raça? De onde eles vieram? Posso vê-los? Eu nunca ouvi...

Laurana já tinha escutado o suficiente.

— Tas — ela disse com a voz tensa — Vá cuidar de Gilthanas. E peça a Elistan para vir até aqui.

— Mas...

Sturm deu um empurrão no kender — Vá! — ele ordenou.

Tasslehoff marchou magoado e desconsolado para o lugar onde Gilthanas ainda se encontrava caído. O kender largou-se na areia e fez bico. Elistan deu uns tapinhas gentis nas costas dele e foi se juntar aos outros.

— Os Kanganesti, também conhecidos como elfos primitivos na língua comum, são a terceira raça — Laurana continuou — Eles lutaram do nosso lado durante as Guerras Fratricidas. Em troca de sua lealdade, Kith-Kanan deu-lhes as montanhas de Ergoth... isso foi antes de Qualinesti e Ergoth serem separadas pelo Cataclismo. Eu não fico surpresa de vocês nunca terem ouvido falar dos elfos

primitivos. Eles são um povo muito reservado e não incomodam ninguém. Eles já foram chamados de elfos da fronteira, são guerreiros ferozes e serviram bem a Kith-Kanan mas eles não sentem nenhum amor pelas cidades. Eles se misturaram com os Druidas e aprenderam as tradições deles. Eles trouxeram de volta os costumes dos antigos elfos. Meu povo os considera bárbaros... da mesma maneira que seu povo considera os homens das planícies bárbaros.

— Alguns meses atrás, quando foram expulsos de sua antiga terra natal, os Silvanesti fugiram para cá e pediram permissão aos Kanganesti para viverem algum tempo em Ergoth. Aí, veio o meu povo do outro lado do mar. Dessa forma, parentes que tinham ficado separados durante centenas de anos finalmente se reencontraram.

— Eu não consigo ver a relevância desse fato... — Teodorico interrompeu.

— Você verá — ela disse, depois respirou fundo — Pois, suas vidas dependem da compreensão do que está acontecendo nesta triste ilha — a voz dela falhou. Elistan chegou mais perto e colocou o braço em volta dela, confortando-a.

— Tudo começou pacificamente. Afinal de contas os dois primos exilados tinham muito em comum... os dois tinham sido expulsos de suas adoradas pátrias pelo mal que existe no mundo. Eles fixaram residência na Ilha; os Silvanesti na praia oeste, os Qualinesti no lado leste, os dois povos separados por um estreito conhecido por Thon-Tsalarian que significa "Rio dos Mortos" em Kanganesti. Os Kanganesti vivem nas colinas ao norte do rio.

— Durante algum tempo, houve até uma tentativa de estabelecer uma amizade entre os Silvanesti e os Qualinesti. E foi aí que o problema começou. Pois estes elfos, mesmo centenas de anos mais tarde, não conseguiam se reunir sem que o antigo ódio e os mal entendidos comesçassem a vir à tona — Laurana fechou os olhos por um momento — O Rio dos Mortos, poderia muito bem ser chamado de Thon-Tsalaroth... "Rio da Morte".

— Calma, garota — Flint disse tocando a mão dela — Os anões passaram por isso, também. Você viu a forma que eu fui tratado em Thorbardin... um anão das colinas entre os anões das montanhas. De todos os ódios aqueles que existem entre as famílias são os mais cruéis.

— Ainda não houve nenhuma matança, mas os anciões ficaram tão chocados com o que pode vir a acontecer... elfos matando seus próprios parentes... que eles decretaram que ninguém pode cruzar os estreitos sob pena da prisão — Laurana continuou

— E é nessa situação que nós nos encontramos. Nenhum dos lados confia no outro. Já houve até acusações de elfos terem se vendido para os Senhores dos Dragões! Espiões já foram capturados dos dois lados.

— Isso explica porque eles nos atacaram — Elistan murmurou.

— E os tais dos Kang... Kang... — Sturm gaguejou com dificuldade para pronunciar a palavra élfica desconhecida.

— Kanganesti — Laurana suspirou cansada — Eles são os elfos que permitiram que compartilhássemos sua pátria e são aqueles que têm recebido o pior tratamento. Os Kanganesti sempre foram pobres em termos materiais. Pobres, pelos nossos padrões, mas não pelos padrões deles. Eles vivem em florestas e montanhas, tirando aquilo que precisam da própria terra. Eles coletam sua comida e caçam também. Não plantam e não forjam metais. Quando nós chegamos, nosso povo deu a eles a impressão de ser rico com nossas jóias de ouro e armas de aço. Muitos de seus jovens se aproximaram dos Qualinesti e dos Silvanesti querendo aprender os segredos de fazer ouro e prata brilhante... e aço.

Laurana mordeu o lábio e seu rosto ficou sério — Eu me envergonho pelo fato de meu povo ter se aproveitado da pobreza dos elfos primitivos. Os Kanganesti trabalham como escravos para nós. Por causa disso os anciões Kanganesti ficam mais brutos e belicosos quando vêem seus jovens serem levados e seu antigo modo de vida ser ameaçado.

— Laurana! — Tasslehoff chamou.

Ela virou-se.

— Olhe! Aí está um deles — ela disse a Elistan suavemente. O clérigo acompanhou o olhar dela e viu uma jovem (pelo menos ele assumiu que fosse uma jovem por causa do cabelo comprido; ela usava roupa masculina) ajoelhar-se ao lado de Gilthanas e tocar na testa dele. O lorde élfico despertou ao toque dela e gemeu de dor. A Kanganesti enfiou a mão em uma bolsa que se encontrava ao seu lado e começou a misturar alguma coisa dentro de uma xícara de barro.

— O que ela está fazendo? — Elistan perguntou.

— Aparentemente, ela é a “curandeira” que eles enviaram — Laurana disse, observando a jovem com mais atenção — Os Kanganesti são famosos por suas habilidades druídicas.

Elfo primitivo é um nome apropriado, Elistan pensou, enquanto observava a garota com atenção. Ele nunca tinha visto nenhum ser inteligente em Krynn com aparência tão primitiva. Ela estava vestida com um colete e botas de couro. Uma camisa que obviamente tinha sido jogada fora por algum lorde élfico cobria-lhe os ombros. Sua pele era pálida e ela era magra demais, subnutrida. Seu cabelo emaranhado estava tão imundo que era impossível distinguir-lhe a cor. Mas a mão que tocou Gilthanas era delgada e bem formada. A preocupação e a compaixão por ele estavam estampadas em seu rosto gentil.

— Bem, o que é que nós devemos fazer em meio a tudo isso?
— disse Sturm.

— Os Silvanesti concordaram em escoltar-nos até meu povo — Laurana disse enrubescendo. Evidentemente isso tinha sido um ponto de controvérsia — No princípio, eles insistiram que fossemos até seus anciões, mas eu disse que não iria a lugar algum sem primeiro saudar meu pai e discutir o assunto com ele. Não havia muito que eles pudessem dizer contra isso — Laurana deu um leve sorriso, embora houvesse um traço de amargura em sua voz — Dentre todos os parentes, a filha está ligada à casa de seu pai até completar a maioridade. Manter-me aqui contra minha vontade seria visto como seqüestro e provocaria uma hostilidade franca e aberta. Nenhum dos lados está preparado para isso.

— Estão permitindo que partamos, embora saibam que estamos de posse do orbe do dragão? — Teodorico perguntou perplexo.

— Eles não estão permitindo que partamos. — Laurana disse categoricamente — Eu disse que eles nos escoltarão até meu povo.

— Mas, existe um posto avançado solâmnico ao norte — Teodorico disse — Poderíamos conseguir um navio lá que nos levasse até Sancrist...

— Você nunca chegaria vivo até aquelas árvores se tentasse escapar — Flint disse, espirrando violentamente.

— Ele tem razão — Laurana disse — Temos de ir a Qualinesti e convencer meu pai a nos ajudar a levar o orbe para Sancrist — uma pequena ruga apareceu entre as sobrancelhas dela, o que para Sturm significava que nem ela mesmo acreditava que ia ser tão fácil quanto parecia — mas nós já falamos o suficiente. Permitiram que eu saísse para explicar a vocês o que está acontecendo, mas eles já estão ficando impacientes para partir. Eu tenho de ver Gilthanas. Estamos combinados?

Laurana olhou para cada cavaleiro com um olhar que não era aquele olhar de quem espera uma aprovação e sim o olhar de quem espera por um reconhecimento de sua liderança. Por um momento, ela se pareceu tanto com Tanis, a aparência segura no queixo e uma deliberação calma e firme nos olhos que Sturm sorriu. Mas, Teodorico não estava sorrindo. Ele estava furioso e frustrado, principalmente porque ele sabia que não havia nada que ele pudesse fazer.

Por fim, ele resmungou uma resposta abafada dizendo que eles deveriam tirar o melhor partido da situação e foi apanhar o baú irritado. Flint e Sturm o seguiram; o anão espirrava tanto que quase caiu.

Laurana voltou até onde seu irmão estava, caminhando silenciosamente ao longo da praia com suas botas de couro macio. Mas, a elfa primitiva ouviu-a se aproximando. Ela levantou a cabeça e olhou assustada para Laurana, depois moveu-se para trás como um animal que se encolhe de medo ao ver um humano. Mas Tas, que tinha conversado com ela em uma estanha mistura de comum e élfico, segurou gentilmente o braço da jovem elfa primitiva.

— Não se vá — disse o kender, animado — Esta é a irmã do lorde Élfico. Olhe, Laurana. Gilthanas está se recuperando. Deve ser aquela coisa de lama que ela colocou na testa dele. Eu seria capaz de jurar que ele ia ficar desmaiado durante dias — Tas levantou-se — Laurana, esta é minha amiga... como você disse que era seu nome mesmo?

A garota tremia violentamente e mantinha os olhos fixos no chão. Ela pegava grãos de areia com as mãos e depois os deixava cair. Ela murmurou alguma coisa que nenhum deles conseguiu ouvir.

— Como é, meu amor? — Laurana perguntou com uma voz tão doce e gentil que a garota levantou timidamente os olhos.

— Silvart — ela disse em voz baixa.

— Isso quer dizer “cabelo prateado” na língua dos Kanganesti, não é? —

Laurana perguntou. Ajoelhando-se ao lado de Gilthanas, ela o ajudou a sentar-se. Ainda atordoado, ele pôs a mão no rosto no lugar que a garota tinha colocado uma pasta grossa sobre um ferimento em sua bochecha que sangrava.

— Não toque — Silvart avisou, colocando a mão rapidamente sobre a mão de Gilthanas e segurando-a — Vai fazer você ficar bom — ela falou em comum, não de forma grosseira, e sim clara e bem concisa.

Gilthanas gemeu de dor, fechou os olhos e deixou sua mão cair. Silvart olhou para ele demonstrando grande preocupação. Ela começou a acariciar o rosto dele, depois... deu uma olhada para Laurana, tirou rapidamente a mão e começou a levantar-se.

— Espere — Laurana disse — Espere, Silvart.

A garota ficou imóvel como um coelho e olhou para Laurana demonstrando tanto medo em seus grandes olhos que Laurana ficou envergonhada.

— Não tenha medo. Quero agradecer-lhe por ter tomado conta de meu irmão. Tasslehoff tinha razão. Eu achei que o ferimento dele era grave, mas você o ajudou. Por favor fique com ele, se você quiser.

Silvart olhou para o chão.

— Eu ficarei com ele, senhorita, se essa é sua ordem.

— Não é minha ordem, Silvart — Laurana disse — É meu desejo. E meu nome é Laurana.

Silvart levantou os olhos.

— Então, eu ficarei com ele com alegria, senh... Laurana, se esse é o seu desejo — ela abaixou a cabeça e eles quase não conseguiram ouvir suas palavras — Meu verdadeiro nome, Silvara, quer dizer cabelo prateado. Silvart é como eles me chamam — ela deu uma olhada para os guerreiros de Silvanesti depois olhou para Laurana — Por favor, eu quero que você me chame de Silvara.

Os elfos de Silvanesti trouxeram uma maçã improvisada que eles tinham construído com galhos de árvores e um cobertor. Sem pressa, eles colocaram o lorde élfico na maçã. Silvara caminhava ao lado da maçã. Tasslehoff caminhava perto de Silvara ainda conversando, contente por ter encontrado alguém que ainda não tinha ouvido suas histórias. Laurana e Elistan caminhavam do outro lado de Gilthanas. Laurana segurava a mão dele nas dela, observando-o com carinho. Atrás deles vinha Teodorico com o rosto sério e sombrio. Ele trazia o baú do orbe do dragão no ombro. Atrás deles, marchava uma guarda de elfos de Silvanesti.

O dia estava começando a raiar cinza e triste quando eles chegaram a uma fileira de árvores perto da praia. Flint estremeceu. Virando a cabeça, ele olhou para o mar.

— O que foi que Teodorico disse mesmo, um... um navio para Sancrist?

— Eu temo que sim — Sturm respondeu — Sancrist também é uma ilha.

— E temos que ir até lá?

— Sim.

— Para usar o orbe do dragão? Nós não sabemos coisa alguma sobre ele!

— Os cavaleiros aprenderão — Sturm disse suavemente — O futuro do mundo depende disso.

— Hum! — o anão espirrou. Lançando um olhar aterrorizado para as águas escuras como a noite, ele balançou a cabeça melancolicamente — Tudo que eu sei é que eu já me afoguei duas vezes, fui atacado por uma doença mortal...

— Você só estava mareado.

— Atacado por uma doença mortal — Flint repetiu em voz alta — E afundei. Marque minhas palavras, Sturm Montante Luzente... barcos trazem má sorte. Não temos tido nada além de problemas desde que colocamos nossos pés naquele maldito barco no Lago de Cristal. Foi lá que o mago louco viu pela primeira vez que as constelações tinham desaparecido e desde então nossa sorte foi por água abaixo. Enquanto continuarmos a confiar em barcos, vai ser sempre de mal a pior.

Sturm sorria enquanto observava os pés do anão afundarem na areia. Mas o sorriso se transformou em um suspiro. Eu gostaria que fosse assim tão simples, o cavaleiro pensou.

O ORADOR DOS SÓIS.

A DECISÃO DE LAURANA.

Orador dos Sóis, líder dos elfos de Qualinesti, estava sentado em um abrigo tosco de madeira e barro que os elfos Kanganesti tinham construído para ser seu domicílio. Ele o considerava tosco, os Kanganesti consideravam-no uma habitação maravilhosamente grande e bem construída, adequada para cinco ou seis famílias. Eles tinham de fato planejado dessa forma e ficaram chocados quando o Orador declarou que o abrigo mal atendia suas necessidades e mudou-se para lá só com sua esposa.

O que os Kanganesti não podiam saber é que a casa do Orador no exílio transformou-se no quartel general central de todos os negócios de Qualinesti. Os guardas cerimoniais assumiram exatamente as mesmas posições que eles tinham nas paredes esculpidas do palácio de Qualinost. O Orador mantinha audiências no mesmo horário e com a mesma elegância, com a diferença que seu teto era um domo de sapê coberto de lama ao invés de mosaicos reluzentes e as paredes eram de madeira no lugar de cristais de quartzo.

O Orador sentava-se com a mesma cerimônia todos os dias com a filha da irmã de sua esposa ao seu lado que trabalhava como sua escriba. Ele usava as mesmas vestes e conduzia os negócios com o mesmo velho desembaraço. Mas, havia diferenças. O Orador tinha mudado dramaticamente durante os últimos meses. No entanto, não havia uma só pessoa em Qualinesti que se maravilhasse com isso. O Orador tinha enviado seu filho mais jovem em uma missão que a maioria das pessoas considerava suicida. Pior ainda, sua filha amada tinha fugido atrás do amante meio elfo. O Orador não esperava ver nenhum destes dois filhos novamente.

Ele conseguia aceitar a perda de seu filho Gilthanas. Afinal de contas, havia sido um ato nobre e heróico. O jovem rapaz tinha liderado um grupo de aventureiros nas minas de Pax Tharkas para libertar os humanos aprisionados lá e tentar afastar os exércitos dragonianos que ameaçavam Qualinesti. Este plano tinha sido um sucesso... um sucesso inesperado. Os exércitos dragonianos foram chamados de volta a Pax Tharkas, dando aos elfos o tempo que eles precisavam para escapar para as praias ocidentais de suas terras, e de lá por oceano até Ergoth do Sul.

No entanto, O Orador não conseguia aceitar a perda de sua filha... ou a desonra dela.

Depois que descobriram que Laurana tinha desaparecido, foi o filho mais velho do Orador, Porthios, quem lhe explicou o acontecido com frieza. Ela tinha ido atrás de seu amigo de infância, Tanis Meio Elfo. O Orador estava deprimido, consumido pela dor. Como ela pode fazer isso? Como ela pode trazer a desgraça para o lar deles? Uma princesa de seu povo fugir atrás de um mestiço bastardo!

A fuga de Laurana fez a luz do sol se extinguir para seu pai. Felizmente, a necessidade de liderar seu povo deu-lhe forças para continuar. Mas houve vezes em que o Orador se perguntou de que

adiantava tudo aquilo? Ele podia se aposentar e passar o trono para seu filho mais velho. De qualquer maneira era Porthios quem cuidava de quase tudo, submetendo à opinião de seu pai tudo aquilo que era mais adequado, mas tomando ele mesmo a maioria das decisões. O jovem lorde élfico, mais sério do que sua idade exigia, estava provando ser um excelente líder embora alguns o considerassem muito duro em suas negociações com os Silvanesti e os Kanganesti.

O próprio Orador estava entre essas pessoas, e essa era a principal razão pela qual ele não tinha passado tudo para Porthios. De vez em quando ele tentava mostrar a seu filho mais velho que moderação e paciência já tinham conseguido mais vitórias do que ameaças e o brandir de espadas. Mas Porthios acreditava que seu pai era dócil e sentimental. Os Silvanesti com sua rígida estrutura de castas mal consideravam os Qualinesti como parte da raça élfica e os Kanganesti eles nem consideravam parte da raça élfica, vendo-os como uma sub-raça de elfos, da mesma maneira que os anões da ravina eram vistos como uma sub-raça de anões. Porthios acreditava piamente, embora não dissesse isto a seu pai, que isso teria que acabar em derramamento de sangue.

Suas opiniões eram compartilhadas do outro lado do Thon-Tsalarian, por um lorde obstinado e de sangue frio chamado Quinath que de acordo com os boatos era noivo da Princesa Alhana Aurestelar. Lorde Quinath era agora o líder dos Silvanesti na inexplicável ausência dela e foi ele e Porthios que dividiram essa ilha

entre as duas nações de elfos rivais, desprezando completamente a terceira raça.

As novas fronteiras foram gentilmente comunicadas aos Kanganesti como alguém diria a um cachorro para ele não entrar na cozinha. Os Kanganesti, conhecidos por seu temperamento volátil, sentiram-se ultrajados quando descobriram que suas terras tinham sido divididas e distribuídas. A caça já estava ficando ruim. Os animais dos quais os elfos primitivos dependiam para sua sobrevivência estavam sendo dizimados em grandes quantidades para alimentar os refugiados. Como Laurana havia dito, o Rio dos Mortos poderia a qualquer momento se tornar vermelho de sangue e então seu nome mudaria de forma trágica.

Dessa maneira, o Orador viu-se morando em um acampamento armado. E se ele sofria por causa deste fato, esse sofrimento perdia-se numa profusão tão grande de sofrimentos que finalmente o deixaram anestesiado. Nada mais o atingia. Ele se isolou em sua casa de barro e permitiu que Porthios controlasse cada vez mais.

O Orador tinha acordado cedo na manhã em que os companheiros chegaram ao lugar que agora era chamado de Qualin-

Mori. Ele sempre se levantava cedo. Não tanto porque tivesse muita coisa para fazer, e sim porque ele já tinha passado a maior parte da noite olhando para o teto. Ele estava fazendo anotações para as reuniões do dia com os Chefes de Família (uma tarefa insatisfatória, já que os Chefes de Família só sabiam reclamar) quando ouviu um tumulto fora de sua residência.

O coração do Orador quase parou. O que seria agora? Ele se perguntou a com medo. Parecia que essas inquietações aconteciam uma ou duas vezes por dia. Porthios provavelmente pegou alguns Qualinesti de sangue quente e jovens de Silvanesti roubando ou brigando. Ele continuou a escrever na esperança que o tumulto se aquietasse. Mas, pelo contrário, ele aumentou e foi chegando cada vez mais perto. O Orador só podia achar que alguma coisa mais séria tinha acontecido. E, esta não era a primeira vez que ele se perguntava sobre o que ele faria se os elfos fossem para a guerra outra vez.

Largando sua pena de escrever, ele se enrolou em suas vestes formais e aguardou com medo. Ele ouviu os guardas do lado de fora colocarem-se em posição de sentido. Ele ouviu a voz de Porthios fazer o pedido protocolar de autorização para entrar, já que era antes do horário de trabalho. O Orador olhou com medo para a porta que levava aos seus aposentos pessoais, temendo que sua esposa pudesse ser incomodada. Ela tinha ficado doente desde que eles partiram de Qualinesti. Ele se levantou tremendo, assumiu o

semblante sério e frio que ele tinha se acostumado a usar como alguém que coloca uma peça do vestuário e convidou-os a entrarem.

Um dos guardas abriu a porta com a óbvia intenção de anunciar alguém. Mas ele ficou sem saber o que dizer e, antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma figura alta e delgada, vestida em um manto grosso de pele com capuz passou pelo guarda, correndo na direção do Orador. Assustado, só conseguindo ver que a figura estava armada de espada e arco o Orador se encolheu de susto.

A figura jogou para trás o capuz de seu manto. O Orador viu cabelos cor de mel caídos em volta do rosto de uma mulher... um rosto fora do comum mesmo entre os elfos por sua delicada beleza.

— Pai! — Laurana gritou e se jogou nos braços dele.

A volta de Gilthanas, que já havia sido dado como morto há muito tempo pelo seu povo, foi a ocasião da maior celebração por

parte dos Qualinesti desde a noite em que os companheiros tinham participado do banquete antes de partirem para Sla-Mori.

Gilthanas já tinha se recuperado o suficiente dos ferimentos para participar das festividades, uma pequena cicatriz no osso de sua bochecha era o único sinal de seu ferimento. Laurana e suas amigas se perguntavam como isso era possível, pois, elas tinham visto o terrível golpe desferido contra ele pelo elfo de Silvanesti. Mas, quando Laurana mencionou isso a seu pai, o Orador só encolheu os ombros e disse que os Kanganesti tinham feito amizade com os Druidas que viviam nas florestas; e que eles provavelmente tinham aprendido muito das artes de cura com eles.

Isto deixou Laurana frustrada, pois ela sabia quão raros eram os verdadeiros poderes de cura em Krynn. Ela queria conversar sobre isso com Elistan, mas o clérigo estava trancado há horas com seu pai, que logo ficou impressionado com os poderes clericais do homem.

Laurana ficou contente por seu pai aceitar Elistan... lembrando-se da maneira como o Orador tinha tratado Lua Dourada, quando ela foi para Qualinesti usando o medalhão de Mishakal, Deusa da Cura. Mas Laurana sentia falta de seu sábio mentor.

Apesar de extasiada por estar em casa, Laurana estava começando a perceber que para ela sua casa tinha mudado e nunca mais seria a mesma.

Todos pareciam estar muito contentes em vê-la, mas eles a tratavam com a mesma cortesia que era oferecida a Teodorico e Sturm, Flint e Tas. Ela era uma estranha. Até mesmo a maneira como seus pais a tratavam passou a ser mais fria e distante depois dos primeiros momentos emocionantes da chegada. Ela poderia não ter percebido isto se eles não estivessem todos dando atenção a Gilthanas. Por que a diferença? Laurana não conseguia entender. Ficou a cargo de seu irmão mais velho, Porthios, abrir os olhos dela.

Esse incidente começou no banquete.

— Você verá que nossas vidas estão muito diferentes da vida que levávamos em Qualinesti — seu pai disse a seu irmão naquela noite enquanto eles se sentavam no banquete em um enorme recinto construído com troncos de árvores pelos Kanganesti — Mas, em pouco tempo, vocês se acostumarão com isso — virando-se para Laurana ele disse formalmente — Eu ficaria contente de tê-la de volta em seu velho posto como minha escriba, mas eu sei que você estará ocupada com outras coisas em casa.

Laurana ficou perplexa. É claro que ela não tinha intenção de ficar, mas ficou ressentida por ter sido substituída naquele que era tradicionalmente o papel de uma filha dentro de uma casa real. Ela também se ressentiu pelo fato de que, embora ela tivesse falado a seu pai sobre levar o orbe para Sancrist, ele aparentemente a tinha ignorado.

— Orador — ela disse calmamente, tentando evitar que a irritação aparecesse em sua voz — Eu lhe disse. Nós não podemos ficar. O senhor não ouviu a mim e a Elistan? Nós descobrimos o orbe do dragão! Agora nós temos meios de controlar os dragões e por um fim a esta guerra! Nós temos de levar o orbe para Sancrist...

— Pare, Laurana! — seu pai disse repreendendo-a e trocando olhares com Porthios. Seu irmão olhou-a com um ar sério — Você não sabe o que está dizendo, Laurana. O orbe do dragão é realmente um grande prêmio, portanto não deveria ser discutido aqui. Com relação a levá-lo para Sancrist, isto está fora de questão.

— Desculpe-me, senhor — Teodorico disse, levantando-se e fazendo uma mesura — Mas este assunto não lhe diz respeito. O orbe do dragão não é seu. Eu fui enviado pelo Conselho dos Cavaleiros para recuperar um orbe do dragão, se isso fosse possível. Eu fui bem sucedido e pretendo levá-lo de volta como me foi ordenado. O senhor não tem o direito de me impedir.

— Eu não tenho? — os olhos do Orador reluziram de raiva — Meu filho Gilthanas trouxe o orbe para estas terras, que nós, os Qualinesti, declaramos ser nosso lar no exílio. Isso faz com que ele seja nosso por direito.

— Eu nunca disse isso, Pai — Gilthanas disse, enrubescendo ao sentir os olhos dos companheiros se voltarem para ele — Não é meu. Ele pertence a todos nós...

Porthios lançou um olhar furioso para seu irmão mais novo. Gilthanas gaguejou, depois ficou em silêncio.

— Se alguém tem o direito de reivindicá-lo, esse alguém é Laurana — Flint Forjardente falou, nem um pouco intimidado pelos olhares dos elfos — Pois foi ela quem matou Feal-thas, o maligno usuário de mágica élfica.

— Se é dela — o Orador falou com uma voz mais velha do que suas centenas de anos demonstravam, — então é meu por direito. Pois, ela ainda não chegou à maioridade... o que é dela é meu, pois eu sou seu pai. Essa é a lei dos elfos e dos anões também, se não estou enganado.

O rosto de Flint ficou vermelho. Ele abriu a boca para responder, mas Tasslehoff foi mais rápido.

— Isso não é engraçado? — comentou animadamente o kender que não tinha pego o tom sério da conversa — De acordo com a lei kender, se é que existe uma lei kender, é como se todo mundo possuísse tudo — (Isso era verdade. A atitude permissiva dos kendens com relação à propriedade dos outros se estendia a eles próprios. Nada, em uma residência kender, ficava lá por muito tempo, a menos que estivesse pregado no chão. Algum vizinho poderia perambular pela casa, acabar gostando de alguma coisa e levá-la embora distraidamente. Uma herança de família entre os

kenders era definida como qualquer coisa que permanecesse na casa durante mais que três semanas.).

Ninguém falou mais nada depois disso. Flint chutou Tas por debaixo da mesa e o kender suportou a dor calado, o que durou até ele descobrir que o lorde élfico, que estava a seu lado, havia sido chamado da mesa e tinha esquecido a bolsa. Remexer os pertences do lorde élfico manteve o kender feliz e ocupado durante o resto da refeição.

Flint, que normalmente teria ficado de olho em Tas, tinha outras preocupações em sua cabeça e não percebeu o que estava acontecendo. Era óbvio que ia dar confusão. Teodorico estava furioso. Somente o rígido código dos cavaleiros o mantinha sentado à mesa. Laurana estava calada, sem comer. Ela estava pálida apesar de sua pele morena e fazia furos com seu garfo na toalha de mesa elegantemente tecida. Flint cutucou Sturm.

— Nós achamos que tirar o orbe do dragão da Muralha de Gelo tinha sido uma tarefa difícil — o anão disse em voz baixa — Lá, nós só tivemos que escapar de um feiticeiro louco e alguns homens-morsa. Agora, nós estamos cercados por três nações de elfos!

— Nós teremos que argumentar com eles — Sturm disse calmamente.

— Argumentar! — o anão bufou — Duas pedras discutindo teriam mais chance de chegar a um acordo!

E logo se veria que ele estava com a razão. A pedido do Orador, os companheiros permaneceram sentados depois que os outros elfos se foram após o jantar. Gilthanas e sua irmã estavam sentados lado a lado com os rostos sérios e preocupados, quando Teodorico levantou-se diante do Orador para “argumentar” com ele.

— O orbe é nosso — Teodorico disse com frieza — Você não tem direito nenhum sobre ele. Ele certamente não pertence a sua filha, nem a seu filho. Eles viajaram comigo depois que eu os salvei da destruição de Tarsis por uma questão de cortesia. Estou feliz por tê-los escoltado de volta a sua pátria e eu lhe agradeço por sua

hospitalidade. Mas amanhã eu parto para Sancrist levando o orbe comigo.

Porthios levantou-se e encarou Teodorico

— O kender pode dizer que o orbe do dragão é dele. Isso não importa — o lorde élfico falou com uma voz suave e educada que cortou o ar da noite como uma faca — O orbe está em mãos élficas agora e é aqui que ele ficará. Você acha que nós somos tolos o suficiente para deixar que este prêmio precioso seja levado por humanos para trazer mais problemas ao mundo?

— Mais problemas? — o rosto de Teodorico ficou vermelho de raiva — Você percebe em que tipo de problema este mundo está envolvido, agora? Os dragões expulsaram vocês de sua terra natal. Agora, eles estão se aproximando de nossa pátria! Ao contrário de vocês, nós não pretendemos fugir. Nós ficaremos para lutar! Este orbe pode ser nossa única esperança...

— Você tem minha permissão para retornar para sua pátria e ser queimado até virar pó, isso não me importa — Porthios retrucou — Foram vocês humanos que mexeram com esse mal antigo. É adequado que vocês lutem contra ele. Os Senhores dos Dragões têm o que eles querem de nós. Sem dúvida nenhuma eles nos deixarão em paz. Aqui em Ergoth, o orbe estará seguro.

— Idiotas! — Teodorico bateu o punho na mesa — Os Senhores dos Dragões só têm uma coisa em mente e sua intenção é conquistar toda Ansalon! E isso inclui esta ilha miserável! Pode ser que vocês estejam seguros aqui durante um certo tempo, mas se nós cairmos, vocês cairão também.

— Você sabe que ele diz a verdade, Pai — Laurana disse com grande ousadia. As mulheres élficas não participavam das reuniões de guerra, muito menos davam opiniões. Laurana estava presente unicamente por causa de seu envolvimento. Colocando-se em pé, ela encarou seu irmão que olhava carrancudo para ela demonstrando sua desaprovação — Porthios, nosso pai nos disse em Qualinesti que o Senhor dos Dragões desejava não somente nossas terras, mas também o extermínio de nossa raça! Você se esqueceu?

— Bobagem! Esse era o desejo de um Senhor dos Dragões, Verminaard, Ele está morto...

— Sim, porque nós o matamos — Laurana gritou de raiva — Não você!

— Laurana! — O Orador dos Sóis colocou-se em pé, mostrando-se ainda mais alto de que seu filho mais velho. Sua presença destacava-se dentre todos eles — Você se esquece de si mesma, minha jovem. Você não tem nenhum direito de falar desse jeito com seu irmão mais velho. Nós enfrentamos nossos próprios perigos em nossa jornada. Ele se lembrou de seu dever e de suas responsabilidades, assim como Gilthanas. Eles não fugiram atrás de um meio elfo bastardo, como uma imprudente pros... — O Orador parou abruptamente.

Os lábios de Laurana ficaram brancos. Ela inclinou-se para o lado, usando a mesa como suporte. Gilthanas levantou-se rapidamente e colocou-se ao lado dela, mas ela o empurrou de lado.

— Pai — ela disse com uma voz que ela mesma não reconhecia como sua — O que o senhor ia dizer?

— Vá pra lá, Laurana — Gilthanas implorou — Não foi isso que ele quis dizer. Nós conversaremos de manhã.

O Orador ficou calado, seu rosto ficou frio.

— Você ia dizer “prostituta humana!” — Laurana disse suavemente, mas suas palavras caíam como alfinetes sobre nervos rígidos de tensão.

— Vá para seus aposentos, Laurana — o Orador ordenou com a voz tensa.

— Então, é isso que você pensa a meu respeito — Laurana sussurrou com a garganta apertada — E por isso que todos me olham e param de conversar quando eu me aproximo deles. Prostituta humana.

— Irmã, faça o que seu pai mandou — Porthios disse — Com relação ao que nós pensamos de você... lembre-se que você mesma provocou isso. O que você esperava? Olhe para você, Laurana! Você está vestida como um homem. Você carrega com orgulho uma espada manchada de sangue. Você fala com eloquência sobre suas "aventuras!" Viajando com homens como esses... humanos e anões! Passando noites com eles. Passando a noite com seu amante mestiço. Onde está ele? Será que ele se cansou de você e...

A luz da fogueira flamejou diante dos olhos de Laurana. O calor do fogo tomou conta de seu corpo e foi substituído por um frio terrível. Ela não conseguia ver mais nada e se lembrava apenas da horrível sensação de estar caindo sem ser capaz de se segurar. Ela ouvia vozes bem distantes e rostos distorcidos curvavam-se sobre ela.

— Laurana, minha filha... Depois, mais nada.

— Senhorita...

— O que? Onde estou? Quem é você? E... eu não consigo enxergar! Ajude-me!

— Aqui, senhorita. Pegue minha mão. Psiu. Eu estou aqui. Eu sou Silvara. Lembra-se?

Laurana sentiu mãos gentis que seguravam as suas, enquanto ela se sentava.

— A senhora consegue beber isto?

Uma xícara foi colocada em seus lábios. Laurana sorveu um pouco do que havia nela e sentiu o gosto de água límpida e fria. Ela agarrou a xícara e bebeu com gosto, sentindo a água refrigerar-lhe o sangue febril. A energia voltou, ela percebeu que conseguia enxergar novamente. Uma pequena vela queimava ao lado da cama. Ela estava em seu quarto, na casa de seu pai. As roupas repousavam sobre um banco tosco de madeira, a espada e a bainha estavam perto das roupas, a mochila estava no chão. Havia uma enfermeira sentada à mesa em frente à cama, dormindo com a cabeça acomodada sobre os braços.

Laurana virou-se para Silvara que, ao ver-lhe a pergunta nos olhos, colocou o dedo nos lábios.

— Fale baixo — a elfa primitiva respondeu — Ah, não por causa dela — Silvara olhou para a enfermeira — Ela vai dormir em

paz por muitas horas até o efeito da poção passar. Mas, tem outras pessoas na casa que podem estar acordadas. Sente-se melhor?

— Sim — Laurana respondeu confusa — Eu não me lembro...

— Você desmaiou — Silvara respondeu — Eu os ouvi falando quando a trouxeram para cá. Seu pai está profundamente angustiado. Ele nunca quis dizer aquilo. É que você o magoou terrivelmente...

— Como foi que você ouviu?

— Eu estava escondida nas sombras daquele canto. Esconder-se é uma coisa fácil para meu povo. A enfermeira velha disse que você estava bem e que só precisava descansar, então eles saíram. Quando ela foi buscar um cobertor, eu coloquei a poção de dormir no chá dela.

— Por quê? — Laurana perguntou. Olhando a garota mais de perto, Laurana viu que a elfa primitiva devia ser uma mulher linda... ou seria, se as camadas de sujeira e de encardido fossem retiradas.

Silvara enrubesceu de vergonha ao perceber o escrutínio de Laurana — E... eu fugi de Silvanesti, senhorita, quando eles a atravessaram para o outro lado do rio.

— Laurana. Por favor, querida, me chame de Laurana.

— Laurana — Silvara corrigiu, enrubescendo — E... eu vim lhe pedir para me levar com a senhora quando partir.

— Partir? — Laurana disse — Eu não vou... — Ela parou.

— Você não vai? — Silvara perguntou de forma gentil.

— Eu... eu não sei — Laurana disse confusa.

— Eu posso ajudar — Silvara disse ansiosa — Eu sei o caminho pelas montanhas para se chegar até o posto avançado dos Cavaleiros onde os navios com asas de pássaros navegam. Eu a ajudarei a fugir.

— Por que você faria isso por nós? — Laurana perguntou — Me desculpe, Silvara. Eu não quero parecer desconfiada, mas você não nos conhece e o que você está fazendo é muito perigoso. Certamente seria mais fácil você escapar se estivesse sozinha.

— Eu sei que vocês estão com o orbe do dragão — Silvara sussurrou.

— Como você sabe sobre o orbe? — Laurana perguntou surpresa.

— Eu ouvi os Silvanesti conversando, quando eles a deixaram no rio.

— E você sabia o que era? Como?

— Meu... povo conta histórias... sobre o orbe — Silvara disse enquanto torcia as mãos — E... eu sei de sua importância para acabar com esta guerra.

Seu povo e os elfos de Silvanesti voltariam para suas casas e deixariam os Kanganesti viver em paz. Essa é uma das razões e... — Silvara ficou em silêncio por um momento, depois falou de modo tão suave que Laurana mal a conseguia ouvir — Você foi à primeira pessoa que sabia o significado de meu nome.

Laurana olhou para ela intrigada. A garota parecia sincera. Mas, Laurana não acreditava nela. Por que ela arriscaria a vida para ajudá-los? Talvez ela fosse uma espiã de Silvanesti com a missão de roubar o orbe. Parecia improvável, mas coisas mais estranhas...

Laurana pôs as mãos na cabeça tentando pensar. Será que eles podiam confiar em Silvara... pelo menos o suficiente para ela tirá-los dali? Aparentemente eles não tinham outra escolha. Se fossem para as montanhas, eles teriam que atravessar as terras dos Kanganesti. A ajuda de Silvara poderia ser inestimável.

— Eu tenho que falar com Elistan — Laurana disse — Você pode trazê-lo aqui?

— Não será preciso, Laurana — Silvara respondeu — Ele ficou esperando do lado de fora até você acordar.

— E os outros? Onde está o resto dos meus amigos?

— Lorde Gilthanas está dentro da casa de seu pai, é claro... — foi imaginação de Laurana, ou as bochechas pálidas de Silvara ficaram coradas quando ela mencionou esse nome? — Os outros receberam “quartos de hóspedes.”

— Sim — Laurana disse de forma lúgubre — Eu posso imaginar.

Silvara saiu do lado dela. Movendo-se em silêncio pelo quarto, ela foi até a porta e acenou ao abri-la.

— Laurana?

— Elistan? — ela jogou os braços em volta do clérigo. Deitando a cabeça no peito dele, Laurana fechou os olhos e sentiu os braços fortes dele abraçarem-na carinhosamente. Ela sabia que tudo ia ficar bem agora. Elistan se encarregará de tudo. Ele saberá o que fazer.

— Você está se sentindo melhor? — o clérigo perguntou — Seu pai...

— Sim, eu sei — Laurana o interrompeu. Ela sentia uma leve dor no coração toda vez que o pai dela era mencionado — Você tem de decidir o que devemos fazer, Elistan. Silvara ofereceu-se para nos ajudar a escapar. Nós poderíamos pegar o orbe e partir esta noite.

— Se isso é o que você tem que fazer, minha querida, então você não deveria desperdiçar nem um minuto — Elistan disse sentando-se numa cadeira perto dela.

Laurana piscou. Estendendo a mão, ela agarrou o braço dele.

— Elistan, o que você quer dizer? Você tem de vir conosco...

— Não, Laurana — Elistan disse segurando firme a mão dela na sua — Se fizer isso, você terá que ir sozinha. Eu pedi ajuda a Paladine e eu devo ficar aqui com os elfos. Eu acredito que se ficar, serei capaz de convencer seu pai de que sou um clérigo dos verdadeiros deuses. Se eu partir, ele sempre pensará que eu sou um charlatão como seu irmão diz que sou.

— E o orbe do dragão?

— Isso é com você, Laurana. Os elfos estão errados nesse aspecto. Esperemos que com o tempo eles venham a perceber isso. Mas, nós não temos séculos para discutir esse assunto. Eu acho que você deve levar o orbe para Sancrist.

— Eu? — Laurana arfou — Eu não posso!

— Minha querida — Elistan disse firme — Você deve se dar conta de que se você tomar essa decisão, o peso da liderança cairá sobre você. Sturm e Teodorico estão muito concentrados em suas próprias rixas, além do mais eles são humanos. Você estará lidando com elfos; os Kanganesti e seu próprio povo. Gilthanas está do lado de seu pai. Você é a única pessoa que tem chance de ser bem sucedida.

— Mas, eu não sou capaz...

— Você é muito mais capaz do que você mesma imagina, Laurana. Talvez, tudo que você passou até agora tenha te preparado para isto. Não perca mais tempo. Adeus, minha querida — Elistan levantou-se e colocou a mão na cabeça dela — Que as bênçãos de Paladine e minhas bênçãos também, estejam com você.

— Elistan! — Laurana sussurrou, mas o clérigo tinha partido. Silvara fechou a porta silenciosamente.

Laurana caiu na cama tentando pensar. Elistan está certo, é claro. O orbe do dragão não pode ficar aqui. E se nós vamos fugir, tem que ser esta noite. Mas, está tudo acontecendo muito rápido! E agora é tudo por minha conta! Posso confiar em Silvara? Mas, por que perguntar? Ela é a única pessoa que pode nos guiar. Além disso, tudo que tenho que fazer é pegar o orbe e libertar meus amigos. Eu sei como chegar até o orbe e a lança. Mas, meus amigos...

De repente Laurana sabia o que fazer. Ela percebeu que já estava planejando tudo em sua cabeça enquanto conversava com Elistan.

Isso me compromete, ela pensou. Não haverá volta. Roubar o orbe do dragão, fugir durante a noite dentro de um território estranho e hostil. E ainda tem Gilthanas. Nós passamos por muita coisa juntos para eu deixá-lo para trás. Mas, ele ficará chocado com a idéia de roubar o orbe e fugir. E se optar por não ir comigo, ele nos trairia?

Laurana fechou os olhos por um momento. Ela deitou a cabeça exausta sobre os joelhos. Tanis, ela pensou, onde está você? O que eu deveria fazer? Por que isso depende de mim? Eu não queria isso.

Enquanto ela estava ali sentada, Laurana lembrou-se de ter visto cansaço e tristeza semelhantes aos seus no rosto de Tanis. Talvez ele se perguntasse as mesmas coisas. Todas as vezes que eu achava que ele era tão forte, talvez na verdade ele tivesse se sentido tão perdido e assustado quanto eu. Com certeza, ele se sentiu abandonado por seu povo. E nós dependemos dele o quer queira ou não. Mas ele aceitava isso. Ele fazia o que ele acreditava ser certo.

E é assim que eu devo agir.

Animada, recusando-se a pensar mais sobre o assunto, Laurana levantou a cabeça e acenou para que Silvasse chegasse mais perto.

Incapaz de dormir, Sturm caminhava de um lado para o outro na cabana tosca que lhe tinha sido dada. O anão estava esticado em uma cama roncando alto. Do outro lado do quarto, acorrentado pelo pé ao pé da cama, Tasslehoff estava todo enrolado como se fosse uma bola de infelicidade. Sturm suspirou. Em que tipo de confusão eles ainda poderiam se meter?

A noite tinha ido de mal a pior. Depois que Laurana desmaiou, ele tinha feito tudo que podia para conter o anão enfurecido. Flint prometeu arrancar um por um todos os membros de Porthios. Teodorico alegou que se considerava um prisioneiro mantido pelo inimigo. Portanto era sua obrigação tentar escapar; depois ele traria

os Cavaleiros para recuperar o orbe do dragão à força. Teodorico foi imediatamente levado escoltado por guardas. Quando Sturm conseguiu acalmar Flint, um lorde élfico surgiu do nada e acusou Tasslehoff de roubar sua bolsa.

Agora eles estavam sendo mantidos sob uma guarda dupla, como "hóspedes" do Orador dos Sóis.

— Você tem que ficar andando de um lado a outro por causa disso? — Teodorico perguntou com frieza.

— Por quê? Estou atrapalhando seu sono? — Sturm retrucou.

— É claro que não. Somente idiotas conseguiriam dormir numa situação dessas. Você está atrapalhando minha concen...

— Psiu! — Sturm disse e ergueu a mão como uma forma de aviso.

Teodorico ficou imediatamente em silêncio. Sturm fez um gesto. O cavaleiro da Rosa juntou-se a Sturm no meio da sala de onde ele olhava para o teto. A casa de troncos era retangular e tinha uma porta, duas janelas e um buraco no centro do quarto para acender uma fogueira. Um buraco aberto no teto permitia a ventilação.

Foi através desse buraco que Sturm ouviu um barulho estranho que lhe chamou a atenção. Era o barulho de alguma coisa raspando ou se arrastando. As vigas de madeira do teto rangiam como se alguma coisa pesada estivesse se arrastando sobre elas.

— Algum tipo de animal selvagem — Teodorico murmurou —, e nós estamos desarmados!

— Não — Sturm disse, ouvindo melhor — Não se trata de um rosnado. Está se movendo silenciosamente demais como se não quisesse ser ouvido ou visto. O que aqueles guardas estão fazendo lá fora?

Teodorico foi até a janela e olhou para fora.

— Sentados em volta de uma fogueira. Dois estão dormindo. Não estão muito preocupados conosco, estão? — ele perguntou irritado.

— E por que deveriam estar? — Sturm disse, mantendo os olhos no teto — Bastaria um sussurro e dois mil elfos estariam prontos para atacar. O que...

Sturm afastou-se assustado ao perceber que as estrelas que ele observava através do buraco ficaram repentinamente cobertas por uma massa disforme e escura. Sturm abaixou-se rapidamente e agarrou um tronco do fogo, segurando-o como se fosse uma clava.

— Sturm! Sturm Montante Luzente! — disse a massa disforme.

Sturm olhou tentando se lembrar daquela voz. Ela era familiar. Imagens de Solace inundaram sua mente.

— Theros! — ele arfou — Theros Ferro Forjado! O que você está fazendo aqui? Da última vez que o vi, você estava quase morrendo no reino élfico!

O enorme ferreiro de Solace desceu com dificuldade pela abertura no teto e pos parte do telhado abaixo no processo. Ele caiu com violência e acordou o anão que se sentou e olhou com a vista ainda embaçada para o vulto no centro da cabana.

— O que? — o anão começou a perguntar procurando pelo machado de guerra que não estava mais a seu lado.

— Psiu! — o ferreiro ordenou — Não há tempo para perguntas. Lady Laurana mandou-me libertá-los. Vamos nos encontrar com ela na mata em frente ao acampamento. Apressem-se! Só temos algumas horas antes do amanhecer e até lá precisamos cruzar o rio — Theros foi dar uma olhada em Tasslehoff que tentava se libertar sem sucesso — Bem, mestre ladrão, vejo que alguém finalmente o pegou.

— Eu não sou um ladrão! — disse Tas indignado — Você me conhece muito bem, Theros. Aquela história da bolsa foi forjada...

O ferreiro riu. Segurando a corrente na mão, ele deu um tranco e a partiu. Tasslehoff, por outro lado, nem mesmo percebeu. Ele estava com os olhos fixos nos braços do ferreiro. O braço

esquerdo era negro, da cor da pele do ferreiro. Mas, o braço direito era de um prateado claro, que brilhava!

— Theros — Tas disse com a voz engasgada — Seu braço...

— Deixe as perguntas para mais tarde, seu ladrãozinho! — o ferreiro disse, com firmeza — Agora nós temos que andar rápido e em silêncio.

— Do outro lado do rio — Flint gemeu e balançou a cabeça — Mais barcos. Mais barcos...

— Eu quero ver o Orador — Laurana disse ao guarda que estava na porta do conjunto de quartos de seu pai.

— É muito tarde — o guarda disse — O Orador está dormindo.

Laurana puxou o capuz para trás. O guarda fez uma mesura.

— Perdoe-me, Princesa. Eu não a tinha reconhecido — Ele olhou para Silvara, desconfiado — Quem é essa que está com a senhora?

— Minha criada. Eu não viajaria à noite sozinha.

— Não, é claro que não — o guarda disse apressadamente enquanto abria a porta; — Vá em frente. O quarto de dormir dele é o terceiro do lado direito no corredor.

— Obrigada — Laurana respondeu e passou pelo guarda. Silvara, disfarçada com uma capa grossa, seguiu silenciosamente atrás dela.

— O baú está no quarto dele, nos pés da cama — Laurana sussurrou para Silvara — Tem certeza que você consegue carregar o orbe do dragão? Ele é grande e bem pesado.

— Não é tão grande — Silvara murmurou e olhou perplexa para Laurana — Mais ou menos assim — ela fez um gesto com as mãos mais ou menos do tamanho de uma bola de criança.

— Não — Laurana disse, franzindo a testa — Você ainda não o viu. Ele tem quase sessenta centímetros de diâmetro. Foi por isso que eu quis que você usasse essa capa longa.

Silvara olhou surpresa para ela. Laurana encolheu os ombros

— Bem, nós não podemos ficar aqui discutindo. A gente vê o que faz quando chegar a hora.

As duas percorreram o corredor na ponta dos pés, silenciosas como um kender, até chegarem ao quarto.

Segurando a respiração e com medo de que até mesmo as batidas de seu coração fizessem barulho demais, Laurana pressionou a porta. Ela estalou ao abrir, o que fez Laurana ranger os dentes. Ao lado dela, Silvara tremia de medo. Uma figura na cama mexeu-se e virou-se... era a mãe de Laurana. Laurana viu seu pai ainda dormindo tirar a mão das cobertas para lhe dar um tapinha confortante. Lágrimas atrapalhavam a visão de Laurana. Mordendo os lábios decidida, ela apertou a mão de Silvara e entrou no quarto.

O baú estava nos pés da cama de seu pai. Ele estava lacrado, mas todos os companheiros tinham uma cópia da pequena chave prateada. Laurana abriu o baú rapidamente e levantou a tampa.

Então, ela quase caiu assombrada. O orbe do dragão estava lá e ainda brilhava com a suave luz azul e branca. Mas não era o mesmo orbe! Ou, se fosse, ele tinha encolhido! Como Silvara tinha dito, ele não era maior do que uma bola de criança! Laurana enfiou as mãos no baú para pegá-lo. Ele ainda era pesado, mas, ela conseguia erguê-lo com facilidade. Segurando-o com delicadeza e com as mãos trêmulas, Laurana retirou-o da caixa e deu-o a Silvara. A elfa primitiva escondeu-o imediatamente debaixo de seu manto. Laurana pegou a haste de madeira da lança de dragão quebrada e enquanto fazia isso, se perguntava por que ela se preocupava em pegar essa velha arma quebrada.

Eu a levarei porque o cavaleiro a entregou a Sturm, ela pensou. Ele queria que Sturm ficasse com ela.

No fundo do baú estava a espada de Tanis, a Exterminadora de Dragões, dada a ele por Kith-Kanan. O olhar de Laurana mudou da espada para a lança de dragão. Não consigo levar as duas, ela pensou e começou a pôr a lança de volta. Mas, Silvara agarrou Laurana.

— O que você está fazendo? — ela disse, com os olhos lampejando — Pegue-a! Pegue-a, também!

Laurana olhou para a garota surpresa. Então, ela pegou a lança com pressa e escondeu-a debaixo de seu manto, depois fechou cuidadosamente o baú, deixando a espada dentro dele. No exato momento em que seus dedos frios soltaram a tampa, o pai dela rolou na cama e ficou meio que sentado.

— O que? Quem está aí? — ele perguntou começando a perder o sono por causa do susto.

Laurana sentiu Silvara tremer e segurou a mão da garota de maneira tranquilizadora, avisando-a para ficar quieta.

— Sou eu, Pai — ela disse com a voz quase inaudível — Laurana. E... eu queria pedir... pedir-lhe desculpas, Pai. E... eu peço que me perdoe.

— Ah, Laurana — O Orador deitou-se novamente em seus travesseiros fechando os olhos — Eu te perdôo, minha filha. Agora volte para a cama. Conversaremos pela manhã.

Laurana esperou até a respiração dele se acalmar e voltar ao normal. Depois, ela guiou Silvara para fora do quarto apertando a lança de dragão debaixo do manto.

— Quem está aí? — falou baixinho uma voz humana em élfico.

— Quem pergunta? — respondeu uma voz nitidamente élfica.

— Gilthanas? É você?

— Theros! Meu amigo! — o jovem lorde élfico saiu rapidamente das sombras para abraçar o ferreiro humano. Por um momento Gilthanas ficou tão emocionado que não conseguia falar. Depois, afastou-se surpreso do abraço de urso do ferreiro — Theros! Você tem dois braços! Mas os dragonianos tinham cortado seu braço direito em Solace! Você teria morrido se Lua Dourada não o tivesse curado.

— Você se lembra o que aquele porco do cotiliquê me disse?
— Theros perguntou com a voz grave, sussurrando de forma suave
— “A única maneira de ter um braço novo, ferreiro, é forjá-lo você mesmo!” Bem, foi o que eu fiz! A história de minhas aventuras para encontrar o Braço de Prata que uso agora é bem longa...

— E não para ser contada agora — resmungou outra voz atrás dele — A menos que você queira pedir para dois mil elfos virem ouvi-la conosco.

— Então, você conseguiu escapar, Gilthanas — disse a voz de Teodorico dentre as sombras — Você trouxe o orbe do dragão?

— Eu não escapei — Gilthanas respondeu com frieza — Eu saí da casa de meu pai para acompanhar minha irmã e Sil... a criada dela nessa escuridão. Pegar o orbe foi idéia de minha irmã, não minha. Ainda há tempo de reconsiderar esta loucura, Laurana — Gilthanas virou-se na direção dela — Devolva o orbe. Não perca o juízo por causa das palavras precipitadas de Porthios. Se mantivermos o orbe aqui, poderemos usá-lo para defender nosso povo. Temos usuários de magia entre nós capazes de descobrir como ele funciona.

— Vamos nos entregar agora mesmo aos guardas! Pelo menos assim dormiremos num lugar quente! — as palavras de Flint saíram em baforadas cobertas de cristais de gelo.

— Toque o alarme agora, elfo, ou deixe-nos partir. Pelo menos, dê-nos algum tempo antes de nos trair — Teodorico disse.

— Eu não tenho intenção alguma de traí-los — Gilthanas afirmou irritado. Ignorando os outros, ele virou-se mais uma vez para sua irmã — Laurana?

— Eu estou determinada a continuar neste curso de ação — ela respondeu calma — Eu pensei sobre isso e acredito que nós estamos fazendo a coisa certa. Elistan também pensa assim. Silvara nos guiará pelas montanhas...

— Eu conheço as montanhas também — Theros falou — Eu tenho tido muito pouco que fazer por aqui e não ser explorá-las. E vocês precisarão de mim para passar pelos guardas.

— Então, estamos decididos.

— Muito bem — Gilthanas suspirou — Vou com vocês. Se eu ficasse para trás, Porthios iria sempre desconfiar de minha cumplicidade.

— Excelente — retrucou Flint — Podemos fugir agora? Ou precisamos acordar mais alguém?

— Por aqui — Theros disse — Os guardas estão acostumados com meus passeios à noite. Escondam-se nas sombras e deixem-me conversar — agachando-se, ele agarrou Tasslehoff pelo colarinho do casaco grosso de pele e levantou o kender do chão de modo a poder olhá-lo bem dentro dos olhos — Eu falei isso para você, seu ladrãozinho de meia-tijela — o grande ferreiro disse com seriedade.

— Sim, Theros — o kender respondeu submisso, contorcendo-se na mão de prata dele, até o ferreiro colocá-lo no chão. Um tanto abalado, Tas rearranjou suas escarcelas e tentou recuperar sua dignidade ferida.

Os companheiros seguiram o ferreiro alto e de pele escura pelos arredores do sossegado acampamento élfico, movendo-se tão silenciosamente quanto possível para um anão e dois cavaleiros

vestindo armaduras. Para Laurana, eles faziam tanto barulho quanto uma festa de casamento. Ela tinha que se controlar para ficar quieta enquanto os cavaleiros tiniam e chacoalhavam na escuridão e Flint tropeçava em cada raiz de árvore que encontrava pela frente e caía, e patinhava em todas as poças d'água.

Mas os elfos estavam agasalhados em sua complacência como se fosse um macio cobertor de lã. Eles já tinham escapado do perigo e viviam em segurança, por isso nenhum deles achava que o perigo os encontraria novamente. Por isso, eles dormiam enquanto os companheiros fugiam para dentro da noite.

Silvara, que carregava o orbe do dragão, sentiu o cristal frio aquecer-se quando o segurava perto de seu corpo e sentiu-o mexer-se e pulsar com vida.

— O que devo fazer? — ela sussurrou distraída consigo mesma em seu idioma, enquanto tropeçava como cega na escuridão — Isto veio até mim? Por quê? Eu não entendo? O que devo fazer?

4

RIO DOS MORTOS.

A LENDA DO DRAGÃO PRATEADO.

A noite estava calma e fria. Nuvens de tempestade encobriam a luz das luas e das estrelas. Não havia chuva nem vento, somente

uma sensação opressiva de espera. Laurana sentiu que toda natureza estava alerta, cautelosa e temerosa. Atrás dela os elfos dormiam encasulados em uma teia tecida com seus próprios medos e ódios. Ela se perguntava que criatura terrível irromperia daquele casulo.

Os companheiros tiveram pouca dificuldade para passar pelos guardas élficos. Ao reconhecerem Theros, os guardas conversaram amigavelmente com ele, enquanto, os outros passavam cuidadosamente, escondidos pelas matas. Eles chegaram ao rio junto com os primeiros raios frios de luz do amanhecer.

— E, como vamos atravessar? — o anão perguntou, olhando para a água abatido — Eu não sou muito chegado em barcos, mas seria melhor do que nadar.

— Isso não seria um problema — Theros virou-se para Laurana e disse. — Pergunte a sua amiguinha — acenando com a cabeça para Silvara.

Laurana olhou surpresa para a elfa primitiva; os outros fizeram o mesmo. Encabulada com tantos olhares sobre ela, Silvara ficou extremamente ruborizada e abaixou a cabeça.

— Kargai Sargaron tem razão — ela murmurou — Esperem aqui entre as sombras das árvores.

Ela os deixou e correu silenciosamente para a margem com uma graça selvagem encantadora de se olhar. Laurana percebeu que o olhar de Gilthanas em particular prolongou-se sobre a elfa primitiva.

Silvara colocou os dedos na boca e assobiou imitando o chamado de um pássaro. Ela esperou um momento depois repetiu o assobio três vezes. Depois de alguns minutos o chamado foi respondido na margem oposta do rio.

Silvara voltou para o grupo satisfeita. Laurana viu que apesar de Silvara estar falando com Theros seus olhos eram atraídos por Gilthanas. Ao perceber que ele a olhava, Silvara enrubesceu e voltou rapidamente os olhos para Theros.

— Kargai Sargaron — ela disse afobada — Meu povo está vindo, mas você tem de ficar comigo e lhes explicar o que está acontecendo — os olhos azuis de Silvara (Laurana podia vê-los claramente banhados na luz da manhã) voltaram-se para Sturm e Teodorico. A elfa primitiva balançou levemente a cabeça — Eu temo que eles não fiquem muito contentes em levar estes humanos para nossas terras, nem estes elfos — ela disse lançando um olhar apologético para Laurana e Gilthanas.

— Eu falarei com eles — Theros disse. Depois, olhando para o outro lado do rio. ele gesticulou — Aí vêm eles.

Laurana viu duas formas negras deslizando nas águas acinzentadas como o céu. Ela percebeu que os Kanganesti deviam estar sempre vigiando a área. Eles reconheceram o chamado de Silvara. Estranho... uma escrava ter tanta liberdade. E se é tão fácil assim fugir porque Silvara continuava entre os Silvanesti? Isso não fazia sentido... a menos que não fosse sua intenção fugir.

— O que significa “Kargai Sargaron”? — ela perguntou abruptamente a Theros.

— ‘Aquele que tem o Braço de Prata’ — Theros respondeu sorrindo.

— Eles parecem confiar em você.

— Sim. Eu disse que passei boa parte do meu tempo perambulando. Não é totalmente verdade. Eu passei muito tempo com o povo de Silvara — o rosto negro do ferreiro enrugou-se ao franzir a testa — com todo respeito Lady, a senhora não tem idéia das privações que seu povo está impondo a estes elfos primitivos matando ou espantando-os os animais de caça deles e escravizando os jovens com ouro, prata e aço — Theros deu uma olhada furiosa — Eu tenho feito o que posso. Eu tenho mostrado a eles como forjar armas de caça e ferramentas. Mas eu temo que o inverno será longo

e difícil. A caça já está escasseando. É possível que eles venham a passar fome ou matar os próprios parentes...

— Talvez se ficasse — Laurana murmurou — eu poderia ajudar... — então, ela percebeu que era ridículo. O que ela poderia fazer? Ela não era nem aceita por seu próprio povo!

— Você não pode estar em todos lugares ao mesmo tempo — Sturm disse — Os elfos devem resolver seus próprios problemas, Laurana. Você está fazendo a coisa certa.

— Eu sei — ela disse suspirando. Ela virou a cabeça e olhou para trás, na direção do acampamento Qualinesti — Eu era como eles, Sturm — ela disse estremecendo — Meu pequeno e lindo mundo tinha girado tanto tempo em torno de mim que eu pensava que era o centro do universo. Eu corri atrás de Tanis porque tinha certeza que conseguiria fazer ele me amar. E por que ele não deveria? Todas as outras pessoas me amavam. Aí eu descobri que o mundo não girava em torno de mim. O mundo nem ligava para mim! Eu vi sofrimento e morte. Fui forçada a matar — ela olhou para suas mãos — para não ser morta. Eu vi o verdadeiro amor. Amor como o de Vendaval e Lua Dourada, amor que estava disposto a sacrificar tudo até mesmo a própria vida. Eu me senti muito mesquinha e

muito pequena. Agora, é assim que meu povo me parece. Mesquinho e pequeno. Eu costumava pensar que ele era perfeito, mas agora compreendo como Tanis se sentiu... e porque ele partiu.

Os barcos dos Kanganesti alcançaram a praia. Silvara e Theros desceram para conversar com os elfos que os remavam. Atendendo a um gesto de Theros, os companheiros saíram das sombras das árvores e postaram-se na margem (com as mãos bem longe de suas armas) para que os Kanganesti pudessem vê-los. A princípio, parecia inútil. Os elfos conversavam em sua versão estranha e rude de élfico que Laurana tinha dificuldade em acompanhar. Aparentemente, eles tinham se recusado a cooperar com o grupo.

Depois, chamados de clarins soaram nas matas atrás deles. Gilthanas e Laurana se entreolharam assustados. Theros olhou para trás e apontou com urgência seu dedo prateado para o grupo, depois bateu em seu próprio peito, aparentemente dizendo que ele responderia pelos companheiros. Os clarins soaram outra vez. Silvara deu suas próprias justificativas. Por fim, os Kanganesti concordaram, embora demonstrassem uma visível falta de entusiasmo.

Os companheiros apressaram-se em entrar na água, todos agora estavam cientes que suas ausências tinham sido descobertas e que a perseguição tinha começado. Um a um eles entraram com cuidado nos barcos que eram nada mais do que troncos de árvores ocos. Todos com exceção de Flint que grunhiu e jogou-se no chão balançando a cabeça e resmungando na língua dos anões. Sturm olhava-o preocupado, temendo que se repetisse o incidente do Lago de Cristal no qual o anão tinha se recusado veementemente a entrar no barco. Foi Tasslehoff, entretanto, quem puxou, empurrou e finalmente colocou o anão resmungão em pé.

— Nós ainda faremos de você um marinheiro — o kender disse alegremente enquanto cutucava as costas de Flint com seu hoopak.

— Vocês nunca conseguirão! E pare de me cutucar com essa coisa! — o anão resmungou. Quando chegou na beirada da água, ele parou e ficou mexendo nervoso com um pedaço da madeira. Tas pulou em um barco e ficou esperando com a mão estendida.

— Raios o partam, Flint, entre no barco! — Theros ordenou.

— Só me digam uma coisa — o anão disse engolindo em seco
— Por que eles o chamam de “Rio dos Mortos”?

— Você saberá em breve — Theros grunhiu. Estendendo a mão negra e forte, ele arrancou o anão da margem e o colocou como um saco de batatas num assento — Dêem o fora — o ferreiro disse aos elfos primitivos que nem precisavam de uma ordem. Seus remos de madeira já estavam mergulhando na água.

O barco feito de tronco pegou a corrente e boiou rapidamente rio abaixo dirigindo-se para o oeste. As margens cobertas de árvores passavam rapidamente e os companheiros aconchegavam-se dentro dos barcos enquanto o vento frio queimava seus rostos e lhes dificultava a respiração. Eles não viram sinais de vida ao longo da praia do sul onde os Qualinesti haviam estabelecido seu lar. Mas Laurana viu de relance figuras indistintas movendo-se rapidamente e agachando-se dentro e fora da mata na praia ao norte. Ela percebeu que os Kanganesti não eram tão inocentes quanto pareciam ser; eles estavam vigiando seus primos bem de perto. Ela se perguntava quantos dos Kanganesti que viviam como escravos eram na verdade espiões. Seus olhos se voltaram para Silvara.

Acorrente carregou-os rapidamente até uma bifurcação onde dois rios se encontravam. Um fluía do norte, o outro (o rio no qual eles viajavam) se juntava ao primeiro vindo do leste. Os dois se transformavam em um rio mais largo que corria para o sul em direção ao mar. De repente, Theros apontou alguma coisa.

— Lá está sua resposta, anão — ele disse com um ar solene.

Havia um outro barco descendo o afluente do rio que vinha do norte. No princípio eles pensaram que o barco tivesse se soltado de seu ancoradouro, pois eles não conseguiam ver ninguém dentro dele. Depois, eles viram que ele estava muito abaixo do nível da água para estar vazio. Os elfos primitivos diminuíram a velocidade dos barcos, levaram-no para águas mais rasas e depois os pararam, mantendo as cabeças baixas em um silêncio de respeito.

Foi então que Laurana descobriu do que se tratava.

— Um barco funeral — ela murmurou.

— Sim — disse Theros, assistindo com os olhos tristes. O barco passou rio abaixo depois de ter sido levado para perto deles pela correnteza. Dentro do barco eles podiam ver o corpo de um jovem elfo primitivo; era um guerreiro a julgar pela tosca armadura de couro com que ele estava vestido. Com as mãos cruzadas sobre o peito ele segurava uma espada de ferro. Um arco e uma aljava com flechas jaziam a seu lado. Os olhos estavam fechados no sono pacífico do qual ele nunca despertaria.

— Agora você sabe por que o rio é chamado de Thon-Tsalarian, o Rio dos Mortos — Silvara disse com sua voz grave e melodiosa — há séculos meu povo devolve os mortos para o mar, onde nós nascemos. Este costume antigo tornou-se um amargo ponto de discórdia entre os Kanganesti e nossos primos — seus olhos voltaram-se para Gilthanas — Seu povo acha que isso é uma profanação do rio. Eles tentam nos obrigar a parar.

— Algum dia, o corpo que flutua rio abaixo será Qualinesti ou Silvanesti com uma flecha Kanganesti no peito — Theros profetizou — Então, haverá uma guerra.

— Eu acho que todos elfos terão um inimigo muito mais mortal a enfrentar — Sturm disse balançando a cabeça — Olhe! — ele apontou.

Nos pés do guerreiro morto havia um escudo, o escudo do inimigo que ele morrera combatendo. Ao reconhecer o símbolo fétido traçado no escudo surrado, Laurana suspirou.

— Dragoniano!

A jornada subindo o Thon-Tsalarian foi longa e árdua, pois o rio corria forte e veloz. Até mesmo Tas recebeu um remo para ajudar a remar, mas ele prontamente o deixou cair na água e depois quase mergulhou de cabeça tentando recuperá-lo. Segurando Tas pelo

cinto, Teodorico puxou-o para dentro do barco, quando os Kanganesti fizeram sinais com as mãos indicando que eles o jogariam na água se ele causasse mais algum transtorno.

Tasslehoff logo ficou entediado e sentou-se na beira do barco na esperança de ver um peixe.

— Por quê? Que estranho! — o kender disse de repente. Inclinando-se, ele colocou a pequena mão dentro da água — Olhem — ele disse entusiasmado. A mão dele estava coberta por uma fina camada de prata e cintilava sob a luz da manhã — A água reluz! Olhe, Flint — ele chamou o anão que se encontrava no outro lado do barco — Olhe para dentro d'água...

— Eu não olharei — disse o anão por entre os dentes que batiam. Flint remava carrancudo, embora houvesse dúvida com relação a sua eficácia. Ele se recusou veementemente a olhar para dentro da água e em consequência disso o ritmo de suas remadas não estava em harmonia com os outros.

— Você tem razão, Kenderken — Silvara disse sorrindo — Na verdade, os Silvanesti deram ao rio o nome de Thon-Sargon, o que quer dizer Estrada de Prata. É uma pena que você tenha vindo aqui com um tempo tão ruim. Quando a lua prateada está cheia, o rio se transforma em prata derretida e é realmente lindo.

— Por quê? O que causa isso? — o kender perguntou enquanto estudava com prazer sua mão cintilante.

— Ninguém sabe ao certo, mas existe uma lenda entre nosso povo... — Silvara parou abruptamente de falar e seu rosto enrubesceu.

— Que lenda? — Gilthanas perguntou. O lorde élfico estava sentado de frente para Silvara, que se encontrava na proa do barco. Gilthanas não remava melhor do que Flint, pois ele estava muito mais interessado no rosto de Silvara do que no trabalho. Toda vez que levantava os olhos, Silvara via-o olhando para ela. Ela ia ficando cada vez mais confusa e perturbada à medida que o tempo passava.

— Certamente você não está interessado — ela disse olhando para a água cinza-prata, tentando evitar o olhar de Gilthanas — É uma história infantil sobre Huma...

— Huma! — disse Sturm que estava sentado atrás de Gilthanas e compensava a inaptidão do elfo e do anão com suas remadas fortes e rápidas — Conte-nos a lenda de Huma, elfa primitiva.

— Sim, conte-nos sua lenda — Gilthanas repetiu sorrindo.

— Muito bem — ela disse enrubescendo. Depois de limpar a garganta, ela começou a falar — De acordo com os Kanganesti, Huma viajou pelas terras nos últimos dias da terrível guerra dos dragões tentando ajudar as pessoas. Mas ele percebeu... para sua tristeza... que era impotente para acabar com a desolação e a destruição provocadas pelos dragões. Ele fez uma prece aos deuses

pedindo uma resposta — Silvara deu uma olhada para Sturm que acenou com a cabeça de forma solene.

— É verdade — o cavaleiro disse — E Paladine atendeu sua prece enviando o Cervo Branco. Mas ninguém sabe para onde o cervo o guiou.

— Meu povo sabe — Silvara disse suavemente — Porque depois de muitas tribulações e perigos o Cervo levou Huma para um bosque calmo aqui nas terras de Ergoth. No bosque ele conheceu uma mulher linda e virtuosa que aliviou sua dor. Huma apaixonou-se por ela e ela por ele. Mas ela recusou as promessas de amor dele durante muitos meses. Por fim, incapaz de negar o fogo que queimava dentro dela, a mulher retribuiu o amor de Huma. A felicidade deles foi como o luar prateado em uma noite de escuridão completa.

Silvara ficou um momento em silêncio, com os olhos fixos em algum ponto distante. Distraída, ela abaixou a mão e tocou no tecido rústico do manto que cobria o orbe do dragão que estava a seus pés.

— Continue — Gilthanas incentivou. O lorde élfico já tinha desistido de fingir que remava e sentou-se quieto, encantado com os lindos olhos de Silvara e sua voz melodiosa.

Silvara suspirou. Largando o tecido, ela olhou por cima da água para as matas sombrias — A alegria deles durou pouco — ela disse suavemente — Pois a mulher guardava um terrível segredo... ela não tinha nascido de uma mulher e sim de uma dragoa. Somente usando sua mágica ela conseguia manter a forma humana. Mas, ela não podia mais mentir para Huma. Ela o amava demais. Temerosa, ela revelou a Huma o que ela era e apareceu diante dele uma certa noite em sua forma verdadeira... ela era uma dragoa prateada. Ela tinha esperança de que ele fosse odiá-la e até mesmo destruí-la, pois a dor que ela sentia era tão grande que ela não queria mais viver. Mas, olhando para aquela criatura magnífica e radiante diante dele, o cavaleiro viu dentro dos olhos dela o espírito nobre da mulher que ele amava. Sua mágica trouxe-a de volta ao corpo de mulher e ela pediu a Paladine que lhe desse a forma de mulher para sempre. Ela estava disposta a abdicar de sua mágica e da vida longa que os dragões têm para viver no mundo com Huma.

Silvara fechou os olhos, a dor estampada em seu rosto. Observando-a, Gilthanas se perguntava por que ela ficava tão comovida com essa lenda. Estendendo a mão, ele tocou na mão dela. Ela retraiu-se como um animal selvagem tão rapidamente que fez o barco balançar.

— Desculpe-me — Gilthanas disse — Eu não quis assustá-la. O que aconteceu? Qual foi a resposta de Paladine?

Silvara respirou fundo — Paladine atendeu ao pedido dela... mas impôs uma condição horrível. Ele mostrou o futuro aos dois. Se permanecesse como dragoa, ela e Huma receberiam a Lança de Dragão e o poder para derrotar os dragões do mal. Se se tornasse mortal, ela e Huma viveriam juntos como marido e mulher, mas os dragões do mal permaneceriam na terra para sempre. Huma prometeu então, desistir de tudo; da cavalaria e de sua honra para ficar com ela. Mas, enquanto ele dizia isso, ela viu a luz nos olhos dele morrer e ela chorou, pois ela sabia a resposta que ela deveria dar. Os dragões do mal não deveriam viver no mundo. Por isso, dizem que o rio prateado foi formado pelas lágrimas que a dragoa derramou, quando Huma a deixou para procurar a Dragonlance.

— E uma bela história. Um tanto triste — disse Tasslehoff bocejando — O velho Huma voltou? A história tem um final feliz?

— A história de Huma não tem um final feliz — Sturm disse e franziu a sobrancelha para o kender — Mas, ele morreu gloriosamente em combate, derrotando o líder dos dragões, apesar dele mesmo ter sido ferido mortalmente. Eu ouvi dizer... — o cavaleiro acrescentou pensativo — Que ele cavalgou para a batalha sobre um Dragão Prateado.

— E nós vimos um cavaleiro montado em um dragão prateado na Muralha de Gelo — Tas disse alegre — Ele deu a Sturm a...

O cavaleiro deu um rápido cutucão nas costas do kender. Quando Tas se lembrou que aquilo deveria ser segredo já era tarde demais.

— Eu não sei nada sobre um Dragão Prateado — Silvara disse encolhendo os ombros — Meu povo sabe pouco sobre Huma. Afinal, ele era humano. Eu acho que eles contam essa lenda só porque ela fala do rio que eles amam, o rio que carrega seus mortos.

Nesse momento, um dos Kanganesti apontou para Gilthanas e disse alguma coisa num tom áspero para Silvara. Gilthanas olhou para ela sem compreender. A jovem elfa sorriu.

— Ele perguntou se você é um lorde élfico importante demais para remar por que... se for... ele permitirá que vossa senhoria nade.

Gilthanas deu um sorriso amarelo e seu rosto enrubesceu. Ele pegou seu remo rapidamente e voltou a trabalhar.

A despeito do esforço de todos eles (e no final do dia até Tasslehoff estava remando novamente) a jornada rio acima foi vagarosa e cansativa. Quando eles finalmente aportaram para passar

a noite, seus músculos doíam devido ao esforço prolongado e suas mãos sangravam e estavam cheias de bolhas. Eles não conseguiram fazer mais nada além de arrastar os barcos para a praia e ajudar a escondê-los.

— Você acha que conseguimos despistar nossos perseguidores? —

Laurana perguntou a Theros, exausta.

— Aquilo responde sua pergunta? — ele apontou rio abaixo.

Na penumbra do anoitecer, Laurana mal conseguia distinguir várias formas escuras sobre a água. Elas ainda estavam bem distantes no rio, mas ficou claro para Laurana que haveria pouco descanso para os companheiros nessa noite. Um dos Kanganesti, entretanto, falava com Theros e gesticulava rio abaixo. O grande ferreiro acenou com a cabeça.

— Não se preocupe. Nós estamos seguros até o amanhecer. Ele diz que eles terão que aportar também. Ninguém ousa viajar nesse rio à noite. Nem mesmo os Kanganesti e eles conhecem cada curva e cada obstáculo que existe dentro dele. Ele diz que vai montar acampamento aqui, próximo ao rio. Criaturas estranhas vagueiam pela floresta à noite, homens com cabeças de lagarto. Amanhã viajaremos pela água o mais que pudermos, mas logo teremos que deixar o rio e seguir por terra.

— Pergunte a ele se seu povo impedirá que os Qualinesti nos persigam se entrarmos na terra deles — Sturm disse a Theros.

Theros virou-se para o elfo Kanganesti falando bem mal a língua élfica, mas o suficiente para ser entendido. O Kanganesti balançou a cabeça. Ele era uma criatura de aparência selvagem. Laurana podia ver porque o povo dela os considerava como estando apenas um nível acima dos animais. Seu rosto revelava traços de ancestrais humanos bem distantes. Embora ele não tivesse barba (o sangue élfico ainda corria puríssimo nas veias do Kanganesti para permitir que ele tivesse barba) Laurana achava que o elfo lembrava-a vividamente de Tanis, com o jeito rápido e decidido de falar, a

compleição muscular poderosa e os gestos enfáticos. Dominada pelas memórias, ela virou o rosto em outra direção. Theros traduziu.

— Ele disse que os Qualinesti devem seguir o protocolo e pedir a permissão dos anciões para entrar nas terras dos Kanganesti à procura de vocês. Os anciões provavelmente darão permissão e talvez até ofereçam ajuda. Eles não querem humanos em Ergoth do Sul, assim como os primos deles também não querem. Na verdade — Theros acrescentou vagarosamente — Ele deixou claro que a única razão pela qual ele e seus amigos estão nos ajudando agora é para retribuir favores que eu lhes fiz no passado e para ajudar Silvara.

Os olhos de Laurana se voltaram para a garota. Silvara estava na margem do rio conversando com Gilthanas.

Theros viu o rosto de Laurana ficar sério. Olhando para a elfa primitiva e o lorde élfico, ele adivinhou os pensamentos dela.

— É estranho ver ciúmes nos olhos de alguém que... de acordo com rumores, fugiu para tornar-se a amante de meu amigo, Tanis, o meio elfo — Theros comentou — Eu pensei que você fosse diferente de seu povo, Laurana.

— Não é isso! — ela disse categoricamente, sentindo o rosto queimar — Eu não sou amante de Tanis. Não que isso faça alguma diferença. Eu simplesmente não confio na garota. Ela está... bem... ansiosa demais para nos ajudar, se é que isso faz algum sentido.

— Seu irmão pode ter alguma coisa a ver com isso.

— Ele é um lorde élfico... — Laurana começou a falar com raiva. Depois, percebendo o que ia dizer, ela parou — O que você sabe sobre Silvara? — ela perguntou.

— Pouco — Theros respondeu olhando para Laurana com um olhar de desapontamento o que a deixou um tanto irritada — Eu sei

que ela é altamente respeitada e muito querida pelo povo dela, especialmente por suas perícias de cura.

— E as perícias de espionagem dela? — Laurana perguntou com indiferença.

— Estas pessoas estão lutando pela sobrevivência. Eles fazem o que têm de fazer — Theros disse inflexível — Foi um belo discurso aquele seu lá na praia, Laurana. Eu quase acreditei nele.

O ferreiro foi ajudar os Kanganesti a esconderem os barcos. Laurana, envergonhada e com raiva, mordeu o lábio frustrada. Será que Theros estava certo? Ela estaria com ciúmes da atenção de Gilthanas? Ela considerava Silvara indigna dele? Certamente essa era a maneira como Gilthanas sempre considerou Tanis. Será que a situação agora era diferente?

Ouçã seus sentimentos, Raistlin tinha dito a ela. Isso estava muito bom, mas primeiro ela tinha que entender seus próprios sentimentos! Serã que seu amor por Tanis nã tinha lhe ensinado nada?

Sim, Laurana decidiu-se finalmente, depois que a cabeça dela clareou. O que ela disse a Theros era o que ela pensava. Se havia alguma coisa em Silvara que ela nã confiava, nã tinha nada a ver com o fato de Gilthanas estar atraído pela garota. Era algo que ela nã conseguia definir. Laurana sentia muito que Theros a tivesse interpretado mal, mas ela iria levar em consideraçaõ o conselho de Raistlin e confiar em seus instintos.

Ela iria ficar de olho em Silvara.

5

SILVARA.

Apesar de cada um dos músculos do corpo de Gilthanas pedir descanso e ele estar ansioso para se deitar em sua esteira, o lorde élfico sentiu-se bem acordado olhando o céu. O céu acima estava carregado de nuvens de tempestade, mas uma brisa com um laivo de ar salgado soprava do oeste, dispersando-as. De vez em quando ele via as estrelas de relance e uma vez a lua vermelha acendeu no céu como a chama de uma vela, mas logo em seguida foi apagada pelas nuvens.

O elfo tentou encontrar uma posição confortável e virou-se de um lado para o outro até sua esteira ficar completamente desarranjada e ele ter que se sentar para acertá-la. Por fim ele desistiu, chegando à conclusão que era impossível dormir no chão duro e congelado.

Ele notou, para sua frustração, que nenhum dos outros companheiros parecia estar tendo qualquer problema. Laurana dormia profundamente com o rosto repousando sobre a mão, um hábito adquirido na infância. Gilthanas achou que sua irmã estava agindo de forma estranha ultimamente. Por outro lado, ele sabia que não poderia culpá-la. Ela tinha abandonado tudo para fazer aquilo que acreditava ser certo e levar o orbe para Sancrist. O pai deles poderia tê-la aceitado de volta na família, mas agora ela estava banida para sempre.

Gilthanas suspirou. E o que ele mesmo pensava? Ele quis guardar o orbe em Qualin-Mori, pois achava que seu pai estava certo... Achava mesmo?

Aparentemente não, pois estou aqui, Gilthanas disse a si próprio. Pelos deuses! Seus valores estavam ficando tão confusos quanto os de Laurana! Primeiro, o ódio por Tanis (um ódio que ele tinha alimentado justificadamente durante anos a fio) estava diminuindo, sendo substituído pela admiração e até mesmo afeto. Depois, começou a sentir que seu ódio pelas outras raças começava a diminuir. Ele tinha conhecido poucos elfos tão nobres ou abnegados quanto o humano, Sturm Montante Luzente. E, embora

não gostasse de Raistlin, ele invejava a perícia do jovem mago. Perícia que Gilthanas que era um amador em mágica nunca tinha tido a coragem ou a paciência para adquirir. Por fim, ele teve que admitir que ele até gostava do kender e do anão velho e resmungão. Mas, ele nunca tinha pensado que fosse se apaixonar por uma elfa primitiva.

— É isso! — Gilthanas disse em voz alta — Eu admiti. Eu a amo! — mas, seria amor mesmo ou simplesmente uma atração física, ele se perguntou. Ele sorriu ao pensar nisso, e pôs-se a pensar em Silvara com o rosto marcado de terra, o cabelo imundo e as roupas rasgadas. Os olhos de minha alma devem estar enxergando melhor do que minha cabeça, ele pensou, olhando carinhosamente para a esteira dela.

Para seu espanto, ela estava vazia! Sobressaltado Gilthanas olhou rapidamente em todo o acampamento. Eles não ousaram acender uma fogueira, pois não eram só os Qualinesti que os perseguiam, Theros tinha falado também de grupos de dragonianos perambulando por aquelas terras.

Pensando nisso, Gilthanas levantou-se rapidamente e começou a procurar por Silvara. Ele se movia em silêncio, na esperança de

evitar perguntas de Sturm e Teodorico que estavam de guarda. Um pensamento repentino e estarrecedor passou por sua cabeça. Apressadamente, ele procurou pelo orbe do dragão. Mas o orbe ainda estava onde Silvara o tinha colocado. Ao lado dele estava a haste quebrada da lança do dragão.

Gilthanas respirou aliviado. Depois, seus ouvidos aguçados ouviram o barulho de água borrifando. Ouvindo cuidadosamente, ele concluiu que não se tratava de um peixe ou de um pássaro noturno mergulhando atrás de uma presa no rio. O lorde élfico olhou para Sturm e Teodorico. Os dois estavam postados separados um do outro em uma rocha que se elevava e lhes dava uma visão do acampamento. Gilthanas podia ouvi-los discutindo entre si com sussurros furiosos. O lorde élfico afastou-se lentamente do acampamento e caminhou na direção do barulho da água espirrando suavemente.

Gilthanas caminhava pela floresta escura sem fazer sequer um barulho mais alto do que as próprias sombras da noite fariam. De vez em quando, ele via de relance o rio cintilando debilmente por entre as árvores. Então, ele chegou a um lugar onde as águas que escorriam por entre as rochas tinham sido represadas formando um pequeno tanque. Ao chegar ali, Gilthanas se deteve e seu coração quase parou de bater. Ele tinha encontrado Silvara.

Um círculo escuro de árvores ficou perfeitamente delineado contra as nuvens que passavam apressadas. O silêncio da noite era quebrado apenas pelo murmurar gentil do rio prateado que descia por sobre os degraus de pedra e caía dentro do tanque e pelo espirrar da água que chamou a atenção de Gilthanas. Agora ele sabia o que era.

Silvara estava se banhando. Ignorando o ar frio, a jovem elfa estava submersa na água. Suas roupas estavam espalhadas na margem perto de um cobertor desgastado. Somente os ombros e braços eram visíveis aos olhos de Gilthanas. Sua cabeça estava jogada para trás, enquanto ela lavava o longo cabelo que deixava um rastro atrás dela e flutuava como uma teia de aranha escura nas águas ainda mais escuras do tanque. O lorde élfico prendeu a respiração enquanto a observava. Ele sabia que devia partir, mas ficou ali parado completamente hipnotizado.

E então, as nuvens se abriram. Solinari, a lua prateada, embora fosse só meia lua, brilhou no céu com uma luz fria. A água do tanque transformou-se em prata derretida. Silvara levantou-se e saiu do tanque. A água prateada cintilou em sua pele, refletindo no seu cabelo prateado, depois escorreu em filetes que brilhavam por seu corpo pintado de prata pelo luar. A beleza dela atingiu o coração de Gilthanas com uma dor tão intensa que ele arfou.

Silvara olhou aterrorizada à sua volta. Sua graça descuidada e selvagem acrescentou tanto à sua doçura que, embora Gilthanas quisesse falar com ela de forma tranqüilizadora, a dor em seu peito impedia suas palavras.

Silvara correu para a margem, onde suas roupas estavam. Mas ela não tocou as roupas. Ao invés disso, ela enfiou a mão em um bolso. Ela agarrou uma faca e virou-se pronta para se defender.

Gilthanas podia ver o corpo dela tremendo sob o luar prateado e lembrou-se vividamente de uma corça que ele tinha encurralado depois de uma longa caçada. Os olhos do animal faiscaram com o mesmo medo que ele via agora nos olhos luminosos de Silvara. A elfa primitiva olhou em volta aterrorizada. Por que ela não me vê? Gilthanas perguntou-se por um momento, sentindo que os olhos dela tinham passado por ele várias vezes. Com a visão élfica, ela deveria vê-lo com um...

De repente, Silvara virou-se e começou fugir do perigo que conseguia sentir, mas não conseguia ver.

A voz de Gilthanas se libertou

— Não! Espere, Silvara! Não se assuste. Sou eu, Gilthanas — ele falou com a voz firme, porém em tom de sussurro, como se ele tivesse falado com a corça encurralada — Você não devia sair sozinha... é perigoso...

Silvara fez uma pausa e ficou com metade do corpo banhado pela luz prateada e metade escondido pelas sombras protetoras, com os músculos tensos e prontos para saltar. Gilthanas seguia seu instinto de caçador, caminhava vagarosamente e continuava a falar, segurando-a com a voz e olhos firmes.

— Você não deveria estar aqui sozinha. Eu ficarei com você. Eu queria mesmo falar com você. Eu quero que você me ouça por

um momento. Eu preciso falar com você, Silvara. Eu também não quero ficar aqui sozinho. Não me deixe. Silvara. Já fui deixado por tanta gente neste mundo. Não deixe...

Falando macio e continuamente, Gilthanas movia-se com passos suaves e calculados na direção de Silvara até que ele a viu dar um passo para trás. Erguendo a mão, ele sentou-se rapidamente em uma rocha na beirada do tanque, mantendo a água entre eles. Silvara parou, observando-o. Ela não demonstrou nenhuma intenção de se vestir, tendo aparentemente decidido que a defesa era mais importante do que o pudor. E manteve a faca suspensa na mão.

Gilthanas admirou a determinação dela, embora estivesse envergonhado por sua nudez. Qualquer mulher elfa bem criada já teria desmaiado a uma hora dessas. Ele sabia que deveria desviar os olhos, mas estava impressionado demais com a beleza dela. Seu sangue queimava. Ele continuou a falar com esforço, sem nem mesmo saber o que estava dizendo. Só gradualmente ele foi percebendo que revelava os pensamentos mais íntimos de seu coração.

— Silvara, o que é que eu estou fazendo aqui? Meu pai precisa de mim, meu povo precisa de mim. E mesmo assim, aqui estou eu,

infringindo a lei de meu lorde. Meu povo está no exílio. Eu encontro a única coisa que pode ajudá-los... um orbe do dragão, mas agora eu estou arriscando minha vida para tirá-lo de meu povo para dá-lo a humanos, para ajudá-los na guerra deles! Nem é minha guerra, não é a guerra de meu povo — Gilthanas inclinou-se na direção dela com sinceridade, percebendo que ela não tinha tirado os olhos dele — Por que, Silvara? Por que eu trouxe essa desonra para mim mesmo? Por que eu fiz isso com meu povo?

Ele prendeu a respiração. Silvara olhou para dentro da escuridão e para a segurança das matas, depois voltou os olhos para ele. Ela fugirá, ele pensou com o coração acelerado. Depois, lentamente Silvara abaixou a faca. Havia tanta tristeza e sofrimento em seu olhar que finalmente Gilthanas desviou os olhos envergonhado de si mesmo.

— Silvara — ele começou a falar, depois engasgou — Perdoe-me. Não quis envolvê-la em meus problemas. Não compreendo o que é que eu devo fazer. Eu só sei...

— ...que você deve fazer — Silvara terminou por ele.

Gilthanas levantou os olhos. Silvara tinha se coberto com o cobertor desgastado. Esse esforço modesto, serviu apenas para acender ainda mais as chamas do desejo dele. O cabelo prateado dela, que se estendia até abaixo da cintura, lampejava ao luar. O cobertor encobria a pele prateada.

Gilthanas levantou-se devagar e começou a caminhar ao longo da margem do tanque na direção dela. Ela permaneceu perto da segurança da borda da floresta. Ele ainda conseguia perceber o medo dela. Mas, ela tinha largado a faca.

— Silvara — ele disse — O que eu fiz é contra todos os costumes élficos. Quando minha irmã me contou o plano de roubar o orbe, eu deveria ter ido direto a meu pai. Eu deveria ter tocado o alarme. Eu mesmo deveria ter pego o orbe...

Silvara deu um passo na direção dele e ainda segurava o cobertor em volta de si

— E por que não o fez? — ela perguntou em voz baixa.

Gilthanas estava se aproximando dos degraus de pedra do lado norte do tanque. A água que fluía por cima deles produzia uma cortina prateada sob a luz do luar

— Porque eu sei que meu povo está errado. Laurana está certa. Sturm está certo. Levar o orbe para os humanos está certo! Devemos enfrentar essa guerra. Meu povo está errado, suas leis e seus costumes estão errados. Sei disso... dentro do meu coração! Mas, não consigo convencer minha cabeça a acreditar nisso. Isso me atormenta...

Silvara caminhou lentamente ao longo da beirada do tanque. Ela também aproximava-se da cortina de água prateada do lado oposto.

— Eu compreendo — ela disse suavemente — Meu próprio... povo não compreende o que eu faço, ou porque eu o faço. Mas eu compreendo. Eu sei que é certo e eu acredito nisso.

— Eu invejo você, Silvara — Gilthanas sussurrou.

Gilthanas pisou na pedra maior que formava uma ilha plana na água cintilante que cascadeava. Silvara, com o cabelo molhado caindo sobre ela como um vestido prateado, estava agora a menos de um metro dele.

— Silvara — Gilthanas disse com a voz trêmula — Tem mais uma razão pela qual eu deixei meu povo. Você sabe qual é.

Ele estendeu a mão na direção dela com a palma para cima. Silvara afastou-se balançando a cabeça. Sua respiração acelerou. Gilthanas aproximou-se mais um pouco, com outro passo.

— Silvara, eu amo você — ele disse suavemente — Você parece ser solitária, tão solitária quanto eu. Por favor, Silvara, você nunca mais ficará sozinha. Eu juro...

Hesitante, Silvara ergueu a mão na direção da mão dele. Com um movimento repentino, Gilthanas agarrou o braço dela e a puxou. Segurando-a quando ela tropeçou, ele a levantou e a colocou em uma pedra ao seu lado.

Quando a corça selvagem percebeu que estava presa, já era tarde demais. Não pelos braços do homem... ela poderia facilmente ter se livrado de seu abraço. Foi o amor por este homem que a prendeu na armadilha. O fato do amor dele por ela ser profundo e carinhoso foi o que selou a sorte deles. Ele tinha caído na armadilha também.

Gilthanas sentiu o corpo dela estremecer, mas enquanto olhava nos olhos dela ele sabia que ela tremia de paixão e não de medo. Segurando o rosto dela entre suas mãos, ele a beijou carinhosamente. Silvara ainda segurava o cobertor em volta do corpo com uma das mãos, mas ele sentiu a outra mão dela abraçá-lo. Os lábios dela eram macios e ansiosos. Então, Gilthanas sentiu o gosto de uma lágrima salgada nos lábios. Ele afastou-se assustado ao vê-la chorar.

— Silvara, não. Desculpe-me... — ele a soltou.

— Não! — ela murmurou com a voz rouca — Não choro por ter medo de seu amor. Eu choro por mim mesma. Você não pode compreender.

Estendendo a mão, ela timidamente a colocou em volta do pescoço de Gilthanas e o puxou mais para perto de si. E, enquanto a beijava, ele sentiu a outra mão (a mão que segurava o cobertor em torno do corpo dela) acariciar seu rosto.

O cobertor de Silvara escorregou despercebido dentro do riacho e foi carregado pela água prateada.

6

PERSEGUIÇÃO.

UM PLANO DESESPERADO.

No meio dia do dia seguinte, quando chegaram à cabeceira do rio, de onde ele fluía montanha abaixo, os companheiros foram forçados a abandonar os barcos. Nesse ponto a água era rasa e tinha uma espuma branca criada pelas corredeiras. Havia muitos barcos Kanganesti içados na margem. Arrastando os barcos para a praia, os companheiros encontraram-se com um grupo de elfos Kanganesti vindos da floresta. Eles carregavam os corpos de dois jovens guerreiros élficos. Alguns sacaram as armas e teriam atacado se Theros Ferro Forjado e Silvara não tivessem corrido para falar com eles.

Os dois conversaram bastante tempo com os Kanganesti, enquanto os companheiros olhavam inquietos para baixo do rio. Embora estivessem acordados desde antes do amanhecer e tivessem partido tão cedo quanto os Kanganesti achavam ser seguro para viajar pelas águas rápidas, eles tinham avistado mais de uma vez os barcos negros que os perseguiram.

Quando Theros retornou, seu rosto escuro estava sombrio. O rosto de Silvara estava vermelho de raiva.

— Meu povo não fará nada para nos ajudar — Silvara relatou — Eles foram atacados por homens lagartos duas vezes nos últimos dois dias. Eles culpam os humanos pela vinda deste novo mal que segundo eles foi trazido para cá pelos humanos em um navio de velas brancas...

— Isso é ridículo! — Laurana retrucou — Theros, você não lhes contou sobre os dragonianos?

— Eu tentei — o ferreiro começou a falar — Mas, eu temo que as evidências estejam contra vocês. Os Kanganesti viram o dragão branco sobre o navio, mas aparentemente eles não viram vocês afugentá-lo. De qualquer forma, eles concordaram em nos deixar passar por suas terras, mas eles não nos darão ajuda alguma. Eu e Silvara juramos nossas vidas por sua boa conduta.

— O que os dragonianos estão fazendo aqui? — perguntou Laurana assombrada por memórias do passado — É um exército?

Ergoth do Sul está sendo invadida? Se estiver, talvez nós devêssemos voltar...

— Não, eu acho que não — Theros disse pensativo — Se os exércitos dos Senhores dos Dragões estivessem prontos para tomarem esta ilha, eles o fariam com bandos de dragões e milhares de soldados. Estas parecem ser patrulhas pequenas enviadas para fazerem esta situação ruim se deteriorar ainda mais. Os Senhores dos Dragões provavelmente esperam que os elfos destruam uns aos outros primeiro, poupando-lhes assim o incômodo de uma guerra.

— O Alto Comando Dragoniano não está pronto para atacar Ergoth — Teodorico disse — Eles ainda não têm controle total do norte. Mas, isso é só uma questão de tempo. Por isso é imperativo que levemos o orbe do dragão para Sancrist e marquemos uma reunião do Conselho da Pedra Branca para decidirmos o que fazer com ele.

Depois de reunir os suprimentos, os companheiros partiram. Silvara os guiou por uma trilha ao lado do borbulhante rio prateado que corria das montanhas. Eles podiam sentir os olhares pouco amigáveis dos Kanganesti observando-os até se perderem de vista.

A estrada começou a subir quase que imediatamente. Theros logo lhes disse que eles viajavam por regiões onde ele nunca tinha estado antes; por isso a liderança ficaria a cargo de Silvara. Laurana não ficou muito contente com esta situação. Ela imaginou que alguma coisa tivesse acontecido entre seu irmão e a garota, quando ela os viu compartilhar um sorriso amável e secreto.

Silvara encontrou tempo, entre seu povo, para mudar de roupa. Agora, ela estava vestida como uma mulher Kanganesti, com uma túnica longa sobre calças de couro que chegavam até os joelhos, coberta por um casaco de pele grosso. Com o cabelo lavado e penteado, todos podiam ver a razão de seu nome. O cabelo dela, que tinha uma estranha cor prata metálica, fluía do topo de sua testa e caía sobre os ombros em uma beleza radiante.

Silvara provou ser uma guia excepcionalmente boa, fazendo-os caminhar num ritmo rápido. Ela e Gilthanas andavam lado a lado conversando em élfico. Um pouco antes do pôr do sol eles chegaram a uma caverna.

— Nós podemos passar a noite aqui — Silvara disse — A esta altura nós devemos ter despistado nossos perseguidores. Pouca gente conhece estas montanhas tão bem quanto eu. Mas eu não ousaria acender uma fogueira. Receio que teremos que comer comida fria no jantar.

Exaustos depois de escalarem o dia inteiro, eles jantaram sem ânimo e depois fizeram as camas na caverna. Os companheiros dormiram inquietos, aconchegados em seus cobertores e cada peça de vestuário que possuíam. Eles montaram guarda, e Laurana e Silvara insistiram em se revezarem com os outros. A noite passou calma e o único barulho que eles ouviram foi o vento uivando por entre as rochas.

Mas na manhã seguinte, Tasslehoff, que tinha se espremido para fora da caverna por uma fenda na entrada secreta para dar uma olhada nos arredores, de repente voltou correndo para dentro da caverna. Colocando um dedo nos lábios, Tas gesticulou para que o seguissem para fora. Theros empurrou de lado a enorme pedra que eles tinham rolado em frente à boca da caverna e os companheiros seguiram silenciosamente atrás de Tas. Ele os levou até um lugar a menos de seis metros da caverna e apontou para a neve branca, com tristeza.

As pegadas eram tão frescas, que a neve soprada em cima delas ainda não as tinha encoberto. As marcas leves e delicadas não eram muito fundas. Ninguém falou. Não havia necessidade. Todos reconheceram o contorno nítido de botas élficas.

— Eles devem ter passado por nós durante a noite — Silvara disse — Mas não devemos nos arriscar a ficar aqui muito mais tempo. Logo eles descobrirão que perderam o rastro e voltarão. Temos de partir.

— Eu não vejo como isso fará muita diferença — Flint resmungou irritado. Ele apontou para os próprios rastros deles altamente visíveis. Depois, olhou para o céu limpo e azul — É melhor sentarmos e esperarmos por eles. Economizamos o tempo deles e nos poupamos o incômodo. Não há nenhum meio de escondermos nossos rastros!

— Talvez não consigamos esconder nossos rastros — disse Theros — Mas quem sabe podemos ganhar alguns quilômetros na frente deles.

— Talvez — Teodorico repetiu de forma soturna. Abaixou a mão e soltou sua espada na bainha depois voltou para a caverna.

Laurana segurou Sturm.

— Não haverá derramamento de sangue! — ela sussurrou freneticamente, assustada pela ação de Teodorico.

O cavaleiro balançou a cabeça enquanto eles seguiam os outros — Nós não podemos permitir que seu povo nos impeça de levar o orbe para Sancrist.

— Eu sei! — Laurana disse suavemente. Curvando a cabeça, ela entrou na caverna, sofrendo silenciosamente.

O resto deles estava preparado em minutos. Então, Teodorico pôs-se em pé junto à entrada da caverna e ficou observando Laurana com impaciência.

— Vá em frente — ela lhe disse, disposta a não deixá-lo vê-la chorar — Eu alcanço vocês.

Teodorico partiu imediatamente. Theros, Sturm e os outros seguiam mais devagar, olhando inquietos para Laurana.

— Vá em frente — ela gesticulou. Ela precisava de um momento sozinha.

Mas a única coisa em que ela conseguia pensar era em Teodorico colocando a mão na espada — Não! — ela disse para si mesma com severidade — Eu não enfrentarei meu povo. O dia que isso acontecer será o dia da vitória dos dragões. Eu serei a primeira a depor minha espada...

Laurana ouviu um barulho atrás de si. Ela virou-se e sua mão procurou involuntariamente a espada, Laurana parou.

— Silvara? — ela disse perplexa ao ver a garota nas sombras
— Eu pensei que você tivesse partido. O que você está fazendo?

Laurana dirigiu-se prontamente para onde Silvara estava ajoelhada no escuro, mexendo com as mãos em alguma coisa no chão da caverna. A elfa primitiva levantou-se rapidamente.

— N... nada — Silvara murmurou — Só estou juntando minhas coisas.

No chão frio da caverna atrás de Silvara, Laurana pensou ter visto o orbe do dragão, sua superfície de cristal brilhando com uma luz estranha que girava. Mas, antes que ela conseguisse olhar mais de perto, Silvara rapidamente deixou o manto cair sobre o orbe. Enquanto ela fazia isso, Laurana notou que ela se mantivera em pé diante daquilo que ela estava mexendo no chão.

— Venha, Laurana — Silvara disse — Nós temos de nos apressar. Desculpe-me se fui lenta...

— Só um momento — Laurana disse com aspereza. Ela começou a caminhar em frente da elfa primitiva. A mão de Silvara agarrou a mão dela.

— Nós temos de nos apressar! — ela disse. Havia uma nota de rispidez em sua voz grave. O aperto no braço de Laurana foi doloroso, mesmo estando ele protegido pelo manto grosso e pesado.

— Solte-me — Laurana disse com frieza e encarou a garota. Seus olhos verdes não demonstravam medo, nem raiva. Silvara soltou a mão e abaixou os olhos.

Laurana caminhou até o fim da caverna rasa. Entretanto, olhando para o chão, ela não conseguiu ver nada que fizesse sentido. Havia alguns gravetos cruzados, cascas de árvore e madeira queimada, algumas pedras, mas isso era tudo. Se fosse um sinal, era um sinal muito malfeito. Laurana chutou tudo isso com a bota, espalhando os gravetos e as pedras. Depois, ela virou-se e pegou o braço de Silvara.

— Pronto — Laurana disse num tom inalterado e calmo — Qualquer que tenha sido a mensagem que você deixou para seus amigos, será difícil de ser lida.

Laurana estava preparada para quase toda e qualquer reação da garota... raiva, vergonha por ter sido pega. Ela até meio que esperava ser atacada. Mas, Silvara começou a tremer. Quando ela olhou para Laurana, seus olhos eram suplicantes, quase tristes. Por um momento, Silvara tentou falar, mas ela não conseguia. Balançando a cabeça, ela soltou-se do aperto de Laurana com um puxão e correu para fora.

— Depressa, Laurana! — Theros chamou mal humorado.

— Estou indo! — ela respondeu, olhando para trás, para os fragmentos no chão da caverna. Ela pensou em gastar um pouco mais de tempo para investigar melhor, mas ela sabia que não podia perder tempo.

Talvez eu esteja sendo muito desconfiada com a garota, e sem razão alguma, Laurana pensou com um suspiro enquanto saía apressadamente da caverna. Depois, na metade do caminho trilha acima, ela parou tão abruptamente que Theros que vinha na retaguarda trombou com ela. Ele a pegou pelo braço, equilibrando-a.

— Você está bem? — ele perguntou.

— S... sim — Laurana respondeu, ouvindo-o apenas parcialmente.

— Você está pálida. Você viu alguma coisa?

— Não, eu estou bem — Laurana disse apressadamente e começou a subir o despenhadeiro rochoso outra vez, escorregando na neve. Que tola ela tinha sido! Que tolos eles todos têm sido!

Mais uma vez, ela podia ver bem nítido em sua mente, Silvara levantar-se e jogar o manto sobre o orbe do dragão. O orbe do dragão brilhava com uma luz estranha!

Ela começou a perguntar a Silvara sobre o orbe, quando subitamente seus pensamentos foram interrompidos. Uma flecha zuniu no ar e bateu numa árvore produzindo um ruído abafado, quase atingindo a cabeça de Teodorico.

— Elfos, Montante Luzente, é um ataque! — o cavaleiro gritou, enquanto sacava a espada.

— Não! — Laurana correu para frente e agarrou-lhe o braço que empunhava a espada — Nós não vamos enfrentá-los! Não haverá mortes!

— Você está louca! — Teodorico gritou. Soltando-se furioso do aperto de Laurana, ele a empurrou para trás na direção de Sturm.

Outra flecha passou perto.

— Ela tem razão! — Silvara suplicou voltando apressada — Não podemos enfrentá-los. Precisamos alcançar a passagem! Lá, poderemos pará-los.

Outra flecha, quase sem força, atingiu o colete de cota de malha que Teodorico usava sobre sua túnica de couro. Ele a removeu, irritado.

— Eles não estão mirando para matar — Laurana acrescentou. — Se eles estivessem, a esta altura você já estaria morto. Temos de correr. De qualquer forma não podemos enfrentá-los aqui — ela gesticulou para a mata densa — Podemos defender melhor a passagem.

— Guarde a espada, Teodorico — Sturm disse enquanto sacava a própria arma — Ou você terá que me enfrentar primeiro.

— Você é um covarde, Montante Luzente! — Teodorico gritou com a voz tremendo de fúria — Você está fugindo do inimigo!

— Não — Sturm respondeu com indiferença — Eu estou fugindo de meus amigos — o cavaleiro manteve a espada em punho — Vá andando Guardiãorreal ou os elfos chegarão tarde demais para fazer de você um prisioneiro.

Outra flecha passou voando e se alojou em uma árvore perto de Teodorico. O cavaleiro, que estava com o rosto vermelho de raiva, embainhou a espada, virou-se e se enfiou pela trilha. Mas, não antes de ter lançado a Sturm um olhar de animosidade tão intensa que fez Laurana tremer.

— Sturm... — ela começou a falar, mas o cavaleiro agarrou-a pelo cotovelo e a empurrou para frente rápido demais para que ela pudesse dizer alguma coisa. Eles subiram rapidamente. Atrás de si, ela podia ouvir Theros vadeando pela neve, parando de vez em quando para jogar uma pedra ricocheteando para baixo, atrás deles. Pouco tempo depois, parecia que toda a encosta da montanha estava rolando para baixo pela trilha íngreme e as flechas cessaram.

— Mas isso é só temporário — o ferreiro arquejou tentando recuperar o fôlego enquanto alcançava Sturm e Laurana — Isso não vai segurá-los por muito tempo.

Laurana não conseguia responder. Seus pulmões estavam pegando fogo. Estrelas azuis e douradas piscavam diante de seus olhos. Ela não era a única a sofrer. A respiração de Sturm raspava em sua garganta. O aperto dele no braço de Laurana era fraco e sua mão tremia. Até mesmo o forte ferreiro estava bufando como um cavalo cansado. Circundando uma rocha, eles encontraram o anão de joelhos. Tasslehoff tentou levantá-lo, mas foi em vão.

— Tenho que... descansar... — Laurana disse com a garganta doendo. Ela começou a se sentar, mas duas mãos fortes a agarraram.

— Não! — Silvara disse com um tom de urgência na voz — Não aqui! Só mais alguns metros! Vamos! Mais um pouco!

A elfa primitiva arrastou Laurana para frente. Ela percebeu vagamente Sturm ajudar Flint a levantar-se enquanto o anão resmungava e praguejava. Theros e Sturm arrastaram o anão trilha acima. Tasslehoff caminhava sem firmeza um pouco mais atrás, cansado demais até mesmo para falar.

Por fim, eles chegaram ao topo do passo. Laurana caiu na neve, sem forças para se preocupar com o que tinha acontecido com ela. Os outros largaram o corpo ao lado dela, todos exceto Silvara que observava a encosta abaixo deles.

Onde ela consegue esse vigor? Laurana pensou atordoada de dor. Mas ela estava cansada demais para perguntar. Naquele momento, ela estava cansada demais para se preocupar se os elfos os encontrariam ou não. Silvara virou-se para olhá-los.

— Temos de nos separar — ela disse resoluta.

Laurana olhou para ela, sem compreender.

— Não — Gilthanas começou a falar enquanto tentava se levantar sem sucesso.

— Ouçam-me! — Silvara disse apressada, ajoelhando-se — Os elfos estão muito perto. Eles certamente vão nos alcançar, então nós teremos de enfrentá-los ou nos entregar.

— Vamos enfrentá-los — Teodorico resmungou encolerizado.

— Existe uma saída melhor — Silvara disse — Vocês cavaleiros levam o orbe do dragão para Sancrist sozinhos! Nós despistaremos os perseguidores.

Durante um momento, ninguém disse nada. Todos fixaram os olhos em Silvara, considerando de maneira silenciosa esta nova possibilidade. Teodorico levantou a cabeça, seus olhos reluziam. Laurana olhou assustada para Sturm.

— Eu não acho que uma única pessoa devesse ser incumbida de uma responsabilidade tão grande — Sturm disse respirando com dificuldade — Pelo menos dois de nós deveriam ir.

— Incluindo você mesmo, Montante Luzente? — Teodorico perguntou irritado.

— Sim, é claro que Sturm deveria ir — Laurana disse — Especialmente ele.

— Eu posso desenhar um mapa das montanhas — Silvara disse ansiosa — O caminho não é difícil. O posto avançado dos cavaleiros fica a dois dias daqui.

— Mas nós não sabemos voar — Sturm protestou — E nossos rastros? Com certeza os elfos verão que nós nos separamos.

— Uma avalanche — Silvara sugeriu — Tive essa idéia ao ver Theros rolar pedras montanha abaixo — ela olhou para cima. Eles acompanharam seu olhar. Picos cobertos de neve elevavam-se acima deles, com neve acumulada nas pontas.

— Eu consigo causar uma avalanche com minha mágica — Gilthanas disse lentamente — Ela encobrirá as pegadas de todos.

— Não totalmente — acautelou Silvara — Devemos permitir que nossas pegadas sejam encontradas outra vez... embora não tão obviamente. Afinal, nós queremos que eles nos sigam.

— Mas, onde é que nós iremos? — perguntou Laurana — Eu não quero errar sem rumo pela floresta.

— E... eu conheço um lugar — Silvara gaguejou, seu olhar voltou-se para o chão — É um lugar secreto, conhecido apenas pelo meu povo. Eu os levarei lá — ela colocou as palmas das mãos juntas — Por favor, nós devemos nos apressar. Não temos muito tempo!

— Eu levarei o orbe para Sancrist — Teodorico disse — E eu irei sozinho. Sturm deveria seguir com o grupo. Vocês precisarão de um guerreiro.

— Nós temos guerreiros — Laurana disse — Theros, meu irmão e o anão. Eu mesma já participei de várias batalhas...

— E eu — esganiçou Tasslehoff.

— E o kender — Laurana acrescentou de forma soturna — Além do mais, não haverá derramamento de sangue — ela viu o rosto confuso de Sturm e se perguntava no que ele estaria pensando. A voz dela ficou mais calma — A decisão está nas mãos de Sturm, é claro. Ele deve agir como achar melhor, mas acho que ele deveria acompanhar Teodorico.

— Eu concordo — murmurou Flint — Afinal de contas, não seremos nós que estaremos correndo perigo. Nós estaremos mais seguros sem o orbe do dragão. É o orbe que os elfos querem.

— Sim — concordou Silvara com um tom suave na voz — Nós estaremos mais seguros sem o orbe. Vocês é que estarão correndo perigo.

— Então minha decisão é clara — Sturm disse — Eu irei com Teodorico.

— E se eu lhe ordenar que fique com eles? — Teodorico indagou.

— Você não tem nenhuma autoridade sobre mim — Sturm disse com seus olhos castanhos sérios — Você se esqueceu? Eu não sou um cavaleiro.

Houve um doloroso e profundo silêncio. Teodorico olhou decidido para Sturm.

— Não — ele disse — E se depender de mim, você nunca será!

Sturm encolheu-se como se Teodorico o tivesse golpeado. Depois ele se levantou respirando com dificuldade.

Teodorico já tinha começado recolher seu equipamento. Sturm movia-se mais lentamente, recolhendo sua esteira com uma lentidão cuidadosa. Laurana levantou-se e foi até Sturm.

— Tome — ela disse enfiando a mão na mochila — Você vai precisar de comida...

— Você poderia vir conosco — Sturm disse em voz baixa enquanto ela dividia os suprimentos — Tanis sabe que estamos indo

para Sancrist. Ele irá para lá também, se isso for possível.

— Você tem razão — Laurana disse, seus olhos ficaram animados — Talvez seja uma boa idéia... — depois, os olhos dela se voltaram para Silvara. A elfa primitiva segurava o orbe do dragão ainda envolto em seu manto. Os olhos de Silvara estavam fechados, quase como se estivesse em comunhão com algum espírito invisível. Suspirando, Laurana balançou a cabeça — Não, Sturm, eu tenho que ficar com ela —, ela disse calmamente —, alguma coisa não está certa. Eu não compreendo... — ela parou incapaz de articular seus pensamentos. Ao invés disso ela perguntou. — E, Teodorico? Por que ele insiste tanto em ir sozinho? O anão está certo sobre o perigo. Se os elfos os capturarem sem nós, eles não hesitarão em matá-los.

O rosto de Sturm estava sério e amargo.

— Você não é capaz de ver? O Lorde Teodorico Guardiãorreal retorna sozinho escapando de perigos horríveis e trazendo consigo o cobiçado orbe do dragão... — Sturm encolheu os ombros.

— Mas, existe tanta coisa em jogo — Laurana protestou.

— Você tem razão, Laurana — Sturm disse com aspereza — Tem tanta coisa em jogo. Mais do que você está ciente... a liderança dos Cavaleiros de Solamnia. Eu não posso explicar isso agora...

— Vamos andando, Montante Luzente, se você vem comigo! — Teodorico reclamou.

Sturm pegou a comida e acomodou-a em sua mochila

— Adeus, Laurana — ele disse, fazendo uma mesura para ela da forma galanteadora que sempre marcava suas ações.

— Adeus, Sturm, meu amigo — ela sussurrou colocando os braços em volta do cavaleiro.

Ele a segurou bem perto, depois beijou-a gentilmente na testa.

— Nós daremos o orbe aos sábios para que eles o estudem. O Conselho de Pedra Branca se reunirá em breve — ele disse — Os elfos serão convidados a participar, pois eles são membros consultivos. Você precisa ir a Sancrist assim que for possível, Laurana. Sua presença será necessária.

— Eu estarei lá, se os deuses permitirem — Laurana disse enquanto olhava para Silvara que estava dando o orbe do dragão a Teodorico. Uma expressão indescritível de alívio passou pelo rosto de Silvara quando Teodorico se virou para partir.

Sturm disse adeus, depois ele se enfiou na neve atrás de Teodorico. Os companheiros viram um clarão quando o escudo dele refletiu o sol. Da repente, Laurana deu um passo para frente.

— Espere! — ela gritou — Eu tenho que detê-los. Eles deveriam levar a dragonlance também.

— Não! — Silvara gritou, correndo para bloquear o caminho de Laurana.

Irritada, Laurana ergueu a mão para empurrar a garota de lado, então ela viu o rosto de Silvara e sua mão parou.

— O que você está fazendo, Silvara? — Laurana perguntou — Por que você os mandou embora? Por que você estava tão ansiosa para vê-los partir? Por que lhes dar o orbe e não a lança...

Silvara não respondeu. Ela simplesmente encolheu os ombros e olhou para Laurana com seus olhos azuis escuros. Laurana sentiu sua vontade ser drenada por aqueles olhos tão azuis. Ela lembrou-se atemorizada de Raistlin.

Gilthanas, também olhou para Silvara com uma expressão perplexa e preocupada. Theros permaneceu soturno e carrancudo, olhando para Laurana como se estivesse começando a compartilhar suas dúvidas. Mas, eles não foram capazes de se mover. Eles estavam totalmente sob o controle de Silvara... mas, o que é que ela tinha feito com eles? Eles não conseguiam fazer mais nada a não ser ficar ali olhando para a elfa primitiva enquanto ela se dirigia tranquilamente para o lugar onde Laurana tinha deixado sua mochila cair, exausta. Curvando-se, Silvara desembrulhou o pedaço de madeira lascada. Depois, ela levantou-a no ar.

A luz do sol refletiu no cabelo prateado de Silvara imitando o brilho do escudo de Sturm.

— A lança de dragão fica comigo — Silvara disse. E dando uma rápida olhada no grupo hipnotizado, ela acrescentou. — E vocês também.

7

JORNADA SOMBRIA.

Atrás deles, a neve retumbou e rolou pela encosta da montanha. Ao cair em camadas brancas, que bloqueavam e obstruíam o passo, a neve apagava a presença deles. O eco do

trovão mágico de Gilthanas ainda ressoava no ar, ou talvez fosse o estrondo das rochas que deslizavam pela encosta. Eles não tinham como saber ao certo.

Liderados por Silvara, os companheiros, percorreram as trilhas do lado leste de forma lenta e cautelosa pisando sempre que possível onde havia rochas e evitando os trechos só de neve. Eles pisavam em suas próprias pegadas para que os elfos perseguidores não soubessem exatamente quantas pessoas havia no grupo.

Na verdade, eles estavam sendo tão cuidadosos que Laurana ficou preocupada.

— Lembre-se que nós queremos que eles nos encontrem — ela disse para Silvara enquanto eles atravessavam cuidadosamente o topo de um desfiladeiro rochoso.

— Não se incomode. Eles não terão dificuldade em nos achar — respondeu Silvara.

— O que a deixa tão segura? — Laurana começou a perguntar, depois escorregou e caiu de gatinhas no chão. Gilthanas ajudou-a levantar-se. Fazendo caretas de dor, ela olhou para Silvara em silêncio. Nenhum deles, nem mesmo Theros, confiava na repentina mudança que tinha acontecido com a elfa primitiva desde a partida dos cavaleiros. Mas, eles não tinham outra escolha a não ser segui-la.

— Porque eles sabem para onde vamos — Silvara respondeu — Você foi inteligente em achar que deixei um sinal para eles na caverna. Eu deixei. Felizmente, você não o encontrou. Debaixo daqueles gravetos que você gentilmente espalhou por mim, eu tinha desenhado um mapa tosco. Quando eles o descobrirem, pensarão que eu o desenhei para mostrar para vocês o nosso destino. Você fez ele parecer mais realista, Laurana — a voz dela era provocadora até os olhos dela cruzarem com os olhos de Gilthanas.

O lorde élfico desviou o olhar, mas ele estava carrancudo. Silvara titubeou. A voz dela tornou-se suplicante — Eu fiz isso por

uma razão... uma boa razão. Quando vi as pegadas, eu sabia que teríamos que nos separar. Vocês têm de acreditar em mim!

— E o orbe do dragão? O que você estava fazendo com ele? — Laurana interpelou.

— N... nada — Silvara gaguejou — Vocês têm de acreditar em mim!

— Eu não vejo porque — Laurana retrucou indiferente.

— Eu não fiz mal algum a vocês... — Silvara começou a falar.

— A menos que você tenha enviado os cavaleiros e o orbe do dragão para uma armadilha fatal! — Laurana gritou.

— Não! — Silvara torcia as mãos — Não fiz isso! Acreditem em mim. Eles estarão seguros. Esse foi meu plano desde o início. Nada pode acontecer ao orbe do dragão. Acima de tudo, ele não pode cair nas mãos dos elfos. E por isso que o mandei embora. É por isso que os ajudei a escapar! — ela olhou em volta e parecia cheirar o ar como um animal — Vamos! Ficamos muito tempo parados.

— Se é que vamos te seguir! — disse Gilthanas, com aspereza — O que você sabe do orbe do dragão?

— Não me pergunte! — a voz de Silvara tornou-se grave e cheia de tristeza. Os olhos azuis dela fitaram os olhos de Gilthanas com tanto amor que ele não conseguia encará-la. Ele balançou a cabeça, evitando o olhar dela. Silvara pegou no braço dele — Por favor, shalon, amado, confie em mim! Lembre-se do que nós conversamos... no tanque. Você disse que tinha que fazer essas coisas... desafiar seu povo, ser desterrado, por causa daquilo que você acreditava em seu coração. Eu disse que compreendia e que eu tive que fazer o mesmo. Você não acreditou em mim?

Gilthanas ficou um momento parado em pé com a cabeça baixa

— Eu acreditei em você — ele disse suavemente. Estendendo a mão, ele a puxou para perto de si e beijou o cabelo prateado dela — Nós vamos com você. Vamos, Laurana — abraçados, os dois arrastaram-se com dificuldade sobre a neve.

Laurana olhou confusa para os outros. Eles evitaram o olhar dela. Então, Theros aproximou-se dela.

— Eu já vivi neste mundo quase cinqüenta anos, minha jovem — ele disse gentilmente. — Eu sei que não é muito para vocês elfos. Mas, nós humanos vivemos esses anos... não deixamos que os anos simplesmente passem. E eu vou lhe dizer uma coisa... essa garota sente por seu irmão o amor mais verdadeiro que eu já vi uma mulher sentir por um homem. E ele a ama. Um amor destes não

pode existir para o mal. Só por causa do amor deles, eu os seguiria até mesmo para dentro do covil de um dragão.

O ferreiro saiu andando atrás dos dois.

— Para o bem dos meus pés frios, eu os seguiria até dentro do covil de um dragão se ele me esquentasse os dedos do pé! — Flint pisava duro — Vamos andando — ele agarrou o kender e arrastou-o atrás do ferreiro.

Laurana ficou parada, sozinha. Que ela os seguiria, isso estava decidido. Ela não tinha escolha. Ela queria acreditar nas palavras de Theros. Uma vez, ela tinha acreditado que o mundo era assim. Mas, agora ela sabia que muito daquilo em que ela tinha acreditado era falso. E se o amor também fosse?

Tudo o que ela conseguia ver em sua mente eram as cores giratórias do orbe do dragão.

Os companheiros viajaram para o leste, protegidos pela escuridão da noite que se aproximava. Descendo do alto da montanha, eles perceberam que era mais fácil de respirar. As rochas congeladas deram lugar a pinheiros esparsos, depois a floresta se fechou em volta deles mais uma vez. Por fim, Silvara levou-os com segurança para um vale coberto de névoa.

A elfa primitiva não parecia mais estar preocupada em esconder as pegadas. A única coisa que a preocupava agora era a rapidez. Ela apressou o grupo como se estivesse apostando uma corrida com o sol que cruzava o céu. Quando a noite caiu, eles desmaiaram na escuridão cercada de árvores, cansados demais até para comer. Mas Silvara só permitiu a eles algumas horas de um sono inquieto e doloroso. Quando as luas nasceram, a prata e a vermelha, quase cheias agora, ela exortou os companheiros a seguirem adiante.

Quando alguém exausto questionou por que eles estavam com tanta pressa, ela respondeu apenas:

— Eles estão próximos. Muito próximos.

Todos assumiram que ela queria dizer os elfos, embora Laurana já tivesse há muito tempo a impressão de que não havia mais nenhuma forma escura seguindo-os.

A manhã chegou, mas a luz tinha de atravessar uma bruma tão espessa que Tasslehoff pensou em pegar um punhado dela e guardar num de seus bolsos. Os companheiros andavam bem perto um do outro e chegaram até mesmo a andar de mãos dadas para evitar se separarem. O ar foi ficando cada vez mais quente. Eles tiraram os mantos pesados e molhados enquanto caminhavam por uma trilha que parecia se materializar sob os pés deles. Silvara caminhava na frente deles. A luz débil refletida pelo cabelo dela era o único guia deles.

Por fim o chão ficou plano, as árvores começaram a rarear e eles passaram a caminhar sobre uma grama macia que estava cor de palha por causa do inverno. Embora nenhum deles fosse capaz de enxergar mais que alguns metros adiante no meio daquela bruma cinza, eles tinham a impressão de estarem em uma ampla clareira.

— Este é o Vale Nevado — Silvara disse em resposta às perguntas deles — Muitos anos atrás, antes mesmo do Cataclismo, este era um dos lugares mais lindos de Krynn... assim meu povo diz.

— Pode ser que ele ainda seja lindo — Flint resmungou — Se conseguíssemos enxergar alguma coisa nessa maldita névoa.

— Não — disse Silvara com tristeza — Como muita coisa neste mundo, a beleza do Vale Nevado desapareceu. Antigamente, a fortaleza do vale flutuava acima da bruma, como se estivesse flutuando em uma nuvem. O sol nascente coloria a névoa de cor-de-rosa, fazia com que ela se dispersasse ao meio-dia para que as espirais da fortaleza pudessem ser vistas há quilômetros de distância. No fim da tarde, a neblina voltava a cobrir a fortaleza como um cobertor. À noite, as luas prateada e vermelha brilhavam sobre a névoa com uma luz que cintilava. Peregrinos vinham de todas as partes de Krynn... — Silvara parou abruptamente — Nós acamparemos aqui esta noite.

— Que peregrinos? — Laurana perguntou enquanto deixava cair sua mochila.

Silvara deu de ombros

— Eu não sei — ela disse, virando o rosto — É só uma lenda de meu povo. Talvez, nem seja verdade. Certamente ninguém vem para cá hoje em dia.

Ela está mentindo, Laurana pensou, mas não disse nada. Ela estava cansada demais para se importar. E até mesmo a voz suave e gentil de Silvara parecia anormalmente alta e irritante naquela calmaria misteriosa. Os companheiros abriram os cobertores em silêncio. Comeram em silêncio também, beliscando sem apetite a fruta seca que havia em suas mochilas. Até mesmo o kender estava quieto. O nevoeiro era sufocante e os oprimia. A única coisa que eles conseguiam ouvir era o constante pinga-pinga da água que caía sobre o tapete de folhas mortas no chão da floresta.

— Durmam agora — Silvara disse suavemente, enquanto estendia seu cobertor perto do cobertor de Gilthanas — Pois, quando a lua prateada se aproximar de seu zênite, nós teremos que partir.

— Que diferença isso faz? — o kender bocejou — Não conseguimos ver nada mesmo.

— Mesmo assim temos de partir. Eu os acordarei.

— Quando voltarmos de Sancrist... depois do Conselho da Pedra Branca... podemos nos casar — Gilthanas disse suavemente para Silvara quando eles estavam deitados juntos, enrolados no cobertor dele.

A garota se ajeitou nos braços dele. Ele sentiu o cabelo macio dela roçar em seu rosto. Mas, ela não respondeu.

— Não se preocupe com meu pai — Gilthanas disse, sorrindo e acariciando o lindo cabelo que brilhava até mesmo na escuridão — Ele ficará carrancudo e inflexível durante algum tempo, mas eu sou o filho mais jovem... ninguém se preocupa com o que eu possa vir a ser. Porthios vai falar e perorar e depois cuidar de sua vida. Mas, nós os ignoraremos. Não temos que viver com meu povo. Não sei direito como eu vou me entrosar com seu povo, mas posso aprender. Sou bom com o arco. E eu gostaria que nossos filhos crescessem livres e felizes junto à natureza... o que... Silvara, por que você está chorando?

Gilthanas segurou-a contra si, enquanto ela encostava a cabeça no ombro dele e soluçava amargamente.

— Está bem, está bem — ele sussurrou de forma tranquilizadora, sorrindo na escuridão. Mulheres são criaturas tão engraçadas. Ele se perguntava o que ele teria dito — Psiu, Silvara — ele murmurou — Tudo vai dar certo — e Gilthanas adormeceu sonhando com crianças de cabelos prateados correndo na mata verde.

— Está na hora. Temos que partir.

Laurana sentiu uma mão no ombro que a sacudia. Assustada, ela acordou de um sonho confuso e horripilante do qual não conseguia se lembrar e viu a elfa primitiva ajoelhada ao dela.

— Vou acordar os outros — Silvara disse, e desapareceu.

Sentindo-se mais cansada do que se não tivesse dormido, Laurana empacotou suas coisas sem pensar e ficou em pé esperando trêmula. Ela ouviu o anão grunhir ao seu lado. O ar úmido estava fazendo as juntas dos joelhos dele doerem horrivelmente. Laurana percebeu que esta jornada tinha sido difícil para Flint. Afinal de contas, ele tinha o quê... quase cento e cinquenta anos de idade? Uma idade respeitável para um anão. Seu rosto tinha perdido um pouco da cor durante o período em que ele esteve doente durante a viagem. Os lábios dele, que mal podiam ser vistos debaixo da barba, tinham um tom azulado e de vez em

quando ele pressionava a mão contra o peito. Mas ele sempre insistia com bravura que estava bem e mantinha o ritmo deles na trilha.

— Todos prontos! — gritou Tas. Sua voz estridente soou estranha em meio ao nevoeiro e ele teve a nítida sensação de que tinha perturbado alguma coisa — Desculpe-me — ele disse, encolhendo-se — Nossa, é como estar em um templo — ele murmurou para Flint.

— Cale a boca e vá se mexendo! — o anão retrucou.

Uma tocha flamejou. Os companheiros sobressaltaram-se com a luz repentina e ofuscante que Silvara segurava.

— Nós precisamos de luz — ela disse antes que alguém protestasse — Não tenham medo. O vale no qual nos encontramos é fechado. Há muito tempo atrás havia duas entradas, uma levava às

terras humanas onde os cavaleiros mantinham seu posto avançado e a outra levava para o leste, para as terras dos ogros. As duas passagens se fecharam durante o Cataclismo. Não precisamos ter medo. Eu os guiei por um caminho que só eu conheço.

— Você e seu povo — Laurana lembrou-a com rispidez.

— Sim... meu povo... — Silvara disse e Laurana ficou surpresa ao ver a garota ficar pálida.

— Onde você está nos levando? — Laurana insistiu.

— Você verá. Estaremos lá dentro de uma hora.

Os companheiros entreolharam-se depois todos eles olharam para Laurana.

Eles que se danem, ela pensou.

— Não olhem para mim buscando respostas! — ela disse, irritada — O que vocês querem fazer? Ficar por aqui perdidos no nevoeiro...

— Não vou trair vocês! — Silvara murmurou desanimada — Por favor, confiem em mim só mais um pouquinho.

— Vá em frente — disse Laurana cansada — Nós a seguiremos.

O nevoeiro parecia ficar ainda mais denso sobre eles até que a única coisa que mantinha a escuridão afastada era a luz da tocha de Silvara.

Ninguém tinha a menor idéia em que direção eles tinham viajado. A paisagem não tinha mudado nada. Eles caminhavam no meio de capim alto. Não havia árvores. De vez em quando uma grande pedra surgia no meio da escuridão, mas isso era tudo. Não havia nenhum sinal de animais ou pássaros noturnos. Havia uma sensação de urgência que aumentava à medida que eles caminhavam, até todos eles a sentirem e apressaram o passo, mantendo-se sempre ao alcance da luz da tocha.

Então, de repente e sem nenhum aviso, Silvara parou.

— Nós chegamos — ela disse, e segurou a tocha acima de sua cabeça.

A luz da tocha penetrava no nevoeiro. Todos eles conseguiram ver alguma coisa indistinta um pouco mais adiante. No princípio, essa coisa parecia tão fantasmagórica por causa do nevoeiro que os companheiros não conseguiam distinguir o que era.

Silvara chegou mais perto. Eles a seguiram curiosos e com receio.

Então, o silêncio da noite foi quebrado por um barulho parecido com o borbulhar de água fervendo em uma chaleira gigante. O nevoeiro ficou mais denso, o ar era cálido e sufocante.

— Fontes termais! — disse Theros ao descobrir do que se tratava — É claro, isso explica a bruma constante. E esta forma escura é...

— A ponte que nos permite atravessá-las — Silvara respondeu lançando a luz da tocha sobre o que eles identificaram como uma

ponte de pedra cintilante que se estendia sobre a água em ebulição nos riachos que havia abaixo deles e enchia o ar da noite com seu nevoeiro quente e envolvente.

— Nós temos que atravessar isso? — Flint exclamou olhando para a água negra e fervente, aterrorizado — Nós temos que atravessar...

— Ela é chamada de a Ponte da Passagem — disse Silvara.

A única resposta do anão foi um engolir de saliva engasgado.

A Ponte da Passagem era um arco longo e polido de mármore branco. Ao longo de seus lados havia (esculpidas em vivo relevo) colunas longas em forma de cavaleiros que caminhavam simbolicamente através dos riachos borbulhantes. O arco era tão alto que eles não conseguiam vê-lo totalmente por causa da névoa que espiralava no ar. E ele era antigo, tão antigo que apesar de tocar

reverentemente com a mão a rocha gasta pelo tempo, Flint não foi capaz de reconhecer o estilo. Não era anão nem élfico e nem humano. Quem teria feito um trabalho tão maravilhoso?

Ele percebeu que não havia corrimãos, nada além do próprio vão de mármore lustroso que reluzia por causa da bruma que subia constantemente das termas borbulhantes.

— Não podemos atravessar isso — disse Laurana com a voz trêmula — Agora estamos encurralados...

— Nós podemos atravessar — Silvara disse — Pois, fomos convocados. — Convocados? — Laurana repetiu exasperada — Onde? Por quem?

— Esperem — Silvara ordenou.

Eles esperaram. Eles não tinham mais nada a fazer. Cada um deles ficou olhando a área a sua volta que era iluminada pela luz da tocha, mas conseguia ver apenas a névoa subindo dos riachos, e só ouviam a água gorgolejando.

— É hora de Solinari — Silvara disse de repente e girando o braço ela jogou a tocha dentro da água.

A escuridão os envolveu. Eles aproximaram-se involuntariamente um do outro. Silvara parecia ter desaparecido junto com a luz. Gilthanas chamou-a, mas ela não respondeu.

Então, a névoa, transformou-se num tom prata cintilante. Eles conseguiam enxergar novamente e agora conseguiam ver Silvara, um contorno indistinto e escuro contra a névoa prateada. Ela estava próxima ao pé da ponte, olhando para o céu. Lentamente ela levantou as mãos e lentamente a névoa se abriu. Olhando para cima, os companheiros viram a névoa abrindo-se em forma de

colunas longas e graciosas, revelando a lua prateada cheia e brilhante no céu estrelado.

Ao som de palavras estranhas proferidas por Silvara, o luar jorrou sobre ela, banhando-a com sua luz. A luz do luar brilhou sobre as águas borbulhantes tornando-as vividas e elas dançaram fazendo seu brilho prateado refletir sobre a ponte de mármore dando vida aos cavaleiros que passavam a eternidade cruzando o riacho.

Mas, não foram estas visões maravilhosas que fizeram com que os companheiros segurassem um na mão trêmula do outro e se mantivessem próximos uns dos outros. O luar refletido na água não fez com que Flint repetisse o nome de Reorx na mais reverente prece que ele já fez, nem fez Laurana recostar a cabeça no ombro do irmão e os olhos dela embaçarem com lágrimas súbitas, não fez também com que Gilthanas a abraçasse tomado por um sentimento de medo, admiração e reverência.

Elevado bem acima deles, tão alto que sua cabeça poderia ter arrancado a lua do céu, assomava a figura de um dragão esculpido em uma montanha rochosa que produzia um brilho prateado sob a luz do luar.

— Onde estamos? — Laurana perguntou em voz baixa — O que é este lugar?

— Quando cruza a Ponte da Passagem, você chega ao Monumento ao Dragão Prateado — respondeu Silvara suavemente — Ele guarda o Túmulo de Huma, Cavaleiro de Solamnia.

8

O TÚMULO DE HAMA.

Banhada pela luz de Solinari, a Ponte da Passagem do outro lado dos riachos borbulhantes do Vale Nevoado brilhava como pérolas em uma corrente de prata. — Não tema — Silvara disse novamente — A travessia só é difícil para aqueles que querem entrar no Túmulo com algum objetivo maligno.

Mas os companheiros continuaram incertos. Eles subiram as escadas que levavam à ponte ainda com medo. Depois, eles pisaram hesitantes no arco de mármore que brilhava diante deles, molhado pelo vapor das termas. Silvara atravessou primeiro, andando ligeiramente e com facilidade. O resto do grupo seguiu-a mais cautelosamente, mantendo-se bem no meio do vão de mármore.

Do outro lado da ponte, de frente para eles assomava o Monumento ao Dragão. Embora soubessem que deviam olhar onde pisavam, os olhos deles pareciam constantemente atraídos pelo

monumento. Muitas vezes, eles foram forçados a parar e admirar assombrados, enquanto lá embaixo as águas termais ferviam e se transformavam em vapor.

— Por que... eu aposto que a água é tão quente que seria possível cozinhar carne nela! — Tasslehoff disse. Deitado de bruços, ele espiou por sobre a beirada da parte mais alta da ponte em arco.

— Eu a... aposto que d... daria para c... cozinhar você — gaguejou o anão aterrorizado que engatinhava pela ponte.

— Olhe, Flint! Veja. Eu tenho um pedaço de carne em minha mochila. Vou pegar um barbante e abaixá-lo até a água...

— Vá andando! — Flint rugiu. Tas suspirou e fechou a mochila.

— Não é legal ir com você pra lugar nenhum — ele reclamou e escorregou sentado para o outro lado do vão.

Mas para o resto dos companheiros foi uma jornada atemorizante e todos respiraram sinceramente aliviados quando saíram da ponte de mármore e tiveram o chão novamente debaixo deles.

Nenhum deles falou com Silvara enquanto atravessavam a ponte pois suas mentes estavam ocupadas demais pensando em como chegar vivos do outro lado da Ponte da Passagem. Mas quando chegaram do outro lado, Laurana foi a primeira a fazer perguntas.

— Por que você nos trouxe aqui?

— Você ainda não confia em mim? — Silvara perguntou triste.

Laurana hesitou. Seu olhar novamente voltou-se para o enorme dragão de pedra cuja cabeça estava coroada de estrelas. A boca de pedra estava aberta em um grito silencioso e os olhos de pedra olhavam com fúria. As asas de pedra haviam sido esculpidas na face da montanha. Uma das garras de pedra era tão volumosa quanto os troncos de cem copadeiras.

— Você manda o orbe do dragão para longe, depois nos traz até um monumento dedicado a um dragão! — Laurana disse depois de algum tempo com a voz trêmula — O que eu deveria pensar? E você nos traz para este lugar que você chama de o Túmulo de Huma. Não sabemos nem mesmo se Huma existiu ou se ele foi uma lenda. O que existe para provar que este é o lugar de descanso dele? O corpo dele está aí dentro?

— N... não — Silvara hesitou — Seu corpo desapareceu, assim como...

— Assim como o que?

— Assim como a lança que ele carregava, a Lança de Dragão usada para destruir o Dragão de Todas as Cores e Nenhuma — Silvara suspirou e abaixou a cabeça — Vamos entrar — ela implorou — E descansar esta noite. Pela manhã, tudo ficará claro, eu prometo.

— Eu não acho... Laurana começou á falar.

— Nós vamos entrar! — Gilthanas disse com firmeza — Você está se comportando como uma criança mimada, Laurana! Por que Silvara nos colocaria em perigo? Se houvesse um dragão morando aqui, com certeza todo mundo em Ergoth saberia disso! Ele teria destruído todos que vivem na ilha há muito tempo. Eu não sinto mal algum emanando deste lugar, só sinto uma paz enorme e antiga. Além disso, este é um esconderijo perfeito! Em pouco tempo, os elfos receberão a notícia de que o orbe chegou a Sancrist em segurança. Eles pararão de procurar e nós poderemos sair. Não é isso, Silvara? Não foi por isso que você nos trouxe aqui?

— Sim — Silvara disse suavemente — E... esse era meu plano. Agora, venham, venham depressa, enquanto a lua prateada ainda está brilhando. Pois só podemos entrar enquanto isso estiver acontecendo.

Segurando a mão de Silvara, Gilthanas caminhou para dentro do nevoeiro prateado cintilante. Tas correu na frente deles, com as bolsas balançando. Flint e Theros seguiram mais devagar, Laurana mais devagar ainda. Os receios dela não tinham sido eliminados pela conversa superficial de Gilthanas nem pelo relutante consentimento de Silvara. Mas, não havia nenhum outro lugar para onde ir e... como ela mesma admitiu, estava extremamente curiosa.

A grama do outro lado da ponte era macia e plana devido à umidade das nuvens de vapor, mas a estrada começou a elevar à medida que eles se aproximavam do corpo do dragão esculpido no rochedo. De repente, o grupo ouviu a voz de Tas que tinha corrido na frente ecoar de volta em meio à névoa.

— Raistlin! — eles o ouviram gritar com a voz abafada — Ele se transformou em um gigante!

— O kender ficou louco — Flint disse com uma satisfação melancólica — Eu sempre soube disso...

Correndo adiante, os companheiros encontraram Tas pulando de alegria e apontando. Eles ficaram ao seu lado ofegantes.

— Pelas barbas de Reorx — arfou Flint assombrado — É o Raistlin!

Surgindo em meio à névoa, ereta e com quase três metros, havia uma estátua de pedra esculpida como uma cópia perfeita do jovem mago. Correta em todos os detalhes, ela tinha até mesmo capturado sua expressão cínica e amarga e os olhos tinham sido talhados com as pupilas em forma de ampulheta.

— E ali está Caramon! — Tas gritou.

Alguns metros adiante havia outra estátua, desta vez com o formato do guerreiro, irmão gêmeo do mago.

— E, Tanis... — Laurana sussurrou amedrontada. Que mágica maligna é esta?

— Ela não é maligna — Silvara disse — A menos que você traga o mal para este lugar. Nesse caso você veria os rostos de seus piores inimigos nas estátuas de pedra. O terror e o medo gerados por eles não permitiria que vocês passassem. Mas, vocês vêm somente seus amigos, então vocês podem passar em segurança.

— Eu não contaria Raistlin exatamente como meu amigo — murmurou Flint.

— Nem eu — Laurana disse. Estremecendo, ela passou hesitante pela imagem fria do mago. As vestes do mago feitas de obsidiana lampejavam com uma cor negra banhadas pela luz da lua. Laurana lembrou vividamente o pesadelo de Silvanesti e ela estremeceu quando entrava no que agora ela via ser um círculo de estátuas de pedra; cada uma delas mostrando uma semelhança surpreendente e quase assustadora com seus amigos. Dentro daquele silencioso círculo de pedra havia um pequeno templo.

O prédio simples e retangular elevava-se em meio ao nevoeiro apoiado em uma base octogonal com degraus brilhantes. Ela também era feita de obsidiana e essa estrutura negra brilhava com a umidade constante da névoa perpétua. Todos os detalhes estavam perfeitos como se tivessem sido esculpidos apenas alguns dias atrás; nenhum sinal de desgaste tinha desfigurado os traços firmes e nítidos da escultura. Os cavaleiros ainda caçavam monstros enormes, cada um deles carregando uma lança de dragão. Dragões gritavam silenciosamente em uma morte congelada, perfurados por hastes longas e delicadas.

— Dentro deste templo eles colocaram o corpo de Huma —
Silvara disse suavemente enquanto ela os guiava subindo as
escadas.

Portas frias de bronze abriram-se com dobradiças silenciosas ao toque de Silvara. Os companheiros hesitaram diante das escadas que circundavam as colunas do templo. Mas, como Gilthanas tinha dito, eles não sentiam nenhum mal emanando deste lugar. Laurana lembrava-se vividamente do Túmulo da Guarda Real em Sla-Mori e o terror gerado pelos guardas mortos-vivos que haviam sido deixados para guardar eternamente o rei mono, Kith-Kanan. Neste templo, entretanto, ela sentiu somente tristeza e uma sensação de perda somadas ao conhecimento de uma grande vitória: uma batalha vencida a um custo terrível, mas que trazia com ela a paz eterna e um doce descanso.

Laurana sentiu o peso de sua carga diminuir e seu coração ficar mais leve. Sua própria tristeza e sensação de perda pareciam ficar menores naquele lugar. Ela foi lembrada de suas próprias vitórias e triunfos. Um a um, todos os companheiros entraram no túmulo. As portas de bronze fecharam-se atrás deles, deixando-os envoltos na escuridão.

Então uma luz flamejou. Silvara segurava uma tocha na mão, aparentemente tirada de uma parede. Por um momento Laurana se perguntou como ela teria conseguido acendê-la. Mas a pergunta trivial lhe saiu da cabeça quando ela olhou admirada em volta da tumba.

A tumba estava vazia exceto por um ataúde esculpido em obsidiana, que havia sido colocado bem no centro da câmara. O esquife era sustentado por imagens de cavaleiros entalhadas, mas o corpo do cavaleiro que deveria estar repousando sobre ele havia desaparecido. Um antigo escudo jazia ao pé do esquife e havia uma espada similar à espada de Sturm deitada ao lado do escudo. Os companheiros olharam esses artefatos em silêncio. Ninguém os tocou, nem mesmo Tasslehoff; e falar parecia uma profanação da triste serenidade do lugar.

— Eu gostaria que Sturm pudesse estar aqui — Laurana murmurou enquanto olhava em volta e lágrimas escorriam de seus olhos — Este tem que ser o lugar de descanso de Huma... e ainda assim... — ela não conseguia explicar a crescente sensação de inquietude que estava tomando conta dela. Não era medo, era mais parecido com a sensação que ela tinha sentido quando entrara no vale... uma sensação de urgência.

Silvara acendeu mais tochas que estavam colocadas ao longo da parede e os companheiros passaram perto do ataúde enquanto olhavam curiosos em volta da tumba. Ela não era grande. O esquife estava no centro e havia bancos de pedra alinhados ao longo das paredes, presumivelmente para aqueles que estariam prestando sua homenagem ao morto. No fundo havia um pequeno altar de pedra. Entalhado em sua superfície, viam-se os símbolos da ordem dos Cavaleiros — a coroa, a rosa e o martim-pescador. Pétalas secas de rosas e ervas haviam sido jogadas por cima e suas fragrâncias ainda permeavam docemente o ar, depois de centenas de anos. Embaixo do altar havia uma grande placa de aço embutida no chão de pedra.

Theros aproximou-se de Laurana enquanto ela olhava o tampão curiosa.

— O que você acha que é? — ela perguntou — Um poço?

— Vamos ver — grunhiu o ferreiro. Curvando-se, ele levantou a argola no topo da placa em sua enorme mão de prata e puxou. Na primeira vez nada aconteceu. Theros colocou as duas mãos na argola e puxou com toda sua força. O tampão de ferro deu um

tremendo rangido e deslizou pelo chão, raspando e fazendo um barulho que fez eles rangerem os dentes.

— O que você fez? — Silvara, que se encontrava perto da tumba observando-a com tristeza, virou-se para olhá-los.

Theros ficou espantado com o som estridente da voz dela. Laurana afastou-se involuntariamente do buraco no chão. Ambos olharam para Silvara.

— Não cheguem perto disso! — Silvara alertou com a voz trêmula — Fiquem longe! É perigoso!

— Como você sabe? — Laurana disse suavemente, recuperando-se — Ninguém vem aqui há centenas de anos. Ou vem?

— Não! — Silvara disse, controlando-se — E... eu sei pelas...
lendas de meu povo...

Ignorando a garota, Laurana chegou até a borda do buraco e espiou dentro. Estava escuro. Mesmo segurando a tocha que Flint tinha lhe trazido depois de tirá-la da parede, ela não conseguia ver nada lá embaixo. Um pequeno odor de mofo exalou do buraco, mas isso foi tudo.

— Eu não acho que seja um poço — disse Tas que tinha chegado perto para ver.

— Afastem-se daí! Por favor! — Silvara implorou.

— Ela tem razão ladrãozinho! — Theros agarrou Tas e o empurrou para longe do buraco — Se cair aí, você poderá rolar até o outro lado do mundo.

— Verdade? — perguntou Tasslehoff sem fôlego — Eu cairia mesmo até o outro lado, Theros? Como é que seria? Teria pessoas lá? Como nós?

— Não como kendens, eu espero! — Flint grunhiu — Ou todos eles já teriam morrido devido algum ato de estupidez. Além disso, todo mundo sabe que o mundo repousa sobre a Bigorna de Reorx. Aqueles que caem do outro lado são pegos entre suas marteladas e o mundo ainda sendo forjado. Tem pessoas do outro lado sim! — ele bufou enquanto observava Theros tentar colocar de volta o tampão sem sucesso. Tasslehoff ainda olhava com curiosidade. Finalmente, Theros foi obrigado a desistir, mas ele ficou vigiando o kender até Tas dar um suspiro e chegar mais perto do ataúde, onde ficou observando o escudo e a espada.

Flint deu um puxão na manga de Laurana.

— O que é? — ela perguntou absorta, com o pensamento em outro lugar.

— Eu conheço construções de pedra — o anão disse calmamente — E tem alguma coisa estranha em tudo isto aqui — ele fez uma pausa, olhando para ver se Laurana ia rir. Mas, ela estava prestando bastante atenção nele — A tumba e as estátuas construídas lá fora são trabalhos de homem. É muito antigo...

— Velho o suficiente para ser o Túmulo de Huma?— Laurana interrompeu.

— Cada pedacinho dele — o anão acenou com a cabeça enfaticamente — Mas, aquela grande besta lá fora — ele gesticulou na direção do enorme dragão de pedra — não foi construída pelas mãos de homens, nem de elfos e nem de anões.

Laurana piscou sem compreender.

— Ela é ainda mais antiga — o anão disse com a voz ficando cada vez mais rouca — Tão antiga que faz aquilo — ele acenou a mão na direção do túmulo — parecer moderno.

Laurana começou a entender. Ao ver os olhos dela se arregalarem, Flint, acenou com a cabeça lenta e solenemente.

— Não foram as mãos de nenhum ser que caminha sobre Krynn em duas pernas que esculpiram a encosta daquele rochedo — ele disse.

— Deve ter sido uma criatura com uma força assombrosa... —
Laurana murmurou — Uma criatura enorme...

— Com asas...

— Com asas — Laurana murmurou.

De repente ela parou de falar e seu sangue gelou de medo quando ouviu palavras sendo recitadas, palavras que ela reconheceu como a estranha e aranhenta linguagem da mágica.

— Não! — Virando-se, ela levantou instintivamente a mão para afastar o feitiço mesmo sabendo que isso era um esforço inútil.

Silvara estava ao lado do altar, com as pétalas de rosa despedaçadas em sua mão, recitando calmamente.

Laurana lutou contra a sonolência encantada que tomava conta dela. Ela caiu de joelhos xingando a si mesma de tola e agarrando-se ao banco de pedra para se apoiar. Mas, não adiantou. Levantando os olhos embaçados pelo sono, ela viu Theros cair e Gilthanas tombar ao chão. Ao lado dela, o anão estava roncando antes mesmo de sua cabeça bater no chão.

Laurana ouviu um tinido, o retinir de um escudo caindo no chão, depois o ar foi invadido por uma fragrância de rosas.

9

A SURPREENDENTE DESCOBERTA DO KENDER.

Tasslehoff ouviu o cântico de Silvara. Ao reconhecer as palavras de um encantamento ele reagiu instintivamente agarrando e puxando o escudo que estava sobre o ataúde. O escudo pesado tiniu ao bater no chão e caiu em cima do kender, derrubando-o de bruços. O escudo cobria Tas completamente.

Ele ficou deitado debaixo do escudo até ouvir Silvara terminar o cântico. Mesmo depois dela ter terminado, esperou alguns minutos para ver se ele ia se transformar em um sapo, pegar fogo ou alguma outra coisa interessante. Para sua frustração nada aconteceu. Ele não conseguia nem ouvir Silvara. Por fim, entediado de ficar deitado na escuridão e no piso de pedra frio. Com o mesmo silêncio de uma pena caindo, Tas saiu lentamente de detrás do pesado escudo.

Todos seus amigos estavam dormindo! Então, foi essa a magia que ela conjurou. Mas, onde estava Silvara? Teria ela ido buscar um monstro horrível para devorá-los?

Tas levantou cuidadosamente a cabeça e espiou por cima do esquife. Para sua surpresa, ele viu Silvara agachada no chão, perto da entrada do túmulo. Enquanto Tas observava, ela se movia para frente e para trás, soltando pequenos gemidos.

— Como é que eu vou fazer? — Tas ouviu ela dizer a si mesma — Eu os trouxe para cá. Isso não é o suficiente? Não! — ela balançava a cabeça, lamentando-se — Não, eu mandei o orbe embora. Eles não sabem como usá-lo. Eu terei de quebrar o juramento. É como você diz, irmã... a escolha é minha. Mas, é difícil! Eu o amo...

Soluçando e murmurando consigo mesma como se estivesse possuída, Silvara colocou o rosto nos joelhos. O bondoso kender nunca tinha visto tamanho sofrimento, e sentiu vontade de confortá-la. Depois, ele percebeu que o que ela estava falando não devia ser boa coisa — A escolha é muito difícil, quebrar o juramento...

Não, Tas pensou, eu tenho que sair daqui antes que ela descubra que o feitiço não me pegou.

Mas, Silvara estava bloqueando a entrada do túmulo. Ele poderia tentar passar despercebido por ela... Tas balançou a cabeça. Era muito arriscado.

O buraco! Ele animou-se. Ele queria mesmo examinar melhor o buraco. Ele só esperava que o tampão ainda estivesse aberto.

O kender andou nas pontas dos pés em volta do ataúde até chegar ao altar. Lá estava o buraco, ainda destampado. Theros, deitado ao lado dele, dormia profundamente com a cabeça sobre o braço prateado como se fosse um travesseiro. Olhando para Silvara, Tas caminhou furtivamente até a beirada do buraco.

Certamente seria um lugar melhor para se esconder do que o lugar onde ele estava agora. Não havia escadas, mas ele viu suportes na parede. Um kender (destro como ele) não deveria ter nenhuma dificuldade em descer por ali. Talvez, ele o levasse para o lado de fora. De repente, Tas ouviu um ruído atrás de si. Era Silvara suspirando e se mexendo...

Sem pensar duas vezes, Tas entrou no buraco e começou a descer. As paredes estavam lisas devido à umidade e ao musgo, os suportes eram muito espaçados. Construído para humanos, ele pensou irritado. Ninguém nunca pensa nas pessoas pequenas!

Ele estava tão preocupado que nem percebeu as gemas até estar praticamente em cima delas.

— Pelas barbas de Reorx! — ele blasfemou (ele gostava tanto desta blasfêmia, que a tomou emprestada de Flint), havia seis lindas jóias, tão grandes quanto sua mão, espaçadas formando um anel horizontal em volta das paredes do poço. Elas estavam cobertas de musgo, mas dava para Tas ver quão valiosas elas eram só de olhar.

— Mas, por que alguém deixaria jóias tão maravilhosas aqui embaixo? — ele perguntou em voz alta — aposto que foi algum ladrão. Se conseguir soltá-las, eu as devolverei a seu proprietário de direito — ele colocou a mão sobre uma das jóias.

Uma tremenda rajada de vento encheu o poço, arrancando o kender da parede tão fácil quanto o vento de inverno arranca a folha de uma árvore. Tas olhou para cima enquanto caia, e viu a luz na boca do poço ficar cada vez menor. Ele se perguntou por um segundo qual seria o tamanho do Martelo de Reorx, depois parou de cair.

Por um momento, o vento fez ele girar no ar. Depois mudou de direção, soprando-o de lado. No fim das contas, eu não vou para o outro lado do mundo, ele pensou com tristeza. Suspirando, ele velejou ao longo de outro túnel. Então, ele se sentiu subindo! Um vento forte soprava-o poço acima! Era uma sensação incomum, um tanto divertida. Ele abriu os braços instintivamente para ver se conseguia tocar nas paredes daquele túnel. Assim que abriu os braços, ele notou que estava subindo mais rápido, levado gentilmente para cima por correntes rápidas de ar.

Talvez eu esteja morto, Tas pensou. Estou morto e agora sou mais leve que o ar. Como é que eu vou saber? Colocando os braços para baixo, ele procurou freneticamente pelos bolsos. Ele não tinha muita certeza (o kender tinha idéias muito vagas sobre a pós-vida), mas ele tinha a impressão de que não permitiriam que ele levasse suas coisas consigo. Não, tudo estava lá. Tas soltou um suspiro de alívio que se transformou em um arquejo quando ele descobriu que sua velocidade estava diminuindo e ele estava até mesmo começando a cair!

O que? Ele pensou irrefletidamente, depois percebeu que tinha abaixado os braços e colado-os juntado ao seu corpo, ele abriu os braços apressadamente e começou novamente a subir. Convencido de que não estava morto, ele entregou-se ao prazer do vôo.

Agitando as mãos, o kender virou-se de costas no ar e olhou para cima para ver para onde ele estava indo.

Ah, havia uma luz lá longe que estava ficando cada vez mais clara. Agora dava para ele ver que estava dentro de um túnel, que era muito mais comprido do que o poço no qual ele tinha caído.

— Espere até o Flint saber disso — ele disse pensativo. Então, ele viu de relance seis jóias, parecidas com aquelas que ele tinha visto no outro poço. O vento começou a diminuir.

Justamente quando tinha chegado à conclusão de que ele poderia gostar de adotar “Voar” como um estilo de vida, Tas alcançou a borda do poço. As correntes de ar mantinham-no no mesmo nível que o piso de pedra de uma câmara iluminada por uma tocha. Tas esperou um pouco para ver se ele começaria a voar outra vez e chegou até mesmo a bater os braços um pouco para ajudar, mas nada aconteceu. Aparentemente seu vôo tinha terminado.

Já que estou aqui acho que vou aproveitar para explorar o lugar, o kender pensou com um suspiro. Pulando para fora das correntes de ar, ele aterrissou suavemente sobre o piso de pedra, depois começou a olhar em volta.

Várias tochas flamejavam nas paredes, iluminando a câmara com uma luz branca brilhante. Com certeza esta sala era bem maior que o túmulo! Ele estava próximo ao pé de uma escada longa e curva. As enormes lajes de que eram feitos os degraus (assim como todas outras lajes da sala) eram completamente brancas, muito diferentes das pedras negras do túmulo. A escada fazia uma curva para a direita, levando ao que parecia ser um outro andar da câmara. Acima dele, o kender podia ver uma grade de proteção que sobranceava a escada... aparentemente tinha algum tipo de sacada lá em cima. Depois de quase quebrar o pescoço tentando ver, Tas teve a impressão que podia ver rodamos e borões de cores brilhantes dançando na luz das tochas da parede oposta.

Quem acendeu as tochas, ele se perguntava? O que é este lugar? Parte do túmulo de Huma? Ou será que eu voei para a Montanha do Dragão? Quem mora aqui? Aquelas tochas não se acenderam sozinhas!

Quando esse pensamento passou-lhe pela cabeça, Tas enfiou a mão na túnica e puxou uma pequena faca (só para se prevenir). Segurando-a na mão, ele subiu a escadaria e chegou à sacada. Era uma câmara enorme, mas ele conseguia ver muito pouco dela com a

fraca luz das tochas. Pilares gigantescos sustentavam o volumoso teto. Outra grande escadaria saía da sacada e subia até um outro andar. Tas virou-se, encostando-se à grade de proteção para olhar a parede atrás dele.

— Pelas barbas de Reorx! — ele disse suavemente — Olha aquilo!

Aquilo era uma pintura. Um mural, para ser mais preciso. Começava do lado oposto ao ponto onde Tas se encontrava no início da escada e dava toda a volta na sacada, eram metros e metros de cores reluzentes. O kender não estava muito interessado em trabalhos de arte, mas ele não conseguia se lembrar de já ter visto alguma coisa tão linda. Ou já? De alguma forma, aquilo lhe parecia familiar. Sim, quanto mais olhava para o mural, mais achava que já o tinha visto antes.

Tas olhava a pintura, tentando se lembrar. Na parede diretamente oposta a ele havia uma cena horrível de dragões de todas as cores e tipos descendo sobre a terra. Cidades em chamas (como Tarsis), edifícios ruínas e pessoas fugiam. Era uma visão terrível e o kender passou rapidamente por ela.

Ele continuou andando ao longo da sacada com os olhos na pintura. Ele tinha chegado à parte central do mural quando engoliu em seco.

— A Montanha do Dragão! É isso... aí, na parede! — ele sussurrou para si mesmo e ficou assustado ao ouvir seu sussurro ecoar de volta para ele. Olhando em volta apressadamente ele andou cuidadosamente até a borda da sacada. Inclinando-se sobre a grade, ele observou a pintura com mais atenção. Sem dúvida alguma, ela mostrava a Montanha do Dragão, onde ele se encontrava agora. Só que ela mostrava uma vista da montanha como se uma gigantesca espada tivesse cortado a montanha na metade, na vertical!

— Que lindo! — o kender, que adorava mapas, suspirou — E claro — ele disse — É um mapa! E, é onde eu estou! Eu subi a montanha — ele olhou em volta da sala e então compreendeu — Estou na garganta do dragão. E por isso que esta sala tem esse formato engraçado — ele voltou a olhar o mapa — Tem a pintura na parede e tem a sacada na qual eu estou. E, os pilares... — ele deu um giro completo — Sim, ali está a grande escadaria — ele virou-se — Ela leva até a cabeça! E, ali está como eu cheguei até aqui em

cima. Algum tipo de túnel de vento. Mas, quem construiu isso... e por quê?

Tasslehoff continuou andando pela sacada na esperança de encontrar alguma pista na pintura. No lado direito da galeria, uma outra batalha era retratada. Mas essa pintura não o encheu de horror. Havia dragões vermelhos, negros, azuis e brancos (soprando fogo e gelo) mas havia outros dragões lutando contra eles, dragões prateados e dourados....

— Me lembrei! — gritou Tasslehoff

O kender começou a pular de alegria, gritando como um louco.

— Me lembrei! Me lembrei! Foi em Pax Tharkas. Fizban me mostrou. Existem dragões bons no mundo. Eles nos ajudarão a lutar

contra os dragões do mal! Só precisamos encontrá-los. E tem as lanças de dragão!

— Com os diabos! — resmungou uma voz abaixo do kender — Será que não se pode dormir em paz? O que é essa balbúrdia? Você está fazendo barulho suficiente para acordar um morto!

Tasslehoff virou-se assustado com a faca na mão. Ele podia jurar que estava sozinho ali em cima. Mas não. Levantando-se de um banco de pedra que se encontrava em uma área, fora do alcance da luz das tochas, havia uma figura de vestes escuras. Ela se sacudiu, se esticou, depois se levantou e começou a subir as escadas, movendo-se sem hesitação na direção do kender. Tas não poderia ter se afastado mesmo que quisesse e o kender ficou extremamente curioso com relação a quem estava lá em cima na montanha. Ele abriu a boca para perguntar a essa estranha criatura quem ela era e por que ela tinha escolhido a garganta da Montanha do Dragão para tirar um cochilo, quando a figura emergiu das sombras. Era um velho. Era...

A faca de Tasslehoff tiniu quando caiu no chão. O kender encostou-se na grade de proteção. Pela primeira, última, e única vez

em sua vida, Tasslehoff Pés Ligeiros ficou tão surpreso que até perdeu a voz.

— F... F... F... — Nada saía de sua garganta, somente um gorgolejo.

— O que foi que aconteceu? Fale! — retrucou o velho, aproximando-se dele — Você estava fazendo um barulhão um minuto atrás. Qual é o problema? Alguma coisa desceu pelo buraco errado de sua garganta?

— F... F... F... — gaguejou Tas, sem forças.

— Ah, pobre rapaz. Está doente, ah? Distúrbio da fala. É triste, é triste. Olhe... — o velhinho procurava desajeitadamente em suas vestes, abrindo vários bolsos enquanto Tasslehoff tremia diante dele.

— Achei — a figura disse. Tirando uma moeda, ele a colocou na palma da mão dormente do kender e dobrou os dedos inertes dele sobre ela — Agora, corra. Encontre um clérigo...

— Fizban! — Tasslehoff finalmente conseguiu arquejar.

— Onde? — o velho girou o corpo procurando. Levantando o cajado, ele espiou amedrontado para dentro da escuridão. Então, ele deu a impressão de que alguma coisa havia lhe ocorrido. Virando-se novamente ele perguntou a Tas sussurrando em voz alta — Você tem certeza que viu o Fizban? Ele não morreu?

— Eu sei que eu achava que sim... — Tas disse, triste.

— Então ele não devia ficar vagando por aí assustando as pessoas! — o velho disse irritado — Eu vou ter uma conversinha com ele. Ei, você! — ele começou a gritar.

Tas estendeu a mão trêmula e deu um puxão no robe do velho — E... eu não tenho certeza, m... mas eu acho que você é Fizban.

— Não, é verdade? — o velho disse espantado — Eu estava me sentindo meio indisposto esta manhã, mas não tinha nem idéia de que estava tão mal assim — seus ombros caíram — Então eu estou morto. Bati as botas. Fugi do mundo. Mordi a terra — ele cambaleou até um banco e largou o corpo em cima dele — O funeral foi legal? — ele perguntou — Veio muita gente? Teve uma salva de vinte e um tiros de canhão? Eu sempre quis uma salva de vinte e um tiros de canhão.

— Eu... uh... Tas gaguejou, perguntando-se o que seria um canhão — Bem, pode-se dizer que foi... mais um tipo de... serviço em sua memória. Veja bem. nós... uh... não conseguimos encontrar seus... como poderia dizer?

— Restos mortais? — o velho disse, tentando ajudar.

— Uh... restos mortais — Tas enrubesceu — Nós procuramos, mas só tinha penas de galinha... e uma elfa negra... e Tanis disse que nós tivemos sorte de escaparmos vivos...

— Penas de galinha! — disse o velho, indignado — O que é que pena de galinha tem a ver com o meu funeral?

— Nós... uh... você, eu e Sestun. Você se lembra de Sestun, o anão da ravina? Bem, havia aquela corrente enorme em Paxtharkas. E; aquele dragão vermelho imenso. Nós estávamos pendurados na corrente e o dragão soprou fogo nela e a corrente rebentou e nós estávamos caindo — Tas estava tomando gosto por contar a história; ela tinha se tornado uma de suas favoritas — E eu sabia que seria o nosso fim. Nós íamos morrer. A queda devia ser de uns vinte metros — isso aumentava cada vez que Tas contava a história — você estava embaixo de mim e eu ouvi você recitando uma magia...

— Sim, eu sou um mago muito bom.

— Uh, certo — Tas gaguejou, depois continuou, apressado. — Você conjurou a magia... Cascata de penas ou algo do gênero. De qualquer maneira, você só disse a primeira palavra, pena e de repente — o kender abriu as mãos e um olhar de assombro tomou conta de seu rosto quando ele lembrou o que aconteceu — Havia milhões e milhões de penas de galinha...

— E então, o que aconteceu depois? — o velho insistiu, cutucando Tas.

— Ah, uh, é aí que a coisa fica um pouco... uh... confusa — Tas disse — Eu ouvi um grito e um barulho abafado. Bem, na verdade foi mais um barulho de "esborrachar", e eu a... a... achei que você tinha se esborrachado.

— Eu? — o velho gritou — Esborrachado! — ele olhou furioso para o kender — Eu nunca me esborrachei na minha vida!

— Depois, Sestun e eu caímos sobre as penas de galinha juntamente com a corrente. Eu procurei... procurei mesmo — os olhos de Tas encheram-se de lágrimas quando ele se lembrou da busca dolorosa pelo corpo do velho — Mas tinha pena demais... e tinha aquela confusão terrível do lado de fora, dos dragões lutando entre si. Sestun e eu conseguimos chegar até a porta e então, nós vimos o Tanis e eu queria voltar para procurar você novamente, mas Tanis disse não...

— Então, você me deixou enterrado debaixo de um monte de penas de galinha?

— Foi um serviço lindo em sua memória — Tas titubeou — Lua Dourada e Elistan discursaram. Você não conheceu Elistan, mas você se lembra de Lua Dourada, não lembra? E, Tanis?

— Lua Dourada... — o velho murmurou — Ah, sim. Moça bonita. Um rapaz alto de cara séria, apaixonado por ela.

— Vendaval! — disse Tas empolgado — E, Raistlin?

— Um moço magrinho. Muito bom mago — o velho disse com um ar solene — Mas ele nunca vai ser alguém na vida se não cuidar daquela tosse.

— Você é Fizban! — Tas disse. Pulando de alegria, ele jogou os braços em volta do velho e deu-lhe um abraço apertado.

— Tudo bem, tudo bem — Fizban disse envergonhado, dando tapinhas nas costas de Tas — Já chega. Você vai amassar minha

roupa. Não vá fungar no meu robe. Não suporto isso. Quer um lenço?

— Não, eu tenho um...

— Isso assim está melhor. Ah, eu acho que esse lenço é meu. Essas iniciais são minhas...

— São? Você deve tê-lo deixado cair.

— Eu me lembro de você agora! — o velho disse alto — Você é Tassle, Tassle... qualquer coisa.

— Tasslehoff. Tasslehoff Pés Ligeiros — o kender respondeu.

— E eu sou... — o velho parou — Como era mesmo o nome que você disse?

— Fizban.

— Fizban. Sim... — o velho ponderou por um momento depois balançou a cabeça — Eu realmente pensei que ele tivesse morrido...

10

O SEGREDO DE SILVARA.

— Como foi que você sobreviveu? — Tas perguntou, apanhando um pouco de fruta seca para repartir com Fizban. O velho pareceu pensativo

— Eu realmente não achei que tivesse sobrevivido — ele disse de forma apologética — receio não ter a menor idéia. Mas, por falar nisso, eu não consigo comer galinha desde aquele dia. Agora... — ele olhou para o kender de forma judiciosa — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim com alguns de meus amigos. O resto deles está perambulando por aí, se ainda estiverem vivos — ele fungou outra

vez.

— Não se preocupe, eles estão vivos — Fizban deu um tapinha nas costas dele.

— Você acha que sim? — Tas alegrou-se — Bom, como eu ia dizendo, nós estamos aqui com Silvara...

— Silvara! — o velho ficou em pé num só pulo, seu cabelo branco esvoaçou num tumulto frenético. O olhar vago sumiu de seu rosto.

— Onde ela está? — o velho perguntou inflexível — E seus amigos, onde estão?

— L... lá embaixo — Tas gaguejou espantado com a transformação do velho — Silvara conjurou uma magia neles!

— Ah, ela fez isso, é? — o velho murmurou — Vamos ver isso. Venha — ele começou a caminhar ao longo do balcão tão rapidamente que Tas teve que correr para acompanhá-lo.

— Onde você disse que eles estavam? — o velho perguntou, parando perto das escadas — Seja específico — ele disse bruscamente.

— Uh... no túmulo! No túmulo de Huma! Eu acho que é o túmulo de Huma. Foi o que Silvara disse.

— Hum. Bem, pelo menos nós não vamos ter que andar.

Descendo as escadas até o buraco no chão pelo qual Tas tinha subido, o velho avançou até o centro dele. Tas engoliu em seco e juntou-se a ele, agarrando-se nas vestes do velho. Eles ficaram suspensos sobre nada além da escuridão, sentindo o ar frio soprar à volta deles.

— Para baixo — o velho afirmou.

Eles começaram subir na direção do teto da galeria de cima. Tas sentiu seu cabelo ficar em pé.

— Eu disse para baixo! — o velho gritou furioso, brandindo o cajado de forma ameaçadora para o buraco que se encontrava abaixo dele.

Ouviu-se um barulho de sucção e os dois homens foram tragados pelo buraco tão rapidamente que o chapéu de Fizban voou-lhe da cabeça. Esse chapéu era exatamente igual àquele que ele tinha perdido no covil do dragão vermelho, Tas pensou. O chapéu estava torto e sem forma e aparentemente pensava por conta própria. Fizban fez uma tentativa desesperada de agarrá-lo, mas falhou. O chapéu, entretanto, seguiu-os flutuando, mais ou menos uns quinze metros acima deles.

Tasslehoff deu uma olhada para baixo, fascinado, e começou a fazer uma pergunta, mas Fizban mandou-o ficar quieto. Apertando o cajado, o velho começou a murmurar alguma coisa consigo mesmo e fez um estranho sinal no ar.

Laurana abriu os olhos. Ela estava deitada em um banco de pedra frio, olhando para um teto negro e reluzente. Ela não tinha a menor idéia de onde estava. Então, sua memória retornou. Silvara!

Sentando-se rapidamente, ela deu uma olhada em volta da câmara. Flint resmungava e esfregava o pescoço. Theros piscava e olhava em volta de si confuso. Gilthanas, já em pé, estava no lado mais longínquo do túmulo de Huma e observava alguma coisa perto da porta. Quando Laurana começou a caminhar em sua direção, ele

virou-se colocando o dedo nos lábios e acenou com a cabeça na direção da porta.

Silvara estava ali sentada com a cabeça sobre os braços, soluçando amargamente.

Laurana hesitou e as palavras de raiva que ela ia dizer morreram. Não era isto que ela tinha previsto. E o que é que ela tinha previsto? ela se perguntava. Nunca mais acordar seria o mais provável. Tinha que haver uma explicação. Ela deu um passo à frente.

— Silvara... — ela começou a falar.

A garota deu um pulo, seu rosto manchado de lágrimas estava branco de medo.

— O que vocês estão fazendo acordados? Como vocês se livraram da minha magia? — ela disse com a voz entrecortada enquanto se encostava na parede.

— Deixe isso pra lá! — Laurana respondeu, embora não tivesse a menor idéia de como tinha acordado — Diga-nos...

— Fui eu que fiz isso! — anunciou uma voz grave. Laurana e o resto do grupo viraram-se e viram um velho de barba branca usando vestes cor de rato subir e sair com um ar solene do buraco no chão.

— Fizban! — Laurana sussurrou sem acreditar no que via.

Ouviu-se uma pancada e um ruído surdo. Flint caiu desmaiado. Ninguém olhou para ele. Eles continuaram simplesmente olhando para o velho assombrados. Então, Silvara deu um grito estridente e jogou-se de bruços no chão frio de pedra, enquanto tremia e choramingava baixinho.

Ignorando os olhares dos outros, Fizban caminhou até o outro lado do túmulo, passando pelo ataúde e pelo anão comatoso até chegar onde Silvara se encontrava. Atrás dele, Tasslehoff esperneava tentando sair do buraco.

— Olhem quem eu encontrei — o kender disse orgulhoso — Fizban! E eu voei, Laurana. Eu pulei no poço e simplesmente voei para cima. E, tem uma pintura lá em cima com dragões dourados e, então, Fizban sentou-se e gritou comigo, e... eu tenho de admitir que me senti bem esquisito por um instante. Eu perdi a voz e... o que foi que aconteceu com Flint?

— Quietos, Tas — Laurana disse debilmente sem tirar os olhos de Fizban. Ajoelhando-se, ele sacudiu a jovem elfa primitiva.

— Silvara, o que foi que você fez? — Fizban perguntou carrancudo.

Laurana pensou então que talvez ela tivesse cometido algum erro; aquele tinha de ser um outro velho usando as roupas antigas do mago. Com certeza este homem poderoso com um rosto inflexível não era o velho mago confuso do qual ela se lembrava. Não, mas ela reconheceria aquele rosto em qualquer lugar, sem falar daquele chapéu!

Observando Silvara e Fizban diante de si, Laurana sentiu um poder grande e assombroso como um trovão silencioso se movendo entre os dois. Ela sentiu uma vontade enorme de fugir deste lugar e continuar fugindo até cair exausta. Mas ela não conseguia se mover. Só conseguia olhar.

— O que foi que você fez Silvara? — Fizban insistiu — Você quebrou seu juramento!

— Não! — a garota gemeu, retorcendo-se no chão aos pés do velho mago — Não, não quebrei. Ainda não...

— Você andou pelo mundo em outro corpo, intrometendo-se nos assuntos dos homens. Só isso já seria o suficiente. E como se não fosse, você ainda os trouxe aqui.

O rosto de Silvara, estava marcado pelas lágrimas e desfigurado pela angústia. Laurana sentiu as lágrimas escorrendo em seu próprio rosto.

— Está bem, então! — Silvara gritou, desafiadora — Quebrei meu juramento, ou pelo menos tive essa intenção. Eu os trouxe aqui. Tinha que trazê-los! Eu vi a miséria e o sofrimento. Além do mais — a voz dela abaixou e seus olhos se fixaram em um ponto distante — eles estavam com o orbe...

— Sim — disse Fizban suavemente — Um orbe do dragão. Trazido do Castelo da Muralha de Gelo. Você esteve de posse dele. O que você fez com ele, Silvara? Onde está o orbe do dragão agora?

— E... está com Sturm — Laurana interrompeu amedrontada — Ele o levou para Sancrist. O que isso quer dizer? Sturm está correndo perigo?

— Quem? — Fizban olhou para ela por cima do ombro — Ah, oi, minha querida — ele sorriu para ela — É bom te ver novamente. Como está seu pai?

— Meu pai... Laurana balançou a cabeça, confusa — Olhe, velho, deixe meu pai pra lá! Quem...

— E seu irmão — Fizban estendeu a mão a Gilthanas — É bom te ver, meu filho. E você senhor — ele fez uma mesura para Theros que estava assombrado — Braço de prata? Caramba — ele deu uma olhada furtiva para Silvara — Que coincidência. Theros Ferro Forjado, não é? Ouvi muita coisa a seu respeito. Meu nome é...

O velho mágico fez uma pausa e franziu a testa.

— Meu nome é...

— Fizban — Tasslehoff completou, sentindo-se útil.

— Fizban — o velho acenou com a cabeça, sorrindo.

Laurana achou que tinha visto o velho mago dar um olhar de advertência a Silvara. A garota abaixou a cabeça, como se estivesse dando a entender que tinha entendido algum sinal secreto e silencioso entre os dois.

Mas, antes que Laurana pudesse colocar os pensamentos em ordem, Fizban voltou-se para ela novamente.

— E agora Laurana, você se pergunta quem é Silvara? Fica por conta de Silvara lhe contar, pois, tenho de partir agora. Tenho uma longa jornada a fazer.

— Eu tenho de contar a eles? — Silvara perguntou suavemente. Ela ainda estava de joelhos e olhava para Gilthanas enquanto falava. Fizban acompanhou o olhar dela. Ao ver o rosto alterado do lorde élfico, a expressão do próprio Fizban se suavizou. Então, ele balançou a cabeça com tristeza.

Silvara ergueu as mãos na direção dele num gesto de súplica. Fizban caminhou até ela. Tomando-a pelas mãos, ele a ajudou a levantar-se. Ela jogou os braços em volta dele e ele a abraçou.

— Não, Silvara — ele disse com uma voz gentil e calma — Você não precisa contar a eles. Você tem a mesma opção que sua irmã teve. Você pode até fazer eles esquecerem que estiveram aqui.

De repente, o rosto de Silvara ficou tão branco que a única cor que se percebia nele era o azul escuro de seus olhos — Mas, isso significaria...

— Sim, Silvara — ele disse — Fica a seu critério — ele beijou a garota na testa — Adeus, Silvara.

Virando-se, ele olhou outra vez para o grupo.

— Adeus, adeus. Foi bom vê-los novamente. Estou um pouco aborrecido com essa história das penas de galinha, mas, não tenho mágoas — ele esperou impaciente durante um minuto, olhando fixamente para Tasslehoff — Você vem? Eu não tenho a noite toda!

— Ir? Com você? — Tas deu um grito e deixou a cabeça de Flint cair outra vez no chão provocando um estrondo. O kender levantou-se — É claro, deixa eu pegar minha mochila... — então ele parou e olhou para o anão inconsciente — Flint...

— Ele vai ficar bem — Fizban prometeu — Você não vai ficar muito tempo longe de seus amigos. Nós os veremos... — ele franziu a sobancelha enquanto murmurava consigo mesmo — Sete dias, somados com mais três, vai um, quanto dá sete vezes quatro? Bem, mais ou menos no Dia da Fome, que é quando vai acontecer a reunião do Conselho. Agora, venha comigo. Tenho um serviço a fazer. Seus amigos estão em boas mãos. Silvara cuidará deles, não cuidará minha querida? — ele virou-se para a elfa primitiva.

— Eu lhes direi — ela prometeu com tristeza, com os olhos em Gilthanas.

O lorde élfico olhava para ela e para Fizban com o rosto pálido e o medo espalhando-se por toda sua alma. Silvara suspirou

— Você tem razão. Quebrei o juramento muito tempo atrás. Tenho de terminar aquilo que me propus a fazer.

— Como você achar melhor — Fizban colocou a mão sobre a cabeça de Silvara e acariciou seus cabelos prateados. Depois, virou-se noutra direção.

— Eu serei punida? — ela perguntou, assim que o velho pós os pés nas sombras.

Fizban parou. Balançando a cabeça, ele olhou para trás por sobre o ombro.

— Alguns diriam que você está sendo punida neste momento, Silvara — ele disse suavemente — Mas, aquilo que você vier a fazer, faça-o por amor. Assim como a decisão ficou a seu cargo, sua punição ficará também.

O velho desapareceu na escuridão. Tasslehoff correu atrás dele com os bolsos balançando — Adeus, Laurana! Adeus, Theros! Cuidem de Flint! — no silêncio que se seguiu, Laurana podia ouvir a voz do velho.

— Como era aquele nome, mesmo? Fizbut, Furball...

— Fizban! — Disse Tasslehoff

— Fizban... Fizban... — murmurava o velho.

Todos os olhos se voltaram para Silvara.

Ela estava calma agora, em paz consigo mesma. Embora seu rosto estivesse carregado de tristeza, não era aquela tristeza atormentada e amarga que eles tinham visto antes. Era uma tristeza de perda, a tristeza tranqüila de aceitação de alguém que não tem nada de que se arrepender. Silvara caminhou na direção de Gilthanas. Ela segurou as mãos dele e olhou para o rosto dele com tanto amor que Gilthanas se sentiu abençoado, mesmo sabendo que ela ia lhe dizer adeus.

— Eu estou te perdendo, Silvara — ele murmurou com a voz titubeante — Eu vejo isso em seus olhos. Mas eu não sei por quê! Você me ama...

— Eu te amo — Silvara disse suavemente — Eu amo você desde o momento em que o vi machucado na areia. Quando você ergueu os olhos e sorriu para mim, eu soube que teria a mesma sorte que minha irmã — ela suspirou — Mas, esse é o risco que nós corremos quando assumimos esta forma. Pois, apesar de incorporarmos nossa força a ela, essa forma impõe suas fraquezas sobre nós. Ou será que amar é... uma fraqueza?

— Silvara, eu não compreendo! — Gilthanas gritou.

— Você compreenderá — ela prometeu com a voz calma. A cabeça curvada.

Gilthanas tomou-a em seus braços. Ela recostou o rosto no peito dele. Ele beijou os lindos cabelos prateados, depois apertou-a, soluçando.

Laurana virou-se. Aquela dor parecia sagrada demais para seus olhos se intrometerem. Engolindo as próprias lágrimas, ela olhou em volta e, então, lembrou-se do anão. Ela pegou um pouco de água do odre dele e a espirrou no rosto de Flint, os olhos dele se agitaram, depois se abriram. O anão olhou para Laurana durante um momento, depois ergueu a mão trêmula.

— Fizban! — o anão sussurrou com a voz rouca.

— Eu sei — Laurana disse, perguntando-se como o anão aceitaria a notícia de que Tas tinha partido.

— Fizban está morto! — Flint arfou — Tas tinha dito! Debaixo de um monte de penas de galinha! — o anão sentou-se com dificuldade — Onde está aquele kender desmiolado?

— Ele partiu, Flint — Laurana disse — Ele partiu com Fizban.

— Partiu? — o anão olhou em volta, confuso — Você o deixou partir? Com aquele velho?

— Eu receio que sim...

— Você o deixou partir junto com um velho morto?

— Eu realmente não tive muita escolha — Laurana sorriu — Foi decisão dele. Ele vai ficar bem...

— Para onde eles foram? — Flint levantou-se e colocou a mochila nos ombros.

— Você não pode ir atrás deles — Laurana disse — Por favor, Flint — ela colocou o braço em volta dos ombros do anão — Eu preciso de você. Você é o amigo mais velho de Tanis, meu conselheiro...

— Mas, ele se foi sem mim — Flint disse num lamento — Como é que ele pôde partir? Eu não o vi partir.

— Você desmaiou...

— Eu não desmaiei! — o anão rugiu.

— Você... você estava inconsciente — Laurana gaguejou.

— Eu nunca desmaio! — afirmou o anão indignado — Deve ter sido uma recaída daquela doença mortal que peguei a bordo daquele barco... — Flint largou a mochila e deixou-se cair sentado ao lado dela — Kender idiota! Fugindo com um velho morto.

Theros foi até Laurana e chamou-a de lado

— Quem era aquele velho? — ele perguntou curioso.

— E uma longa história — Laurana suspirou — E de qualquer maneira, não estou muito certa de que eu seria capaz de responder essa pergunta.

— Ele me parece familiar — Theros franziu a testa e balançou a cabeça — Mas não consigo me lembrar onde o vi antes, embora ele me lembre Solace e a Hospedaria Derradeiro Lar. E, ele me conhece... — o ferreiro olhou para o braço de prata — Eu senti um choque percorrendo meu corpo quando ele olhou para mim, como se fosse um relâmpago atingindo uma árvore — o grande ferreiro estremeceu, depois olhou para Silvara e Gilthanas — E, sobre ela?

— Eu acho que vamos finalmente descobrir — Laurana disse.

— Você estava certa — Theros disse — Você não confiava nela...

— Mas eu errei quanto aos motivos — Laurana admitiu sua culpa. Com um pequeno suspiro, Silvara afastou-se do abraço de Gilthanas. Com relutância, o lorde élfico permitiu que ela se afastasse.

— Gilthanas — ela disse e respirou fundo — Pegue uma tocha da parede e segure-a diante de mim.

Gilthanas hesitou. Depois, quase com raiva, ele seguiu as instruções que ela havia lhe dado.

— Segure a tocha ali... — ela instruiu, guiando a mão dele de forma que a luz brilhasse bem diante dela — Agora... olhe para minha sombra na parede atrás de mim — ela disse com a voz trêmula.

O túmulo estava silencioso, somente o crepitar da tocha flamejante produzia algum ruído. A sombra de Silvara tomou vida na parede fria de pedra atrás dela. Os companheiros olharam a sombra e... por um instante... nenhum deles conseguiu dizer uma palavra.

A sombra de Silvara refletida na parede não era a sombra de uma jovem elfa.

Era a sombra de um dragão.

— Você é um dragão! — Laurana disse chocada. Ela colocou a mão na espada, mas Theros a deteve.

— Não! — ele disse repentinamente — Eu me lembro. Aquele velho... — ele olhou para o braço — Agora eu me lembro. Ele costumava ir à Hospedaria Derradeiro Lar! Ele usava uma roupa diferente. Ele não era um mago, mas era ele! Eu seria capaz de jurar! Ele contava histórias para as crianças. Histórias sobre dragões bons. Dragões dourados e...

— Dragões prateados — Silvara disse, olhando para Theros — Eu sou um dragão prateado. Minha irmã era o dragão prateado que se apaixonou por Huma e lutou ao lado dele na grande batalha final...

— Não! — Gilthanas atirou a tocha no chão. A tocha ficou piscando a seus pés durante um instante, então ele pisou nela com muita raiva apagando-a. Silvara, que o observava com os olhos tristes, estendeu a mão para confortá-lo.

Gilthanas evitou o toque dela, olhando-a, horrorizado. Silvara abaixou a mão calmamente. Suspirando gentilmente, ela acenou com a cabeça.

— Eu compreendo — ela murmurou — Desculpe-me.

Gilthanas começou a tremer, depois se curvou em agonia. Colocando os braços fortes em volta dele, Theros levou Gilthanas para um banco e o cobriu com seu manto.

— Eu vou ficar bem — Gilthanas murmurou — Deixem-me sozinho, deixem-me pensar. Isto é loucura! É tudo um pesadelo. Um dragão! — ele fechou os olhos, bem apertados, como se ele pudesse apagar aquela visão para sempre — Um dragão... — ele sussurrou de forma entrecortada. Theros deu uns tapinhas nas costas dele, depois voltou para onde os outros estavam.

— Onde está o que restou dos dragões bons? — Theros perguntou — O velho disse que havia muitos. Dragões prateados e dragões dourados...

— Existem muitos de nós — Silvara respondeu com relutância.

— Como o dragão prateado que nós vimos na Muralha de Gelo! — Laurana disse — Era um dragão bom. Se existem muitos de vocês, unam-se! Ajudem-nos a combater os dragões do mal!

— Não! — Silvara gritou com um ar feroz. Seus olhos azuis flamejaram e Laurana deu um passo atrás diante da ira da elfa primitiva.

— Por que não?

— Eu não posso lhes dizer — as mãos de Silvara fecharam-se num movimento nervoso.

— Tem algo a ver com aquele juramento! — Laurana insistiu — Não tem? O juramento que você quebrou. E a punição sobre a qual você perguntou a Fizban...

— Eu não posso lhe dizer! — Silvara disse com a voz baixa cheia de paixão — O que eu fiz já foi ruim o suficiente. Mas, eu tinha que fazer alguma coisa! Eu não conseguia mais viver neste mundo e ver o sofrimento de gente inocente! Pensei que talvez eu pudesse ajudar, por isso eu assumi a forma élfica e fiz o que podia. Trabalhei

muito tempo, tentando fazer os elfos se unirem. Evitei que eles guerreassem, mas, as coisas foram ficando cada vez piores. Aí vocês chegaram e eu vi que corríamos um grande perigo, maior ainda que todos nós havíamos imaginado. Pois vocês trouxeram consigo... — ela disse de forma hesitante.

— O orbe do dragão! — Laurana disse repentinamente.

— Sim — os punhos de Silvara fecharam-se aflitos — Eu sabia que tinha que tomar uma decisão. Vocês tinham o orbe, mas vocês também estavam com a lança. A lança e o orbe vindos a mim! Os dois juntos! Pensei que fosse um sinal, mas não sabia o que fazer. Decidi trazer o orbe para cá e mantê-lo seguro para sempre. Mas à medida que viajávamos, eu percebi que os cavaleiros nunca permitiriam que o orbe ficasse aqui. Haveria problemas. Então, quando tive uma chance, eu o mandei embora — os ombros dela caíram — Aparentemente aquela foi a decisão errada. Mas como é que eu ia saber?

— Por quê?— Theros perguntou com severidade — O que o orbe faz? Ele é maligno? Você enviou aqueles cavaleiros para a morte?

— Grande mal — Silvara murmurou — Grande bem. Quem é que pode dizer? Eu mesmo não entendo os orbes do dragão. Eles foram forjados muito tempo atrás pelos mais poderosos usuários de magia.

— Mas o livro que Tas leu dizia que eles poderiam ser usados para controlar os dragões! — Flint afirmou — Ele o leu com um tipo de óculos. Ele os chamava de óculos da visão da verdade. Ele disse que os óculos não mentiam...

— Não — disse Silvara, com tristeza — Isso é verdade. É verdade demais... e eu temo que seus amigos descubram isso e se arrependam amargamente por isso.

Com o medo tomando conta deles, os companheiros sentaram-se juntos em silêncio; silêncio quebrado apenas pelos soluços de Gilthanas. As tochas faziam as sombras dançarem e se deslocarem pela tumba silenciosa como se fossem mortos-vivos.

Laurana lembrou-se de Huma e o Dragão Prateado. Ela pensou na terrível batalha final... os céus cheios de dragões e a terra explodindo em chamas e sangue.

— Então por que você nos trouxe para cá? — Laurana perguntou a Silvara com suavidade — Por que você não permitiu simplesmente que todos nós levássemos o orbe?

— Posso dizer a eles? Será que eu tenho forças para isso? — Silvara sussurrou para um espírito invisível.

Ela ficou sentada quieta durante um longo tempo, sem expressão alguma no rosto e as mãos contorcendo-se em seu colo. Os olhos dela estavam fechados e a cabeça curvada, mas os lábios se moviam. Ela cobriu o rosto com as mãos e ficou sentada inerte. Depois, estremeendo, ela tomou uma decisão.

Silvara levantou-se e caminhou até a mochila de Laurana. Ela ajoelhou-se e desembrolhou calma e cuidadosamente a haste de madeira quebrada que os companheiros tinham carregado uma distância tão longa e cansativa. Silvara levantou-se e seu rosto estava mais uma vez cheio de paz. Mas, agora havia também orgulho e força. Pela primeira vez Laurana começou a acreditar que essa garota era tão poderosa e magnífica quanto um dragão. Caminhando com orgulho e com os cabelos prateados cintilando sob a luz da tocha, Silvara parou diante de Theros Ferro Forjado.

— Eu dou o poder de forjar a lança de dragão para Theros Braço de Prata — ela disse.

LIVRO 3

1

O FEITICEIRO VERMELHO E SUAS MARAVILHOSAS ILUSÕES!

As sombras cobriam lentamente as mesas empoeiradas da taverna Porco e Assobio. A brisa do mar da Baía de Balifor

produziam um assobio agudo quando passava pelas janelas mal encaixadas da frente da Taverna; esse assobio característico dava à hospedaria a segunda parte de seu nome. Para saber de onde vinha a primeira parte do nome da taverna basta olhar para o estalajadeiro. Um homem alegre e de bom coração, Guilherme Águaclara tinha sido amaldiçoado de nascença (é o que diz a lenda da cidade), quando um porco que perambulava pelas ruas tombou o berço do bebê, assustando tanto o pequeno Guilherme que a marca do porco ficou para sempre impressa em seu rosto.

Esta semelhança infeliz com certeza não tinha afetado o temperamento de Guilherme. Um marinheiro por profissão, até ter de se aposentar para realizar uma ambição que ele teve durante toda sua vida, a de administrar uma hospedaria, não havia homem mais respeitado e bem quisto em Porto de Balifor do que Guilherme Águaclara. Ninguém ria com mais entusiasmo das piadas de porco do que Guilherme. Ele até grunhia de forma bastante realista e fazia com freqüência imitações de porco para diversão dos fregueses. (Mas, ninguém nunca mais chamou Guilherme pelo nome de "Porquinho" depois da morte prematura de Al Perna-de-Pau.)

Ultimamente é raro Guilherme grunhir para seus fregueses. A atmosfera da Porco e Assobio andava reservada e triste. Os poucos e velhos fregueses que iam à taverna sentavam-se em grupos e falavam em voz baixa, pois Porto de Balifor era uma cidade ocupada pelos exércitos dos Senhores dos Dragões, cujos navios tinham

chegado recentemente à baía, desembarcando batalhões dos hediondos homens dragão.

O povo de Porto de Balifor (a maior parte dele formada por humanos) sentia uma pena imensa de si mesmo. E claro que eles não tinham nenhum conhecimento do que estava acontecendo no mundo exterior, senão estariam dando graças pelas bênçãos recebidas. Nenhum dragão tinha vindo queimar a cidade deles. Em geral os dragonianos não incomodavam os cidadãos. Os Senhores dos Dragões não estavam interessados na parte oriental do continente de Ansalon. Aquelas terras eram esparsamente povoadas; algumas comunidades pobres de humanos e Kendermore, a terra natal dos kendens. Um bando de dragões poderia ter arrastado esse território, mas os Senhores dos Dragões estavam concentrando seus esforços no norte e no lado oeste. Enquanto os portos permanecessem abertos os Senhores dos Dragões não tinham necessidade de devastar as terras de Balifor e Tarraboa.

Os negócios tinham melhorado para Guilherme Águaclara, embora muitos dos antigos fregueses não viessem mais a Porco e Assobio. As tropas de dragonianos e goblins do Senhor dos Dragões eram bem pagas, e sua única fraqueza era uma bebida forte. Mas Guilherme não tinha aberto a taverna para ganhar dinheiro. Ele adorava a companhia de novos e velhos amigos. Ele não gostava dos soldados do Senhor dos Dragões. Quando eles chegavam, os antigos fregueses saíam. Por isso, Guilherme aumentou imediatamente os preços para os dragonianos para o triplo do que cobrava qualquer

outra hospedaria na cidade. Ele também colocava água na cerveja. Conseqüentemente, seu bar estava quase deserto exceto por alguns poucos amigos. Esse tipo de arranjo funcionava bem para Guilherme.

Ele conversava com alguns desses amigos (a maioria deles eram marinheiros de pele morena curtida de sol e sem dentes) na noite em que esses estranhos entraram na taverna. Guilherme e seus amigos olharam para eles desconfiados por um momento. Mas ao ver os viajantes cansados por causa da jornada e não os soldados do Senhor dos Dragões, ele os saudou cordialmente e os levou a uma mesa no canto.

Todos os estranhos pediram cerveja, exceto um homem vestido com um robe vermelho que só pediu água quente. Então, depois de uma discussão moderada sobre uma velha bolsa de couro e o número de moedas que havia dentro dela, eles pediram a Guilherme para lhes trazer pão e queijo.

— Eles não são desta região — Guilherme disse para seus amigos em voz baixa enquanto pegava cerveja de um barril especial que ele guardava debaixo do balcão do bar (não do barril dos

dragonianos) — E na minha opinião, tão pobres quanto um marinheiro depois de uma semana em terra firme.

— São refugiados — disse o amigo pensativo enquanto os observava.

— Uma mistura estranha — completou outro marinheiro — Aquele camarada de barba ruiva ao que me parece é um meio elfo. E o grandão tem armas suficientes para atacar o exército inteiro do Senhor dos Dragões.

— Sou capaz de apostar também que ele já espetou um bocado deles com aquela espada — Guilherme grunhiu — Aposto que estão fugindo de alguma coisa. Olhem o jeito que o camarada de barba ruiva mantém os olhos na porta. Bem, nós não podemos ajudá-los a enfrentar o Senhor dos Dragões, mas vou cuidar para que não lhes falte nada — e foi servi-los.

— Guardem seu dinheiro — Guilherme disse rispidamente e deixou cair pesadamente sobre a mesa não só pão e queijo, mas também uma bandeja cheia de carnes frias. Ele empurrou as moedas de lado — Vocês estão metidos em algum tipo de encrenca e isso é tão visível quanto o focinho de porco no meu rosto.

Uma das mulheres sorriu para ele. Ela era a mulher mais bonita que Guilherme já tinha visto. O cabelo dourado e prateado dela reluzia sob o capuz de pele de animal, os olhos azuis dela eram como o oceano em um dia calmo. Quando ela sorriu para ele, Guilherme sentiu o calor de um conhaque fino percorrer seu corpo. Mas um homem de rosto inflexível e cabelo escuro que se sentava próximo a ela empurrou as moedas de volta para o estalajadeiro.

— Não aceitamos caridade — disse o homem alto vestido com um manto de pele de animal.

— Não aceitamos? — perguntou o grande homem pensativo olhando a carne defumada com olhos ansiosos.

— Vendaval — a mulher o censurou colocando a mão no braço dele com gentileza. O meio elfo também deu a impressão de que ia intervir, quando o homem de robe vermelho que tinha pedido água quente estendeu a mão e pegou uma moeda da mesa.

Equilibrando a moeda nas costas de sua mão magra e de coloração metálica, o homem repentinamente e sem esforço fez com que ela dançasse ao longo dos nós de seus dedos. Os olhos de Guilherme se arregalaram. Seus dois amigos no bar chegaram mais perto para ver melhor. A moeda bruxuleava à medida que aparecia e desaparecia por entre os dedos do homem de robe vermelho girando e pulando. A moeda desapareceu no ar para reaparecer sobre a cabeça do mago na forma de seis moedas rodando em volta de seu capuz. Com um gesto, ele fez com que elas fossem rodar na cabeça de Guilherme. Os marinheiros observavam de boca aberta.

— Pegue uma pelo seu trabalho — disse o mago com um sussurro.

Hesitante Guilherme tentou agarrar as moedas que giravam diante de seus olhos, mas sua mão passou bem no meio delas! De

repente, todas as seis moedas desapareceram. Agora havia somente uma, e ela repousava na palma da mão do mago de robe vermelho.

— Eu te dou esta como pagamento — o mago disse com um sorriso astuto — Mas, tenha cuidado. Ela pode fazer um buraco no seu bolso.

Guilherme aceitou a moeda com cautela. Segurando-a entre dois dedos, ele fitou-a desconfiado. Então, a moeda rompeu-se em chamas! Guilherme largou a moeda no chão enquanto dava um grito assustado, depois deu uns pisões nela. Seus dois amigos caíram na gargalhada. Pegando a moeda, Guilherme descobriu que ela estava completamente fria e ilesa.

— Isso vale como pagamento pela carne! — O estalajadeiro disse, sorrindo.

— E, uma noite de alojamento — acrescentou seu amigo marinheiro ao bater a mão com um punhado de moedas na mesa.

— Acredito que nós resolvemos nossos problemas — disse Raistlin suavemente, enquanto olhava para os outros.

Assim nasceu O Feiticeiro Vermelho e Suas Maravilhosas Ilusões, um show itinerante que é comentado até hoje nas partes mais distantes ao sul, até o Porto de Balifor e ao norte, até as Ruínas.

Na noite seguinte, o mago do robe vermelho começou a fazer truques para uma audiência cativa formada por amigos de Guilherme. A fama espalhou-se rapidamente. Depois de o mago ter feito apresentações na taverna Porco e Assobio por uma semana, Vendaval (que no princípio era contra a idéia; foi obrigado a admitir que o ato de Raistlin parecia não apenas resolver os problemas financeiros, mas também outros problemas mais urgentes).

E possível que os companheiros tivessem sido capazes de sobreviver da terra até mesmo no inverno, pois tanto Vendaval quanto Tanis eram exímios caçadores. Mas, eles precisavam de dinheiro para comprar passagens em um navio que os levasse para Sancrist. Depois que conseguissem o dinheiro, eles precisavam ser capazes de viajar livremente pelas terras ocupadas pelos inimigos.

Durante a juventude, Raistlin tinha utilizado com certa freqüência seus talentos consideráveis em prestidigitação para conseguir alimento para si mesmo e para seu irmão. Embora isso fosse visto com desagrado por seu mestre, que tinha ameaçado expulsá-lo da escola, Raistlin tinha sido relativamente bem sucedido. Agora, seus crescentes poderes mágicos lhe davam um alcance que não tinha sido possível antes. Ele mantinha suas audiências literalmente encantadas com truques e ilusões.

Sob o comando de Raistlin, navios de velas brancas velejavam para cima e para baixo na taverna Porco e Assobio, pássaros saiam voando de dentro de sopeiras, enquanto dragões espiavam pelas janelas, soprando fogo sobre convidados assustados. No grande final, o mago (resplandecente em suas vestes vermelhas que tinham sido costuradas por Tika) parecia ser totalmente consumido por chamas intensas e minutos mais tarde ele entrava pela porta da frente (sob calorosos aplausos) e bebia tranqüilamente um copo de vinho branco brindando à saúde dos convidados.

Em uma semana, a Porco e Assobio fez mais negócios do que Guilherme tinha feito em um ano. Melhor ainda (no que lhe dizia respeito) seus amigos tinham sido capazes de esquecer seus problemas. Entretanto, não demorou muito para que convidados não desejados começassem a aparecer. No princípio, ele ficou irritado com a presença de dragonianos e goblins na multidão, mas Tanis acalmou-o e Guilherme permitiu, ainda que de má vontade, que eles assistissem.

Tanis na verdade estava contente em vê-los. Isso funcionava bem do ponto de vista do elfo e resolvia o segundo problema. Se as tropas do Senhor dos Dragões gostassem do show e fizessem propaganda, os companheiros poderiam viajar por todo o território sem serem incomodados.

Era plano deles (depois de se aconselhar com Guilherme) ir até Arrojos, uma cidade ao norte do Porto de Balifor, próxima ao Mar Encarnado de Istar. Lá eles esperavam encontrar um navio. Guilherme explicou que ninguém em Porto de Balifor lhes venderia uma passagem. Todos os proprietários de navio tinham sido contratados pelos Senhores dos Dragões (ou tinham tido suas embarcações confiscadas por eles). Mas Arrojos era um refúgio

conhecido para aquelas pessoas mais interessadas em dinheiro do que em política.

Os companheiros ficaram na Porco e Assobio durante um mês. Guilherme forneceu quarto e alimentação de graça e permitiu até mesmo que eles guardassem todo dinheiro que viessem a ganhar. Apesar de Vendaval protestar contra essa generosidade, Guilherme afirmou veementemente que tudo o que ele queria era ter os antigos fregueses de volta.

Durante esse tempo, Raistlin refinou e aumentou seu repertório que no princípio era composto apenas de ilusões. Mas o mago se cansava rapidamente, então Tika se ofereceu para dançar e dar-lhe tempo para descansar entre as apresentações. Raistlin ficou em dúvida com relação aos resultados disso, mas Tika fez uma roupa tão sedutora que Caramon no início foi totalmente contra esse plano. Mas Tika só ria dele. A dança foi um sucesso e aumentou dramaticamente o dinheiro que eles ganhavam. Raistlin escalou-a imediatamente em caráter definitivo junto com sua performance.

Ao descobrir que a multidão gostava deste tipo de diversão, o mago procurou idéias novas. Caramon (enrubescendo furiosamente) foi persuadido a executar atos de força, transformando o momento

em que ele levantava o corpulento Guilherme sobre sua cabeça com apenas uma mão no ápice da apresentação. Tanis assombrava a platéia com a habilidade élfica de “ver” no escuro. Mas Raistlin espantou-se quando Lua Dourada procurou-o enquanto ele contava o dinheiro da performance da noite anterior.

— Eu gostaria de cantar no show de hoje à noite — ela disse.

Raistlin ergueu os olhos incrédulo. Seus olhos piscaram para Vendaval. O homem das planícies acenou com a cabeça relutante.

— Você tem uma voz poderosa — Raistlin disse enquanto colocava o dinheiro em uma bolsa e puxava o cordão fechando-a — Eu me lembro muito bem. A última canção que ouvi você cantar na Hospedaria Derradeiro Lar começou uma briga que quase nos matou.

Lua Dourada enrubesceu ao lembrar a canção fatídica que a tinha apresentado ao grupo. Franzindo a testa, Vendaval colocou a mão no ombro dela.

— Venha! — ele disse asperamente, olhando fixamente para Raistlin — Eu a avisei...

Mas Lua Dourada balançou a cabeça obstinadamente e ergueu o queixo num gesto imperioso e familiar

— Eu cantarei — ela disse calmamente — E Vendaval vai me acompanhar. Eu compus uma canção.

— Muito bem — o mago retrucou, guardando a bolsa com o dinheiro em suas vestes — Nós tentaremos a canção hoje à noite.

A Taverna Porco e Assobio estava lotada aquela noite. A audiência era bastante variada: crianças pequenas com os pais, marinheiros, goblins e vários kendens, o que fez com que todo mundo ficasse de olho em seus pertences. Guilherme e dois ajudantes trabalhavam com rapidez servindo bebida e comida. Então, o show começou.

A multidão aplaudiu Raistlin e suas moedas giratórias, riu quando um porco ilusório dançou sobre o bar e agitou-se aterrorizada, sentada em suas cadeiras, quando um troll gigante entrou pela janela. O mago fez uma mesura e saiu para descansar. Tika entrou para sua apresentação.

A platéia, especialmente os dragonianos, batia com as canecas na mesa, encorajando a dança de Tika.

Então, Lua Dourada apareceu diante deles usando um vestido azul claro. Os cabelos prateados e dourados derramavam-se sobre seus ombros como água cintilando ao luar. A platéia ficou instantaneamente em silêncio. Sem dizer nada, ela sentou-se em uma cadeira no tablado que Guilherme tinha construído

apressadamente. Ela estava tão linda que a multidão não deu um pio. Todos esperavam ansiosamente.

Vendaval sentou-se no chão aos pés dela. Colocando nos lábios uma flauta feita à mão, ele começou tocar e depois de algum tempo a voz de Lua Dourada uniu-se à flauta. A canção era simples, a melodia simples e harmoniosa, porém inesquecível. Mas foi a letra que chamou a atenção de Tanis, fazendo com que ele olhasse preocupado para Caramon. Raistlin que estava sentado próximo a ele, segurou no braço de Tanis.

— Eu temia isso! — o mago disse com a voz sibilante — Outra rebelião!

— Talvez não — Tanis disse enquanto assistia — Olhe para a audiência.

Mulheres recostavam a cabeça no ombro de seus maridos, as crianças estavam quietas e atentas. Os dragonianos pareciam hipnotizados, como um animal selvagem que às vezes é encantado pela música. Só os goblins agitavam os pés, dando a impressão de estarem entediados, mas com tanto medo dos dragonianos que não ousavam protestar.

A canção de Lua Dourada falava de deuses antigos. Ela falou de como os deuses tinham enviado o Cataclismo para punir o rei-sacerdote de Istar e o povo de Krynn por seu orgulho. Ela cantava os horrores daquela noite e das noites que se seguiram. Ela lembrou-os de como o povo, que acreditava ter sido abandonado, fazia suas preces aos falsos deuses. Depois, ela lhes deu uma mensagem de esperança: os deuses não os tinham abandonados. Os verdadeiros deuses estavam aqui, esperando apenas que alguém os ouvisse.

Quando a canção terminou e o triste lamento da flauta parou, a maioria das pessoas sacudiu a cabeça, como se estivesse acordando de um sonho agradável. Quando perguntados sobre o que a canção dizia, eles não eram capazes de dizer. Os dragonianos deram de ombros e pediram mais cerveja. Os goblins pediam aos gritos que Tika dançasse outra vez. Mas aqui e ali, Tanis encontrava um rosto que ainda mantinha a mesma admiração que tinha demonstrado durante a canção. E ele não ficou surpreso ao ver uma moça de pele morena aproximar-se timidamente de Lua Dourada.

— Eu peço que me perdoe por incomodá-la, minha dama — Tanis ouviu a mulher dizer — mas sua canção tocou-me profundamente. E... eu queria saber mais sobre os antigos deuses, aprender os costumes deles.

Lua Dourada sorriu.

— Venha me ver amanhã — ela disse — e eu lhe ensinarei o que sei.

Dessa maneira, a notícia de antigos deuses começou a espalhar-se lentamente. Quando eles partiram de Porto de Balifor, a mulher morena, um rapaz de voz macia e várias outras pessoas usavam o medalhão azul de Mishakal, Deusa da Cura. Eles continuaram secretamente a trazer esperança para aquela terra sombria e em dificuldades.

No fim do mês, os companheiros conseguiram comprar um carroção e cavalos para puxá-lo, cavalos para eles cavalgarem e suprimentos. O que sobrou do dinheiro eles guardaram para comprar as passagens para Sancrist. Eles planejavam conseguir mais dinheiro apresentando-se em pequenas comunidades agrícolas entre Porto de Balifor e Arrojos.

Quando o Feiticeiro Vermelho partiu do Porto de Balifor, um pouco antes da festa de natal, multidões entusiasmadas assistiram o carroção de ele passar. Carregando as vestimentas, suprimentos para dois meses e um barril de cerveja (fornecido por Guilherme), era grande o suficiente para Raistlin dormir e viajar dentro dele. O carroção levava também as tendas multicoloridas e listradas nas quais os outros morariam.

Tanis deu uma olhada em volta e balançou a cabeça ao perceber o quadro estranho que eles compunham. Parecia que... dentre tudo aquilo que tinha acontecido com eles, este era o mais bizarro. Ele olhou para Raistlin sentado ao lado de seu irmão que dirigia o carroção. As vestes vermelhas do mago enfeitadas com cequins resplandeciam como chamas na clara luz do sol de inverno. Com os ombros curvados contra o vento, Raistlin olhava para frente,

envolto em uma mostra de mistério que encantava a multidão. Caramon, vestindo uma roupa feita de pele de urso (um presente de Guilherme), tinha colocado a cabeça do urso sobre a sua dando a impressão de que era o urso quem dirigia o carroção. As crianças saudavam com gritos quando ele rugia para elas fingindo ser um urso feroz.

Eles estavam quase fora da cidade, quando um comandante dragoniano os parou. Tanis seguiu adiante, com o coração na garganta e a mão sobre a espada. Mas o comandante só queria ter certeza de que eles passariam por Mirante Vermelho, onde havia tropas dragonianas estacionadas. O dragoniano tinha falado do show para um de seus amigos. As tropas estavam ansiosas para vê-los. Tanis prometeu cordialmente que sem dúvida nenhuma eles se apresentariam por lá, embora em seu íntimo ele tivesse jurado não chegar perto daquele lugar.

Eles chegaram finalmente aos portões da cidade. Descendo de suas montarias, eles deram adeus a seu amigo. Guilherme abraçou cada um deles, começando por Tika e terminando com Tika. Ele ia abraçar Raistlin, mas os olhos dourados do mago arregalaram-se de forma tão inquietadora quando Guilherme se aproximou que o estalajadeiro se afastou prontamente.

Os companheiros montaram novamente em seus cavalos. Raistlin e Caramon retornaram ao carroção. A multidão aclamava e insistia para que eles voltassem para a Festa da Charrua, na primavera. Os guardas abriram os portões desejando-lhes uma boa viagem e os companheiros passaram. Os portões fecharam-se atrás deles.

Soprava um vento gelado. Nuvens cinza começaram a derramar neve de forma intermitente. A estrada que todos haviam garantido ser bem movimentada, estendia-se vazia e desolada diante deles. Raistlin começou a tremer e a tossir. Depois de algum tempo, ele disse que ia entrar no carroção. O resto colocou os capuzes sobre as cabeças e apertou seus mantos de pele contra os corpos.

Caramon, que guiava os cavalos ao longo da estrada enlameada e cheia de sulcos, parecia incomumente pensativo.

— Você sabe, Tanis — ele disse solenemente sobre o som que os badalos que Tika tinha amarrado na crina dos cavalos produzia — Eu não consigo expressar quão grato eu estou por nenhum dos

nossos amigos ter visto nosso show. Você é capaz de imaginar o que Flint diria? Aquele anão velho e rabugento nunca me deixaria em paz por causa disso. E o Sturm então! — o homenzarão balançou a cabeça, esse pensamento era indescritível.

Sim, Tanis suspirou. Eu sou capaz de imaginar Sturm. Meu caro amigo, eu nunca me dei conta do quanto eu dependia de você... sua coragem, seu espírito nobre. Você ainda está vivo, meu amigo? Você chegou em Sancrist em segurança? Você é agora fisicamente aquele cavaleiro que você sempre foi em espírito? Nos encontraremos novamente, ou será que nos separamos para nunca mais nos encontrarmos nesta vida... como Raistlin profetizou?

O grupo continuou avançando. O dia ficou escuro, a tormenta mais furiosa. Vendaval diminuiu o passo de modo a cavalgar ao lado de Lua Dourada. Tika amarrou seu cavalo atrás do carroção e subiu, sentando-se ao lado de Caramon. Raistlin dormia dentro do carroção.

Tanis cavalgava sozinho com a cabeça curvada e o pensamento distante.

O JULGAMENTO DOS CAVALEIROS.

— E... finalmente — disse Teodorico em voz baixa e comedida — Eu acuso Sturm Montante Luzente de covardia diante do inimigo. Um murmúrio tomou conta da assembléia de cavaleiros reunidos no castelo de Lorde Gunhtar. Três cavaleiros sentavam-se à volumosa mesa de carvalho negro em frente à assembléia, eles inclinaram-se colocando suas cabeças mais próximas umas das outras para conferenciar em voz baixa.

Muito tempo atrás, os três homens que presidiriam um Julgamento de Cavaleiros (conforme o que está descrito na Medida) seriam o Grão-mestre, o Alto Clerista e o Alto Magistrado. Mas naquela ocasião, não existia um Grão-mestre. Não havia um Alto Clerista desde a época do Cataclismo. E embora o Alto Magistrado estivesse presente (representado por Lorde Alfredo Markenin), podia-se dizer que o controle que ele exercia sobre esse cargo era, na melhor das hipóteses, débil. Qualquer um que se tornasse o novo Grão-mestre, teria permissão para substituí-lo.

Apesar destas lacunas na Liderança da Ordem, a vida dos Cavaleiros tinha de continuar. Apesar de não ser forte o suficiente para reivindicar a cobiçada posição de Grão-mestre, Lorde Gunthar Uth Wistan era forte o suficiente para assumir esse papel. Por isso hoje ele estava sentado nesta posição no julgamento deste jovem escudeiro, Sturm Montante Luzente, no início da festa de natal. A sua direita sentava-se Lorde Alfredo e à sua esquerda o jovem Lorde Michael Jeoffrey que ocupava o posto de Alto Clerista.

Havia mais vinte Cavaleiros de Solamnia diante deles no Salão Nobre do Castelo Uth Wistan, que tinham sido reunidos às pressas de todas as partes de Sancrist para participarem como testemunhas

deste Julgamento de Cavaleiros... como descrito pela Medida. Agora eles balançavam as cabeças e murmuravam enquanto os líderes conferenciavam.

Lorde Teodorico levantou-se de uma mesa diante dos três cavaleiros que coordenavam o julgamento e fez uma mesura para Lorde Gunthar. Seu testemunho tinha chegado ao fim. Agora só faltavam a Contestação do Cavaleiro e o Julgamento em si. Teodorico retornou a seu lugar entre os outros cavaleiros rindo e conversando com eles.

Somente uma pessoa na sala se mantinha silenciosa. Sturm Montante Luzente permaneceu sentado e imóvel durante todas as acusações de Lorde Teodorico Guardiãorreal. Ele tinha ouvido acusações de insubordinação, recusa de obedecer ordens, passar por cavaleiro... e nenhuma palavra ou murmúrio tinha escapado de seus ouvidos. O rosto dele mantinha-se cuidadosamente sem expressão e as mãos juntas em cima da mesa.

Os olhos de Lorde Gunthar observavam Sturm e foi isso que eles fizeram durante todo o Julgamento. O rosto de Sturm estava tão pálido e inerte e sua postura tão rígida, que ele começou a se perguntar se o homem ainda estava vivo. Gunthar viu Sturm

sobressaltar-se somente uma vez. Durante a acusação de covardia, um arrepio fez o corpo do homem estremecer. A expressão em seu rosto... bem, Gunthar só se lembrava de ter visto aquela expressão uma vez antes... em um homem que tinha acabado de ser trespassado por uma lança. Mas, Sturm se recompôs rapidamente.

Gunthar estava tão interessado em observar Montante Luzente que quase perdeu o fio da meada da conversa dos dois cavaleiros ao lado dele. Ele só ouviu o final da sentença de Lorde Alfredo.

— ...Não permitir a Contestação do Cavaleiro.

— Por que não? — Lorde Gunthar perguntou imediatamente, mantendo ainda a voz baixa — É o direito dele de acordo com a Medida.

— Nós nunca tivemos um caso assim — Lorde Alfredo, Cavaleiro da Espada, afirmou categoricamente — Toda vez que um

escudeiro tinha sido trazido diante do Conselho da Ordem para obter sua cavalaria, havia testemunhas, muitas testemunhas. A ele é dada a oportunidade de explicar as razões para suas ações. Ninguém jamais questiona que ele tenha cometido estas ações. Mas a única defesa de Montante Luzente...

— É nos dizer que Teodorico está mentindo — completou Lorde Michael Jeffrey, Cavaleiro da Coroa — E isso é impensável. Aceitar a palavra de um escudeiro contra a de um Cavaleiro da Rosa!

— Mesmo assim, o jovem terá o direito de dar sua explicação — Lorde Gunthar disse, olhando carrancudo para cada um dos outros dois homens — Essa é a Lei de acordo com a Medida. Algum de vocês a questiona?

— Não...

— Não, é claro que não. Mas...

— Muito bem — Gunthar alisou os bigodes e, inclinando-se para frente, bateu gentilmente na mesa de madeira com o punho da espada (da espada de Sturm) que se encontrava sobre a mesa. Os outros dois cavaleiros entreolharam-se pelas costas dele, um levantando a sobrancelha, o outro encolhendo levemente os ombros. Gunthar estava ciente disto, do mesmo modo que ele estava ciente de toda a intriga e trama que agora se difundia em toda a

Cavalaria. Ele preferiu ignorá-los.

Como Gunthar não era ainda forte o bastante para reivindicar a posição vaga de Grão-mestre, embora fosse o mais poderoso dos cavaleiros que estavam sentados no Conselho, ele viu-se obrigado a ignorar muita coisa que ele teria aniquilado sem hesitar em outros tempos. Ele esperava essa deslealdade de Alfredo Markenin (o cavaleiro pertencia ao grupo de Teodorico há muito tempo) mas, ficou surpreso com Michael, que ele pensava ser leal. Aparentemente, Teodorico tinha-o conquistado, também.

Gunthar observou Teodorico Guardiãorreal enquanto os cavaleiros retornavam aos seus lugares. Teodorico era o único rival com dinheiro e apoio capaz de reivindicar o posto de Grão-mestre. Na esperança de conquistar votos adicionais, Teodorico tinha se oferecido como voluntário para realizar a perigosa missão de buscar os legendários orbes do dragão. Gunthar não teve outra escolha a não ser concordar. Se tivesse se recusado, pareceria que ele estava assustado com o crescente poder de Teodorico. Teodorico era inegavelmente o mais qualificado... se a Medida fosse estritamente seguida. Mas, se pudesse, Gunthar, que conhecia Teodorico há muito tempo, teria evitado que ele fosse... não porque temesse o cavaleiro, mas porque Gunthar realmente não confiava nele. O homem era presunçoso e tinha muita sede de poder, e ao frigir dos ovos, a primeira lealdade de Teodorico era para com o próprio Teodorico.

E agora parecia que o bem sucedido retorno de Teodorico com o orbe do dragão tinha ganho o dia. Isso tinha garantido a Teodorico não só a adesão de muitos cavaleiros que já estavam inclinados a apoiá-lo de qualquer maneira, como também seduziu alguns da facção de Gunthar. Os únicos que ainda se opunham a ele eram os cavaleiros mais jovens da ordem mais baixa da Cavalaria, os Cavaleiros da Coroa.

Estes jovens não queriam nada com as duras e rígidas interpretações da Medida, que era o sangue vital para os cavaleiros mais velhos. Eles se esforçavam para provocar uma mudança, e

tinham sido severamente disciplinados por Lorde Teodorico Guardiãorreal por causa disso. Alguns quase perderam o título de cavaleiro. Estes jovens cavaleiros estavam resolvidos a apoiar Lorde Gunthar. Infelizmente, eles eram em pequeno número e na maior parte dos casos, eles tinham mais lealdade do que dinheiro. Entretanto, os cavaleiros jovens tinham adotado a causa de Sturm como se fosse sua própria causa.

Mas, este era o golpe de mestre de Teodorico Guardiãorreal, Gunthar pensou amargamente. Com um só golpe de sua espada, Teodorico ia se livrar do homem que ele odiava e de seu principal rival.

Lorde Gunthar era um amigo bem conhecido da família Montante Luzente, uma amizade que se estendia por várias gerações. Foi Gunthar quem acelerou a reivindicação de Sturm, quando o jovem apareceu do nada para procurar seu pai e sua herança cinco anos antes. Sturm tinha conseguido provar seu direito ao nome Montante Luzente através de cartas de sua mãe. Alguns insinuaram que isso tinha sido feito ilegalmente, mas Gunthar acabou rapidamente com esses rumores. O rapaz era obviamente o filho de seu velho amigo... e isso era claramente visível no rosto de Sturm. Entretanto, o lorde corria um grande risco por apoiar Sturm.

O olhar de Gunthar dirigiu-se a Teodorico que andava entre os cavaleiros sorrindo e apertando mãos. Sim, este julgamento estava fazendo com que ele... Lorde Gunthar Uth Wistan... parecesse um tolo.

Pior ainda, Gunthar pensou com tristeza, voltando os olhos para Sturm, o julgamento vai provavelmente destruir a carreira de alguém que ele acredita ser um homem muito bom, um homem merecedor de seguir os passos de seu pai.

— Sturm Montante Luzente, você ouviu as acusações feitas contra você? — Lorde Gunthar disse quando a sala voltou a ficar em silêncio.

— Eu ouvi, meu lorde — Sturm respondeu. Sua voz grave ecoou de forma assustadora na câmara. De repente, um tronco na lareira enorme atrás de Gunthar partiu-se, liberando uma onda de calor e uma chuva de faíscas que subiu, pela chaminé. Gunthar fez uma pausa enquanto os serventes corriam e adicionavam mais madeira ao fogo. Ele continuou o ritual de perguntas quando os serventes saíram.

— Sturm Montante Luzente, você compreende as acusações feitas contra sua pessoa, e compreende também que estas são acusações graves e elas podem fazer com que o Conselho o considere inepto para a cavalaria.

— Eu compreendo — Sturm começou a responder. A voz dele falhou. Depois de tossir, ele repetiu com mais firmeza — Eu compreendo, meu lorde.

Gunthar alisou o bigode, tentando pensar em como continuar, pois sabia que qualquer coisa que o jovem dissesse contra Teodorico iria refletir negativamente contra o próprio Sturm.

— Que idade você tem, Montante Luzente? — Gunthar perguntou. Sturm piscou diante dessa pergunta inesperada.

— Mais de trinta, eu acredito! — Gunthar continuou pensativo.

— Sim, meu lorde — Sturm respondeu.

— E pelo que Teodorico nos diz de sua experiência no Castelo da Muralha de Gelo, você é um guerreiro treinado...

— Eu nunca neguei isso, meu lorde — Teodorico disse, colocando-se mais uma vez, em pé. Sua voz denotava uma certa impaciência.

— Ainda assim, você o acusa de covardia — Gunthar retrucou — Se não me falha a memória, você afirmou que quando os elfos atacaram, ele se recusou a obedecer sua ordem de lutar.

O rosto de Teodorico enrubesceu.

— Devo lembrar a vossa senhoria que eu não estou em julgamento...

— Você acusa Montante Luzente de covardia diante do inimigo
— Gunthar interrompeu — Já faz muito tempo que os elfos deixaram de ser nossos inimigos.

Teodorico hesitou. Os outros cavaleiros pareceram inquietos. Os elfos eram membros do Conselho da Pedra Branca, mas não lhes era permitido votar. Por causa da descoberta do orbe do dragão, os elfos participariam do próximo Conselho e não era conveniente que os elfos ficassem sabendo que os cavaleiros os consideravam inimigos.

— Talvez “inimigo” seja uma palavra muito forte, meu lorde — Teodorico recuperou-se calmamente — Se eu erro, é simplesmente porque estou sendo forçado a me ater ao que está escrito na Medida. Eu me refiro ao momento no qual os elfos, apesar de não serem de fato nossos inimigos, estavam fazendo tudo que podiam para impedir que trouxéssemos o orbe do dragão para Sancrist. Como esta era minha missão e os elfos se opunham a ela, sou obrigado a defini-los como “inimigos”, de acordo com a Medida.

Bastardo esperto, Gunthar pensou com relutância.

Fazendo uma mesura, como um pedido de desculpas por falar fora de sua vez, Teodorico sentou-se novamente. Muitos dos cavaleiros mais velhos acenaram com a cabeça num sinal de aprovação.

— Também é dito na Medida — Sturm disse calmamente — Que nós não devemos tirar vidas desnecessariamente e que nós devemos lutar apenas em defesa... tanto em nossa defesa quanto em defesa de outrem. Os elfos não ameaçaram nossas vidas. Em nenhum momento nós estivemos realmente em perigo físico.

— Eles estavam disparando flechas contra vocês, homem! —
Lorde Alfredo bateu na mesa com a mão.

— É verdade, meu lorde — Sturm respondeu — Mas todo mundo sabe que os elfos são peritos atiradores. Se eles quisessem nos matar, eles não estariam atirando nas árvores!

— O que você acredita que teria acontecido se vocês tivessem atacado os elfos? — Gunthar perguntou.

— Em meu ponto de vista, os resultados teriam sido trágicos, meu lorde — Sturm disse, com a voz baixa e calma — Pela primeira vez em gerações, elfos e humanos estariam se matando uns aos outros. Eu acredito que os Senhores dos Dragões teriam achado muito divertido.

Vários dos cavaleiros jovens aplaudiram.

Lorde Alfredo olhou para eles irritado com esta grave desobediência das regras de conduta da Medida

— Lorde Gunthar, permita-me lembrá-lo que Lorde Teodorico Guardiãorreal não está em julgamento. Ele já comprovou seu valor diversas vezes no campo de batalha. Eu acredito que nós podemos aceitar a palavra dele com relação àquilo que é ou não uma ação inimiga. Sturm Montante Luzente, você diz que as acusações feitas contra você por Lorde Teodorico Guardiãorreal são falsas?

— Meu lorde — Sturm começou a dizer, umedecendo os lábios que estavam secos e rachados — Eu não estou dizendo que o cavaleiro mentiu. Eu digo, entretanto, que ele me descreveu de uma forma enganada.

— Com que finalidade? — Lorde Michael perguntou.

Sturm hesitou.

— Eu preferia não responder a essa pergunta, meu lorde — ele disse tão calmamente que muitos cavaleiros na fila de trás não conseguiram ouvir e exigiram que Gunthar repetisse a pergunta. Ele o fez e recebeu a mesma resposta, desta vez mais alto.

— Por que razão você se recusa a responder a esta pergunta, Montante Luzente? — Lorde Gunthar perguntou carrancudo.

— Porque de acordo com a Medida vai contra honra da Cavalaria — Sturm respondeu.

O rosto de Lorde Gunthar tornou-se ameaçador.

— Isso é uma acusação séria. Você se dá conta de que ao fazê-la não tem ninguém como testemunha?

— Sim, meu lorde — Sturm respondeu — E é por isso que eu prefiro não responder.

— E se eu lhe ordenar que responda?

— Isso seria diferente, é claro.

— Então, fale, Sturm Montante Luzente. Esta é uma situação atípica e eu vejo como podemos realizar um julgamento justo sem

ouvir tudo. Por que você acredita que Lorde Teodorico Guardiãorreal o descreveu de maneira enganosa?

O rosto de Sturm ficou vermelho. Abrindo e fechando as mãos, ele levantou os olhos e olhou diretamente para os três cavaleiros que estavam sentados naquela sala para julgá-lo. Seu caso estava perdido e ele sabia disso. Ele nunca seria um cavaleiro, nunca conseguiria aquilo que mais queria, até mesmo mais do que a própria vida. E perder tudo isso por sua própria culpa já teria sido ruim o suficiente, mas perder tudo desta forma era como um ferimento purulento. Então, ele disse as palavras que ele sabia que iriam transformar Teodorico em um inimigo implacável pelo resto de sua vida.

— Eu acredito que Lorde Teodorico Guardiãorreal me descreveu de forma enganosa num esforço para avançar na direção de suas próprias ambições, meu lorde.

Começou um tumulto. Teodorico levantou-se. Seus amigos tiveram de segurá-lo, se não ele teria atacado Sturm na Sala do Conselho. Gunthar bateu com o punho da espada na mesa pedindo ordem e depois de algum tempo a assembléia se aquietou, mas não

antes de Teodorico ter desafiado Sturm a testar sua honra no campo de batalha.

Gunthar olhou para o cavaleiro friamente.

— Você sabe Lorde Teodorico... que em época de guerra... os desafios de honra são proibidos! Comporte-se ou eu o expulsarei desta assembléia.

Com a respiração ofegante e o rosto coberto de manchas vermelhas, Teodorico sentou-se novamente no banco.

Gunthar esperou mais alguns minutos até a assembléia se acalmar, depois continuou:

— Você tem mais alguma coisa a dizer em sua defesa, Sturm Montante Luzente?

— Não, meu lorde — Sturm disse.

— Então, você pode se retirar enquanto deliberamos sobre este assunto.

Sturm levantou-se e fez uma mesura para os lordes. Virando-se, ele curvou-se para a Assembléia. Depois, saiu da sala escoltado por dois cavaleiros que o guiaram até uma antecâmara. Lá, os dois cavaleiros deixaram Sturm sozinho sem demonstrar qualquer descortesia. Eles ficaram conversando em voz baixa perto da porta fechada sobre assuntos que não tinham relação com o julgamento.

Sturm sentou-se em um banco na parte mais longínqua da câmara. Ele parecia estar controlado e calmo, mas era tudo uma farsa. Ele estava determinado a não deixar esses cavaleiros verem o

tumulto que havia em sua alma. Ele sabia que era inútil. A expressão de sofrimento de Gunthar dizia-lhe isso. Mas qual seria a sentença? Exílio, tirar-lhe terras e as riquezas? Sturm sorriu com amargura. Ele não tinha nada que eles pudessem lhe tirar. Ele já tinha vivido longe de Solamnia durante tanto tempo que exilá-lo não faria sentido algum. Morte? Ele quase daria as boas vindas a ela. Qualquer coisa seria melhor do que essa existência inútil, essa dor melancólica que lhe palpitava no peito.

Horas passaram-se. O murmúrio das três vozes aumentava e diminuía dentro dos corredores que circundavam a sala, algumas vezes irritadas. A maioria dos outros cavaleiros tinham saído, pois somente os três líderes do Conselho poderiam participar da elaboração da sentença. Os outros cavaleiros estavam divididos em diversas facções.

Os cavaleiros jovens falavam abertamente do porte nobre de Sturm, de seus atos de coragem, os quais nem mesmo Teodorico era capaz de negar. Sturm estava certo em não lutar contra os elfos. Naquele momento, os cavaleiros de Solamnia precisavam de todos aliados que eles pudessem conseguir. Por que atacar desnecessariamente, e assim por diante. Os Cavaleiros mais velhos só tinham uma resposta, a Medida. Teodorico tinha dado uma ordem a Sturm e ele tinha se recusado a obedecer. A Medida dizia que essa atitude não tinha justificativa. As discussões se estenderam por quase toda a tarde.

Então, um pequeno sino de prata soou perto do entardecer.

— Montante Luzente — disse um dos cavaleiros. Sturm levantou a cabeça

— Chegou a hora? — o cavaleiro acenou com a cabeça.

Sturm curvou a cabeça durante um momento, pedindo coragem a Paladine. Depois, colocou-se em pé. Ele e os guardas esperaram até os outros cavaleiros entrarem e se sentarem. Ele sabia que eles já tinham um veredicto assim que entraram.

Por fim, os dois cavaleiros que haviam sido destacados como escolta abriram a porta e gesticularam para que Sturm entrasse. Ele

entrou na Sala com os cavaleiros seguindo atrás dele. O olhar de Sturm fixou-se imediatamente na mesa diante de Lorde Gunthar.

A espada de seu pai (a espada que a lenda dizia ter sido herdada do próprio Berthel Montante Luzente, uma espada que só seria destruída se seu mestre fosse destruído) repousava na mesa. Os olhos de Sturm fitaram a espada. Sua cabeça abaixou-se para esconder as lágrimas que lhe queimavam os olhos.

Enrolado em volta da lâmina estava o antigo símbolo da culpa, rosas negras.

— Tragam Sturm Montante Luzente adiante — anunciou Lorde Gunthar.

O homem, Sturm Montante Luzente, e não o cavaleiro Sturm pensou em desespero. Depois, ele lembrou-se de Teodorico. Sua cabeça levantou-se rapidamente e com orgulho, enquanto ele

piscava para livrar-se das lágrimas. Da mesma forma que teria escondido sua dor de um inimigo no campo de batalha, ele estava determinado a escondê-la agora de Teodorico. Jogando a cabeça para trás de forma desafiadora e com os olhos em Lorde Gunthar e mais ninguém, o escudeiro desacreditado caminhou à frente e parou diante dos três oficiais da Ordem aguardando sua sorte.

— Sturm Montante Luzente, nós o consideramos culpado. Nós estamos prontos para anunciar sua sentença. Você está preparado para recebê-la?

— Sim, meu lorde — Sturm disse com firmeza.

Gunthar cocou o bigode, um sinal que os homens que o tinham servido reconheciam. Lorde Gunthar sempre cocava o bigode antes de entrar em uma batalha.

— Sturm Montante Luzente, é nossa determinação que de agora em diante você pare de usar todo e qualquer brasão ou arma dos Cavaleiros de Solamnia.

— Sim, meu lorde — Sturm disse suavemente, engolindo em seco.

— E de agora em diante, você não receberá nenhum pagamento dos cofres dos Cavaleiros, nem obterá qualquer propriedade ou recompensa deles...

Os cavaleiros presentes na sala mexerem-se inquietos. Isto era ridículo! Ninguém tinha recebido nenhum pagamento por serviços prestados à Ordem desde o Cataclismo. Algo estava errado. Eles sentiram o cheiro do trovão antes da tormenta.

— E por fim — Lorde Gunthar fez uma pausa. Ele inclinou-se para frente enquanto suas mãos brincavam com as rosas negras que

enfeitavam a antiga espada. Seus olhos perspicazes percorriam a Assembléia, cativando a audiência, permitindo que a tensão aumentasse. Quando ele falou, até mesmo o fogo atrás dele tinha parado de estalar.

— Sturm Montante Luzente. Cavaleiros em assembléia. Nunca antes, um caso deste foi trazido diante do Conselho. Talvez, isso não seja tão estranho quanto possa parecer, pois, estes são dias atípicos e sombrios. Nós temos um jovem escudeiro; e eu os lembro que Sturm Montante Luzente é jovem de acordo com todos os padrões da Ordem, um jovem escudeiro notável por sua perícia e valor em combate. Até mesmo seu acusador admite isso. Um jovem escudeiro acusado de desobedecer ordens e de covardia diante do inimigo. O jovem escudeiro não nega essa acusação, mas afirma que ele foi descrito de forma enganosa.

— De acordo com a Medida, nós somos obrigados a aceitar a palavra de um cavaleiro testado e experimentado como Teodorico Guardiãorreal contra a palavra de um “homem que ainda não ganhou seu escudo”. Mas a Medida também determina que esse homem possa chamar testemunhas a seu favor. Devido às circunstâncias incomuns criadas por esta época sombria, Sturm Montante Luzente não é capaz de chamar testemunhas. Do mesmo modo, Teodorico Guardiãorreal também não foi capaz de produzir testemunhas para sustentar sua acusação. Portanto, nós concordamos com o seguinte procedimento que é levemente irregular.

Sturm estava diante de Gunthar confuso e preocupado. O que estava acontecendo? Ele olhou para os outros dois cavaleiros. Lorde Alfredo não estava preocupado em esconder sua raiva. Portanto, era óbvio que esse "acordo" de Gunthar tinha sido forçado.

— É a sentença deste Conselho — Lorde Gunthar continuou — que o jovem Sturm Montante Luzente seja aceito na ordem mais baixa dos cavaleiros... a Ordem da Coroa... em minha honra...

Houve um arquejo geral de assombro.

— E, que além disso, ele seja colocado como o terceiro em comando do exército que em breve içará velas, para Palanthas. Conforme determina a Medida, o Alto Comando deve ter um representante de cada uma das Ordens.

Portanto, Teodorico Guardiãorreal será o Alto Comandante, representando Ordem da Rosa. Lorde Alfredo Markenin representará a Ordem da Espada, e Sturm Montante Luzente atuará, em minha honra, como comandante da Ordem da Coroa.

Em meio a um silêncio estarrecedor, Sturm sentiu lágrimas escorrerem por suas bochechas, mas agora ele não precisava escondê-las mais. Atrás de si, ele ouviu o barulho de alguém se levantar e o tinir raivoso de uma espada. Teodorico saiu da sala furioso caminhando a passos largos e os outros cavaleiros de sua facção o seguiram. Ouviram-se gritos esparsos de aclamação também. Sturm viu entre as lágrimas que perto da metade dos cavaleiros que se encontravam na sala, em particular os cavaleiros jovens que ele iria comandar, estavam aplaudindo. Sturm sentiu uma dor repentina no fundo de sua alma. Apesar de ter vencido, ele estava assustado pelo que a cavalaria tinha se tornado; dividida em facções por homens com sede de poder. Não passava de uma casca corrompida de uma irmandade que já havia sido honrada um dia.

— Parabéns, Montante Luzente — Lorde Alfredo disse formalmente — Espero que você perceba o que Lorde Gunthar fez por você.

— Eu percebo, meu lorde — Sturm disse, fazendo uma mesura
— E eu juro pela espada de meu pai — ele colocou a mão sobre a espada — Que eu serei merecedor da confiança dele.

— Faça isso, jovem — Lorde Alfredo respondeu e saiu. O lorde mais jovem, Michael, acompanhou-o sem dizer uma palavra a Sturm.

Mas os outros cavaleiros jovens adiantaram-se e o congratularam com entusiasmo. Eles brindaram à sua saúde com vinho e teriam ficado enchendo a cara se Gunthar não os tivesse mandado para casa.

Quando os dois ficaram sozinhos na Sala, Lorde Gunthar deu um grande sorriso para Sturm e apertou-lhe a mão. O jovem cavaleiro retribuiu calorosamente o aperto de mão, mas não o sorriso. A dor ainda era muito recente.

Depois, lenta e cuidadosamente, Sturm retirou as rosas negras da espada. Colocando-as na mesa, ele enfiou a lâmina de volta na bainha, em sua cintura. Ele começou a empurrar as rosas de lado, mas parou, pegou uma delas e a enfiou em seu cinto.

— Eu devo lhe agradecer, meu lorde — Sturm começou a falar com um tremor na voz.

— Você não tem nada que me agradecer, filho — Lorde Gunthar disse. Olhando em volta da sala, ele estremeceu — Vamos sair daqui e ir para algum lugar mais aquecido. Você aceitaria um vinho quente?

Os dois cavaleiros caminharam pelos corredores de pedra do castelo antigo de Gunthar, podia-se ouvir o ruído gerado pelos cavaleiros jovens partindo que vinha lá de baixo, cascos de cavalos batendo no pavimento, vozes gritando e algumas cantarolando uma canção militar.

— Eu tenho que lhe agradecer, meu lorde — Sturm disse, com firmeza. O risco que o senhor corre é muito grande. Eu espero ser capaz de provar que mereço...

— Risco! Isso é tolice, meu rapaz — esfregando as mãos para ajudar a restaurar a circulação, Gunthar guiou Sturm até um pequeno quarto decorado para as festas de natal que se aproximavam: rosas de inverno vermelhas plantadas em estufa, penas de martim - pescador e pequenas e delicadas coroas douradas. Uma fogueira queimava resplandecente. Ao comando de Gunthar, serventes trouxeram duas canecas de um líquido fumegante que tinha um aroma de especiarias:

— Muitas vezes seu pai jogou o escudo dele em frente de mim ou ficou ao meu lado, me protegendo quando eu estava no chão.

— E o senhor fez o mesmo por ele —, Sturm disse — O Senhor não lhe deve nada. Comprometer sua honra por mim significa que, se eu fracassar, o senhor sofrerá. O senhor será exonerado de seu posto, perderá seu título e suas terras. Teodorico faria questão disso, ele acrescentou melancólico.

Enquanto sorvia um grande trago de vinho, Gunthar observava o jovem diante de si. Sturm tomou um pequeno gole do vinho por educação e sua mão tremia visivelmente enquanto ele segurava a caneca. Gunthar colocou a mão sobre o ombro de Sturm de forma amável e gentilmente fez com que o jovem se sentasse em uma cadeira.

— Você já fracassou alguma vez no passado, Sturm? —
Gunthar perguntou.

Sturm levantou os olhos castanhos que faiscavam

— Não, meu lorde —, ele respondeu — Eu nunca fracassei.
Juro!

— Então, não tenho porque temer o futuro —, Lorde Gunthar disse sorrindo. Ele levantou a caneca — Eu brindo a sua boa sorte na batalha, Sturm Montante Luzente.

Sturm fechou os olhos. O esforço tinha sido grande demais. Apoiando a cabeça no braço, ele começou a chorar; seu corpo tremia com soluços sentidos. Gunthar segurou seu ombro.

— Eu compreendo... — ele disse, sua mente em uma época passada em Solamnia, quando o pai deste jovem não tinha resistido emocionalmente e chorado da mesma maneira; foi na noite em que Lorde Montante Luzente tinha enviado sua jovem esposa junto com o filho de colo em uma jornada para o exílio... uma jornada da qual ele nunca os veria retornar.

Exausto, Sturm acabou adormecendo com a cabeça apoiada na mesa. Gunthar sentado ao seu lado, bebia o vinho quente absorto em lembranças do passado, até ele próprio adormecer.

Os poucos dias que restavam antes que o exército velejasse para Palanthas passaram muito rápido para Sturm. Ele tinha que encontrar uma armadura usada; ele não tinha dinheiro suficiente para comprar uma nova. Ele acondicionou cuidadosamente a de seu pai com a intenção de levá-la consigo já que tinha sido proibido de usá-la. Além disso, ele tinha que participar de reuniões, tinha planos de batalha para estudar e informações sobre o inimigo para assimilar.

A luta por Palanthas seria dura e definiria o controle de toda parte norte de Solamnia. Os líderes estavam de acordo com as estratégias. Iriam fortificar os muros da cidade com o exército da cidade. Os cavaleiros ocupariam a Torre do Alto Clerista que bloqueava o passo que atravessa a Serra de Vingard. Mas era só nisso que eles concordavam. As reuniões entre os três líderes eram tensas e o clima gélido.

Finalmente chegou o dia em que os navios deveriam partir. Os cavaleiros reuniram-se a bordo. Suas famílias ficaram em silêncio na praia. Embora os rostos estivessem pálidos, houve poucas lágrimas, as mulheres estavam tão lacônicas e inflexíveis quanto seus homens. Algumas esposas traziam espadas presas a suas próprias cinturas.

Todos sabiam que se eles fossem derrotados na batalha no norte, o inimigo viria pelo mar.

Gunthar vestia uma armadura brilhante e estava no cais conversando com os cavaleiros e dando adeus a seus filhos. Ele e Teodorico trocaram algumas palavras ritualísticas como determina a Medida. Ele e Lorde Alfredo abraçaram-se perfunctoriamente. Por fim, Gunthar procurou Sturm. O jovem cavaleiro, vestido com uma armadura simples e surrada, encontrava-se separado da multidão.

— Montante Luzente —, Gunthar disse em voz baixa enquanto se aproximava dele — eu queria ter lhe perguntado isto, mas não consegui encontrar um momento nos últimos dias. Você mencionou que seus amigos estariam vindo para Sancrist. Há algum dentre eles que poderia servir de testemunha diante do Conselho?

Sturm fez uma pausa. Durante um breve instante a única pessoa em quem ele conseguia pensar era Tanis. Seus pensamentos tinham estado com seu amigo durante estes últimos e difíceis dias. Ele teve até um surto de esperança de que Tanis pudesse chegar a Sancrist. Mas a esperança tinha morrido. Onde quer que estivesse, Tanis teria seus próprios problemas e enfrentaria seus próprios perigos. Havia uma outra pessoa também que ele tinha tido

esperança de ver. Sem um pensamento consciente, Sturm colocou a mão sobre a Jóia das Estrelas que trazia pendurada em seu pescoço. Ele quase conseguia sentir seu calor, e ele sabia (sem ter idéia como) que apesar de distante Alhana estava com ele. E também...

— Laurana! — ele disse.

— Uma mulher? — Gunthar franziu a testa.

— Sim, mas é a filha do Orador dos Sóis, um membro da casa real de Qualinesti. E tem o irmão dela, Gilthanas. Os dois testemunhariam em meu favor.

— A casa real... — Gunthar ponderou. Seu rosto alegrou-se — Isso seria perfeito, especialmente agora que nos foi confirmado que o Orador em pessoa atenderá ao Alto Conselho para discutir o orbe do dragão. Se isso acontecer, meu rapaz, de alguma forma eu o

informarei e você poderá colocar a armadura de volta! Você será absolvido! Livre para usá-la sem se envergonhar!

— E o senhor estará livre de seu compromisso — Sturm disse apertando agradecidamente a mão do cavaleiro.

— Não! Não pense assim — Gunthar colocou a mão na cabeça de Sturm da mesma forma que teria colocado a mão na cabeça de seus próprios filhos. Sturm ajoelhou-se diante dele reverente — Receba minha bênção, Sturm Montante Luzente, a bênção de um pai que eu lhe dou na ausência de seu próprio pai. Cumpra seu dever, meu jovem, e continue sendo o filho que seu pai sempre teve. Que o espírito de Lorde Huma esteja contigo.

— Obrigado, meu lorde —, Sturm disse, levantando-se — Adeus.

— Adeus, Sturm —, Gunthar disse. Abraçando rapidamente o jovem cavaleiro, ele se virou e afastou-se.

Os cavaleiros subiram a bordo dos navios. Estava amanhecendo, mas o sol não brilhava no céu de inverno. Nuvens cinza pairavam sobre um mar que estava cinza como chumbo. Não houve gritos de aclamação, o único barulho que se ouvia eram os gritos de comando do capitão e as respostas de sua tripulação, o ranger dos sarilhos e o bater das velas ao vento.

Os navios de velas brancas levantaram âncoras lentamente e navegaram em direção ao norte. Pouco tempo depois, a última vela estava fora de vista, mas ninguém tinha saído do cais, nem mesmo quando uma chuva forte e repentina caiu sobre as pessoas, bombardeando-as com granizo e gotas de gelo, criando uma fina cortina de cor cinza sobre as águas geladas.

O ORBE DO DRAGÃO.

A PROMESSA DE CARAMON.

Raistlin estava em pé na pequena porta do carroção espiando com os olhos dourados a floresta iluminada pelo sol. Tudo estava em silêncio. A festa de natal já tinha passado. O inverno tinha chegado ao interior. Nada se mexia na terra coberta de neve. Seus companheiros tinham se ausentado, ocupados com diversas tarefas.

Raistlin acenou com a cabeça em uma aprovação sinistra. Muito bom. Ele virou-se, voltou para dentro do vagão e fechou as portas de madeira.

Os companheiros estavam acampados há vários dias nas cercanias de Kendermore. Sua jornada estava chegando ao fim. Ela tinha sido inacreditavelmente bem sucedida. À noite eles pretendiam viajar para Arrojos sob o manto protetor da escuridão. Eles tinham dinheiro suficiente para contratar um navio, algum dinheiro extra para comprar suprimentos e pagar uma semana de alojamento em Arrojos. Esta tarde tinha acontecido a apresentação final deles.

O jovem mago atravessou a bagunça e chegou à parte traseira do carroção. Seu olhar fitou mais demoradamente o robe vermelho cintilante que estava pendurado em um prego. Tika tinha começado a empacotá-lo, mas Raistlin ralhou com ela de forma cruel. Ela deu de ombros, deixou o robe de lado e saiu para andar pela floresta, sabendo que Caramon iria encontrá-la como de costume.

Raistlin estendeu a mão magra para tocar o robe, os dedos delgados deslizavam pensativos pelo tecido brilhante coberto de cequins, enquanto ele lamentava o fim deste período de sua vida.

— Eu fui feliz —, ele murmurou consigo mesmo — Estranho. Não houve muitos momentos na minha vida em que eu poderia dizer isso. Com certeza, não quando eu era jovem, nem nestes anos mais recentes depois que eles torturaram meu corpo e me amaldiçoaram com estes olhos. Mas por outro lado, nunca esperei a felicidade. Quão insignificante ela é quando comparada com minha mágica! Mesmo... mesmo assim, estas últimas semanas foram semanas de paz. Semanas de felicidade. Eu não acho que elas voltarão novamente. Não depois do que eu tenho que fazer...

Raistlin segurou o robe durante mais um instante, depois encolheu os ombros, jogou o robe em um canto e permaneceu no fundo do carroção que ele tinha acortinado para seu uso pessoal. Quando estava lá no fundo, ele fechava as cortinas.

Excelente. Ele teria privacidade por várias horas, na verdade até o entardecer. Tanis e Vendaval tinham ido caçar. Caramon tinha ido também, embora todos soubessem que isso era só uma desculpa para ele ficar a sós com Tika. Lua Dourada estava preparando comida para a jornada deles. Ninguém o incomodaria. Satisfeito, o mago acenou com a cabeça para si mesmo.

Sentado diante de uma mesinha de dobrar que Caramon tinha construído para ele, Raistlin tirou cuidadosamente do bolso mais bem escondido de suas vestes uma sacola de aparência comum, a sacola que continha o orbe do dragão. Os dedos esqueléticos tremeram quando ele puxou a cordinha que fechava a sacola. A sacola se abriu. Enfiando a mão dentro da sacola, Raistlin segurou o orbe e puxou-o para fora. Ele o segurava com facilidade na palma de sua mão, inspecionando-o mais detalhadamente para ver se tinha havido alguma mudança.

Não. Uma débil luz verde ainda redemoinhava lá dentro. Ele ainda era frio ao toque como se fosse uma pedrinha de granizo. Sorrindo, Raistlin segurou o orbe com firmeza em uma das mãos enquanto tateava os acessórios debaixo da mesa. Por fim, ele encontrou o que buscava: um pedestal toscamente esculpido em madeira com três pernas. Raistlin colocou-o em cima da mesa. Ele não era muito bonito; Flint teria zombado dele. Raistlin não tinha nem o amor nem a perícia para trabalhar a madeira. Ele tinha esculpido o pedestal penosamente e em segredo, fechado dentro do carroção que balançava para lá e para cá durante os longos dias na estrada. Não, o pedestal não era bonito, mas ele não se importava. Ele servia a seu propósito.

Ele colocou o pedestal sobre a mesa e o orbe sobre o pedestal. O orbe tinha uma aparência lúdica, pois estava do tamanho de uma bolinha de gude, mas Raistlin sentou-se e esperou pacientemente. Como ele já esperava, pouco tempo depois o orbe começou a crescer. Ou será que não? Talvez, o mago estivesse encolhendo. Raistlin não sabia dizer. Ele só sabia que de repente o orbe tinha ficado do tamanho certo. Se alguma coisa estava diferente, era porque ele estava muito pequeno, muito insignificante até mesmo para estar dentro do mesmo aposento que o orbe.

O mago balançou a cabeça. Ele sabia que teria que estar no controle e ele ficou imediatamente ciente dos truques sutis que o orbe estava usando para minar esse controle. Em breve, esses truques não seriam mais sutis. Raistlin sentiu sua garganta apertar. Ele tossiu, amaldiçoando seus pulmões fracos. Depois de inspirar profundamente, ele se forçou a manter a respiração mais profunda e mais fácil.

Relaxe, ele pensou, eu tenho de relaxar. Eu não tenho medo. Eu sou forte. Olhe o que eu já fiz! Ele invocou o orbe silenciosamente: Olhe o poder que eu já obtive! Testemunhe o que eu fiz na Mata Escura. Testemunhe o que eu fiz em Silvanesti. Eu sou forte. Eu não tenho medo.

As cores do orbe continuaram girando suavemente. Não houve resposta.

O mago fechou os olhos durante um instante, impedindo a si mesmo de ver o orbe. Ao readquirir o controle, ele abriu os olhos outra vez e observou o orbe com um suspiro. O momento chegou.

O orbe do dragão tinha atingido o tamanho original. Ele quase podia ver as mãos secas de Lorac segurando o orbe. O jovem mago estremeceu involuntariamente “Não! Pare!” ele disse a si mesmo com firmeza e eliminou instantaneamente a visão de sua mente.

Ele relaxou mais uma vez e começou a respirar com regularidade, mantendo os olhos de ampulheta fixos no orbe. Então, lentamente ele estendeu os dedos delgados de cor metálica. Depois de um momento final de hesitação, Raistlin colocou as mãos sobre o cristal do orbe do dragão e disse as palavras antigas.

— Ast bilak moiparalan/Suh akvlar tantangusar!

Como ele sabia o que dizer? Como ele sabia quais palavras antigas fariam com que o orbe o compreendesse e ficasse ciente de sua presença? Raistlin não sabia. Ele só sabia que de alguma forma, em algum lugar dentro dele, ele sabia as palavras! A voz que tinha falado com ele em Silvanesti? Talvez. Isso não importava.

Ele disse as palavras novamente em voz alta.

— Ast bilak moiparalan! Suh akvlar tantangusar!

A cor verde foi lentamente submersa em uma miríade de cores que giravam e deslizavam e o deixaram tonto só de olhar. O cristal debaixo das palmas de suas mãos estava tão frio que doía só de tocar. Raistlin teve uma visão assustadora dele retirando as mãos do

orbe e sua carne ficando congelada, grudada contra ele. Rangendo os dentes, ele ignorou a dor e sussurrou as palavras mais uma vez.

As cores pararam de girar. Uma luz brilhou no centro, uma luz que não era branca nem negra, era de todas as cores e de nenhuma cor ao mesmo tempo. Raistlin engoliu em seco, lutando contra a fleuma que subia pela sua garganta e o fazia engasgar.

Duas mãos surgiram vindas da luz! Ele sentiu um anseio desesperado de tirar suas próprias mãos, mas antes que ele conseguisse se mover, as duas mãos agarraram as dele num aperto firme e forte. O orbe desapareceu! Ó quarto desapareceu! Raistlin não via nada à sua volta. Nenhuma luz. Nem escuridão. Nada! Nada... só as duas mãos segurando suas mãos. Totalmente aterrorizado, Raistlin se concentrou naquelas mãos.

Humanas? Élficas? Velhas? Jovens? Era impossível dizer. Os dedos eram longos e delgados, mas o seu aperto era o aperto da morte. Se as largasse, ele cairia no vácuo e ficaria vagando sem direção até que a escuridão misericordiosa o consumisse. Mesmo enquanto se agarrava naquelas mãos com força, força essa que lhe era emprestada pelo medo, Raistlin percebeu que as mãos estavam atraindo-o para mais perto, atraindo-o para dentro... para dentro...

Raistlin voltou a si de repente, como se alguém tivesse jogado água fria em seu rosto. Não! Ele disse à mente que ele percebeu estar controlando as mãos. Eu não irei! Embora tivesse medo de perder aquele aperto salvador, ele temia mais ainda ser tragado para um lugar ao qual ele não queria ir. Ele não se largaria. Manterei o controle, ele disse veementemente para a mente que controlava as mãos. Segurando mais firme, o mago invocou toda sua força, toda sua vontade, e puxou as mãos na direção dele!

As mãos pararam. Durante um momento, as duas vontades lutaram entre si, presas em uma disputa de vida ou morte. Raistlin sentiu a força de seu corpo se esgotar, suas mãos enfraquecerem e suas palmas começarem a suar. Ele sentiu as mãos do orbe começarem a puxá-lo novamente, bem devagarinho. Agoniado, Raistlin invocou cada gota de seu sangue, concentrou-se em cada nervo, sacrificou cada músculo de seu débil corpo para recuperar o controle.

Lentamente... lentamente... no momento que ele pensou que seu coração, que batia acelerado, explodiria em seu peito ou seu cérebro irromperia em chamas, Raistlin sentiu as mãos pararem de puxar. Elas ainda o prendiam com firmeza, da mesma forma que ele

manteve o aperto firme nelas. Mas os dois não estavam mais numa disputa. Suas mãos e as mãos do orbe do dragão continuaram segurando umas nas outras, cada lado respeitando o outro, nenhum tentando deles dominar.

O êxtase da vitória, o êxtase da mágica fluiu pelo corpo de Raistlin e explodiu, envolvendo-o em uma luz dourada e cálida. Seu corpo relaxou. Trêmulo, ele sentiu as mãos segurá-lo gentilmente e sustentá-lo, dando-lhe forças.

O que é você? ele perguntou silenciosamente. Você é do bem? Do mal?

Eu não sou nenhum dos dois. Eu sou nada. Eu sou tudo. A essência dos dragões capturada muito tempo atrás, é isso que eu sou.

Como você funciona? Raistlin perguntou. Como você controla os dragões?

Ao seu comando, eu os chamarei para que venham a mim. Eles não conseguem resistir ao meu chamado. Eles obedecerão.

Eles se voltarão contra seus mestres? Eles obedecerão ao meu comando?

Isso depende da força do mestre e a ligação entre os dois. Em alguns casos, ela é tão intensa que o mestre consegue manter o controle do dragão. Mas, a maioria deles fará o que lhes pedir. Eles não conseguem evitar.

Eu tenho de estudar isso, Raistlin murmurou, sentindo-se enfraquecer. Eu não entendo....

Tenha calma. Eu o ajudarei. Agora que nós nos unimos, você pode buscar minha ajuda com frequência. Eu conheço muitos segredos esquecidos há muito tempo. Eles podem ser seus.

Que segredos?... Raistlin sentiu que estava perdendo a consciência. O esforço tinha sido grande demais. Ele lutou para manter seu aperto nas mãos, mas sentiu que se soltava.

As mãos se seguraram nele gentilmente, como uma mãe segura uma criança.

"Relaxe, eu não deixarei você cair". Durma. Você está cansado.

Diga-me! Eu preciso saber! Raistlin gritou silenciosamente.

Eu lhe direi só isto, depois você tem de descansar. A biblioteca de Astinus de Palanthas tem livros, centenas de livros, levados para lá pelos magos da Antigüidade, na época da Batalha Perdida. Para todos que olham esses livros, eles parecem nada mais do que enciclopédias de mágica, histórias sem graça de magos que morreram nas cavernas do tempo.

Raistlin viu a escuridão se arrastando em sua direção. Ele se agarrou nas mãos.

O que os livros contêm na verdade? ele sussurrou.

E, então ele ficou sabendo, e com esse conhecimento a escuridão se derramou sobre ele como as ondas de um oceano.

Escondido nas sombras de uma caverna perto do carroção e aquecidos pelo calor de suas paixões, Tika e Caramon estavam deitados, abraçados. O cabelo ruivo de Tika grudara em volta do rosto e da testa de Caramon formando pequenos cachos, os olhos estavam fechados, e os lábios carnudos abertos.

Seu corpo macio vestido com uma saia de cores berrantes e uma blusa branca de mangas bufantes apertava-se contra o corpo de Caramon. Suas pernas enroscavam-se nas dele, a mão dela acariciava o rosto dele, e seus lábios roçavam nos dele.

— Por favor, Caramon —, ela sussurrou — Isto é uma tortura. Nós queremos um ao outro. Eu não estou com medo. Por favor, faça amor comigo!

— Caramon fechou os olhos. Seu rosto brilhava com o suor. A dor de seu amor parecia impossível de suportar. Ele podia ir em frente e terminar tudo em um doce êxtase. Ele hesitou durante um instante. O cabelo cheiroso de Tika roçava em suas narinas, os lábios macios dela no seu pescoço. Seria tão fácil... tão maravilhoso...

Caramon suspirou. Determinado, ele fechou as mãos em volta dos pulsos de Tika. Determinado, ele os afastou de seu rosto e afastou a garota de si.

— Não —, ele disse com o fogo da paixão sufocando-o. Rolando de lado, ele levantou-se — Não —, ele repetiu — Desculpe-me. Eu não queria que... as coisas fossem tão longe.

— Mas, eu quis! — Tika gritou — Eu não estou com medo! Não mais. Não, ele pensou apertando as mãos contra a cabeça. Eu sinto você tremer em minhas mãos como um coelho preso numa armadilha.

Tika começou amarrar o cordão de sua blusa branca. Incapaz de enxergar com os olhos cheios de lágrimas, ela puxou o cordão com tanta raiva que ele se quebrou.

— Olha aí! Está vendo! — Ela jogou o cordão de seda para dentro da caverna — Eu estraguei minha blusa! Agora vou ter que consertá-la. Todos eles vão saber o que aconteceu, é claro! Ou vão achar que sabem! E... eu... Ah, de que adianta! Chorando de frustração, Tika cobriu o rosto com as mãos e ficou balançando o corpo para frente e para trás.

— Eu não estou nem aí com o que eles pensam! — Caramon disse, e sua voz ecoou na caverna. Ele não a confortou pois sabia que se a tocasse novamente, ele cederia à paixão — Além do mais, eles não pensam nada. Eles são nossos amigos. Eles gostam de nós...

— Eu sei! — Tika soluçava — É o Raistlin, não é? Ele não gosta de mim. Ele me odeia!

— Não diga isso, Tika — A voz de Caramon estava firme — Se ele a odiasse e se ele fosse mais forte, isso não importaria. Eu não

me importaria com nada que os outros dissessem ou pensassem. Os outros querem que sejamos felizes. Eles não entendem porque nós... nós não nos tornamos... uh... amantes. O Tanis disse na minha cara que eu era um tolo...

— E ele tem razão — A voz de Tika foi abafada pelo cabelo molhado de lágrimas.

— Talvez sim. Talvez não.

Alguma coisa na voz de Caramon fez a garota parar de chorar. Ela levantou os olhos para ele quando Caramon se virou para encará-la.

— Você não sabe o que aconteceu com Raist nas Torres da Alta Magia. Nenhum de vocês sabe. Nenhum de vocês jamais saberá. Mas, eu sei. Eu estava lá. Eu vi. Eles me fizeram ver! — Trêmulo Caramon colocou as mãos sobre o rosto. Tika ficou parada.

Então, olhando para ela novamente, ele respirou fundo — Eles disseram que “a força dele salvará o mundo.” Que força? Força interior? Eu sou a força exterior dele! E... eu não entendo, mas Raist me disse no sonho que nós dois éramos uma só pessoa, amaldiçoada pelos deuses e colocada em dois corpos. Nós precisamos um do outro... pelo menos agora. — O rosto do grandalhão ficou sério — Talvez algum dia isso mude. Talvez algum dia ele encontre a força exterior...

Caramon ficou em silêncio. Tika engoliu em seco e passou a mão no rosto — Eu... — ela começou a falar, mas Caramon cortou-a.

— Espere um minuto —, ele disse — Deixe-me terminar. Eu te amo de verdade, Tika. Como qualquer homem ama uma mulher neste mundo. Eu quero fazer amor com você. Se nós não estivéssemos envolvidos nesta estúpida guerra, você seria minha ainda hoje. Neste instante. Mas, eu não posso. Porque, se eu o fizesse, seria um compromisso com você ao qual eu dedicaria minha vida. Você deve vir primeiro em todos meus pensamentos. Você não merece menos do que isso. Mas, eu não posso assumir esse compromisso, Tika. Meu primeiro compromisso é com meu irmão — As lágrimas de Tika voltaram a correr, só que desta vez não por ela e sim por ele — Eu tenho de deixá-la livre para você encontrar alguém que possa...

— Caramon! — Um chamado cortou o doce silêncio da tarde
— Caramon, venha rápido! Era Tanis.

— Raistlin! — disse o grande homem e saiu correndo da caverna sem dizer outra palavra.

Tika observou-o por um momento. Depois, suspirando, ela tentou pentear o cabelo molhado.

— O que foi? — Caramon entrou repentinamente no carroção
— Raist?

Tanis acenou com a cabeça, seu rosto estava sério.

— Eu o encontrei assim — O meio elfo abriu a cortina que o delimitava o pequeno apartamento do mago. Caramon empurrou-o de lado.

Raistlin estava deitado no chão, a pele branca como cera e a respiração curta. O sangue escorria-lhe pela boca. Ajoelhando-se, Caramon tomou-o nos braços.

— Raistlin? — ele sussurrou — O que aconteceu?

— Aquilo foi o que aconteceu —, Tanis disse com tristeza e apontou. Caramon ergueu os olhos e seu olhar repousou sobre o orbe do dragão que tinha crescido e ficado do tamanho que Caramon tinha visto em Silvanesti. Ele estava no pedestal que Raistlin tinha construído para ele; as cores girando e mudando sem cessar, enquanto ele o observava. Caramon inspirou aterrorizado. Visões terríveis de Lorac inundaram sua mente. Lorac enlouquecido morrendo...

— Raist! — ele gemeu e abraçou o irmão.

A cabeça de Raistlin moveu-se de forma frágil. Suas pálpebras se agitaram e ele abriu a boca.

— O que? — Caramon curvou-se sobre ele, o hálito do irmão estava frio ao tocar-lhe a pele — O que?

— Minhas... Raistlin sussurrou — Magias... dos antigos... minhas... Minhas...

A cabeça do mago caiu e ele se calou. Mas, o rosto estava calmo, plácido, relaxado. Sua respiração foi tornando-se cada vez mais regular. Os lábios finos de Raistlin abriram-se num sorriso.

4

HÓSPEDES NA ÉPOCA DE NATAL.

Depois da partida dos cavaleiros para Palanthas, foram necessários vários dias de dura cavalgada para Lorde Gunthar chegar a sua casa a tempo para o natal. As estradas estavam cheias de lama até os joelhos. Seu cavalo tropeçou mais de uma vez e Gunthar, que amava o cavalo tanto quanto amava seus filhos, caminhou sempre que isso era necessário para poupar o animal. Quando chegou ao castelo, entretanto, ele estava exausto, encharcado e tremendo. O cavalariaço veio buscar o cavalo pessoalmente.

— Esfregue-o bem —, Gunthar disse enquanto desmontava com movimentos rígidos — Dê-lhe aveia quente e... Ele continuou com suas instruções, enquanto o homem acenava com a cabeça pacientemente, como se ele nunca tivesse cuidado de um cavalo antes em sua vida. Na verdade, Gunthar estava a ponto dele mesmo levar o cavalo até o estábulo quando seu antigo criado saiu da casa a sua procura.

— Meu lorde — Wills puxou Gunthar de lado — O senhor tem visitas. Eles chegaram há poucas horas.

— Quem? — Gunthar perguntou sem muito interesse, pois visitantes não eram novidade, especialmente durante o natal — Lorde Michael? Ele não podia viajar conosco, mas pedi a ele que parasse aqui quando estivesse indo para sua casa...

— Um velho, meu lorde —, Wills interrompeu —, e um kender.

— Um kender? — Gunthar repetiu um pouco assustado.

— Eu receio que sim, meu lorde. Mas, não se preocupe —, o criado acrescentou apressadamente — Eu guardei os objetos de prata em uma gaveta e sua esposa levou as jóias dela para a adega.

— Até parece que estamos sob um ataque! — Gunthar bufou. Entretanto, ele cruzou o pátio mais rápido do que de costume.

— Todo cuidado é pouco quando se tem uma criatura dessas por perto, meu lorde —, Wills resmungou enquanto caminhava apressado atrás do mestre.

— Quem são esses dois, então? Mendigos? Por que você permitiu que eles entrassem? — Gunthar perguntou, começando a ficar irritado. Tudo que ele queria era seu vinho quente, roupas quentes e receber de sua esposa uma massagem nas costas — Dê-lhes alguma comida e dinheiro e mande-os embora. Reviste o kender primeiro, é claro.

— Eu ia fazer isso, meu lorde —, Wills disse resolutamente — Mas tem alguma coisa a respeito deles, o velho em particular. Na minha opinião, ele é maluco, mas é um maluco inteligente. Ele sabe demais, o que pode ser ruim para ele... ou para nós também.

— O que você quer dizer?

Os dois tinham acabado de abrir as enormes portas de madeira que davam para os aposentos do castelo propriamente dito. Gunthar parou e olhou para Wills pois conhecia e respeitava o aguçado poder de observação de seu criado. Wills olhou em volta, depois inclinou-se mais para perto.

— O velho disse que eu devia lhe dizer que ele tinha notícias urgentes a respeito do orbe do dragão, meu lorde!

— O orbe do dragão! — Gunthar murmurou. O orbe era um segredo, pelo menos ele presumiu que fosse. Os Cavaleiros sabiam dele, é claro. Teria Teodorico contado a mais alguém? Seria esta uma de suas manobras?

— Você agiu com sabedoria, Wills, como sempre —, Gunthar disse finalmente — Onde estão eles?

— Eu os coloquei em sua sala de conferências, meu lorde, imaginei que eles poderiam causar menos danos ali.

— Eu vou trocar de roupa antes que eu acabe morrendo por causa destas aqui, depois os verei imediatamente. Você os deixou à vontade?

— Sim, meu lorde —, Wills respondeu, apressando-se atrás de Gunthar que tinha começado a caminhar novamente — Vinho quente, um pedaço de pão e carne. Embora eu desconfie que o kender já tenha roubado os pratos a uma hora dessas...

Gunthar e Wills ficaram um momento do lado de fora da sala de conferências, ouvindo a conversa dos visitantes.

— Coloque isso de volta! — ordenou uma voz séria.

— Não coloco! É meu! Olhe, já estava na minha algibeira.

— Bobagem! Eu vi você enfiá-la na sua algibeira menos de cinco minutos atrás!

— Bem, você está enganado —, protestou a outra voz num tom magoadado — É minha! Veja, tem meu nome gravado...

— 'Para Gunthar, meu adorado esposo, no Dia do Dom da Vida' —, disse a primeira voz.

Houve um momento de silêncio na sala. Wills ficou pálido. Então, a voz estridente falou, desta vez mais tranqüila.

— Eu acho que ela caiu dentro da minha mochila, Fizban. Foi isso! Veja, minha mochila estava debaixo da mesa. Não foi sorte? Teria quebrado se tivesse caído no chão...

Lorde Gunthar abriu a porta de cara feia.

— Feliz natal para os senhores —, ele disse. Wills entrou atrás dele, correndo os olhos em volta do aposento.

Os dois estranhos se viraram, o velho segurava uma caneca de barro na mão. Wills deu um salto na direção da caneca e pegou-a rapidamente. Olhando indignado para o kender, ele a colocou sobre a cornija da lareira, longe do alcance do kender.

— Mais alguma coisa, meu lorde? — Wills perguntou, olhando de forma significativa para o kender — Devo permanecer e ficar de olho nas coisas?

Gunthar abriu a boca para responder, mas o velho fez um gesto com a mão dizendo para ele não se preocupar.

— Sim, obrigado meu bom homem. Traga mais cerveja. E, não me traga a zurrapa ordinária dos barris dos servos — O velho olhou para Wills, austero — Abra o barril que está no canto escuro perto das escadas da adega. Você sabe, aquele que está coberto de teias de aranha.

Wills olhou para o velho, de boca aberta.

— Vá, pode ir. Não fique aí de boca aberta como um peixe fora d'água! Ele é meio lerdo, não é? o velho perguntou para Gunthar.

— N... não —, Gunthar gaguejou — Está bem, Wills. E... eu acho que vou beber uma caneca, também... da... da cerveja daquele barril perto da... uh... escada. Como você sabia? Ele perguntou para o velho, desconfiado.

— Ah, ele é um usuário de magia —, disse o kender dando de ombros e sentando-se sem ter sido convidado.

— Um usuário de magia? — O velho deu uma olhada em volta — Onde?

Tas sussurrou alguma coisa e cutucou o velho.

— Verdade? Eu? ele disse — Não diga! Que admirável. Sabe que pensando bem, parece que me lembro de uma magia... Bola de fogo. Como era mesmo?

O velho mago começou a dizer as palavras estranhas. Assustado, o kender pulou de seu assento e agarrou o velho.

— Não, Meu Velho! ele disse, puxando Fizban de volta para sua cadeira — Agora não!

— É, acho que não —, o velho disse, pensativo — Mas é uma magia maravilhosa...

— Tenho certeza que sim —, murmurou Gunthar, totalmente confuso. Depois, ele balançou a cabeça e voltou a ficar sério — Agora, me fale sobre vocês. Quem são? Por que estão aqui? Wills disse alguma coisa sobre um orbe do dragão...

— Eu sou... — O mago parou, piscando.

— Fizban —, disse o kender, suspirando. Em pé, ele estendeu a mão educadamente para Gunthar — E, eu sou Tasslehoff Pés Ligeiros. Ele começou a se sentar — Ah —, ele disse levantando-se outra vez — Um Feliz Natal para você também, senhor cavaleiro.

— Sim, sim —, Gunthar cumprimentou-os com um aperto de mão, acenando distraído com a cabeça — Agora, sobre o orbe do dragão?

— Ah. sim, o orbe do dragão! — O ar de confusão desapareceu do rosto de Fizban. Ele olhou para Gunthar com olhos astutos e perspicazes — Onde está ele? Nós viemos de muito longe para buscá-lo.

— Receio que eu não possa lhes dizer —, Gunthar disse tranqüilamente. — Se tal coisa tivesse estado aqui alguma vez...

— Ah, ele esteve aqui —, Fizban respondeu — Trazido a vocês por um Cavaleiro da Rosa, um tal Teodorico Guardiãorreal. E Sturm Montante Luzente estava com ele.

— Eles são meus amigos —, explicou Tasslehoff, vendo o queixo de Gunthar cair — Na verdade, eu os ajudei pegar o orbe —, o kender acrescentou modestamente — Nós o pegamos de um feiticeiro do mal em um palácio feito de gelo. É a história mais maravilhosa... — Ansioso, ele se sentou mais na ponta de sua cadeira — Você quer ouvi-la?

— Não —, disse Gunthar, olhando para os dois pasmo — E se eu acreditasse nessa história da carochinha... espere... — Ele sentou-se novamente em sua cadeira — Sturm disse alguma coisa sobre um kender. Quem eram os outros membros de seu grupo?

— Flint, o anão, Theros, o ferreiro, Gilthanas e Laurana...

— Isso mesmo! — Gunthar exclamou, depois franziu a testa — Mas, ele nunca falou nada de um usuário de magia...

— Ah, isso é porque eu estou morto —, Fizban começou a dizer, colocando os pés sobre a mesa.

Os olhos de Gunthar se arregalaram, mas antes que ele pudesse responder, Wills entrou. Olhando para Tasslehoff, o laçao colocou as canecas na mesa na frente de seu lorde.

— Três canecas, meu lorde. E mais uma na cornija da lareira são quatro. E é melhor ter quatro quando eu voltar!

Ele saiu batendo a porta.

— Eu ficarei de olho nelas —, Tas prometeu solenemente — Você tem algum problema de as pessoas roubarem suas canecas? — ele perguntou a Gunthar.

— Eu... não.... Morto? — Gunthar sentiu que ele estava rapidamente perdendo o controle da situação.

— É uma longa história —, disse Fizban, bebendo o líquido numa golada só. Ele limpou a espuma dos lábios com a ponta da barba — Ah, excelente. Agora, onde é que eu estava?

— Morto —, disse Tas querendo ajudar.

— Ah. sim. Uma longa história. Longa demais para ser contada agora. Nós temos de pegar o orbe. Onde ele está?

Gunthar levantou-se irritado com a intenção de mandar esse velho estranho e esse kender embora da sala e do castelo. Ele ia chamar os guardas para expulsá-los. Mas, ao invés disso, ele percebeu que estava preso ao intenso olhar do velho.

Os Cavaleiros de Solamnia sempre tiveram medo de magia. Apesar de não terem participado da destruição das Torres da Alta

Magia — isso teria sido contra a Medida, — eles não tinham ficado com dó ao ver os usuários de mágica serem expulsos de Palanthas.

— Por que você quer saber? — Gunthar titubeou e sentiu um medo gelado penetrar em seu sangue ao perceber que o estranho poder do velho tomava conta dele. Gunthar sentou-se, lenta e relutantemente.

Os olhos de Fizban reluziam.

— Eu não posso lhe contar meus planos, ele disse calmamente. — Digamos que seja suficiente você saber que eu vim buscar o orbe. Ele foi feito há muito tempo atrás por usuários de mágica! Eu sei dele. Eu sei muita coisa sobre ele.

Gunthar hesitou, lutando contra si mesmo. Afinal de contas, havia cavaleiros guardando o orbe e, se este velho realmente soubesse algo sobre o orbe, que mal poderia haver em lhe dizer

onde ele estava? Além disso, ele realmente não sentiu que tivesse qualquer escolha naquela questão.

Fizban, completamente distraído, pegou a caneca vazia e começou a beber. Ele espiou dentro dela de forma pesarosa enquanto Gunthar respondia.

— O orbe do dragão está com os gnomos.

Fizban deixou a caneca cair, fazendo um barulhão. Ela quebrou-se em centenas de pedaços que saltaram, espalhando-se sobre o chão de madeira.

— Viu? O que foi que eu falei? Tas disse com ar triste, olhando a caneca despedaçada.

Os gnomos tinham vivido a vida inteira no Monte Deixapralá, e como eles eram os únicos que se preocupavam com o lugar, a opinião deles era a única que contava. Certamente eles estavam lá quando os primeiros cavaleiros chegaram a Sancrist vindos do recém-criado reino de Solamnia para construir suas fortalezas e prisões ao longo da parte mais ocidental de sua fronteira.

Os gnomos, que sempre desconfiaram de estrangeiros, ficaram assustados ao ver um navio chegar a suas praias trazendo hordas de seres humanos altos, belicosos e de cara séria. Determinados a manter escondido dos humanos aquilo que eles consideravam um paraíso feito de montanhas, os gnomos resolveram agir. A mais avançada tecnologicamente dentre as raças de Krynn (eles são famosos por terem inventado o motor a vapor e a mola espiral), os gnomos pensaram primeiro em se esconder nas cavernas da montanha, então eles tiveram uma idéia melhor. Esconder a própria montanha!

Depois de vários meses de esforços sem fim de seus maiores gênios mecânicos, os gnomos estavam preparados. Seu plano? Eles iam fazer a montanha deles desaparecer!

Foi nesta conjuntura que os membros da Guilda Gnômica de Filosofia perguntaram se não era provável que os cavaleiros já tivessem notado a montanha, a mais alta da ilha. O desaparecimento repentino da montanha não criaria uma certa curiosidade nos humanos?

Esta pergunta causou um tumulto entre os gnomos. Essa discussão levou dias. A pergunta logo dividiu os gnomos filósofos em duas facções: aqueles que acreditavam que se uma árvore caísse na floresta e ninguém a tivesse ouvido cair, ainda assim a árvore teria feito barulho; e aqueles que acreditavam que se ninguém a tivesse ouvido cair, então ela não teria feito barulho. O que isto tinha a ver com a pergunta original foi trazido à baila no sétimo dia e foi prontamente apresentado para o comitê.

Nesse meio tempo, os engenheiros mecânicos, sentindo-se ofendidos, decidiram-se a ligar o engenho assim mesmo.

E foi assim que naquele dia aconteceu o que ainda é lembrado nos anais de Sancrist (apesar de quase tudo mais ter sido perdido no Cataclismo) como o Dia dos Ovos Podres.

Naquele dia, o ancestral de Lorde Gunthar acordou perguntando-se sono-lento, se seu filho teria caído novamente pelo telhado do galinheiro. Isso tinha acontecido poucas semanas antes, quando o menino estava correndo atrás de um galo.

— Leve-o para o lago —, o ancestral de Gunthar disse sonolento para sua esposa e virou-se de lado na cama, puxando as cobertas sobre a cabeça.

— Eu não posso! ela disse também sonolenta. — Está saindo fumaça da chaminé.

Foi aí que os dois realmente acordaram e perceberam que a fumaça na casa não vinha da chaminé e que aquele cheiro intolerável não estava vindo do galinheiro.

Junto com todos os outros habitantes da nova colônia, os dois correram para fora da casa, engasgando com a fumaça e gaguejando devido ao cheiro que aumentava a cada minuto que passava. Mas eles não conseguiam ver nada. Toda a região estava coberta por uma espessa fumaça amarela que fedia como ovos que tinham ficado três dias no sol.

Depois de algumas horas, toda a colônia estava mortalmente enjoada com o cheiro. Eles pegaram cobertores e roupas e foram para as praias. Respirando agradecidos a brisa fresca, eles se perguntavam se algum dia eles poderiam voltar para suas casas.

Enquanto discutiam isso e observavam ansiosamente para ver se a nuvem amarela subiria para o céu, os colonos ficaram bastante assustados quando viram o que parecia ser um exército de criaturas pardas de baixa estatura sair da fumaça cambaleando e cair quase sem vida aos pés deles.

O povo gentil de Solamnia imediatamente correu para socorrer os pobres gnomos e foi assim que as duas raças que viviam em Sancrist se conheceram.

O encontro entre os gnomos e os cavaleiros acabou sendo bem amigável. O povo solâmnico tinha uma estima muito grande por quatro coisas: honra pessoal, o Código, a Medida e a tecnologia. Eles ficaram extremamente impressionados com os dispositivos para poupar trabalho que os gnomos tinham inventado até aquela data, entre os quais incluíam-se a roldana, o eixo, o parafuso e a roda dentada.

Foi também durante esse primeiro encontro que o Monte Deixapralá recebeu seu nome.

Os cavaleiros logo descobriram que apesar dos gnomos darem a impressão de serem parentes dos anões (por serem baixos e troncados) as semelhanças paravam por aí. Os gnomos eram um povo magro, de pele parda e cabelos brancos sem brilho, altamente agitados e muito temperamentais. Eles falavam tão rapidamente, que no início os cavaleiros pensaram que eles estivessem falando uma língua estrangeira. Mas descobriram que era comum, só que falado numa velocidade maior. Isso ficou óbvio quando um ancião cometeu o erro de perguntar aos gnomos o nome da montanha deles.

Traduzido livremente, era algo mais ou menos assim: Um Monte Grande, Enorme e Alto Feito de Várias Camadas de Rocha dentre as Quais Nós Identificamos Granito, Obsidiana, Quartzo Com Traços de Outras Rochas Que Nós Ainda Estamos Analisando, Que Tem Seu Próprio Sistema Interno de Aquecimento, o Qual Nós Estamos Estudando Para Um Dia Copiar, e Que Aquece a Rocha até Temperaturas Que a Transformam tanto no Estado Líquido quanto Gasoso, Que Ocasionalmente Vêm para a Superfície e Escorre pela Encosta do Monte Grande, Enorme e Alto....

— Deixa pra lá —, o ancião disse apressadamente.

Deixa pra lá! Os gnomos ficaram impressionados. Pensar que esses humanos eram capazes de reduzir algo tão gigantesco e prodigioso a uma coisa tão simples era maravilhoso e incrível. E assim, daquele dia em diante a montanha passou a ser chamada de Monte Deixapralá; para grande alívio da Associação Gnômica dos Fabricantes de Mapas.

Os cavaleiros de Sancrist e os gnomos passaram a viver em harmonia depois disso, os cavaleiros trazendo para os gnomos questões de natureza tecnológica que precisavam ser solucionadas e os gnomos produzindo um fluxo constante de novas invenções.

Quando o orbe do dragão chegou, os cavaleiros precisavam saber como a coisa funcionava. Eles deixaram o orbe sob os cuidados dos gnomos e mandaram dois cavaleiros para guardá-lo. A idéia de que o orbe pudesse ser mágico não tinha lhes passado pela cabeça.

ARREMESSADORES GNOMICOS.

Mas lembre-se. Nenhum gnomo vivo ou entre aqueles que já morreram conseguiu completar uma frase em sua vida. A única forma de se comunicar com eles é interrompendo-os. Não se preocupe em ser mal educado. Eles esperam ser interrompidos.

O velho mago foi interrompido pela chegada de um gnomo usando vestes marrons que veio até eles e curvou-se

respeitosamente.

Tasslehoff observava o gnomo cheio de curiosidade; o kender nunca tinha visto um gnomo antes, embora velhas lendas relativas a Gemacinza de Gargath indicassem que as duas raças tinham sido ligadas em um passado distante. Certamente havia alguma coisa kenderiana no jovem gnomo; as mãos delgadas, a expressão ansiosa e os olhos claros e aguçados, decididos a observar tudo. Mas a semelhança parava por aí. Não havia nada da maneira despreocupada do kender. O gnomo era agitado, sério e metódico.

— Tasslehoff Pés Ligeiros —, disse o kender educadamente, estendendo sua mão. O gnomo pegou a mão de Tas, olhou para ela atentamente, depois, não achando nada de interessante nela, deu aquele aperto “mole” de mão. — E, este é... — Tas começou a apresentar Fizban, mas parou quando o gnomo estendeu a mão e calmamente pegou o hoopak do kender.

— Ah... — disse o gnomo, com os olhos brilhando enquanto segurava a arma. — Mandeparaummembroda Guilda dos Armeiros...

O guarda na entrada do piso térreo da grande montanha não esperou o gnomo terminar. Estendendo a mão, ele puxou uma alavanca e ouviu-se um som estridente. Certo de que um dragão tinha aterrissado atrás dele, Tas girou o corpo pronto para se defender.

— É um apito, disse Fizban. — É melhor se acostumar com isso.

— Apito? — repetiu Tas intrigado. — Eu nunca tinha ouvido um igual antes. Sai fumaça dele! Como ele funci... Ei! Volte aqui! Traga meu hoopak de volta! — ele gritou enquanto seu cajado corria pelo corredor, carregado pelos três gnomos ansiosos.

— SaladeAnálises —, disse o gnomo, — sobreSkimbosh...

— O que?

— Sala de Análises, — Fizban traduziu. — Não entendi o resto. Você têm que falar mais devagar — ele disse balançando seu cajado na direção do gnomo.

O gnomo acenou com a cabeça, mas os olhos claros dele estavam fixos no cajado de Fizban. Depois, percebendo que ele era de madeira simples e estava bastante usado, o gnomo voltou sua atenção para o mago e o kender.

— Estrangeiros, — ele disse. — Eutentareilembrar... eu tentarei lembrar, não se preocupe porque... — ele agora falava devagar e de forma clara — sua arma não será danificada, pois nós vamos apenas fazer um desenho...

— Verdade —, interrompeu Tas um tanto lisonjeado. — Eu poderia fazer uma demonstração de como ele funciona, se você quiser.

Os olhos do gnomo brilharam.

— Issoseriamuito...

— E agora —, interrompeu o kender outra vez, sentindo-se contente por estar sendo capaz de se comunicar, — qual o seu nome?

Fizban fez um gesto rápido, mas era tarde demais.

— Gnoshoshallamarionininillisyylphanitdisdisslishx die...

Ele parou para respirar.

— Esse é seu nome? — Tas perguntou, atônito.

O gnomo soltou o ar.

— Sim —, ele retrucou um pouco desconcertado. — Esse é meu primeiro nome. Agora se você me deixar continuar...

— Espere! — gritou Fizban. — Do que seus amigos o chamam?

O gnomo deu mais uma respirada.

— Gnoshshallamarioninillis...

— Do que os cavaleiros o chamam?

— Ah! — o gnomo pareceu abatido — Gnosh, se você...

— Obrigado, cortou Fizban. — Agora, Gnosh, nós estamos com um pouco de pressa. Tem uma guerra acontecendo e tudo mais. Como Lorde Gunthar disse em seu comunicado oficial, nós temos de ver esse orbe do dragão.

Os pequenos olhos escuros de Gnosh reluziram. Suas mãos se retorciam nervosamente.

— É claro que você pode ver o orbe do dragão se Lorde Gunthar o requisitou, mas que mal lhe pergunte, qual é o seu interesse no orbe além da curiosidade... ?

— Eu sou um usuário de magia... — Fizban começou a falar.

— Usuário de magia! — o gnomo exclamou, e na empolgação esqueceu-se de falar devagar.— vamos imediatamente até a Sala de Análises pois o orbe do dragão foi fabricado por usuários de magia...

Tanto Tas quanto Fizban piscaram sem entender nada.

— Ah! Me acompanhem — o gnomo disse impaciente.

Antes que eles entendessem direito o que estava acontecendo, o gnomo, que ainda estava falando, apressou-os pela entrada da montanha, o que fez disparar um número muito grande de sinos e apitos.

— Sala de Análises? — Tas disse em voz baixa para Fizban enquanto eles corriam atrás de Gnosh. — O que isso quer dizer? Eles não danificaram o orbe, danificaram?

— Eu acredito que não —, Fizban murmurou, enquanto suas espessas sobrancelhas brancas juntavam-se em uma agourenta forma de V sobre seu nariz. — Gunthar enviou cavaleiros para guardar o orbe, lembra-se?

— Então, você está preocupado com o que? — Tas perguntou.

— Os orbes do dragão são coisas estranhas. Muito poderosas. Eu tenho medo que eles possam tentar usá-lo! — Fizban disse mais para si mesmo do que para Tas.

— Mas o livro que li em Tarsis dizia que o orbe seria capaz de controlar dragões! — Tas sussurrou. — Isso não é bom? Quer dizer, os orbes não são do mal, são?

— Do mal? Ah, não! Do mal não. — Fizban balançou a cabeça. — Esse é o perigo. Eles não são do bem nem do mal. Eles não são nada! Ou talvez eu devesse dizer, eles são tudo.

Tas percebeu que ele provavelmente nunca ouviria uma resposta direta de Fizban, cuja mente estava bem longe dali.

Precisando de uma distração, o kender voltou sua atenção para o anfitrião deles.

— O que seu nome quer dizer? — Tas perguntou.

Gnosh sorriu, contente.

— No Princípio, os Deuses Criaram os Gnomos e Um dos Primeiros Que Eles Criaram Chamava-se Gnosh I, e estes são os Fatos Notáveis Que Aconteceram na Vida Dele: Ele Casou-se com Marioninillis...

Tas teve uma sensação de vertigem. — Espere, — ele interrompeu. — Qual é o tamanho de seu nome?

— Ele enche um livro deste tamanho na biblioteca —, Gnosh disse com orgulho, enquanto estendia as mãos, — porque nós somos uma família muito antiga como você verá quando eu contin...

— Não é preciso —, Tas disse rapidamente. Sem olhar onde pisava, ele tropeçou sobre uma corda. Gnosh ajudou-o a levantar-se. Erguendo os olhos, Tas viu que a corda subia até um aglomerado de cordas que estavam conectadas umas às outras e serpeavam em todas as direções. Ele se perguntou para onde elas iriam. — Talvez uma outra hora.

— Mas tem algumas partes muito boas —, Gnosh disse enquanto eles caminhavam na direção de uma enorme porta de aço, — e eu poderia pular para essas partes se você quiser, assim como a parte em que minha tataravô Gnosh inventou a água fervendo...

— Adoraria ouvir essa história, — Tas engoliu em seco. — Mas, não temos tempo.

— É, eu acho que não, — Gnosh disse, — e de qualquer maneira nós estamos na entrada da câmara principal, então, se você me desculpar...

Ainda falando, ele estendeu a mão e puxou uma corda. Um apito silvou. Dois sinos e um gongo soaram. Então, com uma tremenda explosão de vapor que quase escaldou todos eles, duas enormes portas de aço no interior da montanha começaram a se abrir. Quase imediatamente as portas emperraram e depois de poucos minutos o lugar estava fervilhando de gnomos, gritando, apontando e discutindo de quem era a culpa.

Tasslehoff Pés Ligeiros tinha feito planos em sua cabeça sobre o que ia fazer quando esta aventura terminasse e todos os dragões estivessem mortos (o kender tentou manter uma visão positiva). A primeira coisa que planejou fazer foi passar alguns meses com seu amigo Sestun, o anão da ravina de Pax Tharkas. Os anões da ravina levavam uma vida interessante e Tas sabia que ele poderia viver bem feliz por lá, contanto que ele não tivesse de comer a comida deles.

Mas no momento que entrou no Monte Deixapralá, Tas decidiu que a primeira coisa que ele faria seria voltar para cá e morar com

os gnomos. O kender nunca tinha visto coisa tão maravilhosa em sua vida. Ele parou assombrado.

Gnosh olhou para ele.

— Impressionante, não é? — ele disse.

— Não é bem a palavra que eu usaria —, Fizban murmurou.

Eles estavam na parte central da cidade dos gnomos. Construída dentro da chaminé de um vulcão, ela tinha centenas de metros de diâmetro e quilômetros de altura. A cidade tinha sido construída em andares em torno da chaminé. Tas olhou para cima... e para cima... e para cima...

— Quantos andares existem? — o kender perguntou quase caindo de costas enquanto tentava ver.

— Trinta e cinco e...

— Trinta e cinco! Tas repetiu maravilhado. — Eu detestaria morar no trigésimo quinto andar. Quantos degraus você tem que subir?

Gnosh torceu o nariz. — Dispositivos antigos que nós aperfeiçoamos há muito tempo atrás e agora —, ele fez um gesto — veja algumas das maravilhas da tecnologia que nós temos em opera...

— Estou vendo —, disse Tas abaixando os olhos para o piso térreo. — Vocês devem estar se preparando para uma grande batalha. Eu nunca vi tantas catapultas em minha vida...

A voz do kender foi interrompida. Enquanto observava, um apito soou e uma catapulta disparou produzindo um som metálico ao mesmo tempo em que um gnomo saiu viajando no ar. Tas não estava olhando para máquinas de guerra, ele estava olhando para os aparelhos que tinham substituído as escadas!

Aparte de baixo da câmara estava cheia de catapultas, todos os tipos de catapultas já concebidas pelos gnomos. Havia catapultas estilingue, catapultas bestas, catapultas de mola, catapultas a vapor (em fase experimental; eles estavam tentando ajustar a temperatura da água).

Em volta das catapultas, por sobre as catapultas, debaixo das catapultas, e através das catapultas estavam esticados quilômetros e quilômetros de corda que faziam funcionar uma grande variedade de engrenagens, rodas e roldanas, todas girando, rangendo e sendo acionadas. Saindo do piso, saindo das próprias máquinas e saindo também das paredes, havia enormes alavancas que um grande número de gnomos puxava ou empurrava, e algumas vezes fazia as duas coisas ao mesmo tempo.

— Será, por acaso, que a Sala de Análises fica no térreo? —
Fizban perguntou num tom desanimado

Gnosh balançou a cabeça.

— A Sala de Análises fica no décimo quinto andar...

O velho mago saltou um suspiro de cortar o coração.

De repente ouviu-se o som terrível de alguma coisa sendo triturada, o que deixou Tas arrepiado.

— Ah, eles estão prontos para nós. Sigam-me — Gnosh disse.

Tas seguia-o dando pulinhos de alegria quando eles chegaram a uma catapulta gigante. Um gnomo gesticulou para ele irritado, apontando para uma longa fila de gnomos esperando a vez deles. Tas pulou no assento da enorme catapulta estilingue, olhando ansioso dentro da chaminé do vulcão. Acima dele, ele conseguia ver gnomos assomados em vários balcões, que olhavam para ele lá embaixo, todos eles rodeados por grandes máquinas, apitos, cordas, e enormes coisas sem forma penduradas nas paredes como morcegos. Gnosh ficou ao lado dele, dando bronca.

— Os mais velhos primeiro, meu jovem, então saia daí já e deixe — ele arrancou Tasslehoff do assento com uma força notável — primeiro... vamos imediatamente até a Sala de Análises pois o orbe do dragão foi fabricado por usuários de magia...

— Ah, tudo bem —, Fizban disse solenemente enquanto dava um passo em falso e caía sobre um monte de cordas que havia atrás dele. — E... eu acho que me lembro de uma magia minha que me levará bem lá em cima. Levitar. Como era m... mesmo? Espere um minuto.

— Era Você quem estava com pressa — Gnosh disse com sarcasmo e o olhar fixo em Fizban. Os gnomos que estavam na fila começaram a gritar de forma rude, apressando, empurrando e se acotovelando.

— Ah, muito bem —, o velho mago resmungou e subiu no assento com a ajuda de Gnosh. O gnomo que operava a alavanca que disparava a catapulta gritou alguma coisa para Gnosh que soou como — que andar?

Gnosh apontou para cima, gritando de volta.

— Skimbosh!

O chefe caminhou até estar diante da primeira de uma série de cinco alavancas. Um número imenso de cordas esticava-se para cima, até se perder de vista. Fizban, sentou-se no assento da catapulta com um ar miserável, mas ainda tentou se lembrar de sua magia.

— Agora —, berrou Gnosh ao puxar Tas mais perto de si para que ele tivesse uma boa visão, — só um minutinho e o chefe dará o sinal, sim, lá está...

O chefe puxou uma das cordas.

— O que ela faz? — Tas interrompeu.

— A corda toca um sino no Skimhosh... uh... décimo quinto andar, que lhes diz para aguardar uma visita...

— E se o sino não tocar? — Fizban perguntou em voz alta.

— Então, um segundo sino toca avisando que o primeiro sino não tocou...

— O que acontece aqui em baixo se o sino não tocou?

— Nada. É problema de Skimbosh não seu...

— É meu problema se eles não sabem que eu estou chegando! Fizban gritou. — Ou eu simplesmente chego lá e faço uma surpresa para eles!

— Ah —, Gnosh disse, orgulhoso, — veja só...

— Eu vou descer... — disse Fizban.

— Não, espere —, disse Gnosh que angustiado falava cada vez mais rápido, — eles estão prontos...

— Quem está pronto? Fizban indagou irritado.

— Skimbosh! A rede para pegar vocês, veja só...

— Rede! Fizban ficou branco. — Isso também já é demais! Ele passou um pé sobre o lado da catapulta.

Mas, antes que ele conseguisse se mexer, o chefe estendeu a mão e puxou a primeira alavanca. O rangido começou outra vez enquanto a catapulta começava a girar em seu ancoradouro. O movimento repentino jogou Fizban para trás e derrubou-lhe o chapéu sobre os olhos.

— O que está acontecendo? Tas gritou.

— Eles o estão posicionando, Gnosh berrou. — A longitude e a latitude foram pré-calculadas e a catapulta foi ajustada na posição correta para enviar o passageiro...

— E a rede? Tas berrou.

— O mago vai para Skimbosh... ah! É bem seguro, eu garanto... na verdade nós fizemos estudos que provam que voar é mais seguro que andar, e no momento em que ele estiver no ponto mais alto da sua trajetória, começando a descer um pouco, Skimbosh joga uma rede por baixo dele, pegando-o bem assim — Gnosh demonstrou com a mão, fazendo um movimento rápido, como se estivesse pegando uma mosca no ar — e o levanta...

— Isso exige uma sincronização incrível!

— A sincronização é engenhosa pois toda ela depende de um certo gancho que nós desenvolvemos — Gnosh franziu a testa e suas sobrancelhas se juntaram — tem alguma coisa atrapalhando um pouquinho a sincronização, mas criamos um comitê...

O gnomo puxou a alavanca para baixo e Fizban saiu navegando pelo ar enquanto soltava um grito estridente.

— Ó céus, disse Gnosh olhando — parece...

— O que? O que? Tas berrou, tentando ver.

— A rede abriu cedo demais outra vez — Gnosh balançou a cabeça — é a segunda vez que isso acontece hoje, só com Skimbosh e isto definitivamente será discutido na próxima reunião da Guilda da Rede...

Tas ficou boquiaberto diante da visão de Fizban zunindo pelo ar, impelido lá de baixo pela tremenda força da catapulta. De repente o kender entendeu o que Gnosh estava dizendo. Ao invés de abrir depois que o mago tinha passado, apanhando-o no momento em que ele começasse a cair, a rede no décimo quinto andar, abriu-se antes do mago ter atingido o décimo quinto andar. Fizban atingiu

a rede e ficou achatado como uma aranha esmagada. Ele ficou um momento grudado nela de forma precária, com as mãos nos quadris e os cotovelos para fora, depois caiu.

Sinos e gongos soaram imediatamente.

— Não me diga que —, Tas conjecturou desconsolado — Esse é o alarme que avisa que a rede falhou.

— Exatamente, mas não fique alarmado (é só uma piadinha), Gnosh riu — porque os alarmes acionam um dispositivo para abrir a rede do décimo-terceiro andar, bem na hora... ops, um pouco tarde, bem, ainda tem o décimo-segundo andar...

— Faça alguma coisa! Tas esganiçou.

— Não fique tão agitado! Gnosh disse furioso. — E eu terminarei o que eu ia dizer sobre o sistema final de segurança que é, ah, lavai...

Tas assistiu maravilhado quando o fundo de seis barris enormes que estavam pendurados no terceiro andar se abriu, deixando cair milhares de esponjas no chão, bem no centro da câmara. Isso era feito, aparentemente, se todas as redes de todos andares falhassem. Felizmente, a rede do nono andar realmente funcionou e se abriu embaixo do mago na hora certa. Depois, ela se enrolou nele e o puxou rapidamente para o balcão onde os gnomos pareciam relutantes em libertar o mago que praguejava e os amaldiçoava.

— Agora está tudo bem e é sua vez —, disse Gnosh.

— Só uma última pergunta! — Tas berrou para Gnosh enquanto se sentava no banco. — O que acontece se o sistema de emergência com as esponjas falhar?

— É engenhoso — disse Gnosh alegre, — veja bem, se as esponjas caírem um pouco atrasadas, o alarme soará e despejará um enorme barril de água no centro e, como as esponjas estão lá, fica fácil de se limpar a bagunça...

O chefe puxou a alavanca.

Tas tinha a expectativa de encontrar todo tipo de coisas fascinantes na Sala de Análises, mas para sua surpresa achou que ela estava quase vazia. Ela era iluminada por um buraco aberto na encosta da montanha que permitia que a luz do sol entrasse. (Este artifício simples mas engenhoso tinha sido sugerido aos gnomos por um anão de passagem que o chamou de "janela;" os gnomos tinham muito orgulho disso). Havia três mesas na sala e não muito mais que isso. Na mesa central, que se encontrava cercada de gnomos, repousavam o orbe do dragão e o hoopak dele.

Tas notou que o orbe tinha voltado a seu tamanho original. Parecia aquele mesmo pedaço redondo de cristal com um tipo de névoa leitosa colorida girando do lado de dentro. Um Cavaleiro de Solamnia jovem com uma expressão de completo tédio no rosto encontrava-se em pé perto do orbe, guardando-o. Sua fisionomia de aborrecimento mudou imediatamente quando da aproximação de estranhos.

— Tudo bem, — Gnosh disse ao cavaleiro de maneira tranqüilizadora, — estes são os dois sobre os quais Lorde Gunthar nos tinha avisado. — Ainda falando, Gnosh dirigiu-os para a mesa central. Os olhos do gnomo estavam radiantes enquanto ele olhava o orbe. — Um orbe do dragão depois de todos estes anos —, ele murmurou feliz.

— Que anos? Fizban retrucou e parou a uma certa distância da mesa.

— Veja bem —, Gnosh explicou, — cada gnomo tem uma Missão de Vida atribuída a ele no momento de seu nascimento, e desse dia em diante sua única ambição é chegar ao termo dessa Missão de Vida. Minha Missão de Vida foi estudar o orbe do dragão desde...

— Mas, os orbes do dragão estiveram perdidos durante centenas de anos! — Tas disse incrédulo. — Ninguém sabia da existência deles! Como essa poderia ser sua Missão de Vida?

— Ah, nós sabíamos deles —, Gnosh respondeu, — porque essa foi a Missão de Vida de meu avô e depois a Missão de Vida de meu pai. Os dois morreram sem nem mesmo ver um orbe do dragão. Eu pensei que fosse morrer sem vê-lo também, mas agora finalmente apareceu um e eu posso confirmar o lugar de nossa família na vida após a morte...

— Você quer dizer que você não pode chegar na... uh... vida após a morte enquanto não completar sua Missão de Vida? — Tas perguntou. — Mas, seu avó e seu pai...

— Provavelmente com muito desconforto, — Gnosh disse com uma cara triste, — onde quer que eles estejam... Minha nossa!

Uma notável mudança tinha acontecido com o orbe do dragão. Ele começou a girar e cintilar com muitas cores diferentes como se estivesse agitado.

Murmurando palavras estranhas, Fizban caminhou até o orbe e colocou as mãos sobre ele. O orbe ficou instantaneamente negro. Fizban deu uma olhada em volta da sala, sua expressão era tão grave e assustadora que até Tas se afastou. O cavaleiro adiantou-se.

— Saiam! o mago bradou. — Todos vocês!

— Eu recebi ordens para não sair e não vou... O cavaleiro sacou a espada, mas Fizban sussurrou algumas palavras. O cavaleiro caiu no chão.

Os gnomos desapareceram instantaneamente da sala, deixando Gnosh sozinho, torcendo as mãos, com o rosto desfigurado pela agonia.

— Vamos, Gnosh! — Tas insistiu. — Eu nunca o vi dessa forma. É melhor fazermos o que ele diz. Se não o fizermos, é possível que ele nos transforme em anões da ravina ou qualquer outra coisa desagradável!

Choramando, Gnosh permitiu que Tas o levasse para fora da sala. Quando ele olhou para trás, para o orbe do dragão, a porta fechou-se com um estrondo.

— Minha Missão de Vida... o gnomo resmungou.

— Eu sei que tudo vai dar certo —, Tas disse, embora ele não tivesse nenhuma certeza disso. Ele não tinha gostado da expressão no rosto de Fizban.

Na verdade, nem parecia ser o rosto de Fizban... ou qualquer outra pessoa que Tas quisesse conhecer!

Tas sentiu frio e um nó no estômago. Os gnomos murmuravam entre si e lançavam olhares malignos para ele. Tas engoliu em seco, tentando eliminar o gosto amargo que sentia da boca. Depois, puxou Gnosh de lado.

— Gnosh, você descobriu alguma coisa sobre o orbe enquanto você o estudava? — Tas perguntou em voz baixa.

— Bem — Gnosh pareceu pensativo, — eu descobri que tem alguma coisa dentro dele, ou parece ter, porque eu fiquei muito

tempo olhando para ele sem ver nada, depois, bem quando estava para desistir, eu vi palavras girando na bruma...

— Palavras? — Tas interrompeu ansioso. — O que elas diziam?

Gnosh balançou a cabeça.

— Eu não sei, — ele disse solenemente, — porque eu não as consegui ler; ninguém conseguiu, nem mesmo um membro da Guilda dos Estudiosos das Línguas Estrangeiras...

— Mágica, provavelmente —, Tas murmurou para si mesmo.

— Sim —, Gnosh disse com tristeza, — foi o que concluí...

A porta se abriu com violência como se algo tivesse explodido.

Gnosh virou-se aterrorizado. Fizban estava em pé na porta segurando um pequeno saco negro em uma mão, seu cajado e o hoopak de Tasslehoff na outra. Gnosh passou correndo por ele.

— O orbe! — ele esganiçou tão perturbado que conseguiu chegar ao fim de uma sentença. — Você o pegou!

— Sim, Gnosh — disse Fizban.

A voz do mago soou cansada e ao vê-lo de perto, Tas percebeu que ele estava no limite de suas forças. A pele dele estava

cinza e as pálpebras caídas. Ele se apoiava com dificuldade no cajado.

— Venha comigo, meu rapaz —, ele disse para o gnomo. — E não se preocupe. A sua Missão de Vida será cumprida. Mas agora, o orbe tem que ser levado para o Conselho de Pedra Branca.

— Ir com você ao Conselho... — Gnosh repetiu assustado; — ele colocou as palmas das mãos juntas, empolgado — onde talvez eu seja solicitado a fazer um relatório, você acha...

— Eu não tenho a menor dúvida —, Fizban respondeu.

— E pra já, só me dê tempo de fazer as malas; onde estão minhas anotações...

Gnosh saiu correndo. Fizban virou-se para os outros gnomos que tinham se aproximado por trás dele ansiosos para pegar seu cajado. Ele franziu a testa de forma tão assustadora que eles tropeçaram ao se afastarem e desapareceram dentro da Sala de Análises.

— O que você descobriu? — Tas perguntou de modo hesitante enquanto se aproximava de Fizban. O velho mago parecia cercado pela escuridão. — Os gnomos não fizeram nada com ele, fizeram?

— Não, não. — Fizban suspirou. — Felizmente para eles. Pois, ele ainda está ativo e muito poderoso. Muita coisa dependerá das decisões que poucos tomarão... talvez o destino do mundo.

— O que você quer dizer? O Conselho não tomará as decisões?

— Você não compreende, meu rapaz, Fizban disse gentilmente. — Pare por um momento, eu tenho que descansar. — O mago sentou-se e encostou-se contra a parede. Balançando a cabeça, ele continuou. — Eu concentrei minha vontade sobre o orbe, Tas. Ah, não para controlar dragões —, ele acrescentou, vendo os olhos do kender se arregalarem. — Eu olhei para o futuro.

— O que você viu? Tas perguntou indeciso, pois, pela expressão sombria do mago, não estava muito certo de que queria saber.

— Eu vi duas estradas se estendendo diante de nós. Se pegarmos a mais fácil, no início ela parecerá a melhor, mas a escuridão a encobrirá no final, para não mais se retirar. Se pegarmos a outra estrada, ela será dura e difícil de se viajar. Poderá custar a vida de pessoas que nós amamos, meu caro rapaz. Pior ainda, a outros poderá custar as próprias vidas. Mas, somente através desses sacrifícios nós encontraremos esperança. — Fizban fechou os olhos.

— E isso envolve o orbe? — Tas perguntou trêmulo.

— Sim.

— Você sabe o que tem que ser feito para... se pegar a estrada e... escura? — Tas temia pela resposta.

— Eu sei, — Fizban respondeu em voz baixa. — Mas, as decisões não foram deixadas em minhas mãos. Essa responsabilidade será de outros.

— Eu compreendo —, Tas suspirou. — Pessoas importantes, eu suponho. Pessoas como reis, elfos lordes e cavaleiros. — Então, as palavras de Fizban ecoaram em sua cabeça. A vida de pessoas que nós amamos...

De repente formou-se um nó na garganta de Tas que fez ele engasgar. Ele colocou as mãos na cabeça. Tudo estava saindo errado nesta aventura! Onde estava Tanis? E o bom e velho Caramon? E a linda Tika? Tas tentava não pensar neles, principalmente depois daquele sonho.

E Flint... eu não deveria ter partido sem ele, Tas pensou, sentindo-se infeliz. Ele pode morrer, ele pode estar morto agora mesmo! A vida de pessoas que nós amamos! Eu nunca pensei em nenhum de nós morrendo... não de verdade. Eu sempre achei que se estivéssemos juntos, nós seríamos capazes de vencer qualquer coisa! Mas agora, de alguma forma, nós ficamos com medo. E tudo está dando errado!

Tas sentiu a mão de Fizban acariciar seu topete, sua maior vaidade. E pela primeira vez na vida, o kender sentiu-se muito perdido, sozinho e com medo. O mago deu-lhe um abraço carinhoso. Enfiando o rosto na manga de Fizban, Tas começou a chorar.

Fizban deu uns tapinhas nas costas dele.

— Sim —, o mago repetiu, — pessoas importantes.

6

O CONSELHO DA PEDRA BRANCA.

UMA PESSOA IMPORTANTE.

O Conselho da Pedra Branca se reunia no dia vinte e oito de dezembro, conhecido como o Dia da Fome em Solamnia, pois ele comemorava o sofrimento do povo durante o primeiro inverno que se seguiu ao Cataclismo. Lorde Gunthar achou que seria apropriado ter uma reunião do Conselho nesse dia que era marcado por jejum e meditação.

Já fazia mais de um mês que o exército tinha partido para Palanthas. As notícias que Gunthar tinha recebido daquela cidade não eram boas. Na verdade, um relatório tinha chegado bem cedo

na manhã do dia vinte e oito. Depois de ler o relatório duas vezes, ele suspirou, franziu a testa e enfiou o papel em seu cinto.

O Conselho da Pedra Branca tinha se reunido uma vez pouco tempo antes, uma reunião precipitada pela chegada dos elfos refugiados em Ergoth do Sul e pela chegada dos exércitos dragonianos ao norte de Solamnia. Esta reunião do Conselho estava sendo planejada há vários meses, por isso todos os membros, aqueles que tinham uma cadeira no conselho e os consultivos, estavam representados. Entre os membros que podiam votar incluíam-se os Cavaleiros de Solamnia, os gnomos, os anões da colina, o povo de pele escura e navegante de Ergoth do Norte e um representante dos exilados solâmnicos que viviam em Sancrist. Os membros consultivos eram os elfos, os anões da montanha e os kenders. Estes membros eram convidados a dar sua opinião, mas não tinham direito de votar.

A primeira reunião do Conselho, entretanto, não tinha ido bem. Algumas animosidades e desavenças antigas entre as raças representadas explodiram. Em determinado momento Arman Khara, representante dos anões da montanha, e Duncan Martelo de pedra, dos anões da colina, tiveram que ser contidos fisicamente, caso contrário o sangue daquela rixa antiga poderia ter corrido novamente. Alhana Arestelar, representante de Silvanesti na ausência de seu pai, recusou-se a dizer uma palavra durante a sessão inteira. Alhana só tinha vindo porque Porthios de Qualinesti

estava lá. Ela temia uma aliança entre os Qualinesti e os humanos e estava determinada a evitar que isso acontecesse.

Alhana não precisaria ter se preocupado. A desconfiança entre humanos e elfos era tão grande que eles falavam uns com os outros somente por educação. Nem mesmo o comovido discurso de Lorde Gunthar no qual ele declarou, “Nossa união começa a paz; nossa divisão acaba com a esperança!” impressionou os presentes.

A resposta de Porthios a esta declaração tinha sido culpar os humanos pela reaparição dos dragões. Portanto, os humanos deviam se livrar desse desastre. Logo depois que Porthios tornou sua posição clara, Alhana levantou-se com arrogância e saiu, não deixando dessa maneira que alguém tivesse qualquer dúvida quanto à posição dos Silvanesti.

Arman Kharas, o anão da montanha, tinha declarado que seu povo estava disposto a ajudar, mas, os anões da montanha não poderiam ser unidos enquanto o Martelo de Kharas não fosse encontrado. Ninguém sabia na época que pouco tempo depois os companheiros iriam restituir o Martelo, por isso Gunthar foi forçado a desconsiderar a ajuda dos anões. A única pessoa que realmente ofereceu ajuda foi Kronin Kardonó, chefe do povo kender. Como a

última coisa que qualquer país em sã consciência desejaria era a 'ajuda' de um exército kender, este gesto foi recebido com sorrisos educados, enquanto os membros trocaram olhares aterrorizados pelas costas de Kronin.

Portanto, o primeiro Conselho terminou sem concluir muita coisa.

Gunthar tinha expectativas mais altas para esta segunda reunião do Conselho. A descoberta do orbe do dragão, é claro, havia colocado tudo numa perspectiva muito melhor. Os representantes das duas facções élficas tinham chegado. Isso incluía o Orador dos Sóis que levava com ele um humano que afirmava ser um clérigo de Paladine. Gunthar tinha ouvido muita coisa a respeito de Elistan através de Sturm e estava ansioso para conhecê-lo. Mas Gunthar não tinha certeza de quem ia representar os Silvanesti. Ele assumiu que seria o lorde que tinha sido declarado reinante depois do desaparecimento misterioso de Alhana Aurestelar.

Os elfos tinham chegado a Sancrist dois dias antes. As tendas deles tinham sido montadas nos campos, bandeiras de seda com cores alegres flutuavam criando um contraste acentuado com o céu cinza de tempestade. Eles eram a única outra raça a participar do

Conselho. Não houve tempo de enviar uma mensagem aos anões da montanha e as notícias diziam que os anões da colina estavam lutando por sua sobrevivência contra os exércitos dragonianos e nenhum mensageiro conseguia chegar até eles.

Gunthar tinha esperança de que esta reunião conseguiria unir humanos e elfos na grande luta para expulsar os exércitos dragonianos de Ansalon. Mas suas esperanças foram frustradas antes mesmo da reunião começar.

Depois de dar uma olhada no relatório dos exércitos em Palanthas, Gunthar saiu de sua tenda e se preparou para fazer uma inspeção final na Clareira da Pedra Branca para ver se tudo estava em ordem. Wills, seu lacaios, veio correndo atrás dele.

— Meu lorde —, o velho ofegava, — volte imediatamente.

— O que foi? — Gunthar perguntou. Mas, o velho lacaio estava sem fôlego para responder.

Suspirando, o lorde solêmnico voltou para sua tenda onde encontrou Lorde Michael vestido com armadura completa andando nervoso de um lado para outro.

— Qual é o problema? — Gunthar perguntou. Seu coração acelerou quando viu a expressão grave no rosto do jovem lorde.

Michael deu um passo à frente e agarrou Gunthar pelo braço.

— Meu Lorde, nós recebemos um aviso de que os elfos exigirão a devolução do orbe do dragão. Eles estão preparados para ir à guerra a fim de recuperá-lo, se nós não o devolvermos!

— O que? — Gunthar respondeu incrédulo. — Guerra! Contra nós! Isso é ridículo! Eles não podem... Você tem certeza? Quão confiável é esta informação?

— Eu receio que ela seja muito confiável, Lorde Gunthar.

— Meu lorde, eu lhe apresento Elistan, clérigo de Paladine, — Michael disse. — Eu lhe peço desculpas por não tê-lo apresentado antes, mas minha cabeça esteve confusa desde que ele me deu essas notícias.

— Eu ouvi muito a seu respeito, senhor —, Lorde Gunthar disse e estendeu a mão para o homem.

Os olhos do cavaleiro estudaram Elistan com curiosidade. Gunthar mal sabia o que ele esperava ver em um suposto clérigo de

Paladine; talvez alguém harmonioso de vistas fracas, pálido e magro de tanto estudar. Gunthar não estava preparado para este homem forte e alto que poderia ter marchado para a guerra junto com os melhores cavaleiros. O antigo símbolo de Paladine, um medalhão de platina estampado com um dragão, pendurado no pescoço.

Gunthar recapitulou tudo o que tinha ouvido de Sturm a respeito de Elistan, inclusive a intenção do clérigo de tentar convencer os elfos a se unirem aos humanos. Elistan sorriu fatigado como se estivesse ciente de todos os pensamentos que passavam pela cabeça de Gunthar. E respondeu a todos esses pensamentos.

— Sim, eu fracasei, — Elistan admitiu. — Tudo que eu consegui fazer foi persuadi-los a participarem da reunião do Conselho e eu temo que eles tenham vindo aqui somente para lhe dar um ultimato: devolva o orbe aos elfos ou lute para mantê-lo em seu poder.

Gunthar deixou-se cair em uma cadeira, gesticulando debilmente com a mão para os outros se sentarem. Em uma mesa diante dele havia mapas abertos das terras de Ansalon que mostravam com diferentes tons escuros, os avanços insidiosos dos

exércitos dragonianos. O olhar de Gunhtar demorou-se nos mapas depois, de repente, ele os jogou no chão.

— Acho melhor desistirmos agora mesmo! — ele resmungou.
— Envie uma mensagem para os Senhores dos Dragões: “Não se preocupem em vir até aqui para acabar conosco. Nós estamos fazendo isso muito bem, sozinhos”.

Com raiva, ele jogou na mesa a mensagem que tinha recebido.

— Aí está! E de Palanthas. O povo insistiu para que os cavaleiros saíssem da cidade. Os palanthianos estão negociando com os Senhores dos Dragões, e a presença dos cavaleiros compromete seriamente a posição deles. Eles se recusam a nos dar ajuda. E com isso um exército de mil palanthianos está ocioso!

— O que é que Lorde Teodorico está fazendo, meu lorde? — Michael perguntou.

— Ele, os cavaleiros e mil soldados de infantaria e refugiados das terras ocupadas em Throtyl estão fortificando a torre do Alto Clerista ao sul de Palanthas, — Gunthar disse cansado. — Ela protege o único passo através da Serra de Vingard. Nós protegeremos Palanthas durante um certo tempo, mas se os exércitos dragonianos conseguirem passar... Ele se calou. — Droga, — ele sussurrou batendo o punho gentilmente sobre a mesa, — nós poderíamos defender aquele passo com dois mil homens! Os idiotas! E agora, isso! Ele levantou a mão na direção das tendas élficas.

Gunthar suspirou e apoiou a cabeça em suas mãos.

— Bem, o que você aconselha, clérigo?

Elistan ficou calado um minuto antes de responder.

— Está escrito nos Discos de Mishakal que o mal, por sua própria natureza, se voltará sempre contra si mesmo. Portanto, ele derrota a si próprio. — Ele colocou a mão no ombro de Gunthar. — Eu não sei o que pode resultar desta reunião. Meus deuses não me revelaram esse segredo. Pode ser que eles mesmos não saibam; que o futuro do mundo está indefinido e que aquilo que nós decidirmos aqui irá defini-lo. Eu sei de uma coisa, não entrem com a derrota em seus corações, pois essa será a primeira vitória do mal.

Depois de dizer isso, Elistan levantou-se e saiu da tenda silenciosamente.

Gunthar ficou em silêncio depois que o clérigo saiu. Na verdade parecia que o mundo todo estava em silêncio, ele pensou. O vento tinha parado de soprar durante a noite. As nuvens de tempestade pairavam baixas e pesadas, abafando o som de forma que até mesmo o chamado alto e claro do clarim marcando o amanhecer parecia sem brilho. Um ruído quebrou sua concentração. Michael estava lentamente juntando os mapas esparramados.

Gunthar levantou a cabeça e esfregou os olhos.

— O que você acha?

— Do que? Dos elfos?

— Daquele clérigo —, Gunthar disse fixando os olhos na abertura da tenda.

— Certamente não era o que eu esperava, Michael respondeu acompanhando o olhar de Gunthar. — Parece mais com as histórias que nós ouvimos dos antigos clérigos, aqueles que guiaram os Cavaleiros na época anterior ao Cataclismo. Ele não se parece com os charlatões que existem agora. Elistan é um homem que estaria ao seu lado no campo de batalha, invocando a benção de Paladine com uma mão e agitando a clava com a outra. Ele usa um medalhão que ninguém tinha visto desde que os deuses nos abandonaram. Mas será que ele é um clérigo verdadeiro? — Michael encolheu os ombros. — Vai ser preciso bem mais do que um medalhão para me convencer.

— Eu concordo. — Gunthar levantou-se e começou a caminhar na direção da porta da tenda. — Bem, está quase na hora. Fique aqui Michael para o caso de chegar algum outro relatório. — Ele ia saindo, mas parou na entrada da tenda. — Que estranho, Michael —, ele murmurou enquanto seus olhos acompanhavam Elistan, que agora não era mais do que um pontinho branco a distância. — Nós sempre fomos um povo que buscou a esperança nos deuses, um povo de fé que sempre desconfiou da magia. E agora, nós buscamos nossa esperança através da magia e quando aparece uma oportunidade para renovarmos nossa fé nós a questionamos.

Lorde Michael não respondeu. Gunthar balançou a cabeça e seguiu seu caminho em direção à Clareira da Pedra Branca ainda ponderando.

Como Gunthar disse, o povo Solâmnico tinha sido um seguidor fiel dos deuses. Muito tempo atrás, antes do Cataclismo, a Clareira da Pedra Branca tinha sido um dos centros sagrados de adoração. O fenômeno da pedra branca tinha atraído a atenção dos curiosos desde tempos imemoriáveis. O rei-sacerdote de Istar em pessoa abençoou a enorme pedra branca localizada no meio da clareira

eternamente verde, declarando-a sagrada aos deuses e proibindo qualquer ser mortal de tocá-la.

Mesmo depois do Cataclismo, quando a crença nos deuses deixou de existir, a Clareira continuou sendo um lugar sagrado. Talvez isso tenha acontecido porque nem mesmo o Cataclismo a afetou. A lenda diz que quando a montanha flamejante caiu do céu, o chão em volta da Pedra Branca rachou e se separou, mas a Pedra Branca continuou intacta.

A visão da enorme pedra branca era tão maravilhosa que mesmo agora ninguém ousava aproximar-se dela ou tocá-la. Ninguém sabia dizer que estranhos poderes ela possuía. Tudo o que eles sabiam era que o ar em volta da Pedra Branca parecia sempre cálido e primaveril. Não importava a intensidade do inverno, a grama na Clareira da Pedra Branca estava sempre verde.

Apesar de triste, Gunthar relaxou quando entrou na clareira e respirou o ar doce e cálido. Por um momento, ele sentiu novamente o toque da mão de Elistan em seu ombro transmitindo-lhe uma sensação de paz interior.

Olhando em volta, ele viu que tudo estava pronto. Volumosas cadeiras de madeira com ornamentos esculpidos no encosto tinham sido colocadas na grama verde. As cinco cadeiras para os membros votantes do Conselho estavam à esquerda da Pedra Branca, as três para os membros consultivos encontravam-se à direita. Bancos lustrados para as testemunhas do procedimento, ficavam de frente para a Pedra Branca e os membros do Conselho como exigia a Medida.

Gunthar notou que algumas das testemunhas já tinham começado a chegar. A maior parte do grupo élfico que viajava com o Orador e o lorde de Silvanesti estava ocupando seus lugares. As duas raças élficas inimigas sentaram uma perto da outra, separadas dos humanos que também ocupavam seus assentos. Todos se sentaram em silêncio, alguns em respeito ao Dia da Fome, outros, como os gnomos, que não guardavam aquele feriado, assombrados com tudo a sua volta. Os assentos da primeira fila eram reservados para convidados de honra ou para aqueles que tinham permissão para falar diante do Conselho.

Gunthar viu Porthios, o filho do Orador, entrar de cara séria com uma comitiva de guerreiros élficos. Eles ocuparam os assentos

da frente. Gunthar se perguntava onde estaria Elistan. Ele pretendia pedir-lhe que fizesse um discurso. Ele tinha ficado impressionado com as palavras daquele homem (mesmo que ele fosse um charlatão) e esperava que Elistan as repetisse.

Enquanto procurava em vão por Elistan, ele viu três figuras estranhas entrarem e se sentarem na primeira fila: o velho mago com seu chapéu torto e sem forma, seu amigo kender e um gnomo que eles tinham trazido com eles do Monte Deixapralá. Os três tinham chegado de viagem na noite passada.

Gunthar foi obrigado a voltar sua atenção para a Pedra Branca. Os membros consultivos do Conselho estavam entrando. Só havia dois deles, Lorde Quinath de Silvanesti e o Orador dos Sóis. Gunthar olhou curioso para o Orador, pois sabia que ele era um dos poucos seres em Krynn que se lembrava dos horrores do Cataclismo.

O Orador estava tão curvado que parecia aleijado. O cabelo dele era grisalho e seu rosto mostrava desânimo. Mas quando ele se sentou e voltou seu olhar para as testemunhas, Gunthar viu que os olhos do elfo eram claros e cativantes. Gunthar já conhecia Lorde Quinath que sentou-se ao lado do Orador. Gunthar o conhecia e o

considerava tão arrogante e orgulhoso quanto Porthios de Qualinesti, porém sem a inteligência que Porthios possuía.

Quanto a Porthios, Gunthar achou que existia uma boa chance dele vir a gostar muito do filho mais velho do Orador. Porthios tinha todas as características que os cavaleiros admiravam com uma exceção: ele se irritava facilmente.

As observações de Gunthar foram interrompidas, pois havia chegado a hora dos membros votantes do Conselho entrarem e Gunthar tinha que tomar seu lugar. Primeiro entrou Mir Kar-thon de Ergoth do Norte, um homem de pele escura com cabelos grisalhos da cor de aço e os braços de um gigante. Depois veio Serdin MarThasal, que representava os exilados que viviam em Sancrist e por último Lorde Gunthar, Cavaleiro de Solamnia.

Depois de se sentar, Gunthar olhou ao redor uma última vez. A enorme Pedra Branca reluzia atrás dele emitindo sua estranha radiação pois o sol não iria brilhar naquele dia. Do outro lado da Pedra Branca sentou-se o Orador e próximo a ele Lorde Quinath. Diante deles sentavam-se as testemunhas de frente para o Conselho. O kender estava sentado em silêncio balançando as pernas curtas. O gnomo procurava alguma coisa no que parecia ser

uma resma de papel; Gunthar estremeceu desejando ter tido tempo para pedir um relatório mais conciso. O velho mago bocejava e cocava a cabeça enquanto espiava distraidamente a sua volta.

Tudo estava pronto. A um sinal de Gunthar dois cavaleiros entraram carregando um pedestal dourado e um baú de madeira. Um silêncio quase mortal desceu sobre a multidão enquanto eles assistiam à entrada do orbe do dragão.

Os cavaleiros pararam, ficando diretamente de frente para a Pedra Branca. Um dos cavaleiros colocou o pedestal dourado no chão. O outro pousou o baú, abriu a fechadura e retirou cuidadosamente o orbe que já estava do seu tamanho original, com sessenta centímetros de diâmetro.

Ouviu-se um burburinho na multidão. O Orador dos Sóis mexia-se inquieto, franzindo a testa. Seu filho, Porthios, virou-se para dizer alguma coisa para um lorde élfico próximo a ele. Gunthar percebeu que todos os elfos estavam armados. Isso não era um bom sinal, do pouco que ele sabia do protocolo élfico.

Ele não tinha outra escolha a não ser continuar. Pedindo ordem aos presentes à reunião, Lorde Gunthar Uth Wistan anunciou.

— Que o Conselho da Pedra Branca tenha início.

Depois de uns dois minutos, ficou claro para Tasslehoff que tudo estava uma tremenda bagunça. Antes de Lorde Gunthar terminar seu discurso de boas vindas, o Orador dos Sóis se levantou.

— Minha fala será breve —, o líder élfico afirmou com uma voz que se igualava à cor cinza aço das nuvens de tempestade que flutuavam acima de sua cabeça. — Os Silvanesti, os Qualinesti e os Kanganesti reuniram-se em conselho pouco depois do orbe ter sido removido de nosso acampamento. É a primeira vez que os membros das três comunidades se reúnem desde as Guerras Fratricidas. Ele fez uma pausa de modo a enfatizar bem aquelas últimas palavras. Depois, ele continuou.

— Decidimos deixar de lado nossas diferenças num entendimento perfeito de que o orbe do dragão deveria estar de posse dos elfos e não nas mãos de humanos ou qualquer outra raça de Krynn. Portanto, viemos diante do Conselho da Pedra Branca pedir que o orbe nos seja entregue imediatamente. Em troca, nós garantimos que o levaremos para nossas terras e o manteremos seguro até a hora, se é que essa hora um dia vai chegar, que ele for necessário.

O Orador sentou-se enquanto seus olhos escuros perscrutavam a multidão, cujo silêncio agora era quebrado por um murmúrio de vozes suaves. Os outros membros do Conselho sentados ao lado de Lorde Gunthar balançaram suas cabeças com expressões soturnas. O líder de pele escura do povo de Ergoth do Norte sussurrou alguma coisa para Lorde Gunthar com uma voz áspera e fechou o punho para dar ênfase a suas palavras.

Lorde Gunthar, depois de ouvir e concordar com a cabeça durante vários minutos, levantou-se para responder. Seu discurso foi tranqüilo, calmo e lisonjeiro aos elfos. Mas ele dizia nas entrelinhas que os Cavaleiros preferiam ver os elfos no Abismo a lhes dar o orbe do dragão.

O Orador, entendendo perfeitamente a mensagem dura como aço encoberta por palavras bonitas, levantou-se para responder. Ele disse só uma sentença, mas ela fez com que a multidão ficasse em pé.

— Então, Lorde Gunthar — o Orador disse, — os elfos declaram que daqui para frente, nós estamos em guerra!

Humanos e elfos dirigiram-se para o orbe do dragão que estava no pedestal dourado com sua cor branca como leite girando gentilmente dentro do cristal. Gunthar gritou e bateu com o punho da espada na mesa mais de uma vez pedindo ordem. O Orador disse algumas palavras ásperas em élfico enquanto olhava fixamente para seu filho, Porthios, e a ordem foi finalmente restaurada.

Mas a atmosfera ficou tensa como o ar antes de uma tormenta. Gunthar falou. O Orador respondeu. O Orador falou. Gunthar respondeu. O marinheiro de pele escura perdeu o controle e

fez algumas observações sarcásticas obre os elfos. O lorde dos Silvanesti o fez tremer de raiva com seus comentários sarcásticos. Vários dos cavaleiros saíram, retornando depois armados até os dentes. Eles se colocaram perto de Gunthar com as mãos nas armas. Os elfos liderados por Porthios, levantaram-se e fizeram um círculo em volta de seus próprios lideres.

Gnosh, que segurava firme seu relatório, começou a perceber que não lhe pediriam que o entregasse.

Tasslehoff olhou em volta desesperado procurando por Elistan. Ele continuava esperando desesperadamente que o clérigo viesse. Elistan conseguiria acalmar essas pessoas. Ou talvez Laurana. Onde estava ela? Os elfos tinham dito friamente ao kender que eles não tinham recebido notícias de seus amigos. Aparentemente ela e o irmão tinham desaparecido na floresta. Eu não deveria tê-los deixado, Tas pensou. Eu não deveria estar aqui. Por que este mago louco me trouxe junto com ele? Eu sou inútil! Talvez Fizban pudesse fazer alguma coisa? Tas olhou esperançoso para o mago, mas Fizban estava dormindo profundamente!

— Por favor, acorde! Tas implorou chacoalhando o velho. —
Alguém tem que fazer alguma coisa!

Naquele momento, ele ouviu o Lorde Gunthar gritar

— O orbe do dragão não é seu por direito! Lady Laurana e os outros o estavam trazendo para nós quando naufragaram! Vocês tentaram mantê-lo em Ergoth à força e sua própria filha...

— Não fale de minha filha! — o Orador disse com uma voz grave e áspera. — Eu não tenho uma filha.

Algo estalou dentro de Tasslehoff. Memórias confusas de Laurana lutando desesperadamente contra o feiticeiro do mal que guardava o orbe, Laurana lutando contra os dragonianos, Laurana disparando sua flecha contra o dragão branco, Laurana cuidando dele quando ele esteve perto da morte. Ser banida pelo próprio povo enquanto ela se esforçava desesperadamente para salvá-lo, quando ela tinha sacrificado tanto...

— Parem com isso! — Tasslehoff ouviu-se gritando com toda sua força. Parem com isso agora mesmo e me ouçam!

De repente ele viu para sua surpresa que todos tinham parado de conversar e estavam olhando para ele.

Agora que tinha uma audiência cativa, Tas percebeu que ele não tinha a mínima idéia do que dizer para todas essas pessoas importantes. Mas ele sabia que tinha de dizer alguma coisa. Afinal de contas, ele pensou, isto é culpa minha, fui eu quem leu sobre esses malditos orbes. Engolindo em seco, ele saiu de seu banco e caminhou na direção da Pedra Branca e dos dois grupos hostis reunidos em volta dela. Ele teve a impressão de ter visto Fizban sorrindo, com o canto dos olhos.

— E... eu... — O kender gaguejou, pensando no que dizer. Ele foi salvo por uma inspiração repentina.

— Eu exijo o direito de representar meu povo —, Tasslehoff disse com orgulho, — e tomar meu lugar entre os membros consultivos.

Jogando a mecha de cabelos castanhos sobre o ombro, o kender ficou bem em frente ao orbe do dragão. Olhando para cima, ele podia ver a Pedra Branca que se elevava acima do orbe e dele também. Tas olhou para a pedra trêmulo depois rapidamente voltou os olhos para Gunthar e o Orador dos Sóis.

De repente, Tasslehoff sabia o que tinha que fazer. Ele começou a tremer de medo. Ele, Tasslehoff Pés Ligeiros, que nunca tinha tido medo de nada em toda sua vida! Eleja tinha enfrentado dragões sem tremer, mas aquilo que ele ia fazer agora o assustava. Ele sentiu um formigamento nas mãos como se tivesse feito bolas de neve sem luvas. Sua língua parecia que era grande demais para caber na própria boca. Mas, Tas estava decidido. Ele só precisava mantê-los falando e evitar que eles descobrissem o que ele tinha planejado.

— Vocês nunca levaram os kenders a sério —, Tas começou a falar; sua voz soava muito alta e aguda até mesmo para seus próprios ouvidos, — e eu não posso culpá-los muito por isso. Talvez nós não tenhamos um grande senso de responsabilidade e provavelmente somos curiosos demais para o nosso próprio bem, mas eu lhes pergunto, como alguém vai descobrir qual quer coisa se não for curioso?

Tas viu o rosto do Orador tornar-se duro como aço; até mesmo Lorde Gunthar estava franzindo a testa. O kender aproximou-se do orbe do dragão.

— Suponho que tenhamos criado muitos problemas sem querer, e de vez em quando alguns de nós têm o costume de recolher algumas coisas que não são nossas. Mas, uma coisa que qualquer kender sabe é...

Tasslehoff disparou a correr. Rápido e liso como um camundongo, ele escapou fácil das mãos que tentaram agarrá-lo e alcançou o orbe do dragão numa questão de segundos. Os rostos se

embaçaram à sua volta, bocas se abriram esganiçando e gritando com ele. Mas era tarde demais.

Num movimento rápido, Tasslehoff arremessou o orbe do dragão contra a enorme e brilhante Pedra Branca.

O cristal redondo brilhante, com seu interior girando agitado, ficou suspenso no ar alguns segundos que pareceram uma eternidade. Tas se perguntava se o orbe tinha o poder de interromper seu próprio vôo. Mas isso era só uma idéia febril na mente do kender.

O orbe do dragão atingiu a rocha e se despedaçou, transformando-se em milhares de pedaços cintilantes. Durante um instante, uma bola de fumaça branca como leite pairou no ar, como se estivesse fazendo uma tentativa desesperada de manter-se intacta. Então, a brisa cálida da clareira a desfez.

Fez-se um silêncio profundo e horrível.

O kender ficou olhando calmamente para o orbe do dragão despedaçado.

— Nós sabemos —, ele disse numa voz baixa que caiu como uma pequena gota de chuva naquele silêncio mortal, — que nós deveríamos estar lutando contra os dragões. Não uns contra os outros.

Ninguém se moveu. Ninguém falou. Então, ouviu-se um barulho abafado.

Gnosh tinha desmaiado.

O silêncio foi quebrado de forma quase tão estrondosa quanto o despedaçar do orbe. Lorde Gunthar e o Orador correram na direção de Tas. Um agarrou o kender pelo ombro esquerdo, o outro pelo direito.

— O que você fez? — O rosto de Lorde Gunthar estava lívido e seus olhos agitados quando ele agarrou o kender com as mãos trêmulas.

— Você trouxe a morte a todos nós! — Os dedos do Orador penetraram na carne de Tas como garras de uma ave de rapina. — Você destruiu nossa única esperança!

— Por isso, ele próprio será o primeiro a morrer!

Porthios, o lorde élfico alto de cara feia, aproximou-se do kender, que se encolhia de medo, com a espada brilhando na mão. O kender resistiu ao ataque com seu pequeno rosto pálido e uma

expressão desafiadora ficando entre o rei élfico e o cavaleiro. Quando cometeu o crime, ele sabia que o castigo seria a morte.

Tanis ficará desgostoso com o que eu fiz, Tas pensou com tristeza, mas pelo menos ele vai ouvir dizer que eu morri bravamente.

— Bem, bem, bem... — - disse uma voz sonolenta. — Ninguém vai morrer! Pelo menos, não agora. Pare de brandir essa espada, Porthios! Alguém pode se machucar.

Tas olhou por debaixo de um mar de braços e armaduras reluzentes e viu Fizban passar bocejando por cima do corpo inerte do gnomo e caminhar na direção deles. Elfos e humanos abriram caminho para ele passar como se estivessem sendo compelidos por uma força invisível.

Porthios virou-se com tanta raiva na direção de Fizban que a saliva brotava de seus lábios e seu discurso era quase incoerente.

— Tome cuidado, meu velho, senão você poderá receber a mesma punição!

— Eu disse para você parar de brandir essa espada —, Fizban retrucou irritado e agitou um dedo na direção da espada.

Porthios largou a arma com um grito de dor. Segurando a mão que queimava e ardia, ele olhou assustado para a espada no chão; o cabo tinha espinhos! Fizban parou ao lado do lorde élfico e o encarou com raiva.

— Você é um bom rapaz, mas deveria ter sido ensinado a respeitar os mais velhos. Eu disse para você abaixar a espada e eu falei sério! Talvez você acredite em mim da próxima vez! — O olhar ameaçador de Fizban voltou-se para o Orador. — E você, Solostaran,

foi um bom homem duzentos anos atrás. Conseguiu criar três filhos ótimos... três filhos ótimos, eu disse. Não me venha com essa conversa fiada sobre não ter uma filha. Você tem uma filha e que moça boa ela é. Mais sensata que o pai dela. Deve ter puxado a mãe. Onde estava eu? Ah, sim. Você criou Tanis Meio Elfo também. Sabe de uma coisa, Solostaran, com esses quatro jovens nós ainda podemos salvar este mundo.

— Agora, eu quero que todos voltem a seus lugares. Sim, você também, Lorde Gunthar. Venha comigo, Solostaran, eu o ajudarei. Nós velhos temos que nos unir. Pena que você seja tão tolo.

Resmungando consigo mesmo, Fizban guiou o desconcertado Orador até sua cadeira. Porthios com o rosto contorcido de dor sentou-se em seu assento com a ajuda de seus guerreiros.

Calmamente, os elfos e os cavaleiros em assembléia sentaram-se enquanto murmuravam entre si e lançavam olhares lúgubres para o orbe do dragão que jazia despedaçado ao pé da Pedra Branca.

Fizban colocou o Orador em seu banco, olhou carrancudo para Lorde Quinath que por um momento pensou que tinha alguma coisa para dizer, mas decidiu rapidamente que não era nada. Satisfeito, o velho mago dirigiu-se para o lugar onde Tas se encontrava, trêmulo e confuso, diante da Pedra Branca.

— Você —, Fizban olhou para o kender como se nunca o tivesse visto antes, — cuide daquele pobre rapaz. — Ele agitou a mão na direção do gnomo que ainda estava desmaiado.

Sentindo os joelhos tremerem, Tasslehoff caminhou lentamente até Gnosh e ajoelhou-se ao lado dele, contente por poder olhar para alguma outra coisa que não fossem rostos cheios de raiva e medo.

— Gnosh —, ele sussurrou com tristeza enquanto dava tapinhas no rosto do gnomo, — Sinto muito. De verdade. Estou falando da sua Missão de Vida e da alma de seu pai e tudo mais. Mas, parecia não haver outra solução.

Fizban virou-se calmamente e encarou o grupo em assembléia enquanto colocava o chapéu de volta na cabeça.

— Sim, eu vou lhes passar um sermão. Vocês merecem... todos vocês... por isso não fiquem aí com essas caras de virtude. Aquele kender — ele apontou para Tasslehoff que se encolheu de medo — tem mais cérebro debaixo daquele topete ridículo do que todos vocês juntos. Vocês sabem o que teria acontecido com vocês se o kender não tivesse tido coragem de fazer o que ele fez? Vocês sabem? Bem, eu lhes direi. Deixem-me achar um lugar para sentar... — Fizban olhou vagamente em volta. — Ah, sim, aqui está... — Acenando a cabeça de satisfação, o velho mago caminhou com passos curtos e inseguros como os de uma criança e se sentou no chão e encostou suas costas na Pedra Branca sagrada!

Os cavaleiros ficaram ofegantes e aterrorizados. Gunthar levantou-se de um salto, horrorizado com este sacrilégio.

— Nenhum mortal pode tocar a Pedra Branca! — ele berrou, avançando a passos largos na direção de Fizban.

Fizban calmamente virou a cabeça na direção do cavaleiro furioso.

— Mais uma palavra —, o velho mago disse solenemente, — e eu farei seu bigode cair. Agora, sente-se e cale a boca!

Gunthar, que tartamudeava sem parar, foi interrompido por um gesto imperioso do velho mago. O cavaleiro não pode fazer nada além de voltar para seu assento.

— Onde eu estava antes de ser interrompido? — Fizban franziu a sobrancelha. Olhando em volta, seu olhar recaiu sobre os pedaços quebrados do orbe. — Ah! sim. Eu ia lhes contar uma história. Um de vocês teria ficado com o orbe, é claro. E vocês o teriam levado para mantê-lo “a salvo” ou para “salvar o mundo.” Sim, ele é capaz

de salvar o mundo, mas só se você souber como usá-lo. Quem entre vocês tem esse conhecimento? Quem tem a força? O orbe foi criado pelos maiores e mais poderosos magos da Antigüidade. Todos os mais poderosos... vocês entenderam? Foi criado pelos magos de Vestes Brancas e os de Vestes Negras. Ele tem tanto a essência do mal quanto a essência do bem. Os magos de Vestes Vermelhas combinaram as duas essências e as uniram com a força deles. Hoje em dia, existe pouca gente com poder e força suficientes para compreender o orbe, para penetrar em seus segredos e adquirir controle sobre ele. Pouquíssimos, sem dúvida — os olhos de Fizban brilhavam — e nenhum deles está sentado aqui!

O silêncio agora era completo enquanto eles ouviam o velho mago, cuja voz era forte e se elevava acima do ruído produzido pelo vento que soprava as nuvens de tempestade do céu.

— Um de vocês teria levado o orbe e usado e teria descoberto que tinha provocado uma catástrofe. Ele certamente teria se destruído da mesma maneira que o kender destruiu o orbe. E, por falar em destruir esperanças, eu lhes digo que a esperança andou perdida por um bom tempo, mas agora ela renasceu...

Uma repentina rajada de vento bateu no chapéu do velho mago, tirando-o de sua cabeça e levando-o para longe como um brinquedo. Resmungando irritado, Fizban rastejou para pegá-lo.

No momento em que o mago se inclinou, o sol apareceu entre as nuvens. Viu-se um brilho prateado, seguido de um estalo ensurdecedor como se a própria terra estivesse se abrindo.

Ofuscadas pela luz resplandecente as pessoas piscaram e olharam amedrontadas e assombradas para a visão horripilante diante de seus olhos.

A Pedra Branca tinha se partido em duas.

O velho mago estava estirado na base da pedra com o chapéu na mão e o outro braço jogado sobre a cabeça, de medo. Acima dele, perfurando a rocha no local onde ele estava sentado, havia uma arma longa feita de prata cintilante. Ela tinha sido arremessada

pelo braço de prata de um homem negro, que se adiantou até estar ao lado dela. Havia três pessoas acompanhando o homem: uma mulher élfica vestida com uma armadura de couro, um velho anão de barba branca e Elistan.

Em meio ao silêncio da multidão atordoada, o homem negro estendeu a mão e retirou a arma de dentre os pedaços partidos da rocha. Ele a ergueu acima de sua cabeça, e a ponta farpada dela reluziu sob os raios do sol de meio dia.

— Eu sou Theros Ferro Forjado —, o homem exclamou com a voz grave, — e eu passei o último mês forjando isto! — Ele sacudiu a arma na mão. — Eu peguei prata derretida do poço escondido no interior do Monumento ao Dragão Prateado. Com o braço de prata que me foi dado pelos deuses eu forjei a arma como a lenda profetizou. E eu a trouxe para vocês, para todo o povo de Krynn, dessa forma nós podemos nos juntar e derrotar o grande mal que ameaça nos jogar nas sombras para sempre.

— Eu lhes trago... a Lança de Dragão!

Com isso, Theros arremessou a arma contra o chão. Ela fincou-se ereta e brilhante entre os pedaços partidos do orbe do dragão.

UMA JORNADA INESPERADA.

— Agora, minha tarefa está completa —, Laurana disse. —
Estou livre para partir.

— Sim —, Elistan disse lentamente, — e eu sei porque você vai
partir —, Laurana enrubesceu e abaixou os olhos — mas, para onde
você irá?

— Silvanesti, — ela respondeu. — O último lugar onde eu o vi.

— Mas foi em um sonho...

— Não, aquilo foi mais que um sonho —, Laurana respondeu e encolheu os ombros. — Era real. Ele estava lá. Ele está vivo e eu tenho de encontrá-lo.

— Então, você deveria ficar aqui, minha querida —, Elistan sugeriu. — Você disse que no sonho ele tinha encontrado um orbe do dragão. Se o encontrou, ele virá para Sancrist.

Laurana não respondeu. Infeliz e indecisa, ela olhou para uma janela do castelo de Lorde Gunthar, onde ela, Elistan, Flint e

Tasslehoff estavam hospedados como convidados.

Ela devia estar com os elfos. Antes deles partirem da Clareira da Pedra Branca, seu pai havia lhe pedido para ela voltar com eles para Ergoth do Sul. Mas Laurana se recusou. Embora não tivesse dito isso, ela sabia que nunca mais viveria com seu povo outra vez.

Seu pai não a tinha pressionado e, ao olhar nos olhos dele, ela percebeu que ele tinha ouvido as palavras não ditas. Os Elfos envelheciam com o passar dos anos e não de dias como os humanos. Parecia que o tempo tinha se acelerado para o pai dela e ele estava envelhecendo diante dela. Ela sentiu como se o visse através dos olhos de ampulheta de Raistlin e esse pensamento era assustador. E para piorar as coisas, as notícias que ela havia lhe trazido só fizeram aumentar a infelicidade amarga dele.

Gilthanas não tinha retornado. E Laurana nem poderia contar a seu pai para onde seu amado filho tinha ido pois a jornada que ele e Silvara estavam fazendo era secreta e repleta de perigos. Laurana só disse a seu pai que Gilthanas não estava morto.

— Você sabe onde ele está? — o Orador perguntou depois de uma pausa.

— Eu sei —, Laurana respondeu, — ou melhor, eu sei para onde ele está indo.

— E você não pode falar sobre isso nem comigo... o pai dele?

Laurana balançou a cabeça com firmeza.

— Não, Orador! Não posso. Perdoe-me, mas quando decidimos nos incumbir desta ação desesperada, concordamos que aqueles de nós que soubessem não contariam para ninguém. Ninguém —, ela repetiu.

— Então, você não confia em mim...

Laurana suspirou. Seus olhos se voltaram para a Pedra Branca despedaçada.

— Pai —, ela disse, — você quase foi à guerra contra as únicas pessoas que podem nos ajudar a nos salvarmos...

Seu pai não respondeu, mas pelo seu frio adeus e a maneira como se apoiou no braço de seu filho mais velho, ele deixou claro para Laurana que ele agora só tinha um filho.

Theros foi com os elfos. Depois de sua dramática apresentação com a lança de dragão, o Conselho da Pedra Branca tinha votado

por unanimidade construir mais destas armas e unir todas as raças na luta contra os exércitos dragonianos.

— No momento —, Theros disse, — nós temos somente as lanças que eu fui capaz de forjar sozinho no prazo de um mês e eu trouxe várias lanças antigas que os Dragões Prateados tinham escondido na época em que os dragões haviam sido banidos do mundo. Mas nós vamos precisar de mais, muitas mais. Preciso de homens para me ajudar!

Os elfos concordaram em fornecer homens para ajudar a fazer as lanças de dragão, mas se eles iriam ajudar ou não na luta...

— Isso é um assunto que precisamos discutir —, o Orador disse.

— Não demorem muito tempo discutindo —, Flint Forjardente retrucou, — se não quando vocês se derem conta, estarão

discutindo o assunto com o Senhor dos Dragões.

— Os elfos têm seu próprio conselho e não pedem nenhuma opinião aos anões —, o Orador respondeu com frieza. — Além disso, nós nem mesmo sabemos se essas lanças funcionam! É certo que a lenda diz que elas deveriam ser forjadas por aquele que tem um Braço de Prata. Mas ela também dizia que o Martelo de Kharas era necessário para esse trabalho. Onde está o Martelo agora? — ele perguntou a Theros.

— Não seria possível trazer o martelo para cá a tempo, mesmo que ele pudesse ser escondido dos exércitos dragonianos. O Martelo de Kharas era necessário no passado porque a perícia do homem não era suficiente para produzir as lanças. A minha perícia é suficiente —, ele acrescentou com orgulho. — Você viu o que a lança fez com aquela pedra.

— Nós veremos o que ela faz com dragões —, o Orador disse e o Segundo Conselho da Pedra Branca chegou ao fim. Gunthar propôs por fim que as lanças que Theros tinha trazido com ele fossem enviadas para os cavaleiros em Palanthas.

Esses pensamentos passaram pela cabeça de Laurana enquanto ela olhava para a paisagem desolada do inverno. Lorde Gunthar disse que em breve estaria nevando no vale.

Não posso ficar aqui, Laurana pensou enquanto pressionava o rosto contra o vidro frio. Ficarei louca.

— Estudei os mapas de Gunthar —, ela murmurou quase para si mesma, — e vi onde estão os exércitos dragonianos. Tanis nunca chegará a Sancrist. E se estiver com o orbe, ele pode não estar sabendo o perigo que o orbe representa. Eu preciso avisá-lo.

— Minha querida, você não está falando com sensatez —, Elistan disse com suavidade. — Se Tanis não puder chegar a Sancrist em segurança, como você chegará até ele? Pense logicamente, Laurana...

— Não quero pensar logicamente! — Laurana gritou, batendo o pé e olhando com raiva para o clérigo. — Estou farta de ser sensata! Estou cansada dessa guerra toda. Já fiz a minha parte... mais do que a minha parte. Só quero encontrar Tanis!

Vendo o rosto solidário de Elistan Laurana suspirou.

— Me desculpe, meu caro amigo. Eu sei que o que você diz é verdade —, ela disse, envergonhada. — Mas não consigo ficar aqui sem fazer nada!

Embora não tivesse mencionado, Laurana tinha uma outra preocupação. Aquela mulher humana, a tal da Kitiara. Onde ela estaria? Será que eles estavam juntos como ela tinha visto no sonho? De repente Laurana percebeu que a lembrança da imagem de Tanis colocando o braço em volta de Kitiara era mais perturbadora do que a imagem que ela tinha visto de sua própria morte. Naquele momento, Lorde Gunthar entrou na sala.

— Ah! — ele disse espantado ao ver Elistan e Laurana. —
Desculpe-me, espero não estar incomodando...

— Não, por favor, entre —, Laurana disse rapidamente.

— Obrigado —, Gunthar disse enquanto entrava e fechava cuidadosamente a porta, mas não sem antes dar uma olhada no corredor para ter certeza de que não havia ninguém por perto. Ele se reuniu aos dois perto da janela.

— Na verdade, eu precisava falar com vocês dois mesmo. Mandei Wills procurá-los. Mas assim é melhor. Ninguém saberá que nós estamos conversando.

Mais intriga, Laurana pensou cansada. Durante toda sua jornada até o castelo de Gunthar, ela não tinha ouvido falar de mais nada além da rivalidade política que estava destruindo a Cavalaria.

Chocada e indignada com a história de Gunthar sobre o julgamento de Sturm. Laurana tinha ido a um Conselho dos Cavaleiros para falar em defesa de Sturm. Apesar da presença de uma mulher no Conselho ser uma coisa inédita, os cavaleiros ficaram impressionados com o discurso eloqüente desta jovem linda e vibrante em favor de Sturm. O fato de Laurana ser um membro da casa real élfica e ter trazido as dragonlances também falava altamente a seu favor.

Até mesmo a facção de Teodorico (aqueles que tinham permanecido), teve grande dificuldade em ver qualquer falha nela. Mas, os cavaleiros tinham sido incapazes de chegar a uma decisão. O homem apontado para assumir o lugar de Lorde Alfredo estava sem dúvida na tenda de Teodorico (assim a frase foi dita) e Lorde Michael vacilou tanto que Gunthar foi forçado a colocar o assunto em votação. Os cavaleiros exigiram um período de reflexão e a reunião foi interrompida. Eles tinham sido reconvidados esta tarde. Aparentemente Gunthar tinha acabado de chegar desta reunião.

Laurana sabia que as coisas tinham sido favoráveis a julgar pela expressão no rosto de Gunthar. Mas, se foi assim, por que a manobra?

— Sturm foi perdoado? — ela perguntou.

Gunthar sorriu e esfregou as mãos.

— Perdoado, não, minha querida. Isso teria implicado na culpa dele. Não. Ele foi completamente inocentado de qualquer suspeita! Eu forcei nessa direção. O perdão não teria sido nada adequado para nós. A cavalaria dele foi outorgada. Ele agora tem o posto oficialmente concedido a ele. E Teodorico está em sérias dificuldades!

— Eu estou contente no que toca a Sturm —, Laurana disse indiferente, trocando olhares preocupados com Elistan. Apesar de ter gostado do que tinha visto sobre Lorde Gunthar, ela tinha crescido

em uma casa real e sabia que Sturm estava sendo usado como uma peça de um jogo.

Gunthar notou o toque frio na voz dela e seu rosto ficou sério.

— Lady Laurana —, ele disse de forma mais sombria, — Eu sei que você está pensando que eu estou fazendo de Sturm uma marionete. Vamos ser brutalmente francos, dama. Os Cavaleiros estão divididos, separados em duas facções, a de Teodorico e a minha. E nós dois sabemos o que acontece com uma árvore dividida em duas, ambos os lados definham e morrem. Esta luta entre nós tem de terminar, ou ela terá conseqüências trágicas. Agora, Lady Laurana e Elistan, pois eu aprendi a confiar e a dar valor ao seu bom senso, eu deixo isto nas mãos de vocês. Vocês me conhecem e vocês também conheceram Lorde Teodorico Guardiãorreal. Quem vocês escolheriam para dirigir os Cavaleiros?

— Você, é claro, Lorde Gunthar —, Elistan disse com sinceridade.

Laurana acenou com a cabeça.

— Eu concordo. Esta disputa é prejudicial para a Cavalaria. Eu mesma vi isso na reunião do Conselho. E do que eu ouvi dos relatórios vindos de Palanthas, ela está prejudicando nossa causa lá também. Entretanto, minha primeira preocupação tem que ser com meu amigo.

— Eu entendo muito bem e fico contente em ouvir isso de você —, Gunthar disse em aprovação, — porque isso faz com que o grande favor que vou lhes pedir se torne mais fácil. — Gunthar pegou no braço de Laurana. — Eu quero que você vá para Palanthas.

— O que? Por que? Eu não estou compreendendo!

— É claro que não. Deixe-me explicar. Por favor, sente-se. Você também,

Elistan. Eu servirei um vinho...

— Não, obrigada —, Laurana disse, sentando-se perto da janela.

— Muito bem. — O rosto de Gunthar ficou sério. Ele colocou sua mão na de Laurana. — Nós conhecemos política, eu e você, Laurana. Por isso, eu vou colocar todas as peças do meu jogo diante de você. Teoricamente você estará viajando para Palanthas para ensinar os cavaleiros a usarem as lanças de dragão. Esta é uma razão legítima. Fora Theros, você e o anão são os únicos que sabem como usá-las. E nós temos que admitir que o anão é pequeno demais para usar uma.

Gunthar pigarreou.

— Você levará as lanças para Palanthas. Mas, mais importante ainda, você levará consigo uma Ordem de Vindicação do Conselho que restabelece totalmente a honra de Sturm. Isso será um golpe mortal na ambição de Teodorico. No momento que Sturm vestir a armadura, todos saberão que eu tenho total apoio do Conselho. Eu não tenho dúvidas de que Teodorico irá a julgamento quando voltar.

— Mas, por que eu? — Laurana perguntou diretamente. — Eu posso ensinar qualquer pessoa a usar a dragonlance; Lorde Michael, por exemplo. Ele pode levá-las para Palanthas. Ele pode levar a Ordem para Sturm...

— Lady — Lorde Gunthar segurou a mão dela mais firme, chegou mais perto e disse pouca coisa mais alto que um sussurro — a senhora ainda não entendeu! Eu não posso confiar em Lorde Michael! Eu não posso... eu não ousou confiar em nenhum dos cavaleiros neste assunto. Teodorico foi derrubado de seu cavalo, por assim dizer, mas ele ainda não perdeu o torneio. Preciso de alguém em quem eu possa confiar! Alguém que conheça Teodorico por aquilo que ele é e que goste muito de Sturm!

— Eu gosto muito de Sturm —, Laurana disse com frieza. — Eu o coloco acima dos interesses da Cavalaria.

— Ah, mas lembre-se, Lady Laurana —, Gunthar disse, colocando-se em pé e curvando-se enquanto beijava a mão dela, — a única coisa que Sturm deseja é a Cavalaria. O que você acha que aconteceria com ele se a Cavalaria acabasse? O que acontecerá com ele se Teodorico assumir o controle?

E claro que no final Laurana concordou em ir para Palanthas, como Gunthar sabia que ela devia fazer. À medida que a hora da partida se aproximava, ela começou a sonhar quase toda noite com Tanis chegando à ilha poucas horas depois dela ter partido. Mais de uma vez ela quase se recusou a ir, mas depois pensou que teria de encarar Tanis e lhe dizer que ela tinha se recusado a ir até Sturm para lhe avisar deste perigo. Isso fez com que ela mudasse de opinião várias vezes. Isto, mais seu apreço por Sturm.

Foi durante as noites a sós, quando seu coração e seus braços doíam por causa da falta de Tanis e ela tinha visões dele segurando aquela mulher humana de cabelos escuros e encaracolados, de olhos castanhos reluzentes, e um sorriso torto e charmoso que a alma de Laurana ficou perturbada.

Seus amigos não conseguiram consolá-la muito. Um deles, Elistan, tinha partido quando um mensageiro dos elfos chegou solicitando a presença do clérigo e pedindo que um emissário dos cavaleiros o acompanhasse. Havia pouco tempo para despedidas. Um dia depois do mensageiro élfico ter chegado, Elistan e o filho de Lorde Alfredo, um jovem solene e sério chamado Douglas, começou a jornada de volta a Ergoth do Sul. Laurana nunca tinha se sentido tão sozinha quanto no momento em que se despediu de seu mentor.

Tasslehoff também teve que encarar uma triste despedida.

Em meio à empolgação com a lança de dragão, todos se esqueceram do pobre Gnosh e sua Missão de Vida que jazia em milhares de pedaços cintilantes sobre a grama. Todos menos Fizban. O velho mago levantou-se de onde estava agachado no chão diante da Pedra Branca estilhaçada e foi até o gnomo atordoado que fitava aflito o orbe do dragão todo despedaçado.

— Calma, calma, meu rapaz —, disse Fizban, — isto não é o fim do mundo!

— Não é? — Gnosh perguntou tão triste que até terminou a sentença.

— Não, é claro que não! Você tem que olhar para isso do ponto de vista apropriada. Porque agora você tem a chance de estudar um orbe do dragão por dentro!

Os olhos de Gnosh se animaram.

— Você tem razão —, ele disse depois de uma breve pausa, — e, na verdade, eu aposto que eu conseguiria colar...

— Sim, sim —, Fizban disse apressadamente, mas Gnosh adiantou-se e sua fala foi ficando cada vez mais rápida.

— Nós poderíamos numerar os pedaços e depois desenhar um diagrama de onde cada pedaço estava no chão, o que...

— Certo, certo —, Fizban murmurou.

— Dêem passagem, dêem passagem —, Gnosh disse com ar de importância, afastando as pessoas do orbe. — Cuidado onde você pisa, Lorde Gunthar e sim, agora nós vamos estudá-lo por dentro e eu terei um relatório em questão de semanas...

Gnosh e Fizban isolaram a área com um cordão e começaram a trabalhar. Nos dois dias que se seguiram, Fizban subiu na Pedra Branca quebrada para fazer diagramas, com a intenção de marcar a localização exata de cada pedaço antes que ele fosse recolhido. (Um dos diagramas de Fizban apareceu acidentalmente em uma das algibeiras do kender. Tas descobriu mais tarde que era na verdade um jogo conhecido como "xis e zeros", que, o mago tinha jogado contra ele mesmo e... aparentemente... perdido).

Nesse meio tempo, Gnosh engatinhava feliz pela grama e grudava pedaços de pergaminho numerados em pedaços de vidros menores que o pedaço de pergaminho. Ele e Fizban coletaram finalmente os 2.687 pedaços do orbe do dragão, colocaram-nos em um cesto e os transportaram de volta ao Monte Deixa pra lá.

Ofereceram a Tasslehoff a opção de ficar com Fizban ou ir a Palanthas com Laurana e Flint. A escolha foi simples. O kender sabia que dois inocentes como a jovem elfa e o anão não conseguiriam sobreviver sem ele. Mas era difícil deixar seu velho amigo. Dois dias antes de o navio partir, ele fez uma visita final aos gnomos e Fizban.

Depois de um "passeio" estimulante na catapulta, ele encontrou Gnosh na Sala de Análises. Os pedaços do orbe do dragão

etiquetados e numerados estavam espalhados em duas mesas.

— Absolutamente fascinante —, Gnosh disse tão rápido que gaguejou, — porque nós analisamos o vidro, e é um material curioso, não parece nada que já tenhamos visto, é uma grande descoberta, este século...

— Então sua Missão de Vida está terminada? — Tas interrompeu. — A alma de seu pai...

— Descansa confortavelmente! — Gnosh sorriu, depois voltou ao trabalho. — Fico contente que você tenha vindo me ver, e sempre que você estiver pela vizinhança venha nos visitar novamente...

— Eu virei —, Tas disse sorrindo.

Tas encontrou Fizban dois andares abaixo. (Uma jornada fascinante, ele simplesmente gritou o nome do andar dele e saltou. Redes flutuaram e se agitaram, sinos tocaram, gongos soaram e apitos apitaram. Tas foi finalmente pego no andar logo acima do chão, no momento exato em que a área estava sendo inundada de esponjas).

Fizban estava na ala de Desenvolvimento de Armas cercado de gnomos, todos olhando para ele com uma admiração descarada.

— Ah, meu rapaz! — ele disse, olhando vagamente para Tasslehoff. —

Você chegou bem na hora de ver o teste de nossa nova arma. Vai revolucionar a arte da guerra. Tornar a lança de dragão obsoleta.

— Verdade? — Tas perguntou empolgado.

— Um fato! — Fizban confirmou. — Agora, você fique aqui... Ele fez um gesto a um gnomo que deu um pulo para fazer sua parte e correu para ficar no meio da sala cheia de bagunça.

Fizban pegou o que parecia ser para a cabeça confusa do kender uma besta que tinha sido atacada por um pescador furioso. Sim, era uma besta. Mas, ao invés de virote, havia uma enorme rede pendurada em um gancho no final da arma. Fizban, rosnando e resmungando, ordenou aos gnomos que ficassem atrás dele e lhe dessem espaço.

— Agora, você é o inimigo —, Fizban disse ao gnomo no centro da sala.

O gnomo imediatamente assumiu uma expressão furiosa e bélica. Os outros gnomos acenaram com a cabeça concordando.

Fizban apontou a arma e disparou. A rede flutuou no ar, enroscou-se no gancho no fim da besta, e retornou rapidamente como uma vela de barco dobrando-se de modo a encobrir o mago.

— Maldito gancho! Fizban resmungou.

Juntos, os gnomos e Tas desenroscaram Fizban.

— Eu acho que isto é um adeus, — Tas disse, estendendo calmamente sua pequena mão.

— É? — Fizban pareceu espantado. — Estou indo para algum lugar? Ninguém me disse nada! Eu ainda não arrumei...

— Eu é que estou indo para algum lugar, — Tas disse pacientemente, — com Laurana. Estamos levando as lanças e... ah, eu acho que eu não deveria estar contando isso para ninguém —, ele acrescentou envergonhado.

— Não se preocupe. Guardarei segredo, — Fizban disse com um sussurro rouco que chegou claramente até o outro lado da sala apinhada de gente. — Você adorará Palanthas. Cidade linda. Dê lembranças a Sturm. Ah, Tasslehoff— o velho mago olhou para ele de modo perspicaz — você fez a coisa certa, meu rapaz!

— Eu fiz? — Tas disse animado. — Fico feliz. — Ele titubeou. — Eu fiquei curioso... com o que você disse sobre o caminho escuro. Eu... ?

O rosto de Fizban ficou sério enquanto ele segurava Tas com firmeza pelo ombro.

— Eu receio que sim. Mas, você tem coragem suficiente para trilhá-lo.

— Espero que sim —, Tas disse com um pequeno suspiro. — Bem, adeus. Eu voltarei assim que a guerra acabar.

— Ah, eu provavelmente não estarei aqui —, Fizban disse e balançou a cabeça tão violentamente que o chapéu escorregou. — Assim que a nova arma estiver aperfeiçoada, eu partirei para... — ele fez uma pausa. — Para onde é que eu tinha de ir? Não consigo me lembrar. Mas não se preocupe. Nos encontraremos novamente. Pelo menos, você não está me deixando enterrado debaixo de um monte de penas de galinha! ele murmurou, enquanto procurava o chapéu.

Tas pegou-o e o entregou a ele.

— Adeus —, o kender disse com a voz engasgada.

— Adeus, adeus! — Fizban acenou empolgado. Depois, dando aos gnomos um olhar perscrutador, ele puxou Tas mais perto de si.
— Uh, parece que eu esqueci uma coisa. Qual era mesmo meu nome?

Alguém mais disse adeus ao velho mago embora não fosse exatamente nas mesmas circunstâncias.

Elistan andava de um lado para outro nas praias de Sancrist enquanto esperava o barco que ia levá-lo de volta a Ergoth do Sul. O jovem, Douglas, caminhava a seu lado. Os dois estavam absortos na conversa, Elistan explicava os costumes dos antigos deuses para um ouvinte atento e absorvido.

De repente Elistan avistou o velho e confuso mágico que ele tinha visto na reunião do Conselho. Elistan tinha tentado encontrar-se com o velho mago durante dias, mas Fizban sempre o evitava. Por isso, Elistan ficou surpreso ao ver o velho caminhando na direção deles na praia. A cabeça dele estava curvada, e ele murmurava alguma coisa consigo mesmo. Por um momento Elistan pensou que ele seria capaz de passar sem percebê-los quando, de repente, o velho mago levantou a cabeça.

— Ah, olá! Nós já não nos conhecemos? — ele perguntou, piscando os olhos.

Por um momento Elistan não conseguiu responder. O rosto do clérigo tinha ficado mortalmente pálido, apesar de sua pele morena. Ele finalmente conseguiu responder ao velho mago com a voz rouca.

— Sem dúvida, nós já nos conhecemos, senhor. Eu não tinha percebido isso até agora. Embora nós só tenhamos sido apresentados recentemente, eu sinto que já nos conhecemos há muito, muito tempo.

— É mesmo? — O velho franziu a sobrancelha desconfiado. — Você não está fazendo nenhum comentário sobre minha idade, está?

— Não, claro que não! — Elistan sorriu.

O rosto do velho voltou ao normal.

— Bem, faça uma boa viagem. Segura também. Adeus.

Apoiando-se no cajado surrado e curvo, o velho passou despreocupadamente por eles. De repente, ele parou e virou-se.

— Ah! a propósito, meu nome é Fizban.

— Eu me lembrarei —, Elistan disse sério, e fez uma mesura.
— Fizban.

Satisfeito, o velho mágico acenou com a cabeça e continuou seu caminho pela praia, enquanto Elistan, que de repente tinha ficado quieto e pensativo, recomeçava a caminhar com um suspiro.

8

0 PERECHON.

MEMÓRIA DE MUITO TEMPO ANTES.

— Isto é loucura. Espero que você perceba isso! — Caramon disse com a voz sibilante.

— Nós não estaríamos aqui se fôssemos sensatos, estaríamos?
— Tanis respondeu, rangendo os dentes.

— Não —, Caramon murmurou, — Eu acho que você tem razão. Os dois homens escondiam-se nas sombras de um beco escuro em uma cidade onde normalmente as únicas coisas que eram encontradas em becos eram ratos, bêbados e pessoas mortas.

O nome dessa cidade infame era Arrojos, e ela tinha um nome apropriado, pois ficava às margens do Mar Encarnado de Istar como se fosse os destroços de uma embarcação jogada sobre as rochas. Habitada pela escória da maioria das raças de Krynn, Arrojos era também uma cidade ocupada, dominada por dragonianos, goblins e mercenários de todas as raças, atraídos pelos altos salários pagos pelos Senhores dos Dragões e os espólios de guerra.

E assim os companheiros flutuaram sobre as marés de guerra “como a outra escória”, como Raistlin observou e foram depositados em Arrojos. Lá eles esperavam encontrar um navio que os levasse na longa e traiçoeira viagem pela parte norte de Ansalon para Sancrist... ou onde quer que eles fossem parar...

O lugar para onde eles estavam indo era motivo de muita discussão ultimamente desde que Raistlin se recuperara de sua enfermidade. Os companheiros tinham-no observado ansiosamente depois que ele passou a usar o orbe do dragão, mas a preocupação

deles não se resumia somente a sua saúde. O que teria acontecido quando ele usou o orbe? Que mal ele poderia ter atraído para eles?

— Vocês não precisam ter medo —, Raistlin lhes disse com sua voz sussurrante. — Eu não sou fraco nem tolo como aquele rei élfico. Eu controlo o orbe. Ele não me controla.

— Então, o que ele faz? Como nós podemos usá-lo? — Tanis perguntou assustado pela expressão congelada no rosto metálico do mago.

— Eu gastei toda minha força para assumir o controle sobre o orbe —, Raistlin respondeu com os olhos no teto acima de sua cama. — Será necessário muito mais estudo para eu aprender como usá-lo.

— Estudo... Tanis repetiu. — Estudo do orbe?

Raistlin deu uma olhada para ele depois voltou a olhar para o teto.

— Não. — ele respondeu. — O estudo dos livros escritos pelos antigos que criaram o orbe. Nós temos de ir a Palanthas, até a biblioteca de um tal Astinus que vive lá.

Tanis ficou um momento em silêncio. Ele conseguia ouvir o ar movendo-se ruidosamente nos pulmões do mago, enquanto ele respirava com dificuldade.

O que o mantém agarrado à vida? Tanis se perguntava em silêncio.

Tinha nevado naquela manhã, mas naquele momento a neve tinha se transformado em chuva. Tanis ouvia os pingos rufando como tambor no telhado de madeira do carroção. Nuvens negras cruzavam o céu. Talvez fosse a melancolia do dia, mas quando olhou para Raistlin, Tanis sentiu um arrepio espalhar-se por seu corpo até parecer que o frio congelava-lhe o coração.

— Foi isso que você quis dizer quando falou da magia dos antigos? — Tanis perguntou.

— É claro. O que mais poderia ser? — Raistlin parou para tossir, depois perguntou. — Quando foi que eu falei da... magias dos antigos?

— Quando nós te encontramos — Tanis respondeu observando o mago com atenção. Ele percebeu uma ruga na testa de Raistlin e ouviu a tensão em sua voz abalada.

— O que eu disse?

— Não muito, Tanis respondeu cautelosamente. — Só alguma coisa sob magias antigas, magias que em breve seriam suas.

— Só isso?

Tanis não respondeu imediatamente. Os estranhos olhos de Raistlin ei forma de ampulheta fixaram-se nele com frieza. O meio elfo estremeceu acenou de forma positiva com a cabeça. Raistlin virou a cabeça de lado. O olhos fechados.

— Eu vou dormir agora —, ele disse calmamente. — Lembre-se, Tanis Palanthis.

Tanis foi forçado a admitir que ele queria ir para Sancrist por razões puramente egoístas. Ele tinha esperanças de que Laurana, Sturm e os outros ainda estivessem lá. E era para lá que ele tinha prometido levar o orbe do dragão. Mas contra isso ele tinha que pesar a insistência constante de Raistlin, de que eles deveriam ir para a biblioteca desse tal de Astinus para descobrir como usar o orbe.

Sua cabeça ainda estava envolvida nesse dilema quando eles chegaram a Arrojos. Por fim, ele decidiu que primeiro se preocupariam em conseguir uma passagem em um navio que fosse para o norte e mais tarde decidiriam onde descer.

Mas quando chegaram em Arrojos, eles tiveram um choque terrível. Havia mais dragonianos naquela cidade do que eles tinham visto durante toda sua jornada de Porto de Balifor para o norte. As ruas estavam cheias de patrulhas pesadamente armadas que prestavam muita atenção nos estrangeiros. Felizmente, os companheiros tinham vendido o carroção antes de entrar na cidade, porque isso permitiu que eles se misturassem com a multidão nas ruas. Não fazia cinco minutos que eles tinham atravessado os portões da cidade quando viram uma patrulha dragoniana prender um humano para "interrogatório".

Isto os assustou, por isso eles alugaram quartos na primeira hospedaria que encontraram; um lugar em condições precárias nos arredores da cidade.

— Já vai ser difícil chegarmos ao porto, quanto mais comprar uma passagem em um navio! — Caramon disse enquanto eles se acomodavam em seus quartos miseráveis. — O que está acontecendo?

— O estalajadeiro falou que há um Senhor dos Dragões na cidade. Os dragonianos estão procurando espiões ou coisa do gênero —, Tanis murmurou inquieto. Os companheiros se entreolharam.

— Talvez eles estejam procurando por nós —, Caramon disse.

— Isso é ridículo! — Tanis respondeu muito rápido... rápido demais. — Nós estamos ficando assustados. Como é que alguém poderia saber que estamos aqui? Ou saber o que carregamos conosco.

— Eu também queria saber — Vendaal disse carrancudo, olhando para Raistlin.

O mago retribuiu o olhar dele com indiferença e não se deu ao trabalho de responder.

— Água quente para minha bebida —, ele instruiu Caramon.

— Só consigo pensar em uma maneira —, Tanis disse, enquanto Caramon trazia a água que seu irmão havia pedido. — Caramon e eu sairemos hoje à noite e emboscaremos dois soldados do exército dragoniano. Nós roubaremos os uniformes deles. Não dos dragonianos — ele disse apressada mente quando viu a testa de

Caramon franzir de nojo. — Dos mercenários humanos. Aí, nós poderemos nos deslocar livremente em Arrojos.

Depois de alguma discussão, todos concordaram que era o único plano com possibilidade de funcionar. Os companheiros jantaram sem muito apetite em seus quartos ao invés de se arriscarem indo ao salão comum.

— Tudo bem por você? — Caramon perguntou apreensivo a Raistlin quando os dois estavam sozinhos no quarto que eles dividiam.

— Eu sou totalmente capaz de tomar conta de mim mesmo —, Raistlin respondeu. Ele se levantou e, no momento em que pegou um grimório para estudar, teve um ataque de tosse que o fez se dobrar.

Caramon estendeu a mão, mas Raistlin se encolheu e afastou-se.

— Vá! — o mago arfou. — Me deixa estar!

Caramon hesitou, depois suspirou.

— Claro, Raist —, ele disse e saiu do quarto, fechando gentilmente a porta atrás de si.

Raistlin ficou em pé um instante tentando recuperar o fôlego. Depois, atravessou o quarto lentamente e colocou o grimório na cama. Com a mão trêmula pegou um dos muitos sacos que Caramon tinha colocado na mesa ao lado de sua cama. Depois de abri-lo, Raistlin tirou cuidadosamente o orbe do dragão.

Tanis e Caramon (o meio elfo com o capuz bem baixo sobre o rosto e as orelhas) andavam pelas ruas de Arrojos procurando dois guardas cujos uniformes lhes servissem. Isto seria relativamente fácil para Tanis, mas encontrar um guarda cuja armadura servisse para o gigante Caramon era mais difícil.

Ambos sabiam que seria melhor encontrar alguma coisa rapidamente. Os dragonianos olharam desconfiados para eles mais de uma vez. Dois dragonianos chegaram até mesmo a pará-los e insistiram de forma áspera em saber qual era o negócio deles. Caramon respondeu, no tosco dialeto dos mercenários, que eles estavam procurando emprego no exército do Senhor dos Dragões e os dragonianos os deixaram ir. Mas, os dois homens sabiam que era só uma questão de tempo até uma patrulha pegá-los.

— O que será que está acontecendo? — Tanis murmurou, preocupado.

— Talvez a guerra esteja ficando mais difícil para os Senhores dos Dragões —, Caramon começou a falar. — Ali, olhe, Tanis. Entrando naquele bar...

— Estou vendo. Sim, ele tem seu tamanho. Agache-se no beco. Nós esperaremos até eles saírem, e então... O meio elfo fez um gesto de torcer o pescoço. Caramon concordou com a cabeça. Os dois deslizaram pelas ruas sujas e desapareceram no beco, escondendo-se em um lugar onde pudessem ficar de olho na porta da frente do bar.

Era quase meia noite. As luas não nasceriam esta noite. A chuva tinha parado, mas ainda havia nuvens escurecendo o céu. Os dois homens agachados no beco logo começaram a tremer apesar de seus mantos grossos. Ratos passavam-lhes por cima dos pés e faziam com que eles ranguessem os dentes na escuridão. Um hobgoblin bêbado errou o caminho, passou por eles e caiu de cabeça em um monte de lixo. O hobgoblin não se levantou de novo e o fedor quase fez Tanis e Caramon vomitarem, mas eles não ousavam sair do lugar onde estavam.

Depois eles ouviram sons que eram bem-vindos; risos bêbados e vozes humanas falando em comum. Os dois guardas que eles estavam esperando saíram do bar e cambalearam vindos na direção deles.

Na calçada havia um braseiro alto de ferro que iluminava a noite. Os mercenários foram na direção da luz, o que deu a Tanis uma visão melhor deles. Ele pode ver que os dois eram oficiais do exército dragoniano. Ele achou que eles tinham sido promovidos recentemente e podia muito bem ser isso que eles estavam comemorando. Suas armaduras relativamente limpas brilhavam de tão novas e não tinham marcas. Ele também viu com satisfação que eram boas armaduras. Feitas de aço azul, elas tinham sido confeccionadas no estilo das armaduras de escamas de dragão usadas pelos Senhores dos Dragões.

— Pronto? — Caramon suspirou. Tanis acenou com a cabeça.

Caramon sacou a espada.

— Escória élfica! — ele rugiu com a voz grave. — Eu te encontrei e agora terá que me acompanhar até o Senhor dos Dragões, seu espião!

— Você nunca me pegará vivo! — Tanis sacou a própria espada.

Ao ouvirem as vozes deles, os dois oficiais pararam e espiaram o beco escuro com os olhos embaçados.

Os oficiais observaram com um interesse crescente enquanto Caramon e Tanis tentavam golpear um ao outro, movimentando-se para ficarem na posição adequada. Quando as costas de Caramon estavam viradas para os oficiais e Tanis estava de frente para eles, o meio elfo fez um movimento repentino que desarmou Caramon e fez a espada do guerreiro voar.

— Rápido! Ajudem-me a pegá-lo! — Caramon berrou. — Existe uma recompensa por ele... vivo ou morto!

Os oficiais não hesitaram. Foram para cima de Tanis procurando as armas desajeitadamente, e uma expressão de prazer cruel em seus rostos contorcidos.

— É isso aí! Peguem-no! — Caramon incentivou-os e esperou até eles passarem por ele. Então, na hora que eles levantaram as espadas, as enormes mãos de Caramon agarraram os pescoços deles. Ele bateu uma cabeça na outra e os corpos caíram no chão.

— Depressa! — Tanis grunhiu. Ele pegou um dos corpos pelos pés e o arrastou para longe da luz. Caramon fez o mesmo com o outro. Rapidamente eles começaram a tirar as armaduras.

— Uh! Este aqui deve ser meio troll —, Caramon disse ao abanar a mão para espalhar o cheiro fétido.

— Pare de reclamar! — Tanis retrucou tentando descobrir como o complexo sistema de fivelas e correias funcionava. — Pelo menos você está acostumado a usar esta coisa. Me dá uma mão com isto aqui, vai?

— Claro. — Rindo, Caramon, ajudou a afivelar a armadura em Tanis. — Um elfo usando uma armadura. Onde é que este mundo vai parar?

— Tempos difíceis—, Tanis murmurou. — Quando iremos encontrar aquela capita de navio que Guilherme nos falou.

— Ele disse que poderíamos encontrá-la a bordo perto do nascer do dia.

— Meu nome é Maquesta Kar-thon —, disse a mulher, com uma expressão fria e bem profissional. — E... deixe ver se eu

adivinho... vocês não são oficiais do exército dragoniano. A menos que hoje em dia eles estejam empregando elfos.

Tanis enrubesceu e tirou lentamente o elmo.

— E tão óbvio assim?

A mulher encolheu os ombros.

— Provavelmente não para todo mundo. A barba é muito boa; talvez eu devesse dizer meio elfo, é claro. E o elmo esconde suas orelhas. Mas esses belos olhos amendoados vão acabar te entregando a menos que você use uma máscara. Por outro lado, não tem muitos dragonianos por aí dispostos a olhar para seus belos olhos, tem? — Reclinando a cadeira para trás, ela colocou um pé sobre a mesa e ficou observando indiferente.

Tanis ouviu Caramon rir e sentiu a pele queimar.

Eles estavam a bordo do Perechon, sentados na cabine da capita conversando com a própria capita. Maquesta Kar-thon pertencia àquela raça de pele escura que vive em Ergoth do Norte. Seu povo é marinheiro há séculos e acreditava-se que eles sabiam falar a língua dos pássaros marinhos e dos golfinhos. Tanis se pegou pensando em Theros Ferro Forjado enquanto olhava para Maquesta. A pele da mulher era de um negro brilhante e o cabelo era crespo e estava preso por uma banda dourada em volta da testa. Os olhos eram castanhos e brilhavam como a pele dela. E via-se um brilho de aço no punhal que ela trazia no cinto. Via-se também um brilho de aço em seus olhos.

— Estamos aqui para falar de negócios, Capita Maque... Tanis tropeçou no estranho nome.

— É claro —, a mulher disse. — E, pode me chamar de Maq. É mais fácil para todo mundo. Foi bom você ter esta carta do Guilherme Cara de Porco, senão eu nem teria falado com vocês. Mas ele diz que vocês são honestos e seu dinheiro é bom, então eu os ouvirei. Para onde vocês vão?

Tanis trocou olhares com Caramon. Essa era a pergunta. Além do mais, ele não tinha certeza de que queria revelar seu destino, qualquer que ele fosse. Palanthas era a capital de Solamnia, enquanto Sancrist era um refúgio bem conhecido de Cavaleiros.

— Ah, pelo amor de... — Maq retrucou, vendo a hesitação deles. Os olhos dela flamejaram. Tirando o pé de cima da mesa, ela olhou para eles com um ar carrancudo. — Ou vocês confiam em mim, ou vocês não confiam!

— E nós deveríamos? — Tanis perguntou-lhe diretamente. Maq ergueu uma sobrancelha.

— Quanto dinheiro vocês têm?

— O suficiente —, Tanis disse. — Digamos que nós queremos ir para o norte, perto do Cabo de Nordmaar. Se naquele ponto ainda considerarmos a companhia um do outro apropriada, nós continuaremos. Se não, nós lhe pagaremos e você nos deixará em um porto seguro.

— Kalaman —, disse Maq recostando-se na cadeira. Ela tinha um ar divertido. — Esse é um porto seguro. Tão seguro quanto qualquer outro hoje em dia. Metade do dinheiro agora. Metade em Kalaman. Se forem mais adiante, nos negociaremos.

— Desembarque seguro em Kalaman —, Tanis completou.

— Quem pode garantir? — Maq deu de ombros. — Essa é uma época do ano ruim para viajar pelo mar. — Ela levantou-se

languidamente, espreguiçando-se como um gato. Caramon levantou-se rapidamente e olhou para ela com admiração.

— Negócio fechado —, ela disse. — Venham. Vou lhes mostrar o navio.

Maq levou-os para o convés. O navio parecia ser limpo e adequado pelo que Tanis podia ver, embora ele não soubesse nada de navios. No momento em que se conheceram, a voz e os modos tinham sido frios, mas, agora enquanto mostrava o navio para eles, ela parecia mais calorosa. Tanis tinha visto o mesmo sentimento, o tom caloroso que Maq usava ao falar de seu navio era o mesmo que Tika usava quando falava de Caramon. O Ferechon era obviamente o único amor de Maq.

O navio estava vazio e em silêncio. Maq explicou que a tripulação estava em terra firme juntamente com seu imediato. A única pessoa que Tanis viu a bordo foi um homem sentado sozinho consertando uma vela do navio. O homem levantou os olhos quando eles passaram e Tanis viu os olhos dele se arregalarem de susto quando ele viu uma armadura dragoniana.

— Nocesfa, Berem —, Maq disse a ele para tranquilizá-lo, quando eles passaram. Ela fez um gesto de cortar com a mão e apontou para Tanis e Caramon.

— Nocesfa. Fregueses. Dinheiro.

O homem acenou com a cabeça e voltou ao trabalho.

— Quem é ele? — Tanis perguntou para Maq em voz baixa enquanto eles caminhavam mais uma vez na direção da cabine dela para concluir as negociações.

— Quem? Berem? — ela perguntou olhando em volta. — Ele é o timoneiro. Não sei muita coisa sobre ele. Apareceu por aqui alguns

meses atrás procurando trabalho. Eu o contratei para limpar o convés do navio com o lambaz. Depois, meu timoneiro foi morto em uma pequena discussão com... bem, deixa pra lá. Este camarada acabou se mostrando um excelente timoneiro, melhor que o primeiro na verdade. Mas ele é estranho. É mudo. Nunca fala. Se depender dele, nunca pisa em terra firme. Se ele não tivesse escrito o nome no livro do navio, eu não saberia nem o nome dele. Por quê? — ela perguntou, notando que Tanis estudava atentamente o homem.

Berem era alto e tinha uma boa constituição física. À primeira vista podia-se pensar que ele tosse de meia idade pelos padrões humanos. O cabelo dele era grisalho, o rosto estava bem barbeado, ele era bronzeado e estava judiado pelos meses passados a bordo de um navio. Mas os olhos eram juvenis, límpidos e claros. As mãos que seguravam a agulha eram macias e fortes, eram mãos de um jovem. Tanis pensou que podia ser sangue élfico, mas se ele era élfico, isso não ficava aparente em seus traços.

— Eu já o vi em algum lugar —, Tanis murmurou. — E você Caramon? Você se lembra dele?

— Ah! espera aí —, disse o grande guerreiro. — Nós vimos centenas de pessoas durante o mês que passou, Tanis. Ele

provavelmente estava na platéia em um de nossos shows.

— Não. — Tanis balançou a cabeça. — Quando pus os olhos nele, eu pensei em Pax Tharkas e Sturm...

— Ei, eu tenho muito serviço a fazer, meio elfo —, Maquesta disse. — Você vem, ou vai ficar olhando feito um palerma para um cara costurando uma vela?

Ela desceu a escotilha. Caramon seguiu-a desajeitado com a espada e a armadura tinindo. Tanis seguiu-os relutante. Mas, ele se virou para dar uma olhada final no homem e pegou-o observando-o com um olhar estranho e penetrante.

— Está bem, você volta para a Hospedaria com os outros. Eu vou comprar os suprimentos. Nós partiremos quando o navio estiver pronto. Maquesta diz que será mais ou menos daqui a quatro dias.

— Eu gostaria que fosse antes, — resmungou Caramon.

— Eu também —, disse Tanis com tristeza. — Tem muito dragoniano por aqui. Mas nós temos que esperar a maré ou coisa assim. Volte para a hospedaria e mantenha todos lá dentro. Diga a seu irmão para estocar aquela erva que ele toma; nós ficaremos um bom tempo no mar. Eu voltarei dentro de poucas horas, depois que comprar os suprimentos.

Tanis andou pelas ruas cheias de gente de Arrojos. Ninguém dava uma segunda olhada em sua armadura dragoniana. Ele ficaria feliz em tirá-la. Ela era quente, pesada e dava coceira. Ele tinha dificuldade em lembrar-se de retribuir as saudações dos dragonianos e dos goblins. Quando ele notou o respeito que o uniforme impunha, começou a passar pela sua cabeça que os humanos de quem eles tinham roubado os uniformes deviam ter postos elevados. Esse pensamento não era muito agradável. A qualquer momento, alguém poderia reconhecer a armadura.

Mas ele sabia que não conseguiria se virar sem ela. Naquele dia tinha mais dragonianos nas ruas do que nunca. A tensão em Arrojos era muito grande. A maioria dos cidadãos da cidade estava em suas casas e a maioria das lojas estava fechada, com exceção das tavernas. Na verdade, à medida que passava por uma loja fechada atrás da outra, Tanis começou a se preocupar onde ia comprar os suprimentos para a longa viagem marítima.

Tanis pensava nesse problema enquanto olhava a vitrine de uma loja fechada quando de repente uma mão agarrou sua bota e o puxou para o chão.

O tombo expulsou o ar dos pulmões do meio elfo. Ele bateu a cabeça com força nas pedras do pavimento da rua e por um momento ficou grogue por causa da dor. Instintivamente ele chutou a mão que o segurava pelos pés, mas as mãos que o agarravam eram fortes. Ele sentiu que estava sendo arrastado para dentro de um beco escuro.

Sacudindo a cabeça para clarear as idéias, ele esforçou-se para ver seu captor. Era um elfo! Suas roupas estavam sujas e rasgadas, as feições élficas transfiguradas pelo ódio e o sofrimento. O elfo estava em pé sobre ele com uma lança na mão.

— Homem dragão! — o elfo resmungou em comum. — Sua raça asquerosa matou minha família; minha esposa e meus filhos! Assassinaram-nos em suas camas, ignorando suas súplicas de misericórdia. Isto é por eles! — O elfo levantou a lança.

— Shaki It mo dracosalií — Tanis gritou desesperado em élfico, encontrando dificuldade para tirar o elmo. Mas o elfo enlouquecido pelo sofrimento não conseguia ouvir nem compreender nada. A lança foi arremessada para baixo. Os olhos do elfo se arregalaram repentinamente e ficaram fixos em choque. A lança caiu de seus dedos já sem forças, quando uma espada o per furou por trás. O elfo moribundo soltou um grito estridente e caiu, aterrissando pesadamente sobre o pavimento.

Tanis olhou assombrado para cima e viu quem tinha salvo sua vida. Um Senhor dos Dragões estava em pé ao lado do corpo do elfo.

— Eu ouvi você gritando e vi um de meus oficiais em dificuldades. Achei que você estava precisando de ajuda —, disse o Senhor dos Dragões estendendo a mão coberta por uma luva para ajudar Tanis a se levantar.

Confuso, tonto de dor e só sabendo que não podia se trair, Tanis aceitou a mão do Senhor dos Dragões e levantou-se com dificuldade. Abaixando o rosto e agradecido pelas sombras escuras do beco, Tanis resmungou palavras de agradecimento com uma voz áspera. Então ele viu os olhos do Senhor dos Dragões se arregalarem por trás da máscara.

— Tanis?

O meio elfo sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, uma dor tão rápida e aguda quanto a lâmina élfica. Ele não conseguia falar, só conseguia olhar enquanto o Senhor dos Dragões removia rapidamente a máscara azul e dourada do dragão.

— Tanis! É você! — o Senhor dos Dragões gritou, segurando-o pelo braço.

Tanis viu os olhos castanhos, um sorriso torto e charmoso.

— Kitiara...

TANIS CAPTURADO.

Então, Tanis! Você é um oficial sob meu comando. Eu deveria passar minhas tropas em revista com mais frequência! — Kitiara riu, dando o braço para ele. — Você está tremendo. Você caiu feio. Venha. Meus aposentos não ficam longe daqui. Vamos tomar uma bebida, fazer um curativo em seu ferimento e depois... conversar.

Desnorteado... e não pelo ferimento na cabeça... Tanis deixou que Kitiara o levasse do beco para a calçada. Tinha acontecido coisa demais, e muito rápido. Em determinado momento ele estava comprando suprimentos e agora ele estava caminhando de braços dados com um Senhor dos Dragões que tinha acabado de salvar a vida dele que era também a mulher que ele tinha amado durante

muitos anos. Ele não conseguia deixar de olhar para ela e Kitiara (sabendo que os olhos dele estavam nela) retribuía o olhar com seus cílios longos e negros.

Tanis pegou-se pensando que a armadura cintilante de escamas de dragão azul como a noite dos Senhores dos Dragões ficava muito bem nela. Ela ficava bem justa e enfatizava as curvas de suas longas pernas.

Dragonianos amontoaram-se em volta deles, na esperança de pelo menos um breve aceno de cabeça do Senhor dos Dragões. Mas, Kitiara ignorou-os e conversava descontraidamente com Tanis, como se só tivesse se passado uma tarde desde que eles tinham se separado e não cinco anos. Ele não conseguia absorver as palavras dela, seu cérebro ainda estava tentando encontrar sentido em tudo que estava acontecendo enquanto seu corpo estava reagindo — mais uma vez — à proximidade dela.

A máscara tinha deixado o cabelo dela úmido, fazendo os cachos grudarem no rosto e na testa dela. Ela corria a mão displicentemente por seus cabelos, sacudindo-os. Era um hábito antigo e aquele pequeno gesto trouxe de volta lembranças antigas...

Tanis balançou a cabeça, lutando desesperadamente para juntar os pedaços de seu mundo despedaçado e prestar atenção nas palavras dela. As vidas de seus amigos dependiam do que ele fizesse agora.

— E quente debaixo do elmo do dragão! — ela estava dizendo.
— Eu não preciso dessa coisa assustadora para manter meus homens na linha. Preciso? — ela perguntou e lhe deu uma piscada.

— N... não —, Tanis gaguejou, sentindo-se enrubesceu

— O mesmo velho Tanis —, ela murmurou, apertando o corpo contra o dele. — Você ainda fica corado como um menino. Mas, você nunca foi como os outros, nunca... — ela completou calmamente. Puxando-o mais para perto, ela colocou os braços em volta dele. Ela fechou os olhos e os lábios umedecidos dela roçaram nos dele...

— Kit... — Tanis disse com a voz apertada na garganta e deu um passo atrás. — Não aqui! Não na rua —, ele acrescentou pouco convincente.

Kitiara olhou para ele com raiva durante um momento, depois dando de ombros ela abaixou a mão para pegar no braço dele novamente. Eles continuaram caminhando juntos pela rua enquanto os dragonianos olhavam de soslaio e faziam piadas.

— O mesmo Tanis —, ela disse novamente, mas soltou um pequeno suspiro desta vez. — Eu não sei porque eu deixei você escapar sem punição.

Qualquer outro homem que me recusasse desse jeito teria morrido pela minha espada. Ah! aqui estamos.

Ela entrou na melhor hospedaria de Arrojos, a Brisa Marinha. Construída no alto de um rochedo, ela contemplava o Mar Encarnado de Istar cujas ondas quebravam nas rochas abaixo. O estalajadeiro adiantou-se apressadamente.

— Meu quarto já está arrumado? — Kit perguntou com indiferença.

— Sim, Senhor dos Dragões e —, o estalajadeiro disse curvando-se várias vezes. Enquanto eles subiam as escadas, o estalajadeiro correu na frente deles para se assegurar de que tudo estava em ordem.

Kit deu uma olhada em volta. Achando que tudo estava satisfatório, ela jogou o elmo do dragão com displicência sobre uma mesa e começou a tirar as luvas. Sentou-se em uma cadeira e levantou a perna com um abandono sensual e proposital.

— Minhas botas —, ela disse para Tanis sorrindo.

Tanis engoliu em seco, segurou a perna dela em suas mãos e retribuiu o sorriso de forma acanhada. Tirar as botas dela era uma brincadeira antiga dos dois. Isso sempre levava a... Tanis tentou evitar pensar nisso!

— Traga-nos uma garrafa de seu melhor vinho, — Kitiara disse ao estalajadeiro que estava rodeando, — e dois copos. — Ela levantou a outra perna, seus olhos castanhos estavam pousados em Tanis. — Depois, deixe-nos a sós.

— Mas... meu lorde... o estalajadeiro disse hesitante, — tenho mensagens do Senhor dos Dragões Ariakas...

— Se você mostrar sua cara neste quarto... depois que trazer o vinho... eu cortarei suas orelhas —, Kitiara disse de forma simpática. Mas, enquanto falava, ela puxou uma adaga brilhante do cinto.

O estalajadeiro ficou branco, acenou com a cabeça e saiu apressadamente. Kit riu.

— Isso! — ela disse mexendo os dedos do pé dentro da meia de seda azul. — Agora, eu vou tirar suas botas...

— E... eu realmente tenho que ir, Tanis disse, suando dentro da armadura. — O c... comandante da minha companhia vai sentir minha falta...

— Mas, eu sou o comandante da sua companhia! — Kit disse alegre. — E amanhã você será o comandante de sua companhia. Ou terá um posto mais alto, se quiser. Agora, sente-se.

Tanis não podia fazer nada, a não ser obedecer. Por outro lado, ele sabia que no fundo do coração ele não queria fazer mais nada a não ser obedecer.

— É tão bom ver você — Kit disse, ajoelhando-se diante dele e tirando-lhe a bota. — Sinto muito ter perdido a reunião em Solace. Como estão todos? Como está Sturm? Provavelmente lutando com os Cavaleiros, eu suponho. Não estou surpresa por vocês dois terem se separado. Essa era uma amizade que eu nunca consegui entender...

Kitiara continuou falando, mas Tanis parou de ouvir. Ele só conseguia olhar para ela. Ele tinha esquecido o quanto ela era adorável, sensual, e sedutora. Ele se concentrou desesperadamente no perigo que ele corria. Mas tudo em que ele conseguia pensar eram as noites de êxtase que ele tinha passado com Kitiara.

Naquele momento, Kit olhou bem dentro dos olhos dele. Presa e atraída pela paixão que viu neles, ela deixou a bota escapar-lhe das mãos. Tanis estendeu involuntariamente as mãos e puxou-a mais perto. Kitiara deslizou a mão pelo pescoço dele e pressionou os lábios contra os dele.

Os desejos e saudades que atormentaram Tanis durante cinco anos, tomaram conta de todo seu corpo ao primeiro toque de Kitiara. A fragrância suave e feminina dela misturava-se com o cheiro de couro e aço. Seu beijo era quente como uma chama. A dor era insuportável. Tanis só conhecia um jeito de aliviar essa dor.

Quando o estalajadeiro bateu na porta, ninguém respondeu. Balançando a cabeça admirado, este era o terceiro homem em três dias, ele colocou o vinho no chão e saiu.

— E, agora —, Kitiara murmurou sonolenta deitada nos braços de Tanis.

— Fale de meus irmãozinhos. Eles estão com você? A última vez que eu os vi, você estava fugindo de Tarsis com aquela elfa.

— Então, era você! — Tanis disse lembrando-se dos dragões azuis.

— É claro! Kit aconchegou-se mais perto. — Eu gosto da barba, — ela disse acariciando o rosto dele. — Ela esconde a frágil fisionomia élfica. Como você entrou para o exército?

Como foi que eu entrei? pensou Tanis freneticamente.

— Nós... fomos capturados em Silvanesti. Um dos oficiais me convenceu que eu era um tolo de lutar contra a R... Rainha das Trevas.

— E meus irmãozinhos?

— Nós... nós fomos separados —, Tanis disse debilmente.

— Uma pena —, Kit disse suspirando. — Gostaria de vê-los novamente. Caramon agora deve ser um gigante. E Raistlin, eu ouvi dizer que ele é um mago. Ainda usando as Vestes Vermelhas?

— E... eu acho que sim —, Tanis murmurou. — - Eu não o tenho visto...

— Isso não vai durar muito —, Kit disse complacente. — Ele é como eu. Raist sempre quis ter poder...

— E você? Tanis interrompeu rapidamente. — O que você está fazendo aqui tão longe da ação? A guerra é no norte...

— Por que? Estou aqui pelas mesmas razões que você está — Kit respondeu arregalando os olhos. — Procurando o Homem da Gema Verde, é claro.

— Foi lá que eu o vi antes! — Tanis disse, enquanto as memórias inundavam sua mente. O homem no Perechon!. O homem em Pax Tharkas fugindo com o pobre Eben. O homem com a gema verde incrustada no centro do peito.

— Você o encontrou! — Kitiara disse sentando-se ansiosa. — Onde, Tanis? Onde? — Seus olhos castanhos brilhavam.

— Eu não estou certo —, Tanis disse hesitante. — Não tenho certeza que era ele. Eu... nós só recebemos uma ligeira descrição...

— Ele parece ter uns cinqüenta anos, anos humanos —, Kitiara disse empolgada — mas ele tem olhos estranhos e juvenis e as mãos dele são jovens. No centro do peito dele tem uma gema verde. Nós temos relatos de que ele foi visto em Arrojos. Por isso a Rainha das Trevas me mandou para cá. Ele é a chave, Tanis! Encontre-o... e nenhuma força em Krynn conseguirá nos deter!

— Por que? — Tanis se esforçou para fazer a pergunta calmamente. — O que ele tem que é tão essencial para... uh... nosso lado ganhar a guerra?

— Quem sabe? Encolhendo os ombros delicados, Kit deitou novamente nos braços de Tanis. — Você está tremendo. Isto vai te aquecer. Ela o beijou no pescoço depois escorregou a mão pelo corpo dele. — Só nos disseram que a coisa mais importante que poderíamos fazer para acabar com esta guerra rapidamente, seria encontrar esse homem.

Tanis engoliu em seco, sentindo-se aquecer ao simples toque dela.

— Pense nisto —, Kitiara sussurrou no ouvido dele, seu hálito quente e úmido roçando sua pele, — se nós o encontrarmos, você e eu teríamos toda Krynn aos nossos pés! A Rainha das Trevas nos recompensaria além de tudo aquilo que nós jamais sonhamos! Você e eu, juntos para sempre, Tanis. Vamos, agora!

As palavras dela ecoaram na mente do meio elfo. Os dois juntos para sempre. Acabando com a guerra. Governando Krynn. Não, ele pensou, sentindo um aperto na garganta. Isto é loucura. Uma insanidade! Meu povo, meus amigos... .eu já não fiz o suficiente? O que é que eu devo a eles, humanos ou elfos? Nada! Eles é que têm me magoado, zombado de mim! Todos estes anos... um desterrado. Por que pensar neles? Em mim! É hora de pensar em mim para variar! Esta é a mulher com a qual eu tenho sonhado há tanto tempo. E ela pode ser minha! Kitiara... tão linda, tão desejável...

— Não! — Tanis disse com aspereza, — Não —, ele disse mais gentilmente. Estendendo a mão, puxou-a para mais perto de si. — Amanhã. Se fosse por ele, ele não iria a lugar algum. Eu sei...

Kitiara sorriu e com um suspiro deitou-se outra vez. Tanis, curvou sobre ela e beijou-a apaixonadamente. Ao longe, ele podia ouvir as ondas do Mar Encarnado de Istar quebrando na praia.

10

A TORRE DO ALTO CLERISTA.

A NOMEAÇÃO DO CAVALEIRO.

Pela manhã, a tempestade tinha se afastado de Solamnia. O sol nasceu... um disco com um tom dourado pálido que não aquecia nada. Os cavaleiros que faziam a guarda sobre os parapeitos das muralhas da Torre do Alto Clerista foram para suas camas agradecidos, conversando sobre as coisas assustadoras que eles tinham visto durante aquela noite terrível, pois desde o Cataclismo não se via uma tormenta como esta nas terras de Solamnia. E aqueles que assumiram os postos de seus companheiros na guarda, estavam quase tão cansados quando eles pois ninguém tinha conseguido dormir.

Agora, eles olhavam para uma planície coberta de neve e gelo. Aqui e ali o cenário era marcado por chamas que piscavam, pois algumas das árvores que tinham sido açoitadas pelos relâmpagos que cortaram o céu durante a nevasca queimavam de forma ameaçadora. Mas, quando os cavaleiros subiram para os parapeitos, não foram essas estranhas chamas que chamavam sua atenção e

sim as chamas que queimavam no horizonte; centenas e centenas de chamas enchendo o ar frio e límpido com sua fumaça fedorenta.

Eram as fogueiras dos acampamentos dos exércitos dos dragonianos.

Só tinha uma coisa que separava o Senhor dos Dragões da vitória em Solamnia. Essa "coisa" (como o Senhor dos Dragões freqüentemente se referia a ela) era a Torre do Alto Clerista.

A Torre que protegia Palanthas, a capital de Solamnia e o porto conhecido como Portões de Paladine, tinha sido construída há muito tempo atrás por Vinas Solamnus, o fundador dos cavaleiros, no único passo que existia através da Serra de Vingard, cujas montanhas estão permanentemente cobertas de neve e encobertas pelas nuvens. Se a Torre cair, Palanthas pertencerá aos exércitos dragonianos. Era uma cidade tranqüila, uma cidade de riqueza e beleza que tinha dado suas costas para o mundo para se olhar admirada em seu próprio espelho.

Com Palanthas nas mãos e o porto sob seu controle o Senhor dos Dragões poderia facilmente subjugar Solamnia através da fome e depois aniquilar os incômodos cavaleiros.

O Senhor dos Dragões, chamado por suas tropas de a Dama das Trevas, não estava no acampamento neste dia. Ela tinha ido cuidar de assuntos secretos no leste, mas tinha deixado comandantes leais e capazes em seu lugar, comandantes que fariam qualquer coisa para ganhar seu favoritismo.

De todos os Senhores dos Dragões, a Dama das Trevas era conhecida por ser aquele gozava da mais alta estima da Rainha das Trevas. Por isso as tropas de dragonianos, goblins, hobgoblins, ogros, e humanos estavam sentadas em volta das fogueiras do acampamento olhando para a Torre com olhos de cobiça, desejando atacar e ganhar a aprovação dela.

A Torre era defendida por uma grande guarnição de Cavaleiros de Solamnia que tinha partido de Palanthas há poucos dias. Ela era dedicada ao Alto Clerista — que era a posição mais venerada na Cavalaria depois da posição de Grão-mestre. A lenda diz que a Torre

nunca tinha sido tomada enquanto homens de fé tinham-na mantido sob seu controle,

Os clérigos de Paladine tinham vivido na Torre do Alto Clerista durante a Era dos Sonhos. Cavaleiros jovens tinham ido para lá para receber treinamentos religiosos e doutrinação. Ainda havia muitos vestígios da presença dos clérigos por ali.

Não era somente o medo da lenda que obrigava os exércitos dragonianos a esperarem ociosos. Não era preciso uma lenda para dizer aos comandantes dragonianos que tomar esta Torre ia custar-lhes muito caro.

— O tempo está a nosso favor —, disse a Dama das Trevas antes de sair. — Nossos espiões dizem que os cavaleiros estão recebendo pouca ajuda de Palanthas. Já cortamos os suprimentos do Forte de Vingard para o leste. Deixe eles ficarem na Torre e passarem fome. Mais cedo ou mais tarde a impaciência e o estômago deles os levará a cometerem um erro. Quando eles errarem, nós estaremos preparados.

— Nós poderíamos tomá-la com um bando de dragões —, murmurou um comandante jovem. O nome dele era Bakarís e sua bravura em combate e seu belo rosto ajudaram-no muito a ganhar a preferência da Dama das Trevas. Entretanto, ela o observava pensativa enquanto se preparava para montar Chéu, o dragão azul.

— Talvez não —, ela disse indiferente. — Você ouviu os relatos sobre a descoberta da antiga arma: a dragonlance?

— Bobagem! Histórias de criança! — O jovem comandante riu enquanto ajudava a Dama das Trevas a montar nas costas de Chéu. O dragão azul ficou olhando para o belo comandante.

— Nunca faça caso de histórias infantis —, a Dama das Trevas disse, — pois essas são as mesmas histórias que falavam de dragões. — Ela encolheu os ombros. — Não se preocupe, meu favorito. Se minha missão de capturar o Homem da Gema Verde for bem sucedida, nós não precisaremos atacar a Torre, pois sua

destruição estará garantida. Se isso não acontecer, talvez eu traga aquele bando de dragões que você sugeriu.

Depois disso, o gigante azul levantou as asas e voou para leste na direção de uma pequena e desprezível cidade chamada Arrojos no Mar Encarnado de Istar.

Portanto, os exércitos dragonianos esperavam aquecidos e confortáveis em volta das fogueiras, enquanto os cavaleiros na Torre passavam fome como a Dama das Trevas tinha previsto. Mas muito pior do que a falta de comida era a amarga discórdia entre suas próprias fileiras.

Os cavaleiros jovens sob o comando de Sturm Montante Luzente tinham aprendido a respeitar seu desonrado líder durante os duros meses que se seguiram à partida de Sancrist. Apesar da melancolia e a distância, a honestidade e a integridade de Sturm fizeram com que ele ganhasse o respeito e a admiração de seus homens. Foi uma vitória custosa que fez Sturm sofrer muito nas mãos de Teodorico. Um homem menos nobre poderia ter ignorado as manobras políticas de Teodorico ou ter ficado de boca fechada (como fez Lorde Alfredo), mas Sturm falava constantemente contra

Teodorico apesar de saber que isso piorava sua própria causa com o poderoso cavaleiro.

Foi Teodorico quem alienou completamente o povo de Palanthas. O povo da linda e tranqüila cidade que já estava desconfiado e cheio de velhos ódios e mágoas ficou assustado e furioso com as ameaças de Teodorico quando se recusaram a permitir que os cavaleiros guarnecessem a cidade com forças militares. Foi somente através das negociações pacientes de Sturm que os cavaleiros receberam suprimentos.

A situação não melhorou nada quando os cavaleiros chegaram à Torre do Alto Clerista. A divisão entre os cavaleiros baixou o moral dos soldados de infantaria que já sofriam com a falta de comida. Em pouco tempo, a própria Torre tornou-se um acampamento armado, pois a maioria dos cavaleiros apoiavam Teodorico era agora publicamente contra àqueles que apoiavam Lorde Gunthar e eram liderados por Sturm. Foi somente devido à rígida obediência à Medida por parte dos cavaleiros que ainda não haviam acontecido brigas dentro da Torre. Mas, a visão desmoralizadora dos exércitos dragonianos acampados nas imediações e a falta de alimento produziu temperamentos desgastados e nervos tensos.

Quando Lorde Alfredo percebeu o perigo, era tarde demais. Ele se arrependeu amargamente de sua própria insensatez ao apoiar Teodorico, pois, agora, ele conseguia ver claramente que Teodorico Guardiãorreal estava ficando louco.

A loucura dele crescia a cada dia que passava; a avidez de Teodorico por poder o destruía pouco a pouco e o privava de sua razão. Mas, Lorde Alfredo não tinha autoridade para agir. Os cavaleiros eram tão presos a sua rígida estrutura que levaria — de acordo com a Medida — meses do Conselho dos Cavaleiros para tirar Teodorico de seu posto.

A notícia da vindicação de Sturm foi como um raio atingindo uma floresta seca. Como Gunthar tinha previsto, o fato destruía por completo as esperanças de Teodorico. O que Gunthar não tinha previsto era que isso romperia o tênue controle que Teodorico tinha sobre sua própria sanidade.

Na manhã que se seguiu à tempestade, os olhos dos guardas abandonaram por um momento a vigilância sobre os exércitos dragonianos para se voltarem para baixo, para o pátio da Torre do Alto Clerista. O sol encheu o céu cinza com uma luz fria e pálida que

refletia nas armaduras dos Cavaleiros de Solamnia enquanto eles se reuniam na solene cerimônia que outorgava a cavalaria.

As bandeiras com o Timbre dos Cavaleiros pareciam estar penduradas sem vida no ar parado e frio. Depois, as notas límpidas de um clarim cortaram o ar agitando o sangue. Ao ouvirem esse chamado alto e nítido, os cavaleiros levantaram as cabeças orgulhosamente e marcharam para o pátio.

Lorde Alfredo colocou-se no centro de um círculo de cavaleiros. Vestindo sua armadura de guerra e a capa vermelha esvoaçando em seu ombro, ele carregava uma espada antiga dentro de uma bainha velha e desgastada. O martim-pescador, a rosa e a coroa — símbolos antigos da Cavalaria — - estavam entrelaçados na bainha. O lorde lançou um olhar rápido e esperançoso para a assembléia mas depois baixou os olhos e balançou a cabeça.

O maior medo de Lorde Alfredo tinha se concretizado. Ele tinha tido a esperança, de que esta cerimônia triste pudesse unir os cavaleiros. Mas ela estava tendo o efeito contrário. Havia grandes espaços vazios no Círculo Sagrado, espaços para os quais, os cavaleiros presentes olhavam incomodados. Teodorico e toda sua unidade estavam ausentes.

O chamado do clarim soou mais duas vezes, depois o silêncio se abateu sobre os cavaleiros reunidos. Sturm Montante Luzente, usando vestes brancas e longas, saiu da Capela do Alto Clerista, onde tinha passado a noite em prece solene e meditação, como determina a Medida. Uma Guarda de Honra bem atípica o acompanhava.

Ao lado de Sturm caminhava uma mulher élfica e sua beleza brilhava na desolação do dia como o sol despertando na primavera. Atrás dela vinha um velho anão, cuja barba e os cabelos brancos eram iluminados pela luz do sol. Do lado do anão vinha um kender vestindo calças azul claro.

O círculo de cavaleiros abriu-se para permitir que Sturm e sua escolta entrassem. Eles pararam diante de Lorde Alfredo. Laurana, que trazia o elmo do cavaleiro nas mãos, ficou à direita. Flint, que carregava o escudo, ficou à esquerda, e depois que o anão cutucou suas costelas Tasslehoff adiantou-se apressadamente com as esporas do cavaleiro.

Sturm curvou a cabeça. Os cabelos longos que já tinham alguns fios grisalhos embora ele tivesse pouco mais de trinta anos caíam-lhe sobre os ombros. Ele ficou em prece silenciosa durante um momento depois, a um sinal de Lorde Alfredo, caiu reverentemente de joelhos.

— Sturm Montante Luzente —, Lorde Alfredo declarou solenemente enquanto abria uma folha de papel, — ao ouvir o testemunho de Lauralanthalasa da família real de Qualinesti e mais o testemunho de Flint Forjardente, anão da colina da cidade de Solace, o Conselho dos Cavaleiros resolveu conceder-lhe a vindicação das acusações feitas contra sua pessoa. Em reconhecimento por seus atos de bravura e coragem relatados por estas testemunhas, você é declarado um Cavaleiro de Solamnia. — A voz de Lorde Alfredo ficou mais calma quando ele olhou para o cavaleiro. Lágrimas escorriam descontroladamente pelas bochechas emaciadas de Sturm. — Sturm Montante Luzente você passou a noite em preces —, Alfredo disse calmamente. — Você se considera merecedor desta grande honra?

— Não, meu lorde, — Sturm respondeu de acordo com o antigo ritual, — mas eu a aceito humildemente e prometo que devotarei minha vida para me fazer merecedor. — O cavaleiro levantou os olhos para o céu. — Com a ajuda de Paladine, — ele disse tranqüilamente, — eu serei capaz de fazê-lo.

Lorde Albert tinha presenciado muitas cerimônias como esta, mas ele não se lembrava de ter visto uma dedicação tão fervorosa no rosto de um homem.

— Eu queria que Tanis estivesse aqui —, Flint murmurou de mau humor para Laurana, que concordou de forma breve com a cabeça.

Ela estava ereta, usando uma armadura feita especialmente para ela em Palanthas por solicitação de Lorde Gunthar. Seus cabelos cor de mel caíam por debaixo do elmo prateado. Desenhos dourados entrelaçados cintilavam no peitoral de aço, a saia preta de couro macio — que tinha um corte lateral para permitir liberdade de movimentos — roçava os bicos de suas botas. O rosto dela estava pálido e sério, pois a situação em Palanthas e na própria Torre estava delicada e aparentemente sem esperanças.

Ela poderia ter retornado para Sancrist. Na verdade, já tinha sido ordenado que ela voltasse. Lorde Gunthar tinha recebido um comunicado secreto de Lorde Alfredo relatando a situação desesperada na qual os cavaleiros se encontravam e ele tinha mandado ordens para que Laurana encurtasse sua permanência.

Mas ela tinha decidido ficar pelo menos durante algum tempo. O povo de Palanthas a tinha recebido com educação, afinal de contas ela tinha sangue real e eles ficaram encantados com sua beleza. Eles também estavam muito interessados na lança de dragão e tinham pedido uma para ser exposta no museu deles. Mas quando Laurana mencionou os exércitos dragonianos eles simplesmente deram de ombros e sorriram.

Então Laurana descobriu através de um mensageiro o que estava acontecendo na Torre do Alto Clerista. Os cavaleiros estavam cercados. Um exército dragoniano com milhares de soldados estava acampado nos arredores. Laurana se convenceu de que os cavaleiros precisavam das lanças de dragão e não tinham mais ninguém além dela para levar as lanças para os cavaleiros e ensiná-los como usá-las. Ela ignorou a ordem de Lorde Gunthar para voltar para Sancrist.

A jornada de Palanthas até a Torre foi um pesadelo. Laurana começou, acompanhando dois carroções cheios com os escassos suprimentos e as preciosas dragonlances. O primeiro carroção atolou na neve poucos quilômetros depois de sair da cidade. O seu conteúdo foi redistribuído entre os poucos cavaleiros que faziam a escolta, Laurana e seu grupo e o segundo carroção. O segundo carroção também atolou. Eles tiveram que desencalhá-lo da neve várias vezes, até ele finalmente atolar de vez. Os cavaleiros, Laurana, Flint e Tas caminharam o resto do percurso carregando a comida e as lanças nos cavalos. O grupo deles foi o último a passar. Depois da tempestade da noite anterior, Laurana e todos que estavam na Torre sabiam que não haveria novas remessas de suprimentos. A estrada para Palanthas agora estava intransitável.

Mesmo com um racionamento rígido, os cavaleiros e os soldados de infantaria tinham comida suficiente para poucos dias apenas. Os exércitos dragonianos pareciam estar preparados para esperar o resto do inverno.

As lanças de dragão foram retiradas dos cavalos exaustos que as tinham carregado e foram amontoadas no pátio por ordem de Teodorico. Alguns dos cavaleiros olharam-nas com curiosidade, depois as ignoraram. As lanças pareciam armas desajeitadas e de difícil manejo.

Quando Laurana se ofereceu timidamente para ensinar aos cavaleiros como usar a lança, Teodorico bufou com desprezo. Olhando pela janela, Lorde Alfredo observava as fogueiras do acampamento queimando no horizonte. Laurana virou-se para Sturm e viu a confirmação de tudo aquilo que ela temia.

— Laurana —, ele disse gentilmente segurando as mãos geladas dela nas suas, — Eu não acho que o Senhor dos Dragões vai se dar ao trabalho de enviar os dragões. Se nós não conseguirmos reabrir as rotas de suprimentos, a Torre cairá porque nós só teremos soldados mortos para defendê-la.

Com isso, as lanças de dragão ficaram largadas no pátio, esquecidas, com a prata reluzente delas enterrada na neve.

A CURIOSIDADE DE UM KENDER.

OS CAVALEIROS VÃO ADIANTE.

Sturm e Flint percorreram as ameias das muralhas na noite da nomeação de Sturm entregues a lembranças.

— Um poço de prata pura... brilhando como uma jóia, no coração da Montanha do Dragão —, Flint disse com assombro na

voz. — E foi daquela prata que Theros forjou as lanças de dragão.

— Mais do que tudo, eu gostaria de ter visto o túmulo de Huma —, Sturm disse suavemente. Ele parou e descansou a mão na antiga muralha de pedra enquanto olhava para as fogueiras no horizonte. A luz da tocha de uma janela próxima iluminou-lhe o rosto magro.

— Você vai ver —, disse o anão. — Quando isto terminar, nós voltaremos lá. Tas desenhou um mapa... não que isso vá ajudar muito...

Enquanto resmungava sobre Tas, Flint observava preocupado o velho amigo. O rosto do cavaleiro estava sério e melancólico, uma coisa comum em Sturm. Mas, havia uma coisa nova nele, uma calma que não vinha da serenidade, e sim do desespero.

— Nós iremos lá juntos —, ele continuou tentando esquecer a fome. —

Você, Tanis e eu. E o kender também, eu suponho, mais Caramon e Raistlin.

Eu nunca pensei que fosse sentir saudade daquele mago magricela, mas bem que um usuário de magia poderia ser útil agora. Ainda bem que Caramon não está aqui. Você já imaginou quanta lamúria nós ouviríamos se ele perdesse duas refeições?

Sturm sorriu distraidamente, seus pensamentos estavam bem longe dali. Quando falou, ficou óbvio que ele não tinha escutado uma só palavra do que o anão tinha dito.

— Flint —, ele começou a falar com a voz calma e suave, — nós só precisamos de um dia quente para abrir a estrada. Quando esse dia chegar, pegue Laurana e Tas e partam. Você me promete?

— Na minha opinião, todos nós deveríamos partir! — o anão retrucou. — Leve os cavaleiros de volta para Palanthas. Eu aposto que nós conseguiríamos defender aquela cidade até mesmo contra os dragões. Os edifícios lá são feitos de pedras sólidas e boas. Não como este lugar! — O anão olhou com escárnio para a Torre construída por humanos. — Palanthas poderia ser defendida.

Sturm balançou a cabeça.

— O povo não permitiria. Eles só se importam com sua linda cidade.

Enquanto acharem que ela pode ser salva, eles não lutarão. Não, nós temos de oferecer resistência aqui.

— Aqui, você não tem chance nenhuma —, Flint argumentou.

— Sim, nós temos —, Sturm respondeu, — se nós conseguirmos agüentar até as rotas de suprimentos serem restabelecidas. Temos homens suficientes. E por isso que os exércitos dragonianos não atacaram...

— Tem uma outra saída —, disse uma voz.

Sturm e Flint Viraram-se. A luz da tocha iluminou um rosto desolado e a expressão de Sturm endureceu.

— Qual é essa saída, Lorde Teodorico? — Sturm perguntou com uma educação deliberada.

— Você e Gunthar acreditam que me derrotaram, — Teodorico disse, ignorando a pergunta. A voz dele era tranqüila e tremia de ódio enquanto ele olhava para Sturm. — Mas, vocês não me derrotaram! Através de um ato heróico, eu terei os cavaleiros na palma da minha mão... — Teodorico estendeu a mão protegida com uma cota de malha, a armadura brilhou sob a luz do fogo — e você e Gunthar estarão acabados! Ele fechou o punho lentamente.

— Eu tinha a impressão de que a guerra era lá fora contra os exércitos dragonianos —, Sturm disse.

— Não me venha com essa conversa idiota! — Teodorico rangeu os dentes. — Aproveite sua qualidade de cavaleiro, Montante Luzente. Você pagou o suficiente por isso. O que você prometeu para a mulher élfica em troca de suas mentiras? Casamento? Fazer dela uma mulher respeitável?

— De acordo com a Medida, eu não posso lutar com você, mas eu não tenho que ouvir você insultar uma mulher que é tão boa quanto corajosa —, Sturm disse e virou-se para partir.

— Nunca dê as costas enquanto eu falo! — Teodorico gritou. Ele deu um pulo para frente e agarrou o ombro de Sturm. Sturm virou-se com raiva e a mão na espada. Teodorico pegou a espada também e por um momento pareceu que a Medida poderia ser esquecida. Mas, Flint colocou a mão em seu amigo, segurando-o. Sturm respirou fundo e tirou a mão do cabo da espada.

— Diga o que você quiser, Teodorico! — A voz de Sturm tremia.

— Você está acabado, Montante Luzente. Amanhã vou liderar os cavaleiros para o campo de batalha. Chega de se esconder nesta miserável prisão de pedra. Amanhã à noite meu nome se tornará uma lenda!

Flint olhou espantado para Sturm. O rosto do cavaleiro estava branco como cera.

— Teodorico —, Sturm disse calmamente, — você é louco! Eles são milhares! Eles vão te cortar em pedaços!

— Isso é o que você gostaria de ver, não é? — Teodorico desdenhou. — Esteja pronto ao alvorecer, Montante Luzente.

Naquela noite, Tasslehoff estava com frio, com fome e entediado e decidiu que a melhor forma de esquecer o estômago era explorar as redondezas. Tem muitos lugares por aqui para a gente esconder coisas, pensou Tas. Este é um dos edifícios mais estranhos que eu já conheci.

A Torre do Alto Clerista estava plantada no lado oeste do Passo Ocidental, a única passagem que cruzava a Cordilheira de Habacuque que separa o lado leste de Solamnia de Palanthas. Como

o Senhor dos Dragões sabia, qualquer um que tentasse chegar a Palanthas sem usar esta rota teria de viajar centenas de quilômetros dando a volta nas montanhas, pelo deserto ou por mar. E os navios que entrassem pelos Portões de Paladine seriam alvos fáceis para os gnomos e suas catapultas que arremessavam fogo.

A Torre do Alto Clerista tinha sido construída na Era do Poder. Flint sabia bastante sobre a arquitetura desse período; os anões tinham colaborado no projeto e na construção da maior parte das obras desse período. Mas eles não tinham projetado nem construído esta Torre. Na verdade, Flint queria saber quem a tinha construído, pois achava que a pessoa estava bêbada ou louca.

Uma seção de muralhas de pedras externa formava um octógono que era a base da Torre. Cada vértice do muro octogonal tinha uma pequena torre em cima dele. Ameias corriam ao longo das seções de muralhas entre as torres. Um muro octogonal interno formava a base de uma série de torres e contrafortes que se erguiam elegantemente até a própria Torre central.

Este era um design bem comum, mas o que intrigou o anão era a falta de pontos de defesa internos. Havia três grandes portas de aço na muralha externa ao invés de uma o que seria mais

razoável pois três portas exigiriam um número inacreditável de homens para defendê-las. Cada porta dava para um pátio estreito no final do qual havia uma ponte levadiça que levava diretamente a um enorme corredor. Esses três corredores convergiam para o coração da Torre!

— É mais fácil convidar o inimigo a entrar e tomar um chá! — o anão tinha resmungado. — Esse é o jeito mais estúpido de se construir uma fortaleza que eu já vi.

Ninguém entrava na Torre. Para os cavaleiros ela era inviolada. A única pessoa que podia entrar na Torre era o Alto Clerista e como não havia um Alto Clerista, os cavaleiros defenderiam as muralhas da Torre com suas vidas, mas nenhum deles poderia colocar os pés em suas salas sagradas.

Originariamente a Torre tinha apenas a função de guardar o passo e não bloqueá-lo. Mais tarde, porém, os palanthianos adicionaram uma nova estrutura à estrutura principal o que selou a passagem. Era nesta estrutura adicional que os cavaleiros e os soldados da infantaria estavam vivendo. Ninguém pensou em entrar na Torre propriamente dita.

Ninguém exceto Tasslehoff.

Movido por sua curiosidade insaciável e pela fome que o consumia, o kender conseguiu chegar ao topo da muralha externa. Os cavaleiros do turno da noite olharam-no com desconfiança, segurando as espadas em uma das mãos e as bolsas na outra. Mas relaxaram assim que ele passou o que permitiu a Tas descer os degraus e entrar no pátio central.

Somente as sombras caminhavam por ali. Nenhuma tocha ardia, nenhum guarda a postos. Degraus largos levavam para a porta levadiça de aço. Tas subiu a escada na direção da grande abertura em arco e espiou ansioso através das barras. Nada. Ele suspirou. A escuridão do outro lado das barras era tão intensa que ele poderia imaginar que estava olhando para dentro do próprio Abismo.

Frustrado ele empurrou a ponte levadiça, mais por força do hábito do que por ter qualquer esperança, pois somente Caramon ou dez cavaleiros teriam a força necessária para levantá-la.

Para surpresa do kender a ponte levadiça começou a subir rangendo da forma mais horrível que se pode imaginar! Segurando-a, Tas agarrou com firmeza e fez ela parar. O kender olhou com medo para as ameias esperando ver uma guarnição inteira correndo para capturá-lo. Mas parece que os cavaleiros estavam ouvindo apenas o ronco de seus estômagos vazios.

Tas voltou-se novamente para a ponte levadiça. Havia um pequeno espaço aberto entre as pontas de lança de ferro e as pedras, um espaço por onde só um kender poderia passar. Tas não perdeu tempo nem parou para pensar nas conseqüências. Espremendo-se, ele passou por entre as pontas de lança.

Ele se viu em uma sala grande e larga, com quase quinze metros de diâmetro. Ele só conseguia enxergar a uma pequena distância. Mas havia tochas antigas na parede. Depois de alguns pulos, Tas alcançou uma delas e a acendeu com o isqueiro de Flint que ele encontrou por acaso em seu bolso.

Agora Tas podia ver com clareza a sala gigantesca. Ela se estendia até o coração da Torre. Havia colunas estranhas alinhadas ao longo dos dois lados como dentes recortados. Espiando atrás de uma delas ele não viu nada além de uma alcova.

A sala propriamente dita estava vazia. Desapontado, Tas continuou caminhado ao longo dela, esperando encontrar alguma coisa interessante. Ele chegou a uma segunda ponte levadiça que para sua decepção já estava levantada. "Quando é muito fácil, a coisa vale menos do que o trabalho que ela dá," era um velho ditado kender. Tas passou por baixo dessa ponte e entrou em um segundo corredor mais estreito do que o primeiro (com cerca de três metros de largura) mas que tinha as mesmas colunas estranhas parecendo dentes.

Por que construir uma Torre tão fácil de entrar? Tas se perguntava. A muralha externa era formidável, mas depois de passar por ela cinco anões bêbados seriam capazes de dominar este lugar. Tas olhou para cima. E por que tão enorme? A sala principal tinha nove metros de altura!

Talvez, os cavaleiros daquela época tivessem sido gigantes, o kender especulava interessado enquanto cruzava a sala espiando todas as portas abertas e batendo nos cantos.

No final do segundo corredor ele encontrou uma terceira ponte levadiça. Esta era diferente das outras duas, e tão estranha quanto o resto da Torre. Esta ponte tinha duas metades que deslizavam de modo a se juntarem no centro. O mais estranho de tudo era o fato de haver um grande buraco bem no meio das portas!

Passando pelo buraco, Tas se viu dentro de uma sala menor. Do lado oposto a ele, haviam duas enormes portas de aço. Ele as empurrou com displicência e ficou surpreso por encontrá-las trancadas. Nenhuma das pontes que ele encontrara antes estava trancada. Não havia nada a ser protegido.

Bem, pelo menos aqui havia alguma coisa para mantê-lo ocupado e fazê-lo esquecer a barriga vazia. Subindo em um banco

de pedra, Tas enfiou a tocha em um candelabro na parede, depois começou a remexer suas ercarcelas. Ele finalmente achou o conjunto de ferramentas de arrambar fechaduras que é um direito inato de qualquer kender, “Por que insultar a finalidade de uma porta, trancando-a?” é uma das expressões favoritas dos kendens.

Tas selecionou rapidamente a ferramenta apropriada e começou a trabalhar. A fechadura era simples. Ouviu-se um pequeno estalo e Tas guardou as ferramentas com satisfação enquanto a porta se abria para dentro. O kender ficou um momento parado, ouvindo atentamente. Ele não conseguia ouvir barulho algum. Ele não conseguiu ver nada quando espiou dentro da sala. Ele subiu no banco outra vez, pegou a tocha e passou cuidadosamente pelas portas de aço.

Segurando a tocha bem alto, ele percebeu que estava em uma sala circular grande e larga. Tas suspirou. Essa sala grande estava completamente vazia a não ser por um objeto coberto de pó que havia bem no centro dela e que se parecia com uma antiga fonte. A sala era também o fim do corredor pois, apesar de haver duas outras portas duplas que davam para fora da sala, era óbvio para o kender que elas só podiam levar de volta aos outros dois corredores gigantes. Ali era o coração da Torre. Este era o lugar sagrado. Ele era a causa de tanta confusão.

Nada.

Tas deu uma pequena volta iluminando aqui e ali com a tocha. Por fim o kender desapontado foi examinar a fonte no centro da sala antes de partir.

Quando se aproximou, Tas viu que não se tratava de uma fonte, mas a camada de poeira era tão espessa que ele não conseguia ver o que era. Ela tinha a altura do kender, cerca um metro e vinte do chão. A parte redonda de cima era sustentada por um pequeno pedestal de três pés.

Tas inspecionou o objeto mais de perto, depois respirou fundo e assoprou o mais forte que podia. O pó subiu e entrou no seu nariz fazendo ele espirrar com violência, quase derrubando a tocha. Durante um momento ele não conseguiu enxergar nada. Depois, a poeira abaixou e ele conseguiu ver o objeto. O coração dele enroscou na garganta.

— Ah, não! — Tas grunhiu. Ele tirou um lenço de um outro bolso e esfregou no objeto. A poeira saiu com facilidade e ele agora sabia do que se tratava.

— Droga! — ele disse, desesperado. — Eu estava certo. Agora, o que é que eu faço?

O sol nasceu avermelhado na manhã seguinte, cintilando através de uma cortina de fumaça que pairava sobre os exércitos dragonianos. As sombras da noite ainda não tinham se levantado do pátio da Torre do Alto Clerista, mas as atividades já haviam começado. Cem cavaleiros montaram nos cavalos, ajustaram os cinturões, pediram os escudos ou afivelaram as armaduras, enquanto mil soldados de infantaria se moviam confusos procurando seus lugares.

Sturm, Laurana, e Lorde Alfredo observavam em silêncio de uma porta escura, quando Lorde Teodorico entrou no pátio rindo e

contando piadas para os seus homens. O cavaleiro estava resplandecente em sua armadura, a rosa lampejava no peitoral de aço refletindo os primeiros raios do sol. Seus homens estavam animados com a idéia da batalha fazendo-os esquecer a fome.

— Você tem que impedir isso, meu lorde —, Sturm disse calmamente.

— Eu não posso! — Lorde Alfredo disse enquanto colocava as luvas. O rosto dele parecia abatido sob a luz da manhã. Ele não tinha dormido desde que Sturm o tinha acordado nas últimas horas da madrugada. — A Medida lhe dá o direito de tomar essa decisão.

Alfredo tinha discutido com Teodorico em vão tentando convencê-lo a esperar mais alguns dias! O vento já estava começando a mudar trazendo brisas quentes do norte.

Mas Teodorico tinha se mantido inflexível. Ele ia sair a cavalo e desafiar os exércitos dragonianos no campo. Quanto ao fato do inimigo exceder seus homens em número, ele ria de escárnio. Desde quando os goblins lutavam como Cavaleiros de Solamnia? Os Cavaleiros estavam em menor número, na proporção de cinquenta para um nas Batalhas contra os Ogros e os Goblins travadas no Forte de Vingard cem anos atrás, e eles expulsaram as criaturas com facilidade!

— Mas você estará lutando contra dragonianos —, Sturm avisou. — Eles não são como os goblins. Eles são inteligentes e bem treinados. Eles têm usuários de magia em suas fileiras e as armas deles são as melhores de Krynn. Mesmo mortos, eles ainda têm o poder de matar...

— Eu acredito que nós podemos vencê-los, Montante Luzente —, Teodorico interrompeu com aspereza. — E eu sugiro que você acorde seus homens e lhes diga para se prontarem.

— Eu não vou —, Sturm disse com firmeza. — E também não ordenarei que meus homens o façam.

Teodorico ficou branco de fúria. Durante um momento ele não conseguiu falar de tanta raiva. Até mesmo Lorde Alfredo parecia estar chocado.

— Sturm —, Alfredo começou a dizer lentamente, — você sabe o que está fazendo?

— Sim, meu lorde, Sturm respondeu. — Nós somos as únicas coisas que existem entre os exércitos dragonianos e Palanthas. Nós não ousamos deixar esta guarnição sem homens. Eu estou mantendo meu comando aqui.

— Desobedecendo a uma ordem direta, — Teodorico disse, respirando com dificuldade. — Você é testemunha, Lorde Alfredo. Eu terei a cabeça dele desta vez! Ele se retirou. Lorde Alfredo seguiu-o de cara feia, deixando Sturm sozinho.

No final das contas, Sturm tinha dado uma escolha a seus homens. Eles poderiam ficar com ele e não se arriscarem — já que eles só estavam obedecendo às ordens de seu oficial em comando — ou eles poderiam acompanhar Teodorico. Ele mencionou que essa era a mesma escolha que Vinas Solamnus tinha dado a seus homens há muito tempo atrás, quando os Cavaleiros se rebelaram contra o corrupto Imperador de Ergoth. Os homens não precisavam ser lembrados desta lenda. Eles viram isso como um sinal, e como aconteceu com Solamnus, a maioria deles optou por ficar com o comandante que eles tinham aprendido a admirar e respeitar.

Agora, eles observavam com os rostos tristes enquanto seus amigos se preparavam para ir à luta. Era a primeira divisão na longa história da Cavalaria e o momento era grave.

— Reconsidere, Sturm —, Lorde Alfredo disse enquanto o cavaleiro o ajudava a montar no cavalo. — Lorde Teodorico tem razão. Os exércitos dragonianos não foram treinados, não como os Cavaleiros. Existe uma grande possibilidade de nós os expulsarmos com um mero ataque.

— Estou rezando para isso ser verdade, meu lorde —, Sturm disse com firmeza.

Alfredo observou-o com tristeza.

— Se isso for verdade, Montante Luzente, Teodorico fará você ser julgado e executado por isto. Não haverá nada que Gunthar possa fazer para impedi-lo.

— Eu estaria disposto a morrer dessa forma, meu lorde, se isso pudesse impedir aquilo que eu temo que vai acontecer, — Sturm respondeu.

— Maldito seja! — Lorde Alfredo explodiu. — Se formos derrotados o que você ganhará ficando aqui? Você não seria capaz de deter um exército de anões da ravina com este pequeno contingente de homens! Suponhamos que as estradas se abram? Você não será capaz de defender a Torre tempo suficiente para Palanthas enviar reforços.

— Pelo menos nós podemos dar mais tempo para Palanthas evacuar seus cidadãos, se...

Lorde Teodorico Guardiãorreal colocou seu cavalo entre os cavalos de seus homens. Olhando para Sturm com os olhos reluzindo pela abertura de seu elmo. Lorde Teodorico levantou a mão pedindo silêncio.

— Sturm Montante Luzente, de acordo com a Medida, — Teodorico começou a dizer de maneira formal, — eu, o acuso de conspiração e...

— Para o Abismo com a Medida! — Sturm rangeu os dentes, com a paciência se esgotando. — Onde é que a Medida nos levou? Divididos, enciumados, enlouquecidos! Até mesmo nosso povo prefere se ver com os exércitos de nossos inimigos! A Medida falhou!

Um silêncio mortal se abateu sobre os cavaleiros no pátio, quebrado somente pelo bater das patas de um cavalo ou o tinir das armaduras quando aqui e ah um homem se mexia em sua sela.

— Reze pela minha morte, Sturm Montante Luzente, — Teodorico disse suavemente, — ou pelos deuses, eu mesmo lhe cortarei a garganta na sua execução! Sem dizer mais nenhuma palavra, ele virou o cavalo e dirigiu-se a meio galope para a frente da coluna.

— Abram os portões! — ele gritou.

O sol da manhã elevou-se acima da fumaça, subindo no céu azul. Os ventos sopravam do norte fazendo esvoaçar a bandeira que se agitava bravamente no topo da Torre. Armaduras brilhavam. Ouviu-se o retinir de espadas batendo em escudos e o som do chamado de um clarim enquanto homens se apressavam para abrir os pesados portões de madeira.

Teodorico ergueu a espada bem alto. Levantando a voz na saudação do cavaleiro ao inimigo, ele galopou adiante. Os cavaleiros que vinham atrás dele aderiram ao seu desafio e cavalgaram adiante para os campos onde muito tempo antes Huma tinha cavalgado para uma vitória gloriosa. Os soldados da infantaria marchavam e seus passos batiam no pavimento de pedra produzindo um som parecido com o rufo do tambor. Por um momento, Lorde Alfredo deu a impressão de que ia dizer alguma coisa para Sturm e os cavaleiros jovens que ficaram olhando. Mas, ele só balançou a cabeça e saiu cavalgando.

Os portões fecharam-se atrás dele. A pesada barra de ferro foi baixada para travá-lo, com segurança. Os homens sob o comando de Sturm correram para as ameias para assistir.

Sturm ficou em silêncio no centro do pátio com o rosto desolado.

A Dama das Trevas estava ausente. O jovem e belo comandante dos exércitos dragonianos levantava-se para o café da manhã e o começo de outro dia monótono, quando um observador galopou para dentro do acampamento.

O comandante Bakarís olhou desgostoso para o observador. O homem cavalgava desesperado pelo acampamento e seu cavalo esparramava panelas e goblins. Guardas dragonianos levantaram-se de um só pulo agitando os punhos e xingando. Mas, o observador ignorou-os.

— O Senhor dos Dragões! — ele gritou enquanto descia do cavalo diante da tenda. — Eu preciso ver o Senhor dos Dragões.

— O Senhor dos Dragões partiu —, disse o assistente do comandante.

— Eu estou no comando, — retrucou Bakarís. — O que você deseja?

O soldado não queria cometer um erro e olhou rapidamente em volta. Mas, não havia sinal da atemorizante Dama das Trevas nem do grande dragão azul que ela cavalgava.

— Os Cavaleiros entraram no campo de batalha!

— O que? O queixo do comandante caiu. — Você tem certeza?

— Sim! O observador falava de forma incoerente. — Eu os vi! Centenas a cavalo! Lanças, espadas. Mil a pé.

— Ela estava certa! — Bakarís praguejou admirado para si mesmo. — Os tolos cometeram o erro!

Ele chamou os criados e voltou apressado para a tenda.

— Soem o alarme —, ele ordenou enquanto gritava instruções. — Eu quero o capitão aqui em cinco minutos para as ordens finais. — Suas mãos tremiam de ansiedade enquanto ele afivelava a armadura. — E mandem o wyvern para Arrojos para avisar o Senhor dos Dragões.

Criados goblins corriam em todas as direções e pouco tempo depois o clangor dos clarins ecoou pelo campo. O comandante lançou um último e rápido olhar para o mapa que estava sobre a mesa depois saiu para se reunir com os oficiais.

— É uma pena, — ele refletiu friamente enquanto saia. — A luta provavelmente terá terminado quando ela receber a notícia. Uma pena. Ela gostaria de poder estar presente no dia da queda da Torre do Alto Clerista. Mas — . ele refletiu, — talvez nós venhamos a dormir em Palanthis amanhã à noite... ela e eu.

12

MORTE NAS PLANÍCIAS.

A DESCOBERTA DE TASSLEHOFF.

O sol estava alto no céu. Os cavaleiros ficaram nas ameias da Torre olhando para as planícies até seus olhos doerem. Tudo que eles conseguiam ver era uma grande onda de figuras negras movendo-se pelos campos, pronta a engolir a delgada formação com o formato de uma lança brilhante de prata que avançava resolutamente ao seu encontro.

Os exércitos se encontraram. Os cavaleiros faziam força para enxergar, mas um véu de névoa cinza deslizava sobre a terra. O ar ficou impregnado com um cheiro horrível que parecia de ferro aquecido. A névoa ficou mais espessa a ponto de quase ocultar completamente o sol.

Agora, eles não conseguiam enxergar nada. A Torre parecia flutuar sobre o nevoeiro. A névoa pesada abafava o som também,

pois no início eles ouviam o choque das armas e os gritos dos que morriam. Mas até isso parou e tudo ficou em silêncio.

O tempo foi passando. Laurana acendeu velas que crepitavam e piscavam no ar fétido da câmara que escurecia enquanto ela andava de um lado para o outro sem parar. O kender estava com ela. Olhando da janela na torre, Laurana podia ver Sturm e Flint refletidos na fantasmagórica luz das tochas, postados nas ameias abaixo dela.

Um criado trouxe para ela carne seca e um pedaço de pão caruncho que era a ração que lhe cabia naquele dia. Ela percebeu que eles ainda não tinham chegado ao meio da tarde. Depois, um movimento nas ameias da muralha chamou-lhe a atenção. Ela viu um homem vestindo uma roupa de couro toda suja de lama aproximar-se de Sturm. Pensou tratar-se de um mensageiro. Ela começou a afivelar sua armadura apressadamente.

— Você vem? — ela perguntou a Tas, achando de repente que o kender estava muito quieto.— Chegou um mensageiro de Palanthas!

— Acho que sim —, Tas disse sem interesse.

Laurana franziu a testa e desejou que ele não estivesse ficando fraco por falta de comida. Mas Tas balançou a cabeça ao ver a preocupação dela.

— Eu estou bem, ele murmurou. — É só esta estúpida névoa cinza.

Laurana esqueceu-se dele enquanto descia as escadas correndo.

— Notícias? — ela perguntou a Sturm que espiava por sobre as muralhas num esforço inútil de ver o campo de batalha. — Eu vi o

mensageiro...

— Ah, sim. — Ele sorriu cansado. — Boas notícias, eu suponho. A estrada para Palanthas está aberta. A neve derreteu o suficiente para se poder usá-la. Eu tenho um mensageiro à espera para levar uma mensagem para Palanthas no caso de sermos derr... — Ele parou abruptamente, depois respirou fundo. — Eu quero que você esteja pronta para voltar a Palanthas com ele.

Laurana já estava esperando por isto e sua resposta já estava preparada. Mas agora que tinha chegado a hora de seu discurso, ela não era capaz de fazê-lo. O ar amargo secou-lhe boca e a língua parecia estar inchada. Não, não era isso, ela repreendeu a si mesma. Ela estava com medo. Admita. Ela queria voltar para Palanthas! Ela queria sair daquele lugar lúgubre onde a morte espreitava nas sombras. Fechando o punho, ela bateu nervosamente com a mão na pedra para ganhar coragem.

— Eu vou ficar aqui, Sturm —, ela disse. Depois de esperar até ter controle sobre sua voz, ela continuou, — eu sei o que você vai dizer, por isso ouça-me primeiro. Você vai precisar de todos os guerreiros treinados que puder conseguir. Você conhece meu valor.

Sturm acenou com a cabeça. O que ela tinha dito era verdade. Tinha pouca gente sob seu comando mais certa com um arco do que ela. Ela era também um espadachim treinado. Ela já tinha sido testada em combate, coisa que não se podia dizer de muitos dos cavaleiros jovens sob seu comando. Por isso, ele concordou com a cabeça. Ele tinha intenção de mandá-la de volta de qualquer forma.

— Eu sou a única pessoa treinada no uso da dragonlance...

— Flint foi treinado —, Sturm interrompeu suavemente.

Laurana olhou de forma pungente para o anão. Pego entre duas pessoas que ele amava e admirava, Flint enrubesceu e pigarreou.

— Isso é verdade, — ele disse com a voz rouca, — mas... eu... uh... devo admitir... que eu uh, Sturm sou um pouco baixo.

— De qualquer maneira, nós não vimos nenhum sinal de dragões, — Sturm disse enquanto Laurana lançava um olhar triunfante em sua direção.

Os relatos dizem que eles estão ao sul de nós lutando pelo controle de Thelgaard.

— Mas você acha que os dragões estão a caminho, não acha?
— Laurana retorqui.

Sturm pareceu inquieto.

— Talvez —, ele murmurou.

— Você não sabe mentir, Sturm. Não é agora que você vai começar. Eu vou ficar. É o que Tanis faria...

— Droga, Laurana! — Sturm disse com o rosto vermelho. — Viva sua vida! Você não pode ser Tanis! Eu não posso ser Tanis! Ele não está aqui! Temos que encarar esse fato! — O cavaleiro afastou-se de repente. — Ele não está aqui —, ele repetiu com aspereza.

Flint olhou pesaroso para Laurana e suspirou. Ninguém tinha notado Tasslehoff que estava sentado em um canto encolhido. Laurana colocou o braço em volta de Sturm.

— Eu sei que eu não sou o amigo que Tanis é para você, Sturm. Eu nunca poderei ocupar o lugar dele. Mas eu farei tudo que puder para te ajudar. Foi isso que eu quis dizer. Você não precisa me tratar de modo diferente de seus cavaleiros...

— Eu sei, Laurana, — Sturm disse e colocou o braço em volta dela e puxou-a mais perto. — Me desculpe por ter estourado com você. — Sturm suspirou. — E você sabe porque eu tenho que te tirar daqui. Tanis jamais me perdoaria se alguma coisa acontecesse com você.

— Sim, ele perdoaria, — Laurana respondeu suavemente. — Ele iria entender. Ele me disse uma vez que chegaria o dia em que você teria que arriscar sua vida por alguma coisa que significaria mais do que a própria vida. Você não vê, Sturm? Se eu fugir para a segurança deixando meus amigos para trás, ele dirá que compreendeu. Mas lá no fundo, ele não compreenderia. Porque isso não é o que ele mesmo faria. Além do mais — ela sorriu — mesmo que não houvesse Tanis neste mundo, eu não seria capaz de deixar meus amigos.

Sturm olhou dentro dos olhos dela e viu que nada que ele pudesse dizer a faria mudar de idéia. Silenciosamente, ele a segurou

mais perto de si. Ele colocou o outro braço em volta do ombro de Flint e puxou o anão mais perto.

Tasslehoff, que se desmanchava em lágrimas, ficou em pé e jogou-se sobre eles soluçando em desespero. Eles olharam para ele assombrados.

— Tas, o que foi? — Laurana perguntou assustada.

— É tudo culpa minha! Eu quebrei um! Será que eu estou destinado a andar pelo mundo quebrando essas coisas? — Tas lamentava-se de modo incoerente.

— Acalme-se —, Sturm disse com a voz séria. Ele sacudiu o kender. — Do que você está falando?

— Eu achei outro, — Tas balbuciou. — Lá embaixo, numa grande câmara vazia.

— Outro o quê, seu cabeça de pudim? — Flint disse exasperado.

— Outro orbe do dragão! — Tas se lamentou.

A noite caiu sobre a Torre na forma de um nevoeiro mais espesso e pesado. Os cavaleiros acenderam tochas, mas as chamas só encheram a escuridão de fantasmas. Os cavaleiros montaram guardas silenciosas nas ameias, esforçando-se para ouvir ou ver alguma coisa... qualquer coisa...

Então, quando era quase meia noite, eles se assustaram ao ouvir não os gritos vitoriosos de seus camaradas nem o monótono som dos clarins do inimigo e sim o retinir de arreios e o relinchar macio de cavalos aproximando-se da fortaleza.

Os cavaleiros correram para as ameias e iluminaram o nevoeiro com as tochas. Eles ouviram o bater dos cascos pararem lentamente.

Sturm ficou sobre o portão.

— Quem se dirige à Torre do Alto Clerista? — ele gritou.

Havia uma única tocha acesa lá embaixo. Quando Laurana conseguiu enxergar através da escuridão nebulosa, sentiu os joelhos ficarem fracos e agarrou-se à muralha de pedra para se manter em pé. Os cavaleiros gritaram aterrorizados.

O cavaleiro que segurava a tocha flamejante estava vestido com uma armadura brilhante de um oficial do exército dragoniano. Ele era loiro, suas feições eram bonitas, frias e cruéis. Ele trazia um segundo cavalo sobre o qual estavam jogados dois corpos de atravessado — um deles sem cabeça, os dois mutilados e ensangüentados.

— Eu trouxe seus oficiais de volta —, o homem disse com uma voz alta e rude. — Um deles está bem morto como vocês podem ver. Eu acredito que o outro ainda esteja vivo. Ou estava quando eu comecei minha jornada. Espero que ainda não tenha morrido para poder lhes contar o que se passou hoje no campo de batalha. Se é que se pode chamar aquilo de uma batalha.

O oficial desmontou iluminado pelo brilho de sua própria tocha. Ele começou a desamarrar os corpos usando uma das mãos para soltar as cordas que os prendiam à sela. Depois, olhou para cima.

— Sim, vocês poderiam me matar agora. Eu sou um bom alvo mesmo neste nevoeiro. Mas, vocês não vão. Vocês são Cavaleiros de Solamnia — o sarcasmo dele era evidente — sua honra é sua vida. Vocês não atirariam em um homem desarmado que está devolvendo os corpos de seus líderes. — Ele deu um puxão nas cordas. O corpo sem cabeça escorregou para o chão. O oficial puxou o outro corpo para fora da sela. Ele jogou a tocha no chão perto dos corpos. A tocha chiou na neve, depois se apagou e a escuridão o envolveu.

— Vocês estão empanturrados de honra naquele campo —, ele gritou. Os cavaleiros podiam ouvir o couro estalar e a armadura dele tiniu quando ele remontou no cavalo. — Eu lhes darei até a manhã para se entregarem. Quando o sol nascer, abaixem sua bandeira. O Senhor dos Dragões será misericordioso com vocês...

De repente ouviu-se o vibrar das cordas de um arco, o som abafado de uma flecha penetrando na carne e a voz de alguém praguejando espantado vindo debaixo deles. Os cavaleiros viraram-se e olharam assustados para a figura solitária em pé sobre a muralha com um arco na mão.

— Eu não sou um cavaleiro —, Laurana gritou abaixando o arco. — Eu sou Lauralanthalasa, filha de Qualinesti. Nós elfos temos nossos próprios códigos de honra e, como tenho certeza que você sabe, consigo enxergar muito bem nesta escuridão. Eu poderia ter te matado. Eu acredito que você terá alguma dificuldade para usar esse braço durante muito tempo. Na verdade, pode ser que você nunca mais consiga empunhar uma espada.

— Tome isso como nossa resposta para seu Senhor dos Dragões —, Sturm disse de forma rude. — Nós preferimos morrer a baixar nossa bandeira!

— Sem dúvida vocês morrerão! — o oficial disse por entre os dentes que rangiam de dor. O barulho dos cascos galopando perdeu-se na escuridão.

— Tragam os corpos para dentro —, Sturm ordenou.

Os cavaleiros abriram cuidadosamente os portões. Vários deles correram para fora para dar cobertura aos outros que gentilmente levantaram os corpos e os trouxeram para dentro. Depois a guarda retornou para dentro da fortaleza e trancou os portões.

Sturm ajoelhou-se na neve ao lado do corpo do cavaleiro sem cabeça. Levantou a mão do homem e removeu o anel dos dedos frios e duros. A armadura do cavaleiro estava surrada e preta de sangue. Largando a mão sem vida na neve, Sturm curvou a cabeça.

— Lorde Alfredo —, ele disse sem emoção na voz.

— Senhor —, disse um dos cavaleiros jovens, — o outro é Lorde

Teodorico. O infame oficial dragoniano estava certo... ele ainda está vivo.

Sturm levantou-se e foi até onde Teodorico estava deitado sobre a pedra fria. O rosto do lorde estava branco, os olhos arregalados e brilhando agitados. Coágulos de sangue cobriam-lhe os lábios, a pele estava fria e úmida. Um dos cavaleiros jovens amparou-o e colocou um copo com água nos lábios dele, mas Teodorico não conseguia beber.

Enojado com o horror da cena, Sturm viu a mão de Teodorico pressionando o próprio estômago de onde o sangue brotava, mas não rápido o suficiente para acabar com aquela dor agonizante. Com um sorriso tétrico, Teodorico segurou o braço de Sturm com a mão ensangüentada.

— Vitória! — ele disse com a voz baixa e áspera. — Eles correram de nós e nós os perseguimos! Foi glorioso, glorioso! E, e... eu serei o Grão-mestre! — Ele engasgou e o sangue escorria-lhe pela boca enquanto ele se largava nos braços do cavaleiro jovem que olhava para Sturm com o rosto cheio de esperança.

— O senhor acha que ele tem razão? Talvez isso fosse um ardil
— A voz dele se calou ao ver a triste expressão no rosto de Sturm e ele olhou novamente para Teodorico com pena. — Ele está louco, não está, senhor?

— Ele está morrendo... com bravura, como um verdadeiro cavaleiro, Sturm disse.

— Vitória! — Teodorico sussurrou e então seus olhos ficaram inertes olhando para o nevoeiro sem nada ver.

— Não, você não deve quebrá-lo —, Laurana disse.

— Mas, Fizban disse...

— Eu sei o que ele disse —, Laurana respondeu impaciente. — Não é mau, não é bom, não é nada e é tudo. O Fizban é assim mesmo! — ela resmungou.

Ela e Tas estavam diante do orbe do dragão. O orbe repousava em um pedestal no centro da sala redonda ainda coberta de poeira, exceto no lugar que Tas tinha limpado. A sala estava escura, com um silêncio ameaçador; tão silenciosa na verdade que Tas e Laurana se sentiram compelidos a sussurrar.

Laurana olhou fixamente para o orbe e sua testa enrugou-se enquanto pensava. Tas olhou com tristeza para Laurana, pois achava que sabia o que ela estava pensando.

— Estes orbes têm que funcionar, Tas! — Laurana disse, finalmente. —

Eles foram criados por poderosos usuários de magia! Pessoas como Raistlin que não toleram o fracasso. Se pelo menos nós soubéssemos como...

— Eu sei como —, Tas disse com um sussurro entrecortado.

— O que? Laurana perguntou. — Você sabe! Por que você não...

— Vamos dizer que eu não sabia que eu sabia, — Tas gaguejou. — De repente eu me dei conta. Gnosh, o gnomo, me disse que ele descobriu alguma coisa escrita dentro do orbe, letras que giravam na névoa. Ele disse que não as conseguia ler porque elas estavam escritas em alguma linguagem estranha...

— A linguagem da mágica.

— Sim, isso foi o que eu disse e...

— Mas, isso não nos ajudará! Nenhum de nós dois sabe falar essa linguagem. Se pelo menos Raistlin...

— Nos não precisamos de Raistlin, Tas interrompeu. — Eu não sei falar, mas eu posso ler. É que eu tenho esses óculos... Raistlin chamava-os de óculos da visão da verdade. Eles permitem que eu leia línguas; até mesmo a língua da mágica. Eu sei porque Raistlin me disse que se me pegasse lendo qualquer um de seus pergaminhos me transformaria em um grilo e me engoliria inteiro.

— E você acha que consegue ler o orbe?

— Eu posso tentar—, Tas disse com cautela, — mas, Laurana, Sturm disse que provavelmente não haveria dragão algum. Por que nós deveríamos nos incomodar com o orbe? Fizban disse que só os mais poderosos usuários de mágica ousariam usá-lo.

— Escute aqui, Tasslehoff Pés Ligeiros, — Laurana disse calmamente ajoelhando-se ao lado do kender e olhando bem nos olhos dele. — Se eles trouxerem um só dragão para cá nós estamos mortos. E por isso que eles nos deram tempo para nos entregarmos ao invés de assaltar o lugar. Eles estão usando o tempo extra para trazer os dragões. Nós precisamos nos arriscar!

Um caminho escuro e um caminho claro. Tasslehoff lembrou-se das palavras de Fizban e abaixou a cabeça. Morte daqueles que você ama, mas você tem coragem.

Tas enfiou calmamente a mão no bolso do colete de lã de carneiro tirou os óculos e colocou a armação fina sobre as orelhas

pontudas.

13

O SOL NASCE.

A ESCURIDÃO DESCE.

O nevoeiro subiu com a chegada da manhã. O dia amanheceu claro e límpido, tão límpido que Sturm, andando pela ameia das muralhas, conseguia avistar o gramado coberto de neve do lugar onde ele nasceu perto do Forte de Vingaard, terras que eram agora completamente controladas pelos exércitos dragonianos. Os primeiros raios do sol atingiram a bandeira dos Cavaleiros; o martim-pescador embaixo da coroa dourada segurando em suas garras uma espada decorada com uma rosa. O emblema dourado refletia a luz da manhã. Então, Sturm ouviu o áspero clangor dos clarins.

Os exércitos dragonianos marchavam na direção da Torre ao alvorecer. Os cento e poucos cavaleiros jovens que restaram, postaram-se silenciosamente nas ameias da muralha observando enquanto o vasto exército se esparramava lentamente pelos campos com a inexorabilidade de insetos vorazes.

No início, Sturm se perguntava sobre as últimas palavras de Teodorico. “Eles correram de nós!” Por que teria o exército dragoniano corrido? De repente, isso ficou claro para ele — os homens dragão tinham usado a vaidade dos cavaleiros contra eles mesmos, uma manobra antiga mas simples. Retire-se na frente de seu inimigo... não muito rápido, deixe que as linhas de frente demonstrem medo e terror o suficiente para serem críveis. Faça parecer que eles fogem em pânico. Depois, deixe o inimigo persegui-

lo dispersando as linhas dele. Então, faça seu exército fechar-se sobre ele, cerque-o e o aniquile.

Sturm não precisava ver os corpos, que eram pouco visíveis à distância na neve pisada e ensangüentada, para saber que tinha deduzido corretamente. Eles estavam onde tinham tentado desesperadamente se reagrupar para uma confrontação final. Não que importasse como eles tinham morrido. Ele se perguntava quem ia cuidar de seu corpo quando tudo terminasse.

Flint espiou por um buraco na muralha.

— Pelo menos eu vou morrer em terra firme —, o anão resmungou.

Sturm sorriu levemente enquanto acariciava o bigode. Seus olhos se voltaram para o leste. Enquanto pensava em morrer, ele olhou para a terra em que tinha nascido — um lar que ele tinha

conhecido pouco, um pai de quem ele mal se lembrava, um país que tinha mandado sua família para o exílio. E ele estava pronto para dar a vida defendendo esse país. Por que? Por que ele simplesmente não partiu e voltou para Palanthas?

Durante toda sua vida ele tinha seguido o Código e a Medida. O Código: Est Sularus oth Mithas — Minha Honra É Minha Vida. O Código era tudo que lhe restava. A Medida tinha desaparecido. Ela tinha fracassado. Rígida e inflexível, a Medida tinha enclausurado os Cavaleiros em um aço mais pesado que as próprias armaduras. Os Cavaleiros, isolados, lutando para sobreviver, tinham se agarrado à Medida num ato de desespero sem perceber que ela era uma âncora que os puxava para baixo.

Por que eu sou diferente? Sturm se perguntava. Mas, enquanto ouvia o anão resmungar ele sabia a resposta. Era por causa do anão, do kender, do mago, do meio elfo... Eles tinham lhe ensinado a ver o mundo com outros olhos. Cavaleiros como Teodorico só viam o mundo rigorosamente preto e branco. Sturm tinha visto o mundo em todas suas cores radiantes, em todos seus tons desolados de cinza.

— Chegou a hora —, ele disse para Flint. Os dois desceram do ponto de vigia lá no alto, assim que as primeiras flechas com pontas envenenadas do inimigo começaram a cair sobre as muralhas.

Com gritos e berros, o clangor dos clarins, e o estrondo metálico de escudos e espadas, os exércitos dragonianos atacaram a Torre do Alto Clerista quando a frágil luz do sol preencheu o céu.

Ao anoitecer, a bandeira ainda ondulava no ar. A Torre resistia. Mas metade de seus defensores estava morta.

Os sobreviventes não tiveram tempo durante o dia para fechar os olhos ou recompor os membros contorcidos e torturados. Os vivos fizeram tudo que podiam para continuarem vivos. Por fim, a paz veio com a noite, quando os exércitos dragonianos se retiraram para descansar e esperar pela manhã seguinte.

Sturm andava de um lado para outro nas muralhas com o corpo doendo de exaustão. Mesmo assim, toda vez que ele tentava descansar, seus músculos tensos contraíam-se e se mexiam e seu cérebro parecia estar pegando fogo. E assim ele era forçado a ficar andando de um lado para outro de novo com um passo calmo e medido. Ele não podia adivinhar que esse caminhar contínuo ajudava a espantar os horrores do dia, da cabeça dos jovens cavaleiros que os ouviam. Os cavaleiros que estavam no pátio enterrando os corpos de amigos e camaradas e pensando que amanhã alguém poderia estar fazendo a mesma coisa por eles. ouviam o caminhar contínuo de Sturm e sentiam seus medos do amanhã se tranquilizarem.

Na verdade, o barulho dos passos do cavaleiro trouxe conforto a todos, exceto o próprio cavaleiro. Os pensamentos de Sturm eram sombrios e atormentados: pensamentos de derrota; pensamentos sobre morrer sem nobreza, sem honra; memórias atormentadoras do sonho, vendo seu corpo cortado e mutilado pelas fétidas criaturas que estavam acampadas mais adiante. O sonho se realizaria? ele se perguntava trêmulo. Será que ele ia falhar no final, incapaz de dominar o medo? Será que o Código o abandonaria como o fez a Medida?

Passos... passos... passos... passos...

Pare com isso! Sturm disse a si mesmo com raiva. Daqui a pouco você vai estar louco como o pobre Teodorico. Virando-se abruptamente sobre o calcanhar para interromper os passos, o cavaleiro viu Laurana atrás de si. Seus olhos encontraram os dela e os pensamentos negros foram clareados pela luz dela. Enquanto a paz e a beleza como as dela existissem neste mundo, haveria esperança. Ele sorriu e ela retribuiu o sorriso — um sorriso cansado — mas que apagou as marcas da fadiga e preocupação do rosto dela.

— Vá descansar — ele disse a Laurana. — Você parece exausta.

— Eu tentei dormir —, ela murmurou, — mas tive sonhos horríveis... mãos que estavam presas dentro de um cristal, enormes dragões voando por corredores de pedras. — Ela balançou a cabeça depois se sentou exausta em um canto protegido do vento frio.

O olhar de Sturm mudou para Tasslehoff que estava deitado ao lado dela. O kender dormia profundamente enrolado como uma bola. Sturm olhou para ele sorrindo. Nada perturbava Tas. O kender

tinha tido um dia verdadeiramente glorioso — um dia que ficaria vivo na memória dele para sempre.

— Eu nunca estive num cerco antes, — Sturm tinha ouvido Tas confidenciar a Flint alguns segundos antes do machado de guerra do anão cortar a cabeça de um goblin.

— Você sabe que todos nós vamos morrer —, Flint grunhiu enquanto limpava o sangue escuro da lâmina do machado.

— Foi isso que você disse quando nós demos de cara com aquele dragão negro em Xak Tsaroth, — Tas respondeu. — Depois, você disse a mesma coisa em Thorbardin e depois veio o barco...

— Desta vez nós vamos morrer! — Flint rugiu furioso. — Mesmo que eu tenha que te matar!

Mas, eles não tinham morrido... pelo menos não naquele dia. Sempre existe um amanhã, Sturm pensou, seu olhar repousando no anão que estava recostado contra um muro de pedra e esculpia um bloco de madeira.

Flint olhou para cima.

— Quando vai começar? ele perguntou. Sturm suspirou e olhou para a parte leste do céu.

— Ao alvorecer, — ele respondeu. — Mais algumas horas. O anão acenou com a cabeça.

— Acha que nós resistiremos? O tom de sua voz era normal e a mão que segurava a madeira estava firme e constante.

— Nós temos que resistir, — Sturm respondeu. — O mensageiro chegará a Palanthas hoje à noite. Se eles agirem depressa, levarão dois dias marchando para chegar até aqui. Nós precisamos dar-lhes dois dias...

— Se eles agirem de imediato! — Flint grunhiu.

— E... Sturm disse calmamente e suspirou. — Você deveria partir —, ele disse virando-se para Laurana que saiu de seu devaneio num sobressalto. — Vá para Palanthas. Convença-os do perigo.

— Seu mensageiro tem que fazer isso —, Laurana disse cansada. — Do contrário, nenhuma palavra minha os fará mudar de idéia.

— Laurana —, ele começou a falar.

— Você precisa de mim? — ela perguntou abruptamente. — Eu tenho alguma utilidade aqui?

— Você sabe que sim —, Sturm respondeu. Ele tinha se maravilhado com a coragem e a força inquebrantável da jovem elfa e a perícia dela com o arco.

— Então, eu fico —, Laurana disse simplesmente. Apertando mais o cobertor à sua volta, ela fechou os olhos. — Eu não consigo dormir —, ela murmurou. Mas, depois de poucos minutos a respiração dela tornou-se calma e regular como a do kender que já estava dormindo.

Sturm balançou a cabeça e engoliu alguma coisa que estava em sua garganta e quase o faz engasgar. Seu olhar encontrou o de Flint. O anão suspirou e voltou a esculpir. Nenhum dos dois disse nada, ambos pensavam na mesma coisa. Suas mortes seriam ruins se os dragonianos dominassem a Torre. A morte de Laurana poderia ser algo próximo de um pesadelo.

O céu a leste estava clareando, anunciando a chegada do sol, quando os cavaleiros foram despertados de seu sono entrecortado pelo clangor de clarins. Eles se levantaram apressadamente, agarraram as armas e postaram-se nas muralhas, perscrutando a terra sombria.

As fogueiras do acampamento dos exércitos dragonianos estavam fracas, pois eles as apagavam quando a luz do dia chegava. Eles podiam ouvir o barulho da vida retornando aos horríveis exércitos. Os cavaleiros pegaram suas armas e esperaram. Então, eles se entreolharam desconcertados.

Os exércitos dragonianos estavam se retirando! Embora desse para ver pouca coisa devido à pouca luz, era óbvio que aquela maré

negra estava lentamente se afastando. Sturm observava intrigado. Os exércitos estavam se afastando próximo à linha do horizonte. Mas Sturm sabia que eles ainda estavam por lá. Ele os pressentia.

Alguns dos cavaleiros jovens começaram a pular e gritar de alegria.

— Fiquem quietos! — Sturm ordenou com aspereza. Os gritos deles incomodavam seus nervos que estavam à flor da pele. Laurana aproximou-se dele e olhou para ele assombrada. O rosto dele estava pálido e desanimado sob a bruxuleante luz da tocha. As mãos com luvas, que descansavam sobre a ameia da muralha, abriam-se e fechavam-se nervosamente. Ele inclinou-se para frente de olhos entreabertos, olhando para o leste.

Laurana, sentiu o próprio corpo gelar ao perceber que o medo estava crescendo dentro de Sturm. Ela lembrou-se do que tinha dito a Tas.

— É o que nós temíamos? — ela perguntou com a mão no braço dele.

— Reze para estarmos errados! — ele disse com a voz hesitante.

Minutos se passaram. Nada aconteceu. Flint veio juntar-se a eles subindo com dificuldade em uma enorme laje de pedra quebrada para olhar sobre a beirada da muralha. Tas acordou e bocejou.

— Quando é o café da manhã? — o kender perguntou alegre, mas ninguém lhe deu atenção.

Eles ainda observavam e esperavam. Agora, todos os cavaleiros sentindo o mesmo medo, alinhavam-se na muralha olhando para o oriente sem uma idéia clara do porque.

— O que foi? — Tas sussurrou. Subindo e colocando-se ao lado de Flint, ele viu o pequeno disco vermelho prateado do sol queimando no horizonte com seu fogo alaranjado, dando ao céu um tom purpúreo e enfraquecendo com isso o brilho das estrelas.

— O que vocês estão olhando? — Tas sussurrou cutucando Flint.

— Nada —, Flint grunhiu.

— Então, por que vocês estão olhando? — O kender recuperou o fôlego.

Tasslehoff, deu um último olhar de preocupação para Laurana e pulou da rocha na qual ele e o anão estavam em pé. Flint veio atrás dele mais devagar com o rosto sombrio e pensativo. Quando desceu da pedra, ele dirigiu-se a Sturm.

— Tem que ser você? Flint perguntou silenciosamente a Sturm quando seus olhares se cruzaram.

Sturm acenou com a cabeça uma vez. Olhando para Laurana, ele sorriu com tristeza.

— Eu falo com ela —, ele disse suavemente. — Cuide do kender. Adeus, meu amigo.

Flint engoliu em seco e balançou a cabeça. Depois, com a tristeza estampada no rosto, o anão passou a mão áspera nos olhos e deu um empurrão nas costas de Tas.

— Vá andando! — o anão retrucou.

Tas virou-se e olhou espantado para Flint, depois encolheu os ombros e saiu correndo aos pulos ao longo da ameia da muralha e gritando com sua voz estridente para os cavaleiros assustados.

O rosto de Laurana iluminou-se.

— Você vem também, Sturm! — ela disse puxando-o como uma criança ansiosa que quer mostrar o brinquedo novo para o pai.
— Eu explicarei para os homens se você quiser. Depois, você pode dar as ordens e cuidar do posicionamento para a batalha...

— Você está no comando, Laurana —, Sturm disse.

— O que? — Laurana parou, o medo substituindo tão rapidamente a esperança em seu coração que a dor a fez respirar com dificuldade.

— Você disse que precisava de tempo —, Sturm disse arrumando o cinturão da espada e evitando os olhos dela. — Você tem razão. Você tem de colocar os homens na posição. Você precisa ter tempo para usar o orbe. Eu conseguirei esse tempo. — Ele apanhou um arco e uma aljava de flechas.

— Não! Sturm! — Laurana tremeu aterrorizada. — Você não pode estar falando sério! Eu não sei comandar! Sturm, não faça isso com você mesmo! — A voz dela era quase um sussurro. — Não faça isso comigo!

— Você é capaz de comandar, Laurana, — Sturm disse tomando a cabeça dela em suas mãos. Inclinando-se para a frente, ele a beijou gentilmente. — Adeus, jovem elfa, — ele disse

suavemente. — Sua luz brilhará neste mundo. E hora da minha luz se apagar. Não sofra, minha querida. Não chore. Ele a puxou mais perto de si. — O Mestre da Floresta nos disse na Mata Escura que nós não deveríamos lamentar a perda daqueles que morrem cumprindo seu destino. Meu destino está cumprido. Apresse-se, Laurana. Você precisará de cada segundo.

— Pelo menos leve a lança do dragão com você —, ela implorou.

Sturm balançou a cabeça e colocou a mão na espada antiga de seu pai.

— Eu não sei como usá-la. Adeus, Laurana. Diga a Tanis — Ele parou, depois deu um suspiro. — Não, ele disse com um leve sorriso. — Ele saberá o que havia em meu coração.

— Sturm... — As lágrimas de Laurana fizeram-na engasgar, obrigando-a a ficar em silêncio. Ele só conseguia olhar para ele numa súplica silenciosa.

— Vá —, ele disse.

Andando sem firmeza, Laurana virou-se e de alguma forma conseguiu chegar às escadas que levavam para o pátio. Nesse momento, ela sentiu uma mão forte segurar a sua.

— Flint, — ela começou a falar soluçando dolorosamente. — ele, Sturm...

— Eu sei, Laurana, — o anão respondeu. — Eu vi no rosto dele. Eu acho que eu já tinha reparado nisso há muito tempo. Agora é com você. Você não pode decepcioná-lo.

Laurana respirou fundo, depois enxugou os olhos com as mãos, limpando o rosto marcado pelas lágrimas da melhor forma possível. Ela respirou mais uma vez e levantou a cabeça.

— Pronto —, ela disse mantendo a voz firme e confiante. — Estou pronta. Cadê o Tas?

— Aqui —, disse uma voz pequenina.

— Vá descendo. Você já leu as palavras do orbe uma vez. Leia as palavras novamente. Tenha certeza absoluta que você as sabe.

— Sim, Laurana. — Tas engoliu em seco e saiu correndo.

— Os cavaleiros estão reunidos —, Flint disse. — Aguardando suas ordens.

— Aguardando minhas ordens —, Laurana repetiu absorta.

Hesitando ela olhou para cima. Os raios vermelhos do sol refletiam na armadura clara de Sturm enquanto o cavaleiro subia a escada estreita que levava a uma muralha mais alta perto da Torre central. Suspirando, ela baixou o olhar para o pátio onde os cavaleiros a esperavam.

Laurana respirou fundo mais uma vez, depois caminhou na direção deles com a crista vermelha do elmo esvoaçando e o cabelo dourado flamejando na luz da manhã.

O sol frio e frágil manchava o céu de um vermelho sangue que ia gradualmente escurecendo até o azul-ferrete aveludado da noite que recuava. A Torre ainda se encontrava na sombra, embora os raios de sol cintilassem nos fios dourados da bandeira ondulante.

Sturm chegou ao topo da muralha. A Torre se elevava acima dele. A ameia na qual Sturm se posicionou, tinha trinta metros ou mais de comprimento. A superfície de pedra era plana e não oferecia nenhum abrigo ou cobertura.

Sturm viu os dragões quando olhou para o leste.

Eram dragões azuis e havia um Senhor dos Dragões sentado nas costas do dragão líder da formação com a armadura azul e negra de escama de dragão brilhando sob a luz do sol. Sturm conseguia ver a máscara hedionda armada de chifres e a capa negra ondulando atrás dele. Outros dois dragões azuis com cavaleiros seguiam o Senhor dos Dragões. Sturm deu-lhes uma olhada breve e indiferente. Eles não o preocupavam. Sua batalha era com o líder, o Senhor dos Dragões.

O cavaleiro olhou para o pátio que estava bem abaixo dele. A luz do sol começava a subir nas muralhas. Sturm viu o reflexo da luz vermelha do sol nas pontas das dragonlances de prata que cada homem tinha agora na mão. Ele viu os homens olharem para ele. Ele ergueu a espada no ar. A luz do sol cintilou na lâmina entalhada com ornamentos.

Sorrindo para ele, embora ela mal conseguisse enxergar devido às lágrimas, Laurana ergueu sua dragonlance no ar em resposta — num adeus.

Confortado pelo sorriso dela, Sturm virou-se para enfrentar o inimigo.

Caminhando para o centro da muralha, ele parecia uma pequena figura suspensa entre o céu e a terra. Os dragões poderiam passar por ele voando ou circular em volta dele, mas isso não era o

que ele queria. Eles tinham que vê-lo como uma ameaça. Eles tinham que perder tempo lutando com ele.

Sturm embainhou a espada, colocou uma flecha no arco e apontou cuidadosamente para o dragão líder. Ele esperou pacientemente prendendo a respiração. Eu não posso desperdiçar esta flecha, ele pensou. E esperou... esperou...

O dragão entrou no alcance de seu arco. A flecha de Sturm deslocou-se velozmente através da claridade da manhã. Sua pontaria foi precisa. A flecha acertou o pescoço do dragão azul. Ela causou pouco dano ao ricochetear nas escamas azuis do dragão, mas o dragão puxou a cabeça para trás por causa da dor e da irritação — e voou mais devagar. Sturm disparou rapidamente mais uma vez, desta vez no dragão que vinha atrás do líder.

A flecha furou uma das asas e o dragão esganiçou furioso. Sturm disparou novamente. Desta vez a figura que montava o dragão líder esquivou-se. Mas, Sturm tinha conseguido o que ele queria; chamar a atenção deles, provar que ele era uma ameaça e forçá-los a lutar com ele. Ele ouvia o barulho de pés correndo no pátio e o ranger estridente das manivelas içando as pontes levadiças.

Sturm viu o Senhor dos Dragões colocar-se em pé na sela. Construída como uma biga, a sela podia acomodar o cavaleiro em pé numa batalha. O Senhor dos Dragões carregava uma lança na mão. Sturm largou o arco, pegou o escudo, sacou a espada e se posicionou na muralha, observando enquanto os dragões se aproximavam cada vez mais com os olhos vermelhos flamejando e os dentes brancos brilhando.

Então Sturm ouviu — bem distante — o chamado alto e claro de um clarim, com sua música fria como o ar das montanhas cobertas de neve de sua terra natal. Puro e cristalino, o chamado do clarim tocou-lhe o coração, erguendo-se acima da escuridão, da morte e do desespero que o envolvia.

Sturm respondeu ao chamado com um enfurecido grito de batalha e ergueu a espada para enfrentar o inimigo. A luz vermelha do sol refletia na lâmina. O dragão precipitou-se contra ele.

Mais uma vez o clarim soou e novamente Sturm respondeu com a voz crescendo num berro. Mas, desta vez a voz vacilou, pois Sturm percebeu de repente que ele já tinha ouvido este clarim antes.

O sonho!

Sturm parou segurando a espada na mão que agora suava dentro da luva. O dragão surgiu diante dele. O Senhor dos Dragões estava montado nele, os chifres da máscara cintilavam com uma cor vermelho-sangue e sua lança estava levantada e pronta.

O medo embrulhou o estômago de Sturm, sua pele ficou fria. O chamado do clarim soou uma terceira vez. Ela tinha soado três vezes no sonho, e depois da terceira vez ele tinha perdido a vida. A dragofobia estava dominando-o. Fuja! seu cérebro gritou.

Fuja! Os dragões se precipitaram sobre o pátio. Pode ser que os cavaleiros ainda não estejam prontos, eles morreriam, Laurana, Flint, e Tas... a Torre cairia.

Não! Sturm se controlou. Ele já tinha perdido todo o resto, os ideais, as esperanças, os sonhos. A Cavalaria estava desmoronando. A Medida era deficiente. Tudo em sua vida deixou de ter sentido. Sua morte não deveria ser assim. Ele ia ganhar tempo para Laurana com sua vida, pois isso era tudo o que ele tinha para dar. E ele morreria de acordo com o Código, pois ele era tudo que Sturm tinha para se agarrar.

Levantando a espada no ar, ele bradou a saudação dos cavaleiros para o inimigo. Para sua surpresa, o Senhor dos Dragões respondeu-a com uma dignidade solene. Depois, o dragão mergulhou de mandíbulas abertas com os dentes afiados como navalha prontos para dilacerar o cavaleiro. Sturm desferiu um golpe com a espada, forçando o dragão a puxar a cabeça para trás para não correr o risco de ser decapitado. Sturm esperava atrapalhar-lhe o vôo. Mas, as asas da criatura mantiveram-se estáveis, pois o cavaleiro a guiava com pulso firme, enquanto segurava a lança na outra mão.

Sturm olhou para o leste. Parcialmente cego por causa do brilho do sol, Sturm viu o dragão como um vulto escuro. Ele viu a criatura mergulhar e passar a voar abaixo do nível da muralha, percebeu que o dragão azul ia subir, dando ao seu cavaleiro o espaço necessário para atacar. Os cavaleiros dos outros dois dragões ficaram para trás, esperando para ver se o lorde deles precisaria de ajuda para acabar com aquele cavaleiro insolente.

Por um momento, o céu que já estava completamente iluminado pelo sol ficou vazio, depois o dragão irrompeu acima da beirada da muralha emitindo um grito horripilante que perfurou os tímpanos de Sturm e encheu sua cabeça de dor. O hálito da boca aberta do dragão fez Sturm engasgar. Ele cambaleou atordoado, mas conseguiu manter-se em pé tempo suficiente para golpear com a espada. A lâmina antiga atingiu a narina esquerda do dragão. Sangue negro espirrou no ar. O dragão rugiu furioso.

Mas, o golpe custou caro. Sturm não teve tempo de se recuperar.

O Senhor dos Dragões levantou a lança, a ponta cintilando sob o sol. Inclinando-se para frente, ele a arremessou, trespassando armadura, carne e ossos.

O sol de Sturm se despedaçou.

14

O ORBE DO DRAGÃO.

LANÇA DO DRAGÃO.

Os cavaleiros passaram como uma rajada de vento por Laurana em direção ao interior da Torre do Alto Clerista, assumindo as posições como ela lhes havia dito. Embora eles estivessem céticos no início, a esperança surgiu quando Laurana explicou-lhes o plano.

O pátio ficou vazio depois que os cavaleiros partiram. Laurana sabia que ela tinha que se apressar. Ela já devia estar com Tas preparando-se para usar o orbe do dragão. Mas Laurana não conseguia deixar aquela figura solitária brilhante esperando sozinha sobre a muralha.

Então, ela viu as silhuetas dos dragões contra o sol nascente. Espada e lança cintilaram sob a luz do sol.

O mundo de Laurana parou de girar. O tempo desacelerou como num sonho.

A espada fez voar sangue. O dragão gritou. A lança pairou inerte durante uma eternidade. O sol parou.

A lança acertou o alvo.

Um objeto reluzente caiu vagorosamente do topo da muralha em direção ao pátio. O objeto era a espada de Sturm, largada pela mão sem vida, e era para Laurana o único movimento em um mundo estático. O corpo do cavaleiro ficou imóvel, empalado pela lança do Senhor dos Dragões. O dragão pairava acima dele com as asas inanimadas. Nada se movia, tudo estava completamente parado.

Então, o Senhor dos Dragões libertou a lança e o corpo de Sturm desmoronou ali mesmo onde estava, uma massa escura contra o sol. O dragão azul rugiu furioso e um raio de luz saiu de sua boca que espumava sangue e atingiu a Torre do Alto Clerista. A pedra se partiu com uma explosão estrondosa. Chamas

resplandeceram mais claras do que o sol. Os outros dois dragões mergulharam em direção ao pátio enquanto a espada de Sturm chocava-se contra o pavimento tinindo.

O tempo voltou a andar.

Laurana viu o dragão mergulhar na direção dela. O chão tremia à sua volta, enquanto chovia pedra e rocha sobre ela, e a fumaça e a poeira enchiam o ar. Mesmo assim Laurana não conseguia se mexer. Mover-se teria feito a tragédia tornar-se real. Uma voz sem sentido sussurrava em sua cabeça — se você ficar totalmente imóvel isto não terá acontecido.

Mas, ali estava a espada, caída há poucos metros dela. Quando olhou, ela viu o Senhor dos Dragões agitar a lança sinalizando para os exércitos dragonianos que esperavam lá fora nas planícies atacarem. Laurana ouviu o clangor dos clarins. Ela conseguia imaginar os exércitos dragonianos movendo-se sobre a terra coberta de neve.

O chão balançou mais uma vez. Laurana hesitou mais um instante enquanto dava um silencioso adeus ao espírito do cavaleiro. Depois, ela correu para a frente, tropeçando quando o solo se levantou e rachou numa sucessão de explosões rápidas e aterrorizantes. Agachando-se, ela agarrou a espada de Sturm e a levantou desafiadoramente no ar.

— Soliasi Ara th! — ela gritou em élfico e sua voz ecoou mais alto que o ruído da destruição desafiando os dragões que atacavam.

Os cavaleiros dos dragões riram e gritaram desafios zombeteiros de volta. Os dragões esganiçavam num prazer cruel pela matança. Os dois dragões que tinham acompanhado o Senhor dos Dragões precipitaram-se atrás de Laurana.

Laurana correu na direção da enorme e larga ponte levadiça, a entrada para a Torre que tinha feito tão pouco sentido. As muralhas de pedra transformaram-se num borrão para sua visão, tão rápido ela passou por elas. Ela ouviu um dragão mergulhar na direção dela. Ouviu também a respiração estertorosa da besta e o movimento do ar passando por suas asas. Ela ouviu a ordem do dragoleiro que fez

a besta parar de segui-la para dentro da Torre. Excelente! Laurana sorriu sarcasticamente consigo mesma.

Correndo pelo largo corredor, ela passou rapidamente pela segunda ponte levadiça. Os cavaleiros estavam em posição e prontos para baixar a porta.

— Mantenham a porta aberta! — ela arfou sem fôlego. — Lembrem-se!

Eles acenaram com a cabeça. Ela continuou correndo. Agora, ela estava na câmara escura mais estreita onde os pilares com a estranha aparência de dentes afiados como navalhas inclinavam-se na direção dela. Atrás dos pilares, ela viu rostos pálidos atrás de elmos brilhantes. Aqui e ali, a luz refletia em uma dragonlance. Os cavaleiros olharam para Laurana quando ela passou correndo.

— Recuem! ela gritou. — Fiquem atrás dos pilares.

— E o Sturm? um deles perguntou.

Laurana balançou a cabeça, exausta demais para falar. Ela passou correndo pela terceira ponte levadiça, aquela porta estranha com um buraco no centro. Ali havia quatro cavaleiros junto com Flint. Esta era a posição chave. Laurana queria alguém ali em quem ela pudesse confiar. Ela não teve tempo para mais do que uma troca de olhares com o anão, mas isso foi o suficiente. Flint leu a história de seu amigo no rosto dela. A cabeça do anão curvou-se por um momento, ele cobriu os olhos com a mão.

Laurana continuou correndo através dessa pequena sala, por baixo de portas duplas feitas de aço sólido e, depois, para dentro da câmara do orbe do dragão.

Tasslehoff tinha tirado o pó do orbe com seu lenço. Agora, Laurana, conseguia enxergar uma débil bruma girando com uma

miríade de cores dentro dele. O kender ficou diante do orbe e olhava para ele com os óculos mágicos sobre seu pequeno nariz.

— O que eu faço? Laurana perguntou ofegante.

— Laurana —, Tas implorou, — não faça isso! Eu li... que se você não conseguir controlar a essência dos dragões que existe dentro do orbe, os dragões virão e controlarão você!

— Fale o que eu preciso fazer! Laurana disse com firmeza.

— Coloque as mãos no orbe, Tas gaguejou, — e... não, espere, Laurana!

Era tarde demais, Laurana já tinha colocado as duas mãos delgadas sobre o globo frio de cristal. Houve um clarão colorido e intenso dentro do orbe, tão brilhante que Tas teve que virar os olhos.

— Laurana! — ele gritou com a voz estridente. — Ouça! Você tem que se concentrar, esvaziar a mente de tudo, exceto fazer o orbe submeter-se à sua vontade! Laurana...

Se tinha ouvido, ela não deu resposta alguma e Tas percebeu que ela já estava envolvida na batalha pelo controle do orbe. Com medo, ele lembrou o aviso de Fizban, morte para aqueles que você ama, ou pior: a perda da alma. Ele entendeu apenas vagamente as terríveis palavras escritas nas cores flamejantes do orbe, mas ele sabia o bastante para perceber que a alma de Laurana estava em equilíbrio.

Ele a observou em agonia, ansioso por ajudar, mas sabendo que ele não ousaria fazer nada. Laurana ficou um bom tempo sem se mover, as mãos sobre o orbe e a vida sendo drenada lentamente de seu rosto. Os olhos dela olhavam intensamente as cores que giravam. O kender ficou tonto de tanto olhar e afastou os olhos, sentindo-se enjoado. Houve uma outra explosão do lado de tora. A

poeira caia do teto. Tas mexeu-se inquieto. Mas Laurana não se mexia.

Os olhos estavam fechados, a cabeça curvada para frente. Ela apertou o orbe, e suas mãos ficaram brancas devido à pressão aplicada. Depois, ela começou a choramingar e balançar a cabeça.

— Não —, ela gemeu, e pareceu que ela estava tentando desesperadamente tirar as mãos dali. Mas o orbe a segurava com firmeza.

Tas se perguntou vagamente o que ele deveria fazer. Ele teve vontade de tirá-la dali. Ele desejou ter quebrado esse orbe, mas não havia nada que ele pudesse fazer agora. Ele só podia ficar ali observando impotente.

O corpo de Laurana sofreu uma convulsão. Tas viu-a cair de joelhos com as mãos ainda segurando no orbe com firmeza. Depois,

Laurana balançou a cabeça com raiva. Resmungando palavras estranhas em élfico, ela lutou para se levantar usando o orbe para colocar-se de pé. As mãos dela ficaram brancas com o esforço e o suor escorria-lhe pelo rosto. Ela estava usando toda força que tinha. Com uma lentidão agonizante Laurana se pôs em pé.

O orbe resplandeceu uma última vez, as cores giraram juntas e tornaram-se muitas cores e nenhuma cor ao mesmo tempo. Então, um feixe de luz branca brilhante e pura irradiou do orbe. Laurana ficou ereta diante da luz. O rosto dela relaxou. Ela sorriu.

E depois caiu no chão inconsciente.

No pátio da Torre do Alto Clerista, os dragões estavam sistematicamente reduzindo as muralhas de pedra a entulho. O exército aproximava-se da Torre, os dragonianos estavam na linha de frente preparando-se para adentrar as muralhas destruídas e matar tudo que encontrassem vivo lá dentro. O Senhor dos Dragões voava em círculos sobre o caos, seu dragão azul com a narina negra por causa do sangue seco. O Senhor dos Dragões supervisionava a destruição da Torre. Tudo caminhava bem, até a luz clara do dia ser cortada por uma luz branca e pura que irradiava das três enormes entradas da Torre.

Os cavaleiros dos dragões deram uma rápida olhada nesses feixes de luz, perguntando-se despreocupadamente o que eles significariam. Os dragões deles, por outro lado, reagiram de maneira muito diferente. Levantaram as cabeças e seus olhos perderam o foco. Os dragões tinham ouvido o chamado.

Capturada por antigos usuários de magia e mantida sob controle por uma jovem elfa, a essência dos dragões mantida dentro do orbe fez exatamente o que ela deveria fazer quando comandada. A essência emitia um chamado irresistível. E os dragões não tinham alternativa a não ser responder àquele chamado e tentar desesperadamente chegar a sua fonte.

Surpresos, os cavaleiros dos dragões tentaram em vão controlar suas montarias. Mas os dragões não ouviam mais as vozes de comando dos cavaleiros, eles ouviam apenas uma voz, a voz do orbe. Os dois dragões precipitaram-se na direção das convidativas pontes levadiças enquanto seus cavaleiros gritavam e esperneavam freneticamente.

A luz branca estendeu-se além da Torre e atingiu as primeiras fileiras dos exércitos dragonianos e os comandantes humanos assistiram seu exército ficar louco.

O chamado do orbe soava claro para os dragões. Mas os dragonianos, que eram apenas parte dragão, ouviam o chamado como uma voz ensurdecadora que gritava ordens confusas. Cada um deles ouvia a voz de uma forma diferente, cada um deles recebia um chamado diferente.

Alguns dragonianos caíram de joelhos segurando as cabeças em agonia. Outros viraram as costas e fugiram de um terror invisível que espreitava da Torre. Outros largaram as armas e correram como loucos na direção da Torre. Em poucos minutos, um ataque organizado e bem planejado tinha se transformado em uma enorme confusão na medida que milhares de dragonianos corriam esganiçando em mil direções diferentes. Ao ver a maior parte de suas tropas debandar, os goblins fugiram imediatamente do campo de batalha, enquanto os humanos ficaram desconcertados no meio do caos esperando por ordens que não vinham.

A montaria do Senhor dos Dragões só se manteve sob controle devido à poderosa força de vontade do Senhor dos Dragões. Mas não havia como parar os outros dois dragões nem a loucura do exército. O Senhor dos Dragões só conseguiu esboçar uma fúria impotente tentando descobrir o que era aquela luz branca e de onde ela vinha. E, se possível, tentar acabar com ela.

A primeira dragoa azul chegou na primeira ponte levadiça e disparou pela enorme entrada, quase não dando a seu cavaleiro tempo de se abaixar para evitar que sua cabeça fosse arrancada pela parede. Obedecendo ao chamado do orbe, a dragoa azul voou facilmente pelos corredores de pedra que eram tão largos que as pontas das asas dela roçavam levemente nas paredes ao longo dele.

Ela zuniu para dentro da segunda ponte levadiça e entrou na câmara onde estavam os estranhos pilares parecidos com dentes. Nesta segunda câmara ela sentiu o cheiro de humanos e de aço, mas ela estava tão deslumbrada com o orbe que nem prestou atenção neles. Esta câmara era menor, por isso, ela foi forçada a encostar as asas em seu corpo e deixar que o impulso a levasse adiante.

Flint viu-a chegando. Em cento e quarenta e poucos anos de vida, ele nunca tinha visto uma cena como esta... e esperava jamais vê-la outra vez. A dragofobia tomou conta dos homens confinados na sala como se fosse uma onda anestesiante. Os cavaleiros jovens que apertavam as lanças com as mãos trêmulas encostaram-se contra a parede e cobriram os olhos, enquanto o monstruoso corpo de escamas azuis passava por eles com um estrondo.

O anão cambaleou contra a parede com a mão enfraquecida descansando debilmente no mecanismo que fecharia a ponte levadiça. Ele nunca se sentiu tão aterrorizado em sua vida. A morte seria bem-vinda se ela acabasse com essa agonia. Mas a dragoa foi em frente com um único desejo — chegar ao orbe. A cabeça dela parecia deslizar sob a estranha ponte levadiça.

Agindo instintivamente e sabendo que a dragoa não tinha como chegar até o orbe, Flint soltou o mecanismo. A ponte levadiça fechou-se em volta do pescoço da dragoa, prendendo-o com firmeza. A cabeça da dragoa estava presa dentro da câmara pequena. O corpo dela se debatia impotente, deitado com as asas apertadas contra seus flancos, na câmara onde os cavaleiros estavam a postos com as lanças de dragão prontas.

Quando a dragoa percebeu que estava presa, já era tarde demais. Ela urrou com tal fúria que as pedras tremeram e racharam quando ela abriu a boca para explodir o orbe do dragão com seu hálito luminoso. Tasslehoff que tentava freneticamente reavivar Laurana, viu-se encarando dois olhos flamejantes. Ele viu as mandíbulas da dragoa se abrirem e ouviu quando ela inspirou.

Um clarão crepitou da garganta da dragoa e a onda de choque derrubou o kender. Rochas explodiram dentro da sala e o orbe do dragão estremeceu no pedestal. Tas estava deitado de bruços no chão, atordoado pelo assopro. Ele não conseguia se mover; na verdade ele não queria se mover. Ele ficou ali prostrado, esperando pelo próximo jato de fogo que ele sabia iria matar Laurana, se ela já não estivesse morta, e ele também. A esta altura, ele não se importava mais.

Mas, o jato não veio.

O mecanismo tinha finalmente sido ativado. As portas duplas de aço fecharam-se na frente das narinas da dragoa, selando a cabeça da criatura dentro da câmara pequena.

No início, o silêncio era mortal. Depois, o grito mais horrível que se podia imaginar reverberou pela câmara. Era um grito de agonia agudo e estridente; os cavaleiros tinham saído de trás dos pilares parecidos com dentes onde estavam escondidos, e enfiavam as dragonlances no corpo azul da dragoa presa que se contorcia.

Tas cobriu os ouvidos com as mãos numa tentativa de bloquear aquele som horrível. O tempo todo ele repassou as imagens da terrível destruição que ele tinha visto os dragões provocarem em cidades e das pessoas inocentes que eles tinham matado. Ele sabia que a dragoa o teria matado também — e o teria feito sem misericórdia. Provavelmente ela já tinha matado Sturm. Ele lembrava a si mesmo de tudo isso numa tentativa de endurecer seu coração.

Mas o kender colocou as mãos na cabeça e chorou.

Depois, ele sentiu uma mão tocá-lo gentilmente.

— Tas —, sussurrou uma voz.

— Laurana! — Ele levantou a cabeça. — Laurana! Desculpe-me. Eu não devia me importar com o que eles estão fazendo com a dragoa, mas eu não agüento isso, Laurana! Por que tem que haver matança? Eu não suporto isso! — Lágrimas escorriam pelo rosto dele.

— Eu sei, — Laurana murmurou, enquanto as memórias vividas da morte de Sturm misturavam-se com os gritos da dragoa moribunda. — Não se sinta envergonhado, Tas. Agradeça por você sentir pena e horror diante da morte de um inimigo. O dia que nós deixarmos de nos importar... até mesmo com nossos inimigos, esse será o dia em que nós teremos perdido essa batalha.

Os terríveis gemidos ficaram ainda mais altos. Tas estendeu os braços e Laurana o puxou mais perto. Os dois se abraçaram, tentando não ouvir os gritos da dragoa moribunda. Então, eles

ouviram outro barulho — os cavaleiros gritando um aviso. Um segundo dragão tinha ingressado na outra câmara e espremido seu cavaleiro contra a parede, enquanto lutava para entrar pela pequena passagem, em resposta ao chamado luminoso do orbe do dragão. Os cavaleiros estavam soando o alarme.

Naquele momento, a Torre tremeu do topo até suas fundações, abalada pela dragoa torturada que se debatia violentamente.

— Vamos! — Laurana gritou. — Nós temos que sair daqui! —
Ela puxou

Tas para que ele se levantasse, depois saiu cambaleando na direção de uma pequena porta que os levaria para o pátio. Laurana abriu a porta com um movimento brusco, no momento exato em que a cabeça do dragão se precipitou para dentro da sala onde estava o orbe. Tas teve que parar um momento para observar. A visão era fascinante. Ele viu os olhos flamejantes do dragão; louco de raiva com o barulho de sua companheira moribunda e sabia — embora fosse tarde demais — que ele tinha caído na mesma armadilha. A boca do dragão se contorcia num cruel ranger de

dentos enquanto ele inalava o ar. As portas duplas de aço desceram na frente do dragão... mas só pela metade.

— Laurana, a porta emperrou! — Tas gritou. — O orbe do dragão...

— Vamos! — Laurana deu um puxão na mão do kender. Houve um clarão repentino. Tas virou-se e correu enquanto ouvia a sala atrás dele explodir em chamas. Rochas e pedras encheram a câmara. A luz branca do orbe do dragão ficou enterrada sob os destroços, quando a Torre do Alto Clerista desmoronou em cima dele.

O choque fez Laurana e Tas perderem o equilíbrio, jogando-os contra a parede. Tas ajudou Laurana a se levantar, e os dois continuaram correndo na direção da luz do dia.

Depois disso, o chão ficou imóvel. O estrondo de pedras caindo cessou. De vez em quando ouvia-se apenas um estalar agudo ou um ribombar baixo. Tas e Laurana pararam um momento para respirar e olharam para trás. O fim da passagem estava completamente bloqueado pelas enormes pedras da Torre.

— E o orbe do dragão? — Tas disse arfando.

— Ele está melhor assim, destruído.

Agora que podia ver claramente Laurana sob a luz do dia, Tas ficou espantado com a visão. O rosto dela estava mortalmente pálido, o sangue parecia ter desaparecido de seus lábios. A única cor visível, eram os olhos verdes dela, e eles pareciam enormes, escurecidos por manchas púrpuras.

— Eu não conseguiria usá-lo de novo —, ela sussurrou mais para si mesma do que para ele. — Eu quase desisti. Aquelas mãos...

eu não consigo falar nisso! — Ela estremeceu e cobriu os olhos. —
Então, eu lembrei de

Sturm em pé sobre a muralha, enfrentando a morte sozinho. Se eu me entregasse, a morte dele teria sido em vão. Eu não podia deixar isso acontecer. Eu não podia decepcioná-lo. — Ela balançou a cabeça, tremendo. — Eu forcei o orbe a obedecer meu comando, mas eu sabia que só conseguiria fazê-lo uma vez. E eu não conseguiria passar por isso novamente, nunca!

— Sturm está morto? — A voz de Tas tremia.

Laurana olhou para ele, os olhos dela se suavizaram.

— Sinto muito, Tas —, ela disse. — Eu não tinha percebido que você não sabia. Ele... ele morreu lutando contra o Senhor dos Dragões.

— E, foi... e, foi... — Tas engasgou.

— Sim, foi rápido —, Laurana disse gentilmente. — Ele não sofreu muito tempo.

Tas curvou a cabeça, depois levantou-a outra vez rapidamente quando mais uma explosão sacudiu o que tinha sobrado da fortaleza.

— Os exércitos dragonianos... Laurana murmurou. — Nossa luta ainda não terminou. Ela colocou a mão no cabo da espada de Sturm que ela tinha pendurado em sua cintura fina. — Vá buscar Flint.

Laurana saiu do túnel e entrou no pátio, piscando por causa da claridade, quase surpresa ao ver que ainda era dia. Tinha acontecido tanta coisa que para ela parecia que anos tinham se passado. Mas o sol estava acabando de subir sobre o muro do pátio.

A Torre do Alto Clerista não existia mais, tinha desmoronado e se transformado em um monte de entulho no centro do pátio. As entradas e os corredores que levavam ao orbe do dragão não tinham sido danificados a não ser nos lugares onde os dragões tinham trombado com eles. As muralhas da fortaleza externa ainda estavam em pé, embora estivessem destruídas em alguns lugares e suas pedras estivessem enegrecidas pelos jatos de fogo dos dragões.

Mas nenhum exército entrava pelos buracos na muralha. Laurana notou que tudo estava quieto. Ela ouvia os gritos de morte do segundo dragão nos túneis atrás dela e os gritos roucos dos cavaleiros terminando a matança.

O que tinha acontecido com o exército? Laurana se perguntou enquanto olhava em volta confusa. Eles devem estar vindo por cima das muralhas. Ela olhou com medo para as ameias da muralha na expectativa de ver as ferozes criaturas surgindo por cima deles.

Foi então que ela viu a luz do sol refletido em uma armadura. Ela viu uma massa disforme caída no topo da muralha.

Sturm. Ela lembrou-se do sonho, lembrou das mãos ensangüentadas dos dragonianos golpeando o corpo de Sturm.

Isso não pode acontecer! ela pensou com tristeza. Sacando a espada de Sturm, ela cruzou o pátio e percebeu imediatamente que a arma antiga seria muito pesada para ela empunhar. Mas o que mais havia ali? Ela olhou em volta apressadamente. As lanças de dragão! Ela pegou uma e largou a espada. Depois ela subiu as escadas carregando com facilidade a leve lança de um soldado de infantaria.

Laurana chegou ao topo da muralha e olhou a planície de lado a lado, esperando ver aquela onda negra do exército avançado. Mas, a planície estava vazia. Tinha somente alguns grupos de humanos em pé, olhando distraidamente em volta.

O que isso significava? Laurana não tinha a menor idéia e estava exausta demais para pensar. Seu entusiasmo frenético tinha morrido. A exaustão caiu sobre ela, assim como a tristeza. Arrastando a lança, ela se deparou com o corpo de Sturm deitado na neve manchada de sangue.

Laurana ajoelhou-se ao lado do cavaleiro. Ela estendeu a mão e jogou para trás o cabelo que tinha sido soprado sobre o rosto de Sturm pelo vento para poder ver mais uma vez o rosto do amigo. Pela primeira vez desde que o tinha conhecido, Laurana viu paz nos olhos sem vida de Sturm.

Ela ergueu a mão fria dele, e a pressionou contra o rosto.

— Durma, querido amigo —, ela murmurou, — e não deixe que seu sono seja perturbado por dragões. — Então, enquanto colocava a mão fria e branca dele sobre a armadura rachada, ela viu algo reluzir na neve manchada de sangue. Ela pegou um objeto que

estava tão sujo de sangue que ela não conseguia ver o que era. Laurana retirou cuidadosamente a neve e o sangue. Era uma jóia. Laurana olhou-a atônita.

Mas antes que ela conseguisse se perguntar como a jóia tinha ido parar ali, uma sombra escura caiu sobre ela. Laurana ouviu o agitar de asas enormes e o influxo de ar gerado pela respiração de um corpo gigantesco. Amedrontada, ela levantou-se num pulo e virou-se.

Um dragão azul aterrissara na muralha atrás dela. Algumas pedras cederam quando as grandes garras se agarraram a ela com dificuldade. As grandes asas da criatura agitavam o ar. Montado na cela nas costas do dragão, um Senhor dos Dragões olhava fixamente para Laurana com olhos frios e enérgicos detrás da máscara hedionda.

Laurana deu um passo para trás quando a dragofobia a atingiu. A dragonlance escorregou de suas mãos enfraquecidas e ela largou a jóia na neve. Ela virou-se e tentou correr, mas não conseguia ver por onde ia. Ela escorregou, caiu na neve e ficou tremendo ao lado do corpo de Sturm.

Paralisada pelo medo, tudo em que ela conseguia pensar era o sonho! Nele, ela tinha morrido — como Sturm tinha morrido. A visão de Laurana se encheu de escamas azuis quando o pescoço da criatura se moveu acima dela.

A dragonlance! Laurana agarrou a lança com dificuldade na neve suja de sangue, seus dedos fecharam-se em torno da haste de madeira. Ela começou a erguê-la com a intenção de enfiá-la no pescoço do dragão.

Mas uma bota negra pisou sobre a lança quase pegando sua mão. Laurana olhou para a bota negra brilhante decorada com ouro trabalhado que cintilava sob a luz do sol. Ela olhou para a bota negra que pisava no sangue de Sturm e respirou fundo.

— Toque o corpo dele e você morre, Laurana disse suavemente. — Seu dragão não será capaz de te salvar. Esse

cavaleiro era meu amigo e eu não vou permitir que o assassino dele desonre seu corpo.

— Eu não tenho intenção de desonrar o corpo dele, — disse o Senhor dos Dragões. Movendo-se com elaborada lentidão, ele estendeu a mão e gentilmente fechou os olhos do cavaleiro que estavam fixos num sol que ele não veria mais.

O Senhor dos Dragões ficou em pé, de frente para a jovem elfa que se ajoelhava na neve e tirou o pé de cima da dragonlance.

— Sabe, ele também era meu amigo. Eu soube... no momento em que o matei.

Laurana levantou os olhos para o Senhor dos Dragões.

— Eu não acredito em você —, ela disse, cansada. — Como é que pode ser?

O Senhor dos Dragões removeu calmamente a máscara hedionda armada de chifres.

— Eu acho que você já ouviu falar a meu respeito, Lauralanthalasa. Esse é o seu nome, não é?

Laurana acenou com a cabeça enquanto se levantava calada.

O Senhor dos Dragões sorriu... um sorriso charmoso e torto.

— É, meu nome e...

— Kitiara.

— Como você sabe?

— Um sonho... — Laurana murmurou.

— Ah, sim... o sonho. — Kitiara correu os dedos cobertos pela luva nos cabelos escuros e crespos. — Tanis me falou sobre o sonho. Eu acho que todos vocês o compartilharam. Ele achou que os amigos dele tinham-no compartilhado. — A mulher humana olhou para o corpo de Sturm caído a seus pés. — Estranho, não é... a forma como a morte de Sturm se tornou realidade? E Tanis disse que o sonho dele também se tornou realidade... a parte em que eu salvei a vida dele.

Laurana começou a tremer. O rosto dela, que já estava branco de exaustão, agora estava quase transparente.

— Tanis?... Você viu Tanis?

— Sim dois dias atrás —, Kitiara disse. — Eu o deixei em Arrojos para cuidar de algumas coisas enquanto eu estaria fora.

As palavras calmas e frias de Kitiara atravessaram a alma de Laurana como a lança do Senhor dos Dragões tinha atravessado o corpo de Sturm. Laurana sentiu as pedras começarem a se mover debaixo dela. O céu e o chão se misturaram, a dor dividiu-a em duas. Ela está mentindo, Laurana pensou em desespero. Mas ela sabia com uma certeza desesperançada que, embora fosse capaz de mentir quando bem entendesse, Kitiara não estava mentindo agora.

Laurana cambaleou e quase caiu. Somente a amarga determinação de não revelar qualquer fraqueza diante desta mulher humana mantinha a jovem elfa em pé. Kitiara não tinha notado isso. Inclinando-se, ela pegou a arma que Laurana tinha deixado cair e a estudou com interesse.

— Então, esta é a famosa dragonlance? — Kitiara comentou.

Laurana engoliu a dor e forçou-se a falar com a voz firme.

— Sim —, ela respondeu. — Se você quiser saber do que ela é capaz, vá ver o que restou de seus dragões lá dentro dos muros da fortaleza.

Kitiara olhou rapidamente para o pátio abaixo sem muito interesse.

— Não foi isto que atraiu meus dragões para sua armadilha —, ela disse enquanto seus olhos castanhos avaliavam Laurana com indiferença, — e nem dispersou meu exército.

Uma vez mais Laurana olhou as planícies vazias de um lado a outro.

— Sim —, disse Kitiara ao ver a compreensão no rosto de Laurana. — Você venceu... hoje. Saboreie sua vitória, elfa, pois ela vai durar pouco. — O Senhor dos Dragões virou a lança com destreza em sua mão e a apontou para o coração de Laurana. A jovem elfa ficou imóvel diante do Senhor dos Dragões, seu rosto delicado sem expressão.

Kitiara sorriu. Com um rápido movimento, ela virou a lança no sentido oposto.

— Obrigado por esta arma —, ela disse cravando a lança na neve. — Nós ouvimos relatos a respeito delas. Agora podemos descobrir se ela é uma arma tão formidável quanto vocês dizem ser.

Kitiara cumprimentou Laurana com uma leve mesura. Depois, colocou a máscara de dragão sobre a cabeça, pegou a lança de dragão e virou-se para partir. Enquanto ela fazia isso, seu olhar voltou-se novamente para o corpo do cavaleiro.

— Providencie para que ele tenha um funeral de cavaleiro —, Kitiara disse. — Levará pelo menos três dias para reorganizarmos o exército. Eu lhe darei esse tempo para preparar uma cerimônia à altura dele.

— Nós enterraremos nossos mortos —, Laurana disse, orgulhosa. — Nós não lhe pedimos nada!

A lembrança da morte de Sturm e a visão do corpo do cavaleiro trouxeram Laurana de volta à realidade como água fria jogada no rosto de alguém dormindo. Colocando-se de forma protetora entre o corpo de Sturm e o Senhor dos Dragões, Laurana olhou nos olhos castanhos que reluziam por trás da máscara do dragão.

— O que você dirá para Tanis? — ela perguntou abruptamente.

— Nada, — disse Kit simplesmente. — Nada de nada. — Ela virou-se, e se afastou.

Laurana observou o andar calmo e gracioso do Senhor dos Dragões, a capa negra ondulando na brisa quente que soprava do norte. O sol lampejava no prêmio que Kitiara segurava na mão. Laurana sabia que ela deveria pegar a lança de volta. Havia um exército de cavaleiros lá embaixo. Era só chamar.

Mas, o cérebro cansado de Laurana e seu corpo se recusaram a agir. Ficar em pé já era um esforço. Apenas seu orgulho evitava que ela caísse nas pedras frias.

Leve a dragonlance, Laurana disse silenciosamente a Kitiara. Ela não vai lhe ajudar muito.

Kitiara caminhou até o gigantesco dragão azul. Lá embaixo, os cavaleiros tinham voltado ao pátio arrastando consigo a cabeça de um dos dragões azuis do Senhor dos Dragões. Chéu jogou a cabeça para trás furioso ao ver esta cena, um rugido selvagem saiu-lhe do fundo do peito. Os cavaleiros assombrados viraram os rostos na direção da muralha onde viram o dragão, o Senhor dos Dragões e Laurana. Mais de um deles sacou a arma, mas Laurana levantou a mão para detê-los. Era o último gesto para o qual ainda lhe restava forças.

Kitiara olhou de forma desdenhosa para os cavaleiros e colocou a mão no pescoço de Chéu, acariciando-o e tranquilizando-o. Ela não se apressou, mostrando-lhes que não tinha medo deles.

Os cavaleiros baixaram as armas relutantes.

Rindo com desprezo, Kitiara jogou-se em cima do dragão.

— Adeus, Lauralanthalasa —, ela disse.

Erguendo a dragonlance no ar, Kitiara deu ordem a Chéu para voar. O enorme dragão azul abriu as asas e levantou-se sem esforço no ar. Guiando-o com perícia, Kitiara passou voando perto da cabeça de Laurana.

A jovem elfa olhou nos olhos vermelhos e incandescentes do dragão. Ela viu a narina atingida ensangüentada e a boca aberta num ranger de dentes cruel. Kitiara sentava-se nas costas da besta, entre as asas gigantescas, sua armadura de escamas de dragão cintilando e o sol reluzindo na máscara armada de chifres. A luz do sol refletia na ponta da dragonlance.

Depois, luzindo enquanto girava, a dragonlance escapou da mão do Senhor dos Dragões. Ela caiu aos pés de Laurana tinindo ao bater sobre as pedras.

— Guarde a lança —, Kitiara gritou com uma voz retumbante.
— Você vai precisá-la!

O dragão azul levantou as asas, pegou as correntes de ar e elevou-se ao céu, desaparecendo na direção do sol.

O FUNERAL

A noite de inverno era escura e sem estrelas. O vento tinha se transformado em uma ventania fazendo com que o granizo e a neve perfurassem as armaduras como se fossem flechas, congelando o sangue e o espírito. Nenhuma guarda foi montada. Um homem em pé sobre as ameias das muralhas da Torre do Alto Clerista teria morrido congelado em serviço.

Não havia necessidade da guarda. Os cavaleiros tinham passado o dia inteiro olhando a planície de lado a lado enquanto ainda havia luz do sol, mas não havia nenhum sinal do retorno dos exércitos dragonianos. Mesmo depois que a escuridão se assentou, os cavaleiros conseguiam ver poucas fogueiras no horizonte.

Os Cavaleiros de Solamnia enterraram os mortos nesta noite de inverno, enquanto o vento uivava por entre as ruínas da Torre destruída, como os gritos estridentes dos dragões abatidos.

Os corpos foram levados a um sepulcro em forma de caverna debaixo da Torre. Muito tempo atrás, ele tinha sido usado para os mortos da Cavalaria. Mas isso tinha sido em épocas passadas, quando Huma tinha cavalgado para a gloriosa morte sobre os campos além da Torre. O sepulcro poderia ter permanecido esquecido não fosse a curiosidade de um kender. No passado ele tinha sido protegido por uma guarda e tinha sido bem cuidado, mas o tempo havia tocado até mesmo os mortos que se acreditava serem imunes ao tempo. Os ataúdes de pedra estavam cobertos por uma grossa camada de pó. Quando o pó foi removido, não se conseguia ler nada do que estava entalhado na pedra.

O sepulcro, chamado de a Câmara de Paladine, era uma grande sala retangular construída bem abaixo do solo, onde a destruição da Torre não a afetava. Uma escada, longa e estreita levava até ela, a partir de duas enormes portas de aço marcadas com o símbolo de Paladine, o dragão de platina que era o antigo símbolo da morte e do renascimento. Os cavaleiros trouxeram tochas

para iluminar a câmara, e as encaixavam em arandelas enferrujadas presas nas paredes de pedra despedaçadas.

Os esquifes de pedra dos antigos mortos alinhavam-se nas paredes da sala. Sobre cada um deles havia uma placa de ferro com o nome do cavaleiro morto, sua família e a data de sua morte. Um corredor central estendia-se por entre as fileiras de ataúdes e levava a um altar de mármore na frente da sala. Nesse corredor central da Câmara de Paladine, os cavaleiros colocavam seus mortos.

Não havia tempo para construir ataúdes. Todos sabiam que os exércitos dragonianos iam voltar. Os cavaleiros tinham que passar o tempo fortalecendo as muralhas arruinadas da fortaleza e não construindo casas para aqueles que não precisavam mais de cuidados. Eles carregaram os corpos de seus camaradas para a Câmara de Paladine e os colocaram em fileiras sobre o chão frio de pedra. Os corpos estavam envoltos em lençóis antigos que haviam sido feitos para serem usados na bandagem cerimonial, mas não havia tempo para isso tampouco. A espada de cada cavaleiro morto foi colocada sobre seu peito, enquanto alguma recordação do inimigo — uma flecha, um escudo amassado ou as garras de um dragão — era colocada a seus pés.

Quando todos os corpos tinham sido carregados para essa câmara iluminada por tochas, os cavaleiros se reuniram. Eles se colocaram entre os mortos, cada homem ao lado do corpo de um amigo, um camarada, um irmão. Então, em meio a um silêncio tão profundo que cada homem era capaz de ouvir seu próprio coração bater, os três últimos corpos foram transportados para dentro, eles eram acompanhados por uma solene Guarda de Honra.

Este deveria ter sido um funeral de honra resplandecente com a pompa detalhada pela Medida. O Grão-mestre deveria estar no altar vestido com a armadura cerimonial. O Alto Clerista deveria estar ao lado dele, trajando uma armadura coberta com as vestes brancas de um clérigo de Paladine. O Alto Magistrado também deveria estar aqui com a armadura coberta com as vestes judiciais negras. O altar deveria estar cercado de rosas. Deveria haver emblemas dourados do martim-pescador, da coroa e da espada sobre ele.

Mas no altar só havia uma jovem elfa vestida com uma armadura amassada e manchada de sangue. Ao lado dela, também em pé, havia um anão velho com a cabeça curvada de tristeza e um kender com sua cara de menino travesso devastada pelo sofrimento. A única rosa que havia sobre o altar era uma rosa negra encontrada no cinto de Sturm; o único ornamento era uma dragonlance de prata escurecida pelo sangue coagulado.

A Guarda carregou os corpos para a parte dianteira da câmara e os colocou reverentemente diante de seus três amigos.

A direita repousava o corpo mutilado e sem cabeça de Lorde Alfredo MarKenin, enrolado misericordiosamente em linho branco. Do lado esquerdo estava Lorde Teodorico Guardiãorreal, o corpo coberto com tecido branco para esconder o horrível sorriso irônico que a morte havia congelado em seu rosto. No centro, jazia o corpo de Sturm Montante Luzente. Ele não estava coberto por um lençol branco. Ele vestia a armadura que ele estava usando quando morreu, a armadura de seu pai. A antiga espada de seu pai estava presa nas mãos frias sobre o peito. Um outro ornamento repousava sobre o peito perfurado, um souvenir que nenhum dos outros cavaleiros reconhecia.

Era a Jóia das Estrelas, que Laurana tinha achado em uma poça de sangue do próprio cavaleiro. A jóia era escura, e seu brilho diminuía enquanto Laurana a segurava na mão. Muitas coisas ficaram claras para ela mais tarde quando ela analisou a Jóia das Estrelas. Foi por causa dela que eles tinham compartilhado o sonho em Silvanesti. Será que Sturm tinha percebido o poder da jóia? Será que ele sabia da ligação que tinha sido forjada entre ele próprio e

Alhana? Não, Laurana pensou com tristeza, ele provavelmente não sabia. E ele também não teria como saber o amor que essa jóia representava. Nenhum humano teria percebido. Ela a tinha colocado cuidadosamente sobre o peito de Sturm, enquanto pensava com tristeza na mulher élfica de cabelo escuro que sabia neste exato momento que o coração sobre o qual repousava a reluzente Jóia das Estrelas estava agora silenciado para sempre.

A Guarda de Honra, deu um passo atrás, aguardando. Os cavaleiros reunidos ficaram um momento com a cabeça baixa, depois ergueram-nas para fitar Laurana.

Este deveria ser um momento para discursos de orgulho, de narrações dos atos heróicos do cavaleiro morto. Mas durante um momento, tudo que se pode ouvir foram os chiados dos soluços do velho anão e o silencioso fungar de Tasslehoff que estava com o nariz entupido. Laurana olhou para o rosto tranqüilo de Sturm, mas ela não conseguia falar.

Por um momento, ela invejou Sturm, invejou-o ferozmente. Ele já estava além do alcance da dor, além do sofrimento, além da solidão. A sua guerra já tinha sido travada. E ele saíra vitorioso.

Você me deixou! Laurana chorava em agonia. Me deixou para eu enfrentar isso sozinha! Primeiro Tanis, depois Elistan e agora você. Eu não vou conseguir! Eu não sou tão forte assim! Eu não posso deixar você partir, Sturm. Sua morte foi insensata, sem sentido! Uma fraude e um pretexto! Eu não vou deixar você partir. Não calada! Não sem raiva!

Laurana levantou a cabeça, seus olhos flamejavam sob a luz das tochas.

— Vocês esperavam um discurso nobre —, ela disse com uma voz fria como o ar do sepulcro. — Um discurso nobre honrando os atos heróicos destes homens que morreram. Bem, vocês não vão ouvi-lo. Não de mim!

Os cavaleiros entreolharam-se com os rostos sérios.

— Estes homens, que deveriam estar unidos em uma irmandade forjada quando Krynn ainda era jovem, morreram em meio a uma amarga discórdia provocada pela vaidade, a ambição e a ganância. Seus olhos voltam-se agora para Teodorico Guardiãorreal, mas ele não é o único culpado. Vocês são. Todos vocês! Todos vocês que tomaram partido nesta briga pelo poder.

Alguns cavaleiros abaixaram as cabeças, alguns lívidos de vergonha e raiva. Laurana engasgou com as próprias lágrimas. Então, ela sentiu a mão de Flint pegar a sua e apertá-la, confortando-a. Ela engoliu em seco e respirou fundo.

— Somente um homem esteve acima disto tudo. Só um homem entre vocês, viveu o Código todos os dias de sua vida. E durante a maior parte desses dias, ele nem era um cavaleiro. Ou melhor, ele era um cavaleiro onde isso tinha mais significado... na alma, no coração, não em uma lista oficial.

Estendendo a mão atrás de si, Laurana pegou do altar a lança de dragão manchada de sangue e levantou-a acima de sua cabeça. E quando ela ergueu a lança, seu espírito elevou-se. As asas da escuridão que pairavam sobre ela tinham sido banidas. Quando ela levantou a voz, os cavaleiros olharam para ela maravilhados. A beleza dela abençoou-os, como a beleza do amanhecer de um dia de primavera.

— Amanhã, eu partirei deste lugar —, Laurana disse suavemente com seus olhos luminosos na dragonlance. — Eu irei a Palanthas. Eu levarei comigo a história deste dia! Eu levarei esta lança e a cabeça de um dragão. Eu jogarei aquela cabeça sinistra e sangrenta nos degraus do magnífico palácio deles. Eu ficarei em pé sobre a cabeça do dragão e farei com que eles me ouçam! E Palanthas ouvirá! Eles verão o perigo que correm! Depois eu irei para Sancrist e Ergoth e para todos os lugares deste mundo onde as pessoas se recusam a deixar de lado seus ódios para se unirem. Pois, enquanto não vencermos o mal que existe dentro de nós mesmos... como este homem fez... não venceremos o grande mal que ameaça nos engolir!

Laurana ergueu as mãos e os olhos para o céu.

— Paladine! — ela invocou com a voz retumbante como o chamado do clarim. — Nós vimos até você, Paladine, escoltando as almas destes nobres cavaleiros, que morreram na Torre do Alto Clerista. Dê a nós, que permanecemos neste mundo devastado pela guerra, a mesma nobreza de espírito que honrou a morte deste homem!

Laurana fechou os olhos enquanto as lágrimas escorriam descontroladas sem serem notadas por suas bochechas. Ela não se lamentava mais por Sturm. A dor agora era por ela mesma, por sentir falta da presença dele, por ter que contar a Tanis a morte de seu amigo, por ter que viver neste mundo sem o nobre amigo ao seu lado.

Calmamente ela pousou a lança sobre o altar. Depois, ajoelhou-se diante dele por um momento, sentindo o braço de Flint em volta de seu ombro e o toque gentil de Tasslehoff sobre sua mão.

Como em resposta a sua prece, ela ouviu as vozes dos cavaleiros atrás dela, elevando a própria prece deles ao grande e antigo deus, Paladine.

Devolva este Iwmem para o colo de Huma:

Deixe-o perder-se na luz do sol,

No cântico do ar onde a vida se traduz;

Receba o na linha do horizonte.

Além dos céus, selvagens e imparciais;

Você preparou seus aposentos,

Em acantonamentos de estrelas, onde as espadas almejam

Num arco de anseios, onde nós nos reunimos cantando.

De a ele o descanso de um guerreiro.

Mais enlevado que o nosso cantar, e que a própria canção,

Que as eras da paz convirjam em um dia,

Que ele possa habitar o coração de Paladine.

E liberte o último brilho de seus olhos

Em um lugar sagrado e seguro

Mais enlevado que palavras e a terra emprestada,

amado por demais

Enquanto nós relatamos as eras.

Liberte-o das sufocantes nuvens da guerra,

Da maneira que ele cresceu em sua infância,

Com o vasto mundo possível e prometedora diante de si,

Lorde Huma, liberte-o.

Nas tochas das estrelas

Foi traçada a imaculada glória da infância;

Daquele país injustiçado e aconchegante,

Lorde Huma, liberte-o.

Permita que seu último suspiro

Perpetue o vinho, a essência aromática das flores;

Da vanguarda do amor, o último a se entregar,

Lorde Huma, liberte-o.

Refugie-se no ar que acalenta

Do trajeto da espada que ataca

Do peso de uma batalha após a outra;

Lorde Huma, liberte-o.

Mais do que os sonhos dos corvos, nos quais

Os sonhos dele tentaram pela primeira vez um descanso eterno,

Do anseio pela guerra e pelo término da guerra,

Lorde Huma, liberte-o.

Somente o falcão se lembra da morte E

m um país que ainda sobrevive; do crepúsculo,

Do esmorecer dos sentidos, nós lhe agradecemos,

Lorde Huma, liberte-o.

Então, permita que sua sombra suba até Huma,

Fora do corpo mortal separando-se do invólucro;

Da destruição dos sentidos, nós lhe agradecemos,

Lorde Huma, liberte-o.

Além dos céus, selvagens e imparciais;

Você preparou seus aposentos,

Em acantonamentos de estrelas, onde as espadas almejam

Num arco de anseios, onde nós nos reunimos cantando.

Devolva este homem para o colo de Huma:

Além dos céus, selvagens e imparciais;

Dê a ele o descanso de um guerreiro.

E liberte o último brilho de seus olhos

Liberte-o das sufocantes nuvens da guerra}

Nas tochas das estrelas

Permita que o seu último suspiro

Refugie-se no ar que acalenta

Mais do que os sonhos dos corvos, nos quais

Somente o falcão se lembra da morte

Então, permita que sua sombra suba a Huma,

Além dos céus, selvagens e imparciais.

O Canto terminou. Calma e solenemente, os cavaleiros adiantaram-se um a um para prestar sua última homenagem ao morto, ajoelhando-se por um momento diante do altar. Depois, os Cavaleiros de Solamnia saíram da Câmara de Paladine e voltaram para suas camas frias para tentar descansar antes do amanhecer do dia seguinte.

Naquela noite ela fez a jornada final pelas terras. Ela jogou desatenta uma capa fina sobre os ombros e dirigiu-se para um túmulo debaixo de uma árvore retorcida e torturada. Ela levava a Jóia das Estrelas na mão.

Ajoelhando-se, Alhana começou a cavar freneticamente com as mãos nuas, raspando o chão congelado do túmulo de seu pai com os dedos que logo estavam sangrando em carne viva. Ela não

se importou. Ela acolheu cordialmente a dor que era muito mais fácil de suportar do que a dor que ela trazia no coração.

Ela tinha escavado um pequeno buraco, quando Lunitari, a lua vermelha, subiu lentamente ao céu da noite e tingiu a luz da lua prateada com sangue. Alhana olhou para a Jóia das Estrelas até não conseguir mais vê-la entre as lágrimas, depois jogou a jóia dentro do buraco que tinha cavado. Ela se obrigou a parar de chorar. Ela enxugou as lágrimas do rosto, depois começou a tapar o buraco.

Mas ela parou.

Suas mãos tremiam. Ela estendeu a mão com hesitação e limpou a terra de cima da Jóia das Estrelas, enquanto se perguntava se seu sofrimento a tinha deixado louca. Não, a jóia tinha emitido um pequeno brilho que foi ficando mais forte enquanto ela olhava. Alhana levantou a jóia cintilante do túmulo.

— Mas ele está morto —, ela disse suavemente olhando para a jóia que faiscava sob a luz prateada de Solinari. — Eu sei que a morte o levou. Nada pode mudar isso. Então, por que esta luz...

De repente um farfalhar a assustou. Alhana recuou temendo que a horrível árvore deformada sobre o túmulo de Lorac pudesse estar estendendo seus galhos para agarrá-la. Mas enquanto a olhava, ela viu os galhos da árvore pararem o seu contorcer agonizante. Eles ficaram imóveis durante um instante, depois — com um suspiro — voltaram-se na direção dos céus. O tronco endireitou-se e a casca ficou macia e reluzente sob o luar prateado. O sangue parou de pingar da árvore. As folhas sentiram a seiva viva correr uma vez mais por suas veias.

Alhana perdeu o fôlego. Levantando-se sem firmeza, ela olhou em volta. Mas nada mais tinha mudado. Nenhuma das outras árvores estava diferente — só esta, sobre o túmulo de Lorac.

Eu estou ficando louca, ela pensou. Ainda com medo, ela virou-se para olhar a árvore sobre o túmulo de seu pai. Não, ela tinha mudado. Mesmo enquanto ela olhava, a árvore ficava mais linda.

Alhana pendurou cuidadosamente a Jóia das Estrelas sobre seu coração que era o lugar dela. Depois virou-se e voltou na direção da Torre. Havia muito a ser feito antes dela partir para Ergoth.

Na manhã seguinte, enquanto o sol derramava a pálida luz sobre a terra infeliz de Silvanesti, Alhana olhava para a floresta. Nada tinha mudado. Uma névoa verde nociva ainda pairava sobre as árvores sofridas. Ela sabia que nada ia mudar enquanto os elfos não voltassem e trabalhassem para que isso mudasse. Nada tinha mudado com exceção da árvore sobre o túmulo de Lorac.

— Adeus, Lorac —, Alhana disse, — até a volta.

Ela chamou o grifo, montou nas costas fortes dele e com firmeza disse uma palavra de comando. O grifo abriu as asas e elevou-se no ar, subindo em círculos rápidos sobre as terras feridas

de Silvanesti. Ao ouvir um comando de Alhana, ele virou a cabeça para o oeste e começou um longo vôo até Ergoth.

Lá embaixo, em Silvanesti, as lindas folhas verdes de uma árvore destacavam-se num contraste esplêndido com a desolação negra da floresta que havia em volta dela. Ela balançou no vento de inverno, cantando uma canção suave enquanto estendia os galhos para abrigar o túmulo de Lorac da escuridão do inverno, aguardando a primavera.